

# OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

VOL. II  
TOMO II – APARATO CRÍTICO



CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

## FICHA TÉCNICA

**Título: Obras de João Penha. Edição crítica e estudo  
Vol. II – Tomo II – Aparato crítico**

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

# SUMÁRIO

## APARATO CRÍTICO

### I – Versos

#### 1. Éditos

##### 1.1. Composições reunidas em livro

1. I – Um rosto encantador, quasi moreno,	27
2. II – Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,	32
3. III – Quando ha pouco, entre sarças escondido,	34
4. IV – Mal póde phantasiar-te a mente accêsa	36
5. V – És minha, és minha, oh venturoso fado!	38
6. VI – Oh ventura perdida, mal sonhada!	40
7. VII – Hontem, de noite, já depois que a lua	42
8. VIII – Perdi toda a esperança de no mundo	44
9. IX – Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas	46
10. X – N’esta vida fatal, ai de quem pensa	48
11. XI – Que seria de mim, n’esta anciedade,	50
12. XII – Não chores mais, honesta Messalina,	52
13. XIII – Nunca do amor a resplendente chamma	54
14. XIV – Não me provoques mais. Esta brandura	56
15. XV – Eis-me livre, qual ave nos espaços!	58
16. XVI – Foi-se o pallido inverno. O torvelinho	60
17. XVII – Hontem, no baile, por fatal desgraça,	61
18. XVIII – Não te parece esta existencia clara,	63
19. XIX – Feliz canario! os beijos que a vizinha	66
20. XX – De um monge na cogúla disfarçado,	68
21. XXI – Aquella Rosa branca, a flôr mais viva	70
22. XXII – Sob o influxo da negra phantasia,	71
23. XXIII – A doce paz tranquilla e a segurança,	75

24. XXIV – Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:	77
25. XXV – O phantasma da minha desventura	79
26. XXVI – Não chores. Essa mórbida tristeza,	80
27. XXVII – Ia o sol desmaiando no occidente,	81
28. XXVIII – Não me illudem, mulher, o fingimento,	84
29. XXIX – Que formosura esplendida! O propheta	86
30. XXX – Mulher, vejo-te nua, embora escondas,	88
31. XXXI – Mais um anno que finda! E nem ao menos	89
32. XXXII – És da raça dos Borgias. O amavio,	91
33. XXXIII – Partiu! E nem sequer uma lembrança	92
34. XXXIV – Da primavera a luz vivificante	94
35. I – Recordações	95
36. II – Rivaes	97
37. III – Conchita	100
38. IV – A Camena	101
39. V – Rimance	103
40. VI – Ballada	105
41. VII – Vinga-te	107
42. VIII – Scena campestre	108
43. IX – Amor funesto	110
44. X – Brinde secreto	112
45. XI – Nupcias	113
46. XII – Á beira-mar	115
47. XIII – Tudo escurece	116
48. XIV – Honesta!	118
49. XV – Lagrimas de crocodilo	120
50. XVI – Tempestades	122
51. XVII – Ultimo adeus	124
52. Onofre – I – Deitado sob um plátano frondoso,	126
Onofre – II – Que tenebroso dia! a chuva em furia	129
Onofre – III – D'este copo de vinho generoso	132
Onofre – IV – Eis-me chegado ao transe lamentoso,	135
53. I – A um renegado	138

54. II – A uma rabequista	142
55. III – Pobre monarcha!	144
56. IV – A uma loira de dez annos	146
57. V – A aguia e o corvo	148
58. VI – Vão-se os deuses	149
59. VII – Antiqualha de L. de Vega	152
60. VIII – Canção de bohemios	154
61. IX – Scena de taberna	156
62. X – Consolação	158
63. XI – O phantasma	160
64. XII – A alma e o corpo	166
65. O ultimo bohemio	168
66. Sermão na montanha	173
67. O poeta e a noiva	175
68. Epicurismo	177
69. Desesperança	179
70. Arrabil moderno	180
71. A valsa	181
72. A aventura	182
73. Força do amor	184
74. Versos á Carmen	187
75. O desenlace	191
76. Por um... de Vigo	192
77. Guerra!	193
78. O Nababo	194
79. Sonho e realidade	195
80. Eu e elle	196
81. Tancredo – I – O sócco d’um eterno monumento	198
Tancredo – II – Quizera um estro grande e sublimado	202
Tancredo – III – Viu Coimbra entrar nos muros derrocados	204
Tancredo – IV – Oh Pégaso, oh cavallo illustre e ardido,	206
Tancredo – V – Numa prisão horrenda e tenebrosa,	208
Tancredo – VI – Mal chegára aos Quevedos, assombrados,	210
82. Illusões perdidas	212

83. Carpe diem	213
84. Perdida!	215
85. Blulette	217
86. Madrigal mythologico	219
87. Num leque	220
88. Estrophes dum assassino	222
89. Cosmogonia	224
90. A diva	227
91. Na vareta dum leque	229
92. Noutro leque	230
93. Epitaphio	231
94. Num cemiterio	232
95. A esmola	234
96. Outros tempos	236
97. Inspiração antiga	238
98. Fim de seculo	239
99. Dentibus albis	241
100. A fiadeira	242
101. Marinha	244
102. Devota	247
103. Sir Jonh Bull	248
104. Fi!	250
105. Partamos!	253
106. Honni soit qui mal y pense	255
107. No leque do poeta X	256
108. Hespanhola	259
109. Franceza	260
110. Mendigos	262
111. As cartas	263
112. O ultimo eremita	264
113. Desenho á Holbein	268
114. Evolução pertétua	269
115. Uma andaluza	270

116. As grandes manobras	271
117. Idyllio campestre	273
118. O golpe	274
119. Entre a espessura	278
120. As ondinas	279
121. O beijo	281
122. O crime	284
123. A eterna idéa	285
124. Moribunda	287
125. A combórça real	295
126. Lacrymae rerum	296
127. A onda	298
128. A derrocada	299
129. A ré	302
130. O trovador e Margarida d'Escossia	310
131. No Pindo	321
132. Tristis est anima mea	323
133. Pedalista	324
134. A tua mão	327
135. A partilha	329
136. Delinquescente	331
137. O sonho	333
138. A blasphemia	334
139. O primeiro passo	335
140. As duas musas	337
141. N'um leque	338
142. No leque	340
143. No leque	342
144. No leque	344
145. No leque	345
146. No leque de uma senhora	346
147. Z.	347
148. Brancas e morenas	348

149. N'um bilhete postal ilustrado	350
150. Ecloga – I – Com seu vestido de chita,	351
Ecloga – II – Respondi-lhe: «É singular	353
151. A doente	355
152. Madrigal	356
153. O bem e o mal	357
154. Gil Vicente	358
155. O verso e a prosa	359
156. A carne	360
157. A boas-festas	361
158. A nossa bondade	364
159. Philoxera	365
160. O usurario	366
161. Garrett	368
162. A resposta	370
163. Pietà!	372
164. Ao pôr do sol	374
165. A annunciação	376
166. Tenorio	378
167. Finis Vitae	379
168. Laura	381
169. Os seus olhos – I – Não tem a formosura de Clorinda	383
Os seus olhos – II – Ha n'ella uma attracção mysteriosa	385
Os seus olhos – III – «Escuta-me a phantastica Odysea,	387
Os seus olhos – IV – Que rôsto peregrino e delicado!	388
170. O septentrião	390
171. Lauras	391
172. No Olympo	393
173. Amuo	394
174. A minha Lygia	396
175. Ciume	398
176. Crescant illi!	399
177. Oh! Quam dilecta tabernacula tua!	401

178. Ausente!	403
179. Sia questo l'ultimo addio!	405
180. Coroa de perpetuas – I – Condemnada!	406
Coroa de perpetuas – II – Morta!	407
181. O seu perfil	408
182. Zulmirita	410
183. A fada	411
184. O leão amoroso	414
185. Nova Musa	415
186. O retrato	417
187. Amorosa abstracção	419
188. Menor	422
189. Adeus	423
190. A fada branca – I – Eu tenho uma doce amante,	425
A fada branca – II – Flammarion que o ceu radioso	426
A fada branca – III – Um dia, em que d'uma lanca	427
A fada branca – IV – Ella é sonhadora, e quando	428
191. Almira e Josino – I – Mudos da selva os cantores.	430
Almira e Josino – II – Josino, o pastor galante,	432
192. O tómo	437
193. Arrufo	439
194. A musa	440
195. Loucos!	441
196. Ideal	442
197. Rondó	443
198. Ladainha	445
199. A leoa vencida pelo homem	446
200. A recompensa	447
201. A primavera	449
202. Trovas	450
203. Nossa Senhora dos Milagres – I – A procissão	453
Nossa Senhora dos Milagres – II – O sermão	454
204. A estriga – I – Ella indignou-se, fremente,	455
A estriga – II – De linho? Não: de cuidados,	456

205. Nunc et semper	457
206. O juramento	459
207. Uma pagina d'amor	462
208. Alma por alma	464
209. As suas azas – I – São da côr das açucenas	466
As suas azas – II – Brancas são, brancas de arminho,	468
210. A humanidade	469
211. O devorismo	470
212. Faiseuse de Trottoir	472
213. Larvada	473
214. Georges Dandin	475
215. A alma das mulheres	476
216. As filhas d'Eva	478
217. Theresita	480
218. O remedio	482
219. O vampiro	484
220. In amaritudine	485
221. Rondó	487
222. A suprema embriaguez	488
223. A borboleta	490
224. A volta	492
225. O philantropo	493
226. A uma joven despeitada	494
227. Epitaphio de Bulhão Pato	495
228. Novo Hamlet	498
229. O esphinge	500
230. Nudus amor	502
231. A uma poetiza abandonada – I – Tal como Gilliatt	504
A uma poetiza abandonada – II – Resurge, pobre creança!	507
232. Desesperança	508
233. Othello	510
234. O gallo	512
235. Abnegação	514

236. La donna é mobile	515
237. Zêlos	516
238. Coquette	518
239. A comunhão	519
240. Lawn-tennis	521
241. Cego!	522
242. A luta	523
243. A carta	525
244. Filinto Elysio	526
245. O Brito	530
246. O desquite	535
247. Post juventutem, nihil	537
248. A vida	538
249. Ultima vontade	539
250. Nossa Senhora	541
251. A grande arte	542
252. Ao espelho	543
253. A expiação	544
254. O espelho traidor	547
255. Amor secreto	548
256. Record	550
257. Recordações – I – Que fazeis, senhora minha,	551
Recordações – II – O coaxar das rãs n'um charco,	552
Recordações – III – Quiz, porém, o meu destino	554
258. Entre mundanas	555
259. O seu poder	556
260. Enfim	558
261. Ungidos	559
262. O problema	560
263. Outros tempos	562
264. Felix culpa	563
265. Madrigal	564
266. Nova conquista	565

267. O chapéu	566
268. Viagem de nupcias	568
269. Flirt	569
270. Auta	570
271. Decepção	572
272. Amorosa offerta	573
273. Quale piuma al vento	575
274. Turpe sinilis amor	576
275. Ao poeta X	577
276. Incuravel	578
277. Florívoro	579
278. As duas irmãs	580
279. Eterna mocidade	583
280. Coitadas!	584
281. A educação e o temperamento	585
282. Mytológico	586
283. O conjugo vobis	587
284. O ouvido	588
285. Jôgo encoberto	590
286. A sensação	591
287. A vida	593
288. O ramo perdido	594
289. Dualismo	595
290. A imagem	596
291. Última esperança	597
292. O burro	598
293. Lamurias	599
294. Zombeteira	600
295. Mau humor	601
296. Os dous asnos	602
297. Dias Freitas	604
298. Hespanhola	606
299. N'um album	607

300. Madrigal	608
301. Confronto	609
302. Mater amorosa	610
303. O defunto	611
304. Aquelle amor	613
305. Faminta	614
306. Anthero de Figueiredo	615
307. Consolação	619
308. A triste cousa	620
309. Dúvidas	621
310. Incompactível	622
311. Antonio Nobre	623
312. Desagravo	624
313. Anthropóphago	625
314. Segundo S. Matheus	626
315. Narcisa Holtreman	627
316. Idealismo e positivismo	630
317. Reconhecimento	631
318. A viuva triste	632
319. A Deusa Razão	633
320. In favilla	634
321. Antes e depois	635
322. A paga	636
323. Sem peccado	637
324. Impenitente	638
325. Jean qui pleure et Jean qui rit	639
326. O fim	640
327. Seculo dezanove!	641
328. Ladainha	645
329. O rei da Belgica	647
330. O sonho e a realidade	649
331. Cega!	651
332. A transfiguração	653

333. Bucolica	654
334. O sultão feroz	661
335. Anthero de Quental	663
336. Elvira	665
337. Ligustra cadunt	667
338. Enfim!	668
339. Cançoneta	670
340. Nas sombras	671
341. As virgens loucas	672
342. Os beijos	674
343. Germania delata	676
344. No verão	677
345. A aldeia	678
346. A voz do além	680
347. Fados	681
348. Canção escolar	682
349. Elle!	684
350. Elle!	686
351. O destino	687
352. Toda la vida es sueño	690
353. Stabat mater	692
354. Christo	694
355. A avaliação	695
356. Madrigal antigo	697
357. Rondó	698
358. Ingenuidade romantica	699
359. Olim et hodie	700
360. A cegonha	702
361. Deus e o Diabo	704
362. Um anno depois	705
363. Nigra sum	706
364. Ingénuo	707
365. O enxoval	708

366. Num dia de annos	709
367. O juiz	710
368. Philosopho	711
369. A regra	713
370. A perseguição e a natureza	714
371. O seu ideal	715
372. Dio del'oro	716
373. Eheú!	717
374. Perdida!	719
375. A ultima prece	721
376. As de agora	722
377. O punho de Ajax	723
378. Cleópatra	724
379. Crysálida	725
380. Uma vida como tantas	726
381. Chorando	727
382. Desabafo	728
383. Condemnado	729
384. Diálogo das inuptas	730
385. A uma donzella	732
386. Em Coimbra	733
387. Como Eva	734
388. O prazer e a dôr	736
389. Lamartinianos	738
390. O espirro	739
391. Illacrymavel	740
392. In illo tempore	741
393. O que as move	742
394. O remedio	743
395. As carnes	744
396. A preferencia	745
397. Filiação	746
398. Para um album	747

399. Para outro album	748
400. Para outro album	749
401. As diferenças	750
402. Ella e elle	751
403. O diabo depois de velho	752
404. Por compra	753
405. Pergunta e resposta	754
406. O casamento	755
407. As vergonhas	756
408. A melhor receita	757
409. Má lingua	758
410. Madrigal	759
411. Para a janella	760
412. Devota	761
413. Madame de Sévigné	763
414. Judas	764
415. Harpagon, pai	765
416. Me judice	766
417. Madrigal antigo	767
418. Talvez não	768
419. Burguez enamorado	769
420. Epitaphio	771
421. O tédio	772
422. Madrigal	773
423. Judices loves	774
424. Unico mestre	775
425. O ataque e a defesa	776
426. Pessimismo	777
427. Replica	778
428. Vaidade	779
429. Irreverencia	780
430. Alteri tempi	781
431. Em minha defeza	782

432. A applicação	783
433. Bom conselho	784
434. A resposta do velho	785
435. Triste consolação	786
436. Consequencias da guerra	787
437. Bilhete	788
438. No S. João	789
439. Mau humor	791
440. Desánimo	792
441. Cá e lá	793
442. Hoc erat in fatis	794
443. Rindo	796
444. Molière	797
445. O boi e o homem	798
446. Á Schopenhauer	799
447. Bons conselhos	800
448. Surge, bestia	801
449. A lição	802
450. A um abstemio	804
451. Mocte animo	805
452. Horresco referens	807
453. Aos arcades	809
454. A um censor	810
455. Repisando	811
456. Controversia	812
457. A voz de Salomão	814
458. A moça e a velha	816
459. Môcho	818
460. Na alheta de Camões	819
461. A desanda	820
462. O symbolismo	822
463. Impertinencia	824
464. Censura	825

465. Esgotamentos	826
466. Autobiographia	827
467. A conquista de Paris	830
468. Os obuzes	833
469. O retrato	834
470. A musa	835
471. A apparição	836
472. Amar...	837
473. Canção	838
474. A fada	840
475. O teu ninho	842
476. O dictado	843
477. A castellã e o mendigo	844
478. Queixas	845
479. Carta	846
480. Supplica	848
481. A má sorte	850
482. O perdão	852
483. A unica ventura	853
484. Ciume	854
485. Madrigal	856
486. Sonhando	858
487. Desengano. Aurora de seculo	860
488. Aquelle amor	861
489. As restituções	862
490. O que o mata	863
491. Freira!	865
492. Paternaes conselhos	867
493. Madrigal	868
494. Por capricho	869
495. No leque de Elvira	870
496. Madrigal	872
497. Traducção	873

498. A resposta	875
499. Devota	875
500. Jura	877
501. O dragão	879
502. Mulher do seculo	880
503. No album d'uma senhora	882
504. Ego in Arcadia	883
505. O discurso	884
506. Sur le front	885
507. O echo	886
508. Teôr de vida	888
509. O cabrito	889
510. A canção dos nossos anjos	891
511. Ellas	892
512. A ultima carta	894
513. Despeito	895
514. Sic transit...	896
515. Fado	898
516. Os nomes	900
517. No album d'um Tenório	902
518. O eterno feminino	903
519. Amores	905
520. Ad agros	906
521. Árceo!	907
522. Desalento	908
523. Inter divos	909
524. Cão	910
525. Os chorões	912
526. A um poeta d'agua doce	913
527. Capacete de neve	914
528. Se eu fôsse mulher...	915
529. Fidelidade conjugal	916
530. Apostilla a Buffon	917



# APARATO CRÍTICO



# I – VERSOS

## 1. Éditos

### 1.1. Composições reunidas em livro





## 1

## [I – Um rosto encantador, quasi moreno,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três impressos e um manuscrito:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 1, p. 7.

A revista literária que Penha dirigiu enquanto estudante da Academia começou por subintitular-se *Microcosmo Litterario*, mudando para *Microcosmo Litterario*, a partir do n.º 4 (na sequência de uma crítica da *Guêpe* – vd. texto n.º 778). Tinha sede na própria residência do diretor (à Couraça de Lisboa) e vinha à luz na Imprensa da Universidade (passando em 1873 para a Imprensa Litteraria), em formato de 8 páginas de 26 cm. Contou com cinco séries, irregularmente publicadas entre 25 de novembro de 1868 e o fim do ano letivo em 1873. A 1.ª série teve vinte números; a 2.ª e 3.ª completaram doze números cada; a 4.ª série teve seis números, ao passo que a 5.ª ficou limitada a quatro números apenas. Segundo Martins de Carvalho (1907), chegou ainda «a estar preparado todo o original do 5.º e ainda do 6.º e último número, que devia conter a despedida e o índice geral das matérias publicadas em todas as séries», mas não chegaram a entrar no prelo, por incumprimento das dívidas que o diretor, ao regressar a Braga no final do curso, deixou ainda pendentes nas tipografias (vd. Nascimento: 1957, p. 11 e ADB, Ms. 565 <sup>maço</sup> 11, f. 3 – carta de A. Pacheco, de 14 de junho de 1873). Esta explicação é aliás confirmada pelo próprio poeta, em carta para Joaquim Araújo, de 29-V-1902 (vd. transcrição no Arquivo documental II do texto n.º 740).

O poema aqui editado foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 9-10.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas, com variantes, no livro *Rimas* (1882). Contém ainda, sob o título “Postea”, uma série de outras poesias de João Penha, datadas de 1881-1897, bem como a transcrição de três sonetos dedicados ao poeta, respetivamente por Gonçalves Crespo, Manfredo e Gastão de Távora (A. Crespo). Consiste num caderno de 118 folhas (medindo 10,2 x 15,3 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina. O volume abre com duas folhas de guarda em papel almaço branco, na segunda das quais Joaquim Costa (diretor da BPMP, entre 1934 e 1947) fez a seguinte anotação: “autógrafo de João Penha”. Seguem-se 114 folhas de cor azul, pautadas e sem numeração, às quais foram arrancadas as seguintes: uma folha inicial antes do poema I

de “Vinho e fel”, uma folha entre os sonetos XXIII e XXIV de “Vinho e fel” e quatro folhas entre os poemas II e III de “Lyra de Pangloss”. O caderno fecha com duas folhas de guarda em papel almaço branco, na primeira das quais o poeta transcreveu o soneto “João Penha”, de Gastão de Távora (A. Campos).

C – João Penha, *Rimas* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.<sup>a</sup> Editores, 1882, pp. 3-4.

Trata-se, na verdade, de duas impressões da mesma edição, com um total de 2000 exemplares comuns e 12 volumes numerados em papel Whatman. A encadernação da segunda tiragem (em tela castanha, com gravações douradas) aparece identificada como 2.<sup>a</sup> edição, mas segundo Aranha (1972, p. 330) «foi logo mandada pôr nas capas essa indicação pelos editores depois da primeira tiragem de 1:000 exemplares». Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo (BPMP, M-AF-1144(11); M-AF-1182(1); M-AF-1169(6)), podemos ler que o contrato foi fechado pela quantia de 30 libras (ou 150.000 reis), sendo o livro dado aos prelos em outubro de 1882, com o preço individual de 1\$000r. Os volumes são constituídos por 174 páginas (de 10,5 x 17,2 cm), divididas em quatro partes: “Vinho e fel” (pp. 1-70) “Violão nocturno” (pp. 71-118), “Onofre” (pp. 119-140) e “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169), terminando com um “Índice” (pp. 171-174).

Este é um dos 34 sonetos que aparecem integrados no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Os poemas originais d’ *A Folha* foram aqui alterados, substituídos, reordenados ou acrescentados por outros.

D – João Penha, *Rimas* (3.<sup>a</sup> ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 7-8.

Esta terceira edição, *ne varietur* (conforme indicação da capa), foi vendida ao editor pela quantia de 50.000 reis (BPMP, M-AF-1182(1)), prevendo uma tiragem especial de 25 exemplares em papel Whatman. O volume, encadernado em brochura, foi posto à venda com o preço individual de 600r, e é constituído por 179 páginas, medindo aproximadamente 11,8 x 18,7 cm. Abre com um desdobrável, onde o soneto de *Nocturnos* que Gonçalves Crespo dedicou ao autor (“Nervoso mestre, domador valente”) aparece ladeado por dois retratos de João Penha: “Ao tempo das ‘Rimas’” e “Actualidade”. Aos poemas, divididos em quatro partes (“Vinho e fel”, pp. 5-74; “Violão nocturno”, pp. 75-122; “Onofre”, pp. 123-144; “Lyra de Pangloss”, pp. 145-173), seguem-se um “Índice” (pp. 177-179) e a seguinte “Nota” d’ “Os Editores” (p. 175):

*Os versos contidos neste volume, e sob o mesmo titulo de Rimas, foram editados, pela primeira vez, em 1883, pelos editores Fernandes & Companhia, de Lisboa.*

*Foram, na sua quasi totalidade, compostos em Coimbra, entre 1868 e 1873, e publicados no semanario a Folha, onde tambem Guerra Junqueiro publicara quasi todas as composições da Morte de D. João, e Simões Dias as das*

Peninsulares. *Esses versos não são os primeiros da lavra do autor, porque muitos outros, em que predominava a alegria e o bom humor, tinha composto, sobretudo para se adestrar na escabrosa arte da metrificação de pensamentos. São, além do Tancredo, a Musa que ri, e as Evocações, da Viagem por terra ao paiz dos sonhos, volume editado no Porto, em 1897. Posteriores ás Rimas, são todas as composições das Arias modernas, ultima parte d'esse mesmo volume; e a essas Arias, as Novas Rimas, publicadas este anno em Coimbra, por França Amado.*

*A evolução litteraria do autor, portanto, comparando-a ás epocas ordinarias da vida, póde fixar-se da maneira seguinte: Musa que ri, Tancredo e Evocações, infancia artistica; Rimas a mocidade; Arias modernas e Novas Rimas, a virilidade.*

*A vida dos verdadeiros artistas (e não nos referimos ao autor) não tem senão essas tres epocas, porque, como diz Victor Hugo: «La vieillesse n'a pas de prise sur les génies de l'ideal: pour les Dantes et les Michel-Anges, vieillir c'est croître».*

O soneto I aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 2981 (5 de novembro de 1897), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da primeira e segunda edições das *Rimas*.
- *Semana Thyrsense* (dir. Adriano de Sousa Trepa), Santo Tirso: [s.n.]. Ano XII, n.º 35 (28 de agosto de 1910), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1911*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1910, p. 59.  
É uma cópia da primeira edição das *Rimas*, mas com variantes de pontuação.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXV (1911), n.º 295, p. 490.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- *O Radical: Semanario Republicano* (dir. Joaquim de Oliveira, Alberto Feyo), Braga: José Amado. Ano II, n.º 68 (16 de setembro de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João de Deus Ramos, *Poetas*, Lisboa: [s.n.], 1955, p. 17.  
Trata-se de uma cópia da primeira e segunda edições das *Rimas*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 49.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com ligeira variante de pontuação.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, p. 14.  
Trata-se de uma cópia d' *A Folha*, mas com variantes de pontuação.

**Anotação textual: emendas**

14. resistira] **ABC**; resistiria

**Aparato genético**

2. D'uns grandes olhos pardos animado; **A** De uns grandes olhos pardos animado; **B** De uns grandes olhos verdes animado; **CD**
6. collo assetinado; **A** collo, assetinado; **BCD**
7. donaire, das **ABC** donaire das **D**
9. Esta é a dama por quem chorando anhelou, **A** Eis a dama por quem chorando anhelou! **BCD**
10. Digna d'um marmor no paiz Aonio, **A** Rival das graças do cinzel iónico, **BCD**
11. flagello; **A** flagello! **BCD**
12. Esta é a minha **A** Eis a minha **BCD**
- 14 resistira Sancto **A** resistira Santo **BC** resistiria Santo **D**

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n' *A Folha* (em 1868); a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

**Arquivo documental**

Garcia Redondo, que coabitou com João Penha na residência coimbrã das senhoras Seixas (Rua da Couraça de Lisboa, n.º 32), refere-se à amada de João Penha, que terá inspirado as composições despeitadas de Vinho e Fel:

Garcia Redondo, *Atravez da Europa (Impressões de Viagem)*, Porto: Livraria Chardron, 1908, pp. 57-58, 67-68.

*O quarto de João Penha era separado do meu por um simples tabique de taboas. Nesse tabique havia um furo por onde nós passavamos cigarros um ao outro e por onde passava também o feixe de luz da lampada do poeta do Vinho e fel, quando elle regressava, altas horas da noite, das suas digressões pelas legendarias tavernas das Tias Camellas e do Conselheiro ou Homem do Gaz. [...]*

*Se a dose do rascante era exagerada, o poeta recolhia sempre macambuzio e aproveitava o ensejo para desancar, em sonetos, a celebre Catharina, que elle amava doidamente e que não fazia caso delle. [...]*

*Em frente e um pouco acima, lá estava a casa que fôra habitada pela Catharina, a doce amada de João Penha e, posteriormente, pela minha grande amiga D. Maria José de Ornellas Cysneiros [...] a Mimi, que Gonçaves Crespo cantou nas Miniaturas [...]*

Também Gonçalves Crespo, que residiu na mesma casa das senhoras Seixas, testemunha a coita de amor que está na origem destes sonetos:

Gonçalves Crespo, «João Penha» in *A Renascença: Orgão dos Trabalhos da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: [s.n.], 1878, pp. 64, 66.

*O Vinho e Fel, poemeto de quarenta magnificos sonetos, é a traducção fiel e dolorosa de um amor leal e profundo, o primeiro e o unico da mocidade do poeta [...].*

*Um dia a inspiradora dos versos de João Penha partiu, o poeta viu-a sahir de casa, collocar com petulancia o pé leve e pequeno no estribo da carruagem, saltar para dentro, e sentar-se ao lado da mãe e das irmans, risonha, feliz, radiante... e ouviu depois o rodar do trem...*

*Passados dias, a Folha publicava o Ultimo adeus, que é a derradeira e sentida estrofe do poema amoroso da vida do poeta [...]*

## 2

## [II – «Oh deus fatal, que lá dos céus profundos,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três impressos e um manuscrito:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série V, 1873, n.º 3, pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série V.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 11-12. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 5-6. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 9-10. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 51.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Anotação textual: emendas

10. cerúlea] BC; corúlea  
12. – Fiat! – ]BC; – Fiat!

## Aparato genético

*Título.* De noute A [Vinho e fel] II BCD

2. theogonia A theologia BC

4. orbes AB orbes, CD

7. Dá-me um sol d’esmeralda e em troca um dia AB Dá-me um sol de esmeralda, e em troca, um dia, CD

8. d'um só, dous mundos! **A** d'um só, dous mundos; **B** de um só, dois mundos; **CD**
9. De todo o vasto azul do firmamento **A** «Que seja o mais formoso e resplendente **BCD**
10. Que seja o mais formoso: exige o aquella **A** Da vastidão cerúlea: exige-o aquella **B** Da vastidão cerúlea; exige-o aquella **C** Da vastidão corúlea; exige-o aquella **D**
11. A quem me prende um louco amor violento; **A** Que, mais que a ti, adoro, irreverente!» **BCD**
12. Um nada por um beijo, cousa bella!» **A** – «Fiat! – (em bom latim, mirando a bella, **BC** – Fiat! (em bom latim, mirando a bella, **D**
13. – «Concedo, disse o eterno Pensamento, **A** Me disse absorto o Padre Omnipotente) – **BCD**
14. Se me dás um penhor: os olhos d'ella! **A** «Se me dás em penhor... os olhos della.» **B** Se me dás em penhor... os olhos d'ella.» **CD**
- Data.* Coimbra, 19 de Março de 1873. **A** □ **BCD**

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira, intitulada “De noute”, saiu n’*A Folha*, em 1873; a segunda é a que aparece no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a segunda posição no conjunto “Vinho e fel”. *Grosso modo*, as alterações introduzidas na segunda versão concentram-se nos tercetos e envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação.

## 3

## [III – Quando ha pouco, entre sarças escondido,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três impressos e um manuscrito:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 5, p. 35. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 13-14. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 7-8. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 11-12. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 64.

Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 415. [1.ª ed. 1897]

Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.

- Cândido de Figueiredo, *Homens e Letras: Galeria de Poetas Contemporaneos*, Lisboa: Typographia Universal, 1881, pp. 191-192.

Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.

- *Encyclopedia das Familias: Revista Ilustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXXIV (1920), n.º 404, p. 456. Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com algumas corruptelas.

- *Estrela do Minho: Folha Ilustrada, Literaria, Bibliografica e Noticiosa* (dir. Manuel Pinto de Sousa), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano 25, n.º 1311 (28 de novembro de 1920), p. 1.

Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com erro de transcrição.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 45.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 53.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e Fel] XI A [Vinho e fel] III BCD

1. Quando escondido em teu jardim florido, **AB** Quando ha pouco, entre sarças escondido, **CD**
5. E sorrindo-te, o corpo **AB** E jocunda, teu corpo **CD**
14. horrorizes!... A horrorizes! **BCD**

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1869, e encontra-se registada no manuscrito da BPMP; a segunda é a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a terceira posição no conjunto "Vinho e fel". As alterações introduzidas na segunda versão concentram-se no primeiro e quinto versos, envolvendo as quatro operações sintagmáticas.

## 4

## [IV – Mal póde phantasiar-te a mente accêsa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três impressos e um manuscrito:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 3, p. 23. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 9-10. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 13-14. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Illustração Portuguesa: Revista Literaria e Artistica* (dir. C. Malheiro Dias), Lisboa: [s.n.]. Série II, n.º 28 (3 de setembro de 1906), p. 134.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 46.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 55.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 41-42.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.

**Anotação textual: emendas**

12. então, paz] ABC; então, a paz

**Aparato genético**

*Título.* [Vinho e fel] VII A [Vinho e fel] IV BCD

1. imaginar-te A phantasiar-te BCD  
 6. Que labios! que sorrir! que olhar piedoso! A Que labios, que sorrir, que olhar piedoso! BCD  
 11. Do Correggio vencias A D'um Correggio venceras B De um Correggio venceras CD  
 12. então, paz ABC então, a paz D  
 13. postura A postura, BCD

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda é a que aparece no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a quarta posição no conjunto "Vinho e fel". As pontuais alterações da segunda versão situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 5

[V – És minha, és minha, oh venturoso fado!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: dois manuscritos e três impressos:

A – BPMP, M-SER-914

O autógrafo mais antigo de que dispomos para este poema pertence à coleção de manuscritos reunida pelo poeta português Alberto de Serpa (\*1906 †1992), adquirida em leilão pela BPMP, em 1988. O testemunho é constituído por uma folha de papel liso, medindo 12,7 x 20,3 cm, e escrita de um só lado. O poema, com a numeração II, vem registado a tinta preta, pelo próprio punho de João Penha, aparecendo, no final, devidamente assinado e com a seguinte data: “9 de janeiro d. 68”. No verso, os bibliotecários assentaram a respetiva cota (no canto inferior esquerdo), anotando ainda (no canto superior esquerdo) a indicação “914”.

B – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 3, p. 23. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 17-18. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 11-12. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 47.

Trata-se de uma cópia das *Rimas*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 57.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

**Aparato genético**

*Título.* Soneto II A [Vinho e fel] VIII B [Vinho e fel] V CDE

4. dia dos meus A dia de meus BCDE

5. Eis todo azul o ceu annuviado; [↑ O ceu à pouco tôrvo, eil-o azulado [↑ enudado];] A O céu ha pouco tôrvo, eil-o azulado; B O ceu, ha pouco tôrvo, eil-o azulado; CDE

6. Agita as folhas um galerno vento; AB Sussurra esmorecido ao longe o vento; CDE

8. Rescende ABC Recende DE  
prado! A prado BCDE

11. Senti d'um paraizo o gozo infindo. AB Senti volupias d'um prazer infindo. C  
Senti volupias de um prazer infindo. DE

13. minha dama [↑ formosa] A minha formosa BCDE

14. paio. AB paio! CDE

*Data.* 9 de janeiro d. 68. A □ BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira, datada de 9 de janeiro de 1868, aparece registada no manuscrito M-SER-914 da BPMP e foi publicada (com algumas variantes) n' *A Folha*; a segunda versão aparece no Ms. 2012 da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a quarta posição no conjunto "Vinho e fel". As alterações que foram sendo progressivamente introduzidas envolvem as quatro operações sintagmáticas.

## 6

## [VI – Oh ventura perdida, mal sonhada!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 2, p. 11. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 19-20. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 13-14. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 17-18. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Maria Virgínia Veloso, «De João Penha a João Saraiva» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 3 (2), 1951, pp. 179-180.

Na antologia que encerra o artigo, a autora copia este soneto das *Rimas*.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 48.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 59.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Anotação textual: emendas

8. ballada.] ABC; ballada,

**Aparato genético**

*Título.* [Vinho e fel] V A [Vinho e fel] VI BCD

1. Quem diria, mulher idolatrada, A Oh ventura perdida, mal sonhada! BCD
2. Que o teu amor eterno acabaria, A Quem dissera que tudo acabaria, BCD
4. No fumo que se esvae no imenso nada! A Em fumo que se esvae no obscuro nada! BCD
5. Perjuraste, A Deixaste-me, BCD
6. d'estranha A de estranha BCD
8. ballada. ABC ballada, D
13. d'hespanola A de hespanhola BCD
14. E ao chorudo quadril d'uma perua. A E á mudança benéfica da lua. BCD

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se registada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a sexta posição do conjunto "Vinho e fel". As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as quatro operações sintagmáticas, sendo todavia no último verso que maiores implicações semânticas se observam.

## 7

## [VII – Hontem, de noite, já depois que a lua]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microscosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 2, p. 11. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 65.

Considerada uma das melhores publicações do último quartel do século, esta revista literária, dirigida pelo expedito Joaquim d'Araújo, contou com a colaboração de todos os grandes nomes das letras de então. Devido a longos atrasos na sua publicação, vieram a lume apenas dez fascículos, impressos em formato pequeno (de 27 cm), entre 1878 e 1881, embora na contracapa do último exemplar se anunciem ainda os números XI e XII. Os fascículos VI, VII e VIII correspondem ao ano de 1879 (sendo essa a data que aparece nalguns poemas), enquanto as matérias incluídas nos fasc. IX e X datam de 1880-1881.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43, BPMP, M-AF-2450), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita do poeta bracarense, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 21-22. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 19-20. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.<sup>a</sup> ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 418-419. [1.<sup>a</sup> ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n' *A Renascença*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 49.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 61.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] IV A □ B [Vinho e fel] VII CDE

1. Hontem ás horas quando inclina a lua A Hontem de noute, já depois que a lua B Hontem, de noite, já depois que a lua CDE
2. Para o escuro occidente a face mésta, A No occidente occultára a face mésta, BCDE
3. escondida fresta A ignorada fresta, BCDE
4. de outro, A doutro, B de outro, CDE
5. Eras como essas A Eras pois dessas B Eras, pois, d'essas CDE
8. amor A amor, BCDE
11. vós, AB vós? CDE
12. Mas para que chorar? lindas, robustas A Mas, para que chorar? gentis, robustas, BC Mas, – para que chorar? Gentis, robustas, DE
13. São as marmoreas fórmias que revelas... A São duma estatua, as fórmias que revelas: B São d'uma estatua as fórmias que revelas... CDE
14. Mulher que amei, quanto por noite custas? A Dize: és tu mesma que o negocio ajustas? BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se registada no artigo de Gonçalves Crespo, no manuscrito da BPMP e é também a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a sétima posição do conjunto “Vinho e fel”. As alterações introduzidas na segunda versão situam-se especialmente ao nível sintagmático da substituição.

## 8

## [VIII – Perdi toda a esperança de no mundo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 3, pp. 22-23. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 17-18. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 21-22. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 543.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d' *A Folha*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 50.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 63.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] VI A [Vinho e fel] VIII BCD

2. Possuir-te um dia em venturoso laço, A Te possuir em venturoso laço B  
Possuir-te um dia em venturoso laço, CD
5. Um destino cruel e sem segundo A Um destino fatal e sem segundo B Um  
destino fatal, e sem segundo, CD

6. O peito me cingiu com ferreo abraço. A A fronte me ha curvado a um jugo d' aço, B A fronte me ha curvado a um jugo de aço, CD
7. Em vão procuro luz, por todo o espaço A E o deus que habita no luzente espaço B E o Deus, que habita no luzente espaço, CD
8. Só as trevas encontro e não têm fundo! A Não me vê nestas sombras, moribundo! B Não me escuta nas sombras gemebundo! CD
9. Que dor, oh minha filha, A Que dôr inexoravel, BCD
10. estendias AB estendias, CD
11. De brilho enchendo a minha noite escura! A De luz enchendo a minha noute escura! B De luz enchendo a minha noite escura! CD
12. resta? Uma A resta? – Uma B resta? uma CD

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se registada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com pequenas variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a oitava posição do conjunto “Vinho e fel”. As alterações introduzidas na segunda versão situam-se especialmente ao nível sintagmático da substituição.

## 9

## [IX – Uns dinheiros em cobre! Tristes sommas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 1, pp. 7-8. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 25-26. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 19-20. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 65.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, p. 14.  
Trata-se de uma cópia d' *A Folha*.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] II A [Vinho e fel] IX BCD

1. cobre! tristes A cobre! Tristes BCD
3. funestas, A funestas BC funestas, D
8. pomas! A pômas. BCD
10. desventuras, A desventuras B desventuras, CD
12. causando espanto e mêdo. A causando horror e mêdo. B causando horror e mêdo! CD

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com pequenas variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a nona posição do conjunto "Vinho e fel". Essencialmente, as mudanças introduzidas resumem-se à substituição empreendida no v. 12.

## 10

## [X – N'esta vida fatal, ai de quem pensa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 5, p. 35. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), pp. 64-65. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 27-28. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 21-22. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 25-26. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum et lectionis singularis*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 417. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d' *A Renascença*.
- *Semana Thyrsense* (dir. Adriano de Sousa Tropa), Santo Tirso: [s.n.]. Ano XIX, n.º 4 (28 de janeiro de 1917), p. 3.  
Trata-se de uma cópia híbrida, que combina o texto das *Rimas* com variantes publicadas n' *A Folha*.

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 544.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d' *A Folha*.
- Maria Virgínia Veloso, «De João Penha a João Saraiva» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 3 (2), 1951, p. 179.  
Na antologia que encerra o artigo, a autora copia este soneto das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 67.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XI A □ B [Vinho e fel] X CDE

1. Ai, pobre do miserrimo que pensa A N'esta vida fatal, ai de quem pensa BCDE
2. brio! AB brio, CDE
3. Em breve um desengano acerbo e frio A Em breve um desengano, acerbo e frio, B Que bem depressa o desengano frio CDE
4. Lhe desfolha na lama a ingenua crença. A Lhe desfará as illusões e a crença. B Lhe desfará as illusões e a crença! CDE
5. Mulher, segue o teu rumo: na licença A Mulher! vai teu caminho: na licença B Mulher, vae teu caminho: na licença CDE
6. Céva no A Céva do BCDE
7. sombrio, AB sombrio C sombrio, DE
9. Mas quando o vicio, a A Que um dia, quando a CDE
11. belleza, A belleza; B belleza, CDE
12. E pedires, com voz sumida e rouca, A E pedires com voz sumida e rouca BC E pedires, com voz sumida e rouca, DE
14. Oh! lembra-te de mim, perfida louca! A Então me chorarás, cabeça louca! BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869; a segunda encontra-se documentada no artigo de Gonçalves Crespo, no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com pequenas variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a décima posição do conjunto “Vinho e fel”. As alterações introduzidas na segunda versão situam-se especialmente ao nível sintagmático da substituição.

## 11

## [XI – Que seria de mim, n'esta anciedade,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e cinco impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 7, p. 56. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – *A Borboleta: Hebdomadario de Litteratura Dedicado ás Damas Bracarenses* (dir. Dias Freitas), Braga: Typographia Lusitana. Vol. III (1877), n.º 10, p. 73.

Esta revista semanal, publicada aos domingos sob direção de Dias Freitas, perpez três volumes, impressos entre 1876 e 1877. Cada número contava com 8 páginas, em formato pequeno (de 27 cm de altura), a duas colunas.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 29-30. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 27-28. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 64.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Trata-se de uma cópia d' *A Borboleta*.

Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 416. [1.ª ed. 1897]

Trata-se de uma cópia da versão publicada n' *A Renascença*.

- *Almanach das Senhoras para 1880: Portugal e Brazil* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.], 1879, pp. 192-193.

Trata-se de uma cópia da *Borboleta*.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 51.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 69.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XIV A Consolação B [Vinho e fel] XI CDE

1. mim, na soledade, A mim n'èsta anciedade, B mim, n'èsta anciedade C mim, n'èsta anciedade, DE
2. alenta; A alenta, BCDE
3. Que as penas para longe me afugenta, A Que nos transporta em dias de tormenta BCDE
4. Qual ao diabo o exorcismo d'um abbade! A Para longe da triste realidade! BCDE
5. A mulher, que eu amei de ingenuidade, A Essa mulher gentil, que sem piedade B Essa mulher gentil, que, sem piedade, CDE
6. Bebe nos labios d'outro o amor, sedenta!... A Por mim fingira uma paixão violenta, BCDE
7. E foi sobre uma pia d'agua-benta A Ri-se agora do amor que me atormenta, BCDE
8. Que a trêda me jurou fidelidade! A Risse ha muito da minha ingenuidade! B Ri-se ha muito da minha ingenuidade. C Ri-se ha muito da minha ingenuidade. DE
10. feroz, AB feroz CDE
11. cutelo. A cutelo; B cutelo. C cutelo; DE
12. Mas, em vez de sangueira e A Mas, em lugar de sangue e BCDE
13. Derramemos no peito o licor bello, A Derramemos n'èst'alma o licor bello B Derramemos n'èsta alma o licôr bello CDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869, ocupando o número XIV da sequência “Vinho e fel”; a segunda versão foi publicada n' *A Borboleta* (em 1877), sob o título “Consolação”, e é também a que encontramos depois documentada no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas* (ocupando a décima primeira posição do conjunto “Vinho e fel”). As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as quatro operações sintagmáticas, estando as mudanças mais profundas concentradas nas quadras.

## 12

## [XII – Não chores mais, honesta Messalina,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 10, p. 79. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 31-32. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 25-26. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 29-30. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 52.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 71.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XV A [Vinho e fel] XII BCD

1. formosa Carolina, A honesta Messalina, BCD
2. tempo de illusões repleto; A tempo, de illusões repleto; BC tempo, de illusões repleto; D
6. d’aspecto. A de aspecto. BCD
8. dilecto, AB dilecto C dilecto, D
10. Como nas vagas A Como nos antros BCD
12. amar!... A amar! BCD

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a décima segunda posição do conjunto “Vinho e fel”. As pontuais alterações introduzidas na segunda versão situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 13

## [XIII – Nunca do amor a resplendente chamma]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 14, p. 112. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 64. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 33-34. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 27-28. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 31-32. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 414. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n' *A Renascença*.
- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3868 (8 de novembro de 1900), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 421 (18 de agosto de 1907), p. 1.  
Embora publicada depois da edição *ne varietur*, esta é uma cópia da versão documentada no manuscrito da BPMP, com dedicatória a “A...”.
- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 544.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 73.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

#### Anotação textual: emendas

13. páramos] ABCD; parámos

#### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XVIII A □ B [Vinho e fel] XIII CDE

1. esplendorosa chama A resplendente chamma BCDE
4. Tu não foste mulher, porque eras dama! A Jamais foste mulher, porque eras dama! BC Nunca foste mulher, porque eras dama. DE
7. barro, A barro: BCDE
9. saudade ABC saudade, DE
10. Embebido na dor, A Immerso n’esta dôr, BCDE
11. mocidade. A mocidade: BCDE
12. aurora A aurora, B aurora CDE
13. páramos ABCD parámos E

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n’*A Folha*, em 1869; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com pequenas variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a décima terceira posição do conjunto “Vinho e fel”. As pontuais mudanças introduzidas na segunda versão situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 14

## [XIV – Não me provoques mais. Esta brandura]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 18, p. 144; n.º 19, p. 152. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”. O poema saiu com uma gralha tipográfica, depois emendada em errata (vd. texto reproduzido no n.º 793).

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 65. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 35-36. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 29-30. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 33-34. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach Illustrado para 1888* (ed. Francisco Pastor), Lisboa: Empreza Litteraria Luso-Brazileira, 1887, p. 50.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com ligeiras corruptelas.
- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 418. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Renascença*.

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 545.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d' *A Folha*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 53.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 75.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XXIII A □ B [Vinho e fel] XIV CDE

2. d'um ABC de um DE
3. sanguinosa lenda, A pavorosa lenda, BCDE
9. Se te perdi nas sombras do occidente, A Perdi-te. Mas a flôr que no occidente  
BCDE
10. Inclina a flor a pallida corolla A Viu moribundo o sol, ergue a corolla BCDE
11. aurora resplandecente. 7aurora resplendente.7 A aurora resurgente: BCDE
12. Viva a taça, o pandeiro e a castanhola! A Sigo os preceitos da moderna escola:  
BCDE
13. Não A – Não BCDE
14. Nem aos beijos febris d'uma A Nem ao facil amor d'uma BC Nem ao facil  
amor de uma DE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a décima quarta posição do conjunto "Vinho e fel". As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação, estando as mudanças mais profundas concentradas nos tercetos.

## 15

## [XV – Eis-me livre, qual ave nos espaços!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 13, p. 104. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – *A Borboleta: Hebdomadario de Litteratura Dedicado ás Damas Bracarenses* (dir. Dias Freitas), Braga: Typographia Lusitana. Vol. II, n.º 15 (21 de janeiro de 1877), p. 1. Vd. descrição no n.º 11.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 37-38. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 31-32. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 35-36. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach das Senhoras para 1879: Portugal, Brazil e Hespanha* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.], 1878, p. 147.  
Trata-se de uma cópia da *Borboleta*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 77.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XVII A Resgate B [Vinho e fel] XV CDE

2. Rompi os A Quebrei os BCDE
3. Da escura taça, A Da velha taça, BCDE
4. pedaços! A pedaços. BCDE

5.      baços A baços, B baços C baços, DE
6.      idéa! A ideia; B idea, CDE
9.      Andava qual a mísera andorinha A Andava como a trémula andorinha BCDE
10.     Em torno da serpente seductora, A Em tórno de maléfica serpente, BCDE
12.     Mas que bella alvorada encantadora! A Mas do resgate a aurora resplendente B  
Mas do resgate a aurora resplendente C Mas do resgate a aurora resplendente  
DE
13.     Que novas melodias!... Vida, és minha! A Raiára emfim. Adeus, senhora  
minha: B Raiou emfim. Adeus, senhora minha: C Raiou emfim! Adeus,  
senhora minha: DE
14.     Eis-me liberto emfim!... Adeus, senhora! A Surge da lama o trovador plan-  
gente. BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869, ocupando o número XVII da sequência “Vinho e fel”; a segunda versão foi publicada n' *A Borboleta* (em 1877), sob o título “Resgate”, e é também a que encontramos documentada, com pequenas variantes, no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas* (ocupando a décima quinta posição do conjunto “Vinho e fel”). As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação, estando as mudanças mais profundas concentradas no último terceto.

## 16

## [XVI – Foi-se o pallido inverno. O torvelinho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 15, p. 120. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 39-40. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 33-34. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 37-38. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 79.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XX A [Vinho e fel] XVI BCD

1. Foi-se o inverno gelado. A Foi-se o pallido inverno. BCD
5. Trépido o arroio, em A A veia d’água, em BCD
9. Surgiu a primavera irradiante! A Eil-o, da primavera o sol radiante! BCD
13. além corre no A além chora no BCD

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n’*A Folha*, em 1869; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a décima sexta posição do conjunto “Vinho e fel”. As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação.

## 17

## [XVII – Hontem, no baile, por fatal desgraça,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 14, p. 112. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 41-42. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 35-36. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 39-40. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach das Senhoras para 1873: Portugal e Brazil* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.], 1872, p. 181.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Rimas*
- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 64.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 415-416. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- Maria Virgínia Veloso, «De João Penha a João Saraiva» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 3 (2), 1951, p. 180.  
Na antologia que encerra o artigo, a autora copia este soneto das *Rimas*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 54.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 81.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XIX A [Vinho e fel] XVII BCD

1. desgraça A desgraça, BCD
2. Não foi de A Não de B Não foi de CD
5. Feriu-me como o raio, quando passa, A Feriu-me, como o raio, quando passa, B Feriu-me, como o raio quando passa CD
7. secreto, A secreto: BCD
8. Eil-a, quebrada, A Eil-a quebrada BCD
13. frias, ABC frias; D

## 18

## [XVIII – Não te parece esta existencia clara,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Republica das Letras: Periodico Mensal de Litteratura* (dir. João Penha), Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira. Ano I, n.º 3 (junho de 1875), pp. 27-28.

Esta revista mensal, dirigida por João Penha a partir de Braga, tinha Alfredo Campos como administrador, e contou apenas com três números, publicados entre abril e junho de 1875. Cada exemplar apresentava 48 páginas, de 23 cm, sendo vendido em Portugal (com o preço unitário de 200 reis) e no Brasil (pela quantia de 2\$250, relativa aos três números).

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 43-44. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 37-38. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 41-42. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Theophilo Braga, *Parnaso Portuguez Moderno*, Lisboa: Francisco Arthur da Silva Editor, 1877, pp. 132-133.  
Trata-se de uma cópia da *Republica das Letras*.
- *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: Typografia Lealdade. N.º 326 (9 de fevereiro de 1879), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da *Republica das Letras*.
- *Diario Portuguez*, Rio de Janeiro: [s.n.]. N.º 3 (13 de novembro de 1884), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da *Republica das Letras*, com pequena corruptela.
- *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 63-64 (abril de 1902), p. 12.  
Embora com ligeiras gralhas, trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, que *A Chronica* reproduziu no número de homenagem a

João Penha, acompanhando as respetivas traduções para Alemão e Sueco (vd. *infra* Arquivo documental).

- Albino Forjaz de Sampaio (org.), *As Melhores Páginas da Poesia Portuguesa (Da Época Medieval até aos Nossos Dias)*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1931, pp. 179-180.

Trata-se de uma cópia d' *A Folha*, mas com várias corruptelas.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 83.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* To be or not to be A [Vinho e fel] XVIII BCD

3. Abandone AB Abandone, CD

7. comtudo, A comtudo BCD

9. mulher como um reptil AB mulher, como um reptil, CD

11. informe AB informe, CD

14. Ser ou AB Ser, ou CD

*Data.* 22 de julho de 75. A □ BCD

### Arquivo documental

Este soneto foi traduzido para Alemão, por Wilhelm Storck (\*1829 †1905), e Sueco, por Göran Björkman (\*1860 †1923), no número especial que *A Chronica* dedicou a João Penha:

*Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), p. 12:

*To be or not to be.*

João Penha

*Mein Thun und Treiben dünkt dich Unverstand,  
Und du beweinst es, dass der Sehnsuchtsleiden  
Besinger gar so rasch vermag zu meiden  
Jedwedes Weib, das kaum ihn setzt' in Brand;*

*Kühl, wie Blondin am Niagara-Strand,  
Scheint dir mein Sinn an Nied'rem sich zu weiden;  
Doch suchen bloss nach Muscheln, die umkleiden  
Die sel'tne Perle, Liebe, Herz und Hand;*

*Was soll es, ob ein Weib von Augesicht,  
Gestalt und Haltung keinem Blick behage,  
Und jedem Ohr missklinge, wie sie spricht,*

*Oder an Reiz die and'ren überrage,  
Ein Venusbild, anmuthig, hehr und licht:  
Geliebtsein oder nicht, das ist die Frage.*

*Münster i W. 1902.*

*Wilh Storck.*

*Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha*  
(red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), p. 14:

*João Penha: To be or not to be...*

*Tillvarans lof jag aldrig hör dig sjunga  
Ock doch en sorgens tolk du förebrår,  
Att han så brödt hvar fager mö försmår,  
Uvars Lyllning nyss han quad med käärlig tunga!*

*Mot lastens slaf, ej mig, din harm tåt ljunga!  
Skönhetens musslor jag att öppna trår  
Blott i dei hopp, att någongång jag får  
Kärlekens perla säll i handen gunga.*

*Vare likt ormen qvinnan afskyvärd,  
Vare hon mönstret för all mensklig dumhet  
Eller et odjur, vän of natens stumhet,*

*Vare hon ljuf, van vid den hyllninrsgård,  
Att någon Rafael tjusad penseln fäller –  
Att finna kärlek eller ej det gäller.*

*(Stockholm.)*

*Dr. Göran Bjorkman.*

## 19

## [XIX – Feliz canario! os beijos que a vizinha]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 4, p. 28. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 45-46. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 39-40. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 43-44. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach das Senhoras para 1899: Portugal e Brazil* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.], 1898, p. 234.

Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Rimas*, mas com o título “Beijos ao canario”.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 85.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] IX A [Vinho e fel] XIX BCD

1. beijos, A beijos BCD
2. no rubro labio A nos puros labios BCD
4. Para avivar a desventura minha. A Para augmentar esta desgraça minha. BCD
5. A vida vou findar, vida mesquinha, A Mas em vão. Morta a fé que me sostinha B Mas em vão. Morta a fé que me sostinha, CD

6. D'um convento hespanhol na escura cella. **A** Vou recolher-me á paz d'obscura cella: **B** Vou recolher-me á paz de obscura cella: **CD**
7. Que saudade terei d'esta janella, **A** Que saudades terei d'essa janella **B** Que saudades terei d'essa janella, **CD**
8. E d'essa, onde ella namorar-me vinha!... **A** D'onde ella outrora namorar-me vinha! **BCD**
12. vida **A** vida, **BCD**
14. Nos largos panellões do **A** Nos vastos caldeirões do **BCD**

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas* (ocupando a décima nona posição do conjunto "Vinho e fel"). As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação, estando as mudanças mais profundas concentradas na segunda quadra.

## 20

## [XX – De um monge na cogúla disfarçado,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 2, p. 11. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 47-48. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 41-42. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 45-46. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1887*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, p. 416.  
Trata-se de uma cópia da primeira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 87.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Anotação textual: emendas

9. – «Filha,] AB; «Filha,  
12. talvez?») A; talvez?

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] III A [Vinho e fel] XX BCD

1. D'um padre nas roupagens disfarçado, A De um monge na cogúla disfarçado, BCD
3. formosa, A formosa B formosa, CD
6. porvir AB porvir, CD
7. suspirosa! A suspirosa, BCD
8. immaculado! A immaculado. BCD
9. – «Filha, eu lhe disse, o teu amor é sancto... A – «Filha, eu lhe disse, o teu amor é santo: B «Filha, eu lhe disse, o teu amor é santo: CD
10. E já A Tu já BCD
11. que ao sol-posto AB que, ao sol pôsto, CD
12. adoras, como a Deus talvez?» A adoras? como a Deus talvez? BCD
13. peccar, A peccar, – B peccar; – C peccar; D

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se documentada no manuscrito da BPMP e é também a que aparece nas edições das *Rimas*, ocupando a vigésima posição do conjunto "Vinho e fel". As pontuais alterações introduzidas na segunda versão situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 21

## [XXI – Aquella Rosa branca, a flôr mais viva]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série IV, 1872, n.º 1, p. 8. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série IV.

B – *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: Typografia Lealdade. N.º 302 (12 de janeiro de 1879), p. 1.

Este diário bracarense, propriedade de Silva Pereira, tinha Coutinho de Miranda e Melo Ataíde como redatores. Publicou-se entre 1877 e 1879, em formato médio (de 35 cm), contando com uma “Secção Litteraria” aos domingos.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 49-50. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 43-44. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 47-48. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 549.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 89.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Estrella moribunda A Casada! B [Vinho e fel] XXI CDE

1. Rosa A rosa B Rosa CDE
5. Outr’ora, A Outr’ora B Outrora, CDE
14. cantos A cantos – BCDE

## [XXII – Sob o influxo da negra phantasia,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há seis testemunhos diretos: um manuscrito e cinco impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 4, p. 28. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 65. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 45-46. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Illustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Ano V, n.º 98 (16 de fevereiro de 1903), p. 24.

À semelhança de outras publicações burguesas da altura, esta revista quinzenal era profusamente ilustrada e imprimia-se em formato médio (de 34 cm), com papel de qualidade superior. Foi publicada entre 1899 e 1914, contando com o apoio de capitais luso-brasileiros e a colaboração de nomes significativos tanto em Portugal como no Brasil.

F – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 49-50. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.<sup>a</sup> ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 419-420. [1.<sup>a</sup> ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n' *A Renascença*.
- *Jornal de Braga: Órgão do Partido Regenerador de Braga*, Braga: [s.n.]. Ano VIII, n.º 502 (27 de maio de 1908), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da primeira e segunda edições das *Rimas*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 55.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 91.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] X A □ B [Vinho e fel] XXII CD □ E [Vinho e fel] XXII F

1. Da misera, fatal metromania A Sob o influxo da negra phantasia, BCD Sob o influxo da negra phantasia E Sob o influxo da negra phantasia, F
2. Quem me podéra libertar a fronte! A E do ciume fatal, que me atormenta, B E do ciume fatal que me atormenta, CD E do ciume fatal, que me atormenta, E E do ciume fatal que me atormenta, F
3. Por ella insulto a minha amada insonte, A Furioso insulto com paixão violenta B Furioso insulto, com paixão violenta, CD Furioso insulto com paixão violenta E Furioso insulto, com paixão violenta, F
4. Mais vil que o ebrio no cantar da orgia! A A musa, que nas sombras me alumia. BCD A Musa, que nas sombras me alumia. E A musa, que nas sombras me alumia. F
5. Oh minha solitaria pionia, A E és tu, n' esta idade sem poesia, BCDEF
6. Que descobri nos matagaes do monte! A O lyrio que em minh'alma se alimenta! BC O lirio, que em minh'alma se alimenta! D O lyrio em que minh'alma se alimenta E O lirio, que em minh'alma se alimenta! F
7. Eu sou qual truculento masthodonte, A Eu, porém, sou qual fera truculenta, BCD Eu, porém, sou qual fera truculenta, E Eu porém, sou qual fera truculenta, F
8. Que piza aos pés a flor que lhe sorria! A Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria... BC Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria! D Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria... E Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria! F
9. Não peço o teu perdão, A Não quero o teu perdão B Não quero o teu perdão, CD Não quero o teu perdão E Não quero o teu perdão, F

12. Mas que ao menos no emblema do jazigo A Mas que ao menos no funebre jazigo, BC Mas ao menos no funebre jazigo, D Mas que ao menos no funebre jazigo, E Mas que ao menos, no funebre jazigo, F
13. Em recompensa do meu fado avesso, ABC Dá-me, em desconto do meu fado avêso, D Em recompensa do meu fado avêso, EF
14. Eu fique em marmore a dormir contigo. ABC Que eu fique em marmore a dormir contigo. D Eu fique em marmore a dormir contigo. EF

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1868; a segunda encontra-se documentada nos restantes testemunhos, embora com algumas variantes entre si. As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação, estando as mudanças mais profundas concentradas nas duas quadras.

### Arquivo documental

Em carta para Joaquim de Araújo, o poeta comenta as alterações introduzidas deste soneto. A missiva encontra-se guardada na BNMV, com a cota Ms. 12242, e é constituída por um bifólio de papel pautado, escrito de ambos os lados, a tinta preta:

*Meu caro amigo.*

*Amor, saude, poesia e dinheiro, ou a morte!*

*Luiz da Silva está a passar tudo a limpo, e limpo tudo, mo enviará para a correcção suprema. Depois, compõe-se; vejo as provas, e depois de revistas por mim, são-lhe para ahi remettidas. Que mais quer?*

*Alegre grillo lá está nas Rimas. Eu não as li, nem mesmo nas provas porque foi o C. de Figueiredo quem as reviu) – mas tenho a certeza que não suprimi esse verso. Procure e achará.*

*Ultimamente, descobri outra onomatopeia, por acaso, a escrever uma carta de namoro: doce suspiro. Não o ouve? Vou fazer de proposito um soneto para a empregar.*

*Quanto á forma definitiva, que é a das Rimas, é sempre superior á provisoria, ou anterior.*

*Ora veja nos taes tercetos:*

*Não peço o teu perdão que o não mereço.*

*Correcção:*

*Não quero o teu perdão que o não mereço.*

*Quanto á eufonia: ha acólá dous ços, proximos, e peço e perdão, que o meu senso musical reprovou. Esses defeitos desappareceram na emenda.*

*Quanto ao pensamento:*

*Parto da idea que ella me perdoava, mesmo sem eu lhe pedir o perdão, e partindo d'essa idea, digo-lhe que o não quero, porque o não mereço. Ha, pois, tambem melhoria quanto á idea.*

*E assim tudo o mais. Se juntas as horas que gastei em compor as Rimas apparecesse um total de 6 meses, juntas as que gastei em corrigil-as appareceria um de dous ou tres annos. Voila tout.*

*Quanto ao n.º ha por emquanto 25 nomes incriptos, com artigos já entregues, e ignoro a quem mais o L. da Silva tem feito convite.*

*Ao Ramalho Ortigão é inutil fallar-lhe. Mandeilhe as Rimas, e ate se bem me recordo (porque, como lhe disse, nunca as li) com a dedicatoria de uma das composições – e moita. Mandeilhe a Viagem por terra, e moita. Mandeilhe o Por montes e valles, e moita, carrasco! Que ratão!*

*Muitos recados ao Peragallo e ao Canizzaro.*

*Se*

*27-I-1902.*

*J. Penha*

## 23

## [XXIII – A doce paz tranquilla e a segurança,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 16, p. 128. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – *A Harpa: Revista Litteraria* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.]. Série I, 1874, n.º 12, p. 86.

Dirigida por Joaquim de Araújo (na altura com apenas quinze anos de idade e ainda aluno do Liceu do Porto), *A Harpa* conseguiu granjear um notável e variado elenco de colaboradores. Esta revista literária, de que subsistem hoje raríssimos exemplares, contou com duas séries, irregularmente publicadas entre 1873 e 1876, sendo cada número impresso com número variável de páginas (entre 4 a 32), em formato pequeno, a duas colunas.

C – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 64. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo.

D – BPMP, Ms. 2012, pp. 53-54. Vd. descrição no n.º 1.

E – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 47-48. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

F – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

## 2. *Eliminatio codicum descriptororum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.<sup>a</sup> ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 413-414. [1.<sup>a</sup> ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n' *A Renascença*.
- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 545.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d' *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 93.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XXI A Ultimo refugio B □ C [Vinho e fel] XXIII DEF

1. Aquella paz tranquilla e segurança, AB A doce paz tranquilla e a segurança, CDEF
2. a doce mocidade, AB a alegre mocidade, CDEF
4. lembrança! AB lembrança. CDEF
7. No longo veu da A – Em longo veu de B Em longo veu de CD Em denso véu de EF
8. lúcida bonança. AB límpida bonança. CD límpida bonança! EF
9. amigo AB amigo, CDEF
13. antigo; A antigo; B antigo; C antigo: BDEF

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869, e foi depois publicada, com ligeiras modificações, n' *A Harpa*; a segunda encontra-se documentada no artigo de Gonçalves Crespo, no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com pequenas variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a vigésima terceira posição do conjunto “Vinho e fel”. As alterações introduzidas na segunda versão situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 24

[XXIV – Ahi tens o peito nú, ahi tens a adaga:]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 17, p. 136. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – *Revista Litteraria do Porto*, Porto: [s.n.]. Ano I, 1877, n.º 6, p. 43.

Esta revista literária de oito páginas publicava-se aos domingos, em formato grande, a duas colunas.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 55-56. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 49-50. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 53-54. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha do Minho* (dir. Olympio Gonçalves), Braga: Imprensa Commercial. Ano V, n.º 254 (19 de março de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da primeira e segunda edições das *Rimas*, mas com ligeiras gralhas.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 95.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com ligeiras variantes de transcrição.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XXII A A victima B [Vinho e fel] XXIV CDE

5. Talvez que alem, ABC Talvez além DE

7. claridade **AB** claridade, **CDE**
8. Mal da terra conceba **A** Nem da terra conserve **B** Mal da terra conserve **CDE**
9. ditoso; **ABC** ditoso: **D** ditoso! **E**
10. dolorida, **AB** dolorida **C** dolorida, **DE**
14. D'um só golpe me arranca a luz **A** Arranca-me d'um golpe a luz **BCDE**

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869; a segunda encontra-se documentada na *Revista Litteraria do Porto*, no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com ligeiras variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a vigésima quarta posição do conjunto “Vinho e fel”. As mudanças introduzidas na segunda versão envolvem as quatro operações sintagmáticas.

## 25

## [XXV – O phantasma da minha desventura]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 9, p. 72. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série II.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 57-58. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 55-56. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 97.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Acto de contração A [Vinho e fel] XXV BCD

3. instante AB instante, CD
4. loucura. A loucura B loucura. CD
6. semblante A semblante, B semblante, CD
7. cambiante A cambiante, BCD
13. atroz que te cuspi na face AB atroz, que te cuspi na face, CD
14. d’um AB de um CD

## [XXVI – Não chores. Essa mórbida tristeza,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série V, 1873, n.º 1, p. 8. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série V.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 59-60. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 53-54. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 57-58. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: Typografia Lealdade. N.º 297 (5 de janeiro de 1879), p. 1.

Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.

- *Almanach Illustrado para 1884* (ed. Francisco Pastor), Lisboa: Empreza Litteraria Luso-Brazileira, 1883, p. 56.

Posterior à edição das *Rimas*, esta cópia apresenta algumas corruptelas.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 99.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Unico remedio A [Vinho e fel] XXVI BCD

1. tristeza, A tristeza B tristeza, CD
2. voluptuosas, A voluptuosas B voluptuosas, CD
3. Vae de A Vae do BCD
12. condemnado, A condemnado; B condemnado CD
13. prohibido, A prohibido BCD

*Data.* 25 de Fevereiro de 1873. A □ BCD

## [XXVII – Ia o sol desmaiando no occidente,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Harpa: Semanario de Litteratura* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.]. Série II, 1875, n.º 1, p. 4. Vd. descrição no n.º 23.

B – *A Republica das Letras: Periodico Mensal de Litteratura* (dir. João Penha), Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira. Ano I, n.º 2 (maio de 1875), pp. 33-34.

Vd. descrição no n.º 18.

Este poema surge impresso imediatamente a seguir a um outro soneto de E. A. Vidal, intitulado “A raposa e as uvas”.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 61-62. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 55-56. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 59-60. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Theophilo Braga, *Parnaso Portuguez Moderno*, Lisboa: Francisco Arthur da Silva Editor, 1877, pp. 131-132.

Trata-se de uma cópia híbrida, que combina a versão d’ *A Republica das Letras* com variantes a partir d’ *A Harpa*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 101.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* Novo Petrarca AB [Vinho e fel] XXVII CDE

1. «Ia A – «Ia BC Ia DE
2. «Ah! A – Ah! BCD «Ah! E
4. eternamente. A eternamente!» BC eternamente! – D eternamente!» E
5. Fez-se em minh'álma a luz. Dum poema ingente A «Fez-se em minh'álma a luz. Um poema ingente BC Fez-se em minh'álma a luz. Um poema ingente, DE
6. Inspirado encetei desde esse instante. A O labor encetei desde esse instante: B Inspirado encetei desde esse instante. CDE
7. Aqui o tens completo; A Aqui o tens, oh musa; BC – Aqui o tens, oh musa; D «Aqui o tens, oh musa; E
8. ardente.» ABC ardente. – D ardente.» E
9. trovador: «No A trovador: – «No BC trovador: – No D trovador: «No E
10. consagrada ABC consagrada, DE
11. d'amor infindo. A de amor infindo.» BC de amor infindo... – D de amor infindo...» E
12. voz fagueira A voz dôce B voz fagueira CDE
13. «Oh! como és bom; e que poema lindo... A – «Oh! como és bom, e que poema lindo: BC – Oh! como és bom, e que poema lindo: D «Oh! como és bom, e que poema lindo: E
14. Excede a Joven Lilia abandonada!» A Excede a Joven Lilia abandonada!...» B «Excede a Joven Lilia abandonada!» C – Excede a *Joven Lilia* abandonada! – D Excede a *Joven Lilia* abandonada!» E

*Data.* Março de 1875. A □ BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira, datada de março de 1875, saiu n' *A Harpa* de Joaquim de Araújo; a segunda foi publicada na *Republica das Letras*, em maio do mesmo ano, e é a que encontramos também documentada, com pequenas variantes, no manuscrito da BPMP, bem como nas edições das *Rimas*, ocupando a vigésima quarta posição do conjunto “Vinho e fel”. As pontuais alterações introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

João Penha refere-se ao contexto de publicação deste soneto, em carta enviada a Joaquim de Araújo. A missiva, pertencente ao espólio de Alberto Correia, encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-COR-I-32. Trata-se de um bifólio de papel pautado, escrito apenas de um lado (f. 1r), a tinta preta, e onde se lê:

*Amigo Araujo.*

*Ja tencionava dizer no 2.º n.º da Republica alguma coisa da Harpa; pela razão seguinte.*

*Nesse n.º sae um soneto do Vidal em que elle mette uma farpa nos homens da Idea Nova. O novo Petrarca estava mesmo talhado para servir de resposta no referido soneto. Mandeí portanto que se publicasse, tencionando na glosa das ultimas linhas dar satisfação á Harpa da transcripção d'um soneto que eu lhe havia offerecido.*

*Lá verá.*

*Não respondo hoje ao resto da sua carta, porque escrevo a toda a pressa. Aqui me tem ás suas ordens.*

*Seu amigo e ad.<sup>dor</sup>*

*J. P.*

Com efeito, João Penha fez publicar o “Novo Petrarca” no n.º 2 da *Republica das Letras*, imediatamente a seguir a este soneto de Eduardo Augusto Vidal (\*1841 †1907):

*A raposa e as uvas*

*Dizem que as musas castas d'outras eras  
Devem metter-se agora a petroleiras,  
E esfolharem-se as vívidas roseiras,  
Enfeite das caducas primaveras;*

*Que o tempo das visões e das chimeras  
Desfez-se, á luz das cousas verdadeiras,  
Que é nescio o amor, que as aves são palreiras,  
E que ninguem se importa com as espheras.*

*Eu ouço dizer isto em rima varia,  
E, emfim, que é bom pôr termo a tantas pêtas,  
Que a idéa nova é nova... e proletaria.*

*Ó Herodes crueis das borboletas!  
Quem vos déra a varanda solitaria  
Onde scismam as pallidas Julietas!*

## 28

## [XXVIII – Não me illudem, mulher, o fingimento,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 3, p. 24. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série II.

B – *Museu Illustrado: Album Litterario* (dir. David de Castro), Porto: Typographia Commercial Portuense. Ano I, fasc. 6 (maio de 1878), p. 36. Vd. descrição no n.º 31.

Depois de transcrito o poema, lê-se a seguinte anotação: «*Lear* pronuncia-se: *lir*».

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 63-64. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 57-58. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 61-62. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Jornal da Manhã*, Porto: [s.n.]. Ano 21, n.º 9 (20 de janeiro de 1892), p. 1. Trata-se de uma versão adulterada das *Rimas*. Apresenta erros importantes, nomeadamente na transcrição do v. 11: “Um ai! tremendo, um temeroso grito!”
- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 546. Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 103. Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

**Aparato genético**

*Título.* Desenlace AB [Vinho e fel] XXVIII CDE

1. illude, A illudem, BCDE
2. Os enganos ABC E os enganos DE
4. firmamento! AB firmamento. CDE
6. Como Lear A Como o rei Lear BC Como o Rei Lear DE
10. d'um ABC de um DE
12. harpejo! A arpejo: B arpejo! CDE
13. Quero deixar o nosso poema escripto A E eterno fique o nosso poema escripto... BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1870; a segunda encontra-se documentada no fascículo 6 do *Museu Illustrado*, no manuscrito da BPMP e é também a que aparece, com pequenas variantes, nas edições das *Rimas*, ocupando a vigésima oitava posição do conjunto "Vinho e fel". As mudanças introduzidas pelo autor envolvem as operações sintagmáticas da adição e substituição.

## 29

## [XXIX – Que formosura esplendida! O propheta]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série V, 1873, n.º 2, p. 16. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série V.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 67-68. Vd. descrição no n.º 1.

O soneto apresenta as quadras dispostas na metade inferior da página ímpar e os tercetos na metade superior do respetivo verso. Na numeração seguida pelo manuscrito, a vigésima nona posição surge em branco, estando a folha anterior por preencher.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 59-60. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 63-64. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 173 (17 de dezembro de 1881), p. 3.

Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 105.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Alemtejana A [Vinho e fel] XXX B [Vinho e fel] XXIX CD

1. Propheta AB propheta CD
4. ideal AB ideal, CD

6. inconstancia; A inconstancia, **BCD**
  7. com a fragrancia A como fragrancia B como a fragrancia **CD**
  10. Esse teu labio de coral fingia A Inda ha pouco fingias os desmaios, **BCD**
  11. Ha pouco a falla das paixões sinceras! A As doces falas das paixões sinceras; **BCD**
  12. Que prodigio de estranha phantasia! A Mas, eram d'uma Circe os crús ensaios: B Mas, – eram de uma Circe os crús ensaios: **CD**
  13. Tu, nova Circe, tão sómente esperas A Transformar-me n'um cérdo, eis o que esperas, **BCD**
  14. Mudar-me em pôrco, devorar-me um dia! A Que o teu ideal é devorar-me... em paios! B Que o teu capricho é devorar-me... em paios! **CD**
- Data.* Coimbra 11 de Março de 1873. A □ **BCD**

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira, intitulada “Alemtejana”, saiu n’*A Folha*, em 1873; a segunda é a que aparece no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, integrada no conjunto “Vinho e fel”. As mudanças introduzidas pelo autor envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação.

## 30

[XXX – Mulher, vejo-te nua, embora escondas,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série IV, 1872, n.º 2, p. 16. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série IV.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 61-62. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 65-66. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, pp. 549-550.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 107.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Como tantas A [Vinho e fel] XXXI B [Vinho e fel] XXX CD

1. escondas AB escondas, CD
2. tristeza AB tristeza CD
3. da A de B da CD
4. hediondas. A hediondas B hediondas. CD
5. enganando-me, A enganando-me B enganando-me, CD
7. Suppões-me como o doge de Veneza AB Suppões-me, como o doge de Veneza, CD
10. tarde, nos palcos da cidade, A tarde nos palcos da cidade B tarde, nos palcos da cidade, CD

*Data.* 19 de Fevereiro de 1872. A □ BCD

## 31

[XXXI – Mais um anno que finda! E nem ao menos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 12, p. 96. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d' *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – *Museu Illustrado: Album Litterario* (dir. David de Castro), Porto: Typographia Commercial Portuense. Ano I, fasc. 1 (dezembro de 1877), p. 36.

Dirigido por David de Castro, este periódico mensal contou com duas séries, publicadas entre dezembro de 1877 e 1879. Imprimia-se em formato pequeno (de 29 cm), reunindo colaboração de vários nomes de prestígio nas letras da altura.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 71-72. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 63-64. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 67-68. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanak do Povo para 1879* (coord. Pinto Malheiros), Porto: [s.n.], 1878, pp. 30-31.

Trata-se de uma cópia d' *A Folha*, embora com ligeiras corruptelas.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 109.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XVI A Eremita B [Vinho e fel] XXXII C [Vinho e fel] XXXI  
DE

1. anno acabado! e A anno que finda! E BCDE
2. sombria, AB sombria C sombria, DE
3. dia, AB dia C dia, DE
7. E solitario, AB E, solitario, CDE
10. Embebido nos canticos supernos, A Que na Thebaida os membros nús flagella,  
B Que na Thebaida os membros nus flagella C Que na Thebaida os membros  
nús flagella, DE
11. Abandonada a geração precita. A Se ás tentações da carne o Mal o excita; BC  
Se á tentação da carne o Mal o excita; DE
12. Pois quero, para assombro dos infernos, A Que só quero, bem longe da pro-  
cella, BCDE
13. Por cilicio, qualquer mulher bonita, A Por cilicios, os braços de Pepita; BCDE
14. Por evangelho, a taça dos falernos. A Por livro d'orações – os labios d'ella!  
BCDE

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1869; a segunda é a que aparece no *Museu Illustrado* (em dezembro de 1877), no manuscrito da BPMP e depois nas edições das *Rimas*, ocupando a trigésima primeira posição no conjunto “Vinho e fel”. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição, estando as alterações mais profundas concentradas nos tercetos.

## [XXXII – És da raça dos Borgias. O amavio,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 2, p. 1. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série II.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 73-74. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 65-66. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 111.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Antídoto A [Vinho e fel] XXXIII B [Vinho e fel] XXXII CD

1. amavio, A amavio B amavio, CD
2. tranquilla, A tranquilla B tranquilla, CD
3. Nos invernos da sombra, a flor A Como um vento de morte, a flór BCD
7. A virgem... era um átomo d’argilla, A A virgem – era um átomo d’argilla, B  
A virgem era um átomo de argilla C A virgem era um átomo de argilla, D
9. Mas a AB Mas, a CD
13. Numa hespanhola tenho a flux a triága, A Vês aquella hespanhola? eis a triaga, BCD
14. E nos bôjos da âmphora vetusta. A O meu remedio, que a tomar não custa. BCD

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira saiu n’*A Folha*; a segunda é a que aparece no manuscrito da BPMP e depois nas edições das *Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 33

## [XXXIII – Partiu! E nem sequer uma lembrança]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 10, p. 80. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto não aparece publicado na sequência “Vinho e fel” (trazida a lume na série I, de 1868), mas isoladamente, na série III.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 75-76. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 67-68. Vd. descrição no n.º 1.

Este é um dos 34 sonetos que, no livro, integram o conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70). Foi acrescentado à sequência original d’ *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 71-72. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 94 (14 de setembro de 1881), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.
- *Almanach dos Theatros* (fund. F. A. de Mattos; ed. Leonildo de Mendonça e Costa), Lisboa: Typographia de S. F. R. Teixeira. Ano XXII (1912), p. 29.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 113.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Templo deserto A [Vinho e fel] XXXIV B [Vinho e fel] XXXIII CD

1. Partiu! e AB Partiu! E CD
2. ditoso AB ditoso, CD

3. Onde no enlêvo d'um amor furioso **AB** Onde, no enlevo d'um amor furioso,  
**CD**
  5. Pobre do que **A** Pobre de quem **BCD**
  9. Partiu! e **AB** Partiu! E **CD**
  10. Da plangente rebeca **AB** Do plangente violino **CD**
  14. Formosa **AB** formosa **CD**
- Data.* 2 de Junho de 1871. **A** □ **BCD**

## [XXXIV – Da primavera a luz vivificante]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 20, p. 160. Vd. descrição no n.º 1.

Este foi um dos 25 sonetos que João Penha publicou na série I d’ *A Folha*, sob o título “Vinho e Fel”.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 77-78. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 1.

Este soneto aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 1-70), mas com nova ordenação, relativamente a *A Folha*.

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 73-74. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinho e fel” (pp. 5-74).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 115.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* [Vinho e fel] XXV A [Vinho e fel] XXXV B [Vinho e fel] XXXIV CD

6. touro AB toiro CD

7. flauta em que dedilha AB flauta, em que dedilha, CD

11. amarulentas... ABC amarulentas. D

12. esplenda A Esplenda BCD

## [I – Recordações]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 1, p. 8. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 83-86. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 73-75. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 77-79. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Ano IV, n.º 81 (1 de junho de 1902), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- *Vimaranense: Semanario Independente, Litterario, Noticioso e Defensor dos Interesses Locaes* (dir. Custodio dos Santos Lima Guimarães), Guimarães: [s.n.]. Ano II, n.º 71 (24 de fevereiro de 1917), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas sem a dedicatória e com pequenas corruptelas.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 119-121.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Recordações nocturnas A [Violão nocturno] I Recordações BCD

*Dedic.* □ A A Gonçalves Crespo BCD

*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*

1. póde os lances A póde as scenas BCD
2. damas A damas, BCD

4. fallas A fallas, BCD
  5. salas A salas, BCD
  7. arte e linha a linha A arte, e linha a linha, BCD
  10. d'Almavivas, AB de Almavivas, CD
  12. d'amor. A do amor. BCD
  13. vezes á A vezes, da BCD
  14. Para AB – Para CD
  15. pomar, AB pomar, – CD
  17. margarita ABC margarita D
  20. Não tivemos, por ultima doçura, A Recebemos, por ultima doçura, B Não recebemos, por final doçura, CD
  21. destreza AB destreza, CD
  22. chinesa AB chinesa, CD
  23. matiz! ABC matiz! D
  31. ondeante, A ondeante B ondeante, CD
  32. d'um AB de um CD
  34. Julietta A Julietta, BCD
  37. noutes d'amor! AB noites de amor! CD
  40. Lovelace A Lovelace, BCD
  42. fugaz. A fugaz! BCD
- Data.* Coimbra, 20 de janeiro. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1871; a segunda é a que aparece documentada no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a primeira posição de “Violão nocturno”. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 4, p. 32. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 87-89. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 76-78. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 80-82. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach dos Estudantes para 1872* (ed. A. Sergio de Castro e A. B. Rodrigues), Coimbra: Imprensa da Universidade. Ano I, 1871, pp. 186-187.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 206 (26 de janeiro de 1882), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.
- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano II, n.º 458 (20 de julho de 1893), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas sem título e com algumas corruptelas.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1568 (20 de junho de 1896), pp. 1-2.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Folha*, mas com algumas corruptelas.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 123-125.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* Rivaes A [Violão nocturno] II Rivaes BCD

*Dedic.* □ A (<A Joaquim d’Araujo> [↑A Candido de Figueiredo]) B A Candido de Figueiredo CD

*Em B, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*

2. O primor das margaritas: A Duas bellas margaritas: BCD

3. brilhantes AB brilhantes, CD

4. Deus A deus BCD

5. loira, timorata; A loira, timorata, BC loira, delicada, D

6. E mais fria e taciturna AB E tão nebulosa e mésta CD

7. Do que as Noivas da ballata AB Como as Noivas da ballata, C Como as Noivas da ballada, D

8. Da triste dança nocturna. AB Resurgentes na floresta. CD

9. riso honesto, AB riso brando, CD

10. tranquillo; AB tranquillo, CD

11. E no marmóreo do gesto AB E vê-se-lhe o corpo, olhando CD

12. Vencera a Estatua de Milo. A Vencera a deusa de Milo. B A deusa eterna de Milo. CD

13. flores AB flôres, CD

14. valsas; AB valsas, C valsas; D

15. Mas no AB Mas do C Mas, do D

16. falsas! AB falsas. CD

*Em A, segue-se uma linha separadora entre a quinta e a sexta quadras.*

20. De Jorge de A De □ de B De Felix de C De Jorge de D

22. sinta AB sinta, CD

23. leque AB leque, CD

25. flores AB flôres, CD

27. Mas ABC Mas, D

30. O primor das margaritas: A Duas bellas margaritas: BCD

31. brilhantes AB brilhantes, CD

32. Deus A deus BCD

*Data.* 28 de fevereiro de 1871. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu n’*A Folha*, em 1871 e aparece também documentada, com algumas variantes, no manuscrito da BPMP; a segunda é a que encontramos nas edições das *Rimas*, ocupando a segunda posição de “Violão nocturno”. As alterações introduzidas pelo autor concentram-se no nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Entre o epistolário de João Penha guardado no Arquivo Distrital de Braga encontram-se duas cartas remetidas pela casa editora Avelino Fernandes & C.<sup>a</sup>, mencionando a revisão tipográfica de Cândido de Figueiredo ao livro das *Rimas*. A primeira (com a cota ADB, Ms. 558<sup>9</sup>, 9-10) está datada de 24 de agosto de 1882 e é ainda anterior ao envio das provas, enquanto a segunda (com a cota ADB, Ms. 558<sup>maço 9</sup>, 11) apresenta a data de 12 de outubro de 1882, sendo já posterior ao exame deste filólogo a quem Penha confiara a revisão do seu primeiro livro.

Cândido de Figueiredo fora também o substituto interino de João Penha, na direção d' *A Folha*, quando o poeta se ausentava de Coimbra (vd. expedientes d' *A Folha*, série III, n.<sup>os</sup> 11 e 12, 1871).

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série IV, 1872, n.º 4, p. 32. Vd. descrição no n.º 1.

B – *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: Typografia Lealdade. N.º 308 (19 de janeiro de 1879), p. 1. Vd. descrição no n.º 21.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 90-91. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 79-80. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 83-84. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Diario Nacional* (red. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.]. Ano II, n.º 14 (27 de março de 1884), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- *Almanach Litterario e Charadistico para 1885* (ed. Matheus Peres), Lisboa: Livraria Bertrand, ano IV, 1884, p. 210.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com variantes de pontuação.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 127.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Loa A Mariquita B [Violão nocturno] III Mariquita C [Violão nocturno] III Conchita DE

1. primavera ABC primavera, DE
5. linda ABCD linda, E
8. chimera! A chimera. B chimera! CDE
11. esmola, ABC esmola DE

*Data.* Coimbra, 9 de abril de 1872. A □ BCDE

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série IV, 1872, n.º 5, p. 40. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 92-93. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 81-82. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – *Um Brinde às Damas Bracarenses Offerecido no Primeiro de Dezembro de 1882*, Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1882.

Editado pela Comissão Instaladora da Sociedade Philantropico-Academica de Braga, este número único foi o primeiro de uma série de volumes comemorativos do 1.º de dezembro, que a academia bracarense publicou entre 1882 e 1935. Trata-se de um opúsculo com 32 páginas de 24 cm, onde se acolhem colaborações em prosa e verso, alusivas à efeméride. Segundo notícia do *Commercio do Minho*, o volume foi distribuído às damas pelos estudantes, cujo cortejo percorreu as ruas da cidade, em corolário às cerimónias evocativas.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 85-86. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 39.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 129.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* A Camena A [Violão nocturno] IV A Camena BC Nova Musa D [Violão nocturno] IV A Camena E

*Dedic.* □ A (A Augusto <Vidal>) [↑Guerra Junqueiro)] B A Guerra Junqueiro C □ D A Guerra Junqueiro E

*Em B, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*

2. musa ABC Musa D musa E

9. E ao labio A E aos labios BCDE

10. Eleva airosa e rindo AB Eleva, airosa e rindo, CDE

11. O copo da A Um copo de B O copo de C O copo da DE

*Data.* 10 de maio de 1872. A □ BCDE

## 39

[V – Rimance]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há seis testemunhos diretos: um manuscrito e cinco impressos:

A – *O Povo: Jornal Bimensal Dedicado às Classes Operarias* (dir. Joaquim Valle, Faustino Sarmento), Coimbra: Typographia de Santos & Silva. N.º 6 (31 de outubro de 1866), p. 70.

Dirigido pelos estudantes Joaquim Valle e Faustino Sarmento, este periódico bimensal publicou-se em Coimbra, ao longo do ano de 1866. Tinha formato pequeno (de 27 cm), acolhendo nas suas páginas não apenas o noticiário geral, como também diversas colaborações literárias.

B – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1868, n.º 4, pp. 30-31. Vd. descrição no n.º 1.

C – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 66. Vd. descrição no n.º 7.

No longo artigo que dedica a João Penha (em julho de 1878), Gonçalves Crespo alude a uma versão intitulada “A trança de Maria”, embora se limite a transcrever a quinta quadra do poema.

Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

D – BPMP, Ms. 2012, pp. 94-95. Vd. descrição no n.º 1.

E – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 83-85. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

F – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 87-89. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 425. [1.ª ed. 1897]

Trata-se de uma cópia da versão publicada no artigo d' *A Renascença*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 131-133.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* Os cabellos de Maria AB A trança de Maria C [Violão nocturno] V Rimance DEF

*Dedic.* □ ABC (A <Guimarães França>) [↑A Augusto Vidal] D A E. A. Vidal EF  
*Em D, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*

1-16. *Estes versos estão ausentes em C.*

3. d'Abril AB □ C d'abril DEF

6. Nas ondas parece o mar...; AB □ C Em ondas parece o mar: DEF

8. que penso e que scismo. AB □ C que penso e que scismo. D que procuro e scismo. EF

17. Tal a flácida lampreia AB Qual a flascida lampreia C Tal em Clubin, que perneia, DEF

18. Se curva em laços na poça, AB Se enrosca, aos saltos, na pôça, C O pôlvo d'Hugo se enlaça; D O polvo de Hugo se enlaça, EF

19. Tal nas espaldas da moça AB Tal nas espaduas da moça C Tal na bella, ideal de graça, DEF

21-36. *Estes versos estão ausentes em C.*

21. «Um gentil-homem de França, AB □ C Um gentil-homem de França D Um gentil-homem de França, EF

22. dentista, AB □ C dentista D dentista, EF

23. Amou com amor d'artista AB □ C Amou com amor d'artista D Amou, com amor de artista, EF

24. Amou com amor d'artista AB □ C Amou com amor d'artista D Amou, com amor de artista, EF

25. «Que paixão tão aziaga! AB □ C Que paixão, que sorte aziaga! DEF

27. amasse A amasse, B □ C amasse, DEF

29. «Hoje ainda o AB □ C Inda agora o DEF

31. Um dente já sem raiz, AB □ C Um queixal já sem raiz D Um queixal já sem raiz, EF

32. amante.» AB □ C amante.» D amante. EF

35. d'Abril AB □ C d'abril DEF

*Data.* 64. A □ BCDEF

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira, intitulada *Os cabellos de Maria*, saiu n' *O Povo*, em 1866, sendo depois reproduzida n' *A Folha*, em 1871; a segunda é a que encontramos documentada, com pequenas variantes, no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a quinta posição da série “Violão nocturno”. As alterações introduzidas pelo autor concentram-se no nível sintagmático da substituição.

## 40

## [VI – Ballada]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 5, p. 40. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 98-101. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 86-89. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 90-93. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 66.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 849 (9 de fevereiro de 1889), p. 3.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 425-426. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3898 (14 de dezembro de 1900), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- *Almanach Bertrand para 1920* (coord. Fernandes Costa), Lisboa-Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand. Ano XXI, 1919, p. 271.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com ligeiras variantes de pontuação e grafia.
- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, pp. 546-547.

Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d' *A Folha*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 135-140.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

#### Anotação textual: emendas

22. rei] ABC; sei

#### Aparato genético

*Título.* Ballada A [Violão nocturno] VI Ballada BCD

*Dedic.* □ A (A Ramalho Ortigão) B A Ramalho Ortigão CD

*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*

5. rufe AB rufe, CD  
 6. linda AB linda, CD  
 9. dos monges venerandos A de monges venerandos B de monges venerandos, CD  
 10. demonio tentações levará: A demonio tentações levará. B demonio, tentações levára. CD  
 11. d'uns AB de uns CD  
 13. pé, nesse mimo sem quilate, A pé, arma branca de combate, BCD  
 16. Das glorias AB Às glorias CD  
 17. nega sem medir a affronta A nega, sem medir a affronta, BCD  
 20. tomar-lhe o contôrno da A tomar-lhe a medida da BCD  
 22. rei, salvé, rainha!»; A rei, salvé, rainha!» BC sei, salvé, rainha!» D  
*Em D, a variante resulta de gralha tipográfica.*  
 25. flexível A flexível, BCD  
 35. Mas interrompa-se a epopea lesta A Mas, interrompa-se a epopea lesta, BCD  
 36. Vesta. A Vesta! BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1870; a segunda é a que encontramos documentada, com pequenas variantes, no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a sexta posição da série “Violão nocturno”. As alterações introduzidas pelo autor concentram-se no nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 3, p. 24. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 102-105. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 90-92. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 94-96. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 191 (9 de janeiro de 1882), p. 3.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 141-143.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Vinga-te A [Violão nocturno] VII Vinga-te BCD

*Dedic.* □ AB A J. Frederico Laranjo CD

5. dos laços AB dos braços CD

6. amante, AB amante; CD

23. dois A dous BCD

28. ligas! AB ligas CD

29. N’essa múrmura deveza A D’essa múrmura deveza, BCD

*Data.* 16 de Fevereiro de 1871. A □ BCD

## [VIII – Scena campestre]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série V, 1873, n.º 4, p. 32. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 106-107. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 93-94. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 97-98. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Harpa: Semanario de Litteratura* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.]. Série I, 1873, n.º 7, p. 46.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.
- *Almanach das Senhoras Portuenses: Litterario, Scientifico e Recreativo* (dir. Albertina Paraiso), Porto: Imprensa Moderna. Ano II (1887), p. 183.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- BNMV, Ms. 12242, p. IV-V.  
Trata-se de uma cópia manuscrita, pertencente ao espólio de Joaquim de Araújo. Encontra-se assinada por João Penha, que no final faz a seguinte anotação: “(Copiado pela illustre poetiza D. Zulmira de Mello)| (Das Rimas) Está conforme”.
- *Jornal da Manhã*, Porto: [s.n.]. Ano 21, n.º 39 (14 de fevereiro de 1892), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 145.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

**Aparato genético**

*Título.* Scena campestre A [Violão nocturno] VIII Scena campestre BCD

*Dedic.* □ A (A Joaquim d'Araujo) B A Joaquim de Araujo CD

*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*

2. n'aldeia! AB na aldeia! CD

4. D'amor AB De amor CD

6. Sorriste, Galathêa? A <Sorr>/Riste\[\leftarrow Tu], Galathêa? B Tu ris-te, Galathêa?  
CD

8. alegria. AB alegria C alegria. D

9. Descance agora taça; A Repouse agora a taça, BCD

11. ciume não devassa, A ciume [↑inveja] não devassa B ciume não devassa, CD

12. Provemos que a A Gozemos a BCD

13. Nem sempre é luz que A Que é sonho bom, que B Que é sonho bom que  
CD

14. Ou bem que pouco dura! A <Q>/E\ é sonho enquanto dura! B Que é sonho  
emquanto dura! CD

*Data.* Coimbra 30 de Março de 1873. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste sonetinho; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1873; a segunda é a que encontramos documentada, com pequenas variantes, no manuscrito da BPMP e nas edições das *Rimas*, ocupando a oitava posição da série "Violão nocturno". As alterações introduzidas pelo autor concentram-se no nível sintagmático da substituição.

## 43

## [IX – Amor funesto]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 6, pp. 47-48. Vd. descrição no n.º 1.

B – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 95-99. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

C – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 99-103. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 147-151.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Amor funesto A [Violão nocturno] IX Amor funesto BC

*Dedic.* □ A A Simões Dias BC

6. o porto A o peito BC

8. brejos; AB brejos, C

9. Ora da côr dos rozaes, A Ora em chammas encendida, BC

10. □ A Da viva côr das romãs; BC

*Este verso está ausente em A.*

11. Ora da côr amarella A Ora fria e esmorecida, BC

12. □ A Como as esposas sem vida BC

*Este verso está ausente em A.*

13. Dos bentos cirios pascaes. A Das balladas allemãs. BC

15. D’um A De um BC

19. floresta, A floresta BC

22. poeta, A poeta B poeta, C

23. esferas A esferas, BC  
 26. divina A divina, BC  
 33. sombria. A sombria: BC  
 34-83. *Esta passagem retoma os vv. 78-129 do poema VIII editado no n.º 531.*  
 34. «Amor A – «Amor BC  
 37. nescias, A necias, B nescias, C  
 46. mentira A mentira, BC  
 54. d'orgias hórridas A de orgias hórridas, BC  
 63. creança, A creança: BC  
 67. d'oiro A de oiro BC  
 68. grinalda A grinalda, BC  
 75. invejada; A invejada, BC  
 80. *Entre os versos 80 e 81, acrescentem os seguintes, em A:*  
 Ter abundantes presuntos  
 De porcos alentejanos;  
 81. Viver emfim A Viver, emfim, BC  
 82. Dos futuros AB De futuros C  
 83. vida.» A vida.» – B vida.» C  
 89. o porto A o peito BC  
 92. Ora da cor dos rozaes, A Ora, em chamma encendida, BC  
 93. □ A Da viva côr das romãs; BC  
*Este verso está ausente em A.*  
 94. Ora de côr amarela A Ora fria e esmorecida, BC  
 95. □ A Como as esposas sem vida BC  
*Este verso está ausente em A.*  
 96. Dos bentos cirios pascaes. A Das balladas allemãs. BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu n' *A Folha*, em 1870, e a segunda é a que encontramos documentada nas edições das *Rimas*, ocupando a nona posição da série "Violão nocturno". As mudanças introduzidas pelo autor concentram-se no nível sintagmático da adição e substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 7, p. 56. Vd. descrição no n.º 1.

B – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, p. 100. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

C – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, p. 104. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 176 (21 de dezembro de 1881), p. 2.

Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 153.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Brinde secreto A [Violão nocturno] X Brinde secreto BC

2. d’um A de um BC

5. jugo que sonhou tão lindo! A jugo, que sonhou tão lindo, BC

7. sorrindo A sorrindo, BC

*Data.* 18 de Abril de 1871. A □ BC

## 45

## [XI – Nupcias]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 2, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 1.

B – *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: Typografia Lealdade. N.º 454 (27 de julho de 1879), p. 1. Vd. descrição no n.º 21.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 108-111. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 101-103. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 105-107. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 189 (5 de janeiro de 1882), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 155-157.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Anotação textual: emendas

16. dos amores.] ABCD; do amores.

## Aparato genético

*Título.* Nupcias AB [Violão nocturno] IX Nupcias BC

*Dedic.* □ AB (A Augusto Sarmento) C A Augusto Sarmento DE

*Em C, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*

1. trança, A trança BCDE

3. lança, **A** lança: **B** lança, **C** lança: **DE**
5. Eu era o fátuo Narciso **A** Eu era fátuo Narciso **B** Eu era o fátuo Narciso **C** Eu era o fátuo Narciso, **DE**
12. Das Galateas esquivas. **A** De Galathêas esquivas. **BCDE**
13. dia **A** dia, **B** dia **C** dia, **D** dia **E**
16. dos amores. **ABC** do amores. **D**  
*Em D, a variante resulta de gralha tipográfica.*
18. preço; **A** preço, **BCDE**
25. Assim no esconso fastigio **ABC** Assim, no esconso fastigio, **DE**
29. Assim no bosque ondeante **AB** Assim no bosque ondeante distante **C** Assim, no bosque distante, **DE**
33. Fiquei **A** Eis-me **B** Fiquei **CDE**
34. passado: **A** passado, **B** passado: **CDE**
36. algemado. **A** algemado! **B** algemado. **CDE**
37. trança, **AB** trança **CDE**
39. lança **A** lança... **B** lança **CDE**
- Data.* 5 de Fevereiro de 1871. **A** □ **BCDE**

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 112-114. Vd. descrição no n.º 1.

B – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 104-105. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

C – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 108-109. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 159-161.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* [Violão nocturno] X Á beira-mar A [Violão nocturno] XII Á beira-mar BC

*Dedic.* (<A Alberto Telles> [↓ A Manuel Duarte d’Almeida]) A A Manuel Duarte de Almeida BC

*Em A, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*

1. tristeza A tristeza, BC
2. longe nas A longe, nas BC
- 5-8. *Estes versos estão ausentes em A, sendo substituídos por um espaço em branco.*
10. poesia: A poesia; BC
- 13-16. *Estes versos estão ausentes em A, sendo substituídos por um espaço em branco.*
25. tristeza A tristeza, BC
26. longe nas A longe, nas BC

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira, incompleta, surge documentada no manuscrito da BPMP, ocupando a X posição do conjunto “Violão nocturno”. A segunda é a que aparece nas edições das *Rimas*, reposicionada na décima segunda posição da mesma série. As mudanças introduzidas pelo autor concentram-se ao nível dos processos amplificadores (adição).

## [XIII – Tudo escurece]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: Typografia Lealdade. N.º 314 (26 de fevereiro de 1879), p. 1. Vd. descrição no n.º 21.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 115-116. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.<sup>a</sup> Editores, 1882, pp. 106-107. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.<sup>a</sup> ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 110-111. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Defensor do Povo: Bi-Semanario Republicano* (red. Heliodoro Salgado), Coimbra: [s.n.]. Ano I, n.º 91 (1 de junho de 1893), p. 2.

Trata-se de uma cópia do *Diário do Minho*, mas sem dedicatória e com algumas corruptelas.

- *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal para o Anno de 1903* (ed. José Antonio Sanches), Lisboa: Companhia Nacional Editora. Ano III, 1902, p. 53.

Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com algumas corruptelas, incluindo ausência de dedicatória.

- *Jornal de Braga: Orgão do Partido Regenerador de Braga*, Braga: [s.n.]. Ano VIII, n.º 481 (15 de março de 1908), p. 1.

Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas sem a dedicatória.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 163.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Tudo escurece A [Violão nocturno] XI Tudo escurece B [Violão nocturno]  
XIII Tudo escurece CD

*Dedic.* (A uma ingleza) A (A Bernardino Machado) B A Bernardino Machado CD

*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*

1. Não podes ser amada. A Não podes ser amada. [↑Ninguem te póde amar.]  
B Ninguem te póde amar. CD
7. taça d'um A taça do BCD
9. algente, A algente B algente, CD
11. ardente; A ardente. BC ardente; D
12. pando Bull A loiro Bull BCD

Podemos distinguir duas versões deste soneto. A primeira saiu no *Diario do Minho*, em 1879; a segunda é a que aparece integrada no conjunto “Violão nocturno”, conforme documentado no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se no nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 10, p. 80. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 117-119. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 108-109. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 112-113. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 65.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- *O Defensor do Povo: Bi-Semanario Republicano* (red. Heliodoro Salgado), Coimbra: [s.n.]. Ano II, n.º 117 (31 de agosto de 1893), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas sem dedicatória e com pequenas corruptelas.
- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 420-421. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 14 de outubro de 1906, p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com variantes de pontuação.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 165-167.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

**Aparato genético**

- Título.** Honesta! A [Violão nocturno] XII Honesta! B [Violão nocturno] XIV Honesta!  
CD
- Subttít.** (C.) A □ BCD
- Dedic.** □ A (A Alberto Telles) B A Alberto Telles CD  
*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*
5. farça, A farça BCD
6. O casto veu das amantes, A □ B Do casto amor das amantes, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
7. esparsa, A esparsa B esparsa, CD
10. D'uma AB De uma CD
12. O «lasciate ogni speranza»! AB O /lasciate ogni speranza! *itálico*/ CD
15. tinge, A tinge BCD
16. lama! A lama. B lama! CD
18. nutante A nutante, BCD
19. Como o A Como um B Como o CD
21. Agora ABC Agora, D
22. desabrido, A desabrido; B desabrido: CD
25. plagas AB plagas, CD
27. vagas, AB vagas CD

## 49

## [XV – Lagrimas de crocodilo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 6, p. 48. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 120-123. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 110-112. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 114-116. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 65.  
Trata-se de uma cópia truncada, a partir d’ *A Folha*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 14 de outubro de 1906, p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 421-422. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 169-171.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Lagrimas de crocodilo A [Violão nocturno] XIII Lagrymas de crocodilo B [Violão nocturno] XV Lagrimas de crocodilo CD

*Dedic.* □ A (A Candido de Figueiredo) [↓ (A <Rocha> Luis de Andrade)] B A Luiz de Andrade CD

*Em B, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*

1. Maria! O pranto A Maria; o pranto B Maria: o pranto, CD
  2. lindos AB lindos, CD
  11. viva AB viva, CD
  16. vingar-te. A vingar-te B vingar-te. CD
  17. Não tens outro pensamento; A Não tens outro pensamento: B Nem tens outro pensamento; CD
  25. pranto AB pranto, CD
  26. lindos A lindos, BCD
  28. *Intercalada entre os versos 28 e 29, acresce em A a seguinte quadra, depois suprimida em BCD:*  
 E neste mundo formoso,  
 E nesta vida jocunda,  
 Tens certo o porvir ditoso  
 De princesa vagabunda.
  29. vento; AB vento: CD
  30. entristeças: AB entristeças C entristeças; D
  31. Vê que passa um regimento, A Vê: lá passa um regimento... B Vê: lá passa o regimento, C Vê: lá passa um regimento, D
  32. O pachá A Um pachá BC O pachá D
- Data.* Março de 1871. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1871; a segunda é a que aparece integrada no conjunto "Violão nocturno", conforme documentado, com ligeiras variantes, no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição e dos processos amplificadores (supressão).

## 50

## [XVI – Tempestades]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 7, pp. 55-56. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 124-128. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 113-115. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 117-119. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 14 de outubro de 1906, p. 2. Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 42-44. Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 173-175. Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Tempestades A [Violão nocturno] XIV Tempestades B [Violão nocturno] XVI Tempestades CD

*Dedic.* □ A (A <Anthero do Quental>) [↑ /\* Simões/ Dias] B A Anthero de Quental CD

*Em B, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*

10. copas, A copas B copas, CD
11. infaustos espectros AB espectros sinistros, CD
12. Involtos ABC Envoltos D
31. Dos funestos ABC De funestos D

32. bêbado AB bêbedo CD  
 34. taça, A taça B taça, CD  
 36. E nos sôrvos da cachaça ABC E por diabolica graça D  
 37. Hauriu as bôrras ABC Hauriu peçonhas D  
*Intercalada entre os versos 37 e 38, acresce em A a seguinte estância, depois suprimida em BCD:*  
 Assim o grou famulento  
 O pé recolhe tristonho,  
 O bico sacode ao vento,  
 Se como a visão d'um sonho  
 Viu sumir-se-lhe nas tocas  
 O caranguejo tardonho,  
 Já repleto de minhocas!
38. quem, A quem BCD  
 39. annos, AB annos CD  
 41. Dos ABC De D  
 42. paroxismos A paroxismos, BCD  
 48. tormenta: ABC tormenta; D

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1870; a segunda é a que aparece integrada no conjunto "Violão nocturno", conforme documentado, com algumas variantes, no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas ao longo das várias campanhas de revisão concentram-se em processos de redução ou supressão, bem como no nível sintagmático da substituição e reordenação.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 12, p. 96. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 129-132. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 116-118. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 71-118).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 120-122. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Violão nocturno” (pp. 75-122).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 66.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 423-424. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 14 de outubro de 1906, p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com variantes de transcrição.
- *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 3 (1 de março de 1899), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 177-179.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

- Título.* Ultimo adeus A [Violão nocturno] XV Ultimo adeus B [Violão nocturno] XVII Ultimo adeus CD
- Dedic.* (A C.) A (A <Luis /\* Jardim/>) [↑ (A Eça de Queiroz)] B A Eça de Queiroz CD
- Em B, a dedicatória aparece inserida e substituída em campanhas posteriores.*
2. choro A choro, BCD
  5. balladas, A balladas; B balladas, CD
  12. vento. ABC vento; D
  13. mimosas, A mimosas B mimosas, CD
  15. Hoje dura como AB Vive agora como CD
  18. vida AB vida, CD
  21. E quando afflicto e convulso A □ B E quando, triste e sereno, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  22. A quiz arrojao ao longe, A □ B Me quiz erguer contra a sorte, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  23. Senti-me escravo, e no pulso A □ B Já tinha na alma o veneno, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  24. Tinha os cilios d'um monge. A □ B No sangue o germen da morte. CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  25. perdão! A perdão, B perdão! CD
  33. Deu-mò ha pouco uma andalusa, A □ B Por um beijo, a uma andalusa CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  34. Que o recebeu d'um toureiro: A □ B O deu em paga um toureiro, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  35. E d'esta origem confusa A □ B E d'esta origem confusa CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  36. Vem-lhe um destino agoureiro. A □ B Provém-lhe um fim agoireiro. CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
  38. Que bem no fino thesouro! A Que bem no fino thesoiro! B Que bem n'essa trança d'oiro! CD
  39. Mas hade enfeitar ainda A Mas, hade enfeitar ainda... BCD
  40. touro...! A toiro! BCD
- Data.* Coimbra, sexta feira, 8, 1870. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1870; a segunda é a que aparece incluída no conjunto "Violão nocturno", conforme documentado, com significativas variantes, no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas ao longo das várias campanhas de revisão concentram-se ao nível sintagmático da substituição, bem como nos processos de desintegração e preenchimento dos vazios.

## [Onofre – I – Deitado sob um plátano frondoso,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Amigo do Estudo: Jornal Bimensal* (resp. A. M Seabra d’Albuquerque), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1867. N.º 7, pp. 51-52.

Este periódico bimensal, editado por A. M Seabra d’Albuquerque, fez dez números, publicados em formato pequeno (cerca de 27 cm de altura), a duas colunas.

B – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 5, pp. 38-39. Vd. descrição no n.º 1.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 137-143. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 121-125. Vd. descrição no n.º 1.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 125-129. Vd. descrição no n.º 1.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 183-189.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Onofre A Onofre: Poema heroe-comico B Onofre. C [Onofre] DE

*Subtít.* Canto primeiro AB (Canto primeiro) C I DE

2. D’Arcadia num reconcavo ignorado, A Da Arcadia num reconcavo ignorado, B Da Arcadia n’um reconcavo ignorado C Da Arcadia n’um recôncavo ignorado, DE
4. ensombrado; ABC ensombrado, DE
5. d’um ABC de um DE
6. infesta, o ABC estranha, o DE
7. Contando nesta minha erguida ABC Esperando que nesta erguida DE

8. Que o estro suppra a ABC Me suppra o estro a DE
9. Camenas, ABC camênas, DE
13. Desce e AB Desce, e C Desce e DE
15. enamorado, AB enamorado C enamorado, DE
17. pura A pura, BCDE
21. Que feche o cortinado á fôfa cama, AB Que feche o cortinado á fôfa cama C  
No leito cerre o cortinado á cama, DE
22. Mas não cubra na touca as louras tranças. AB Mas não cubra na touca as  
loiras tranças. C Mas não esconda em véus as loiras tranças: DE
23. Eu julgo até que pouco soffre o pejo, AB Eu julgo até que pouco soffre o pejo  
C Eu até julgo que pouco soffre o pejo, DE
25. Portanto não me negues o sorriso, AB Portanto não me negues o sorriso C  
Portanto, não me negues o sorriso DE
34. verdejante; ABC verdejante: DE
35. oh virgem, ABC oh musa, DE
39. hoje peço AB hoje imploro CDE
46. sybillinos, AB sybillinos C sybillinos, DE
47. Estacavam no gesto de quem pasma, AB Estacavam no gesto de quem pasma  
C Na postura ficavam de quem pasma DE
48. Julgando ver fatidico phantasma. ABC Em face de noctivago phantasma. DE
55. d'uma ABC de uma DE
61. Nelles erguia o ABC Erguia nelles o DE
66. e de ABC e do DE
67. E, AB E CDE
69. ouvir como estribilho ABC ouvir, como estribilho, DE
70. bruxedo; A bruxedo, BCDE
71. gentes, AB gentes C gentes, DE
73. «A lua, A A lua, BCDE
74. «Traz A Traz BCDE
75. «Faz correr na planicie o torvelinho; A Faz correr na planicie o torvelinho;  
BC Faz correr na planicie o torvelinho, DE
76. «Arroja A Arroja BCDE
77. «Nas A Nas BCDE
78. «Desarranjos A Desarranjos BCDE
79. «Que A Que BCDE
80. «Não maravilha mais que a dos orates.» A Não maravilha mais que a dos  
orates. BCDE
82. dialectica. ABC dialectica, D dialectica; E
88. esquerdo. AB esquerdo C esquerdo. DE
90. descera a inspirar-me AB descera a a inspirar-me C descera a inspirar-me
93. começada, AB começada CDE
94. de ignorados mares, AB d'ignorados mares C de ignorados mares, DE
96. Palinuro. A palinuro. BCDE

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira encontra-se documentada n' *O Amigo do Estudo* (em 1867), n' *A Folha* (em 1869) e no manuscrito da BPMP; a segunda é a que aparece publicada nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

No longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878, Gonçalves Crespo refere-se a “Onofre” como um dos mais antigos poemas que João Penha compôs em Coimbra, antes mesmo de assumir a direção d' *A Folha*:

Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Órgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63.

## [Onofre – II – Que tenebroso dia! a chuva em furia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Amigo do Estudo: Jornal Bimensal* (resp. A. M Seabra d'Albuquerque), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1867. N.º 8, pp. 58-59. Vd. descrição no n.º 52.

B – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 6, pp. 45-47. Vd. descrição no n.º 1.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 144-150. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 126-130. Vd. descrição no n.º 1.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 130-134. Vd. descrição no n.º 1.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 191-197.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Onofre A Onofre: Poema heroe-comico B [Onofre] CDE

*Subtít.* Canto segundo ABC II DE

2. gottejantes; ABC gottejantes, D gotejantes; E
3. O vento em rouca e funebre lamuria A O vento, em rouca e funebre lamuria, BCD
5. do regato, ABC do remanso, DE
6. espumantes. ABC espumantes; DE
9. rumorosos, AB rumorosos C rumorosos DE
12. E rebuçado em mantos ABC E envôlto em longos mantos DE
14. Pois não podem por vós ser inspirados. A Pois não podem por vós ser inspirados: BC Que não podem por vós ser inspirados: DE

15. Não é tão grande o estro e o meu ABC Não me acurva a tal ponto o meu DE  
 16. elles ABC elle DE  
 18. Defeitos a que tenho a mente dada, AB Defeitos a que tenho a mente dada  
 C Deixando sendas por mais ampla estrada, DE  
 20. No entrecho ABC No contexto DE  
 21. soffra primeiro ABC soffra, primeiro, DE  
 22. Que a leiteira me deu de A Que nos campos colhi de BC Que nos prados  
 colhi de DE  
 27. Esbelta e graciosa como a dhalia, AB Esbelta e graciosa como a dhalia C  
 Elegante e formosa como a dahlia DE  
 28. Que abre o calix ao ABC Que ergue a corolla ao DE  
 30. Sem os olhos e o riso divinal, ABC Sem a luz de seus olhos de mortal, DE  
 31. Por estatua d'um ABC Pela estatua de um DE  
 32. E natural tornara a idolatria. ABC Pela Venus da grega idolatria. DE  
 33. dourados ABC doirados, DE  
 35. Os olhos ABC Os seus olhos DE  
 36. lava. ABCD lava; E  
 39. E até, no brando leito adormecida, A E até no brando leito adormecida B E  
 até no brando leito adormecida, C E até no brando leito adormecida DE  
 40. Sorria, A Sorria BC Sorria, DE  
 42. Morava AB Morava, CDE  
 44. grande o quadro A grande quadro B grande o quadro CDE  
 46. d'ella. ABC d'ella; DE  
 48. d'um ABC de um DE  
 49. amante, AB amante C amante, DE  
 56. alumiado! ABC contemplado! DE  
 57. Leitora! AB Leitora, CDE  
 61. pois de face tão severa ABC pois, com face tão severa, DE  
 62. heroína; ABC heroína, DE  
 66. Eu A Um B Eu CDE  
 68. Obrar proezas ABC Fazer proezas DE  
 69. siga, AB siga C siga, DE  
 70. d'um Romeu a eterna fama, AB d'um Romeu a eterna fama C de um Romeu  
 a eterna fama, DE  
 71. profundo A perfundo B profundo CDE  
*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*  
 73. Portanto AB Portanto, CDE  
 77. Amalia, ABC Amalia DE  
 88. E, só longe d'alli, pára e A E só, longe d'alli, pára a B E só, longe d'ali, pára e  
 CDE  
*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*  
 94. taça, ABC taça; DE  
 95. E qual parte no campo o ABC E, qual rompe no campo um DE

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira encontra-se documentada n' *O Amigo do Estudo* (em 1867), n' *A Folha* (em 1869) e no manuscrito da BPMP; a segunda é a que aparece publicada nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

[Onofre – III – D'este copo de vinho generoso]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Amigo do Estudo: Jornal Bimensal* (resp. A. M Seabra d'Albuquerque), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1867. N.º 9, pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 52.

B – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 7, pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 1.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 151-157. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 131-135. Vd. descrição no n.º 1.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 135-139. Vd. descrição no n.º 1.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 199-205.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

Aparato genético

*Título.* Onofre A Onofre: Poema heroe-comico B [Onofre] CDE

*Subtít.* Canto terceiro ABC III DE

2. Deixai que ABC Dae-me que DE

4. Entoe na guitarra em doce harpejo. AB Entoe na guitarra em doce harpejo  
C Desfira na guitarra em doce arpejo; DE

8. brinde, AB brinde CDE

10. bardo, A bardo; BC bardo, DE

20. furibundos ventos; A enfurecidos ventos; BC enfurecidos ventos, DE

23. escandecido, A encandecido, B escandecido, CDE

*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

24. rugido. A bramido. BC rugido. DE

27. Amalia palpitante **AB** Amalia, palpitante, **CDE**
28. beijos d'Arthur **A** labios d'Arthur **BC** labios de Arthur **DE**
31. sombrio, **A** sombrio **B** sombrio, **C** sombrio **DE**
32. Como a felpuda aranha em tempo frio. **A** Como felpuda aranha em tempo frio. **BC** Como velho reptil no inverno frio. **DE**
33. murmúrio suspiroso **ABC** murmúrio receoso **DE**
35. lethargo langoroso **ABC** lethargo doloroso **DE**
40. na estampa **ABC** na tela **DE**
41. Até que, **ABC** Até que **DE**
43. luzidia **ABC** luzidia, **DE**
44. aberto se arremessa a gralha, **ABC** aberto, se arremessa a gralha; **DE**
45. Ou como **AB** Ou bem como **C** Ou tal como **DE**
46. que arranca **AB** que puxa **CDE**
47. arremessa, ao brando Arthur de chofre, **AB** arremessa, ao brando Arthur, de chofre, **C** arremessa ao brando Arthur de chofre **DE**
51. «Uma **AB** Uma **CDE**
52. «Aquella **ABC** Aquella **DE**
53. «Abusaste dos languidos **AB** Abusaste dos languidos **C** Abusaste dos intimos **DE**
54. «D'um **AB** D'um **C** De um **DE**
55. «Has de morder a terra, dom trêdor, **A** «Has de morder a terra, oh dom traidor, **B** Has de morder a terra, oh dom traidor, **C** Has de morder o pó, **D**. João Tenorio, **DE**
56. «Ás mãos de inesperado vingador. **A** «Ás mãos do inesperado vingador. **B** Ás mãos de inesperado vingador!» **C** Nem mais rirás do trovador simplorio! **DE**
57. «Ámanhã, altas horas, quando a lua **ABC** «Ouve, pois: amanhã, á luz da lua, **DE**
58. «Chegado á esphera altissima tiver, **AB** Chegado á esphera altissima tiver, **C** Quando nas torres meia-noite dér, **DE**
59. «Aqui nos bateremos, nesta rua, **AB** Aqui nos bateremos, nesta rua, **C** Aqui nos bateremos nêsta rua, **D** Aqui nos bateremos nêsta rua **E**
60. «Com as armas que mais nos aprouver. **AB** Com as armas que mais nos aprouver. **C** Cada qual com as armas que tiver. **DE**
61. «Que a minha vida pague, ou pague a tua, **AB** A minha vida pague, ou pague a tua **C** A minha vida acabe, ou pague a tua **DE**
62. «A honra d'essa lubrica mulher, **AB** A honra dessa lubrica mulher **C** A honra d'essa lubrica mulher, **DE**
63. «Ficando **AB** Ficando **CDE**
64. «O segredo da infamia e mais o insulto.» **AB** O segredo da infamia e mais o insulto.» **C** O segredo do opprobio e mais o insulto!» **DE**
68. frente **ABC** frente, **DE**
69. bordalenga, **AB** bordalenga **C** bordalenga **DE**

73. Mas, AB Mas CDE  
 75. lança arrebatado A lança, arrebatado, B lança, arrebatado; C lança, arrebatado, DE  
 77. como a branca A como branca BCDE  
 80. do terror vencida. A de terror vencida, B de terror vencida. CDE  
 81. breve com beijos fervorosos AB breve, com beijos fervorosos, CDE  
 82. Arthur. «Não ABC Arthur. – «Não DE  
 83. (Diz, animando-a) os impetos fogosos A (Diz animando-a) os impetos fogosos BC (Diz animando-a) os impetos fogosos, DE  
 84. «D’aquelle petulante bigorriilha. A «D’aquelle tumultenta maravilha. B D’aquelle tumultenta maravilha. C As ameaças do poeta mancenilha. DE  
 85. «Não me peças com olhos piedosos AB Não me peças com olhos piedosos C Não me peças com olhos lacrimosos DE  
 86. «Que AB Que CDE  
 87. «Combaterei na liça o pifio zote, A «Quero que vejas, de logar occulto, B Quero que vejas, de lugar occulto, C Quero que vejas, de um lugar occulto, DE  
 88. «Mas armado sómente d’um chicote.» A «Em pifia scena o trovador estulto.» B Em pifia scena o trovador estulto.» C N’um lastimoso transe o bardo estulto.» DE  
 92. no animo ABC em seu animo DE  
 93. Mas, ABC Mas DE  
 94. Surgisse em frouxa luz a madrugada, ABC Alvorecesse a luz da madrugada, DE  
 96. de fatal AB da fatal C de lethal DE

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira encontra-se documentada n’ *O Amigo do Estudo* (em 1867), n’ *A Folha* (em 1869) e no manuscrito da BPMP (embora com variantes significativas entre si); a segunda é a que aparece publicada nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se essencialmente ao nível dos mecanismos de substituição.

## [Onofre – IV – Eis-me chegado ao transe lamentoso,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Amigo do Estudo: Jornal Bimensal* (resp. A. M Seabra d'Albuquerque), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1867. N.º 10, pp. 79-80. Vd. descrição no n.º 52.

B – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 8, pp. 58-59. Vd. descrição no n.º 1.

C – BPMP, Ms. 2012, pp. 158-164. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 136-140. Vd. descrição no n.º 1.

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 140-144. Vd. descrição no n.º 1.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 207-213.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Onofre A Onofre: Poema heroe-comico B [Onofre] CDE

*Subtít.* Canto ultimo ABC IV DE

2. conto! ABC conto. DE
3. pranto copioso, AB pranto copioso C pranto doloroso, DE
7. Para de novo dar vigor ao éstro, A Seguindo a prisca usança, que a moderna BCDE
8. E modular a voz canóro e destro. A O Parnaso transmuda na taberna. BC A Pindos antepõe qualquer taberna. DE
10. fatal, ABC fatal DE
11. sudario, AB sudario C sudario, DE
13. solitario ABC solitario, DE
14. theatral, AB theatral C theatral, DE
17. como AB Como CDE

19. Com que, espantados, o rival e a bella AB Com que espantados o rival e a bella C Com que espantados, o rival e a bella, DE
21. Um capacete velho; uma rodella, A Um êlmo sem viseira; uma rodella; BCDE
22. Que o braço mal segura; uma A Um velho corsolete; uma BCDE
24. Umás grevas ou ferreas caneleiras; A As grêvas ou as ferreas caneleiras; BC Umás grêvas de ferro ou caneleiras; DE
25. manopla escameada ABC manopla enferrujada DE
26. braçal, A braçal BC braçal, DE
27. espada, AB espada C espada, DE
28. Só no tamanho á de Rolando equal; A Nas dimensões á de Rolando equal: BCDE
29. d'armas ABC d'armas, DE
30. punhal, AB punhal C punhal DE
31. O aspecto lhe davam picaresco ABC O exterior lhe davam, triste e ardêgo, DE
32. campeão grotresco. ABC campeão manchego. DE
33. Inda em frouxos de riso, A Offegante do riso, BCDE
36. do estólido ABC do mísero DE
38. rompeu A rompesse BCDE
39. Evital-o, e impellindo-o em furia á terra, ABC Falsear-lhe o impulso, e arremessando-o a terra, DE
40. Dar alli fim com pontapés á guerra. A Dar fim, com pontapés, á scena e á guerra. BCDE
41. sorte cruel ABC sorte fatal DE
42. da scena A da luta BCDE
43. No instante em ABC Na occasião, em DE
45. Onofre, que ABC Onofre que, DE
47. Tropeça AB Tropeça, CDE
49. gritos anciados ABC gritos lancinantes DE
50. espavorida, AB espavorida C espavorida, DE
51. da guarnição vizinha AB a guarnição vizinha C a guarnição vizinha, DE
52. A tropa, sempre tarde prevenida. ABC Hoste, na paz, feroz e destemida. DE
53. Alli, armas em punho e toda em linha, AB Alli, armas em punho, e toda em linha, C O chefe, arranca o alfange da bainha, DE
54. Lança mãos ao terrível homicida, ABC E sus! bradando aos seus, prende o homicida DE
55. Que a acompanha em lethargica modôrta ABC Que o acompanha, em lethargica modôrta, DE
59. labios A labios, BCDE
60. Os olhos com que os olhos lhe inflammavas; A Os olhos, com que os olhos lhe inflammavas; BC Os olhos, com que os olhos, lhe inflammavas, DE
68. raias. AB raias C raias! DE
69. Tu, alma pura, á geração moderna, AB Tu, alma pura, á geração moderna C Feliz! – Embora á geração moderna, DE

70. a infamia e a sordidez nas saias, AB a infamia e a sordidez nas saias C o vicio e a sordidez nas saias, DE
71. Talvez sirvas de riso, não de exemplo, AB □ C Vás provocar a gargalhada franca DE
72. Tão grande é o vicio que em redor contemplo! AB □ C Que um amor puro do seu ventre arranca! DE
74. cadafalso, AB cadafalso C cadafalso, DE
75. e fino ABC e claro DE
76. D'um ABC De um DE
81. clausurado ABC clausurado, DE
83. sido por fim AB sido, por fim, C sido por fim DE
84. gentes em demencia. A turbas em demencia, BC turbas em demencia; D turbas em demencia, E
87. O animo lançou, em crenças pias, AB O animo lançou em crenças pias C Pio, exhalou o derradeiro alento DE
88. No seio eterno do ancião dos dias. A No seio eterno do Ancião dos dias. BC Nos abysmos do eterno firmamento. DE
89. drama, AB drama CDE
92. voz sonora ABC voz vibrante DE
93. eu porem conseguir da minha AB eu, porém, conseguir da minha C eu porém conseguir de certa DE
94. Como paga, um sorriso, um olhar d'ella, ABC Em paga d'este conto, um riso d'ella, DE
95. ficarei da minha historia, ABC ficarei, que por tal paga DE
96. Sem ter outros desejos, outra gloria. A Tendo alcançado tão gentil victoria. BC Petrarcha dera a lyra; o amor Gonzaga. DE
- Data* Coimbra. A □ BCDE

Podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde ao texto d' *O Amigo do Estudo* (em 1867); a segunda encontra-se documentada n' *A Folha* (em 1869) e no manuscrito da BPMP (embora com variantes entre si); a terceira é a que aparece publicada nas duas edições das *Rimas*. As significativas alterações concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição e reordenação.

## [I – A um renegado]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Cenaculo: Revista Contemporanea da Litteratura Portugueza* (dir. Cândido de Figueiredo), Lisboa: Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, 1875. Vol. 1, pp. 28-29.

Esta revista literária, dirigida por Cândido de Figueiredo, contou com a colaboração de alguns dos principais escritores portugueses da altura. Teve apenas uma série, publicada ao longo de 1875, em formato pequeno (de 21 cm).

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 169-170. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 143-144. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 147-148. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 217.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* A um renegado A [Lyra de Pangloss] I A um renegado BCD

*Subtít.* da poesia social AB □ CD

*Dedic.* □ A (Guilherme d’Azevedo) B (Guilherme de Azevedo) CD

8. coisas A cousas B coisas CD

10. E as ABC As D

11. cantares. AB cantares; C cantares: D

12. lira, A lyra BCD

### Arquivo documental

Joaquim de Araújo refere-se ao contexto de produção e publicação deste soneto, em duas cartas enviadas a João Penha (ADB, Ms. 546<sup>maço<sup>9</sup></sup>, ff. 40-41 e BPMP, M-AF-4418(9)). A primeira missiva, pertencente ao espólio do poeta bracarense, encontra-se guardada no ADB, com a cota Ms. 546<sup>maço<sup>9</sup></sup>, ff. 40-41. Trata-se de uma carta enviada por Araújo a 14 de agosto de 1905, e onde se lê:

*Meu querido João*

*Vou encommodal-o de novo, e em epoca terrivel, pq vejo bem que V. não está com a boca epistolar, mas faça um esforço... faça um esforço.*

*Eu estive ha muitos annos – foi no outro seculo – com V. em Villa de Conde, por sinal que lá nos arribou o Guilherme de Azevedo, e que se passaram ali algumas boas horas.*

*Nessa occasião conheci e fui apresentado, não sei até se por si mesmo, a uma formosa senhora D. Gracia Pinheiro de Pindella.*

*A essa senhora fez o Guilherme de Azevedo um soneto, que sahiu no Cenaculo do C. de Figueiredo, não sei com que titulo e que começava*

*O seu nome é gracioso e muito proprio della*

*Respira um vago som de musica dolente...*

*Você, que não era homem para deixar cantar damas bracarenses noutras liras, ripostou:*

*Vate que odeias as brisas*

*Não ceifes na seara alheia*

*Este soneto esta nas Rimas. O Guilherme não ficou calado, e cahiu na estacada:*

*Socega não troquei a lira da Vingança*

*Pelo doce arrabil dos velhos trovadores...*

*Este soneto, que é dos tres, o unico verdadeiramente tour-de-force sahiu na Republica das Letras, que o João dirigiu em Braga.*

*Veja que memoria a minha! Ora bem! eu tenho necessidade duma copia dessas três peças para um escrito meu – copia perfeita com os titulos, dedicatorias, e datas, com que essas composições appareceram impressas. Faça mal em lhe ir bater ao portal? Se sim, perco as unicas esperanças que tinha de haver esses escritos.*

*Não termino esta com um abraço, porque com o calor que faz, cahiremos ambos asfixiados. Fica para hynverno? E de letras como estamos? Eu vou publicar dois livros.*

*Seu dole*

*Joaquim de Araujo*

*Genova 14 de agosto*

*1905.*

Com efeito, o soneto de Guilherme de Azevedo que serviu de ponto de partida ao poema de João Penha aparece impresso na página 125 d' *O Cenaculo*:

G.

*O seu nome é gracioso e muito proprio della:  
Respira um vago tom de musica innocente;  
E lembra a placidez de um lago transparente,  
Recorda a emanação tranquilla de uma estrella.*

*Lembra um titulo bom, que logo nos revela  
A ideia do poema. E todo o mundo sente  
Não sei que afinidade entre o seu ar dolente,  
A sua morbidez, e o proprio nome della.*

*E chego a acreditar, – ingenuamente o digo,  
Que havia um nome em branco, e Deus pensou comsigo  
Em traduzil-o emfim numa expressão qualquer:*

*De fórma que a mulher suave e graciosa  
Faz parte deste nome um tanto cor de rosa,  
E este nome gentil faz parte da mulher.*

*Guilherme de Azevedo*

*Povoa de Varzim, setembro de 1874*

Guilherme de Azevedo, por sua vez, responderá a João Penha num terceiro soneto, publicado em abril de 1875, no n.º 1 d' *A Republica das Letras*:

*Um bote*

*(A João Penha)*

*Socega: não troquei a lyra da Vingança  
Pelo dôce arrabil dos velhos trovadores,  
E em nada justifico, eu penso, os teus furores,  
Saudando uma mulher, beijando uma criança!*

*Courbet que tem pintado as corrupções da França,  
Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flôres;  
E o realista audaz, cruel, dos Britadores,  
Na tela diminuta o braço então descança.*

*Oh, não conheces bem quanto eu sou generoso!  
Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo  
D'um creme perfumado e um calix de madeira,*

*Que não te accusarei, João, de apostasia!  
Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,  
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!*

*Santarem 6 d'outubro de 74.*

*Guilherme d'Azevedo*

Em notas finais ao número d' *A Republica das Letras* onde saiu o soneto de Guilherme de Azevedo (n.º 1, pp. 44-45), esclarece ainda o diretor João Penha:

*A poesia que hoje publicamos, intitulada Um bote, de Guilherme de Azevedo, não pôde comprehender-se claramente, sem que transcrevamos do Cenaculo, excellente revista de litteratura, que vê a luz publica em Lisboa, os seguintes versos:*

A UM RENEGADO  
DA POESIA SOCIAL

*Vate, que odeias as brizas!  
Não ceifes na seara alheia:  
Já que sofraldas a Ideia,  
Não requestes Cidalisas.*

*Prosa e verso tem balizas:  
Tu na prosa és de mão cheia;  
Explora por tanto a veia  
D'essas cousas que nos guizas.*

*Deixa-me o velho Collares,  
E as brancas musas sem tosse,  
E o paio dos meus cantares.*

*Respeita-me a lyra e a posse  
D'estes assumptos vulgares:  
Respeito ao doutor Pangloss!*

*Mas, contemos a historia desde o principio.*

*Em tempos que não vão longe, vira o sonoro poeta das margens do Tejo, em certo baile, uma criança de 18 annos, mais formosa do que nenhuma das senhoritas que Sevilha e Cadix mostram cheias de orgulho ás nações estupefactas; – e desde logo o rigido cantor da Alma Nova, deposta a lyra das odes solemnes, se foi para as margens do mar susurrante, e no reconcavo d'um penedo, carcomido pelas ondas, com voz melliflua e dôce cantou os olhos escuros da menina encantadora.*

*O poeta do sonetillo, que nos mesmos lugares divagava solitario em procura da Ursa Maior, ouvindo o cantar da nova sereia, ergueu vozes de reprovação, assumindo o aspecto de censor intemerato.*

*D'aqui o soneto do philosopho enamorado.*

*Mas um bote... falso d'um mestre d'esgrima, em verso, é como um leve sopapo, vibrado pela mão d'uma senhora gentil: são duas cousas adoraveis: se os versos são bons, se a mão é elegante e bella.*

## [II – A uma rabequista]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 11, pp. 86-87. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 171-172. Vd. descrição no n.º 1.

Na primeira página, logo a seguir ao título “A uma rabequista”, figura um espaço em branco, correspondente às duas quadras iniciais, que surgem omitidas neste testemunho.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 145-146. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 149-150. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 548.

Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 219.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* A uma rabequista A [Lyra de Pangloss] II A uma rabequista BCD

1. Que suave gozo, que amoroso aneio, A □ B Que bellas sensações, que brando aneio CD

*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*

2. Agita o peito ao expectador amante, A □ B Produzes na platea entusiasmada, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*

3. Quando te mostras, do tablado em meio, A □ B Quando te mostras, do tablado em meio, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
4. Tão formosa, e gentil, e delirante! A □ B Mulher, graciosa; e artista, sublimada! CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
5. Dera um quartilho do meu sangue azul, A □ B Eu dera um litro do meu sangue azul, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
6. (Oh meus avós estremecei na campa!) A □ B (Oh meus avós, não fulmineis o hereje!) CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
7. Por dar-te um beijo no chapim taful, A □ B Só por beijar-te, no chapim taful, CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
8. Que esconde um pé, de se gravar na estampa. A □ B O pequenino pé, que orquestras rege! CD  
*Este verso está ausente em B, sendo substituído por um espaço em branco.*
10. Da lyra, que AB Do violim, que CD
13. aurora: AB aurora; CD
14. Julia, A Julia: BCD
15. vil AB vil, CD

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n' *A Folha*, em 1869; a segunda é a que aparece incluída no conjunto "Violão nocturno", conforme documentado, com variantes, no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas ao longo das várias campanhas de revisão concentram-se ao nível sintagmático da substituição, bem como nos processos de desintegração e reescrita.

### Arquivo documental

Já Alberto Pimentel, em opúsculo dedicado ao nosso poeta (*João Penha*, Braga: Livraria Escolar de Cruz & C.<sup>a</sup> Editores, 1893, pp. 34-35), notou a alteração introduzida neste poema, quando da passagem d' *A Folha* para o livro das *Rimas*. Depois de confrontar as duas versões da segunda quadra, esclarece o autor:

*A respeito d'esta rabequista, que era uma italiana lindissima, dizia-me ha pouco João Penha: – O Manoel da Assumpção queria casar com ella e eu dissuadi-o d'esse intento... por ciumes. Pobre Manoel! elle foi o primeiro romantico do seu tempo, como João Penha foi, na phrase de Gonçalves Crespo, o ultimo estudante de Coimbra.*

## 55

## [III – Pobre monarcha!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Republica das Letras: Periodico Mensal de Litteratura* (dir. João Penha), Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira. Ano I, n.º 1 (abril de 1875), p. 43. Vd. descrição no n.º 18.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 173-174. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 147-148. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 151-152. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 40.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 221.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Anotação textual: emendas

7. as legiões] ABC; a legiões

## Aparato genético

*Título.* Pobre Monarcha! A [Lyra de Pangloss] III Pobre Monarcha! B [Lyra de Pangloss] III Pobre Monarcha CD

*Dedic.* □ A (A Theophilo Braga B A Theophilo Braga CD  
Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.

4. cesar **AB** Cesar **CD**

7. as legiões **ABC** a legiões **D**

*Em D, a variante resulta de galha tipográfica.*

*Data.* 22 de março. A □ **BCD**

## [IV – A uma loira de dez annos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos: dois manuscritos e três impressos:

A – *Almanach do Mundo Elegante para 1874* (coord. Alfredo Campos), Porto: Livraria Progresso. Ano I, 1873, pp. 34-35.

Este almanaque, coordenado por Alfredo Campos, contou com 116 páginas, formato in-8.º.

O sonetinho aparece, no final, datado da Póvoa de Varzim.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 175-176. Vd. descrição no n.º 1.

C – ADB, Ms. 565 <sup>maço 35</sup>.

Trata-se de um cartão de visita (com 10 x 6,1 cm) assinado por João Penha, no verso do qual surge este sonetinho, a tinta preta. A seguir ao título, foi posteriormente acrescentado, por mão diversa: “Maria”. Pertence ao lote n.º 260 que o ADB adquiriu em leilão da Livraria Luís Burnay, a 2 de junho de 2012. Acompanha outros três cartões de visita (ADB, Ms. 565 <sup>maço 34</sup>), com mensagens circunstanciais de João Penha para seu primo José – provavelmente José de Sousa Machado (\*1860 †1934), marido da prima materna Virgínia S. Romão.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 149-150. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 153-154. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach das Senhoras para 1897: Portugal e Brazil* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.], 1896, p. 204.

Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Rimas*, mas com o título “A uma menina de dez annos”.

- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano VII, n.º 2009 (11 de setembro de 1898), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 223.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

- Título.* A uma loira de dez annos A [Lyra de Pangloss] IV A uma loira de 10 annos  
B [Lyra de Pangloss] IV A uma loira de dez annos CDE
- Dedic.* □ A (<A João de Deus>) B □ CDE
7. pura AB pura, CDE
12. Hoje A Hoje, BCDE
- Data.* P. de V., 27 de Setembro de 1873. A □ BCDE

## [V – A aguia e o corvo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos impressos:

A – *O Instituto: Jornal Científico e Litterario*, Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, vol. XXXVI (julho de 1888 – junho de 1889), p. 724.

Publicado entre 1852 e 1981, este jornal científico e literário foi fundado para acolher trabalhos das três classes em que se dividia o Instituto de Coimbra, bem como a colaboração dos mais notáveis nomes de literatura e ciência portuguesas. Imprimia-se mensalmente, por privilégio especial, na Imprensa da Universidade, em formato pequeno (de 22 cm).

O poema de João Penha aparece antecedido (nas páginas 722-723) por uma breve apresentação do autor, intitulada “Fabulistas portugueses (Esboços): João Penha”.

B – João Penha, *Rimas* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.<sup>a</sup> Editores, 1882, pp. 151-152. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

C – João Penha, *Rimas* (3.<sup>a</sup> ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 155-156. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 4088 (8 de agosto de 1901), p. 1. Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com diversas corruptelas.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 225-227. Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Apologo A [Lyra de Pangloss] V A aguia e o corvo BC

*Subtít.* A aguia e o corvo A □ BC

1. quando, AB quando C
19. ouvindo-o; AB ouvindo-o, C

## [VI – Vão-se os deuses]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Republica das Letras: Periodico Mensal de Litteratura* (dir. João Penha), Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira. Ano I, n.º 2 (maio de 1875), p. 40. Vd. descrição no n.º 18.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 177-178. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 153-154. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 151-152. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Camillo Castello Branco, *Cancioneiro Alegre de Poetas Portuguezes e Brasileiros*, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879, pp. 29-30. Trata-se de uma cópia d’ *A Republica das Letras*.
- Cândido de Figueiredo, *Figuras Literárias Nacionaes e Estrangeiras (Perfis e Medalhões)*, Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1906, p. 38. Trata-se de uma cópia das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 41. Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 229. Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Anotação textual: emendas

9. aqui] ABC; qui
13. audaz] ABC; andaz

### Aparato genético

- Título.* Vão-se os deuses A [Lyra de Pangloss] V Vão-se os deuses B [Lyra de Pangloss] VI Vão-se os deuses CD
- Dedic.* □ A (A Camillo Castelo Branco) B A Camillo Castelo Branco CD  
*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*
4. Pelos ultrajes A Pelas affrontas BCD
5. ventura A ventura, B ventura CD
6. aguado A aguado, B aguado CD
8. procura! A procura B procura. CD
9. aqui ABC qui D  
*Em D, a variante resulta de gralha tipográfica.*
10. assignala em monumento erguido AB assignala, em monumento erguido, CD
12. sabio, garantido, A sabio, muito lido, BCD
13. audaz ABC andaz D  
*Em D, a variante resulta de gralha tipográfica.*
14. Provou que uns ossos taes... só d’um A Demonstrou que era o fossil... d’um BCD
- Data.* 30 de maio de 75. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n’ *A Republica das Letras*, em 1875; a segunda é a que aparece integrada no conjunto “Lyra de Pangloss”, conforme documentado no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Este poema recebeu uma tradução italiana, pela mão de Antonio Padula (\*1838 †1921), que a fez publicar em: *Ramo d’Olivo (Pasqua del 1909)*, Napoli: Tip. S. Morano, 1909, p. 1:

*Les dieux s’en vont*

*Dal portoghese di João Penha*

*Il vecchio Sátan dalla ria leggenda,  
l’onnipossente nume del peccato,  
dalla terra, or è molto, fu annientato  
per l’onte della sorte sua tremenda.*

*E moribondo in sua figura orrenda,  
sopra la gobba d’un camel piantato,  
di cittade in cittade era mostrato  
nell’ultima derisa sua tregenda.*

*E neppure segnato fu «qui giace»  
sopra la pietra sepolcral, non motto  
sculpito fu, a ricordo... ei dorme in pace!*

*Anzi è saputo che un famoso dotto,  
trovato un dì lo scheletro smarrito,  
provò ch'era la mummia d'un marito!*

## [VII – Antiqualha de L. de Vega]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série IV, 1872, n.º 3, pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 1.

O poema vem acompanhado, no rodapé, de uma nota explicativa do autor (vd. *infra* Arquivo documental).

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 179-185. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 155-159. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 159-163. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, pp. 231-235.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* A pulga A [Lyra de Pangloss] VI Uma antiqualha de Lope de Vega B [Lyra de Pangloss] VII Antiqualha de L. de Vega CD

*Subtít.* (Lope de Vega) A (A pulga) B A pulga CD

1. lascivo, AB lascivo; CD
2. Mais que amor temerario e aventureiro; A Mais que amor temerario e aventureiro; B Mais, que amor, temerario e aventureiro; CD
3. vivo, AB vivo; C vivo; D
4. greiro; AB greiro; CD
6. Que saltando mal posso A Que se saltas não posso B Que, se saltas, não posso CD

9. duende: ABC duende, D
15. Que a formosura assusta; A (Que a formosura assusta); BCD
17. espadas, AB espadas CD
18. d'aljofar AB de aljôfar CD
23. Que se te vês culpada AB Que, se te vês culpada, CD
27. visse os A visse as BCD
32. disse: «Oh AB disse: – «Oh CD
42. ignotas!» AB ignotas!» – C ignotas!» D
49. penna em breves traços A penna, em breves traços, BCD
50. opulencia; ¿em A opulencia, ¿em B opulencia, – em CD
58. de A do BCD
64. constante, A constante; BCD
65. temores AB temores, CD
69. pança, A pança B pança, CD
74. lunares: AB lunares; CD
79. portentoso ABC portentoso, D
80. foi no tempo d'oiro AB foi, no tempo d'oiro, C foi no tempo d'oiro, D
81. libidinoso, A libidinoso B libidinoso, CD
82. cysne, A cysne B cysne, CD
85. zangada AB zangada, CD
88. Livra-te, pulga, A Livra-te pulga B Livra-te, pulga, CD
92. fado; AB fado: CD
93. salta, AB salta; CD
94. desventurado, A desventurado B desventurado, CD
96. pulga, tu serás desejo! AB pulga; tu serás desejo. CD

### Arquivo documental

A versão que João Penha fez publicar n' *A Folha* vem acompanhada de uma extensa nota de rodapé. *Grosso modo*, o texto coincide com a nota explicativa que o poeta fará mais tarde publicar na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (pp. 233-236), a propósito da tradução ao soneto veguiano “Que amando no hay dificultad” (vd. Arquivo documental do n.º 73). Para além de pontuais alterações, esta nota de rodapé n' *A Folha* exclui o primeiro, oitavo e décimo nono parágrafos da versão publicada na *Viagem*, terminando, ao invés, com as seguintes linhas:

*Na traducção d'esta poesia, eliminamos o que aludia a homens e a cousas d'aquelle tempo, e substituímol-o por idéas geraes, mas correspondentes á intenção do poeta; e respeitámos os delicados ouvidos das nossas leitoras, que não são hespanholas do seculo XVI.*

## 60

## [VIII – Canção de bohemios]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos impressos:

A – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 60. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo publica este poema no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878, inserindo-o no respetivo contexto de produção (vd. *infra* Arquivo documental). Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma variante, até esse momento inédita.

B – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 160-161. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

C – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 164-165. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.ª ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, p. 393. [1.ª ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, 1954, p. 28.  
É uma transcrição d’ *A Renascença*, mas com variantes de pontuação.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 35.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 237.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

### Aparato genético

- Título.* □ A [Lyra de Pangloss] VIII Canção de Bohemios BC
1. Ó vós A Oh vós, BC
  9. papirios A papyros BC
  11. todos A todos, BC
  15. praças rufai nos timbales! A praças, vibrae os cymbales! BC

### Arquivo documental

O artigo publicado por Gonçalves Crespo (vd. *supra* testemunho A) faz a seguinte referência a este poema (pp. 59-60):

[...] *Certos academicos constituíram-se em republica, e quizeram um himno. Dirigiram-se a Guerra Junqueiro, que, andando abarbadado não sei com que trabalhos, propôz o negocio a João Penha, ao entrar da aula.*

– Pronto, disse João Penha, mas pelo preço que sabes.

– Qual preço?! disse Junqueiro, fazendo-se de novas.

– Seis vintens cada quadra. É o preço que te levei pelo himno da filharmonica de Villa Real de Santo Antonio, do Algarve.

– Vá, vá! Mas a pagar no principio do mez; a somma é importante...

– Nada: hade ser paga e já. Rubis sur l'ongle!

– Homem, levo-te o dinheiro á tarde...

– Hade ser quando eu te entregar os versos; mão por mão como os rapazes. Bem sabes que não confio em ti.

*Junqueiro lançou uma derrama pelo curso e á sahida da aula pagou o himno. [...]*

*Este himno foi posto em musica e era vozeado tres vezes por dia, ora ás janellas do predio em que vivia a republica, ora no meio da rua, ora no alto da montanha do Pio.*

*Alguem para o perpetuar, escreveu-o na parede da sala do Homem do Gaz, e da parede passou para a carteira de um curioso. [...]*

## 61

## [IX – Scena de taberna]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 19, p. 152. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 186-187. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 162-163. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 166-167. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano III, n.º 717 (28 de maio de 1894), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano VII, n.º 1995 (25 de agosto de 1898), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 36.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 239.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Vinho e fel XXIV A [Lyra de Pangloss] VII Scena de taberna B [Lyra de Pangloss] IX Scena de taberna CD

*Dedic.* □ A (A Guimarães Fonseca) B A Guimarães Fonseca CD

- Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*
3. insulto **AB** insulto, **CD**
9. cangirão!» com **A** canjirão!» – com **BCD**
11. «Acima!» e pouza-o enxuto sobre a meza. **A** □ **B** «Acima!» – e pouza-o enxuto sobre a mesa. **CD**
- Este verso está ausente em B.*
14. vomitando; **A** vomitando, **B** vomitando; **CD**

## 62

## [X – Consolação]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série IV, 1872, n.º 6, p. 48. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 188-189. Vd. descrição no n.º 1.

C – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 164-165. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

D – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 168-169. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, p. 550.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 37.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 241.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Consolação A [Lyra de Pangloss] VIII Consolação B [Lyra de Pangloss] X Consolação CD

*Dedic.* (A um poeta lyrico) AB A um poeta lyrico CD

5. amargura, A amargura B amargura, CD

6. E com vinhos d’um pâmpano gostoso A E com vinho d’um pâmpano gostoso B E, com vinhos d’um pâmpano gostoso, CD

7. brinde solemne ao par ditoso **A** brinde ao amante venturoso **BCD**  
 9. mundo, **A** mundo **B** mundo, **CD**  
 10. gentes, **A** gentes **B** gentes, **CD**  
 13. Tu jámais viste n'um **A** Oh! se tu visses n'um **BCD**  
 14. gastrónomo **A** gastrónomo... **BCD**  
*Data.* 26 de maio de 1872. **A** □ **BCD**

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n' *A Folha* (em 1872); a segunda é a que aparece integrada no conjunto “Lyra de Pangloss”, conforme documentado no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## 63

## [XI – O phantasma]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Harpa: Semanario de Litteratura* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.]. Série II, 1876, n.º 6, p. 60. Vd. descrição no n.º 23.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 190-191. Vd. descrição no n.º 1.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 166-167. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 170-171. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Radical: Semanario Republicano* (dir. Joaquim de Oliveira, Alberto Feyo), Braga: José Amado. Ano II, n.º 69 (23 de setembro de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João de Deus Ramos, *Poetas*, Lisboa: [s.n.], 1955, p. 16.  
Trata-se de uma cópia da primeira e segunda edições das *Rimas*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 243.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* O phantasma A [Lyra de Pangloss] IX O phantasma B [Lyra de Pangloss] XI O phantasma CD

*Dedic.* (A um doutor Pedro) AB A um doutor Pedro CD

2. iroso, A iroso B iroso, CD

3. outrora no cabo Tormentoso AB outrora, no cabo Tormentoso, CD

5. «Bardo escuta, A «Bardo, escuta; B «Bardo, escuta, CD

7. «Eu A Eu BCD

8. «O Verbo ideal da estupidez corrupta». A O Verbo ideal da estupidez corrupta». B O verbo ideal da estupidez corrupta. CD
10. «O mar das sciencias vans da humanidade, A «O mar das sciencias vans da humanidade B O mar das sciencias vans da humanidade, CD
11. vencer-me, e foi de balde o intento! A vencer-me e foi de balde o intento!» B vencer-me, e foi baldado o intento!» CD

### Arquivo documental

Em carta enviada a Joaquim de Araújo (o diretor da *Harpa*), João Penha faz uma alusão ao visado deste soneto, juntamente com algumas recomendações tipográficas para a respetiva impressão. A missiva, pertencente ao espólio do colecionador Alberto Correia, encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-COR-III-60. Trata-se de uma tira de papel pardo (com 7,5 x 16,5 cm), escrita de ambos os lados, a tinta preta, e onde se lê:

*Amigo J. d'Araujo.*

*Ahi vae o soneto ao Pedro Penedo. Effectivamente pôde sair, porque só é conhecido em Coimbra, e vae correcto e emendado. Em quanto a cousa nova, não pôde ir para amanhã, nem talvez para depois, ou ainda para 2.<sup>a</sup> feira.*

*Tenho ahi muito verso começado; muitos sonetos sem quadras, e muitas quadras sem tercetos, mas que quer? Há 15 dias que estou encarregado do expediente do escriptorio de meu irmão, q. está em Vizella, o q. unido aos trabalhos do meu proprio escriptorio, não me tem deixado um momento de descanso.*

*O outro dia pude roubar algumas horas ao codigo civil, e fiz um soneto q. destinava á Harpa, mas os homens da Borboleta há um mez que me não deixavam a porta, e tive de lhò entregar.*

*Esta é q. é a verdade.*

*Está satisfeito com estas explicações?*

---

N.B.

*Na 2.<sup>a</sup> quadra verbo deve ir com V grande, e no 2.<sup>o</sup> terceto, immensidade com I grande.*

*O 2.<sup>o</sup> verso da 2.<sup>a</sup> quadra, é:*

*(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)*

Também António Cabral corrobora a identidade do professor em causa, no livro *Camillo e Eça de Queiroz* (Coimbra: Coimbra Editora, 1924, pp. 262-263):

*[...] Não quero deixar de transcrever tambem, neste meu livro, o magistral soneto com que João Penha brindou o Doutor Pedro Augusto Monteiro Castello-Branco, tão injustamente tratado pela academia de Coimbra, que lhe dava o nome de Pedro Penedo da Rocha Calhau [...].*

Na verdade, segundo Alberto Pimentel (*Poetas do Minho: João Penha*, Braga: Livraria Escolar de Cruz & C.<sup>a</sup> Editores, 1893, pp. 32-33), outros estudantes, depois de João Penha, haveriam ainda de dirigir epigramas ao famigerado professor coimbrão:

*Sobre os inextinguíveis vestígios desta satyra teem caminhado as gerações subsequentes, cantando o doutor incommensuravelmente filiforme. Antonio Nobre tambem molhou a sua sôpa no capêllo que encima o zingamôcho do cathedratico zangaralhão:*

*Ó Pedro da minhàlma! meu amigo!  
Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!  
Mal diria eu em pequenito, quando a ama,  
Para eu me callar, vinha fazer-me susto á cama  
Por ti chamava: Pedro! e eu socegava logo,  
Que eras tu o Papão! A ama, de olhos em fogo  
Imitava-te o andar, que não era bem de homem...  
Eu tinha birras: – Ahi vem o lobishomem!  
Dizia ella. – Bate á porta! Truz! truz! truz!  
E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jesus!*

Sobre esta personagem lendária, cujo nome ficou inscrito nos anais da Universidade, publicou-se ainda um longo artigo, na rubrica “In illo tempore” do jornal lisboeta *Novidades* (Ano IX, n.º 2811, 8 de junho de 1893, pp. 1-2):

*In illo tempore... – no tempo de toda a gente, regia o Pedro no 1.º anno a cadeira de Direito Patrio. O muito que ha em todo o paiz, são 2 ou 3 sujeitos que não foram discipulos do Pedro. O mais, toda a gente! E até me parece que era mentira o dizer assim, outro dia, não sei que jornal: – «O sr. dr. Pedro Augusto Monteiro Castello Branco, lente de prima e director da faculdade de direito requereu a sua aposentação. Conta 70 annos de idade e 34 de bom e effectivo serviço. Em todo o periodo de ensino só deu 22 faltas, todas justificadas».*

*Até parece mentira. Por estas contas, quem de 70 tira 32, ficam 38. Ora o Pedro não foi tal doutor aos 38 annos. O Pedro já nasceu doutor, e o Pedro é, pelo menos, coevo da fundação da Universidade. D. Diniz fundou a Universidade, e a Universidade fundou o Pedro.*

*Esta é que me parece a verdade, e o Theophilo Braga lá verá isso com o seu vagar.*

\*\*\*

*Ora o Pedro não era mau homem. (Digo não era, porque desde que se jubilou já não existe.) Nunca foi mau homem. Quando muito, era um homem feio, como quasi todos os homens, só com a prenda a mais de botar RR...*

*Mas porque botava RR, porque era esgalgado e secco a mais não pode ser, e porque não dava faltas – os rapazes fizeram-lhe para seu goso uma lenda entre patusca e de ironia, que chegará ao cabo dos seculos!*

*Todos lhe faziam versos, os que eram poetas e os que não eram poetas. Até eu, que nunca fiz versos, fiz-lhe uma vez uns alexandrinos, que parecia que andavam de sócos!*

*Mas fez-lhe o João Penha um soneto, que lá vem nas Rimas, chamado O phantasma, e o meu condiscipulo Costa Macedo fez-lhe tambem as seguintes quadras:*

*Elle é como uma torre  
Pyramidal – um cedro!  
Alguem lhe chama Rocha,  
E alguem lhe chama Pedro.*

*Eu cá por mim confesso  
(Porém confesso a medo!)  
Que tenho por costume  
Chamar-lhe só Penedo.*

*Mas lá o meu visinho,  
Talvez por duro e mau,  
Nem Pedro nem Penedo  
Lhe chama: é só Calhau!*

*Que a bem dizer, fazia-se um livro maior que os Luziados, colligindo os versos ao Pedro! E ficava a um canto o Adamastor...*

\*\*\*

*Ora a piada do Pedro Penedo da Rocha Calhau, a que o Antonio Maria acrescentou de sua casa – natural do Seixo, concelho de Ponta de Pedra, districto da Pederneira – pintando-o n'aquelle seu gesto predilecto do coçar com a mão direita a orelha esquerda, por cima da cabeça, essa tal piada é que me parece que é uma calumnia...*

*Porque não está averiguado ainda hoje se o doutor Pedro chispava mais alguma coisa do que RR, e quanto a sciencia, por exemplo, tambem não está averiguado se a não tinha...*

*Diziam as más linguas que sim, que era praxista em direito velho; que sabia de cór e salteados Alvarás, Provisões, Regulamentos, Cartas Regias e Testemunhaveis, Informações, Consultas, Instruções, Officios, Attestações, Decretos e Portarias; chegando a afirmar-se que dormia sobre uma rima de papelada velha, cheia de leis e da traça; que recostava a cançada frente aos bacamartes das Ordenações, encadernadas a sola e vira; e que era emfim um romanista de ventas, sabendo de traz para deante, elle e o doutor Nunes de Carvalho, os Pandectas de Justiniano! É fóra de duvida que teve sabbatinas com João das Regras, e que foi elle quem aconselhou D. Pedro I, o Cru, a arrancar por um alçapão aberto nas costas o coração dos que mataram a linda Ignez!*

\*\*\*

*Olho como aquelle para adivinhar vocações, nunca se viu! Todos os grandes legisladores, magistrados, advogados, homens de leis, em summa, que vieram a este paiz, apanharam um R do Pedro. Já se não falla nos poetas, nos romancistas, nos jornalistas, porque esses, emfim, não admira, não obstante dizer aquelle parvo do Antonio Ferreira que «não fazem mal as musas aos doutores.»*

*O Pedro nunca pôde ver as Musas!*

*E como o R. de que elle dispunha, caia sempre, por modestia e amisade do primo, em cima do R do Bernardo, segue-se que todos os grandes legisladores, magistrados, advogados, homens de leis, poetas, romancistas e jornalistas, ficaram reprovados no 1.º anno!*  
*(A regra tem excepções, bem sei; aqui estou eu, por exemplo, que não sendo nada d'aquillo, apanhei tambem a minha raposa...)*

\*\*\*

*Não sei se o Pedro era bilioso. Parece-me que não. Nunca o vi nem mais alterado nem menos alterado. Parecia de pau; na cathedra; no pulpito da Sala dos Capellos, quando era decano e lente de prima; na cadeira curul de reitor; no banco de pinho na Cumeada, quando se punha á varanda a dirigir, por um oculo, a politica de Oliveira do Bairro... (Era progressista!)*

*Mas uma vez, vi-o furioso! Passava elle pela rua da Trindade, mettido na sua grande capa e batina, quando surde da rua do Borrvalho um mendigo velho que por lá andava, muito parecido com o Pedro, e a quem chamavam tambem o Pedro Penedo, e que tocava sanfona. Desataram os rapazes a berrar das janellas:*

*– Ó Pedro Penedo, ó Pedro Penedo! traz cá a sanfona! anda cá co'a sanfona!*

*E o Pedro, engatilhada a sanfona a meio da rua, poz-se logo a sanfonear, dizendo com a sua voz soturna, mais monotona do que o instrumento, a sua infallivel quadra, que elle, por não ser capaz de aprender outra em toda a sua vida, repetia constantemente:*

*Se vires um homem de pernas mui altas,  
 Os olhos em guerra e cara de mau,  
 Prostrae-vos por terra, beijae-lhe as sandalias,  
 É Pedro Penedo da Rocha Calhau!*

*Ia a passar o Pedro, imaginem! ao mesmo tempo que de todas as janellas estra-lejavam as gargalhadas!*

*D'essa vez ia estoirando! Bufava que parecia uma baleia!*

*– Vae incommodado, collega?! pergunta-lhe da janella, mais acima, o Estampilha, que era lente de medicina.*

*– E a você que lh'importa? diz-lhe o Pedro furioso.*

*E lá foi elle, pé aqui, pé além, ás encanchadas de seis metros como os phantasmas, no balandrau da capa e batina, para as bandas da Cumeada! Parece que lhe ia doido em cima da cabeça o formidavel gorro!*

\*\*\*

*Orador, era-o tambem! Uma vez por anno, ao menos, no cavaco da abertura. N'esse dia, botava a eloquencia toda! Todos os seus ouvintes eram novos em folha; sentavam-se pela primeira vez nas «bancadas da Universidade»; viam-nò pela primeira vez...*

*Era caso!*

*Rapava, pois, o Pedro do seu mais brunido estoque de Condestavel das Leis, e punha-se a floreteal-o, nos mais dextros manejos de eloquencia. Cahia lá tudo em peso, a ouvir o Pedro! Mas atravez da mais tremenda arruaça, apupos, assobios, latidos, zun-zuns infernaes, o diabo! o Pedro não se desconcertava, e impingia até final a oração!*

«– Sobre disciplina, meus senhores, nada mais digo», fechou elle, por exemplo, o seu palavriado, ao curso do João Arroyo. E com ropia, chegou fogo á bomba final:

«– Porque os senhores, oiçam-me bem, desde que entram para a Universidade, ficam fazendo parte, ipso facto, dos umbraes d'aquella porta!»

[...]

Quase tão célebre como a figura *penedia* do memorável professor era aliás a sua dissertação sobre leis extravagantes, invariavelmente rematada por certa lenga-lenga, que a academia em peso brindava em eufórica algazarra (*Novidades*, Ano IX, n.º 2810, 7 de junho de 1893, p. 3):

[...]

*Tal qual como na aula do Pedro, no 1.º anno de Direito! Porque o Pedro, esse tambem repetia todos os annos, em certa e determinada prelecção explicando o Coelho da Rocha, aquella lenga-lenga muito sabida:*

– «E foi, meus senhores, por essa occasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação, e dos assentos da Casa da Supplicação, por ordem de D. João.»

*Era um realejo... – porque no tempo do Pedro inda não havia phonographo. Os phonographos a apparecerem, e o Pedro a jubilar-se!*

*Para essa prelecção, o curso do 2.º anno destacava sempre o seu piquete, de proposito para ouvir o Pedro.*

*E o Pedro a acabar a lenga-lenga: – «E foi, meus senhores, por essa occasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação, e dos assentos da Casa da Supplicação, por ordem de D. João» – e os do 2.º anno a dizerem em côro, como se fossem uma matilha: – ão! ão!*

*Mas nem com o ão! ão! dos segundanistas, reforçado, sempre que podia ser, com o dos outros cursos, aquella boa alma do Pedro deixou de repetir pontualmente, como um realejo muito velho que perdera já a chave da machina, o infallivel estribilho:*

– «E foi, meus senhores, por essa occasião, que Duarte Nunes de Leão fez toda a compilação da nossa legislação, e dos assentos da Casa da Supplicação, por ordem de D. João!»

[...]

## [XII – A alma e o corpo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série III, 1871, n.º 9, p. 72. Vd. descrição no n.º 1.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 192-193. Vd. descrição no n.º 1.

Após o soneto, a folha termina com a palavra “Fim”, correspondendo ao final das *Rimas*.

D – João Penha, *Rimas* (1.ª e 2.ª ed.), Lisboa: Avelino Fernandes & C.ª Editores, 1882, pp. 168-169. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 141-169).

E – João Penha, *Rimas* (3.ª ed.), Braga: Cruz & Ca., 1906, pp. 172-173. Vd. descrição no n.º 1.

Este poema aparece integrado no conjunto “Lyra de Pangloss” (pp. 145-173).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typographia Occidental. Ano I, n.º 38 (9 de julho de 1881), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Folha*.
- Cândido de Figueiredo, *Figuras Literárias Nacionaes e Estrangeiras (Perfis e Medalhões)*, Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1906, pp. 38-39.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XX (1906), n.º 240, pp. 889-890.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- Álvaro Júlio da Costa Pimpão, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.]. N.º 15, fasc. 2, 1939, pp. 548-549.  
Na antologia que encerra o artigo, regista-se uma cópia a partir d’ *A Folha*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 38.  
Trata-se de uma cópia das *Rimas*.
- João Penha, *Rimas* (pref. Francisco Duarte Mangas), Aveiro: Estante Editora, 1990, p. 245.  
Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*, mas com algumas corruptelas.

**Aparato genético**

*Título.* A alma e o corpo **A** [Lyra de Pangloss] VII A alma e o corpo **B** [Lyra de Pangloss] XII A alma e o corpo **CD**

*Dedic.* □ **A** (A Gonçalves Crespo) **B** A Gonçalves Crespo **CD**

*Em B, a dedicatória aparece inserida em campanha posterior.*

3. castellos **A** castellos, **BCD**

11. Nem dobral-o a exigencias de **A** Nem curval-o aos preceitos d'um **B** Nem curval-o a preceitos de **CD**

*Data.* 23 de maio de 1871. **A** □ **BCD**

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira saiu n' *A Folha* em 1871; a segunda é a que aparece integrada no conjunto "Lyra de Pangloss", conforme documentado no manuscrito da BPMP e nas duas edições das *Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## [O ultimo bohemio]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 105-113, 192, 193.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (1898 [1897]) e *Novas Rimas* (1905 [1904]), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 45 folhas (medindo 15,7 x 20,6 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina, onde foi colocado o rótulo: “Arquivo Distrital | 536 | Manuscritos | U.M.”. O volume abre com uma folha de guarda em papel almaço branco, onde se lê, a lápis, a anotação apógrafa: “verificado”. Seguem-se 45 folhas pautadas, cujas páginas haviam sido inicialmente numeradas de 97 a 194. As poesias aparecem então registadas nas páginas 97-187, seguindo-se uma secção de “Emendas” (pp. 188-194) e um “Índice”, que ocupa a última folha pautada e se estende até à derradeira folha de guarda. Posteriormente, como tivessem sido arrancadas as pp. 131-132, 137-138, 145-148 e 175-176, a paginação inicial foi substituída por segunda numeração (de 1 a 45), relativa aos fólhos atualmente existentes.

“O ultimo bohemio” aparece transcrito nas páginas 105-113, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 192 e 193). No canto superior esquerdo da p. 105, é ainda possível ler a indicação apógrafa: “Viagem 38”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 35-43.

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, pode ler-se que o contrato de edição foi firmado em junho de 1897 (BPMP, M-AF-1144(12)), pela quantia de 150.000 reis. Previa uma tiragem de 2000 exemplares comuns (com o preço individual de 600r) e quatro em papel especial, reservando-se ainda aos editores o direito a uma segunda edição (a este propósito, vd. o testemunho transcrito no Arquivo documental I do Aparato Crítico do n.º 330).

Os volumes apresentam encadernação em brochura, exibindo as seguintes indicações: “João Penha | Viagem por Terra| ao| Paiz dos Sonhos| com um prefacio e notas || Porto| Livraria Chardron| de Lello & Irmão, editores| 1898| Todos os direitos reservados”. Apesar do ano que figura no rosto, a verdade é que sabemos, pela correspondência do autor, que o livro já se encontrava pronto a 19 de outubro de 1897 (BPMP, M-AF-1144(18)). A informação é aliás

corroborada pelas muitas recensões que encontramos em jornais da época, nomeadamente as de Cândido de Figueiredo (publicada a 26 de outubro) e Delfim Guimarães (a 15 de novembro), as quais haveriam ainda de espoletar uma acérrima polémica, travada por João Penha nas páginas da imprensa periódica, entre finais de 1897 e janeiro de 1898 (vd. Arquivo documental III do n.º 124).

O livro, propriamente, é constituído por 247 páginas (de 12 x 19 cm). Abre com um “Prefácio” (pp. 7-31), seguindo-se as poesias, distribuídas em quatro partes: “A musa que ri” (pp. 33-94), “Tancredo” (pp. 95-120), “Evocações” (pp. 121-163) e “Arias modernas” (pp. 165-226). No final, surge uma secção de “Notas” relativas a alguns poemas (pp. 227-244) e um “Índice” (pp. 245-247).

Segundo o autor, os poemas reunidos em “A musa que ri”, “Tancredo” e “Evocações” são anteriores às composições reunidas nas *Rimas*, sendo apenas o conjunto das “Arias modernas” posterior ao livro debutante. A este propósito, veja-se a nota incluída na 3.ª ed. de *Rimas* (vd. *supra*, Resensio do n.º 1).

“O ultimo bohemio” aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 229-233) – vd. *infra* Arquivo documental.

### Aparato genético

*Subtít.* (Canção) A □ B

6. Solta a côma aos quatro ventos, ΓSolta ao vento a côma ondeanteΓ A Sempre em odio de tristuras, B
7. vida, A vida B
8. Como as ondas, turbulentos. ΓN’uma folia constanteΓ A Em ruidosas aventuras. B
13. Sentado sobre uma dorna, A Assentado numa dorna B
18. desterra, A desterra; B
19. parra A parra, B
25. prudencia; A prudencia, B
26. E quanto ao beber, A E, quanto á botelha, B
30. Era isto o que eu dizia, ΓEra assim que eu me exprimiaΓ A Era assim que eu me exprimia, B
31. Sentado sobre uma dorna A Assentado numa dorna, B
39. que, em suma, A que em suma B
40. pecca! A pecca. B
63. pedisses, A pedisses B
65. E era eu o seu amante! ΓE só a mim, me queria!Γ A E só a mim me queria! B
67. Nos meus braços, palpitante: Γ Palpitante de alegria: Γ A Palpitante de alegria: B
68. «Mi muero d’amor por ti!» A «Mi muero d’amor por ti!» B

74. Eu o fizera, a preceito, Γ Lh'as engraxara, com geito, 7 A Lh'as engraxara, com geito, B
76. Na cratera A Nas crateras B
81. Um A um B
82. cabo A cabo, B
83. mundo, A mundo B
87. vista A vista, B
89. agora A agora, B
90. perjura A perjura, B
91. outrora A outr'ora, B
100. lança! A lança. B
103. vivos, A vivos B
104. sangrava A sangrava. B
105. contasse, A contasse B
117. Pois que, por fim A Porque, por fim, B
121. morreria A morreria, B
125. mirante, A mirante B
- Data. 11-6-97. A □ B

### Arquivo documental

A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 229-233):

#### *O ultimo bohemio*

*Esta palavra, adoptada ha muito em França e reconhecida oficialmente pela Academia franceza para designar uma certa classe de artistas, sobretudo litteratos e pintores, que passavam a vida errante, precaria e incoherente, e que depois se tornou extensiva a todos aquelles que seguiam esse teor de vida, talvez a muitos pareça um puro gallicismo.*

*Não me parece, porém, que o seja.*

*Foi, por comparação com a vida phantastica e vagabunda dos bohemios, entre nós conhecidos por ciganos, na Italia por zingari, e em Hespanha por gitanos, que essa palavra foi, com aquella significação, introduzida em França, onde rapidamente se tornou popular, e onde subsiste.*

*Por esse motivo ficariam os outros povos inhibidos de fazer a mesma comparação, ou de adoptar a já feita? Com certeza que não, porque não ha gallicismos ou estrangeirismos de pensamento: para pensamentos não ha geographias physicas ou politicas, não ha fronteiras, nem raças: são de todo o individuo que pensa, como o ar é de todo o pulmão que respira.*

*Demais, uma lingua não póde permanecer immutavel, estacionaria, – porque ideas ou cousas novas requerem palavras coevas, locuções da mesma epocha. Quem agora se lembrasse de escrever como se escrevia, não digo já no seculo XVI ou XVII, mas no*

*seculo XVIII, causaria a mesma surpresa (gallicismo, segundo D. Francisco de S. Luiz) que se se apresentasse, na rua, de cabelleira empoada, tricornio debaixo do braço, bofes, calção, meia esticada, e sapato com fivela, aspecto com que sempre se me affigurou vêr o hirto Latino Coelho, cujo estylo, correcto como uma linha geometrica, e sêcco como um feixe de palha, tresanda a môfo.*

*D'estas palavras, porém, não se conclua que defendo os gallici-parlas, e sobretudo os da vasconsa que, sob pretexto de evolução ás arrecúas, trazem adulterada uma lingua, que, se não fosse o terrivel e superabundante sub-fixo – ão, – que em todas as outras linguas, incluindo as slavias, é o sonoro e eufonico on, e que a faz assimillar a uma lingua de cão que ladra, sería pela sua amplitude e flexibilidade, a primeira lingua do mundo. O que digo e sustento é que os chamados gallicismos devem acceitar-se, embora excepcionalmente, quando necessarios, ou quando representem um cambiante de pensamento que debalde se procurará nos termos que lhes sejam correspondentes na lingua portugueza.*

*Assim obraram os nossos mais classicos escriptores, os quaes não hesitaram em adoptar palavras francezas que julgaram necessarias para exprimir as suas ideas. Talvez isto pareça estranho, mas leiam-se os Barros, os Freires, os Bernardes, os Lucenas, e outros, e comparem-se com o futuro Dictionario etymologico de Candido de Figueiredo e vêr-se-á se o que eu affirmo é, ou não verdade. É que, pela diuturnidade do tempo e adopção geral, esses vocabulos adquiriram os fóros de genuinos portuguezes, e sendo realmente gallicismos, já a ninguém parece que o sejam.*

*Qual será o escriptor, por mais meticoloso que seja, que hesite em escrever: arabesco, conjunctura, cadastro, parque, torsa (columna)[.] abandôno, adepto, ascendente, audacioso, bruscamente, cabotagem, deferencia, espião, faccioso, favorito, formato, humilhante, impetuosidade, inabalavel, incalculavel, infracção, insultante, intriga, sensato, substistencia, temivel, turba, viajante, e mil outros apontados por D. Francisco de S. Luiz, no seu Glossario? Nenhum, até porque grande numero d'esses gallicismos têm boa origem na lingua mãe, a latina.*

*O que não póde tolerar-se é a substituição inutil ou grutesca de vocabulos nossos, excellentes, expressivos e claros, por outros francezes que lhes são, debaixo de todos os aspectos, inferiores. Em Lisboa, passeio é trottoir, como se fossem cousas differentes; o classico mostrador ou vidraça de amostrar é montra; o portão de ferro ou grade é grille, o desenho a traços ou esbôço croquis. «Sua Magestade a rainha a snr.<sup>a</sup> D. Amelia (lê-se a cada passo nos diarios de Lisboa) esteve em tal parte a fazer croquis». Mais um pouco e transformariam a encantadora princeza em cozinheira franceza... a fazer croquettes.*

*Como a lista d'esta especie sería interminavel, passo aos de outro genero, aos de certas expressões ou combinações de palavras, que não podem tolerar-se por contrarias ao genio da lingua, mal soantes, e inferiores, como expressão, ás nossas correspondentes. Como são numerosas, indicarei sómente, como exemplo: golpe d'olho, chefe d'obra, homens de baixa extracção, cores quentes (couleurs chaudes) e bloco de marmore, introduzido por Theophilo Braga.*

*Para substituir a primeira ha, por exemplo, volver d'olhos, ou como diz Francisco de Andrade no Primeiro cerco de Diu; no canto IV: virar d'olhos:*

*“Vae-se ao longo do rio passeando,  
Que dos seus apartar-se determina,  
Com brando virar d’olhos alegrando  
Ora aquella clara onda, ora a bonina”.*

Ou, quebrar d’olhos, expressão ainda melhor de Mousinho, no canto VI do Affonso Africano:

*“Quem pode resistir a um doce e brando  
Quebrar d’olhos que as almas vae roubando?”*

*Para substituir aquellas outras expressões francezas, ha em portuguez: obra prima, homem de humilde nascimento, cores ardentes, e pedaço de marmore. Theophilo substituiu este pedaço por bloco, por talvez lhe não caber no verso.*

*O peor, porém, não é isto, porque não são realmente os maus gallicismos de palavras ou de expressões os que nos trazem adulterada a lingua: são os de syntaxe, os quaes lhe vão transformando a indole, confundindo os systemas de construcção das duas linguas.*

*Para este mal não encontro remedio, visto não serem permittidos, pelas nossas leis, os castigos corporaes. Assim, a onda irá crescendo, tão alta que levará tudo de vencida, e tempos virão, não muito distantes, em que o infeliz, que escrever com grammatica e senso commum, será apontado ao dedo como um mentecapto que faz rir.*

*Por isso, e prevenendo essa catástrophe, me vou passando, prudentemente, para o lado dos futuros vencedores, levando nos braços, a titulo de recommendação, o meu suspeito bohemio – já agora cosmopolita pela origem de raça, e pela adopção geral.*

## [Sermão na montanha]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois impressos e um manuscrito:

A – *O Amigo do Povo* (dir. Cunha Viana), Braga: Typ. Gouveia. Número Especial (1 de junho de 1884), p. 7.

Este jornal, dirigido por Cunha Viana desde 1877, publicava-se às quintas e domingos. Passou por formatos diversos, mas o exemplar em causa (impresso em formato grande, de 50 cm) constitui um número especial que o periódico dedicou, no 1.º de junho de 1884, ao Bom Jesus de Braga.

B – ADB, Ms. 537, f. 48r.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (1898 [1897]) e *Novas Rimas* (1905 [1904]), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 50 folhas (medindo 15,7 x 20,5 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina, onde foi colocado o rótulo: “Arquivo Distrital | 537 | Manuscritos | U.M?”. O volume abre com uma folha de guarda em papel almaço branco, seguida de uma folha pautada, onde se lê o título “Novas Rimas”. Seguem-se 49 folhas, numeradas por João Penha de 1 a 49. As poesias aparecem então registadas nas folhas 1r-48v, seguindo-se um “Índice”, que ocupa a última folha pautada e se estende até à folha de guarda final (numerada a lápis, por mão posterior, como 50). O volume encerra com uma pequena lista de “Emendas”, registada no verso da folha de guarda final.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 45-46. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 58.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

### Anotação textual: emendas

6. E aos] **AB**; A aos

### Aparato genético

5. sinistro; **A** sinistro: **BC**  
 6. E aos abysmos descendo do profundo **A** E aos abysmos descendo do profundo, **B** **A** aos abysmos descendo do profundo, **C**  
*Em D, a variante resulta de gralha tipográfica.*  
 9. Entra na conclusão, que **A** Chega á peroração, que **BC**  
 12. cangirão, **AB** cangirão **C**  
*Data..* Braga, 27 de maio de 1884. **A** □ **BC**

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira saiu n’*O Amigo do Povo*, em 1884; a segunda é a que aparece no manuscrito do ADB e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As pontuais alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo (BPMP, M-AF-1144(8)), ficamos a saber que esta composição era uma das que se encontravam dispersas na imprensa periódica e que o escritor viseense compilou a partir dos jornais (ADB, Ms. 550, ff. 49-59), ainda na fase de preparação do livro (i.e., maio de 1897). Vd. *infra* Arquivo documental do n.º 100.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois impressos e dois manuscritos:

A – *A Folha Nova* (red. Emygdio d’Oliveira), Porto: Typ. Occidental. Ano IV, n.º 188 (7 de janeiro de 1885), p. 2.

Este jornal portuense de tendência republicana contou com a colaboração de alguns dos nomes mais sonantes das letras nacionais. Imprimiu-se entre 1881 e 1888, em formato médio (de 46 cm).

B – BPMP, Ms. 2012, p. 205. Vd. descrição no n.º 1.

“O poeta e a noiva” surge na secção final do manuscrito, intitulada “Postea”.

C – ADB, Ms. 537, f. 1r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 47-48. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Ilustração Portuguesa: Semanario: Revista Litteraria e Artistica*, Lisboa: Typographia do Diario Illustrado. Ano III, n.º 37 (28 de março de 1887), p. 11. Trata-se de uma cópia d’ *A Folha Nova*.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1198 (7 de setembro de 1892), p. 2. Trata-se de uma cópia d’ *A Folha Nova*.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1553 (25 de abril de 1896), p. 2. Trata-se de uma cópia d’ *A Folha Nova*, já reproduzida no n.º 1198.
- *Gil Braz: Quinzenario Illustrado de Musica, Litteratura, Critica, Theatros, Touros e Sport* (dir. Joaquim Vera Junior), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 1 (20 de abril de 1898), p. 3. Trata-se de uma cópia a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

### Aparato genético

3. aberto! AB aberto, CD  
 5. zelos AB zelos, CD  
 10. «Que vejo! escuros ainda? A «Que vejo! escuros inda? BC « – Que vejo!  
 escuros inda? D  
 12. pintei-os!» ABC pintei-os.» D  
*Data.* Braga – Dezembro – 1884. A □ BCD

### Arquivo documental

Entre as transcrições indiretas, que saíram na imprensa periódica, contam-se duas cópias, impressas nos números 1198 (de 7 de setembro de 1892) e 1553 (de 25 de abril de 1896) do jornal bracarense *A Correspondencia do Norte*. Ao último traslado seguiu-se esta réplica, assinada por V., no n.º 1556 (de 6 de maio de 1896):

#### A NOIVA E O POETA

##### ANTES

*E disse a noiva ao poeta: – Ainda bem,  
 que não mais ouvirei a tua graça!  
 Beijarei o meu esposo e mais ninguém!  
 Afogará a magoa com vinhaça!*

*E se eu poder emfim manter-me fiel  
 ao noivo a quem amor eterno juro,  
 verás, passado assim o luar de mel,  
 meu cabelo mais longo e mais escuro!*

##### DEPOIS

*E disse o poeta á sua amada antiga:  
 Que vejo! Então em vez da negra coma  
 mostras-me sobre a testa uma estriga?  
 – Caso simples: deitei-lhe pós de goma!*

V.

## 68

## [Epicurismo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Academia: Semanario de Litteratura* (ed. Francisco Machado), Coimbra: Imprensa da Universidade. N.º 3 (1866), p. 21.

Este periódico literário publicou-se semanalmente, entre dezembro de 1866 e fevereiro de 1867. Fundado por Simões Dias, Lopes Praça e Emigdio Navarro, tinha formato pequeno de 28 cm, acolhendo colaborações literárias de vários estudantes coimbrãos.

B – Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portuguesa. Fasc. IV (1878), p. 63. Vd. descrição no n.º 7.

Gonçalves Crespo cita este poema, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878. Pela leitura da correspondência trocada entre ambos (ADB, Ms. 546<sup>maço 2</sup>, f. 43), ficamos a saber que o artigo foi escrito com colaboração estreita de João Penha, que lhe terá fornecido os poemas necessários à composição do mesmo. Na verdade, o testemunho documenta uma versão até esse momento inédita.

C – ADB, Ms. 537, ff. 35v-36r (vd. descrição no n.º 66); Ms. 536, p. 191.

Este poema aparece registado no Ms. 537, com uma posterior campanha de revisão documentada na lista de “Emendas”, colocada ao final do Ms. 536.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 49-50. Vd. descrição no n.º 66.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- Gonçalves Crespo, *Obras Completas* (2.<sup>a</sup> ed. definitiva), Lisboa: Santos & Vieira, 1913, pp. 410-411. [1.<sup>a</sup> ed. 1897]  
Trata-se de uma cópia d’ *A Renascença*.
- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 4452 (25 de outubro de 1902), p. 2.  
Trata-se de uma cópia a partir da versão incluída no artigo de Gonçalves Crespo.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 56-57.  
Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 53-54.  
Trata-se de uma cópia a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

### Aparato genético

- Título.* Bons conselhos A □ B Epicurismo CD  
*Subtít.* (No album de S. R.) A □ B (Num album) CD
2. peito. A peito, BC peito; D
  3. juiz eleito, A jui eleito B juiz eleito CD  
*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*
  4. nação. A Nação. B nação; CD
  8. renitente, A retinente, B renitente, CD  
*Em A, não existe intervalo interestrófico.*
  12. do papa; AB de papa; C de papa: D
  13. mappa, A mappa B mappa, C mappa; D
  14. Foge de vis ouropeis. A Foge de vis europeis. B Foge de vis ouropeis. Γ Não te mettas a dar leis. 7 C Não te mettas a dar leis. D
  16. desgraça, ABC desgraça: D
  17. «Emprega ABC Emprega D
  19. E nos delirios da A E nas delicias da BCD
  20. taça.» ABC taça. D  
*Em A, não existe intervalo interestrófico.*
  21. Goze este ABC Goze um D
  22. ministro, AB ministro C ministro, D
  23. trovador, AB trovador CD
  24. celebrado... ABC celebrado: D
  28. luz do perilampo: A luz do pirilampo: B luz d'um pyrilampo: C luz do pyrilampo: D

As alterações introduzidas na segunda versão concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

No prefácio à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (texto n.º 718), João Penha diz que este poema teria sido o primeiro publicado em seu nome. Já antes, todavia, o autor dera a lume o poema herói-cómico “Tancredo” (poema n.º 81), o soneto “S. L.” (poema n.º 532) e um folhetim anónimo, no âmbito da Questão Coimbrã (poema n.º 531).

## 69

## [Desesperança]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 41v. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 59.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

## Aparato genético

2. Em vão tentara descompor-te as A Não conseguira amarrotar-te as B
3. Que parecem de A Que as teceste de B

As alterações introduzidas na segunda versão concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Arrabil moderno]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 11, p. 84. Vd. descrição no n.º 1.

B – ADB, Ms. 537, ff. 33v-35r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 53-55. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

## Aparato genético

1. Aquelle triste poeta A Aquelle tristonho vate BC
2. Ama a bella Carolina: A Adora a bella Rosina. BC
5. Mas A Mas, BC
10. D’uns A De uns BC
13. vezes A vezes, B vezes C
22. illumina A illumina, BC
27. como lyrio AB como um lyrio C
28. sombras turva. A sombras, turva. B sombras, turva! C
30. Não prevejo A Não prevê BC
31. Mais um tórvo suicidio, A Talvez um crime sangrento B Talvez um crime sangrento, C
32. Mais um crime sêvo e escuro! A Um drama feroz e escuro! B Um drama tremendo, escuro! C
33. lage, A lage B lage C
38. Junto á bella Carolina: A Unido á bella Rosina: B Junto da bella Rosina: C

Podemos distinguir duas versões deste soneto; a primeira saiu n’*A Folha*, em 1869; a segunda é a que aparece documentada, com algumas variantes, no manuscrito do ADB e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 11r. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 57-58. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94). As quadras aparecem dispostas na metade inferior da página ímpar e os tercetos na metade superior do respetivo verso.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 60.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

## Aparato genético

2. uniu, Leonora, A uniu, Cecília, B
8. galante; A galante. B
9. escala A escala, B
14. «Quer Porto? – Diz um leão: «quer soda!» A Quer Porto? – Diz um leão: quer soda!» B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 119-128, 193. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito nas páginas numeradas como 119-128, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 193). No canto superior esquerdo da p. 119, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 59”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 59-68. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

## Aparato genético

9. correcto, A correcto B  
 13. dama, A dama B  
 26. vento em poppa: Γ vento á ré.Γ A vento á ré: B  
 28. Quanto ás femeas: são de estopa!» Γ Mulher que lhe finque o pé.»Γ A Mulher que lhe finque o pé!» B  
 30. Mais composto de figura, A Em que bebeu com bravura, B  
 33. Uma A «Uma B  
 35. senhora, A senhora B  
 39. vedado A vedado, B  
 43. Quem A «Quem B  
 44. Não A «Não B  
 46. Que nos ceus meus olhos puz A «Que nos ceus meus olhos puz; B  
 47. Quero A «Quero B  
 48. Casta A «Casta B  
 49. insanas A insanas, B  
 50. E A «E B  
 51. Procure A «Procure B  
 52. Que A «Que B  
 55. persistia A persistia, B  
 57. corda A corda, B  
 59. Mas A Mas, B  
 64. Do /Caballero de Grácia. <sup>sublinhado</sup>/ A Do /Caballero de Grácia. <sup>itálico</sup>/ B

67. choroso, A choroso B  
 70. Porque embora, A Porque, embora B  
 76. ti, A ti B  
 77. elegancia A elegancia, B  
 78. formosura A formosura, B  
 81. não, que A não; que B  
 84. tristeza! A tristeza. B  
 87. veu, A véo B  
 97. um pacto A um jogo B  
 99. minh'álma, de facto, A minh'álma de fogo B  
 102. d'ësgôto, A d'ësgoto B  
 104. magro A magro, B  
 106. não? - » - «Por A não?» - «Por B  
 107. acceitara. A acceitára, B  
 113. negra, A negra B  
 114. airada A airada, B  
 115. botelha, - A botelha, B  
 117. De repente volto á Hespanha, A De repente, volto á Hespanha B  
 120. pouco, em A pouco em B  
 123. poento A poento, B  
 130. Depois, A Por fim, B  
 132. emfim, ao A só, ao B  
 134. galante, A galante B  
 138. completo, A completo; B  
 144. academia A Academia B

As alterações introduzidas na segunda versão concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## 73

## [Força do amor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 30v. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece incluído no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 233-236) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

9. Mas, A Mas B
12. tudo o amor desculpa, A tudo amor desculpa B

## Arquivo documental

I. A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 233-236). *Grosso modo*, o texto coincide com a nota de rodapé ao poema “A pulga”, que João Penha fizera já publicar n’ *A Folha*, em 1872 (vd. *supra* “Arquivo documental” do n.º 59):

*Força do amor*

*Porque Lope de Vega se dirige neste soneto á sua própria sotaina, veste clerical entre nós, não se supponha que elle era padre: foi-o, mas ainda o não era, na epocha em que o fez.*

*Lope de Vega, nascido em Madrid a 25 de novembro de 1562, e fallecido a 25 d’agosto de 1635, é considerado, por muitos eruditos, como o principe dos poetas hespanhoes; mas o que talvez os meus leitores ignorem é que esse «prodigio da natureza» – como lhe chamavam – possuía, como nenhum outro, as verdadeiras feições do poeta peninsular: na mocidade, homem de saraus, de amores nocturnos, de rixas e serenatas; mais tarde, homem de espada, secretario d’um principe, embaixador; nos ultimos tempos, sacerdote, monge obscuro em mosteiro solitario.*

*Lope de Vega passou por estas phases: moreno, alto, de olhar vivo e fronte larga, destro, corajoso e elegante, era um moço guapo, um completo D. Juan. Todas as noites victoriado nos theatros de Madrid, onde fez representar mais de 2:000 peças, dramas,*

*comedias ou farças, as mais bellas damas da côrte, e as mais timidas Julietas e Rosinas da cidade coroada, procuravam anciosas conhecer na scena dos amores o homem que era mostrado aos forasteiros como um prodigio: o poeta, que o povo seguia nas ruas, apontando-o ao dedo e aclamando-o como ao duque d'Alba e a Philippe II.*

*Ora, a esta vida tempestuosa nem um Hercules poderia resistir: sentindo-se alquebrado, e desejoso da paz domestica, pôz de lado o longo manto das aventuras nocturnas, o amplo chapêu de fôrma aguda, a guitarra e o florete; e vestindo a roupa de gala, desde o sapato golpeado até ao chapêu de pluma branca, conduziu perante os altares uma dama da principal nobreza: D. Izabel.*

*Poeta casado, poeta desgraçado: ou o casamento absorve a poesia, ou esta se emancipa, rompendo o laço que a prende ás cousas da terra.*

*Lope de Vega não pôde subtrahir-se a esta fatalidade, e depois de ter estendido por terra, passando-o de ponta, um certo espadachim malicioso a quem desafiára, lá se foi na grande Armada em procura do esquecimento.*

*A sorte foi-lhe adversa, mas compensou-lhe o desastre do naufragio com a benção da viuvez consoladora.*

*Mais tarde, porém, quiz a Divina Providencia, lançando-o nos abysmos d'um segundo casamento, submettel-o a uma nova provação; até que, vendo-o nos extremos da miseria humana, lhe lançou olhos de piedade, deixando-o outra vez só nos lances d'este mundo.*

*Foi, ao que parece, depois d'estas segundas nupcias, que elle disse, segundo refere o velho Latouche, no seu Cours de Littérature Comparée, estas memoraveis palavras: «Ia ser padre, e apaixonei-me. Cegaram-me os olhos de uma mulher, e casei com ella. Deus lhe perdôe: comparadas a uma tal desgraça, todas as outras são cousa nenhuma».*

*Desenganado, alfim, do nada dos prazeres terrenos, tomou ordens de presbytero, dando-se á pratica das virtudes christãs, e edificando as almas piedosas com o exemplo de uma vida austera e santa. Os seus magnificos sonetos religiosos datam d'esta epocha.*

*Sob o mesmo aspecto, o nosso Diogo Bernardes pôde comparar-se a Lope de Vega.*

*Moço e poeta, galanteava na côrte certa dama de gentil semblante, e como desejasse merecel-a, partiu-se com o infeliz D. Sebastião em procura de honras e victorias.*

*O que se passou em Alcacer-Kibir todos o sabem: os raros portuguezes que escaparam á morte, não escaparam do captiveiro. Bernardes foi um d'estes. Sentado num rochedo, e alongando os olhos pela vasta planicie dos mares, ora cantava os lances d'aquella triste jornada, em que morreram os ultimos portuguezes «vencidos não, mas de vencer cançados»; ora cantava as tristezas da escravidão, e os horrores d'aquella soledade.*

*Resgatado por uns frades, poudede emfim voltar á patria, mas para receber o ultimo golpe: a dama a quem amava, suppondo-o morto, pedira consolações aos vivos: nem morrera, nem se metteria freira.*

*Foi então que, retirando-se do mundo, se foi para as margens do Lima, onde se entregou aos salutaes exercicios da religião christã, e á vida contemplativa dos anachoretas da Thebaida.*

*E fez versos a Nossa Senhora da Conceição, e a Santa Ursula.*

*Mas, voltemos a Lope de Vega.*

*Todos sabem que foi elle um dos maiores adversarios da escola de Luiz Gôngora, que então dominava em toda a peninsula; é certo, porém, que ás vezes, como o nosso proprio Camões em grande numero dos seus sonetos, não pôde subtrahir-se á influencia do Victor Hugo d'aquelles tempos.*

*A Pulga, que traduzi, e que saiu nas Rimas, é uma prova d'isto.*

*Além d'essa poesia e da Força do amor, não conheço, entre nós, d'este grande poeta, senão dous magnificos sonetos, bellamente traduzidos e metrificados por Theophilo Braga: A um crucifixo, e o Passarinho fugido.*

II. O poema de João Penha constitui, na verdade, uma tradução do soneto de Lope de Vega, incluído nas *Rimas Humanas y Divinas del Licenciado Tomé de Burguillos* (ed. Don Ramon Fernandez), Madrid: Imprenta Real, 1792, t. XI, p. 68):

*Que amando no hay dificultad.*

*Carbon me pide Ines, que la criada,  
Dice, que se le fué con un lacayo  
Medio Frances, entre bermejo y vayo,  
Del caballero de la ardiente espada.*

*Si me pidiera lumbre, la abrasada  
Troya del alma le prestara un rayo;  
Pero carbon, por Dios que me desmayo  
De ir á la tienda, la sotana alzada;*

*Pero pedirme fuera mas cuidado,  
Que asar con él, perdone la sotana,  
Perdone lo escolar, perdone el grado.*

*Todo lo puede amor, todo lo allana,  
Pues Hércules se puso rueca al lado,  
Y Júpiter las naguas de Diana.*

## [Versos á Carmen]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 537, ff. 15v-18v. Vd. descrição no n.º 66.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Ilustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 3 (5 de março de 1897), pp. 36-37. < J. Rocha >

Esta revista quinzenal publicou-se entre fevereiro e julho de 1897, em formato pequeno (de 25 cm), a duas colunas. Era dirigida por Alberto de Madureira, embora tivesse em João Penha não apenas um dos colaboradores mais próximos, mas até o seu coeditor velado (como se depreende da correspondência trocada entre ambos os poetas). Além dos textos assinados com o nome próprio, Penha colaborou também nalguns editoriais desta revista, tendo publicado ainda vários textos sob o pseudónimo J. Rocha. Entre estes conta-se o poema “Versos á Carmen”, publicado no n.º 3, em cujo editorial (intitulado “Palestras litterarias” – p. 35) se pode ler a seguinte apresentação:

[...]

Versos á Carmen – é o titulo que encimala umas formosissimas e jocosas quadras, cheias de salero e de espirito, que hoje enriquecem as columnas da nossa revista, devidas á penna scintillante de um grande e festejadissimo poeta, que a imprensa toda se não tem fatigado em acclamar ruidosamente, agora acobertado com o modesto pседonymo de J. Rocha.

Cada quadra é um gracejo risonho, rico de humorismo, saliente de graça, onde o poeta evidencia toda a sua alma de bohemio e de artista, muito apaixonado pela mantilha... ou melhor ainda, pela guapa e gentil castelhana – e muchas cosas mas...

Viva la gracia... e J. Rocha!

[...]

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 71-77. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94), vindo acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 236-238) – vd. *infra* Arquivo documental.

**Aparato genético**

*Título.* Musa alegre A Versos á Carmen BC

*Subtít.* (Versos á Carmen) A (A seu pedido) B □ C

3. fronteira, AB fronteira C

14. d'êsgôto; AB d'êsgôto: C

17. vez (o caso espanta) AB vez, o caso espanta, C

21. bella AB bella, C

22. seio, AB seio C

23. /majo <sup>sublinhado/</sup> A /majo <sup>itálico/</sup> B «majo» C

24. roubara, assassinei-o! A roubara, – assassinei-o! B roubara, assassinei-o! C

27. abaixo, AB abaixo C

33. alcaide, AB alcaide C

39. Alice, AB Alice C

40. tua.» A tua. B tua: C

43. dragão A dragão, BC

49. espaços AB espaços, C

55. jurei. AB jurei: C

57. folias; A folias, B folias; C

59. Levei-lh'a, AB Levei-lh'a C

66. d'alto AB de alto C

67. bicho; A bicho, BC

69. cheia A cheia, BC

70. calaboiço; A calaboiço, BC

80. sequiosa: A sequiosa. B sequiosa: C

83. calma! AB calma: C

86. implorara o AB impetrara o C

88. Não o AB Não a C

91. nocturno AB nocturno, C

102. feita, AB feita C

*Data.* □ A 22-9-96. B □ C

Os testemunhos disponíveis dão conta de duas versões, marcadas por uma ligeira variante, ao nível sintagmático da substituição. Em carta dirigida a Alberto de Madureira, no entanto, João Penha (que colaborava com o editor, na revisão da *Novos e Velhos*) solicita um acrescento de última hora para este poema, depreendendo-se que a versão inicialmente enviada para a revista não incluía a estrofe aqui inserida na oitava posição.

## Arquivo documental

I. Em carta dirigida a Alberto de Madureira, João Penha submete um acrescento de última hora para este poema. A missiva em causa é anterior à publicação do número 3 da *Novos e Velhos* (5 de março de 1897) e encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 546<sup>maço 12</sup>, ff. 48-49. Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 23,1 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê:

*Meu caro Madureira.*

*Vão as provas revistas. As dos Versos à Carmen, quero tornal-as a ver, não só porque tem alguns êrros importantes, mas também porque fiz uma quadra nova, que têm de ser intercalada entre a 7.<sup>a</sup> e a 8.<sup>a</sup> quadra. É esta:*

*“Mas nem morri afogado,  
Nem me acabaram as maguas,  
Que o Manzanares, coitado,  
Tem ponte, mas não tem aguas”.*

*Quanto à gralha do Eugenio, ahi vão umas linhas, sob o titulo de transformismos. Entendo que deve ir á parte, na ultima pagina do n.º, e não nas Palestras. Será uma secção nova.*

*Vae tambem outra emenda ao soneto do Julio Brandão. Não sei realmente se elle escreveu luz ou lua. Faz favor de verificar. Se, effectivamente, escreveu lua, a emenda não deve sahir. Só deve sahir o 1.º epigrama do Eugenio, e não todos. Que se contente. O erro era insignificante.*

*Quanto ao soneto do Novaes, entendo que está mau para sahir como elle o fez. Em geral, os escriptos são da responsabilidade dos respectivos signatarios, mas isto quando elles tem um nome. Quando o não têm, a responsabilidade é do director da publicação.*

*Quando sahiu o 1.º n.º da Arte, revista que se publica em Lisboa, o Reporter, noticiando o apparecimento desse n.º – finalizava assim: «quanto ao mais, temos Azevedo Coutinho, Vicente Novaes e Clorinda de Macedo, e está dito tudo».*

*É preciso, pois, todo o cuidado, porque principiando a apparecer na revista certos nomes desacreditados, os bons poem-se a andar.*

*O melhor é que esse soneto fique para o n.º 4.º sahindo depois de emendado. Pelo menos, substitua-se essa Venus celebrada, por namorada, delicada, ou outra cousa qualquer. Ahi caberia melhor uma fada.*

*O que cança tambem se não tolera. É por estes descuidos, que o Vicente não occupa o logar que poderia occupar pelo seu talento. É um dos effeitos do seu constante desequilibrio. Tambem desejo ver as provas do artigo do Anthero.*

Se  
J. Penha

*P.S. Fiz o novo /\* apicalio/, que vae junto para os Versos à Carmen. Entre a 7.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup> quadra. É uma espécie de poesia a que se pode dar o comprimento que se quizer.*

II. Sobre o título desta composição, registre-se que a versão publicada na *Via-gem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 236-238):

## Versos á Carmen

*Esta composição não passa de uma extravagancia metrica, ou antes, de um conto em verso para creanças. Só lhe falta a moralidade, no que se parece com muitos dos de Andersen, Grimm e Perrault. Não obstante, hesitei em publical-a, não por que entenda que a moralidade é essencial na arte, mas porque excede aquelles limites, transpostos os quaes a phantasia não tem fundamento em cousas possiveis, o que é de reprovar, embora não seja crime.*

*Essa hesitação, porém, talvez pueril, teve de ceder diante da vontade imperiosa da creança para quem esses versos foram escriptos, – porque, se o conto é de phantasia, a creança não o é: uma creança de quinze primaveras.*

*Depois de os ter feito, na presença d'ella, e de lhòs lêr, entreguei-lhòs. Dobrou-os, em silencio, e mettu-os no seio – do lado esquerdo: era hespanhola.*

*Se fosse portugueza, diria: – «São bonitos; muito agradecida».*

*Ultimamente, disse-lhe:*

*– «Carmen, os teus versos não entram no livro que vou publicar: bem vês que não passam de um puro gracejo que a gravidade das circumstancias decerto reprovaria[»].*

*Vendo-a silenciosa, e de uma pallidez mortal, accrescentei:*

*«Mas não te zangues por tão pouco, – porque te hei-de fazer outros, serios, e tão bonitos, que até has de chorar, quando os leres».*

*Erguendo-se então, como uma leoa:*

*– «Não os quero: quero os meus, porque esses sei que foram feitos para mim, só para mim, e hão de sair.*

*– E se não sairem?*

*– [«]Não sae o livro porque o rasgo, e em seguida passo tres dias e tres noites sem fallar, sem comer e sem dormir».*

*Em face d'esta horrivel ameaça, cedi; mas ainda assim, e pela primeira vez desde que entrei no Parnaso, inquirei, sobre o assumpto, José Simões Dias, o qual opinou pela publicação, dizendo que de maneira alguma deixasse de os inserir no volume.*

*Vendo, pois, contra mim toda a Hespanha, porque José Simões é realmente um poeta hespanhol, melhor do que nenhum dos indigentes de lá, tive de ceder, – e cedi da melhor vontade.*

## 75

## [O desenlace]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 42r. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 79-80. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94), vindo acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (p. 238) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

4. sipario». (\*) A sipario». B  
 7. sentidos em fogo A sentidos, em fogo, B  
 8. imaginario. A imaginario! B  
 13. impeno do A influxo do B  
 Nota. (\*) Verso de Giambatista Casti. A □ B

## Arquivo documental

A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (p. 238):

*Desenlace*

O verso:

“Alzarte un giorno il cándido sipário”.

é de Giambattista Casti, poeta italiano do seculo XVIII, autor dos Animaes Fallantes. Extrahi-o de um dos seus deliciosos contos em verso – Novelle inedite. Traduzido em portuguez daria um excellente saphico, mas não sería da minha lavra, e faria talvez assomar ás faces de liz das minhas amorosas leitoras o colorido vulgar das rosas de todo o anno. Assim, em puro toscano, será para os que ignoram a lingua do Boccacio e do Aretino como que uma musica de que se não conhece a letra; para os que a sabem, e poucos são, uma phrase que traduz fielmente o meu pensamento, e que talvez lhes suscite a ideia de relerem La Vernice, La Papessa Giovanna, e tantos outros contos do malicioso Piron italiano.

## 76

[Por um... de Vigo]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 116-117. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página numerada como 116, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 81”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 81-82. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

### Aparato genético

16.    captivo. A captivo! B
17.    bella A bella, B
20.    Vigo: A Vigo, B
22.    visinhas: A visinhas; B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, p. 133, 194. Vd. descrição no n.º 65.

Este sonetinho aparece transcrito na página numerada como 133, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 194). No canto superior esquerdo da p. 133, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 83”.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 10 (20 de junho de 1897), p. 151. Vd. descrição no n.º 74.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 83-84. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 62.

Trata-se de uma cópia da terceira edição das *Rimas*.

## Aparato genético

1. pia, AB pia C
  3. Bocage A Bocage, B Bocage C
  7. Va! Sottera-os sob a lage Γ Sepulta-os sob uma lage, 7 A Sepulta-os sob uma lage BC
  10. pinta, A pinta) BC
- Data. □ A 15-VIII-97. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira surge transcrita no manuscrito do ADB; a segunda é a que aparece documentada na lista de “Emendas” (colocada ao final do mesmo manuscrito), na revista *Novos e Velhos* e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, p. 134, 194. Vd. descrição no n.º 65.

Este sonetinho aparece transcrito na página numerada como 134, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 194). No canto superior esquerdo da p. 134, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 85”.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 11 (5 de julho de 1897), p. 168. Vd. descrição no n.º 74.

Este poema apareceu inicialmente afetado por vários problemas tipográficos, depois corrigidos através de uma postilha enviada aos subscriptores da revista. Vd. Arquivo documental do poema editado no n.º 126.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 85-86. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

## Aparato genético

*Dedic.* (A Eduardo Bourney) A A Alberto de Madureira B (A Alberto de Madureira) C

4. Como o Adamastor, do Cabo! Γ Como a Igreja pinta ao diabo.Γ Γ Γ Como a lenda pinta ao diabo.ΓΓ A Como a lenda pinta ao diabo! BC

8. Te alvejам, ladrando ao rabo! Γ Te vibram péllas ao rabo.Γ A Te vibram péllas ao rabo! B Te vibram péllas ao rabo. C

9. Flandes A Flandres BC

13. Tens o rei de Henrique IV , Γ Vaes-te rindo á Henrique Quarto.Γ A Vaes-te rindo, á Henrique IV, B Vaes-te rindo á Henrique Quarto, C

Data. □ A 24-VIII-97. B □ C

*Em B, a data parece apresentar um lapso. O poema deverá ter sido composto em Julho, pois o respetivo número da Novos e Velhos foi publicado a 5 desse mês.*

A primeira versão deste poema surge transcrita no manuscrito do ADB, estando a segunda documentada na lista de “Emendas” (colocada ao final do mesmo manuscrito), na revista *Novos e Velhos* e ainda nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Sonho e realidade]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 136, 194. Vd. descrição no n.º 65.

Este sonetinho aparece transcrito na página numerada como 136, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 194). No canto superior esquerdo da p. 136, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 87”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 87-88. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

## Aparato genético

*Título* O sonho e a realidade A Sonho e realidade B

4. No Pindo o meu Γ Na Arcadia meu⌋ A Na Arcadia meu B

9. Moça ou dama de excellencia A Moça, ou dama de excellencia, B

12. Mas,... páro aqui, porque em summa, A Mas... páro aqui, porque em summa  
B

*Data* 3-IX-97- A □ B

A primeira versão deste poema surge transcrita no manuscrito do ADB, estando a segunda documentada na lista de “Emendas” (colocada ao final do mesmo manuscrito) e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As ligeiras alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, ff. 38r-41r. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 89-94. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “A musa que ri” (pp. 33-94).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 54-59. Trata-se de uma cópia a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

## Aparato genético

*Subtit.* (1865) A □ B

3. lei A lei, B
4. (E já comprei estadulho) A E já comprei estadulho, B
11. talvez A talvez, B
29. jumento; A jumento, B
35. modesto A modesto, B
41. praças, A praças B
49. cobre A cobre, B
52. nariz, A nariz B
53. dos altos A dos grandes B
61. Eu, anjo, A Tu, anjo, B
62. Sabes o tempo que passo: A Sabes a vida, que levo, B
63. De dinheiros sempre escasso A De quem não vae a longévo, B
64. Vivo triste como A Triste ás vezes como B
65. vou A vou, B
66. Empunhando o eterno copo, A Empunhando enorme taça, B
67. Onde uns biscoitos encopo, A Nunca de vinhos escassa, B
68. Rindo de todos e tudo, A A rir-me alegre de tudo, B
69. cousas de entrudo A dias de entrudo, B
70. Tristezas de misantropo. A Dias que são de desgraça. B
74. candura. A candura, B

84. magra A magra, B  
 87. praça A praça, B  
 95. Agora, A Agora B  
 96. questão, A questão: B  
 97. carroção A carroção, B  
*Data* Coimbra, – III – VIII – XIV A □ B

Os testemunhos disponíveis dão conta de duas versões, marcadas por variantes ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Segundo testemunha João Penha, no prefácio à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (vd. texto editado no n.º 718), este poema é uma das suas mais antigas composições, compostas por volta de 1866. Sobre o título, esclarece o autor:

[...]

*A composição Eu e elle, a que já me referi, pela sua idade, deveria ser, na ordem da distribuição das matérias, a primeira ou uma das primeiras da Musa que ri; colloquei-a, porém, no fim, porque serve, por assim dizer, de introito ao Tancredo. Elle é o proprio Tancredo; Eu o outro personagem d'essa phantasia real.*

[...]

## [Tancredo – I – O sócco d’um eterno monumento]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Revista de Coimbra: Folha Bimensal* (dir. Guimarães Fonseca), Coimbra: [s.n.]. N.º 1 (1 de dezembro de 1865), p. 6.

Este periódico bimensal publicou-se em formato pequeno, entre dezembro de 1865 e abril de 1866. Era dirigido por Guimarães Fonseca e Luís Jardim, acolhendo colaboração dos mais reputados estudantes da academia de então, nomeadamente Teófilo Braga, Antero de Quental, João de Deus e João Penha, entre outros.

B – ADB, Ms. 537, ff. 19r-20v (vd. descrição no n.º 66); ADB, Ms. 536, p. 193.

O primeiro canto do poema “Tancredo” aparece registado no Ms. 537, com uma posterior campanha de revisão documentada na lista de “Emendas”, colocada ao final do Ms. 536.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 97-100. Vd. descrição no n.º 65.

## Aparato genético

*Título.* Tancredo: Poema heroi-comico A Tancredo BC

*Dedic.* A C. AB □ C

*Subtít.* Canto primeiro A I BC

7. Ao pôr no pedestal o meu trabalho A Ao pôr no pedestal o meu trabalho  
Γ Talvez ao pôr na base a estatua erguida 7 B Talvez ao pôr na base a estatua  
erguida C
8. Talvez fique debaixo do cascalho. A Talvez fique debaixo do cascalho. Γ Sobre  
mim cáhia e me soterre em vida. 7 B Sobre mim cáia e me soterre em vida.  
C
9. cidade, A cidade BC
11. da estridulosa A da estrepitosa BC
12. gente, que lhe viu A gente que lhe vira BC
13. Mudou-se porém A Mudou-se, porém, BC
14. gesto, o A gesto e o BC
15. Soltou o monstro um berro de tal guisa, A Soltára o monstro um berro de  
tal guisa BC

17. desconhecido, A desconhecido B desconhecido, C
18. gente A gente, B gente C
20. porco, AB porco C
21. Um outro – que AB Outro, além, que C
22. tormenta, que ao longe rebentava. A tormenta, que ao longe rebentava, B tormenta que ao longe se formava; C
23. perturbada a paz, A perturbada a paz B conturbada a paz C
24. Que chegou da policia o A Que da ronda chegou o BC
27. fallada, A fallada BC
31. no entanto AB no entretanto C
32. uns pobres A uns tristes BC
33. regedor, A regedor B regedor, C
35. acho que é castigo do Senhor A julgo que é castigo do senhor B julgo que é castigo do Senhor C
36. «Aquillo A Aquillo BC
37. «Porém, A Porém, BC
38. «O phenomeno ver, A O phenomeno ver BC
39. dizendo soltou um tal arrote, A dizendo expelliu tão grande arrote B dizendo, expelliu tão grande arrote C
42. d'Allemanha, A da Allemanha BC
45. Em que AB Com que C
47. Julgaram porém ver na A Julgaram porém ver da B Julgaram, porém, ver da C
48. Que teria o brutinho alma A Que a alimária teria alma BC
49. ainda ha pouco acabrunhado A ha pouco ainda acabrunhado, BC
52. a populaça A a vizinhança BC
53. festejado, A festejado B festejado, C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira surge transcrita na *Revista de Coimbra* e no Ms. 537 do ADB; a segunda é a que aparece documentada na lista de “Emendas” (colocada ao final do Ms. 536) e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

### Arquivo documental

I. A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 239-241):

*Tancredo*

*Naquelle tempo, a litteratura que florescia entre nós, se não era lacrimosa como a hodierna, era comtudo grave, digna e respeitavel, como uma matrona que suggere pensamentos de matrimonio, mas que não inspira ideas d'amor. Assim, este pequeno conto*

*em verso produziu, naquelle meio official e circumspecto, uma sensação de surpresa, que lhe mereceu uma notoriedade, realmente não merecida. No dia em que conclui a ultima estrophe, alguns academicos resolveram festejar ruidosamente o acontecimento. O transitio, pela Couraça de Lisboa, ficou interrompido durante muitas horas: uma grande fogueira que se accendeu em frente do templo do novo Apollo, e á roda da qual as raparigas da visinhança formaram desde logo as suas danças, foi a causa principal d'essa interrupção. Um importante casco de vinho foi franqueado ao publico, no balcão exterior do edificio. De momento a momento, bombardas estrepitosas, e trons de esfoguetamento, levavam o espanto ás povoações boqui-abertas, e obrigavam ao silencio as rãs coaxantes do placido Mondego. A musica compunha-se do Roque, sapateiro da visinhança, que tocava trompa, e de um academico que imitava com a voz a gaita-de-folles, com tal perfeição, que illudiria um gaitero da visinha Hespanha, se o ouvisse.*

*Uma primorosa ceia, fornecida pela grande artista culinaria Maria Camela, dividiu esta primeira parte do programma, da segunda.*

*A segunda consistiu na representação improvisada da Ignez de Castro, num só acto, e em verso alexandrino. Os papeis foram assim distribuidos:*

*Ignez – Alvaro do Carvalhal;*

*Pedro, o cru – o individuo que escreve estas linhas;*

*D. Affonso – Manuel da Assumpção;*

*Pacheco – Marçal Pacheco;*

*Coelho – Zeferino Brandão;*

*As tenras creancinhas – dous academicos cujas barbas lhes chegavam até aos embigos.*

*Damas da côrte, pagens e conjurados.*

*A representação correu, desde o principio até ao fim, sem hesitações algumas, com um entusiasmo, uma vehemencia de expressão que surprehenderiam as maiores summidades theatraes. Individuos que nunca até ali tinham feito um verso, como Marçal Pacheco, levados pelo rythmo cadenciado da lenga-lenga, fizeram alexandrinos, que Junqueiro poderia adoptar para os seus poemas. Foram os primeiros, e talvez os ultimos que fizeram em sua vida. As scenas capitaes: a do colloquio entre Affonso e Pacheco, a da supplica de Ignez, e a da morte da infeliz menina, arrancaram lagrimas a alguns espectadores. No fim do espectáculo os actores, abraçados uns aos outros, fizeram uma ovação a si mesmos, que tocou as raias do delirio. A musica, a que acima me referi, fez ouvir os seus accordes accelerados, e precedida por ella, toda aquella massa de academicos desceu á baixa, realisando-se então, no Paço do Conde, um segundo repasto homerico. O que depois se seguiu perde-se nas penumbras incertas das cousas vagas e phantasticas. Ninguem sabe como aquillo acabou, havendo só ao outro dia uma idea vaga, mas geral, de que houve ainda uma terceira ceia, não se sabe onde. Roque perdeu a trompa, pelo que se abriu uma subscrição publica para lhe comprar uma de oiro e marfim. Como não apparecesse no mercado, comprou-se-lhe uma, de metal amarello, ou do metal de que ellas se costumam fazer, e que elle recebeu confuso de reconhecimento.*

*E Tancredo?*

*Elle mesmo assistiu á primeira parte d'esta manifestação jubilosa. Era, por fim de contas, um excellente rapaz, que tinha uma voz poderosa, como a de um jumento, o que explica as primeiras estrophes do conto. Deve a estas horas estar juiz em qualquer parte.*

*Ella? Vive ainda, e talvez, lendo estas linhas, se as lêr, se recorde, em horas de silencio, do incoherente romance da sua mocidade.*

*E... o terceiro personagem?*

*Esse*

*“Dos tempos se recorda com saudade  
Em que nos campos do Mondego ouvia  
A ditosa canção da mocidade.”*

II. Também Gonçalves Crespo, no longo artigo que dedica a João Penha, em julho de 1878, se refere a “Tancredo” como um dos mais antigos poemas que João Penha compôs em Coimbra, antes mesmo de assumir a direção d’ *A Folha*:

Gonçalves Crespo, “João Penha” in *A Renascença: Orgão dos Trabalhadores da Geração Moderna* (dir. Joaquim d’Araujo), Porto: Imprensa Portugueza. Fasc. IV (1878), p. 63.

[Tancredo – II – Quizera um estro grande e sublimado]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Revista de Coimbra: Folha Bimensal* (dir. Guimarães Fonseca), Coimbra: [s.n.]. N.º 3 (1 de janeiro de 1866), p. 20. Vd. descrição *supra*.

B – ADB, Ms. 537, ff. 21r-22v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 101-104. Vd. descrição no n.º 65.

Aparato genético

*Título.* Tancredo: Poema heroi-comico A [Tancredo] BC

*Dedic.* A C. A □ BC

*Subtít.* Canto segundo A II BC

2. empreza, A empresa BC

4. pobreza: A pobreza; BC

5. reprovado, A reprovado BC

6. fraqueza. A fraqueza: BC

7. musa! afina agora o rude plectro; A musa! Afina agora o rude plectro, B musa, afina agora o rude plectro, C

8. metro. A metro! BC

11. Em vão foi o A Foi de balde o BC

19. pede, em nome seu e do progresso, A pede em nome seu e do progresso BC

21. convem; A convem, BC

23. estupefacto, AB estupefacto C

24. roncando, A a roncar, BC

27. pôr em vão AB pôr, em vão, C

30. attentos; A attentos: BC

32. pifia AB pifia, C

33. berreiro, A berreiro: BC

34. Pedia em altos brados A Vinha pedir, em brados, BC

35. ardente A ardente, B ardente C

38. antigo: AB antigo. C

39. tardança A tardança, BC

41. Depois A Depois, BC

43. vindouros, A vindoiros, BC  
 44. «Não A Não BC  
 45. «De A De BC  
 46. «Que parta pois; e nós somos vingados.» A Que parta pois; e nós somos vingados.» B Que parta, pois, e nós somos vingados!» C  
 47. lenga-lenga A lenga-lenga, B lenga-lenga C  
 49. saber esta A saber-se esta BC  
 50. Solta um brado de gôzo a populaça; A Percorre a urbe alegre o povo em massa. B Percorre a urbe alegre o povo em massa, C  
 51. estoura bomba estrepitosa, A estoira a bomba estrepitosa; BC  
 53. Parece, ao ver-se festa tão ruidosa, A Parece ao ver-se festa tão ruidosa B Parece, ao ver-se festa tão ruidosa, C  
 55. Entanto o meu heroe, d'èsporas dando, A Entanto o meu heroe, de esporas dando, B Entanto, o meu heroe, de esporas dando C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Revista de Coimbra*; a segunda é a que aparece documentada no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[Tancredo – III – Viu Coimbra entrar nos muros derrocados]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Revista de Coimbra: Folha Bimensal* (dir. Guimarães Fonseca), Coimbra: [s.n.]. N.º 4 (15 de janeiro de 1866), p. 29. Vd. descrição *supra*.

B – ADB, Ms. 537, ff. 22v-24r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 105-108. Vd. descrição no n.º 65.

Aparato genético

*Título.* Tancredo: Poema heroi-comico A [Tancredo] BC

*Dedic.* A C. A □ BC

*Subtít.* Canto terceiro A III BC

4. O pejo de fazer um tal emprego. A A vergonha que tinha d'esse emprego. BC
5. Espantaram-se ao vel-o A Espantaram-se, ao vêl-o, BC
9. d'abantêsmas e pavores, A de abantêsmas e pavores, B de avantesmas e pavores C
10. agoureiras; AB agoureiras, C
11. vigílias, de A vigílias e BC
12. sustos, de tripudio, A sustos, de tripudio B susto, de tripudio C
14. espectro AB espectro, C
18. d'espavento; AB de espavento; C
21. lido, A lido B lido, C
22. Benzeu em canto-chão todo o convento; A Solemne exorcismou todo o convento; B Solemne exorcismou todo o convento. C
23. pias, A pias; B pias, C
24. Perderam o AB Perderam seu C
27. E despegando em pávido berreiro AB E, despegando em pávido berreiro, C
30. ver o AB vêr-se o C
32. vinho, AB vinho C
33. bruxedo, A bruxedo BC
36. collegio outra vez presto surgiu; AB collegio, outra vez, prestes surgiu. C
37. e bojo A e o bojo BC
38. trasgo posto fóra A trasgo, pôsto fóra B trasgo, posto fóra, C
42. garotos; A garotos. B garotos: C

44. d'alvorotos. A de alvorôtos. BC  
 45. Quer porém a divina A Quer, porém, a divina B Quer, porém, a Divina C  
 46. marotos: A marotos. B marotos: C  
 47. Achou o bôrra um primo n'uma praça A Achara o burro um primo n'uma praça B Achára o burro um primo numa praça, C  
 51. lanzudo, A lanzudo B lanzudo, C  
 52. ðencantar; A de encantar. BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Revista de Coimbra*; a segunda é a que aparece documentada, com pequenas variantes, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[Tancredo – IV – Oh Pégaso, oh cavallo illustre e ardido,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Revista de Coimbra: Folha Bimensal* (dir. Guimarães Fonseca), Coimbra: [s.n.]. N.º 5 (1 de fevereiro de 1866), p. 37. Vd. descrição *supra*.

B – ADB, Ms. 537, ff. 24v-26r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 109-112. Vd. descrição no n.º 65.

Anotação textual: emendas

13. lobo] AB; bolo

Aparato genético

*Título.* Tancredo: Poema heroi-comico A [Tancredo] BC

*Dedic.* A C. A □ BC

*Subtit.* Canto quarto A IV BC

1. ardido! AB ardido, C
2. bicipide A bicípide BC
3. enrouquecido, A enrouquecido BC
4. cythera, que bronca desafina, A cythara que bronca desafina, B cithara que bronca desafina C
6. d'Erecina: A de Erecina: BC
7. Mas A Mas, BC
8. E temo para mim AB E receio, para mim, C
9. dona A D. BC
11. sou A só B sou C
12. mil; A mil: BC
13. O lobo carniceiro, ou tarde ou cedo, A O lobo carniceiro ou tarde ou cedo B O bolo carniceiro, ou tarde ou cedo, C  
*Em C, a variante resulta de gralha tipográfica.*
14. redil. AB redil: C
15. marido, AB marido C
16. lh'inspiraste A lhe inspiraste BC

17. bella moça A guapa moça BC
18. coração, A coração; B coração, C
19. ponderosa AB ponderosa, C
20. d'afflicção. A de afflicção. BC
21. noute AB noite, C
22. fronte, A fronte B fronte, C
25. Dos modos desdenhosos da A Pelos desdens altivos da BC
29. amoroso AB amoroso, C
31. d'abestruz A de abestruz BC
34. lapuz, A lapuz B lapuz, C
35. Que, AB Que C
41. errante, A errante BC
42. duras; A duras, BC
43. gentil á voz d'«avante!» AB gentil, á voz d'«avante!», C
46. horrenda, e ás escuras! A impávida, ás escuras! B impávida, ás escuras. C
47. via em toda a parte A via, em toda a parte, BC
49. morria AB morria, C
50. pinotes; AB pinotes, C
51. corria A corria, B corria C
52. magotes; AB magotes, C
53. (oh! caso raro e d'alegria!) A (oh! caso raro e de alegria!) B (oh caso raro e de alegria!) C
54. policia A policia, BC
55. scena e tremebundo A scena, e tremebundo B scena, e, tremebundo, C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Revista de Coimbra*; a segunda é a que aparece documentada, com pequenas variantes, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[Tancredo – V – Numa prisão horrenda e tenebrosa,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Revista de Coimbra: Folha Bimensal* (dir. Guimarães Fonseca), Coimbra: [s.n.]. N.º 7 (15 de março de 1866), p. 52. Vd. descrição *supra*.

B – ADB, Ms. 537, ff. 26r-27v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 113-116. Vd. descrição no n.º 65.

Aparato genético

*Título.* Tancredo: Poema heroi-comico A [Tancredo] BC

*Dedic.* A C. A □ BC

*Subtít.* Canto quinto A V BC

7. vida n'um antro escuro e infecto A vida n'um antro escuro e infecto, B vida, num antro escuro e infecto, C
8. hyenas, AB hyenas C
16. entreveio A interveio BC
17. Entretanto Cecilia, A Entretanto, Cecilia BC
18. Comprou o carcereiro a preço d'ouro, A Comprara o carcereiro a preço d'ouro, B Comprára o carcereiro a peso d'ouro, C
19. noute A noite BC
20. de terror e mau agouro, A do terror e mau agouro, BC
21. amplo manto A longo manto BC
22. thesouro; A thesoiro. BC
23. Queria a todo o transe libertal-o, A Intrepida amazona de romance B Intrépida amazona de romance, C
24. Senão dava-lhe o peito algum estalo. A Libertal-o queria a todo o transe. BC
25. luz baça e tremente AB luz, baça e tremente, C
27. estendido A estendido, BC
29. E movida por força ignota e ardente A E, movida por força ignota e ardente, BC
35. filho (disse) eu sou a tua estrella: A anjo, disse, eu sou a tua estrella; BC
37. E escura A Escura BC
38. sancto. A santo; BC

39. ouço além ás upas, A ouço além ás upas: B ouço, além, ás upas, C  
 40. Tu vaes na sella, eu vou-lhe nas garupas. A Tu vaes na sella, eu vou-lhe nas garupas.» B Tu, vaes na sella; eu, vou-lhe nas garupas!» C  
 42. de puro A do puro BC  
 44. fatal (terrível dor!) AB fatal, terrível dôr! C  
 45. pulmões A pulmões, BC  
 47. «Ás armas! A «Ás armas BC  
 52. Resoa e brada «sus!» AB Resôa, e brada «sus» C  
 53. rosa, A rosa B rosa, C  
 55. prolongado, A prolongado B prolongado, C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Revista de Coimbra*; a segunda é a que aparece documentada, com pequenas variantes, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

[Tancredo – VI – Mal chegára aos Quevedos, assombrados,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Revista de Coimbra: Folha Bimensal* (dir. Guimarães Fonseca), Coimbra: [s.n.]. N.º 8 (31 de março de 1866), p. 59. Vd. descrição *supra*.

B – ADB, Ms. 537, ff. 28r-29v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 117-120. Vd. descrição no n.º 65.

Aparato genético

*Título.* Tancredo: Poema heroi-comico A [Tancredo] BC

*Dedic.* A C. A □ BC

*Subtít.* Canto ultimo A VI BC

1. chegou aos Quevedos assombrados A chegara aos Quevedos assombrados B  
chegára aos Quevedos, assombrados, C
3. milagroso; A milagroso, BC
5. E logo a turba negra dos togados, A E desde logo os rectos magistrados, BC
6. Revolvendo um registro volumoso, A Archivando o processo volumoso, BC
7. Descobriu, sem espanto dos parentes, A Julgaram, n'um despacho concludente,  
B Julgaram num despacho concludente, C
8. Que os réus estavam todos innocentes. A Que a innocencia dos reus era  
patente. BC
9. Decidiu a A Decidira a BC
11. amantes, A amantes BC
12. d'espavento. A de espavento. BC
13. Mas Cecilia, AB Mas, Cecilia C
14. D'escolherem A De escolherem BC
17. cegonha, A cegonha BC
18. pé, AB pé C
20. lagosta, A lagosta BC
22. n'assembleia, A na assemblêa, BC
23. A mãe AB A mãe, C
24. escolha no A escolha em seu BC
25. embaraços, A embaraços B embaraços, C

26. a pomba A a bella BC  
 28. (murmurou AB (murmurou, C  
 29. tua; A tua: BC  
 30. Nos unem mais ditosos d'ora em diante. A Vão unir-nos ditosos d'ora em  
 deante. B Vão unir-nos ditosos d'ora avante. C  
 34. Se não fossem os beijos meio occultos. A Sem uns castos preludios, meio  
 occultos: BC  
 38. d'insultos. A de insultos. BC  
 39. que emfim A que, emfim, BC  
 40. sentiu, A sentiu BC  
 41. d'hora. De repente A de hora. De repente, BC  
 43. idea AB idea, C  
 48. grito informe A grito informe. B berro informe. C  
 49. rir A rir, BC  
 51. sublunar A sublunar, BC  
 52. Sem as roncas levar do A Sem levar os latins do BC  
 53. Eu porém já cançado de cantar, A Eu, porém, já cançado de cantar, B Eu,  
 porém, já cançado de cantar C  
 56. Tambem soltou um «bravo» A Tambem soltou um «bravo!» B Tambem lhe  
 disse um «bravo» C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Revista de Coimbra*; a segunda é a que aparece documentada, com pequenas variantes, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 8, p. 64. Vd. descrição no n.º 1.

B – ADB, Ms. 537, ff. 31r-32r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 123-125. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

2. nocturna! AB nocturna, C
4. taciturna. AB taciturna! C
5. D’uma A De uma BC
6. Lembrar-te não venho as A Não venho lembrar-te as BC
10. Vibrando o agudo stylête, A Em contorsões de perdida, BC
11. amor innocente A amor do innocente BC
12. Que não rasgara um corpête! A Que só a amára... vestida! BC
19. d’ornato A de ornato BC
25. Quero arrancar-lhe a moldura, A Laval-o, não; fôra pouco: BC
26. O teu cabelo, e trocal-o A Quero lançar essa imagem, BC
27. Por uma trança mais pura A Pobre retrato d’um louco, BC
28. Das crinas do meu cavallo. A Á mais profunda voragem; BC
30. enorme, A inerme BC
34. Na provecta soledade, A Lá nos fins da minha idade, BC
35. Da merencoria A Da lamentosa B Da tormentosa C
36. Das crenças da A Dos sonhos da BC
38. nocturna! A nocturna, BC
40. taciturna. A taciturna! BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n’ *A Folha* (em 1870); a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## 83

## [Carpe diem]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, ff. 32v-33r. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 127-128. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* A flor da amendoeira A Carpe diem B

4. floresce A floresce B

6. ardia A ardia, B

10. de um momento, A d’um momento; B

11. pranto, A pranto B

24. de A do B

## Arquivo documental

O poema de João Penha constitui uma tradução da “Méditation dixième” de Alphonse de Lamartine, incluída nas *Nouvelles Méditations Poétiques* (Paris: Urbain Canel, 1823, pp. 64-65):

*La branche d’amandier*

*De l’amandier tige fleurie,  
Symbole, hélas! de la beauté,  
Comme toi, la fleur de la vie  
Fleurit et tombe avant l’été.*

*Qu’on la néglige ou qu’on la cueille,  
De nos fronts, des mains de l’Amour,  
Elle s’échappe feuille à feuille,  
Comme nos plaisirs jour à jour!*

*Savourons ces courtes délices;  
Disputons-les même au zéphyr  
Épuisons les riantes calices  
De ces parfums qui vont mourir.*

*Souvent la beauté fugitive  
Ressemble à la fleur du matin,  
Qui, du front glacé du convive,  
Tombe avant l'heure du festin.*

*Un jour tombe, un autre se lève;  
Le printemps va s'évanouir;  
Chaque fleur que le vent enlève  
Nous dit: Hâtez-vous d'en jouir.*

*Et, puisqu'il faut qu'elles périssent,  
Qu'elles périssent sans retour!  
Que ces roses ne se flétrissent  
Que sous les lèvres de l'amour!*

## 84

## [Perdida!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série I, 1869, n.º 9, p. 72. Vd. descrição no n.º 1.

B – ADB, Ms. 537, ff. 43r-44r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 129-131. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* Mulher ao mar A Perdida! BC

1. Eil-a cahida, a pomba A Eil-o cahido, o anjo B Eil-a caída, a pomba C
3. occulta nas sordidas espumas, A occulto nas sórdidas espumas B occulta nas sordidas espumas C
5. Cedeu! que ha-de fazer o passarinho, A Cedeu. Que ha-de fazer o passarinho BC
6. fascina, morto o instinto, A fascina, e morto o instinto B fascina, e, morto o instinto, C
7. E gyra, como penna em A Voltêa, como folha em BC
8. *Intercalada entre os versos 8 e 9, acresce em A a seguinte quadra, depois suprimida em BC:*  
Que ha-de fazer o negro preguiçoso,  
Se da nau, que nas aguas se debruça,  
O marinheiro astuto e cubiçoso  
Lhe acena com vermelha carapuça?
9. a truta mosqueada, A a tenue mariposa BC
10. Se quando ao rio desce a noite escura, A Se nas sombras da noite ou na penumbra, BC
11. O pescador na rede alevantada A Luz, de repente, a chamma esplendorosa, BC
12. A luminosa lanterna dependura? A Um sol que a attrahe, um astro que a deslumbra? BC
13. espelhos de crystal A espelhos do seu quarto BC
14. A figura gentil, de linhas brandas: A O rosto angelical, de linhas brandas, B O rosto angelical de linhas brandas, C

15. neve; o labio sensual; A neve, o dorso ondeante e farto, BC
16. E as pomas brancas, de desejos pandas. A As pomas brancas, de desejos pandas. B As pomas brancas, de desejos pandas; C
17. E a tentação, com A E Mephistó, com BC
19. mas venusto fôra A mas mais lindo fôra BC
20. d'esmeraldas! AB de esmeraldas C
21. «O teu olhar fulgura, qual na esquina A «Desses teus olhos a expressão divina BC
22. Fulge a lanterna do moderno gaz; A Domara o tigre negro, os leões de Java. BC
23. Foi nessa luz que o filho d'Erecina A É nessa luz que o filho de Erecina BC
24. Empeçonhou as settas do carcaz. A Empeçonha os farpões da sua aljava. BC
25. «Parece, ao ver o teu formoso aspecto, A «Amara-te um Petrarcha, sem desdoiro, BC
26. tellas. A telas! BC
27. não invejaria o vil insecto, A não quizera ser a abelha d'oiro BC
28. Que passa agora em tuas A Que suga a flor das tuas BC
29. nesse abandono, A nesse lethargo, BC
30. Qual um cadaver na funerea lagem! A Como insensível monja em cella escura! BC
31. curta, não dá tempo ao somno: A curta: arranca o vôo ao largo: BC
32. Deixa da morte essa tristonha imagem.» A Ama e goza, que a vida pouco dura!» BC
33. eil-a cahida, a pomba d'alvas A eil-o cahido, o anjo d'alvas B eil-a caída, a pomba d'alvas C
35. occulta nas sordidas espumas, A occulto nas sordidas espumas B occulta nas sordidas espumas C
36. corruptas. A corruptas! B corruptas. C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n' *A Folha* (em 1869); a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de adição e substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – *Revista Nova* (dir. Alfredo da Cunha; Trindade Coelho), Lisboa: António Maria Pereira. Ano I, n.º 5 (março de 1894), p. 59.

Esta revista literária, dirigida por Alfredo da Cunha e Trindade Coelho, publicou-se em formato pequeno (de 33 cm), entre 1893 e 1894.

O carme de Penha, juntamente com o editado no n.º 87, vem antecedido de uma breve apresentação, pelos diretores da revista (vd. Arquivo documental do n.º 87).

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 199-200. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

C – ADB, Ms. 537, ff. 3v-4r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 133-134. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 2974 (27 de outubro de 1897), p. 1.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, embora com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* N<sup>o</sup>uma exposição de rosas A /Bluet<t>e <sup>sublinhado/</sup> B Bluette CD

*Subtít.* □ A N<sup>o</sup>uma exposição <de> rosas B (N<sup>o</sup>uma exposição de rosas) CD

*Dedic.* □ A (A D. Virginia S. Romão) B □ CD

2. impera a prosa hedionda; A reina a prosa hedionda. BCD

3. poesias, A poesias: BCD

5. Troco e vendo, por commercio: A Troco ou vendo, por commercio; BC Tróco ou vendo, por commercio: D

6. nenhuma, A nenhuma. BCD  
13. sonha, AB sonha C sonha, D

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Revista Nova* (em 1894); a segunda encontra-se documentada no Ms. 2012 da BPMP, no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As ligeiras alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 86

## [Madrigal mythologico]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 212. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – *A Revista Litteraria* (dir. C. A. de Mattos Soeiro), Porto: Livraria Souza Brito. Ano I, n.º 3 (maio de 1897), p. 40.

Esta revista literária contou apenas com cinco números em formato pequeno (de 23 cm), saídos entre janeiro e julho de 1897. Começou com periodicidade mensal, passando depois a bimensal (com direção de José de Carvalho Melo e Ernesto Meireles).

C – ADB, Ms. 537, f. 1v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Char-dron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 135. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

1. se junta; A se ajunta: BCD
  2. castellã: A castellã. BCD
- Data* 1897. A 13-4-97 B □ CD

## [Num leque]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 196. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – *Revista Nova* (dir. Alfredo da Cunha; Trindade Coelho), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 5 (março de 1894), p. 59. Vd. descrição no n.º 85.

Este poema, juntamente com o editado no n.º 85, vem antecedido de uma breve apresentação, pelos diretores da revista (vd. *infra* Arquivo documental).

C – ADB, Ms. 537, f. 4r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Char-dron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 137. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* /Na vareta de outro leque <sup>sublinhado/</sup> A N’um leque B Na vareta d’um leque C  
Num leque D

*Dedic.* (Ernestina S. Romão) A □ B (Ernestina S. Romão) C □ D

2. ensossa; A insossa; B ensossa; C ensôssa: D

5. *Intercalada entre a primeira e segunda estrofes, acresce a seguinte indicação em A e B:*

Remarque d’artiste: A /Remarque d’artiste: *itálico/* B

6. Mas.. A Mas B Mas; C Mas, D

10. d’Uzanne! A d’Uranne. (\*) B de Uzanne! CD

*Nota.* □ A (\*) /L’Evantail. *itálico/* B □ CD

*Data.* -2-6-90. A □ BCD

## Arquivo documental

A versão publicada na *Revista Nova* antecede o poema n.º 85 e vem acompanhada da seguinte apresentação, colocada em posição preambular:

*Madrigaes de João Penha.*

*Os que só conhecem o poeta pelo seu livro das Rimas, vão ficar agora surpreendidos com estes dois madrigaes, – visto que semelhante genero, (que elle cultivava, como vae ver-se, com o primor que lhe é peculiar), parecia, em certo sentido, contrário aos pendôres do seu temperamento. Comquanto fizessem parte de uma carta que o poeta nos escreveu ha poucos dias, e não viessem, por isso, destinados adrede á Revista Nova, ainda assim tomâmos sobre nós, e muito a nosso contento, o peccado de os publicar, visto que além do seu valor singular, considerados como productos d'arte, são essenciaes, já agora, para a definição do poeta, pois revelam, na sua lyra, a existencia d'uma corda que poderia suppor-se não possuir... Os versos são encantadores, e pedimos a João Penha, se é preciso, que nos absolva de os publicar... – mandando mais...*

## [Estrophes dum assassino]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 45v. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 139. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Prospero Peragallo, *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane. Tradotte in Italiano*, Vol. II, Genova: Atabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli, 1900, p. 66.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, que Prospero Peragallo reproduziu na sua antologia, antecedendo a respetiva tradução para Italiano (vd. *infra* Arquivo documental).

## Aparato genético

*Título.* Estrophe d’um assassino A Estrophes dum assassino B

1. Sim: A Sim, B

4. provêm! A provêm. B

*O espaço interestrófico está ausente em A, fundindo as duas quadras numa oitava.*

5. alenta, A alenta: B

## Arquivo documental

Este poema recebeu uma tradução italiana de Prospero Peragallo, no livro: *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane. Tradotte in Italiano*. Vol. II, Genova: Atabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli, 1900, p. 67:

*Strofe di un assassino*

*Si, tu vivrai! Perchè sol quegli muore*

*Che a praticare il ben spese la vita.*

*Miseri quei che sempre hanno seguíta*

*La legge eterna che ci impone amore!*

*Sol vive chi è cagion di pianto e ambascia;  
Vive chi di perverso ottien la palma.  
Piú che un bel giorno di tranquilla calma,  
Di sè memoria un dì tórbido lascia.*

Originalmente, a tradução foi enviada por carta a João Penha, agradecendo o exemplar da *Viagem por Terra ao Pais dos Sonhos*. A missiva em causa encontra-se guardada no ADB, com a cota Ms. 560<sup>maço</sup> 30. Trata-se de um bifólio de papel pautado (27,3 x 21 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-1v) a tinta azul, e onde se lê:

*Genova 8 de Janeiro de 1898  
(Corso a. Podestá – 12)*

*Presadissimo Senhor João Penha*

*Acabo de receber hoje mesmo o seu bonito volume – Viagem por terra ao paiz dos sonhos – com uma dedicatória que não devo a algum merecimento meu, senão à extrema amabilidade de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>; pois intendo que mal cabe o titulo de poeta a quem se entertem, nos momentos de descanso, a verter para a sua lingua materna as poesias portuguezas etc. d'outrem.*

*Mas eu adivinho bem quem o enganou a meu respeito; foi o nosso excellente amigo, e verdadeiro poeta, Joaquim de Araujo, a quem devo finezas sem conto, nessa medida.*

*Lastimo de não ter disponivel nem um sequer dos volumes de minhas versões; pois tinha muito gosto de offerecer-lhe em testemunho de minha gratidão e de apreço do seu talento de poeta.*

*Para que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> veja que raça de poeta é este seu criado, aqui vae uma amostrinha. É uma versão, que improvisei agora mesmo, de duas suas quadras a pag. 140.*

*Strofe d'um assassino.*

*Oh! sí, vivrai! Perché sol quegli muore  
Che a praticare il ben spese la vita.  
Stolti son quei che sempre hanno seguíta  
La legge eterna che ci impone amore.*

*Sol vive chi è cagion di pianto e ambascia;  
Vive chi di perverso ottien la palma:  
Piú che un bel giorno di tranquilla calma,  
Di sé memoria un dí in tempesta lascia.*

*E agora não enfado mais.*

*Disponha de quem é  
de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> criado m.to att.o e por.  
Prospero Peragallo*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Aurora do Minho* (red. Braulio Caldas), Braga: [s.n.]. Ano II, n.º 80 (9 de dezembro de 1888), p. 3.

Este semanário independente e noticioso publicou-se em Braga, entre 1887 e 1890, em formato médio, a cinco colunas, de quatro páginas. O exemplar em causa corresponde a um número especial, de homenagem ao malogrado poeta António Fogaça.

B – ADB, Ms. 537, f. 11v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Char-dron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 141. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Tarde*, n.º 3007 (6 de dezembro de 1897), p. 1-2.  
Esta transcrição a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* aparece citada em artigo anónimo, para ilustrar a irregularidade dos alexandrinos penhianos (vd. Arquivo documental II no fragmento I do n.º 726).
- “Questão litteraria” in *O Popular* (dir. Mariano de Carvalho), Lisboa: [s.n.]. N.º 539 (7 de dezembro de 1897), p. 2.  
Trata-se de uma cópia do artigo publicado na *Tarde*, transcrevendo o soneto da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (vd. *supra*).
- *Correio da Noite*, Lisboa: [s.n.]. N.º 2696 (10 de dezembro de 1888), p. 2.  
Trata-se de uma transcrição da *Aurora do Minho*, como admitem os respetivos editores: «A *Aurora do Minho*, jornal bracharense, publicou hontem um numero consagrado á memoria de Antonio Fogaça, o dedicado e saudoso poeta, que a morte tão prematuramente arrebatou. João Penha – o ilustre artista das *Rimas* – insere ali a seguinte poesia: [...] O numero é uma bonita corôa que mão amiga depõe sobre a sepultura do sonhador dos *Versos da Mocidade*».
- *O Commercio Portuguez: Diario Politico, Economico, Commercial, Agricola, Industrial e Litterario*, Porto: [s.n.]. N.º 302 (16 de dezembro de 1888), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da *Aurora do Minho*.

- *Nova Alvorada: Revista Mensal, Litteraria e Scientifica* (dir. Justino de Montalvão), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano X, n.º 4 (abril de 1903), p. 31. Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

### Aparato genético

1. Mal um vate se extingue, eis vôa ao ceu profundo, A Assim que um poeta morre, ascende ao ceu profundo BC
  2. resplandece em páramos distantes; A resplandece em páramos ditosos; B resplandece em páramos ditosos: C
  3. poeta, que expirou, renasce A poeta que expirou resurge BC
  4. astros radiantes! A astros radiosos! BC
- Data.* 3/12/88. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu no número de homenagem a António Fogaça que a *Aurora do Minho* publicou em dezembro de 1888; a segunda encontra-se documentada no Ms. 537 do ADB e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

I. Em carta enviada a Antero de Figueiredo (BPMP, M-AF-1144(8)), ficamos a saber que esta composição era uma das que se encontravam dispersas na imprensa periódica e que o escritor viseense compilou a partir dos jornais (ADB, Ms. 550, ff. 49-59), ainda na fase de preparação do livro (i.e., maio de 1897). A este propósito, vd. carta transcrita no Arquivo documental do n.º 100.

II. Já depois de publicada a *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, o modelo versificatório adotado em “Cosmogonia” e “Moribunda” (vd. n.º 124) deu origem a uma acesa polémica, travada nas páginas da imprensa periódica.

Na sequência das críticas apontadas por Cândido de Figueiredo (*O Reporter*, n.º 1753, p. 2), Delfim Guimarães (*A Mala da Europa*, ano IV, n.º 97) e um terceiro contendor anónimo (*A Tarde*, n.º 3007, pp. 1-2) aos alexandrinos irregulares destes poemas – vd. os Arquivos documentais dos n.ºs 124 e 727 (fragmento I) –, João Penha esclarecerá, no *Jornal do Commercio* (n.º 13219, p. 1), que o modelo adotado nos seus versos não é o alexandrino francês, mas o dodecassílabo português:

*Os alexandrinos teem sempre doze syllabas. Os dodecasyllabos teem exactamente o mesmo numero d'ellas. Aquelles teem sempre a cesura na 6.ª syllaba, como do mesmo modo a teem estes. Finalmente, os alexandrinos teem dois hemistichios de seis syllabas cada um, exactamente como os dodecasyllabos á portugueza. A differença está apenas em que, nestes, os hemistichios são metricos, sem que, em regra, se possam separar um*

*do outro, e naquelles não: hão de poder desengonçar-se sempre, de modo que possam formar, não se sabe para que fim, dois distinctos. D'estes factos resulta: 1.º que todos os alexandrinos são realmente asclepiadêos [...] e 2.º que uma composição em versos dodecasyllabos portuguezes não exclue os alexandrinos, feitos não obstante sem a preocupação de desengonçamento dos dois hemistichios, e obedecendo, por isso, ao andamento musical do rhytmo* (vd. texto integralmente editado no fragmento II do n.º 727).

A preterição da rigidez receitual prescrita pelo modelo alexandrino (tanto o antigo, como o clássico) não era aliás novidade entre nós. Alguns companheiros de Penha (nomeadamente Junqueiro) haviam ensaiado a fórmula hugoesca do tritetrassílabo e também os poetas “novos” – particularmente António Nobre, no *Só* (1892) – tinham mesmo desagregado os esquemas fundamentais, quebrando hemistíquios nas mais variadas formas (vd. Luís Filipe Lindley Cintra, *O Ritmo na Poesia de António Nobre*, Lisboa: IN-CM, 2002, pp. 83-86). De resto, é Eugénio de Castro, no prefácio de *Oaristos* (1890), quem assina a primeira declaração ostensiva (embora não completamente concretizada) em favor do simples alinhamento dodecassilábico:

*Este livro é o primeiro que em Portugal aparece defendendo a liberdade do Ritmo contra os dogmáticos e estultos decretos dos velhos prosodistas.*

*As Artes Poéticas ensinam a fazer o alexandrino com cesura imutável na sexta sílaba. Desprezando a regra, o Poeta exhibe alexandrinos de cesura deslocada e alguns outros sem cesura* (Eugénio de Castro, *Obras Poéticas*, vol. I, Lisboa: Lumen, 1927, pp. 22-23).

Embora os três primeiros versos de “Cosmogonia” observem a receita do alexandrino clássico (6 agudo + 6), o quarto dodecassílabo apresenta uma estrutura de 6 grave + 5, demonstrando embora a legitimidade de um caminho pouco explorado pela geração de Penha: «a busca de relações não ortodoxas, embora sem descambar para a ametria total» (Rogério E. Chociay, *Teoria do Verso*, São Paulo: McGraw-Hill, 1979, p. 50). No caso de “Cosmogonia” e “Moribunda”, a exploração da maleabilidade dodecassilábica traduziu-se na feitura dos «versos de doze syllabas [...] exactamente como os decasyllabos, só com a diferença de que, em lugar de dez, devem ter doze» (vd. texto editado no fragmento I do n.º 726.); uma opção aliás que acentuava a grande afinidade entre estes dois tipos de versos, conforme demonstrado por Lindley Cintra (*O Ritmo na Poesia de António Nobre*, Lisboa: IN-CM, 2002, p. 88).

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série II, 1870, n.º 1, p. 8. Vd. descrição no n.º 1.

B – ADB, Ms. 537, ff. 36v-37v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 143-145. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* Uma cantora italiana A A diva BC

4. d’uma belleza infinda. A d’essa belleza infinda! BC

7. no festim A num festim BC

9. Mais timido que a virgem pudibunda, A Junto d’ella, curvado, timorato, BC  
10. me desato, A me desprendo; B me desprendo, C

11. E ao sonóro dialecto de Torquato A Ou uns versos, que eu mesmo não entendo, B E madrigaes, que eu mesmo não entendo, C

12. Transmitto as inflexões da lingua bunda. A Lhe recito, na lingua de Torcato!  
BC

13. Ou qual um velho monge de granito A Outras vezes, qual monge de granito,  
BC

14. Em silencio a contemplo arrebatado, A Junto d’ella me fico arrebatado, BC

15. Mais ávido que o Tántalo afamado A Na postura d’um vate enamorado: B  
Na postura d’um vate enamorado, C

16. Ante os sulfúreos paios de cocito. A A mão no peito, os olhos no infinito. BC

17-24. *Estes versos estão ausentes em A.*

25. Mas será minha. Revelou-o o emblema A E quer ser minha: segredou-m’o  
ha pouco! BC

26. D’um sonho vaporoso e de loucura: A Oh ventura celeste, ideal, suprema! BC

27. Vae resplender em minha noite escura A Vae unir-nos em breve a mesma  
algema, B Vae unir-nos em breve a mesma algêma C

28. D’um sempiterno amor a luz suprema. A Vão realizar-se as illusões d’um  
louco! BC

29-36. *Estes versos estão ausentes em A.*

29. □ A adorado. B adorado; C

31. □ A pômo, B pômo C

35. □ A volata, B volata C

36. □ A philomela. B philomela! C

38. do perfil gracioso A do perfil gracioso: B de perfil gracioso: C

39. silencioso! A silencioso BC

40. d'uma beleza infinda... A d'essa beleza infinda. B d'essa beleza infinda! C

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira foi publicada n' *A Folha*, em 1870. A segunda, ampliada, é a que aparece no Ms. 537 do ADB e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações mais profundas concentram-se ao nível dos processos amplificadores (adição), envolvendo também operações de reordenação e substituição.

## [Na vareta dum leque]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 195. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 147. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* / Na vareta de um <sup>sublinhado</sup> leque. A Na vareta dum leque B

*Dedic.* (Idalina S. Romão) A □ B

1. leque, A leque B

4. *Intercalada entre a primeira e segunda estrofes, acresce a seguinte indicação em A:*

Remarque d'artiste:

5. salas A salas, B

7. fallas A fallas, B

*Data.* 3-6-90. A □ B

## [Noutro leque]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 197. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – ADB, Ms. 537, f. 1v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Char-dron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 149. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* / N’um leque <sup>sublinhado</sup>/ A N’um leque B Noutro leque C

*Dedic.* (Virginia S. Romão) AB □ C

1. Mulheres, – A Mulheres... BC
2. S.<sup>to</sup> Ambrosio, fallas! A Santo Ambrosio fallas! B Santo Ambrosio, fallas! C
3. Insoffrida, A Insoffrida B Insoffrida, C
4. Humanidade A humanidade BC

## 93

## [Epitaphio]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 35r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Char-dron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 151. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Arquivo documental

Este poema, juntamente com o editado no n.º 120, foi traduzido por Tomaso Cannizzaro (\*1838 †1921) para o número especial que *A Chronica* publicou em homenagem a João Penha:

*Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), p. 9:

## II

*Epitaffio*

*di Geraldo da Cunha*

Como o raio destroe, em noite fria,

*Qual con l'uccel la querce annosa e forte  
fulmin distrugge in fredde nolti ed adre  
in simil guisa in un Sol giorno morte  
la vita al figlio e il cor distrusse al padre.*

*Messina (Sicilia).*

O respetivo autógrafo, originalmente enviado ao redator d' *A Chronica*, Luís da Silva, encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-4199. Trata-se de uma folha de papel pardo (13,5 x 20,8 cm), escrita de ambos os lados pelo punho do tradutor. A versão de “Epitafio” encontra-se registada no verso, ficando no rosto o poema “Le ondine” (vd. soneto editado no n.º 120).

## [Num cemiterio]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São quatro os testemunhos recolhidos: três manuscritos e um impresso:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 204. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – BPMP, M-AF-1132(1).

Trata-se de uma carta, datada de 1 de janeiro de 1891, onde João Penha reproduz o poema, conforme publicado no número especial que *O Regenerador* dedicou à memória de Cunha Viana († 28 de novembro de 1890). Não nos sendo possível localizar o exemplar em causa, trazemos à colação este testemunho autógrafo, guardado no espólio de Antero de Figueiredo e composto por um bifólio de papel pautado (com 26,9 x 17,4 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. A transcrição do poema aparece no f. 1v. Vd. *infra* Arquivo documental.

C – ADB, Ms. 537, f. 2v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Char-dron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 153. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

*Título.* No cemiterio. ABC Num cemiterio D

3. nada; AB nada; C nada. D

*Data.* 9-29-90 A □ BCD

*Em A, a data apresenta um lapso. O poema deverá ter sido composto a 29 de novembro de 1890, pois o mesmo foi publicado em homenagem a Cunha Viana († 28 de novembro de 1890).*

## Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo (vd. *supra* testemunho B), João Penha refere-se à publicação deste poema numa homenagem ao malogrado poeta António José da Cunha Viana († 28 de novembro de 1890), empreendida pelo jornal bracarense *O Regenerador: Folha Política, Litteraria e Noticiosa* (ed. João Antunes Machado Moreira):

*Meu caro amigo.*

*Escrevo-lhe no dia 1.º do anno da graça de 1891. Seja elle para o meu amigo o da cura completa dos seus males. O ar vivificante da montanha, com o adjutorio da limpha de Koch, darão com certeza este resultado. É essa a minha convicção. O Cunha Vianna tinha grandes esperanças na dita lympha, mas para elle, completamente gasto e destemido, já veio tarde. Teve aqui pomposos funeraes, a que assistiram todas as pessoas importantes da cidade. A redacção do “Regenerador” consagrou-lhe um numero especial. Para lá mandei uma simples quadra, por falta de tempo para obra de maior vulto. É a seguinte:*

*No cemiterio*

*“Que procuras aqui, mulher velada,  
Nas sombras d’esta campa de granito?  
O seu corpo? Morreu, volveu ao nada;  
A sua alma? Procura-a no infinito!”*

*[...]*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 97-101, 191. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito nas páginas numeradas como 97-101, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 191). No canto superior esquerdo da p. 97, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 155”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 155-160. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

## Aparato genético

3. copado, A copado B
9. elegante, A elegante B
12. Branca e fina a carnadura. A Em ondas na frente pura. B
14. Só poucas A Bem poucas B
25. Que dentro em pouco Γ Que pouco a pouco Γ A Que pouco a pouco B
26. Que definha sem demora, Γ E para a terra se inclina, Γ A E para a terra se inclina, B
27. aquece, Γ aquece Γ A aquece B
28. A lympha a não revigora. Γ A não refresca a neblina. Γ A A não refresca a neblina. B
35. dizia A dizia, B
39. sol A sol, B
40. é chorar; A é penar. B
50. De luar A D’um luar B
52. Encontrei-a, A Encontrei-a B
54. voltar; A voltar, B
57. Com passos felinos, cáhio Γ De chofre, sobre ella cáhio Γ A De chofre, sobre ella cáio B
58. Sobre ella, com furia acerba, Γ Como o tigre sobre a prêsa, Γ A Como o tigre sobre a prêsa, B
60. Pelo temor que a assoberba, Γ Hirta de horror e surprêza, Γ A Hirta de horror e surpresa; B

63. resistir, A resistir B  
65. Porque, em breve, como cega, A Porque em breve como cega B  
73. – «Adeus! A – «Adeus B  
74. avizinha!» A avizinha.» B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira surge transcrita no Ms. 536; a segunda aparece documentada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” (ao final do mesmo manuscrito) e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: três manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, p. 201. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – ADB, Ms. 537, f. 2v. Vd. descrição no n.º 66.

C – *A Ilustração: Revista Universal Impressa em Paris* (dir. Mariano Pina), Paris: [s.n.]. Ano II, vol. II, n.º 21 (5 de novembro de 1885), p. 323.

Esta revista literária, dirigida por Mariano Pina, publicou-se quinzenalmente em Paris, entre 1884 e 1892. Apresentava formato médio (de 39 cm), acolhendo colaboração de alguns dos nomes mais importantes nas letras de então.

O carme de Penha vem antecedido de uma breve apresentação, pelo editor da revista (vd. *infra* Arquivo documental).

D – ADB, Ms. 537, f. 41r. Vd. descrição no n.º 66.

E – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 161. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

#### 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 61 (27 de julho de 1900), p. 1.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

- *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Ano V, n.º 107 (1 de julho de 1903), p. 176.

Embora publicada depois do livro, esta é uma cópia da versão documentada no manuscrito do ADB.

### Aparato genético

*Título.* Novo Moysés AB Outros tempos CDE

- 1-4. *Estes versos estão ausentes em A e B, sendo o poema composto apenas pela segunda quadra.*
1. □ AB Oh! C Oh DE
  2. □ AB mundo: CD mundo! E
  4. □ AB povo nas sombras vagabundo. C povo, nas sombras vagabundo! D povo, nas sombras gemebundo! E
  5. Se tu desejas que Israel te siga, A Se tu desejas que Israel te siga B Mas se desejas que Israel te siga, C Mas, se desejas que Israel te siga DE
  6. volte irreverente a AB volte, sem respeito, a CDE
  7. coisa antiga, A coisa antiga: B coisa antiga: C coisa antiga, DE
  8. Da-lhe, abundante, em cada rocha, A Da-lhe, abundante, em cada rocha B Da-lhe abundante em cada rocha CDE

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira aparece transcrita nos testemunhos A e B, compreendendo apenas a última estrofe; a segunda aparece documentada, com algumas variantes, nos testemunhos C, D e E. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de amplificação (adição).

### Arquivo documental

A versão publicada na revista (vd. *supra* testemunho C) vem antecedida de uma advertência do editor, possivelmente referindo-se a um álbum de Joaquim Araújo:

*(As duas formosas quadras de João Penha que em seguida publicamos, foram encontradas n'um album. Um nosso amigo, poeta brilhante, convidado tambem a colaborar n'uma das paginas do precioso livro, ao deparar com ellas não resistio á tentação de as copiar e de fazer com que fossem apreciadas pelos nossos leitores. A ILLUSTRACÃO só tem que se felicitar por ter sido digna de tão preciosa offerta.)*

[Inspiração antiga]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 102. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página numerada como 102, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 163”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], p. 163. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “As evocações” (pp. 121-163).

Aparato genético

8. xerez A Xerez B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – *Revista Portugueza* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: Magalhães & Soares. N.º 6 (maio de 1895), p. 209.

Dirigida por Joaquim de Araújo, esta revista mensal contou apenas com seis números. Publicou-se entre dezembro de 1894 e maio de 1895, em formato pequeno (de 24 cm), reunindo colaboração de vários nomes de prestígio nas letras da altura.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 221-222. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

C – ADB, Ms. 537, f. 8v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 167-168. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 2979 (3 de novembro de 1897), p. 1.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

- *O Ocidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (ed. Antonio das Mercês), Lisboa: [s.n.]. Ano 27, vol. XXVII, n.º 921 (30 de julho de 1904), p. 1.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2291 (27 de agosto de 1904), p. 2.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

### **Aparato genético**

*Dedic.* □ **ABC** (A Manuel Duarte d'Almeida) **D**

2. prosa; **A** prosa, **B** prosa; **CD**

5. perseguia, **AB** perseguia **CD**

6. doido, **A** doido **BCD**

7. luminosa **A** luminosa, **BCD**

10. adaga, **A** adaga **BCD**

14. «Amor **ABC** – «Amor **D**

*Data.* Abril, 12 – 95. A 15-4-95. (Na Revista Portuguesa) **B** □ **CD**

## [Dentibus albis]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 208-209. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1228 (dezembro de 1892), p. 3.

Este bissemanário progressista publicou-se em formato grande (50 cm), de quatro páginas, entre 1880 e 1906. O exemplar aqui trazido à colação corresponde ao número literário de Natal.

C – ADB, Ms. 537, f. 8r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 169-170. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

## Aparato genético

*Título.* /Dentibus albis <sup>sublinhado</sup>/ A Dentibus albis BCD

*Dedic.* □ ABC (A José Frederico Laranjo) D

1. porfiado, AB porfiado C porfiado, D

3. ardido, A ardido B ardido, C ardido D

8. maguado. AB maguado, C maguado. D

9. E AB E, C E D

12. deus, A Deus, B deus, CD

13. Bass, empunha a chave ingleza; A Bass; empunha a chave ingleza: B Bass: empunha a chave ingleza: CD

*Data.* 7-12-92. AB □ CD

## 100

## [A fiadeira]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Borboleta: Hebdomadario de Litteratura Dedicado ás Damas Bracarenses* (dir. Dias Freitas), Braga: Typographia Lusitana. Vol. I, n.º 15 (18 de junho de 1876), p. 112. Vd. descrição no n.º 11.

B – ADB, Ms. 537, f. 47r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 171-172. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

## Aparato genético

*Título.* Em segredo. A A fiadeira BC

*Dedic.* □ AB (A Mariano Pina) C

3. Quando falla, que bondade! A Elegante, sem vaidade, BC

4. Quando sorri, que meiguice! A Quando a namóro sorri-se. BC

6. «Por um ai dessa beldade A «Pelo amor d’esta beldade, B «Pelo amor d’esta beldade C

7. «Eu dera, amigo A «Daria, amigo B Daria, amigo C

8. «O AB O C

10. Por ella daria em troca A Daria por ella em troca B Daria por ella, em troca, C

13. ventura: A ventura, BC

*Data.* 15 de junho de 76. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n’ *A Borboleta* (em 1876); a segunda encontra-se documentada no Ms. 537 do ADB e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação (vd. *infra* Arquivo documental).

### Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo, ficamos a saber que esta composição era uma das que se encontravam dispersas na imprensa periódica e que o escritor viseense compilou a partir dos jornais (vd. ADB, Ms. 550, ff. 49-59), ainda na fase de preparação do livro (i.e., maio de 1897). Também na mesma carta, João Penha refere-se às alterações introduzidas nas quadras deste sonetinho, de modo a contornar o flagrante paralelismo com outro poema do mesmo livro: “O ultimo eremita” (vd. poema editado no n.º 112).

A missiva encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1144(8). Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-v) a tinta preta, e onde se lê:

*Meu caro Anthero.*

*A questão dos 2:000 carece de explicação. O que eu queria dizer era que a venda da edição era até 2 mil exemplares, podendo o editor, que accettesse o contrato, fazer primeiramente uma edição de mil, e depois outra, ou ainda mais, que comprehendessem os outros mil. A phrase a lançar ás faces dos editores não é a de bons versos, mas a de popularidade, a qual, a meu ver, existe. Quanto ás composições que me mandou, apenas encontrei de novo o Sermão na montanha, Em segredo e Cosmogonia, das quaes não [tinha] a mais pequena idea. Havia effectivamente uma certa semelhança entre as quadras do Em segredo e as do Ultimo Heremita. Parodiei-e a mim mesmo. Fiz a necessarias modificações. A quadra no cemiterio é aproveitavel: o Idyllio moderno não póde sahir pela sua frescura. Quanto aos mais, ja se /\* anda/ tudo refundido.*

*Á ultima hora resolvi empregar a fazer obra nova o tempo que perderia em investigações e em trabalhos de refundição. Não lhe parece melhor?*

*Quanto aos artigos, em que me falla, relativos ao seu Partindo da terra, não os li, e por isso, tendo-os à mão, envie-mos.*

*Como sempre,*

*Se ex corde,*

*30-5-97.*

*J. Penha.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 225-226. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da página 226, João Penha acrescentou a seguinte indicação: “Na Arte, do Porto, n.º 2.º”.

B – *A Arte: Órgão do Movimento Intellectivo Internacional* (dir. Julio Lobato), Porto: [s.n.]. Ano I, n.º 2 (1895), p. 20.

Esta revista literária, de orientação simbolista, contou com duas séries, publicadas entre 1895 e 1899. Apresentava formato pequeno (de 25 cm) e acolhia colaboração de alguns dos nomes mais sonantes nas letras nacionais, bem como de um significativo número de autores brasileiros.

C – ADB, Ms. 537, f. 7v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 173-174. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1899*, Braga: Missões Franciscanas, 1898, p. 192.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*, embora com ligeiras corruptelas.
- *Echos do Minho* (dir. Joaquim Antonio Pereira Vilela), Braga: [s.n.]. Ano IV, n.º 313 (15 de janeiro de 1914), p. 1.  
Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, embora com ligeiras corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* □ ABC (A Bulhão Pato) D

2.    açoita, [↑ em] pavoroso embate, A açoita, em pavoroso embate B açoita, em pavoroso embate, CD
3.    leme bate, A leme, bate, BCD

7. Mas em AB Mas, em CD
  8. que as almas AB que almas C que as almas D
  9. Na praia, a pobre mãe, <vendo-o indefêso> [↑ ao vel-o sem alento] A A mãe, na praia, ao vel-o sem alento, BCD
  10. <Contra a furia da maré,> [↑ Ja nas fauces do monstro,] e A Já nas fauces do monstro, e B Já nas fauces do monstro e C Já nas fauces do monstro, e D
  11. ceus, com <vozes de desprêzo;> [↓ lamentoso accênto.] A ceus com lamentoso accênto; BCD
  13. artista, <de charuto acceso> [↑ de cabelo ao vento,] A artista, de cabelo ao vento, BCD
  14. <D> Vae A Vae BCD
- Data. 4-6-95. A Varzim, 12-X-95. B □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à primeira campanha de redação do Ms. 2012; a segunda aparece documentada na segunda campanha do Ms. 2012, na revista *A Arte*, no Ms. 537 e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

A primeira carta trocada entre Bulhão Pato e João Penha é posterior à publicação da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (outubro de 1897) e consiste precisamente num agradecimento pelo envio do livro e dedicatória no poema.

A missiva, datada de 28 de outubro de 1897, encontra-se guardada no ADB, com a cota Ms. 548<sup>maço 4</sup>, ff. 1-4. É constituída por dois bifólios de papel pautado (medindo 22,5 x 18 cm), escritos de ambos os lados (ff. 1r-4v) a tinta preta, e onde se lê:

*Monte de Caparica, Torre.*

*Out. 28, 97*

*Meu caro João Penha.*

*Obrigado. Um abraço fraterno. Eu andava, ha muito, com fastio litterario, e o seu livro abriu-me – sensação deliciosa – subitamente o apetite da arte. Foi uma corrente luminosa e salutar, que veio desafogar-me o animo, ha tempos annuviado.*

*Melodia e harmonia, correção maxima, sem transcender jamais a naturalidade; ironia mormente, e ainda a ironia compassiva, porventura a mais penetrante; sorriso que não rebenta em gargalhada alvar, satyra que não desembesta em chascos grosseiros, portuguez genuino e moderno, são a condição essencial de toda a sua obra.*

*Neste ultimo volume: – As Ilusões Perdidas, a Esmola, Bluette, As Cartas, Dese-  
nho á Holbein, o soneto que me dedicou – um primor descriptivo – e tantos versos, que não cito, só posso compara-los, á falta de imaginação, a um vinho generoso – e não precisamos de accudir ao nectar dos Deuses, que temos de casa cersial /\* passiacio / e Córgo – faiscando num copo de cristal de rocha.*

*Esses versos enchiam-nos o espirito, que o sentimento doloroso, disfarçado no bom humor não lhes falta. Isto que lhe digo, o diria com muito gosto na imprensa, se, neste momento, mais largamente pudesse dar fôrma e feição critica a estas linhas. Não me passou despercebido o seu prologo. Apesar das vulgarisações scientificas, o que ali está, como está, não se faz só com talento; é preciso saber, coisa que não é muito vulgar, apesar de haver tantos sabios. A proposito do estado actual da lingua, ha finura e sensatez nas suas observações. Plenamente de acordo. Eu falo rara vez no assumpto, por que me pesam os annos, e não quero, que me corram á pedrada os garotos da carraspana litteraria. Agora, meu João Penha, como se estivessemos em cavaco intimo – e espero que estaremos um dia – o meu ouvido, a propósito do ão e do on é rebelde, sempre foi, e não se accomoda á opinião, creio que de todos, porque nunca a vi controvertida. Pois o ão, com ser ladro canino, não é tambem o tanger do bronze, ao passo que o on anda entre o ornear do onagro e os roncões do javardo? Escute bem os francezes, ainda os de Paris, e o on dos hespanhoes parece-me de mediocre melodia. Entre o jumento e o cão, eu prefiro o cão. O meu poeta poucas vezes deixa a sua Braga, e eu ainda menos o meu Monte. Estou carregado de trabalho e é preciso apromptar a mala para a grande viagem. Em todo o caso, conto que ainda nos veremos, para trocarmos um bom aperto de mão. Sendo a primeira vez que lhe escrevo, noto que não ha uma Excellencia nesta carta. É que eu guardo agora as Excellencias para os operarios da mão callosa, fidalgos com augmento de moradia na capital e que todo lo mandan.*

*Seu ad.or sin.º, amigo inutil, mas dedicado.*

*Bulhão Pato*

## 102

[Devota]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 219-220. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – ADB, Ms. 537, f. 7r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 175-176. Vd. descrição no n.º 65.

O poema está integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

### Aparato genético

1. rapariga AB rapariga, C

9. leoa A leoa, BC

12. Agora és d'alabastro, A Agora, és d'alabastro, B Agora, és de alabastro, C

*Data.* 2-3-95. A □ BC

## 103

[Sir Jonh Bull]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 213-214. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – *Anathema: aos Estudantes Portuguezes Dedicam os Seus Colegas Antonio Vaz de Macedo, Arthur Pinto da Rocha*, Coimbra: Imprensa Independencia, 1890, p. 13.

Este número-único, cuja publicação foi motivada pelo *Ultimatum* inglês (de 11 de janeiro de 1890), deveu-se à iniciativa dos estudantes António Vaz de Macedo e Artur Pinto da Rocha. Teve formato médio (de 39 cm) e angariou colaborações-protesto de alguns dos nomes mais sonantes nas letras de então.

C – ADB, Ms. 537, f. 4v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 177-178. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece inserido no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226), vindo acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 242-243) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Anotação textual: emendas

*Título.* John] B; Jonh

## Aparato genético

2. diga; ABC diga: D
  6. soneto em phrase antiga; A soneto, em phrase antiga; B soneto em phrase antiga, C soneto em phrase antiga; D
  7. Sciencia que origens investiga A Sciencia, que origens investiga, BCD
  8. completa: ABC completa. D
  10. pernas A pernas, BCD
  14. O pongo AB O macaco CD
- Data.* 4-2.º-90. AB □ CD

## Arquivo documental

A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 242-243):

Jonh Bull

*Como ha uma evidente semelhança entre este soneto e o Fi! não vem fóra de proposito explical-a. Estavamos em plena effervescencia de indignação contra a Inglaterra por causa do seu ultimatum, relativo ás nossas aventuras africanas. Como não tivéssemos balas para repellir a affronta, serviamo-nos, em logar d'ellas, não de dentes que arrancassemos dos queixos, como em Diu, mas de versos. Era uma verdadeira chuva de pedraça, que faria passar algumas horas de bom humor á grande nação, se ella, no seu labutar incessante pela civilisação dos povos em ordem a conservar-lhe pando de beeftechs e d'ale o bojo enorme, pudesse dar attenção a cousas minimas. Eu mesmo, homem de paz, entrei no prelio com um d'aquelles sonetos, do qual um amador de cousas metricas se apoderou, no momento em que deante d'elle o improvisei, em face de uma garrafa de cerveja... inimiga. Uns dias depois chega-me de Coimbra uma encomenda urgente de sonetos ou de outro qualquer explosivo, porque faltavam munições de guerra. Lembrei-me logo da bala já fundida, mas o supracitado amador de cousas metricas tinha disposto d'ella como de cousa sua que julgou ser, enviando-a para Lisboa, a fim de seguir o seu destino. Como não costumeo decorar os versos que faço, os quaes depois de concluidos nunca mais torno a lèr, vi-me em sérios apuros para satisfazer ao pedido que me faziam, porque, francamente, a Inglaterra, apezar da sua verde Escocia, do seu vasto e inaccessible mar de ondas esterlinas, das suas mulheres encantadoras, de faces em que ainda floresce a rosa antiga; apesar dos seus obscuros nevoeiros, e dos seus penetrantes odores a gin não é assumpto que me inspire nem versos de entusiasmo e amor, nem de indignação ou odio.*

*Fiz, portanto, por me recordar da obra feita, a vêr se a reconstruía; os meus esforços, porém, foram baldados, resultando no entanto d'ahi a semelhança que os meus numerosos leitores poderão encontrar entre os dous alludidos sonetos, duas balas de papelão perdidas no campo da batalha.*

## Notícia dos testemunhos

### 1. *Recensio*

São quatro os testemunhos considerados: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 224-225. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da página 224, João Penha acrescentou a seguinte indicação: “Nos Pontos nos ii”.

B – *Pontos nos ii* (il. Raphael Bordalo Pinheiro), Lisboa: Lithographia Guedes. Ano VI, n.º 241 (6 de fevereiro de 1890), p. 42.

Este semanário humorístico, dirigido e ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro, publicou-se às quintas-feiras, entre 1885 e 1891, apresentando 8 páginas (de 32 x 22 cm) profusamente ilustradas. A partir de 1889, o conflito de interesses entre Portugal e Inglaterra (que culmina no *Ultimatum*) passa a dominar as páginas deste semanário, que se assume porta-voz dos interesses nacionais, entrando frequentemente em confronto com o periódico inglês *Punch*.

O poema de João Penha vem precedido de uma breve apresentação, pelo diretor da revista (vd. *infra* Arquivo documental).

C – ADB, Ms. 537, f. 5r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 179-180. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Onze de Janeiro: Diario Patriotico, Economico, Commercial, Agricola, Industrial e Litterario*, Porto: [s.n.]. Ano XV, n.º 59 (9 de março 1890), p. 1.  
Trata-se de uma cópia de *Pontos nos ii*.

## Aparato genético

*Data.* 20-1º-90. A Braga, 29-I-90. B □ CD

## Arquivo documental

A versão publicada em *Pontos nos ii* vem antecedida da seguinte apresentação do diretor da revista:

*Vicente Novaes mandou-nos do Minho, o soneto de João Penha que abaixo damos, e em que o mestre sonetista faz trovejar a ironia acerada d'um antigo, na modernissima e resplandecente fôrma d'um parnasiano.*

Também João Penha se refere ao contexto de composição e publicação deste soneto, em nota ao poema “Sir John Bull” (vd. Anexo documental do poema n.º 111) e ainda em carta enviada a Antero de Figueiredo. A missiva em causa encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1142(2). O testemunho é constituído por duas tiras de papel pautado (8,5 x 30,3 cm), escritas de ambos os lados (ff. 1r-2v) a tinta preta, apresentando, no canto superior direito da primeira página, a datação apógrafa “1895”:

*Meu caro amigo.*

*Siberia, tantos de tal.*

*O paio transtagano será affectuosamente recebido. Esse titulo “Alem” faz lembrar o Au-delà de Huysman. O proprio Tristia não é original: ha exactamente com esse titulo um livro de Toursenal.*

*Com urgencia, mande vir de Paris: Gaspar de la Nuit, par Aloysius Bertrand. Estude-o. É uma collecção de balladas em prosa, mas em prosa rithmada, e tão musical como o verso. É um livro absolutamente desconhecido entre nós; e mesmo em França poucos o conhecem. Entre esse poeta e o meu amigo, enviador de paios, ha uma certa afinidade. Estude-o, repito, que pelo menos passará algumas horas em deliciosa leitura. A edição, reprodução da original (1814) é feita pelo Mercure de France, em 300 exemplares apenas, todos numerados. Aparece no dia 5 do corrente, e custa 5 fr. Apesar de ter a edição velha, faço tenção de mandar vir tambem aquella.*

*Quanto ao mais, nada: frio, brumas e tristeza: tristia.*

*Conhece o Raphael Bordallo? Se o conhece, veja se me alcança delle um n.º dos Pontos nos ii, em que sahiu um soneto meu. Ando com ideas de colleccionar para um novo volume: Novas Rimas. Aquelle soneto fil-o no Anacleto, quando foi a questão do ultimatum. Estava presente o Vicente, que o levou, e o mandou ao Bordallo, sem me dizer nada. Nem eu nem elle ficamos com copia, e como exactamente desde então os Pontos duraram de vir para Braga, não faço actualmente a menor idea d'esse tal soneto. Só me recordo de que fallava em Caran d'Ache.*

*Finalmente, o supracitado paio transtagano será affectuosamente recebido.*

*Abraça-o o*

*S. amigo ex corde*

*J. Penha*

*Linho contra linho, à falta de velino fino.*

*Tu quoque nephelibata! dirá. Non, jamais: plutôt la mort!*

*Não mostre isto ao Eugenio de Castro: o genus irritabile vatium é sobretudo applicavel aos instrumentistas... de gaita de folles. Elle onde mora? Queria agradecer-lhe a remessa d'um livro, mas não sei para onde lhe enviar o fuli. Serà elle um juiz das execuções fiscaes que tem o mesmo nome? Não, não pode ser: juiz das execuções fiscaes e poeta seria atroz.*

*Não póde ser, e ainda que o meu amigo, esclarecendo-me sobre este ponto obscuro, o affirme, repetirei sempre: «allons donc, não pode ser!»*

*Assignatura supra.*

A resposta de Antero de Figueiredo encontra-se guardada no espólio de João Penha, com a cota ADB, Ms. 550, f. 14:

*Meu prezado Amigo.*

*Não me foi possivel mandar pelo Palmeira o paio transtagano; vai pelo comboio de hoje, em grande velocidade. Ponha-o em omeleta «aux fines herbes» e regale-se com elle.*

*Eu gostei muito da sua carta pela boa noticia que me dá de que prepara umas Novas Rimas.*

*Na 3.<sup>a</sup> feira proxima vou á bibliotheca nacional copiar de um numero dos Pontos nos ii o seu soneto que, se não me engano, foi publicado em 91. Sei que soneto é, fui eu mesmo que o provoqueei uma noite no Anacleto, conversavamos os trez: o meu amigo, o Vicente e eu.*

*Lá chegará por toda esta semana o soneto.*

*O Eugenio de Castro não está em Lisboa. Vive em Coimbra, com o pae, que mora na Rua do Cosme, n.º 11.*

*Dentro de 10 dias mando-lhe o Alem.*

*Mandei vir o livro, que me indicou, do Bertrand.*

*É hoje Domingo de Paschoa, dia de festa para aí. Por aqui passa despercebido. Não ha nada peor do que uma capital.*

*Lembra-se que em 93 almoçamos os dois juntos no Hotel do Parque? Estava uma manhã muito fresca e depois do almoço jogamos o «chinquilho» no sitio da «mãe-d'água» na mata do Bom-Jesus. Lembra-se? Por sinal que o meu amigo me ganhou a partida apezar de ter a estorvar-lhe a pontaria o monoculo.*

*De-me noticias suas e diga-me se o paio era bom. Muito estimo que sua Ex.ma Familia passe bem de saude, assim como o meu muito prezado amigo.*

*Sempre seu agradecido*

*Anthero de Figueiredo*

*Lisboa, 14/Abril/1895*

*R. S. Filipe Nery, 48*

## 105

[Partamos!]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – *A Officina: Numero Unico*, Braga: Typographia de José Maria de Sousa Cruz, 1893.

Este número único publicou-se a 22 de julho de 1893, em favor de uma obra pia. Teve formato médio, acolhendo sobretudo colaborações literárias.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 202-203. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

C – ADB, Ms. 537, f. 3r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 181-182. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

#### 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.]. N.º 2853 (27 de julho de 1893), p. 1.

Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Officina*.

- *Revista Azul* (ed. Marcos d’Assumpção), Lisboa: [s.n.]. Vol. III, n.º 80 (setembro de 1907), p. 4.

Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Officina*, mas com corrup-telas.

- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 256.

Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Officina*.

### Aparato genético

*Dedic.* A M. S. Romão A □ BC (A M. S. Romão) D

1. Pois seja! Na lueta accêsa, A Venceste! Na luta accessa BC Venceste. Na luta accêsa D
5. Veneza, AB Veneza; CD
6. mouros, fada; A moiros, fada, BCD

7. enamorada A enamorada, B enamorada CD
9. bella! A bella: BC bella; D
11. roca A roca, BCD
12. d'um A de um BCD
13. capella, AB capella CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu publicada na *Officina*; a segunda é a que aparece documentada nos manuscritos da BPMP e do ADB, bem como nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As ligeiras alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 106

[Honni soit qui mal y pense]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 103, 191. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 103, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 191). No canto superior esquerdo da p. 103, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 183”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 183-184. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

### Aparato genético

1. Doce, mais doce que o mélico Petrarcha, Γ Mais brando brando que o dolcisono Petrarcha 7 A Mais brando brando que o dolcisono Petrarcha B
5. Parca, A Parca B
9. João, A João B
11. Padre formidanda coça! Γ Padre Eterno horrenda coça! 7 A Padre Eterno horrenda cóça! B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira surge transcrita no Ms. 536; a segunda é a que aparece documentada na lista de “Emendas” (colocada ao final do mesmo manuscrito) e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [No leque do poeta X]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 6 (20 de Abril de 1897), p. 89. Vd. descrição no n.º 74.

B – ADB, Ms. 537, f. 10v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 185-186. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1650 (1 de maio de 1897), p. 2.

Trata-se de uma cópia a partir da *Novos e Velhos*, mas acompanhada de réplica assinada pelo “Poeta X” (vd. *infra* Arquivo documental).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB (A M. S. Romão) C

1. pedes, AB pedes C

7. espantas A espantas, BC

8. expedes! A expedes. BC

9. assim, A assim BC

11. D’um A De um BC

*Data.* XII-IV-XCVII. A □ BC

## Arquivo documental

I. Entre as transcrições indiretas que saíram na imprensa periódica, conta-se a do jornal bracarense *A Correspondencia do Norte*, no n.º 1650 (vd. *supra* Notícia dos

testemunhos). A particularidade desta cópia, no entanto, reside no facto de anteceder a seguinte réplica, assinada pelo *Poeta X.*:

NO MONÓCULO D'UM POETA

*Não creias na minha dor,  
O meu pranto é fictício;  
Tudo em mim é artifício:  
O poeta é como o actor.*

*Se invento chammas de amor  
Faço-o por dever de officio;  
E minto sem sacrificio  
Como qualquer mercador.*

*Amar? Eu? Olha que espiga!  
Não me faltava mais nada:  
Gostar de uma rapariga!*

*Fiz muita rapaziada  
Mas não ha mulher que diga:  
«Já por ti fui cortejada».*

*Poeta X.*

II. Em carta enviada ao diretor da revista *Novos e Velhos*, Alberto de Madureira, João Penha alude também às sensíveis reações que este poema suscitou, mas esclarece que o carme inicialmente não visara qualquer alvo em particular. A missiva, embora incompleta, encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 546<sup>maço 12</sup>, ff. 21-22. Trata-se de um bifólio de papel pautado (23,1 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, mas ao qual falta já o respetivo fólio de conclusão:

*Meu caro Madureira.*

*No seu artigo vem um pisco canta, que sôa mal. Talvez fosse melhor substituir essa ave por outra. A cotovia serviria, mas não é ave que se possa imaginar a cantar no quintal do vizinho. O cuco era bom, por estarmos em maio, mas ainda ficava peor, eufonicamente fallando. Talvez sirva o pintassilgo.*

*Quanto ao soneto ao poeta x. – já me tinham chegado vozes a respeito do que me refere. Quando o fiz não tive em conta um certo e determinado poeta, mas uma universalidade delles, isto é, aos que passam a sua vida a metrificar lagrymas. Grande numero dos meus sonetos são symbolicos, ainda que á primeira vista o não pareçam, e o tal está um pouco nêssas condições.*

*Não me quis, pois, referir ao Leopoldo, cujo namoro ignoro quem seja, mas em todo o caso qui postet capere, capiat: quem quizer que metta a carapuça na cabeça.*

*Esse mesmo soneto também, no que parece, deu no ôlho em Lisboa, porque o vi reproduzido em dous jornaes de lá.*

*E a este proposito parece-me conveniente que, pelo menos na capa, – se agradeça á imprensa o excepcional acolhimento com que tem recebido a revista. Ainda ultimamente, nas humuradas do Reporter (Abel Botelho) e no Correio da Manhã appareceram amaveis referencias a ella, e o mesmo Reporter transcreveu o meu artigo Partindo da terra com um cabecalho elogiativo, não assignado, mas que é de Candido de Figueiredo.*

*Nas capas é preciso um pouco de charlatanismo. A meu ver, a revista até pode vir a dar lucros importantes, se o Laurindo tratar de fomentar o seu desenvolvimento no Brasil, onde eu sou bastante conhecido. Para esse effeito, talvez fosse conveniente mandar uma collecção ao Dr. Valentim de Magalhães, Director da Semana, Rio de Janeiro, pedindo-lhe referencias para esse effeito, n'esse periodico,*

[...]

## 108

[Hespanhola]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Arte: Orgão do Movimento Intellectivo Internacional* (dir. Julio Lobato), Porto: [s.n.]. Ano I (1896), p. 93. Vd. descrição no n.º 101.

B – ADB, Ms. 537, f. 10r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 187-188. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1555 (2 de maio de 1896), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*.
- *A Chronica: Publicação Illustrada* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 9 (20 de maio de 1896), pp. 71-72.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1604 (28 de outubro de 1896), p. 3.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB (A Candido de Figueiredo) C

7. trememente, AB trememente C

11. mantilha, A mantilha B mantilha, C

12. /Livro dos Cantares <sup>itálico</sup>/: A /Livro dos Cantares <sup>sublinhado</sup>/: B /Livro dos Cantares <sup>itálico</sup>/: C

13. vaes? lhe pergunto com tristeza. AB vaes?» lhe pergunto com tristeza; C

*Data.* XVII-XII-XCV. A □ BC

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Arte: Orgão do Movimento Intellectivo Internacional* (dir. Julio Lobato), Porto: [s.n.]. Ano I (1896), p. 207. Vd. descrição no n.º 101.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1604 (28 de outubro de 1896), p. 3. Vd. descrição no n.º 99.

O poema é republicado juntamente com uma advertência dos editores. Vd. *infra* Arquivo documental.

C – ADB, Ms. 537, f. 30r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 189-190. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1603 (24 de outubro de 1896), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*.
- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano V, n.º 1455 (28 de outubro de 1896), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*.

## Aparato genético

1. d’agosto, ABC d’agosto D
2. Não deverá, raça, escuptural belleza; A Não deve á raça esculptural belleza. BC Não deve, á raça, esculptural belleza. D  
*Em A, a variante resulta de erro tipográfico.*
4. Mal a ensombra algum intimo desgosto. A Nunca a prostrara a sombra d’um desgosto. BCD
5. rosto AB rosto, C rosto D
6. viveza; AB viveza. CD
7. /Bosque <sup>italico</sup>/ AB /bosque <sup>sublinhado</sup>/ B /Bosque <sup>italico</sup>/, A

9. marido, AB marido C marido, D  
 10. deputado AB deputado, CD  
 11. grande apreço A grande conta BCD  
 12. vejo, no salão dourado, ABC vejo no salão doirado, D  
 13. d'ella A d'ella, BCD  
*Data.* V-VI-XCVI. AB □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n' *A Arte*; a segunda é a que aparece documentada no n.º 1604 d' *A Correspondencia do Norte*, no Ms. 537 e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Este poema, que n' *A Arte* saiu deturpado por gralhas tipográficas, foi inicialmente transcrito no n.º 1603 d' *A Correspondencia do Norte*, mantendo os erros daquela revista. João Penha, no entanto, fê-lo reproduzir novamente no n.º 1604 (vd. *supra* Notícia dos testemunhos), onde encontramos a seguinte advertência, à p. 2:

*Franceza*

*Reproduzimos hoje o esplendido soneto de João Penha que, com aquelle titulo, publicamos no nosso ultimo numero, e reproduzimol-o não só porque sahiu com erros que o tornam indecifavel, mas também porque já se acha, em parte, alterado.*

*Publicamos tambem a «Hespanhola», esplendoroso soneto do grande poeta, e que faz pendant áquelle. São dois sonetos modernos e d'um merecimento incontestavel.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 5 (5 de abril de 1897), p. 69. Vd. descrição no n.º 74.

B – ADB, Ms. 537, f. 12r. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 191-192. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Almanach Bertrand para 1910* (coord. Fernandes Costa), Lisboa: Antiga Casa Bertrand. Ano XI, 1909, p. 145.

Trata-se de uma cópia a partir da *Novos e Velhos*, mas sem data e com variantes de pontuação. Precede-a, na p. 49, uma série de quatro sonetos, dedicados por Fernandes Costa a João Penha.

## Aparato genético

*Dedic.* (A Fernandes Costa) A □ B (A Fernandes Costa) C

3. Agora, A Agora BC

4. epopeia! A epopea. B epopêa! C

5. de noite, A á noite, BC

7. «Tem AB – «Tem C

8. voz, A voz BC

11. dia; A dia: BC

*Data.* XXX-III-XCVIII. A □ BC

*Em A, a data apresenta um lapso. O ano de composição e publicação é 1897.*

**111**

[As cartas]

**Notícia dos testemunhos****1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 114. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 114. No canto superior esquerdo, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 193”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 193-194. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

**Aparato genético**

4. rapariga.» A rapariga. B
5. – «Por A «Por B
6. interno A interno, B
7. Esphinge A esphinge, B

## [O ultimo eremita]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há sete testemunhos diretos: quatro manuscritos e três impressos:

A – BPMP, M-AF-1135.

O mais antigo testemunho autógrafo para este poema é constituído por uma folha de papel pautado (medindo 20,3 x 28,5 cm), escrita de um só lado, a tinta preta. Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, que fez a seguinte anotação apógrafa, no canto inferior esquerdo: “Julho ou Agosto de 1893”. Vd. *infra* Arquivo documental.

B – BPMP, Ms. 2012, pp. 206-207. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da página 207, João Penha acrescentou a seguinte indicação: “Na Revista Portuguesa, n.º 1.º”.

C – BNMV, Ms. 12242, p. I-II.

Este testemunho autógrafo é constituído por um meio bifólio, escrito de ambos os lados, a tinta preta. Pertence ao espólio de Joaquim de Araújo, editor da *Revista Portuguesa*.

D – *Revista Portuguesa* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: Magalhães & Soares. N.º 1 (dezembro de 1894), p. 38; n.º 2 (janeiro de 1895), p. 80. Vd. descrição no n.º 98.

O poema saiu com uma gralha tipográfica, depois emendada em errata (no n.º 2). Vd. *infra* Arquivo documental.

E – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1425 (5 de janeiro de 1895), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

O soneto vem acompanhado de uma nota introdutória, dando conta das correções introduzidas, face à versão publicada na *Revista Portuguesa*. Vd. *infra* Arquivo documental.

F – ADB, Ms. 537, f. 6r. Vd. descrição no n.º 66.

G – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 195-196. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano IV, n.º 908 (9 de janeiro de 1895), p. 2.  
Trata-se de uma cópia a partir do n.º 1425 d' *A Correspondencia do Norte*.
- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 4449 (22 de outubro de 1902), p. 3.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n' *A Correspondencia do Norte*, mas com ligeiras falhas de traslado.

### Aparato genético

*Título.* O ultimo eremita A <Duplo suicidio> [↓ O ultimo eremita] B O ultimo eremita CDEFG

*Dedic.* □ AB (A Alberto Pimentel) CDEFG

1. Palmira! Que A ROSINA! Que B <Rosina!> [↑ Palmira!] Que C PALMYRA!  
Que D Palmira! Que E Rosina! Que FG
2. cidade: A cidade; BCDE cidade: FG
5. cura: ABCD cura E cura: FG
6. ai d'esta beldade, A ai desta beldade B ai <!> d'esta beldade C ai desta beldade  
DE ai d'esta beldade, F ai desta beldade G
7. Daria, A «Daria, BCDE Daria, FG
8. A A «A BCDE A FG
9. não presentida! ABC não percutida! Γ não presentida! D não presentida!  
EFG

*Em D, a variante resulta de erro tipográfico.*

10. «Vae A – «Vae B «Vae CDEFG

11. Consentiu, ao ser pedida! A Consentiu, ao ser pedida!» B Consentiu ao ser pedida!» C «Consentiu ao ser pedida!» DE Consentiu ao ser pedida!» FG

12. fado ABC Fado D fado EFG

14. anachoreta. A anachoreta! BCDEFG

*Data.* □ A 14-2-94. BCDE □ FG

### Arquivo documental

I. O poema veio inicialmente a público no n.º 1 da *Revista Portuguesa* (dezembro de 1894), mas apresenta aí uma gralha tipográfica. Por esse motivo, João Penha fê-lo reproduzir também no n.º 1425 d' *A Correspondencia do Norte* (5 de janeiro de 1895), onde encontramos a seguinte advertência (p. 2):

*Escreve nos o notavel poeta e nosso querido amigo João Penha dizendo nos que na «Revista Portugueza», sahira um soneto seu com um erro typographico que lhe fazia mal aos nervos: pressentida fôra transformado em percutida que não é nada na lingua portugueza, e que por isso desejava que o reproduzissemos na «Correspondencia do Norte» para que, ao menos, certo numero de pessoas ficassem sabendo que não escrevera aquella cousa exquisita.*

*Da melhor vontade accedemos ao pedido do nosso excellento amigo, e isto com tanta mais razão quanto é certo que já faziamos tenção de reproduzir aquelle formosissimo soneto, o qual, segundo se nos affigura, se refere a uma dama sobre modo encantadora d'esta cidade.*

*Vae na secção competente.*

RR.

A gralha tipográfica, no entanto, viria a ser emendada pela própria *Revista Portugueza*, em errata que encontramos publicada no n.º 2 (janeiro de 1895), juntamente com esta missiva de João Penha:

*Meu caro Joaquim de Araujo*

*E apesar de tudo a minha letra é boa, e tanto que eu, algumas vezes, a leio! Como é pois que de presentida se fez percutida? Que é, neste mundo da lingoa portugueza, percutir? Francamente: não sei. Se o typographo ou o revisor quizerem extrahir percutida, de percussão, então a tolice assume proporções maiores, porque ninguem pode entender o que seja uma dor não ferida.*

*Antes um borrão; porque se ha cousa que me faça mal aos nervos é o ver-me em viagem pelo mundo das letras com um rabo-leva de asneiras pregado nas costas.*

*Tambem me desagradou completamente a capa da Revista. Olhe que o exterior de um livro é como o vestuario de uma mulher. Uma dama bonita, mas vestida grotescamente, ou coberta de trapos, não seduz ninguem. Pelo contrario, uma mulher inferior quanto aos seus elementos plasticos, mas elegantemente adornada, ou «azada», como dizem umas encantadoras creanças das minhas relações familiares, atrahê, e muitas vezes o seu aspecto exterior é quanto basta para que nós, os peixes, engulamos a isca.*

*Quanto ao mais, a Revista, muito bem.*

*Ainda hei de ver o Araujo a dirigir a Revista dos Dous Mundos, em Paris.*

*Abraça-o*

*Seu amigo e collega*

30-12-94.

JOÃO PENHA

II. Mais tarde, em carta enviada a João Penha (ADB, Ms. 550, ff. 69-70 – vd. transcrição completa no Arquivo documental I do n.º 718), Antero de Figueiredo alude nestes termos ao contexto que rodeou a composição deste poema:

*Outra cousa: aquelle soneto feito à Palmyra Lacerda entra neste volume? Sabe que esse soneto d'um certo modo me pertence, porque o tenho em autographo. Escreveu-o o meu amigo, a meu pedido, n'um dia de festa no Passeio Publico d'ahi. Lembra-se?*

Também João Penha se refere ao poema, em carta datada de 8 de outubro de 1897 (BPMP, M-AF-1144(17) – vd. transcrição completa no Arquivo documental I do n.º 718):

*Passando agora aos assumptos da sua carta, direi, com referencia aos versos da Palmirinha, que se os dediquei ao Alberto Pimentel foi porque foram os 1.os que compuz depois que elle publicou um estudo a meu respeito. Demais, não ha profanação, porque no livro saém com o nome de Rosina.*

*Pobre Palmira! quanto mais morta ella está mais eu a ammo. Quando eu morrer, hei-de ir por esses mundos fóra ate a encontrar, e assim que a encontrar hei-de fazer-lhe uns versos tão lindos, que ate o Padre Eterno hade por a mão em concha no ouvido, para os ouvir melhor.*

## [Desenho á Holbein]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 2 (20 de fevereiro de 1897), p. 22. Vd. descrição no n.º 74.

B – ADB, Ms. 537, f. 13v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 197-198. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXI (1907), n.º 242, pp. 90-91. Trata-se de uma cópia a partir da *Novos e Velhos*, mas com algumas corruptelas.

## Anotação textual: emendas

8. nocturno] AB; nocturno

## Aparato genético

8. nocturno AB nocturno C  
*Em C, a variante resulta de gralha tipográfica.*
9. meia noite A meia-noute B meia noite C
11. Lançam A Lança BC
12. braço, AB braço C
13. aranha que imprudente AB aranha, que imprudente, C
14. fio. A fio! BC
- Data. XIV-II-XCVII. A □ BC

## 114

## [Evolução pertéua]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 217-218. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da página 218, João Penha acrescentou a seguinte indicação: “Para a Semana, do Brazil”.

B – *A Semana* (dir. Valentim Magalhães), Rio de Janeiro: [s.n.]. Ano VI, n.º 79 (6 de abril de 1895), p. 75.

Este prestigiado jornal literário assumia-se como baluarte dos parnasianistas brasileiros. Publicou-se em formato médio (de 33 cm), por duas fases: na primeira (de 1885 a 1888), Valentim Magalhães foi coadjuvado pelo poeta Filinto de Almeida; na segunda (de 1893 a 1895), o fundador teve Max Fleiuss como auxiliar.

C – ADB, Ms. 537, f. 6v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 199-200. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

## Aparato genético

*Dedic.* □ ABC (A Valentim de Magalhães) D

1. estudo incerto e vario ABC estudo, incerto e vario, D

2. eterna: ABC eterna. D

3. nada!» é voz moderna, (\*) AB nada» é voz moderna CD

7. reis ABC reis D

9. não A Não BCD

11. fugitivo. AB fugitivo: CD

13. Se, para se morrer, A Se, para se morrer B Se, para se morrer, C Se para se morrer, D

14. resurgir ABC resurgir, D

*Data.* 2-20-95. A 20-2-95. B □ CD

*Nota.* (\*) Post mortem nihil est.» A (\*) /Post mortem nihil est. *itálico* / B □ CD

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 42v. Vd. descrição no n.º 66.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 201-202. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Árias modernas” (pp. 165-226), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 243-244) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

6. Zorrilha, – A Zorrilha – B
7. Mas A Mas, B
9. derradeiro A derradeiro, B

## Arquivo documental

A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 243-244):

*Uma andaluza*

*Não ha um unico homem que, deante de uma andaluza, quando ella é uma verdadeira filha da terra de Santa Maria, não trema de amor e de desejos. São as mais encantadoras mulheres do mundo, depois das hespanholas do norte, loiras, mais poeticas e mais doces.*

*As andaluzas são superiores quanto ao pandeiro e ás seguidilhas, mas as do norte subpujam-as no zapateado e na persistencia em suas affeições mysteriosas. Umas e outras, porém, são dignas dos nossos amores e dos nossos madrigaes, – mas tudo em verso, porque amar a sério uma hespanhola, o mesmo é que jogar con fuego.*

*No soneto Uma andaluza ha um duplo sentido: o que se refere ao tremor, de que acima fallei, e o que se refere aos tremores de terra que, na epocha em que esta poesia foi composta, abalavam, reduzindo-a a ruinas, a poetica Andaluza. Sem esta explicação um desses sentidos passaria despercebido, com o que pouco se perderia.*

## [As grandes manobras]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 4 (20 de março de 1897), p. 55. Vd. descrição no n.º 74.

B – ADB, Ms. 537, f. 42v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 203-204. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1706 (17 de novembro de 1897), p. 2.

Esta transcrição a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* aparece citada em recensão de Alberto de Madureira ao livro de João Penha.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 61.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

## Aparato genético

5. /Penedo da Saudade *itálico*/ A /Penedo da Saudade *sublinhado*/ B /Penedo da Saudade *itálico*/ C
7. Assim, AB Assim C
8. cidade A cidade. BC
14. vae»? perguntei: – «Vou A vae? perguntei. – «Vou B vae?» – perguntei. – «Vou C

## Arquivo documental

Em carta enviada ao diretor da *Novos e Velhos* (Alberto de Madureira), João Penha tece algumas considerações em torno do poema que então submetia à revista,

depreendo-se tratar de “As grandes manobras”. A missiva está depositada no ADB, com a cota Ms. 546<sup>maço 12</sup>, f. 58. Trata-se de um meio bifólio de papel pautado (11,5 x 18,1 cm), numerado como f. 58 e escrito de um só lado a tinta preta:

*Meu caro Madureira*

*Ahi vae o soneto. Bem me custou a fazer. O final é um pouco niqué, mas o titulo desnorteará a innocencia effaroucheè.*

*Não lhe parece?*

*Amigo e collega*

*ob.do*

16-3.º-97.

*J. Penha.*

## 117

## [Idyllio campestre]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 115, 192. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 115, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 192). No canto superior esquerdo da p. 115, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 205”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 205-206. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Árias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Jornal do Brasil* (dir. Jaime Victor, Visconde de S. Boaventura), Lisboa: [s.n.]. N.º 6 (9 de março de 1898), p. 2.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A (A Anthero de Figueiredo) B

2. phantasia. A phantasia; B

4. A tudo que eu, soberbo, ΓA tudo o que eu, vaidoso, 7 A tudo o que eu, vaidoso, B

5. lava, A lava B

14. «Ora A – «Ora B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira surge transcrita no manuscrito do ADB; a segunda é a que aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do mesmo manuscrito) e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 118

## [O golpe]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São três os testemunhos considerados: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, p. 118, 192. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numeradas como 118, acolhendo ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 192). No canto superior esquerdo da p. 118, é ainda possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Viagem 207”.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 11 (5 de julho de 1897), p. 168. Vd. descrição no n.º 74.

O poema aparece deturpado por gralhas tipográficas, inclusivamente ao nível paratextual. Vd. *infra* Arquivo documental.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 207-208. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

## Aparato genético

*Título.* O golpe A O Nababo B O golpe C

*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

1. É uma dama sisuda, ΓEra uma dama sisudaΓ A Era uma dama sisuda BC
3. Eu sinto, ΓEu tinhaΓ A Eu tinha, BC
4. Uma paixão, Γuma afeição,Γ A Uma afeição, B Uma afeição C
5. Declarar-lho? Deus me acuda, ΓVendo-a sempre carrancudaΓ A Vendo-a sempre carrancuda B Vendo-a sempre carrancuda, C
6. Só essa idea me gela! ΓPerdia a voz, a loquela;Γ A Perdia a voz, a loquela; B Perdia a voz, a loquela. C
7. Um dia, vendo-a á ΓMas, vendo-a um dia áΓ A Mas vel-a, um dia, á B Mas, vendo-a um dia á C

*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

8. trombuda, A trombuda. B trombuda, C
  9. Li-lhe os meu versos, A Vi-lhe os meus versos, B Li-lhe os meu versos C
- Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

- 10 Gallici-parla, com /verve<sup>sublinhado</sup>/ Γ Com estro que em ondas ferve (?) – Γ Γ Fallando em frases – com /verve<sup>sublinhado</sup>/ Γ Γ Γ Como hoje se diz, com «verve». Γ Γ Γ A Como hoje se diz, com «verve». B Como hoje se diz com «verve». C
12. «Mas, AB «Mas C
13. N'estes tempos esquisitos A «N'estes tempos esquisitos, B N'estes tempos esquisitos, C
14. Essa A «Essa B Essa C
- Data. □ A XXV-VI-XCVII B □ C

Podemos distinguir quatro versões deste poema; a primeira surge transcrita na p. 118 do manuscrito; a segunda corresponde à primeira campanha de revisão documentada na lista de “Emendas”; a terceira coincide com a segunda campanha de revisão e a quarta aparece documentada na terceira campanha de revisão, na revista *Novos e Velhos* e nas páginas da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

I. Em correspondência enviada a Alberto de Madureira, João Penha protesta contra os erros que afetaram este poema, na revista *Novos e Velhos*, e recomenda a sua pronta correção.

A primeira missiva encontra-se guardada no ADB, com a cota Ms. 546<sup>maço 12</sup>, f. 6. Trata-se de um meio bifólio de papel pautado (com 11,5 x 18,1cm), escrito de um só lado a tinta preta e onde se lê:

*Meu caro Madureira.*

*Recebo neste momento o n.º 11 dos Novos e Velhos; e vejo ahi, com grande espanto, o soneto Golpe com o titulo do Nababo, e além d'isso com todos os erros que eu lhe tinha emendado, e taes que o tornam indecifavel. Nestas circunstancias (que deploro) – deve no proximo n.º reproduzir-se o Golpe, sem erros, e além d'isso o Nababo.*

É necessaria uma pequena nota explicativa.

*Amigo /\* muito/  
João Penha.*

A segunda carta tem a cota ADB, Ms. 546<sup>maço 12</sup>, ff. 61-62. É constituída por um bifólio de papel pautado (com 23,1 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, onde se lê:

*Meu caro Madureira.*

*Realmente é pena que a collecção que constitue o 1.º semestre fique borrada com tão extraordinario imbroglio, havendo a accrescentar que eu não queria que o Golpe sahisse, porque estando comprehendido no manuscripto em composição no Porto, pertence realmente aos editores que, só elles, poderiam agora dar auctorisacção para ser publicado.*

*Com o Nababo já assim não succede, porque foi composto e entregue já depois de vendido o manuscripto.*

*Esse Nababo é o soneto que lhe dedico na Viagem, e já com essa dedicatória pode sahir nos Novos.*

*Ate certo ponto poderia compor-se de novo a falha anterior do n.º (pag. 167 a 170) – mandando-se depois a todos os assignantes, e isso era tambem conveniente para fazer desaparecer um erro, que se não entende, e que ocorre no excellente artigo do Julio Brandão.*

*Parece-me isto exequível e pouco dispendioso, mas, não podendo ser, o remedio è o da explicação de que me falla, – mas que, ainda assim, não tira o borrão ao semestre.*

*No caso de se adoptar o systema que indico, mandarei um novo soneto, já composto, para o n.º 12.*

*/\* Assigno-me/*

*amigo e collega muito  
obrigado.*

*19-IX-97*

*Penha*

Por fim, a solução adoptada pelo diretor da *Novos e Velhos* coincidiu, sem reservas, com as sugestões de Penha. Na referida postilha enviada aos subscriptores, este poema foi efetivamente substituído por “O Nababo” (vd. poema editado no n.º 78).

II. Este poema foi traduzido por Antonio Padula (\*1838 †1921), no número especial que *A Chronica* publicou em homenagem a João Penha:

*Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), p. 13:

*Per scrivere degnamente di questo grande poeta portoghese mi occorrerebbe ben altro spazio che il limitato concessomi dalla Chronica.*

*Il Penha è stato il maestro di Gonçalves Crespo, di Luis de Andrade (brasílico), di Eduardo Cabrita e d'altri poeti, la guida della generazione di Coimbra, succeduta aquella di Anthero.*

*Egli eccelle nel genere ironico, ma è d'una eleganza e correttezza meravigliose non solo nella poesia, ma eziandio nella prosa.*

*Abbiamo di lui a stampa: Rimas e Viagem por terra ao paiz dos sonhos. In questi due volumi o raccolte di versi l'autore fa sfoggio di heiniana ironia, di cinica amarezza, di una perpetua e sistematica celia, che non risparmia neppure sè stesso. Traduco dal Viagem la graziosa poesia Il Colpo (o golpe):*

*«Era una signora savia e modesta, ma bella. Da un pezzo nutrivo per lei un affetto serio e muto.*

*«Nel vederla sempre accigliata io perdeva la voce e la favella, ma un giorno che la scorsi alla finestra con volto meno severo, le feci lettura dei miei versi scritti, come oggi se dice, con verve.*

*«Mi disse allora: Son belli, ma mi permetta una osservazione: In questi tempi di ricercatezza, cotesta cosa... a che serve?»*

*Per finire, il Penha viene pure considerato come il creatore della forma del sonetto, di cui conosce tutti gli spedienti.*

*Napoli gennaio 1902.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Myosotis: Revista de Letras com Aparição Bi-semanal* (dir. Julio de Lemos), Viana do Castelo: Imprensa Moderna. Fasc. 3 (maio de 1897), p. 74.

Esta revista literária, impressa em formato médio (de 29 cm), apresentava-se como bissemanal, mas teve apenas cinco fascículos, publicados entre março e setembro de 1897.

B – ADB, Ms. 537, f. 14v. Vd. descrição no n.º 66.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 209-210. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Árias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Jornal do Brasil* (dir. Jaime Victor, Visconde de S. Boaventura), Lisboa: [s.n.]. N.º 6 (9 de março de 1898), p. 2.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

## Aparato genético

1. Sentado ao pé d’um roble centenário, A Sentado junto a um roble centenário  
B Sentado junto a um roble centenário, C
  4. de Lucas, A de Marcos, BC
  9. De subito, fugiu: o A De repente fugiu. O BC
  11. vi: AB vi; C
  12. beijo, A beijo; BC
  14. leite...» A leite.» BC
- Data.* VII-IV-XCVII. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na revista *Myosotis* (em maio de 1897); a segunda encontra-se documentada no manuscrito do ADB e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 537, f. 15r. Vd. descrição no n.º 66.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 8 (20 de maio de 1897), p. 116. Vd. descrição no n.º 74.

Neste mesmo número (pp. 119-121), a *Novos e Velhos* publicou também um artigo do Conde de Valenças, intitulado “O tempo de João Penha”.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 211-212. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Ocidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (ed. Antonio das Mercês), Lisboa: [s.n.]. Ano 20, vol. XX, n.º 667 (10 de julho de 1897), p. 151. Trata-se de uma cópia a partir da *Novos e Velhos*.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXXI (1917), n.º 365, p. 327. Trata-se de uma cópia da versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, mas sem dedicatória.

## Aparato genético

*Dedic.* Ao conde de Valenças A (Ao Conde de Valenças) BC

6. lobregas bacchantes. A perfidas bacchantes. BC

7. Mas em breve, Tenorio por instantes, A Mas, Tenorio feliz de outras amantes, BC

10. lamentavam, A lamentavam B lamentavam, C

11. demencia; A demencia: B demencia; C

*Data.* □ A XXIV-V-XCVII. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se documentada no manuscrito do ADB; a segunda foi publicada na revista *Novos e Velhos*

e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Este poema, juntamente com o editado no n.º 93, foi traduzido por Tomaso Cannizzaro (\*1838 †1921) para o número especial que *A Chronica* publicou em homenagem a João Penha:

*Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), p. 9:

*Dal vol. Viagem por terra no paiz dos sonhos*

I.

*Le Ondine*

*Al Conte di Valencias*

Eram duas as pallidas ondinas

*Pallide e belle erano due le ondine  
ed ambe eran vezzose e provocanti;  
nell'azzurro io leggea dei folgoranti  
occhi l'ardor di passioni divine.*

*Mi presero, tra l'onde occanine,  
più focose di perfide baccanti,  
ma Tenorio, già lieto d'altre amanti,  
– adio, disse, o de l'onde peregrine.*

*Nell'ora del partir con piati crudi  
la mia piangevan subitana assenza  
comme folli torcendo i corpi ignudi.*

*E dal grengo de l'onde fragorose  
– Non ci lasci, dicean, Vostra Eccellenza,  
per le terrene ed arizzate te rose.*

O respetivo autógrafo, originalmente enviado ao redator d' *A Chronica*, Luís da Silva, encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-4199. Trata-se de uma folha de papel pardo (13,5 x 20,8 cm), escrita de ambos os lados pelo punho do tradutor. A versão “Le Ondine” encontra-se registada no rosto, ficando no verso o poema “Epitaffio” (vd. madrigal editado no n.º 93).

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 537, f. 47v. Vd. descrição no n.º 66.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 9 (5 de junho de 1897), p. 131. Vd. descrição no n.º 74.

C – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 213-214. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Árias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- João Penha, “Um juízo crítico” in *Jornal do Commercio*, Lisboa: [s.n.]. N.º 13194 (4 de dezembro de 1897), p. 2.  
Neste artigo posterior à *Viagem* (vd. texto editado no fragmento I do n.º 727), João Penha reproduz o soneto a partir da *Novos e Velhos*, embora com ligeiras corruptelas.
- João Penha, *Por Montes e Valles*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 104-105, “Questão litteraria: Cerveja e alexandrinos”.  
João Penha reedita, neste livro, o artigo publicado no n.º 13194 do *Jornal do Commercio* (vd. texto editado no fragmento I do n.º 727), onde já reproduzira a versão publicada na *Novos e Velhos*.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXX (1916), n.º 358, p. 730.  
Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, mas com algumas corruptelas.
- *O Ferrão: Semanario Crítico, Humorístico, Literário e Sportivo* (dir. Celestino Lobo), Braga: [s.n.]. N.º 11 (janeiro de 1923), p. 4.  
Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, mas com variantes ortográficas e de pontuação.

### Aparato genético

4. esmagadora? AB esmagadora! C  
 5. encantadora A encantadora, B encantadora C  
 13. Deu-mo: dei-lho, por instinto A Deu-mo, dei-lho, por instinto, BC  
 Data. □ A IV-VII-XCVIII. B □ C

*Em B, a data parece apresentar um lapso. O poema deverá ter sido composto em junho, pois o respetivo número da Novos e Velhos foi publicado a 5 desse mês.*

### Arquivo documental

No âmbito da polémica que rodeou os alexandrinos da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* – vd. Arquivo documental III do n.º 124 –, João Penha responderá às críticas de Delfim Guimarães, ilustrando com este carme a expressiva articulação entre som e sentido que caracteriza universalmente o discurso poético (e não apenas a estética simbolista). Vd. texto editado no fragmento I do n.º 727, max. p. 90:

[...]

*Seja uma produção qualquer: seja, por exemplo, o Beijo.*

É assim:

*Porque me vistes, senhora,  
 Dar um beijo em vossa aia,  
 Será justo que em mim cáia  
 Vossa ira esmagadora?*

*Uma dama encantadora,  
 Como sois, da vossa laia,  
 Ter zêlos d'uma lacaia,  
 Vós, a minha vencedora!*

*E demais, eu nunca minto;  
 Foi ella que o deu a mim:  
 Trazia o peito faminto,*

*Ella, o casto seraphim!  
 Deu-mo, dei-lho, por instinto,  
 Nos seus labios de carmim.*

*A scena que se relata nesta composição é conhecida de todos: todos por ella passaram. Um ditoso, mas um pouco voluvel amante, é encontrado, subita e inesperadamente, pela dama dos seus pensamentos, em flagrante delicto de beijo numa fresca e provocante Lisette. O lance é temeroso: a dama, com um gesto á Ristori, silenciosa, aponta para a porta da saida. O delinquente quer explicar-se, mas perdida a tramontana, não sabe o que ha de dizer que o desculpe: a voz é baixa e submissa, e as palavras, sem nexo e entrecortadas, saem-lhe a custo, e como puxadas por um sacatrapos.*

*Para dar uma fôrma artistica a este quadro, segundo as minhas idéas, adoptei, nas quadras, o tom menor, com notas cobertas, e para indicar a hesitação da voz, estabeleci hiatos, que difficultam a leitura das estrophes.*

*De subito, uma idéa luminosa, uma desculpa satisfactoria vem arrancar-me áquelle transe deploravel (e digo arrancar-me, porque eu costume encarnar nos meus personagens) a de dizer que fôra a joven aia quem praticara o delicto. Mudo, portanto, logo, se não de andamento, pelo menos de tom: passo para o maior, atacando as notas com sustenidos, notas claras, abertas e precisas, e fecho a estrophe com uma nota aguda victoriosa.*

[...]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Arte: Órgão do Movimento Intellectivo Internacional* (dir. Julio Lobato), Porto: [s.n.]. Ano I (1896), p. 341. Vd. descrição no n.º 101.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 1 (5 de fevereiro de 1897), p. 6. Vd. descrição no n.º 74.

C – ADB, Ms. 537, f. 12v. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 215-216. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Árias modernas” (pp. 165-226).

## Aparato genético

3. súbito a encontrei: seu rôsto A súbito a encontrei. No rosto B subitito, a encontrei. No rosto C súbito a encontrei. No rosto D
  4. Esplendia nas sombras da espessura. A Transluzia-lhe a alma, ingenua e pura. B Transluzia-lhe a alma ingenua e pura. C Transluzia-lhe a alma, ingenua e pura. D
  7. Vehemente explodiu: em curto duello A Indomita irrompeu, e ardido Othello, BC Indómita irrompeu, e, ardido Othello, D
  8. Rompi-lhe ancioso a cândida cintura. A Crú lhe desfiz a virginal cintura. BC Crú, lhe desfiz a virginal cintura. D
  9. – «Anjo, lhe diz a mãe, ABC – «Anjo (lhe diz a mãe) D
  14. palpita!» A palpita.» BC palpita!» D
- Data.* Varzim, XXVIII-IX-XCVI. A XXI-I-XCVII. B □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na revista *A Arte* (em 1896); a segunda encontra-se documentada na revista *Novos e Velhos*, no manuscrito do ADB e na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 123

## [A eterna idéia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 129. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo da página numerada como 119, pode ler-se a seguinte indicação apógrafo: “Viagem 217”.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 217-218. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Jornal do Brasil* (dir. Jaime Victor, Visconde de S. Boaventura), Lisboa: [s.n.]. N.º 6 (9 de março de 1898), p. 2.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

- Prospero Peragallo, *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane. Tradotte in Italiano*, Vol. II, Genova: Atabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli, 1900, p. 64. Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, que Prospero Peragallo reproduziu na sua antologia, antecedendo a respetiva tradução para Italiano (vd. *infra* Arquivo documental).

## Aparato genético

2. jocunda: A jocunda, B
4. brava! A brava. B
5. Agora A Agora, B
6. meditabunda; A meditabunda: B
9. que, um dia, A que um dia B
14. despezas.» A despezas!» B

## Arquivo documental

Este poema recebeu uma tradução italiana de Prospero Peragallo, no livro: *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane. Tradotte in Italiano*. Vol. II, Genova: Atabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli, 1900, p. 65:

*L'Eterna Idea*

*Da gran tempo io la trovava  
Molto fredda, e men gioconda,  
Ella ch'era un dì feconda  
In graziette, ardente e brava.*

*Or le sue notti passava  
A pregar, meditabonda:  
E, com mia doglia profonda,  
Vidi ancor ch'ella plorava.*

*Finchè un dì, a lei vólto, dico:  
«Spiace a me la tua tristezza;  
«Che mai soffri?» – O dolce amico,*

*– Se d'amor sentiam l'ebbrezza,  
– Perchè non mi fai tua sposa? –  
«Ah! la spesa é assai gravosa».*

## 124

## [Moribunda]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 104, 190. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece transcrito na página numerada como 104, acolhendo, na lista de “Emendas” (p. 190), uma campanha posterior, relativa à versão alterada que saiu n’ *O Reporter* (vd. *infra* testemunho C).

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 219-220. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

C – *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano VII, n.º 1765 (10 de novembro de 1897), p. 3.

Tratando-se de uma versão alterada que o poeta fez publicar em réplica ao artigo de Cândido de Figueiredo (vd. *infra* Arquivo documental III), este testemunho não corresponde ao texto definitivo, que, segundo o poeta, continuava fixado na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

*O Reporter* publicou-se em formato grande (de 59 cm), entre janeiro de 1892 e outubro de 1899. Este diário generalista contava periodicamente com uma coluna literária, assinada por “Cedef” (criptónimo de Candido de Figueiredo).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1706 (17 de novembro de 1897), p. 2.  
Esta transcrição a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* aparece citada em recensão de Alberto de Madureira ao livro de João Penha.
- João Penha, “Um juizo critico” in *Jornal do Commercio*, Lisboa: [s.n.]. N.º 13194 (4 de dezembro de 1897), pp. 1-2.  
Na sequência das críticas suscitadas pela irregularidade dos versos alexandrinos (vd. *infra* Arquivo documental), João Penha transcreve neste artigo (vd. texto editado no fragmento I do n.º 727) a versão reformulada de “Moribunda”, já publicada n’ *O Reporter*.
- João Penha, “A Questão Litteraria” in *Jornal do Commercio*, Lisboa: [s.n.]. N.º 13219 (6 de janeiro de 1898), pp. 1-2.

Respondendo às críticas anteriormente suscitadas pela irregularidade dos versos alexandrinos (vd. *infra* Arquivo documental), João Penha transcreve neste artigo (vd. texto editado no fragmento II do n.º 727) a versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, embora com ligeiras variantes de pontuação.

- “Questão litteraria: Alexandrinos e asclepiadêos” in *A Tarde*, n.º 3007 (6 de dezembro de 1897), p. 1-2.  
Esta transcrição a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* aparece citada em artigo anónimo, para ilustrar a irregularidade dos alexandrinos penhianos (vd. *infra* Arquivo documental).
- “Questão litteraria” in *O Popular* (dir. Mariano de Carvalho), Lisboa: [s.n.]. N.º 539 (7 de dezembro de 1897), p. 2.  
Trata-se de uma cópia do artigo publicado na *Tarde*, transcrevendo o soneto da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (vd. *supra*).
- João Penha, *Por Montes e Valles*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 91-108, “Questão Litteraria: Cerveja e alexandrinos”.  
João Penha reedita neste livro o artigo já publicado no n.º 13194 do *Jornal do Commercio* (vd. texto editado no fragmento I do n.º 727), onde transcrevera d’ *O Reporter* a versão reformulada de “Moribunda”.
- João Penha, *Por Montes e Valles*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 108-121, “Questão Litteraria: Alexandrinos e Asclepiadêos”.  
João Penha reedita neste livro o artigo já publicado no n.º 13219 do *Jornal do Commercio* (vd. texto editado no fragmento II do n.º 727), onde transcrevera a “Moribunda” a partir da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.
- *O Campeão: Semanario de Litteratura, Critica e de Sport* (dir. Bento Izidro, Mario Ney, J. Costa Basto), Porto: [s.n.]. Ano II, n.º 26 (29 de julho de 1900), p. 4.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *O Reporter*, mas com ligeiras corruptelas.
- Nuno Catharino Cardoso, *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros: Antologia Contendo Dados Biograficos e Bibliograficos ácerca de Cento e Oitenta e Nove Poetas*, Lisboa: [s.n.], 1918, p. 98.  
Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.
- Nuno Catharino Cardoso, *Cancioneiro da Saudade e da Morte: Poetisas e Poetas Portugueses e Brasileiros (Séculos XII a XIX)*, Lisboa: H. Antunes & C.ª Livraria Editora, 1920, p. 14.  
Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

### Aparato genético

- Dedic.* □ A (A Guerra Junqueiro) B □ C
1. ebúrneo, macilenta AB Γebúrneo, emmagrecida Γ AC
  3. Esperava, infeliz, de momento a momento, A Esperava infeliz, de momento a momento B Esperava infeliz, de momento a momento, C
  5. flor que a brisa ao chão lançasse, AB flôr, que a brisa ao chão lançasse; C
  7. Sempre de olhos fechados, muda, A Sempre de olhos fechados, muda B ΓDe olhos fechados sempre, e muda, Γ A De olhos fechados sempre, e muda C
  9. disse: «Quando AB disse: – Quando C
  10. entrada além A entrada, além, B entrada além, C
  11. E entre os anjos mimosos resurgires, A E entre os anjos ditosos resurgires, B ΓE nos astros ideaes tu resurgires, Γ A E nos astros ideaes tu resurgires C
  12. «Extaticos dirão: Oh ceus! que rosto lindo! AB ΓOs anjos te dirão: Meu Deus, que rosto lindo. Γ A Os anjos te dirão: – «Oh, céus! que rosto lindo!» C
  13. amando!» AB amando! – C
  14. Então, abriu os olhos, e expirou A Então abriu os olhos, e expirou B ΓEntão, vi-a chorar... mas expirou Γ A Então, vi-a chorar, mas expirou C

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à p. 104 do Ms. 536 e à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*; a segunda aparece documentada na lista de “Emendas” (colocada ao final do mesmo manuscrito) e n’ *O Reporter*, apresentando alterações ao nível sintagmático da substituição. Embora a última seja posterior ao livro, João Penha explicitamente declara que o texto definitivo não é o que saiu n’ *O Reporter*, mas o que aparece fixado na *Viagem* (vd. *infra* Arquivo documental III). Por esse motivo, o texto crítico segue a primeira lição.

### Arquivo documental

I. Este soneto foi traduzido por Prospero Peragallo (\*1823 †1916), no número especial que *A Chronica* dedicou a João Penha:

*Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), p. 12:

João Penha  
(Versione)

Moribonda

*Nel grande ebúrneo letto, in volto macilenta,  
In preda al suo dolor, priva di movimento,  
L’infelice vedea già prossimo il momento  
Dell’ora estrema sua, che ogni mortal paventa.*

*Ella era come un fior che al suol la brezza avventa,  
Ed in quel suo profundo e mèsto abbattimento,  
Cogli occhi chiusi, muta, e senza sentimento,  
Né a Dio risposto avria: la sua voce era spenta.*

*M'avvicinai compunto; e allor le dissi: – Quando  
Tu salirai lassú nel santo Paradiso,  
E là risorgerai fra gli angeli, volando,*

*Estáticos dirán: – Cielí! Che bello viso!  
E felice vivrai, piú che nel mondo, amando!  
Gli occhi ella aperse allor, e spiró con sorriso.*

*Genova 10 gennaio.*

O respetivo autógrafo, originalmente enviado ao redator d' *A Chronica*, encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-4198(2). Trata-se de uma folha de papel pardo (de 15,3 x 20,9 cm), escrita de um só lado pelo punho do tradutor. No final, aparece devidamente datado e assinado: “Prospero Peragallo, Genova, 10 gennaio 1902”.

II. Em artigo inicialmente publicado no *Jornal do Commercio*, Penha alude ao contexto que ditou a composição de “Moribunda” (vd. texto integral no fragmento III do n.º 727):

[...]

*Quem por uma bella manhã de abril do anno da graça de 1887 estacionasse no pequeno square que defronta o hospital d'aquella antiga cidade do norte que foi côrte dos reis suevos, veria desembocar de uma rua proxima um homem, acompanhado e seguido de outros, os quaes a passos rapidos atravessaram o largo, e transpuzeram o portico d'aquelle edificio.*

*Quem eram esses homens, e que iam fazer áquella mansão de torturas?*

*O corpo judicial d'aquella região, o qual para ali se dirigia, não para fazer uma operação cirurgica, mas outra mais propria das suas attribuições.*

*Desse corpo fazia eu parte.*

*Depois de atravessarmos, de chapeu na cabeça, diversas galerias, démos entrada numa ampla enfermaria, tão espaçosa que nella se poderia dar um baile.*

*Essa enfermaria fazia angulo recto com outra, não menos espaçosa. Abancados a uma mesa, collocada exactamente onde as duas linhas se cruzavam, démos immediatamente principio ao episodio que ali nos levava, aproveitando eu os tempos de espera dos preliminares, em observar o que em roda de mim se passava. A primeira cousa que me surpreendeu foi a tranquillidade em que todos os doentes se achavam. Todos, e não eram menos de sessenta nas duas enfermarias, se achavam de barriga para o ar, muito serenos, com os olhos fitos no tecto, como que a pensar nos seus negocios. Febre não a havia ali, ao que me pareceu.*

*De repente, a minha atenção fixou-se numa joven enferma que, a pouca distancia, jazia como prostrada no seu pequeno leito de ferro. Teria, quando muito, dezoito annos, e era a creança mais encantadora das que eu, até áquelle dia, tinha visto. A atenção geral, provocada talvez pela insistencia com que eu a olhava, convergira tambem para ella, e até o velho scriba, com a penna erguida, a contemplava, suspenso de admiração e piedade. Tinha os olhos fechados, embora se visse que não dormia. A côr do rosto e a das mãos, finas e delicadas, não era a terrosa, tão propria dos doentes, nem a do jaspe sem vida; era talvez a da flôr da magnolia, em que ha o reflexo d'um luar silencioso.*

*O seu amplo cabello negro, desennastrado, descia-lhe em ondas opulentas por sobre os lençoes de linho até ao chão, onde formava uma onda maior. Immoavel, e sempre de olhos fechados, tinha no rosto a expressão tragica de um intimo soffrimento.*

*Que mal seria o d'ella?*

*Qual a razão d'aquella sinistra immobildade?*

*Seria a prostração comatôsa que antecede a ultima agonia?*

*Pensava eu nisto, meditabundo, quando vi surgir da outra enfermaria, da que formava angulo, uma irmã da caridade, a qual trazia numa bandeja um caldo, uma aza de gallinha, dois biscoitos, e um calix de vinho. Quando passou por mim, e senti o agradável odôr que aquelle singelo repasto exhalava, senti um desejo immoderado de o tomar e comer, desejo que desapareceu, reprovando-o, logo que vi que esse repasto era exactamente para a minha pobre doente. Às primeiras instancias da enfermeira – «para que comesse alguma coisinha» – não respondeu, conservando-se sempre na mais sinistra immobildade; mas, como ella insistisse, fez então um quasi imperceptivel gesto de negação, sem que abrisse os olhos, sem que descerrasse os labios, onde se desenhava, levemente, o rictus das maguas para as quaes não ha consolações nesta vida.*

*No entanto, o episodio immundo, que ali nos levara, seguia os seus termos regulares, quando, reparando melhor, me pareceu vêr que ella, por vezes, estremecia ligeiramente. Como eu a visse com um hombro descoberto, e essa fôsse talvez a causa d'aquelles estremecimentos, levantei-me de subito, e com grande surpresa do corpo judicial de que eu fazia parte, aproximei-me d'ella, compungido: puxei-lhe os lençoes para a nuca, e afastei-lhe da testa os amplos cabellos revôltos.*

*Nesse momento, do mesmo modo que eu tinha sentido um immoderado desejo de lhe comer o pequeno repasto, senti outro, mais immoderado ainda: o de a beijar, como se beija uma irmã: talvez.*

*Pouco depois ultimou-se o episodio a que me tenho referido, e nem quando o corpo judicial, de chapêu na cabeça, saiu tumultuosamente, atravessando a enfermaria a passos largos, ella, a encantadora e mysteriosa enferma, despertou da sua lethargia, ou saiu, por um só momento, da sua funesta immobildade.*

*Esta simples historia, absolutamente real, é a que eu metrifiquei na Moribunda, e lá se encontra até á parte em que digo que me cheguei compungido ao leito onde a enferma jazia.*

*Como não fosse poetico o factio occorrido depois, fiz a projecção ideal da parte real, pelo modo que pode ler-se na parte final da composição.*

[...]

III. Entretanto, o modelo versificatório adotado em “Moribunda” e “Cosmogonia” (vd. Arquivo documental do n.º 89) deu origem a uma acesa polémica, travada nas páginas da imprensa periódica.

A 26 de outubro de 1897, Cândido de Figueiredo (sob pseudónimo “Cedef.”) publica n’ *O Reporter* (Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 1753, p. 2) uma elogiosa recensão ao livro de João Penha, onde todavia assinala alguns reparos aos versos “alexandrinos” da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*:

[...]

*Mas quererá isto dizer que João Penha é o Bayard da poesia, sans peur et sans reproche? Não quer; e se bem que nenhum dos nossos poetas vivos o excêda na correcção da frase e na factura exemplar do decasyllabo e do septisyllabo, – as duas fórmas predilectas delle, – é certo que, ao traçar alexandrinos por duas vêzes, tratou-os desamoravelmente e nem os quis corrigir.*

*Em Coimbra, nunca elle os quis fazer; e, ao depararem-se-me agora duas amostras do genero, a páginas 141 e 219, fiquei surprehendido e, peor do que isso, com sincero pesar de que o poeta os não condenasse ao limbo.*

*João Penha não gôsta de alexandrinos, mas quis mostrar talvez que era capaz de os fazer. É, mas havemos de conversar primeiro, não para que de mim recêba instrucções, mas para que trate com mais amôr aquelles seus enjeitados. Quem tem o nome de João Penha não deve fazêr versos que não sejam irreprehensíveis, immaculados.*

*E não haja receio de se falar assim, porque não há ahi ninguém que possa atirar-lhe a primeira pedra.*

[...]

Pouco depois, a 9 de novembro, o mesmo amigo de João Penha faz publicar, ainda n’ *O Reporter* (Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 1764, p. 2), a seguinte nota:

[...]

*Falando do recente e ótimo livro de João Penha, Viagem por terra ao país dos sonhos, fiz há dias um ligeiro reparo a uma poesia do livro, por ser feita em versos de 12 sillabas, sem que esses versos se pudessem chamar alexandrinos.*

*Derivou d’aí palestra amiga, em que o autôr procurou explicar-se, e alterou por fim essa poesia, de maneira que se evitassem novos reparos.*

*Assim transformada, e por tanto quási inédita, publica-se a poesia adiante, noutra secção, e bemdigo a hora em que estranhei a primitiva feitura do sonêto, visto como posso brindar os leitores com elle, escoreito e magnifico.*

*Quer isto dizer que João Penha só não fará versos bons, quando não quizer.*

O poema, assim alterado, é efetivamente trazido a público no n.º 1765 do mesmo jornal (vd. *supra* testemunho C).

As sementes da polémica, no entanto, estavam lançadas e, a 15 de novembro de 1897, surge na *Mala da Europa* uma nova recensão onde Delfim Guimarães aponta algumas deficiências ao livro de Penha, fazendo eco dos reparos já salientados por

Cândido de Figueiredo (vd. artigo reproduzido no Arquivo documental II do texto n.º 718).

Atingido na lendária perfeição formal que, desde os tempos de Coimbra, distinguia a sua obra, João Penha investe contra o oponente, num longo artigo que o *Jornal do Commercio* publica a 4 de dezembro de 1897, e onde o poeta expõe algumas das suas ideias acerca da versificação alexandrina (vd. fragmento I do texto n.º 727, max. linhas 127-255).

A explicação, no entanto, continuará a suscitar resistências várias, começando nas páginas d' *O Popular* e da *Tarde* e culminando na tréplica de Delfim Guimarães, estampada na *Mala da Europa*, a 13 de dezembro de 1897 (vd. artigos reproduzidos no Arquivo documental II do fragmento I do texto n.º 727).

João Penha findará a contenda num segundo artigo publicado no *Jornal do Commercio*, a 6 de janeiro de 1898 (vd. fragmentos II e III do texto editado no n.º 727), onde esclarece, mais uma vez, que o modelo adotado nos seus versos não é o alexandrino francês, mas o dodecassílabo português.

Apesar da insistência do rival contendor, plasmada ainda em nova réplica (vd. Arquivo documental I, no fragmento III do texto n.º 727), o vate bracarense só mais tarde voltará à questão (compilando-a no livro *Por Montes e Valles* e referindo-se-lhe ainda em nota final ao livro *Ultimas Rimas* – vd. Arquivo documental do poema n.º 327), mas a polémica haveria ainda de persistir na imprensa periódica, dando azo a várias transcrições, comentários e remoques mais ou menos humorísticos.

De tal modo que, em 12 de fevereiro de 1898, Cândido de Figueiredo, anunciando uma compilação dos artigos de Delfim Guimarães, resumia desta forma o célebre contencioso desencadeado pela sua recensão (*O Reporter*, Lisboa: [s.n.]. Ano VII, n.º 1841, 12 de fevereiro de 1898, p. 2):

A «Viagem por terra».

*Opúsculo de 32 paginas, reproduzindo os artigos que Delfim Guimarães publicou na Mala da Europa, em polémica com João Penha.*

*Se fôsse licito comparar-me a um célebre romano – Tito Pompónio Attico, que mantêve sempre as mais cordeaes relações com Cícero e Marco Antonio, os dois inconciliáveis antagonistas, – se a comparação fôsse licita, dizia eu, só desejaria para mim o papel de Attico, sempre que se declara guerra entre potencias... minhas amigas.*

*A pugna azedou-se um pouco, e, embora não durasse dez annos como a de Troia, estiraçou-se por grandes columnas de grandes jornaes, chegando até, ás vezes, a transpôr as fronteiras dos países neutros...*

*Não sei se houve armistício, porque não ouvi os clamôres da victória, nem oiço já o rufar dos tambôres, nem vejo o relampejar das lanças em accêsa refrega. Provavelmente, succedeu como na batalha do Tóro: ainda hõje se não sabe se alguém ali ficou vencido, – se o rei de Castella, se o nosso Affonso V.*

*É que, em pugnas literárias, com algum talento e coragem, ainda ninguem abandonou o campo ao inimigo.*

*Ora, no caso presente, seria loucura imaginar que, de um ou de outro lado, se exgotariam os paiões. Portanto, se os peloiros já não sibilam, se os campos de Tóro estão silenciosos e desertos, é porque o castelhano foi para Salamanca encommendar ao diabo a Beltraneja, e o português fêz as malas e foi de longada até á Palestina.*

*Seja o que fôr, os boletins da campanha ficam pertencendo á história; e por isso os guardo, agradecendo a Delfim Guimarães o lembrar-se dos meus arquivos.*

## 125

## [A combórcã real]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 118a.

Trata-se de uma folha avulsa de papel pautado (medindo 19,6 x 29,8 cm), que se encontra dobrada e colocada no interior do caderno Ms. 541 (vd. descrição no n.º 131). Está escrita de um só lado, a tinta preta, apresentando no final a assinatura do poeta.

B – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 7 (5 de maio de 1897), p. 99. Vd. descrição no n.º 74.

C – ADB, Ms. 537, f. 13r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 221-222. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

## Anotação textual: emendas

6. Golcônda,]; Golcônda

## Aparato genético

1. hedionda! AB hedionda: CD
  6. Golconda, AB Golcônda CD
  7. «Por AB Por CD
  8. trocara ABC trocava D
  9. ais! AB ais: CD
  10. Sim, AB Sim; CD
  11. desleaes! AB desleaes. CD
  13. «Diz AB – «Diz CD
  14. «Traz A Traz BCD
- Data.* XXVI-IV-XCVII. AB □ CD

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BPMP, Ms. 2012, pp. 215-216. Vd. descrição no n.º 1.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da página 216, João Penha acrescentou a seguinte indicação: “Na Revista Nova, n.º 1”.

B – *Revista Nova: publicação mensal, social e d'arte* (dir. Alberto Pinheiro, Antonio de Vilhena), Braga: Cruz & Companhia. Ano I, n.º 1 (fevereiro de 1895), p. 9.

Esta revista literária, de periodicidade mensal, publicou-se em formato pequeno (de 22 cm), entre fevereiro e abril de 1895.

C – ADB, Ms. 537, f. 2r. Vd. descrição no n.º 66.

D – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 223-224. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 165-226).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1437 (16 de fevereiro de 1895), p. 2.

Trata-se de uma cópia da *Revista Nova*.

- *Jornal do Brasil* (dir. Jaime Victor, Visconde de S. Boaventura), Lisboa: [s.n.]. N.º 6 (9 de março de 1898), p. 2.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*.

- *Estrela do Minho: Folha Ilustrada, Literaria, Bibliografica e Noticiosa* (dir. Manuel Pinto de Sousa), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano 25, n.º 1320 (30 de janeiro de 1921), p. 1.

Trata-se de uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, mas com uma gralha no título.

**Aparato genético**

- Dedic.* □ ABC (A Bernardino Machado) D  
 1. mulher. A mulher! BCD  
 2. dolorido. A dolorido: B dolorido. CD  
 3. polido A polido, BCD  
 5. compostura, ABC compostura D  
 6. Christo, ABC Christo D  
 10. desfeita! A desfeita!... B desfeita! CD  
 13. nas margens do ABC nos campos do D  
*Data.* 1-27-95. AB □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se documentada na *Revista Nova* e nos manuscritos da BPMP e do ADB; a segunda é a que foi publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. As pontuais alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 537, f. 9v (vd. descrição no n.º 66); Ms. 536, p. 192.

Este poema aparece registado no Ms. 537, com uma posterior campanha de revisão documentada na lista de “Emendas”, colocada ao final do Ms. 536.

B – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 225-226. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece integrado no conjunto “Arias modernas” (pp. 225-226), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (p. 244) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

9. A Musa veste á burguesa; A A musa veste á burgueza, B  
 11. Havaneza. A Havaneza; B  
 12. O versejar compromette... ΓA vindima não promete, –Γ A A vindima não promete: B  
 13. tristeza: A tristeza... B  
 14. Adeus, /ma tendre musette! <sup>sublinhado</sup> / A / ma tendre musette! <sup>itálico</sup> / B

## Arquivo documental

A versão publicada na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (p. 244):

*A onda*

*Quem lêr o ultimo verso desta ligeira composição talvez supponha que, lançando ás ortigas o meu pouco afinado alaúde, me quero safar do Parnaso á franceza, sem me despedir das musas: das minhas inquietas leitoras; sem me despedir de pessoa alguma. Não é, porém assim: quem uma vez entrou no mundo da arte, já d'elle não póde tornar a sair: é um mundo encantado, fóra do qual não ha salvação possível. A minha saida é, pois, uma saida falsa, puramente theatral, e, bem ao contrario do que poderia ter-se imaginado, é meu proposito firme voltar agora, todos os annos, á scena, coberta a face com a mascara grega antiga, que d'um lado chora, e do outro ri, a exhibir perante o publico benigno as minhas já talvez extemporaneas habilidades, – de artista incoherente, mas sincero.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 80, 94.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Novas Rimas* (1905 [1904]) e *Echos do Passado* (1914), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 50 folhas (medindo 15,7 x 20,6 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina, onde se aplicou o rótulo: “Arquivo Distrital | 540 | Manuscritos | U.M.”. Na pasta inicial, está ainda colado um rótulo em papel, com a seguinte inscrição, do punho de João Penha: «Vinhetas e aguarellas| (versos)| Sonatas e ritornellos». O volume, propriamente, abre com uma folha de guarda em papel almaço branco, onde se lê, a lápis, a anotação apógrafo: “revista”. Segue-se uma folha pautada, com o título “Vinhetas e aguarellas| (Versos)”, sucedida por 49 folhas pautadas, cujas páginas foram numeradas de 1 a 98. As poesias aparecem então registadas nas pp. 1-89, seguindo-se uma secção de “Emendas” (pp. 90-94) e um “Índice” (pp. 95-98), encerrado com uma folha de guarda, em papel almaço branco.

“A derrocada” aparece transcrita na p. 80, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 94). No canto inferior esquerdo da p. 80, João Penha acrescentou por fim a indicação “(E)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafo: “<Inedito> N.<sup>as</sup> Rimas 11”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 613 (3 de agosto de 1902), p. 1.

Este semanário publicou-se em formato médio (de 37 cm), entre 1890 e 1931, acolhendo diversas colaborações literárias, maioritariamente inéditas.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 11-12.

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, pode ler-se que o contrato de edição foi estabelecido em junho de 1904, prevendo o pagamento de 50.000 reis, correspondentes a uma única edição (BPMP, M-AF-1169(6)). Além dos exemplares comuns (com o preço individual de 600r), a tiragem contou ainda com três exemplares em papel de linho.

Os volumes apresentam encadernação em brochura, com ilustrações a preto e dourado. Na contracapa, figura um anjo com uma lanterna e a inscrição

“Lumen”. A capa inclui a representação de uma musa apolínea, uma harpa e um ramo de louro, juntamente com as seguintes indicações: “João Penha | Novas Rimas| com um prefácio e notas || França Amado| Editor”. Embora figure no rosto o ano de 1905, a informação certificada no cólofon regista o ano de 1904: «Este livro, do qual se tiraram tres exemplares em papel de linho nacional, acabou de imprimir-se no dia vinte de outubro de mil novecentos e quatro na typographia França Amado, na cidade de Coimbra”. Na verdade, sabemos também pela correspondência do autor que o livro já se encontrava pronto em outubro de 1904, apesar do milésimo estampado pelo editor ser 1905 (BPMP, M-AF-1169(8)).

O livro, propriamente, é constituído por 345 páginas (de 12 x 18,9 cm). Abre com um “Prefácio” (pp. 5-8), seguindo-se as poesias, distribuídas em cinco partes: “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92), “Intermezzo” (pp. 93-126), “Coroa de perpetuas” (pp. 127-132), “A caminho das estrelas” (pp. 133-218) e “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312). No final, surge uma secção de “Notas”, relativas a alguns poemas (pp. 313-338), e um “Índice” (pp. 341-345).

O poema “A derrocada” aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2158 (23 de agosto de 1902), p. 2.  
Trata-se de uma cópia dos *Echos da Avenida*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 63.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ C

*Dedic.* □ AB /Ao Conde de Arnoso. *italico*/C

2. E vae-te, mundo em fóra, de longada. AB E vae-te mundo em fóra de longada, C
4. lirio, A lirio BC
5. Aqui, onde nasceste, é tudo prosa: ΓAqui, tudo é grosseiro, é tudo prosa.Γ A  
Aqui, tudo é grosseiro, é tudo prosa; B Aqui, onde nasceste, é tudo prosa: C
6. sonhamos, A sonhamos B sonhamos, C
7. Dão-nos, por ambrosia, agua chalada, ΓDão-nos uma ambrosia derrancadaΓ  
A Dão-nos uma ambrosia derrancada, BC
8. vil AB vil, C

9. duradoiro. A duradoiro; B duradoiro. C
11. Poesia – tudo vae ao sorvedoiro; ΓPoesia, tudo cae n'um sorvedoiro.Γ ΓΓTudo se abysma em átro sorvedoiro.ΓΓ A Tudo se abysma em átro sorvedoiro, B Tudo se abysma em átro sorvedoiro; C
12. das olorosas A das fluctuantes B das olorosas C

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do manuscrito; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” do mesmo manuscrito e no jornal *Echos da Avenida*; a terceira está finalmente publicada nas *Novas Rimas*, resultando numa combinação das duas versões anteriores. As principais alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

### 1. *Recensio*

São cinco os testemunhos considerados: dois manuscritos e três impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 185, 188. Vd. descrição no n.º 65.

O poema aparece transcrito na página numerada como 185, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 188). Na p. 185, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 13”.

B – *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3763 (6 de julho de 1900), p. 2.

O diário lisboeta *Tarde* publicou-se entre 1889 e 1905, em formato médio (de 40 cm), acolhendo não apenas noticiários políticos e de interesse geral, mas também colaborações literárias.

O testemunho em causa constitui uma cópia do soneto, conforme publicado nos *Echos da Avenida* (vd. *infra* Arquivo documental). Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1967 (15 de agosto de 1900), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Esta versão revista do poema vem antecedida de uma advertência do diretor (vd. *infra* Arquivo documental).

D – ADB, Ms. 540, p. 5. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Nos Echos da Avenida – modificado)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 13”.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 13-14. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

### 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XIV (1900), n.º 165, p. 646.

- Trata-se de uma cópia da versão originalmente publicada no *Echos da Avenida*, embora com variantes de pontuação.
- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 309 (6 de agosto de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com variantes de pontuação.
  - *Jornal de Noticias* (dir. Annibal de Moraes), Porto: [s.n.]. Ano 24, n.º 280 (26 de novembro de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com variantes de pontuação
  - *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 868 (2 de dezembro de 1911), p. 2.  
Trata-se de uma colação entre a cópia indireta que saiu no *Jornal de Noticias* e uma versão espúria, aqui apresentada como sendo cópia d' *A Tarde*, mas que efetivamente não segue o texto publicado naquele diário lisboeta. Vd. *infra* Arquivo documental.
  - *O Banhista: Semanario Poetico, Humoristico e Noticioso* (dir. Admaro Ferreira), Póvoa de Varzim: [s.n.]. Ano I, n.º 7 (8 de outubro de 1914), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com variantes gráficas e de pontuação.
  - *Diário do Minho* (dir. Domingos da Silva Araujo), Braga: [s.n.]. Ano LXX, n.º 22086 (14 de junho de 1989), p. 4.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com variantes de pontuação
  - Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 64.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com variantes de pontuação

#### Anotação textual: emendas

5. chamás?» perguntei. -]; chamás? perguntei.» -

#### Aparato genético

- Dedic.* □ ABCD /Ao Dr. Wih Storck, Münster. *italico*/ E
2. A criminoso; acusador, o Agente; AB A Ré. De muito amar era acusada. C A Ré: de muito amar era acusada; D A Ré: de muito amar era acusada. E eu, grave e imponente; AB eu. Sala, apinhada; C eu. Sala apinhada; DE chamás? perguntei. - ABCD chamás?» perguntei.» - E
3. chamás?» - «Quinze.» - «Teu paiz?» - Llorente.» Fannos?... Dezasseis. - Quasi indigente, 7 A annos?» - «Dezeseis.» - Quasi indigente. B annos?» - «Dezasseis.» - «Pobre, sem nada, CDE
6. De que vives? - «De amar.» - «Quando innocente Fvives? - De amar.» - Foste innocente, 7 A «De que vives? - «De amar.» - Foste innocente. B De que
- 7.

- vives?» – «De amar e ser amada.» C De que vives? – «De amar e ser amada.»  
 D De que vives?» – «De amar e ser amada.» E
8. – «Quem te perdeu? – «Seus A Quem te perdeu?» – Seus B Quem te perdeu?»  
 – «Seus C – «Quem te perdeu? – «Seus D – «Quem te perdeu?» – «Seus E
9. – «Abandonou-me ABC – Abandonou-me D – «Abandonou-me E
10. com frio, A com fome, BC com frio, DE
12. esse homem AB o homem CDE
13. Que, A Que BCDE
14. Lírio, ABC Lírio DE
- Data. 26-VI-900. AB □ CDE

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” do mesmo manuscrito e no jornal *Echos da Avenida* (aqui transcrito pela *Encyclopedia das Famílias*); a terceira está finalmente publicada na *Correspondencia do Norte*, no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

I. O testemunho B (vd. *supra* Notícia dos testemunhos) veicula uma versão inicialmente publicada no jornal *Echos da Avenida*, em junho de 1900. Não sendo já possível trazer à colação o exemplar em causa, podemos no entanto notar que, a 15 de agosto do mesmo ano, a *Correspondencia do Norte* (n.º 1967, p. 2) fazia já republicar o poema, acompanhado da seguinte nota introdutória:

*Este soneto de João Penha foi publicado nos «Echos da Avenida», de Lisboa. Sahe, porém, agora, no nosso jornal, mais correcto, e com a sua forma definitiva.*

II. A diversidade de variantes que caracterizou este poema seria aliás notada, mais tarde, pela redação do jornal *Vitalidade* (vd. *supra* Notícia dos testemunhos), a 2 de dezembro de 1911.

*João Penha*

*Tem uma feição especial o estro deste poeta.*

*Todas as suas composições que conhecemos (não quer isto dizer que conheçamos muitas) acentuam uma feição ao mesmo tempo humorística e caustica, graciosa e moral.*

*A nota romântica, sensual ou brejeira também lhe é peculiar; mas ao mesmo tempo deixa transparecer, através do sentimentalismo, alguma coisa de superior, que pôde ser lição ou exemplo.*

*Por acaso se nos deparou agora no Jornal de Notícias, do Porto, o seguinte soneto:*

## A RÉ

*Era uma pobre industrial de amores.  
A Ré; de muito amar era acusada.  
O juiz era eu. Sala apinhada.  
Verbosos e subtis os defensores.*

– «Como te chamas? perguntei:» – «Dolores».  
– «Teus annos» – «Dezaseis» – «Pobre, sem nada,  
De que vives?» – «De amar e ser amada».  
– «Quem te perdeu?» – «Seus olhos sonhadores».

– «Depois?» – «Abandonou-me sem piedade  
E vi-me só, com frio, o corpo nú,  
Vagabunda nas ruas da cidade».

– «Responde-me: e quem foi o homem crú  
Que sem pena de tanta mocidade,  
Lirio, te desfolhou nas sombras?» – «Tu!»

*A finada Tarde, diario de Lisboa, em que esfuziou a graça de Urbano de Castro, publicou, ha muitos anos, este mesmo soneto, que encontrámos tambem agora numa gaveta, em retalhinho de papel cortado daquelle jornal.*

*A composição apresenta porém, alguma variante:*

## A RÉ

*Era uma pobre serviçal de amores  
A Ré. Acuzador era o agente.  
O juiz era eu, grave, imponente,  
Verbosos e subtis os defensores.*

*Como te chamas? perguntei. – Dolores.  
De que vives? – De amar. És indigente.  
Mas responde-me: já foste inocente,  
Quem te perdeu? – Seus olhos sonhadores.*

*Depois? Abandonou-me sem piedade,  
E vi-me só, com fome, o corpo nú,  
Vagabunda nas ruas da cidade!*

*Responde-me, e quem foi o homem crú  
Que sem pena de tanta mocidade,  
Ao vicio t'entregou, e ao crime? – Tu.*

*Não ha grande diferença no contexto, mas, em suma, sempre é uma variante...  
Qual será a que o poeta prefere e subscreve?*

*Não sabemos se este jornal irá ter ás mãos do conceituozo poeta, que é tambem um advogado distinto. Não sabemos.*

*Embora por mais de uma vez o dr. João Penha se dignasse anuir a pedidos dum dos redactores deste jornal para lhe dispensar a sua colaboração, as circunstancias do tempo e outras tem obstado á cultura assidua duma amizade que muito nos captivava e a que sempre mostrámos todo o nosso reconhecimento.*

*Seja como fôr: Se estas linhas tiverem a dita de ser lidas pelo dr. João Penha, fiamos da sua bondade que nos dirá qual das suas versões do soneto acima lhe parece mais conforme com o seu pensamento.*

*De passagem, diremos ainda que tambem agora se nos deparam outros versos que lhe são atribuidos e que não podemos publicar na integra, mas de que vão os seguintes:*

ENTRE AMA E CREADA

– Senhora, tome sentido,  
 Não me torne a mandar mais  
 Ao seu amante querido.  
 Que rapaz tão atrevido!  
 Não ha outro assim talvez.

– «Mas diz-me que é que te fez?»

– Uma traição de judeu:  
 Sem atender aos meus ais,  
 Encostou-me junto a um muro,  
 – «Tem-te, me disse, não caias».

Quiz lutar naquele apuro,  
 «Tire-se lá, lhe disse eu;  
 Mas em vão; ergueu-me...  
 .....  
 .....que Deus me deu.

*Etc.*

*Vejam lá se adivinham o resto; ou se lhes sucede como sucedeu com os versos de Virgilio:*

*Sic vos, non vobis...  
 Sic vos, non vobis...*

A resposta de João Penha é publicada no mesmo jornal, a 16 de dezembro de 1911 (*Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal*, Aveiro: [s.n.], n.º 870, p. 1), onde compara as deturpações que afetaram os seus poemas, em cópias indiretas publicadas pela imprensa, a um alegado plágio envolvendo o antigo companheiro de estudos Boaventura Gaspar da Silva Costa Barbosa (\*1855 †1910), Visconde de S. Boaventura:

## Um artigo de João Penha

*Principío por agradecer á amavel Vitalidade o me ter dado azo, com o seu artigo relativo á minha pessoa, a uma ligeira palestra, ácerca de cousas litterarias.*

*Na grande modôrra, em que ando ha muito, ainda assim não tão grande que não tenha já concluido um novo livro de versos, o quarto, a que dei o titulo: Echos do passado, ao qual apenas falta um «arrojado» editor que o lance á voracidade do publico, aquella occorrenca produziu-me o effeito que, na pá d'um boi somnolento, produz a aguilhoadada do vaqueiro que o guia: acordei, e, alegremente, me vou ao assumpto.*

*Qual é elle? O meu soneto: A Ré, logo o segundo das minhas Novas Rimas, e que ahi poderá ler-se dedicado ao dr. Stork, de Münster.*

*A sua fôrma definitiva é essa, e essa fôrma não é a do que appareceu no Porto, ou no Jornal de Noticias, e muito menos a da variante, que a Vitalidade reproduziu. Não me recordo de a ter commetido, e até propendo para que não é da minha lavra, baseando-me em que tem dous versos errados, o que não está nos meus habitos, e em que não a encontro nos livros dos meus manuscriptos.*

*Rejeito-a, portanto, como espuria.*

*A outra, a transcripta nos diarios acima citados, traz, a mais, uma virgula, quem o diria! que além de lhe transtornar a ondulação rhythmica do verso, lhe deturpa grotescamente o pensamento da parte final.*

*É a virgula que se vê a seguir a Lirio.*

*Com tal desastrada virgula, esse Lirio, é um vocativo. Ora, como poderia eu, o juiz, chamar lirio a uma joven marafôna, sentada nos bancos da policia correccional? Não seria irrisorio? Sem a virgula é outra cousa. Desfolhei-a, iniciei-a nos mysterios do amor (segundo o seu dizer, que reprove), quando ella era ainda pura como uma açucena, e é isto o que me parece bem (refiro-me ao verso, e não ao acto) e é isso o que eu fiz.*

*Para aquelles para quem a poesia é uma arte, irmã germana da musica, ambas filhas do mesmo papá: o sonho, – e arte lhe chamaram, entre outros, Horacio, e todos os poetas antigos, Boileau, e até o nosso Camões:*

*«Sem vergonha o não digo; que a razão  
«De alguém não ser por versos excellente  
«É não se ver presado o verso e a rima;  
«Porque quem não sabe a Arte não a estima.»*

*para esses, digo, para quem a poesia é uma Arte, e não uma especie de analecto, em linhas mais ou menos curtas, de altos pensamentos philosophicos, como o quer o bom do Fernades Costa, – a mais pequena alteração em suas composições, ainda que não seja senão d'uma virgula, como no caso presente, é um desastre, que os arrastaria a trucidar os delinquentes, se os tivessem á mão, e não receassem uma subita reclusão em «ferros d'el rei», como antigamente se dizia.*

*D'esses desastres tenho sido eu uma das maiores victimas: prefiro até que me roubem os filhos, a que m'os desfigurem, e até não resisto á tentação de o provar, mesmo porque o caso me parece assáz original.*

*Um dia, ha já bastantes annos, disseram-me: – «Olha que Fulano anda a publicar em seu nome, no Brazil, todas as poesias que fazes, e pelo menos debes protestar contra semelhante patifaria.» Encolhi os hombros com uma soberana indifferença, e deixei correr.*

*Esse Fulano era um desequilibrado, de boa familia. Sentara praça, e como passava os dias no calabouço por constantes actos de indisciplina, resolveu desertar, e pondo logo em pratica essa resolução, escapuliu-se para terras do Brazil. Lá, na cidade importante que escolheu para centro das suas operações, teve a feliz lembrança de me publicar em seu nome, e alcançando desde logo uma certa notoriedade, elle que, como Bias, não tinha de seu senão a roupa com que sahia á rua, abalançou-se a namorar uma rica herdeira, a qual, lisonjeada por ser a escolhida de tão notavel personagem, lhe deu, com pleno assentimento de seus paes, a mão de esposa.*

*De volta a este paiz, depois de prescripta a pena em que tinha sido condemnado como desertor; já com filhos e respeitavel, fixou-se em Lisboa, lançou-se no jornalismo, e falleceu, ainda ha pouco, visconde do santo do seu primeiro nome, titulo nobiliarchico com que o Rei houve por bem gallardoar os seus altos merecimentos litterarios.*

*Com Virgilio, mas em pequeno ponto, succedeu um caso semelhante.*

Hos ego versiculos feci, tulit alter honores.

*Com este, e mais tres pentâmetros se desforçou benignamente o divino poeta.*

*Eu não, não lhe segui o exemplo, e até me senti consideravelmente lisonjeado, considerando que os meus versos para alguma cousa serviram: para fazerem feliz, de tal ou qual maneira, o alludido seu pae adoptivo.*

*O seu nome? Jamais o revelarei, nem mesmo áquelles que me jurem a mais absoluta reserva. Veja-se o caso da estrophe secreta que, com enorme surpresa, vi publicada n'esta Vitalidade. Essa, e muitas outras, que ainda não ha muito fabriquei, unicamente para averiguar se teria geito para esse genero folgasão, depois de uma curta luta entre o fabricante e o homem moral, destrui-as completamente. Notei que entre essas duas entidades houve uma grande hesitação: o fabricante invocava os nomes de Bocage, do Aretino, de Casti, de Piron, e até de Voltaire (na Pucelle), mas o homem moral, sem attender ás melifluas vozes do seu adversario, arrancou-lhas da mão subitamente, e lançou-as ao fogo.*

*Como é que aquella escapou a esse voraz incendio? É um mysterio que não me apraz decifrar, embora a Vitalidade pudesse talvez esclarecel-o. Mas, não vale a pena, e, a haver outra palestra, será sobre um assumpto totalmente diverso.*

*Não o prometto, porém, porque se o promettesse não o cumpria. É essa uma das minhas idiosyncrasias.*

7-XII-11.

JOÃO PENHA.

---

(1) Felix culpa! – Tomamos esta velha mas sempre honroza diviza para nos desculparmos de ter ido ofender as susceptibilidades artisticas do eminente poeta e insigne literato, snr. dr. João Penha; e do recipe que colhêmos no artigo acima, nos sentimos bem compensados por a posse dessa precioza joia literaria.

*Em abono de inteira verdade, porém, devemos dizer, que não tivémos a minima intenção de ofender a arte divina da poezia, nem os seus mais ezimos cultores. De modo nenhum. A nossa culpa foi inteiramente involuntaria, de boa fé; dando-lhe origem, realmente, isto é na realidade, o desejo de saber fôrma definitiva, ezata, do soneto que vimos publicado em dois jornaes, um de agora, o Jornal de Noticias, do Porto, outro antigo, a extinta Tarde, de Lisboa.*

*Acresce a estas circumstancias, uma outra, e essa é a maior culpa: – termos perdido o rumo, de memoria, e de local, ao livro de versos de João Penha.*

*A respeito da realidade da culpa, não ha duvida; nem apresentamos outra defeza: – e quanto ao qualificativo de – feliz – que lhe adicionamos, segundo cremos justifico-o inteiramente o que já acima dizemos e, decerto, confirmam os leitores habituais da Vitalidade, assim como todos os que, porventura, logrem a fortuna de apreciar neste numero do nosso humilde periodico a Resposta de João Penha... aos nossos quezitos...*

*Quezitos chama o eminente poeta ás nossas simples perguntas: mas, perdão; quezitos, não: nós, pobre botecudo das letras patrias, não ouzâmos, não ouzâmos, nunca ouzariamos, á laia de juiz de toga, aos srs. jurados, – essa famosa instituição liberal e consagração da soberania popular, – dirigir quezitos a pessoa tão graduada.*

*Com toda a franqueza, e com toda a seriedade o dizemos.*

*Apenas podíamos, como creança curioza, formular uma pergunta, ou perguntas, para esclarecimento proprio, a quem melhor do que ninguem nos podia esclarecer.*

*A curiosidade é a mãe do saber, diz a Sabedoria das nações; e é sempre desculpavel, crêmos nós, contando que não degenere em bisbilhotice.*

*Ora a respeito de bisbilhotice, de mão na consciencia asseguramos que nada houve de nossa parte.*

*Em suma, já nos parece longo este recado, ante pessoa de tanta consideração e valia; e por isso terminamos, pedindo venia para as nossas faltas, e agradecendo muito, e muito, a honra que o eminente poeta, e insigne artista concede á Vitalidade, não desdenhando de todo da sua leitura e honrando até estas colunas com uma joia literaria que outros colegas mais abalizados se ufanariam de colher em primeira mão.*

*Bem certo é que o sol tambem aquece e ilumina os humildes.*

Efetivamente, o poema que a *Vitalidade* apresenta como uma cópia da *Tarde* não segue sequer o texto transcrito naquele diário lisboeta. Trata-se, na verdade, de uma versão espúria.

## [O trovador e Margarida d'Escossia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 62 (março de 1902), p. 1.

Esta prestigiada revista literária publicou-se em formato médio (cerca de 37 cm), entre 1900 e 1906. Tinha periodicidade mensal, acolhendo colaboração inédita dos mais notáveis escritores portugueses na altura.

O romance de João Penha vem acompanhado de uma extensa nota do autor (pp. 1-4).

B – ADB, Ms. 540, pp. 66-70. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo da p. 66, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N.ºs Rimas 15”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 13-14. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92), vindo acompanhado de uma extensa nota explicativa, colocada no final do livro (pp. 315-328) – vd. *infra* Arquivo documental.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 69-73. Trata-se de uma cópia a partir das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* Margarida d'Escossia e o trovador A O trovador e Margarida d'Escossia BC

*Subtít.* (Romance) | Inedito A □ BC

*Dedic.* □ AB /A Antonio Padula, Napoles. *italico*/ C

2. No seu castello real A Em seu castello real, BC

7. cabelo, A cabelo B cabelo, C

11. sonho, A sonho B sonho, C

13. «Percorri A Percorri B «Percorri C

15. Italia, AB Italia: C

17. «Transpuz A Transpuz B «Transpuz C

20. pares, A Pares, BC  
 21. «E A E B «E C  
 24. laranjaes. A laranjaes; B laranjaes. C  
 25. «Fui A Fui B «Fui C  
 26. Pampelona AB Pamplona C  
 27. arvoredo A arvoredo, B arvoredo C  
 29. «Voltei A Voltei B «Voltei C  
 31. branco, em beleza, A branco em beleza B branco, em beleza, C  
 42. seguira; A seguira, BC  
 43. alquebrado A alquebrado, B alquebrado C  
 48. vagabundo; A vagabundo: B vagabundo; C  
 55. procurasse, A procurasse B procurasse, C  
 56. não o AB não no C  
 57. isso, AB isso C  
 58. andar: A andar; BC  
 59. Fui-me em procura d'um sonho, A Fui em procura d'um sonho BC  
 60. encontrar...» AB encontrar!» C  
 64. thrôno, em que estava, A throno em que estava B throno, em que estava, C  
 65. caso estranho! A caso lindo! B caso estranho! C  
 68. d'amor. A d'amor! BC

### Arquivo documental

Em A e C, o poema vem acompanhado da seguinte nota explicativa:

#### *Margarida d'Escossia e o trovador*

- 1 *Li o episodio, que originou esta poesia, nas Recherches sur la France, de*  
*Etienne Pasquier, escriptor do seculo XVI, e vi-o n'um quadro de Wagrez, isto é,*  
 4 *na reproducção d'esse quadro, agua-forte de Morse, editada por Boussod,*  
 5 *Valadon et C<sup>ie</sup>. Froissart, o velho chronista do seculo XIV, era contemporaneo de*  
*Margarida d'Escossia, e de Alain Chartier, e é por isso de crer que fosse nas*  
*vastas chronicas d'esse historiador que Pasquier encontrou aquelle episodio, –*  
*que não é uma lenda, mas um acontecimento real, historico.*

*Na decoraçào ha divergencias entre Pasquier e aquelle mestre pintor.*

- Diz Pasquier que o poeta estava adormecido n'uma cadeira, e que*  
*Margarida, aproximando-se, lhe deu um beijo, «chose, accrescenta elle, dont*  
 12 *s'étant quelques-uns esmerveillés, parce que nature avait enchâssé en lui un bel*  
*esprit dans un corps laid, la princesse leur répondit qu'elle n'avait pas baisé*  
 14 *l'homme, mais la bouche d'ou sortaient tant de mots dorés». Na tela de Wagrez, o*  
*trovador está a dormir n'um longo assento acolchoado, com a cabeça*  
*ligeiramente inclinada para traz. É um moço gentil, de longos cabellos escuros. As*  
*mãos, brancas e delicadas, pendem-lhe, enclavinadas. A expressão do rosto é de*

*quem está embebido n'um sonho vago, feliz. O bandolim dorme-lhe silencioso, ao lado. A princeza, que surgira de uma porta lateral, tem a parte posterior do corpo levemente afastada para traz, como que para melhor e mais delicadamente fazer a operação, e é na testa do bardo que ella a faz. As suas damas, todas ellas novas e esbeltas, com as suas adoraveis cabeças ligeiramente estendidas, têm uma expressão dubia, que tanto póde ser a da surprêsa, como a do desejo de imitarem a sua real soberana.*

24 *As diferenças principaes entre a versão do chronista e a do pintor, são,*  
 26 *como se vê, as seguintes: o primeiro colloca, no lugar da scena, homens,*  
 28 *cortezãos; faz o poeta feio, e revela que o beijo lhe fôra dado na bôca; o segundo,*  
*por uma intuição retrospectiva, não colloca na sala senão damas; faz o poeta*  
*gentil, e, para atenuar o acto impulsivo da princeza, desenha, pudibundo, o beijo*  
*na testa.*

*Pelos methodos que as sciencias modernas nos fornecem, passo a estudar, com a circumspecção que me adorna, este assumpto, que me parece grave, – quanto ao meio da acção, quanto ás razões determinativas do acto, e quanto á natureza do beijo.*

34 *Quanto ao meio, nem Pasquier nem Wagrez se afastaram da verdade, no*  
*sentido de que o episodio se realizou no palacio real, talvez no Louvre, que já*  
*n'essa epoca estava em construcção ha mais de dous seculos, talvez em S. Paulo.*

37 *Excepto o trovador do Trovador, que canta cá de fóra o Eleonora addio!,*  
*todos os outros, de que rezam chronicas e lendas, eram admittidos em palacios e*  
 40 *castellos, mesmo reaes, e ahi agasalhados com delicada distincção. Naquellas*  
*epocas, em que as distracções se reduziam a justas e torneios, a cavalgatas e*  
*caçadas a javalis, e a banquetes em que as iguarias eram comidas á unha, a*  
*chegada d'um trovador era um acontecimento tão festejado, como em nossos dias*  
*a sua retirada de aposentos e salões o é tambem. Esses poetas ambulantes eram,*  
*sem excepção alguma, novos e gentis: uns, os trovadores, como meridionaes,*  
*morenos, de cabellos e olhos negros; os outros, os trovistas, como septentrionaes,*  
*louros, de olhos azues, scismadores. Uns e outros eram para as damas. De pé, ou*  
*sentados em escabêllos ou tamborettes, diante da dóna principal cercada das suas*  
 51 *aias, cantavam, arrancando, ao acaso, de seus bandolins e tiorbas, sons parecidos*  
*aos dos modernos violões, canções de geste, façanhas de prélios e batalhas,*  
*episodios d'amor, as lendas de Carlos Magno e dos doze pares, as do rei Arthur e*  
*dos Cavalleiros da Tavola Redonda.*

*Alain Chartier foi assim admittido nos aposentos particulares de*  
 54 *Margarida, que já então era casada com o delfim, que depois foi rei de França*  
*com o nome de Luiz XI, e ahi cantou diante d'ella e de suas damas d'honor*  
*unicamente, não canções d'aquella natureza, mas as singelas estrophes que por*  
*uma intuição retrospectiva, ou antes por uma verdadeira reminiscencia dos factos*

1. Li este episodio nas A Li o episodio, que originou esta poesia, nas C

4. C.<sup>e</sup>, em 1895. Froissart, A C.<sup>e</sup>. Froissart, C

5. e por isso é de crer A e é por isso de crer C

- 57 *ocorridos, reproduzi neste volume.*
- 58 *Alain Chartier era, e ainda o é na sua actual existencia, um pouco original, e é por isso que se afastou das rôtas batidas.*  
*Portanto, e quanto ao meio ou logar da scena, ha uma perfeita concordancia entre mim, Pasquier, e Wagrez. Logo direi a razão por que, immodestamente, me colloquei em primeiro lugar.*
- 63 *Segundo a ordem logica das materias, passo agora a investigar das razões que determinaram o acto de Margarida.*  
*Diz Pasquier, reportando-se naturalmente ao que se encontra nas chronicas de Froissart, que alguns dos circumstantes se maravilharam de que Margarida dêsse o beijo n'um homem feio, d'onde logicamente dimana que, se o dêsse n'um homem bonito, o acto não causaria surprêsa a ninguem.*  
*Será isto natural? Não, por que, pelo menos, sempre a causaria ao marido, e foi para se evitarem as naturaes consequencias d'essa surprêsa, que se inventou a fealdade do poeta e a phrase que se attribuiu á princeza, phrase espiritual, imprópria d'aquellas epocas brutas, em que não havia admiração senão pela força, e pela belleza plastica.*
- 72 *Impossivel era que tão notorio e exquisito acontecimento não chegasse aos ouvidos de Luiz XI, o qual, como é sabido, não era boa rez, e foi naturalmente para que uma terrivel tempestade se não desencadeasse sobre os personagens da scena, que, laboriosamente, se construiu aquella phrase: «eu não beijei o homem, beijei a bôca d'onde sahem tantas palavras d'oiro» – e foi tambem para isso que se inventou a fealdade do poeta.*
- 81 *Ora, se isto era inventado, se isto era falso, o que deve concluir-se é que Alain Chartier era um donzel de uma gentileza de menina, e que o beijo, que lhe foi dado, foi um beijo d'amor, na bôca. E isto o posso eu afirmar, porque esse Alain Chartier era eu.*  
*Como, de certo, esta revelação vae causar uma grande surprêsa, vejo-me, com tristeza, na dura necessidade de abrir aqui um parenthesis, para a explicar, aproveitando ao mesmo tempo a occasião, para me revelar debaixo de um aspecto novo, altamente scientifico.*  
*Mãos á obra. Todo o ser vive tantas existencias quantas sejam necessarias para que, purificado das paixões pela dor e pela obediencia á Lei, deixe de ser e se consubstancie na Intelligencia Suprema, em Deus. A dor é inseparavel da existencia, a qual tem por causa as paixões de uma existencia anterior. Quem não se livrar d'ellas, morre, e renasce para a expiação, porque a vida é a dor: os proprios prazeres em dores se resolvem. Quem se livrar d'essas*

---

12. leurs A leur C

14. poeta está A trovador está C

24. pintor A pintor, C

26. bôcca do poeta; o A bôca; o C

28. e para A e, para C

34. Pasquier, nem Wagrez se afastaram da verdade A Pasquier nem Wagrez se afastaram da verdade, C

37. Eleonora, A Eleonora C

40. epocas A epocas, C

94 *paixões morre ainda, mas suprime as existencias ulteriores, subtrahe-se á lei da*  
 95 *transmigração, e, por consequencia, á dor debaixo dos seus multiplos aspectos:*  
 97 *entra no Nirvana. O não-ser não é o aniquilamento: é, pelo contrario, a vida*  
*eterna no seio de Deus: a vida sem as suas miserias e sem a morte, a suprema*  
*felicidade, porque Deus vive no espectaculo e no sentimento de si mesmo.*

*É esta, em resumo, e ligeiramente modificada, a religião de Bouddha,*  
*religião que não contraria, na sua essencia, a posterior, de Christo, e que tendo*  
*milhões de sectarios nos paizes orientaes, já vae alastrando, a olhos vistos, por*  
 103 *toda a Europa. Anthero de Quental morreu bouddhista. Quando elle, n' um dos*  
*seus maravilhosos sonetos exclama: «E eu a passar pela verdade e sem a ver!» –*  
*refere-se aos principios d'aquella religião.*

*Tolstoï é tambem, talvez inconscientemente, sectario da mesma doutrina,*  
*e Junqueiro, que em lugar de lêr esse maluco distincto, deveria ler e estudar a*  
 108 *Tripitaka, está já, pelo seu teor de vida, pelos seus ultimos livros de versos, e pelas*  
 109 *ideas que ultimamente tem expendido em diversos escriptos em prosa, igualmente*  
*bouddhista. O mais extraordinario, porém, é que o proprio Darwin o era, sem o*  
*saber, porque, segundo a doutrina do propheta d'alem do Ganges, o homem passa*  
*succesivamente por todas as fórmãs da vida, desde as mais elementares até ás*  
*mais perfeitas. Finalmente, e para não alongar demasiadamente este parenthesis,*  
*todos os santos e martyres do Christianismo, seguindo as doutrinas do Divino*  
*Mestre, seguiram tambem as de Bouddha, porque se subtrahiram á lepra das*  
*paixões, purificaram-se pela resignação e pelo soffrimento, e depois da morte, a*  
*ultima, ascenderam á vida eterna, onde realmente gozam, no seio de Deus, o*  
*premio de terem cumprido a Lei.*

118 *Eu, obscuro e humilde, confessando-me, como aqui publicamente me*  
*confesso, não hesito em declarar que tambem sou bouddhista, mas com*  
*modificações quanto á classificação das paixões e á abstenção de todas ellas,*  
*principalmente da do amor, que é a peor, segundo Bouddha.*

*Todas as leis que regem os mundos provêm da Inteligencia Suprema:*  
*quem faz uma lei é para que se cumpra: uma d'essas leis é a do amor: cresce et*  
*multiplicamini. Desobedecer-lhe é desobedecer a Deus; quem não amar não*  
 126 *cumpre um e o principal dos deveres da existencia, e, como toda a lei tem uma*  
*sancção, quem não amar será condemnado ao inferno, ad inferos, isto é, ás*  
 128 *miserias, á dor de uma nova existencia, talvez n'uma forma menos perfeita, talvez*  
 129 *n'um mundo mais horrivel. Querer supprimir o amor, e, portanto, a paternidade,*  
 129 *como Tolstoï depois de velho, o quer, o mesmo é querer abolir uma lei eterna,*  
 130 *estabelecida por Deus, e é por isso que eu, talvez um pouco irreverentemente, lhe*

51. cavalleiros A Cavalleiros C

54. cantou, A cantou C

57. occorridos, acima reproduzi. A occorridos, reproduzi neste volume. C

58. era, como ainda actualmente o é A era, e ainda o é C

61. Pasquier e Wagrez. Logo darei A Pasquier, e Wagrez. Logo direi C

63. materias A materias, C

72. espirital A espirital, C

81. beijo A beijo, C

*chamei maluco, embora distincto.*

132 *Supprimir as paixões más que Aquelle, que anda sempre em procura de*  
 134 *quem devore, inspira, como as que provêm do egoismo: a avareza, a soberba*  
 135 *debaixo de todas as suas manifestações; a inveja, de olhares vêsgos; a*  
 137 *intemperança que paralyza as funções intellectuaes, e outras da mesma natureza,*  
*sim; mas transformar o homem n'uma especie de múmia ambulante, mas*  
*supprimir as paixões boas que Deus poz em nossas almas e em nossos*  
*organismos, isso não, porque seria desobedecer ás leis da Eterna Sabedoria, e é,*  
*unicamente, na obediencia a ellas que está a Moral que nos deve dirigir.*

*Sou, pois, bouddhista, com essas e outras modificações, em ordem a não*  
 141 *ir de arrepio á evolução dos tempos em que vivo, evolução que não é dirigida pela*  
 143 *Mão que sustenta os mundos e os soes, suspensos por fios infrangiveis, nas*  
 145 *vastidões incommensuraveis e mysteriosas do Infinito. As nossas pobres*  
 148 *intelligencias de microbios trabalham como relgios: aquella Mão é quem lhes dá*  
*a corda: o nosso ridiculo orgulho de reis da criação e de promotores de*  
*evoluções e de progressos, seria comparavel ao d'aquelles relgios que se*  
*attribuissem, a si proprios, o poder de marcar as horas, e de dividir os tempos.*

*Quando uma nova religião, uma nova philosophia se nos apresenta, não*  
*devemos contentar-nos com as palavaras, com os argumentos dos que as*  
*inventem: devemos verificar nós mesmos, experimentalmente, os principios em que*  
*assentam, por mais psicologicos ou metaphysicos que sejam.*

*Foi o que eu fiz, quando me senti inclinado para as doutrinas de*  
 155 *Bouddha. Fiz coincidir a actividade das minhas faculdades mentaes sobre si*  
 157 *mesmas, e averigui, em primeiro lugar: – que, se me não dissessem que eu tinha*  
*nascido n'um certo e determinado dia, e não tivesse visto e observado*  
*constantemente o nascimento de outros seres da minha e de outras especies,*  
*supporia, ou antes, creia que nunca tinha tido principio, e existia desde sempre; e*  
*embora aquelle phenomeno faça suppor o contrario, ha na minha consciencia*  
*uma como que voz interior que me affirma que a verdade é aquella, isto é, que*  
*existi sempre, assim como me affirma que ha em mim o quer que seja que não*  
*póde morrer: isso que em mim faz versos, isso que dicta estas cousas estranhas*  
*que a minha penna está escrevendo. D'estes dous factos psicologicos, cuja*  
*existencia cada um póde verificar em si mesmo, resulta a prova de um dos*  
*principios fundamentaes do bouddhismo: a nossa existencia actual é a*  
*continuação de outras anteriores; a extincção apparente d'essa existencia, o*  
*inicio de outra ou de outras ulteriores: a alma nunca morre: reveste-se de*

---

94. paixões, A paixões C

95. e por consequencia á dor: entra A e, por consequencia, á dor debaixo dos seus multiplos aspectos: entra C

97. Deus; a vida sem as suas miserias, A Deus: a vida sem as suas miserias C

103. verdade, e sem a ver! refere se A verdade e sem a ver!» – refere-se C

108. expandido A expandido C

109. Darwin era bouddhista, sem A Darwin o era, sem C

118. obscuro, confessando me, A obscuro e humilde, confessando-me, C

*involucros successivos durante seculos e seculos, até que idealizada e purificada pela dor, se livre para sempre d'esses involucros, e entre no seio de Deus.*

170 *Estudemos outros phenomenos, pondo mesmo de parte as chamadas sciencias occultas ou do espiritismo, e vejamos se os ha que possam corroborar aquella primeira conclusão.*

*Não ha ninguém que não tenha observado o sorriso dos recém-nascidos, quando dormem. Esse sorriso não é um simples rictus muscular, produzido por uma acção nervosa; é, sempre, um sorriso ditoso, como que produzido por uma alma consciente. Mas a alma dos recém-nascidos está ainda em embryão, por estarem ainda em embryão os órgãos em que ella tem de exercer a sua actividade: não tem affectos, não sente. Logo que accordam, esse angelical sorriso desaparece, e succedem-se-lhe lagrimas, gritos lancinantes. Como explicar estes phenomenos constantemente observados? Explica-os a doutrina de Bouddha. A alma das creanças traz ainda as impressões da existencia anterior; não podendo ainda exercer a sua actividade no organismo rudimentar em que se encontra, reporta-se ao passado, entre o qual e o presente não medeia, talvez, espaço de tempo apreciavel, e d'ahi vem que essa alma vê ainda as pessoas que amou, e que a amaram; como n'uma prolongação de sonho, vê uma viuva lacrimosa; uma pallida amante, que lhe depõe no tumulo, que encerra o involucro inanimado que a revestira, as rosas e violetas do eterno adeus; vê pessoas amigas cobertas de luto; ouve ainda as tragicas badaladas que annunciaram a sua passagem para regiões desconhecidas, e, vendo-se assim tão amada ainda, e tão pranteada, sorri commovida nos labios do pequenino ser que anima. Mas, a creança accórda, o sonho esvae-se: a alma vê-se em face d'uma nova existencia; recorda-se vagamente da vida anterior; prevê que a em que entra será talvez mais funesta que a anterior, será ainda a expiação pela dor e pelo martyrio: chora. «A dor, diz Bouddha, é inseparavel da existencia». É – mas a Intelligencia Infinita, mas Deus, que é infinitamente bom, concedeu-nos alguns adjutorios para a supportarmos com resignação; deu-nos o amor, a alegria, o riso; não amar, não cantar, não rir, é contrariar uma lei que não é das forjadas nos nossos parlamentos; amemos, pois, coroados de rosas, cantemos as bellas cousas da vida, riamos.*

---

126. amar, A amar C

128. e portanto A e, portanto, C

129. Tolstoï o quer, o mesmo é que querer A Tolstoï depois de velho, o quer, o mesmo é querer C

130. irreverentemente A irreverentemente, C

131-132. distincto. Supprimir A distincto. || Supprimir C

134. manifestações, a inveja, de olhares vêsgos, A manifestações; a inveja, de olhares vêsgos;C

135. outras muitas da A outras da C

137. em nossa alma, A em nossas almas C

141. arripio A arrepio C

143. fios inquebrantaveis, A fios infrangiveis, C

145. relogios; aquella Mão é que A relogios: aquella Mão é quem C

148. attribuissem a si proprios o poder de marcar as horas A attribuissem, a si proprios, o poder de marcar as horas, C

É o que, submisso, e em obediencia religiosa áquella divina Lei, vou,  
pelo menos em parte, fazer agora.

202 Antes, porém, de entrarmos na estrada florida, que o objecto principal  
d'estas linhas requer, chamarei ainda a attenção dos que, talvez por expiação,  
me lêem, sobre outro phenomeno que fará desaparecer, como nuvem que o  
205 vento impelle, qualquer duvida que ainda haja ácerca da verdade das doutrinas  
de Bouddha.

207 Nada ha que mais nos prenda a attenção que narrações historicas,  
chronicas dos tempos idos. A nossa alma, como que por uma visão  
retrospectiva, reporta-se ás epocas em que passaram os factos que o  
historiador relata: batalhas, façanhas de heroes, cataclysmos, revoluções,  
tragedias, aventuras d'amor, crimes. Por vezes o leitor imagina, não que está  
a lêr, mas a assistir ás scenas que se lhe desenrolam diante dos olhos. Outras  
vezes, e de súbito, um certo e determinado episodio de tal maneira o absorve  
que, se lhe pegasse fogo ás barbas, não daria por elle: parece-lhe que está a  
recordar-se, e muitas vezes exclama: «foi assim mesmo».

Ignorante dos principios de Bouddha, attribue as sensações que  
actuaram no seu espirito ao talento descriptivo do historiador, mas, se os  
conhecesse, cahiria em si, e desde logo se convenceria de que existiu em  
219 diversos cyclos historicos; de que assistiu, como actor ou como espectador, a  
220 muitos dos acontecimentos que leu; de que representou um papel obscuro ou  
221 proeminente em diversos dos casos, episodios e successos de que as velhas  
chronicas estão repletas. Ler historias é avivar reminiscencias apagadas de  
existencias que se extinguiram.

224 As considerações que estas verdades, não sei se diga consoladoras,  
225 se tristes, suggerem, levam-me a imaginar phantasias, que, se não são a pura  
realidade, não andam longe d'ella, quanto á sua essencia philosophica.  
227 Assim, pode muito bem ser que tal cabo d'esquadra dos nossos exercitos fosse  
228 talvez, no seculo XIV, o Principe Negro, e, no seu involucro, fizesse voar á  
229 roda de si, a golpes de maço, na batalha de Crécy, cascos e morriões,  
barbotes e corsoletes, pavezes e manóplas; que um risonho Figaro de  
231 provincia fosse o vetusto Sesostris, de que fallam os facetos escriptores do  
232 velho Egypto, como os classifica Longus; que a alma do homerico Napoleão,  
233 o homem dos destinos, resida actualmente no involucro carnal d'um regedor

---

155. que A que, C

157. de seres A de outros seres C

170. manifestações, a inveja, de olhares vêsgos, A manifestações; a inveja, de olhares vêsgos; C

175. produzido pellos affectos de uma A produzido por uma C

176. Mas, A Mas C

176-178. embryão: não tem A embryão, por estarem ainda em embryão os orgãos em que ella tem de  
exercer a sua actividade: não tem C

179. succedem-lhe A succedem-se-lhe C

181. da sua existencia A da existencia C

186. tumulto A tumulto, C

187. rosas, as violetas do eterno adeus: A rosas e violetas do eterno adeus; C

de parochia; que tal joven menina, de olhos baixos e castos, tenha em si a alma de fogo da antiga Cleopatra, a amante de Cesar e de Marco Antonio, a mulher de todos os homens; e finalmente, para não alongar demasiadamente este relatório, – que eu mesmo, uns cinco seculos antes de Christo, fosse  
237  
238  
aquele Leonidas que, nas Thermopylas, á frente de tresentos spartanos, deteve dous milhões de persas, e á intimação de Xerxes de entregar as armas, respondeu: «Vem buscal-as».

241 E não seria realmente assim? Foi, porque até por uma tensão extraordinaria de intuição retrospectiva, me recordo perfeitamente de que,  
243  
244 depois d'aquella resposta, tracei na terra um circulo, onde, com a ponta da lança, escrevi um nome de mulher, e ahi expirei.

Por um trabalho identico do meu intellecto de vidente dos seculos extinctos, foi que eu verifiquei, quando em Pasquier li a anedocta relativa  
247  
ao trovador, de que se trata, de que a minha alma, n'essa epoca, expiava os seus peccados no corpo d'esse trovador. Eu era Alain Chartier.

249 Explicada d'este modo, e, a meu ver, satisfatoriamente, esta  
250 afirmativa, anterior a este parenthesis, que se fecha agora, passo a explicar, como de facto proprio, o que ha obscuro n'esse episodio, em que representei um papel a que hoje me não sujeitaria, porque os tempos são mais graves.

Cheguei defronte do castello já de noite, e tendo embocado o corno de marfim, que me pendia ao lado, expelli, tres vezes repetido, o som  
256  
de viajor que pede hospitalidade. Logo, de cima da torre da atalaia, soou a voz poderosa do esculca, que me perguntou quem era.

– «Trovador», – respondi, seguro do effeito que produziria.

Effectivamente, pouco depois, descia a ponte levadiça, e eu dava entrada, de bandolim ao tiracollo, no interior do castello. Graciosa foi a acolhida que damas, pagens e donzeis me fizeram, na minha passagem por  
261  
salas e galerias, com vozes de boa-vinda, mas tão alquebrado ia, que o ecónomo real, depois do banho, em que me perfumei a beijoim e nardo, me  
264  
fez conduzir á ucharia, onde me serviram filetes de porco montez, uma rabada de faisão, e uma garrafa de vinho de Chypre. A reanimação foi subitánea, e quando entrei na sala onde me conduziram, e onde já estava a princeza real, tinha desaparecido por completo a minha natural timidez, devida aos meus poucos annos, e á sensibilidade da minha alma de poeta.

190. ainda A ainda, C

194. chora. || «A A chora. «A C

197. Lei, que não é das que são forjadas A lei que não é das forjadas C

202. florida A florida, C

205. impelle A impelle, C

219. historicos e pre-historicos; de que assistiu como actor ou espectador A historicos; de que assistiu, como actor ou como espectador, C

220. papel, A papel C

221. proeminente, em diversos dos casos, episodios ou A proeminente em diversos dos casos, episodios e C

- 269 *Comtudo, o deslumbramento quedou-me petrificado a meio da sala.  
Que divino, que delicioso quadro! Margarida estava ao fundo, sob  
um docel de brocado d'oiro, sentada n'uma cadeira d'espaldar assente  
n'um estrado coberto d'uma sumptuosa alcatifa persa. De um e outro lado,  
umas de pé, outras sentadas em tamborêtes, estavam as suas damas, todas*  
274 *ellas novas, encantadoras. Margarida era de uma belleza commovente.*  
275 *Tinha os olhos de um azul profundo, loiros os cabellos como os das  
brancas filhas da Escossia; o seu sorriso revelava uma mágua interna, a  
tristeza das almas que vivem no paiz dos sonhos.*  
Disse-me:  
279 – «Gentil trovador, canta-nos as aventuras de Roland e da bella  
Auda, ou, se já amaste, a historia dos teus amores».  
Tímido, sentei-me n'um escabêllo recoberto de setim, que um  
282 *pagem me trouxera, e lançando para traz, revôlto, o negro cabelo, cantei a  
minha Odyssea atravez do mundo, em procura d'um sonho que nunca pude  
encontrar.*  
285 *Ao chegar ao remate, enervado pelos perfumes que se exhalavam*  
286 *de caçoulas de prata, pela melopêa do meu proprio canto, e pela acção  
interior do Chypre que bebera, cahi n'uma especie de lethargo invencivel, e,  
perdidas as forças, senti que me resvalava ao chão o bandolim, gemebundo.  
Para logo, e vagamente, senti o movimento de pessoas que se levantavam,  
mas vendo-me sem forças para me erguer, fingi que dormia, com o intuito  
de sahir depois. De repente, sinto que uma pequenina mão me pega na*  
292 *cabeça, e outra no queixo imberbe. Surprehendido, entreabro  
cautelosamente os olhos, e vejo que era Margarida que assim me punha a  
geito. Percebendo logo o de que se tratava, cahi n'um somno profundo. O  
beijo foi só um, mas demorado; foi só um, mas que deliciosa caricia!*  
Depois, ouvi uns certos murmúrios, umas leves risadinhas, e  
297 *distinctamente estas palavras, proferidas por Margarida: «Pauvre jeune  
homme! il faut le mettre au lit».*

---

224. consoladoras A consoladoras, C

225. levam-nos a imaginar phantasias, que A levam-me a imaginar phantasias, que, C

227. Assim A Assim, C

228. e A e, C

229. maça, A maço, C

231-232. os, como os classifica Longus, facétos escriptores do velho Egypto; que A os facetos escriptores do velho Egypto, como os classifica Longus; que C

233. de um regedor A d'um regedor C

237. relatorio, que A relatorio, – que C

238. Leonidas, que A Leonidas que, C

243-244. antes d'aquella resposta, accendi um charuto e ahi A depois d'aquella resposta, tracei na terra um circulo, onde, com a ponta da lança, escrevi um nome de mulher, e ahi C

247. trovador A trovador, C

249. e A e, C

250. parenthesis A parenthesis, C

*Acto contínuo, sinto que umas me pegam pelas pernas, outras por baixo dos braços, e que assim me levam por salas e corredores. Esse doce movimento, e o roçar de velludos e tranças transmudaram em real o que até ahí era fictício: caí n'um somno profundo. Que se passaria depois?*

*Eis o que, ainda que me recordasse, talvez não pudesse revelar. Seria caso de dizer, como o bardo d'outrora:*

*«Inda mais dissera a lyra,  
Mas, silencio, trovador».*

---

256. torre de A torre da C

261. fizeram A fizeram, C

264. cérdó montez, A porco montez, C

269. quedou-me como petrificado A quedou-me petrificado C

274-275. commovente: tinha A commovente. Tinha C

279. Gentil A – «Gentil C

282. traz revoltó A traz, revólto, C

285-6. exhalavam de urnas A exhalavam de caçoulas C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 33, 113.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Novas Rimas* (1905 [1904]), *Echos do Passado* (1914) e *O Canto do Cysne* (1923), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 60 folhas (medindo 15,0 x 20,2 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina, onde foi colocado o rótulo: “Arquivo Distrital | 541 | Manuscritos | U.M.”. O volume abre com uma folha de guarda em papel almaço branco, onde se lê, a lápis, a anotação apógrafa “revisto”. Segue-se uma folha pautada, com o título: “Novas Rimas | Vinhetas e aguarellas| (versos)| (I – Caprichos funambulescos, – II – Intermezzo, – III – A caminho das estrelas, – IV – Sonatas e ritornellos)”. As 59 folhas pautadas que se sucedem foram paginadas de 1 a 118, acolhendo as poesias (pp. 1-106), uma secção de “Emendas” (pp. 107-114) e um “Índice” (pp. 115-118). O volume encerra com uma folha de guarda, em papel almaço branco, a seguir à qual foi colocada depois uma folha avulsa, com o poema “A combórça real” (vd. descrição no n.º 125).

Este poema aparece transcrito na p. 33, com ulteriores campanhas de revisão na p. 113. O canto inferior esquerdo da p. 33 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, seguindo-se a dedicatória: “(A Gomes Leal)”. No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 21”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 51 (10 de fevereiro de 1903), p. 42.

Esta revista literária publicou-se em formato pequeno (cerca de 24 cm), entre 1900 e 1904. Tinha periodicidade bissemanal, acolhendo colaboração inédita de alguns dos mais notáveis escritores portugueses na altura. Em carta datada de 16-VIII-02 (ADB, Ms. 546<sup>maço 12</sup>, ff. 84-85), João Penha confidencia ser um dos colaboradores efetivos, recebendo 2500 reis por cada duas composições submetidas.

292. cabeça A cabeça, C

297. palavras A palavras, C

Data. 26-II-1902. A □ C

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 21-22. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2197 (14 de fevereiro de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*, mas com ligeiras corruptelas.
- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 193 (15 de fevereiro de 1903), p. 1.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.

## Aparato genético

*Título.* No Olympto A Gomes Leal B No Pindo C

*Dedic.* □ AB /A Gomes Leal. <sup>italico</sup> / C

1. cadastro, AB cadastro C

3. vi AB vi, C

4. Do do eterno A Do eterno B Do do eterno C

6. E, A E BC

9. vida: A vida; B vida: C

11. choras, – A choras – BC

12. Oh sim! A tua musa é pura, é branca; ΓA tua musa é alta e loira, e branca, Γ  
ΓΓSincera, a tua musa é alta e branca, ΓΓ A Sincera, a tua musa é alta e  
branca; B Serêna, a tua musa é alta e branca, C

*Data.* □ A 22-I-03. B □ C

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do manuscrito; a segunda coincide com a primeira campanha registada na lista de “Emendas”; a terceira encontra-se documentada na segunda campanha de revisão, no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Tristis est anima mea]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 32, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 32, com ulteriores campanhas de revisão na p. 113. O canto inferior esquerdo da p. 33 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 23”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 53 (10 de março de 1903), p. 73. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Alberto Pimentel. <sup>italico</sup>/ C

1. Eu jantei bem, comi como um abbade, ¶Tive o repasto d’um jocundo abbade¶ A  
Tive o repasto d’um jocundo abbade, B Tive o repasto d’um jocundo abbade. C
2. Fiquei, depois do kummel, A Fiquei depois do kummel BC
3. desgosto, AB desgôsto C
6. um divino A em divino B um divino C
7. Mas sinto-me enervado: A Mas sinto-me enervado; B Mas, sinto-me enervado: C
8. cidade. A cidade; B cidade. C
9. púas; A puas, B púas; C
10. caliginoso; A caliginoso, BC
12. os echos A os cantos BC
14. Ás notas surdas d’um violão choroso. A Aos gemidos d’um cão tuberculoso.  
B Ás notas surdas d’um violão choroso. C

*Data.* □ A 22-II-03. B □ C

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do manuscrito; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas”, ao final do manuscrito, e no *Passatempo*; a terceira é a que encontramos publicada nas *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 33, 91. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 33, com ulteriores campanhas de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 33 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(Vid – E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 25”.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2034 (20 de abril de 1901), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Trata-se de uma transcrição dos *Echos da Avenida* (vd. *infra* Arquivo documental), conforme indicado no final do poema. Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que serviu de base à cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 25-26. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

### 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 4109 (3 de setembro de 1901), p. 1. Trata-se de uma cópia da *Correspondencia do Norte*.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2072 (7 de setembro de 1901), p. 2. Trata-se de uma cópia do n.º 2034 (vd. *supra* testemunho A), embora com ligeiras variantes de pontuação.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XV (1901), n.º 174, p. 412-413. Trata-se de uma cópia da versão originalmente publicada no *Echos da Avenida*.
- *Echos do Minho* (dir. Joaquim Antonio Pereira Vilela), Braga: [s.n.]. Ano V, n.º 745 (4 de agosto de 1915), p. 1. Trata-se de uma cópia da versão originalmente publicada no *Echos da Avenida*.

### Aparato genético

- Dedic.* □ AB / A D. Rafael Altamira, Oviedo. *italico* / C
1. Com tua A Com essa B Com tua C
  3. curta, sem recato, Γ curta, e no sapatoΓ A curta, e no sapato BC
  4. Sapatinhos com fivela; Γ Um laço azul com fivéla.Γ A Um laço azul com fivéla; BC
  6. D'esse velô de apparato, Γ N'esse velô de aparato –Γ A D'esse velô de apparato, B D'esse velô d'aparato, C
  8. Que te faz inda mais bella! Γ Que nos faz dizer: que bella!Γ A Que nos faz dizer: que bella! BC
  11. adoeças; A adoeças; BC
  13. cabeças AB cabeças, C
  14. esse teu cyclo: á roda!» Γ esse <by>bicyclo: á roda!Γ A esse bicyclo: á roda! BC
- Data.* □ A 10-IV-1901. B □ C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” do mesmo manuscrito, no jornal *Echos da Avenida* (aqui transcrito pel’ *A Correspondencia do Norte*) e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

O testemunho B (vd. *supra* Noticia dos testemunhos) veicula uma versão inicialmente publicada no jornal *Echos da Avenida*, em abril de 1901. Não sendo já possível trazer à colação o exemplar em causa, podemos no entanto notar que, em carta enviada a Antero de Figueiredo (a 16 de maio do mesmo ano), João Penha protestava contra os erros tipográficos que afetaram este poema, no periódico lisboeta.

A missiva em causa encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1163(1). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. No canto superior direito do primeiro fólio, Antero de Figueiredo fez a seguinte anotação: “1901”.

*Prezado amigo.*

*O meu amigo é extraordinario. Conhece o Felix Pereira? Não, nem eu. Conhece a Maria Amelia, ou antes, a Baronne Staff? Não, nem eu. Pois ahi terá lido, como eu li, – que uma pessoa bem educada nunca deve fallar de si.*

*N’estas circunstancias, a nossa correspondencia parece-me impossivel, visto eu não dever fallar-lhe da minha pessoa, – nem o meu amigo fallar-me da sua.*

*Fallar-lhe eu da sua, impossivel, – por ignorar os factos que lhe dizem respeito, sendo que, de mais a mais, se d’esses factos mysteriosos lhe fallasse, colloca-o-ia na*

*desagradavel posição de um homem que ignora as regras do savoir vivre da alta gôma, tendo de me responder, e portanto, de fallar de si.*

*Fallar-me o meu amigo da minha, impossivel egualmente, por causa da mesma ignorancia, – e porque, egualmente, me collocaria na intolleravel posição de lhe fallar da minha pessoa.*

*Portanto, quando me escrever, falle-me de terceiras pessoas, que eu, quando responder, lhe fallarei de outras. E, principiando fallar-lhe-ei dos Echos da Avenida. Conhece-os?*

*Pois declare-lhe que eu nunca escrevo byciclo, – mas bicyclo, – e que não tolero que de:*

*«Como esse bicyclo: á roda» –*

*se faça:*

*Como em bicyclo: á roda!*

*Isto de verso não é prosa. Que porra!*

*Paz e saude é o que imo pectore lhe deseja o*

*S.*

*16-V-1901.*

*J. Penha*

## 134

## [A tua mão]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: dois manuscritos e três impressos:

A – *Branco e Negro: Semanario Illustrado* (dir. José Sarmiento, Domingos Guimarães), Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira. N.º 91 (26 de dezembro de 1897), p. 203.

À semelhança de outras publicações burguesas da altura, esta revista semanal era profusamente ilustrada. Imprimiu-se em formato pequeno (de 29 cm), entre 1896 e 1898, contando com colaborações de alguns dos nomes mais significativos das letras portuguesas.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1718 (1 de janeiro de 1898), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

C – ADB, Ms. 536, p. 149. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 149, apresentando, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 27”.

D – ADB, Ms. 540, p. 20. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(No Branco e Negro)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 27”.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 27-28. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Jornal do Commercio*, Lisboa: [s.n.]. N.º 13212 (28 de dezembro 1897), p. 1. Trata-se de uma cópia, a partir da *Branco e Negro*.
- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3910 (29 de dezembro de 1900), p. 1. Trata-se de uma cópia da *Correspondencia do Norte*, mas com ligeiras corruptelas.

### Aparato genético

- Dedic.* □ ABCD / A D. Zulmira de Mello. *itálico* / E
4. fina, elegante. A fino, elegante. B fino e elegante! CD fino, elegante. E
6. vel-o, AB vel-o C vêl-o, DE
7. gêlo ABC gêlo, D gêlo E
8. De um coração vacillante. ABCD D'um coração vacillante! E
9. persistente ABC persistente, DE
12. absorto, pasma; AB absôrto, pasma: C absôrto pasma! DE
13. doente; AB doente. C doente: D doente, E
14. joelhos peço: A joelhos a peço: BCDE
- Data.* 2-XII-97. AB □ CDE

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada na *Branco e Negro*; a segunda encontra-se documentada nos restantes testemunhos. As ligeiras alterações situam-se ao nível sintagmático da adição.

## 135

## [A partilha]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – *A Ilustração Moderna: Revista de Litteratura e Arte* (dir. Oliveira Passos, Marques Abreu), Porto: [s.n.]. Série I, n.º 6 (15 de setembro de 1898), p. 6.

À semelhança de outras publicações burguesas da altura, esta revista quinzenal era profusamente ilustrada. Imprimiu-se em formato pequeno (de 27 cm), entre 1898 e 1903, contando com colaboração de vários nomes significativos das letras portuguesas.

B – ADB, Ms. 536, p. 157. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 157, apresentando, no canto superior esquerdo, a indicação apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 29”. A seguir ao título, o poeta acrescentou posteriormente a seguinte observação: “(vid. 3.º vol).”

C – ADB, Ms. 540, p. 13. Vd. descrição no n.º 128.

No no canto superior esquerdo da p. 13, é possível encontrar a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 29”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 29-30. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Anotação textual: emendas

7.      ethérea,] ABC; ethérea

## Aparato genético

*Dedic.* □ ABC /A Xavier de Carvalho. *itálico*/ D

1.      quer; A quer, BCD
2.      Mas, ABC Mas D
3.      Serei, pois, d’esse noivo, A Serei pois d’esse noivo, B Serei pois d’esse noivo  
CD
4.      partilha: AB partilha; C partilha: D

5. «Seja d'elle este corpo, a vil materia, A Seja d'elle este corpo, a vil materia B  
«Seja d'elle este corpo, a vil materia CD
  6. Que, na côr, A Que na côr BCD
  7. ethérea, ABC ethérea D
  11. quera, AB quera C quera, D
- Data.* 26-VIII-98. A □ BCD

## 136

## [Delinquescente]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 27, 93. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 27, com ulteriores campanhas de revisão na p. 31. O canto inferior esquerdo da p. 33 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.º 31”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 46 (agosto de 1901), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 31-32. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ C

*Dedic.* □ AB / A Antonio de Faria Portugal. *itálico* / C

1. – «Já A «Já B – «Já C

2. Vae agora fugir-te, com presteza: ΓTem azas d’uma estranha ligeireza:Γ  
Γ ΓTem azas, de que assombra a ligeirezaΓΓ Γ ΓTem azas d’uma horrivel  
ligeireza.ΓΓΓ A Tem azas d’uma triste ligeireza: B Tem azas d’uma triste  
ligeireza. C

4. antes, A antes B antes, C

5. certo, na cidade A certo na cidade, B certo, na cidade, C

7. ha, A ha BC

8. Nem no sport maior celebridade; A Nem no sport maior celebridade. B Nem  
calção de maior celebridade; C

11. taco; AB taco, C

12. «Mas... casa: deixa o tempo das orgias!» A «Mas, casa: deixa o tempo das  
orgias.» B «Mas... casa: deixa o tempo das orgias!» C

13. – «Ora! E a lua de mel?» – «Oh Γ– «Vejo a lua de mel!» – OhΓ A – «Vejo a  
lua de mel!» – Oh B – «Vejo a lua de mel!» – «Oh C

*Data.* □ A 30-VII-1901. B □ C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada, embora com variantes, nas várias campanhas da lista de “Emendas”, no jornal *A Chronica* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 28-29, 91.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Novas Rimas* (1905 [1904]), *Echos do Passado* (1914) e *O Canto do Cysne* (1923), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 42 folhas (medindo 15,3 x 19,0 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina, onde foi colocado o rótulo: “Arquivo Distrital | 539 | Manuscritos | U.M.”. O volume abre com uma folha de guarda em papel almaço branco, onde se lê o título: “Novas Rimas| III”. Seguem-se 42 folhas pautadas, com paginação de 1 a 96, mas às quais foram arrancadas as pp. 71-82. As poesias encontram-se nas pp. 1-86, compreendendo uma secção intitulada “Póstea| (Depois das Novas Rimas)” (pp. 47-86). Segue-se uma secção de “Emendas” (pp. 87-92) e um “Índice” (pp. 93-96), que se prolonga pela folha de guarda final.

Este poema aparece transcrito nas pp. 28-29, com ulterior campanha de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 28 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(Vid. E)”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 33-35. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A Canção á guitarra B

*Dedic.* □ A M./lle <sup>superior</sup>/ Maria da Cunha Pimentel) A /(Para D. Maria da Cunha Pimentel). *itálico* / B

3. vida, A vida B

7. Mas nem as canções jocundas, ΓE nem as canções jocundasΓ A Mas, nem as canções jocundas, B

19. disse: A disse... B

23. cantando A cantando, B

## 138

## [A blasphemia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 74, 108, 110. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 74, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 108 e 110. O canto inferior esquerdo da p. 74 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(Vi. E)”.

B – *Ala-Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada: Litteratura e Critica* (dir. Alfredo Guimarães), Guimarães: António de Castro Martins. Ano I, n.º 5 (25 de setembro de 1903), p. 34.

Esta revista quinzenal imprimiu-se em formato pequeno (de 30 cm), entre julho e dezembro de 1903, acolhendo colaborações preferencialmente inéditas.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 37. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

1. « – Faz-me, me disse a lépida Γ Faz-me, me disse a angelica 7 A «Faz-me, me disse a angelica B – «Faz-me, me disse a angelica C
  5. temerosa: A temerosa! B temerosa: C
  8. beijar o pé... ao Senhor dos Passos!» Γbeijar... o do Senhor dos Passos!7 A beijar o... do Senhor dos Passos!» B beijar... o do Senhor dos Passos!» C
- Data.* □ A 8-IX-03. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas”, na revista *Ala-Moderna* e no livro *Novas Rimas*. As ligeiras alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e adição.

## 139

## [O primeiro passo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 186, 188. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 186, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 188). Na p. 186, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, as observações apógrafas: “N<sup>as</sup> Rimas 39” e “delfineida”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 34 (fevereiro de 1901), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

C – ADB, Ms. 540, p. 4. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Na *Chronica*)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 39”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 39-40. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Subtít.* (Ao poeta Delfim). A (Inédito) B □ CD

1. N’aquella espessura agreste A Viste, além, na senda agreste, BCD
2. Viste a serpe tentadora: ¶Viste a cobra tentadora¶ A A serpente enganadora: BCD
3. eu! A eu. BCD
6. Senhora! A Senhora, BCD
7. E hontem mesmo, encantadora A E já hoje, encantadora, BCD
8. (Oh! A – Oh! BCD
9. pejo ABC pejo, D
10. que ajoelhado A que ajoelhado B que, ajoelhado, CD
11. Eu te beijasse uma pôma! A Te beijasse a negra côma! BC Te beijasse a negra côma... D
12. fado! A fado; B fado! CD

14. De Lovelace encartado! ¶D'um Lovelace encartado!¶ A De seductor encartado! BCD

*Data.* 1-VII-900. A 29-I-901. B □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde às duas redações do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada na *Chronica*, no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas envolvem operações sintagmáticas de substituição e reordenação.

## 140

## [As duas musas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 23. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 41”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 54 (25 de março de 1903), p. 84. Vd. descrição no n.º 131.

C – ADB, Ms. 541, p. 35. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N.<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 41”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 41-42. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Subtít.* □ AB (variante. C □ D

2. enormes; A enormes, BCD

3. dormes A dormes, BCD

4. Padre-Eterno; A Padre Eterno; B Padre-Eterno, CD

5. novo Amphião, A impávido Amphião B frio Amphião C frio Amphião, D

9. Não penses que me rebaixa A Não supponhas que me afundo BCD

10. O canto amoroso e brando A Porque aos astros não remonto, BCD

11. Que me inspira uma mochacha: A E canto a vida, jocundo. BCD

12. Cada qual segue o seu bando: A Se assim o pensas és tonto; B Se assim o pensas és tonto: CD

13. Canta a Humanidade, a macha, A Canta, se te apraz o mundo, B Canta, se te apraz, o mundo, CD

14. Que eu a femea irei cantando. A Que eu outro Pégaso monto. BCD

*Data.* □ A 22-II-03. B □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao Ms. 540; a segunda encontra-se documentada no *Passatempo*, no Ms. 541 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se essencialmente ao nível dos mecanismos de substituição.

## 141

## [N'um leque]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, p. 94b.

Trata-se de uma folha avulsa de papel pautado (medindo 18,2 x 21,2 cm), que se encontra dobrada e colocada no interior do caderno Ms. 538 (vd. descrição no poema n.º 253). Está escrita de um só lado, a tinta preta, apresentando no final a assinatura do poeta. No canto superior esquerdo, é ainda possível ler a seguinte indicação, pelo punho de Antero de Figueiredo: “Substitue o original que lá está de João Penha”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 41 (25 de agosto de 1902), p. 259. Vd. descrição no n.º 131.

C – ADB, Ms. 541, p. 9. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N.º R.º pag 43”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 43-44. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2173 (18 de outubro de 1902), p. 2.

Trata-se de uma cópia do *Passatempo*, mas com título ligeiramente diferente: «No leque| de M.ª Annita de Valladares).

## Aparato genético

*Título.* Nas varetas do leque ABC N'um leque D

*Subttit.* de M.ª Annita de Valladares. A de M.ª Annita de Valladares B De M.ª Annita de Valladares. C (de D. Anna de Valladares) D

8. divina a face, A de neve a face, B de neve a face; C de neve a face, D

9. exclamara: ABC exclamara! D  
 11. d'artista<, > /!\ «E A d'artista!... E B d'artista! E C d'artista!» E D  
 12. rosas! AB rosas!» C rosas! D  
 Data. 4-VIII-02. AB □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao Ms. 538, p. 94b; a segunda encontra-se documentada no *Passatempo*, no Ms. 541 e no livro *Novas Rimas*. As ligeiras alterações concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

A jovem Anita de Valadares era amiga íntima de Zulmira de Melo (a discípula amada de João Penha), que lhe dedicou também várias composições:

*A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1802 (12 de novembro de 1898), p. 2, «É sonho de poeta teu semblante»;

*A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1845 (22 de abril de 1899), p. 2, «A sensitiva não é mais mimosa»;

*A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2305 (22 de fevereiro de 1905), p. 2, «Não sei a qual compare o teu semblante»;

*A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2306 (25 de fevereiro de 1905), p. 2, «As bonina são menos perfumadas».

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 666 (9 de agosto de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

B – *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 16 de setembro de 1903, p. 2. Fundado em 1875 com o título *A Província de São Paulo*, este diário tomou o nome atual, a partir da Proclamação da República (31 de dezembro de 1889). Era redigido por grandes nomes do jornalismo brasileiro e português, entre os quais se destacava Gaspar da Silva, o Visconde de S. Boaventura e companheiro de João Penha. Publicava-se, na altura, em formato grande, a dez colunas.

Este poema é apresentado como inteiramente inédito, escrito “no leque de uma gentil menina”, com a data “a data de 8 do corrente mês” de agosto.

C – ADB, Ms. 541, p. 71. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 45”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 45. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Título.* No leque A □ B No leque CD

*Subtít.* M./elle <sup>superior</sup>/ Maria A □ B M./lle <sup>superior</sup>/ Maria C D. Maria D

2. Ha, no teu reflorir de primaveras, AB Ha no teu reflorir de primaveras CD  
3. rpoesia, que não é d’agora, A poesia, que não é de agora, B poesia que não é d’agora, CD

*Em A, a variante resulta de erro tipográfico.*

4. O que que A O quer que BCD

*Em A, a variante resulta de erro tipográfico.*

5. andorinha A andorinha, B andorinha CD

6. amores: A amores. B amores: CD

7. rainha, A rainha B rainha, CD  
*Data.* 2-VIII-03. A 8-VIII-03 B □ CD

### **Arquivo documental**

A jovem Maria da Graça de Valadares era amiga de Zulmira de Melo (a discípula amada de João Penha), que em 1905 lhe dedicou também uma composição:

*A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2305 (22 de fevereiro de 1905), p. 2, «*Graça! que nome te podiam pôr*».

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 67, 109. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 67, com ulteriores campanhas de revisão na p. 109. O canto inferior esquerdo da p. 67 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 46”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 665 (2 de agosto de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 46. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2237 (15 de agosto de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia dos *Echos da Avenida*, mas com título ligeiramente diferente: «No leque| de M.lle Anna de Valladares).

## Aparato genético

*Subtít.* de M.<sup>lle</sup> Anna de Valladares Leite Pereira Abreu de Sousa A de M.<sup>elle</sup> Anna de Valladares Leite Pereira Abreu de Sousa B de D. Anna de Valladares C

1. vida, AB vida C
3. Mas d’uma que findou á renascida A Mas, d’uma que findou á renascida B  
Mas d’uma que findou á renascida, C
5. deusa, e Γfada, eΓ A fada, e BC
6. Mas bem se pode imaginar sem pena, ΓNesta vida actual, feliz, serenaΓ A  
N’esta vida actual, feliz, serena; B Feliz, do mundo na doirada scena; C

7. Que foste n'outros tempos avesita, ΓMas bem mostras que foste uma avesita,Γ  
 A Mas bem mostras que foste uma avesita, BC  
*Data.* □ A 21-VII-03. B □ C

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” e no jornal *Echos da Avenida*; a terceira corresponde ao livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível da substituição e reordenação.

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

São três os testemunhos considerados: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 66. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 47”.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2232 (25 de julho de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Trata-se de uma transcrição a partir do *Echos da Avenida*, conforme esclarecem os editores. Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 47. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

### Aparato genético

- Subtít.* de M.<sup>lle</sup> Maria Henriqueta de Valladares Leite Pereira Abreu de Sousa A de M.<sup>lle</sup> Maria Henriqueta de Valladares B de D. Maria Henriqueta de Valladares C
4. casto, A casto B casto, C
  5. amada A amada, BC
  7. Tens, comtudo, a belleza perfumada A Tens comtudo a belleza immaculada B Tens, comtudo, a belleza perfumada C

### Arquivo documental

A jovem Maria Henriqueta de Valadares era amiga de Zulmira de Melo (a discípula amada de João Penha), que em 1905 lhe dedicou também uma composição:

*A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2305 (22 de fevereiro de 1905), p. 2: «*Quem deixar póde de te amar, oh bella!*».

## 145

[No leque]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 660 (28 de junho de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

B – ADB, Ms. 541, p. 64. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 48”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 48. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2229 (15 de julho de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia dos *Echos da Avenida*.

## Aparato genético

*Subttit.* Mademoiseile Nathalia A M./lle <sup>superior</sup>/ Nathália B D. Nathalia C

8. Ai A Ás BC

*Em A, a variante resulta de erro tipográfico.*

*Data.* 21-VI-03. A □ BC

## 146

### [No leque de uma senhora]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 44-45. Vd. descrição no n.º 137.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

#### Aparato genético

*Título.* No leque A No leque de uma senhora B

*Subtít.* □ A de D. Ermelinda Julia de Ferreira de Mello e Andrade B

1. diversos A diversos, B

4. Vós A Vós, B

11. Que apesar de seria e augusta A Que, apesar de séria e augusta, B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 38, 92. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 38, com ulterior campanha de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 38 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2280 (18 de junho de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99. < **Lilaz da Persia**>

Este poema encontra-se atribuído ao pseudónimo Lilaz da Persia.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 53-54. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ C

3. Outro, A Outro BC

6. Z! A Z.! B Z! C

10. E os doentes não têm cura! Γ E quasi sempre a loucura! Γ A E quasi sempre a loucura! BC

11. Eu, AB Eu C

14. sonhos!... A sonhos! B sonhos!... C

*Data.* □ A 14-VI-04. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas”, no jornal *A Correspondencia do Norte* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Branças e morenas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 25-27, 92. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito nas pp. 25-27, com ulterior campanha de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 27 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2281 (23 de junho de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99. < *Lilaz da Persia* >

Este poema encontra-se atribuído ao pseudónimo Lilaz da Persia.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 55-58. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 65-67.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas introduzindo pontuais alterações.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ C

*Dedic.* □ A /(A Alecrim do Norte) *itálico*/ B □ C

2. brancas. AB brancas: C

6. Ao tórvo café com leite. AB Ao café com leite, droga C

7. «Do que é bom, diz Epicúro, AB Que entre os pórcos d’Epicuro, C

8. Escolhe o que mais deleite.» AB A quem tudo apraz, tem voga. C

10. cores; A côres: B cores; C

12. amores A amores. BC

18. brusco, A brusco; B brusco, C

- 21-24. *Estes versos estão ausentes em B.*
29. ardentes A ardentes, BC
36. tudo.» A tudo. B tudo; C
37. □ Γ«Males, tristezas e penas, Γ A «Males, tristezas e penas, B «Males, tristezas e penas C
38. □ Γ Voam, quaes nuvens nos ares, Γ A Voam, quaes nuvens nos ares, BC
39. □ ΓAo sorriso das morenas, Γ A Ao sorriso das morenas, BC
40. □ ΓAo fogo dos seus olhares. Γ A Ao fogo dos seus olhares.» BC
41. Póde ser. Não A Embora. Não BC
44. E AB E, C
45. Eu proclamo ao som de trompa Γ Proclamo ao som de clarins Γ A Proclamo ao som de clarins BC
46. bellas: Γbela, Γ A bellas. B bellas: C
47. Celebrêmol-as com pompa, Γ Lirios, rosas ou jamins, Γ A Rosas, lirios, ou jasmims, B Lirios, rosas ou jamins, C
48. Morramos d'amor por ellas! Γ Morramos d'amor por ellas. Γ A Morramos d'amor por ellas! B Morrer d'amor... só por ellas! C
- Data.* □ A 19-VI-04. B □ C

Podemos distinguir quatro versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas”; a terceira corresponde ao jornal *A Correspondencia do Norte* e a quarta encontra-se fixada no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor concentram-se ao nível dos processos amplificadores (supressão e adição), envolvendo também operações de reordenação e substituição.

## 149

### [N'um bilhete postal ilustrado]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 14. Vd. descrição no n.º 137.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 59. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

#### Aparato genético

*Título.* N'um bilhete postal A N'um bilhete postal ilustrado B

1. amor, como o respeito, A amor como o respeito B

## [Ecloga – I – Com seu vestido de chita,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São cinco os testemunhos considerados: três manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 25. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(vid. pag. 16.)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, as seguintes notas apógrafas: “N<sup>as</sup> Rimas 61” e “vid 26”.

B – ADB, Ms. 540, p. 26. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(vid. pag. 16.)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “Vid 31”.

C – ADB, Ms. 540, p. 31. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 61”.

D – *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XIV (1901), n.º 175, p. 492.

Esta revista anual (sucessora da *Educação Popular*, de Pinheiro Chagas) contou com mais de 100 volumes, publicados a partir de 1888, em formato pequeno (de 17 cm).

Este testemunho constitui numa transcrição do poema, a partir de outro periódico nacional (provavelmente o *Echos da Avenida*). Não sendo possível recolher o jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 61-62. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXVI (1912), n.º 307, p. 490. Trata-se de uma cópia a partir do ano XIV, n.º 175 do mesmo periódico.

### Aparato genético

*Título.* Ingenuidade AB Ecloga CDE

*Subtít.* □ A (variante). B I C □ D I E

*Dedic.* □ ABCD /A Fernandes Costa. *itálico*/ E

1. chita, A chita BCD chita, E

3. Fizera AB Faria C Fazia D Faria E

*Em D, a variante parece dever-se a erro tipográfico.*

4. d'um cenobita! AB d'um cenobita. CD de cenobita. E

7. «Anjo terrestre, AB «Anjo terrestre, C – «Anjo terrestre D «Anjo terrestre, E

9. «Como te amo, nem eu sei! A «Ouço até desesperada BCDE

10. Arde e queima como lava A A turba que me acompanha B A turba que não me deixa C A turba que não me deixa: D A turba que não me deixa E

11. Este amor que te votei! A Com frases de enamorada! B Com frases de apaixonada: C Com frases de apaixonada. D Com frases de apaixonada: E

12. «Até antes desejava, A «Que paixão, sincera, estranha! B «Só de ti não tenho queixa! CDE

13. Em vez de mulher d'um rei, A Antes ser tua criada B Só em ti vivo ancorada: CDE

14. Ser teu cão, ser tua escrava!» A Que mulher do rei d'Hespanha!» B Não levantes a fateixa! C Não levantes a fateixa!» D Não levantes a fateixa!» E

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 540; a segunda coincide com a p. 26 do mesmo manuscrito; a terceira encontra-se documentada na p. 31 do Ms. 540, na *Encyclopedia das Familias* e no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor envolvem operações sintagmáticas de substituição e reordenação, ocorrendo nos tercetos as mudanças mais profundas.

## [Ecloga – II – Respondi-lhe: «É singular]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 32, 91. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 32, com ulteriores campanhas de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 32 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”.

B – *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XIV (1901), n.º 175, p. 492. Vd. descrição *supra*.

Trata-se de uma transcrição do poema, a partir de outro periódico nacional (provavelmente o *Echos da Avenida*). Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 63-64. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXVI (1912), n.º 307, p. 490. Trata-se de uma cópia a partir do ano XIV, n.º 175 do mesmo periódico.

## Aparato genético

*Subtít.* II A □ B II C

1. Respondi-lhe: « – É A Respondi-lhe: – «É B Respondi-lhe: «É C
3. artes de pilotagem Γ termos de pilotagem –∟ A termos de pilotagem BC
6. nesta passagem.» Γ nesta sondagem –∟ A nesta sondagem.» BC
7. – «É que meu pae, de viagem AB « – É que meu pae, de viagem, C

8. *Em A, este verso aparece separado dos anteriores, através de uma linha de intervalo. No apêndice das “Emendas”, pode ler-se a seguinte indicação: «unir 8.º ao 7.º».*
10. Como tu és... de ladrões.» ΓTu também, – mas de ladrões.Γ A Como tu... mas de ladrões.» B Tu também – mas de ladrões.» C
11. Respondi-lhe então, sombrio: ΓDisse-lhe então, sêcco e frio:Γ A Disse-lhe então secco e frio: B Disse-lhe então, sêcco e frio: C
12. « – Não mereço teus ΓNão mereço os teusΓ A – «Não mereço teus B «Não mereço os teus C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” do Ms. 540, na *Encyclopedia das Familias* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 151

## [A doente]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 44. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “? N<sup>as</sup> Rimas 65”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 38 (10 de julho de 1902), p. 216. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 65. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Título.* A consulta. [↓ A doente] A A doente BC

4. conhecido; A conhecido, BC

5. – « – Seu remedio? A – «Seu remedio?» BC

*Data.* □ A 20-VI-02. B □ C

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 540, p. 44. Vd. descrição no n.º 128.

Na margem esquerda, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “? N<sup>as</sup> Rimas 66”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 66. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

**Aparato genético**

*Título.* No leque de Amalia Machado A Madrival B

*Subtít.* □ A (No leque de D. Amelia Machado) B

## 153

### [O bem e o mal]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 60 (25 de junho de 1903), p. 189. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 541, p. 34. Vd. descrição no n.º 131.

Na margem esquerda, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 67”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 67. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

#### Aparato genético

*Título.* Só para homens A O bem e o mal B

2. Demonio, AB Demonio C

3. cópia A cópia, BC

*Data.* 15-IV-03. A □ BC

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 75. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.ºs Rimas 68”.

B – *Revista de Guimarães: Publicação da Sociedade Martins Sarmento*, Porto: [s.n.]. Vol. XIX (1902), p. 56.

Editada no Porto (e posteriormente em Guimarães), esta revista da Sociedade Martins Sarmento publica-se desde 1884, tendo sido suspensa entre 1913 e 1920. O exemplar em causa apresenta formato pequeno, de 22 cm.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 68. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

### Aparato genético

2. sucessos: AB sucessos; C
4. rir, – que AB rir – que C

## 155

## [O verso e a prosa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 540, pp. 53, 93. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 53, com ulteriores campanhas de revisão na p. 93. O canto inferior esquerdo da p. 53 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> Rimas 69”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Título.* A prosa e o verso A O verso e a prosa B

*Dedic.* □ A /A Alberto de Madureira, *itálico* / B

1. Venceste, A « – Venceste, B
2. bella entre as formosas! ¶ linda entre as formosas. ¶ A linda entre as formosas.  
B
5. Vou A «Vou B
6. Às estrellas gloriosas, ¶ Às constellações riosas ¶ A Às estrellas gloriosas,  
B
9. Curva a fronte e reverente A «Curva a fronte e reverente, B
10. Vou ao Além, onde está, ¶ Irei pedir-te a Jehovah ¶ ¶ Vou aos ceus, onde elle está, ¶ ¶ A Vou aos ceus, onde elle está, B
11. Pedir-te ao Omnipotente, ¶ Ella ouvia, e, de repente: ¶ ¶ Ao ancião Omnipotente ¶ ¶ A Pedir-te ao Omnipotente, B
12. E A «E B
13. Ella sorria-se, e contente: A Ella ouvia, e de repente: B

## 156

## [A carne]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 71, 94. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 71, com ulterior campanha de revisão na p. 94. O canto inferior esquerdo da p. 71 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> Rimas 71”.

B – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 30 (10 de março de 1902), p. 91. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 71-72. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 68.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Candido de Figueiredo. <sup>italico</sup> / C

1. Carne marmórea, carne côr de rosa A Carne marmórea, carne côr de rosa, B Carne mimosa, carne côr de rosa C
3. d’hoje A de hoje B d’hoje C
4. prosa. A prosa! B prosa. C
8. Já de sonhos não cura, desditosa! ΓSonha, e não vôa, de voar medrosa!Γ A Sonha e não vôa, de voar medrosa! BC
11. ingente: A ingente; B ingente: C
12. o borriife A a borriife, B o borriife, C  
*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

*Data.* □ A 2-3-92. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São quatro os testemunhos considerados: dois manuscritos e dois impressos:

A – *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 84 (11 de janeiro de 1901), p. 2.

Fundado em Braga, em junho de 1855, este jornal publicou-se semanalmente, aos domingos, entre 1899 e 1916. Apresentava formato médio (de 40 cm), a três colunas, de quatro páginas, acolhendo não apenas noticiários políticos e de interesse geral, mas também colaborações literárias.

O testemunho em causa constitui uma transcrição, a partir de postais editados n.º *O Pimpão* (vd. *infra* Arquivo documental). Não sendo possível recolher o exemplar que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

B – ADB, Ms. 536, p. 187. Vd. descrição no n.º 65.

O poema encontra-se incompleto, pois termina abruptamente no v. 14. A seguir ao título, o autor acrescentou a indicação “Vid. 3.º vol.,” podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 73”.

C – ADB, Ms. 540, pp. 2-3, 90. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito nas pp. 2-3, com ulteriores campanhas de revisão na p. 90. A margem inferior da p. 2 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vi E.)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo da mesma página, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 73”. No final da p. 3, o autor acrescentou ainda: “Em cartões postaes, do Pimpão”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 73-74. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Título.* □ A Boas-festas fim-de seculo B Boas-festas fim-de-seculo C A Boas-festas  
*Subtít.* □ A (Em bilhetes postaes do Pimpão B □ C (N’um bilhete postal) D

1. – «Quem bate á porta? quem A – «Quem bate á porta? Quem B – Quem bate á porta? Quem ΓQuem nos procura? quem⌋ C – «Quem nos procura? Quem D
2. – «Um estrangeiro, do Pindo: A « – «Um estrangeiro, do Pindo: B – «Um estrangeiro, do Pindo: ΓUm dos íncolas do Pindo⌋ C – «Um dos íncolas do Pindo. D
3. Venho um pouco á furta-pé, AB Venho um pouco á furta-pé, ΓVenho com modestia, a pé, –⌋ ΓΓVenho sem cortejo, a pé, –⌋⌋ C Venho sem cortejo, a pé, D
5. bonanças, ABC bonanças D
6. repletos: AB repletos C repletos: D
8. Sonhos d'amor tão dilectos... A Sonhos d'amor, tão dilectos.. BC D'amor os sonhos dilectos. D
9. «Vós, A Vós, BC «Vós, D
10. Eleonôras; A Eleonoras, BCD
11. damas das camelias, AB Damas das Camélias, CD
12. fadas scismadoras, A fadas sedutoras BC fadas sedutoras. D
13. E ABC «E D
14. de azas ABC d'azas D
15. Tirae as visões sonhadas... A □ B Tirae as visões sonhadas... C Tirae as visões sonhadas, D  
*Este verso está ausente em B.*
16. Tirae-me tambem a mim! A □ B Tirae-me tambem a mim! C Tirae-me tambem a mim... D  
*Este verso está ausente em B.*
17. Mettei A □ B Mettei C «Mettei D  
*Este verso está ausente em B.*
18. Embriagae-vos de illusões! A □ B Embriagae-vos de illusões! CD  
*Este verso está ausente em B.*
19. Mas, se amaes a realidade, A □ B Mas, se amaes a realidade, CD  
*Este verso está ausente em B.*
20. Seja a dos áureos dobrões! A □ B Seja a dos áureos dobrões! Γ Nada de sonhos: dobrões!⌋ C Nada de sonhos: dobrões! D  
*Este verso está ausente em B.*

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao postal de *O Pimpão* (aqui reproduzido n' *O Bracarense*), ao Ms. 536 e à redação principal do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” do Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

O testemunho A (vd. *supra* Notícia dos testemunhos) veicula uma versão originalmente dada à estampa em dezembro de 1901, no âmbito da coletânea de postais apensos à revista humorística *O Pimpão*. Na verdade, o traslado d' *O Bracarense* fazia-se acompanhar da seguinte nota introdutória:

#### *O Pimpão*

*A revista popular que, com este titulo, Pan-Tarantula (Alfredo de Mesquita) tão superiormente dirige em Lisboa, lançou no mercado uma deliciosa collecção de cartas-postaes, de boas-festas, illustradas, e com poesias dos nossos principaes poetas. A edição esgotou-se tão rapidamente, que poucos exemplares chegaram á provincia.*

*Por esta razão, transcrevemos, como mimo aos nossos amaveis leitores, algumas d'aquellas poesias, que nos chegaram á mão.*

## 158

## [A nossa bondade]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 34 (10 de maio de 1902), p. 155. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 540, p. 73. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.ªs Rimas 75”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 75-76. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Emydio d’Oliveira. *itálico* / C

2. canto; A canto, BC

12. sombrio, A sombrio; BC

13. matei-o; A matei-o, BC

*Data.* 27-IV-02. A □ BC

## 159

## [Philoxera]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 4. Vd. descrição no n.º 137.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 77-78. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 69.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

3. revés A revés, B
5. deus terrível, esse deus antigo A Deus terrível, esse Deus antigo, B
7. Disse (em latim) A Disse, em latim: B
9. microbio: a imunidade A microbio. A imunidade, B
11. divindade! A Divindade! B

## 160

## [O usurario]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 38 (10 de julho de 1902), p. 216. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 540, p. 45. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.ªs Rimas 79”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 79. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 297 (18 de junho de 1911), p. 1.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com variantes de pontuação.

## Aparato genético

4. dispôr: á fé que o sinto.» A dispôr; á fé que o sinto!» B dispôr; á fé que o sinto.» C
6. – De A – «De BC
8. arranje.» A arranje...» BC
- Data. 21-VI-02. A □ BC

## Arquivo documental

Este poema foi objeto de uma tradução italiana de Prospero Peragallo (\*1823 †1916), que em bilhete-postal a remeteu ao autor, agradecendo a oferta do livro *Novas Rimas*.

O testemunho em causa mede 13,9 x 9 cm e encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-4198(1). No rosto, juntamente com os vários carimbos dos serviços postais italiano e português, figura o nome do destinatário (“Ao Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sñr João Penha | Braga”), enquanto o respetivo verso, escrito pelo punho do tradutor, versa o seguinte:

*Genova 23 de Dezembro de 1904.*

*(Via Assarotti – 18 – 2)*

*Presad.<sup>mo</sup> Sñr*

*Agradeço penhoradissimo a gentil offerta do seu livro Novas Rimas, recebido hoje mesmo. E atrevo-me a offerecer-lhe a versão da sua poesia: O Usurario.*

*In casa d'un avaro – entró Cristo Divino*

*“Io vengo a dimandarti – in prestito tre lire”.*

*– Non posso ora dispor – nemmeno d'un quattrino;*

*– E assai mi spiace, affé, – non poterlo servire –.*

*“Bada che chi non diche – il ver, é un uomo indegno*

*– Udéndovi, il mio cor – si sente rattristare,*

*–Ma non ho un soldo adesso – “Ebbone, ti dó un pegno”.*

*– Forse allora, o Signor, – lo potrei contentare –.*

---

*Desejo-lhe de coração boas festas, e feliz entrada no novo anno –*

*Criado m.<sup>to</sup> att.<sup>to</sup> e obrigad.<sup>mo</sup> de V.<sup>a</sup> Exc.<sup>a</sup>*

*Prospero Peragallo*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – BNMV, Ms. 12242, p. III.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Joaquim de Araújo (principal impulsionador da campanha de transladação de Garrett para o Panteão), é constituído por uma folha ilustrada com o retrato “Garrett em 1850”. Paralelo à estampa, surge o poema de João Penha, devidamente assinado e datado no final.

B – *A Chronica: Revista Ilustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 65 (abril de 1902), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se de um número especial, que a revista dedicou a Almeida Garrett, no âmbito da campanha promotora da sua transladação para o Panteão dos Jerónimos, que viria a acontecer em 1903.

C – ADB, Ms. 540, p. 70. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.º 80”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 80. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett* (dir. Alberto Bessa), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 1 (maio de 1903), p. 27.

Trata-se de uma cópia a partir da *Chronica*, que Alberto Bessa transcreve como epígrafe à sua compilação de efemérides garrettianas.

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano V (1903), p. 69.

Trata-se de uma cópia a partir da *Chronica*.

- Ferreira de Brito, *Joaquim de Araújo e a Expansão Europeia da Cultura Portuguesa*, Porto: Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 2000, p. 91.

Trata-se de uma cópia fac-similada do Ms. 12242 (vd. *supra* testemunho A).

**Aparato genético**

1. abéto **A** abéto, **B** abéto **CD**
  4. arbustos. **A** arbustos! **B** arbustos. **CD**
- Data.* **B.** 21-IV-02. **A** 21-IV-02. **B** □ **CD**

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 540, pp. 7, 91. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 7, com ulterior campanha de revisão na p. 91. No canto superior esquerdo da p. 7, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 81”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 81-82. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

*Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Atlantico: Hebdomadario Literario e Noticioso* (dir. Antero Pacheco), Matosinhos: [s.n.]. N.º 6 (18 de janeiro de 1917), p. 1.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com variantes gráficas e de pontuação, apresentando ainda uma falha de transcrição no v. 5 (“– «É com certeza o amor; – languidamente”). Elimina também a dedicatória.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 45.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A /A Alves de Moraes. *itálico* / B

2. E vendo a turba boquiaberta ao fundo, ΓE grave, mas cortex, quedou-se ao fundo. Γ A E grave, mas cortex, quedou-se ao fundo. B
3. Benigno, perguntou: – «Qual ΓDisse então: «Respondei: qual Γ A Disse então: «Respondei: qual B
5. amor» – timidamente A amor», timidamente B
6. Diz uma jovem; ΓDisse uma bella; Γ A Disse uma bella, B
8. Baccho A Baccho, B
13. humana!» A humana.» B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (colocada no final do manuscrito) e no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 178, 188. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 178, acolhendo ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 188). Na p. 178, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “– vid. 3.º vol. –”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 83”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 12 (junho de 1900), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – ADB, Ms. 540, p. 18. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Na Chronica)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 83”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 83-84. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Anotação textual: emendas

5.     athletica] AB; atheletica

## Aparato genético

*Subtít.*   □ A (Inedito) B □ CD

4.     Como o santo da escriptura. ΓE achas pouca essa tortura! 7 ΓΓE depois d’essa tortura, 77 A E depois d’essa tortura, BCD

5.     athletica AB atheletica CD

9.     arco, ABC arco D

10.    puxo, A puxo B puxo, C puxo D

*Data.*   11-V-900. A 3-VI-900. B □ CD

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 540; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão situada na lista de “Emendas”; a terceira encontra-se documentada na segunda campanha de revisão (ao final do manuscrito) e no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## 164

[Ao pôr do sol]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: dois manuscritos e três impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 143, 190. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 143, acolhendo ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 190). Na p. 178, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 85”.

B – *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. Número Especial (1 de janeiro de 1898), p. 3.

Este bissemanário publicou-se em formato grande (de 48 cm), entre 1896 e 1911. O exemplar aqui trazido à colação corresponde ao número literário de Ano Novo.

C – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 59 (10 de junho de 1903), p. 172. Vd. descrição no n.º 131.

D – ADB, Ms. 540, p. 22. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 85”.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 85-86. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, p. 74. Trata-se de uma cópia a partir das *Novas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

4. Diziam: «beija,»; «Diziam: beija,

**Aparato genético**

*Título.* Agrícola. [→ Ao pôr do sol] **A** Ao pôr do sol **BCD**

*Dedic.* □ **ABCD** /A Rodrigo Velloso. *italico* / **E**

2. Hontem ás horas, **A** Hontem ás horas **B** Hontem, ás horas **C** Hontem ás horas, **D** Hontem ás horas **E**

4. Diziam: beija, beija, toca, toca! **AB** «Diziam: beija, beija, toca, toca!» **CD** «Diziam: beija, beija, toca, toca.» **E**

7. toca a busina; Γsôa a busina.Γ **A** sôa a busina; **B** toca a busina; **CDE**

8. Um grillo canta ao liminar da toca. ΓCantam os grillos nos umbrais da toca.Γ  
ΓΓCantam os grillinhos nos beirais da toca!ΓΓ ΓΓΓOs grillos cantam nos umbraes da toca!ΓΓΓ ΓΓΓΓCantam os grillos nos umbrais da toca!ΓΓΓΓ  
**A** Cantam os grillos nos umbraes da toca. **BCDE**

9. O campo, eis **AB** O campo! Eis **C** O campo, eis **D** O campo! eis **E**

10. bois, e **AB** bois e **C** bois, e **D** bois e **E**

11. vergonha. **AB** vergonha! **CDE**

*Data.* 10-10-97. **A** 8-XII-97. **B** □ **CDE**

## 165

## [A anunciação]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 162, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 162, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 189). Na p. 162, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(Vid. 3.º vol.)”; podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 87”.

B – *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano II (1900), p. 12.

Este almanaque, coordenado anualmente pelo jornal *Gabinete dos Reporteres*, publicou-se em formato pequeno (de 22 cm), entre 1899 e 1903.

C – ADB, Ms. 540, p. 14. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 87”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 87-88. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

## Aparato genético

*Título.* A boa nova. [↓ A Anunciação.] A A Anunciação BCD

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ CD

*Dedic.* □ ABC /A Dias Freitas. *italico* / D

1. «Meu A – «Meu B «Meu C – «Meu D

4. pequenito! ABC pequenito. D

5. teu! E A teu, e B teu! E CD

6. Serás tu mesmo, pintado! A Vaes-te vêr, emfim, pintado! B Serás tu mesmo, pintado! C Esse teu rôsto, pintado! D

8. quer: A quer, B quer; C quer, D

9. um cynico immundo, Γum sceptido a fundoΓ A um Tenorio immundo, B um sceptico immundo, C um sceptico a fundo, D

10. Nem a guardava ao ferrôlho; ΓNem lhe guardava o ferrôlho:Γ A Nem lhe guardava o ferrôlho; BCD

11. Respondi-lhe, A Respondi-lhe B Respondi-lhe, CD
  12. «Terei por meu o pimpôlho, A – «Terei por meu o pimpôlho. B «Terei por meu o pimpôlho, C «Terei por meu o pimpôlho D
  13. Se elle surgir neste mundo... A Se elle vier á luz do mundo... B Se elle surgir neste mundo... C Se elle surgir neste mundo D
- Data.* 11-III-99. A 16-VIII-99. B □ CD

## 166

[Tenorio]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 101. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N.º R.º 89”.

B – *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras* (ed. João José de Freitas Junior), Porto: Typographia Cunha. Ano I, n.º 11 (15 de maio de 1904), p. 180.

Esta revista literária publicou-se mensalmente, em formato médio (de 28 cm), entre 1903 e 1906. As suas páginas acolhiam maioritariamente composições inéditas.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 89-90. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 22 de agosto de 1904, p. 1. Trata-se de uma cópia d’ *A Revista*.
- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 308 (3 de agosto de 1911), p. 1. Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem a dedicatória e com variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Albino Forjaz de Sampaio. *itálico* / C

6. porém; AB porém, C

9. sonhadores, A sonhadores B sonhadores, C

14. albarda! AB albarda. C

## 167

## [Finis Vitae]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 29. Vd. descrição no n.º 128.

O canto superior esquerdo remete para a página seguinte do manuscrito: “Vid 30”.

B – ADB, Ms. 540, p. 30. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 91”.

C – *Voz de S. Antonio: Revista Mensal Illustrada* (ed. D. J. de Souza Gomes), Braga: [s.n.]. Série IV, Ano VII, n.º 7 (julho de 1901), p. 207.

Esta revista de cultura e formação religiosa era editada pelos frades franciscanos do Convento de Montariol. Publicou-se mensalmente em formato médio (de 28 cm), entre 1895 (ano jubilar do nascimento de Santo António) e 1910, assumindo-se como um dos referenciais do pensamento social democrata-cristão do catolicismo português, na primeira década do século XX.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 91-92. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1906*, Braga: Papelaria Universal, 1905, p. 239.

Trata-se de uma cópia da *Voz de S. Antonio*.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (variante, B □ CD

1. sonho, A sonho, B sonho C sonho, D
4. gracejo. A gracejo! BC gracejo. D
6. pejo; ABC pejo, D
7. rir, A rir BCD

9. tristeza; **A** tristeza, **BCD**
  10. O velho Sansão, d'arrojo; **A** Escuro mal, sem remedio; **B** Escuro mal sem remedio; **C** Escuro mal, sem remedio; **D**
  11. mesa. **A** mesa! **B** mesa. **C** mesa! **D**
  12. Morre um asno a sonhar tôjo; **A** Quanto a mim, triste epicedio! **BCD**
  13. Eu morrerei, com **A** Hei-de morrer, com **BCD**
  14. boca... de nôjô. **A** bôcca... de tédio! **B** bôca de tédio! **C** bôcca... de tédio! **D**
- Data.* □ **AB** 22-V-I-XX. **C** □ **D**  
*Em C, a data deverá ser 22 de maio de 1901.*

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada na p. 31 do mesmo manuscrito, na *Voz de S. Antonio* e no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 174, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 174, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 189). Na p. 174, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 95”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 9 (junho de 1900), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

C – ADB, Ms. 540, p. 10. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Na Chronica)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 95”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 95-96. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1951 (13 de junho de 1900), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada n.º *A Chronica*.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ CD

1. terrores A terrores, BCD
2. descí afortunadas A subi afortunadas B subi afortunadas, C subi afortunadas  
D
6. enlaçadas A enlaçadas, BCD
7. <D’elles> [← Lhes] ouviam, sorrindo ΓDelles ouviam, sempre⌈ A Delles ouviam, sempre BCD

10. O toldava. Inquiri: « – Onde A O curvava. Inquiri: «Onde B O turvava. Inquiri: « – Onde C O turvava. Inquiri: « – Onde D  
*Em B, a variante parece resultar de erro tipográfico.*
13. «No mundo resurgiu A «No mundo resurgiu B «No mundo resurgiu, C « – No mundo resurgiu, D
14. Celebra-a tu, A Celebra-a tu BC «Celébra-a tu D  
*Data.* 8-V-900 A 22-V-900. B  C  D

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” do Ms. 536, n<sup>o</sup> A *Chronica*, no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Os seus olhos – I – Não tem a formosura de Clorinda]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 171, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 171, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 189). Na p. 171, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafo: “N<sup>as</sup> Rimas 97”.

B – *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Illustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Número extraordinário (abril de 1900), p. 87. Vd. descrição no n.º 22.

Este número comemorativo do Descobrimento do Brasil foi distribuído como brinde aos assinantes, em abril de 1900.

C – ADB, Ms. 540, p. 8. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(No Brasil-Portugal)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafo: “N<sup>as</sup> Rimas 97”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 97-98. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1936 (18 de abril de 1900), p. 2.  
Trata-se de uma cópia do *Brasil-Portugal*, mas com algumas variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Título.* Os olhos de Laura. \* A Os olhos de Laura BC Os seus olhos D

*Subtít.* □ AB I CD

1. Clorinda, A Clorinda. B Clorinda, C Clorinda D
3. Ary, AB Ary CD
4. modesta Mignon Γcandida MignonΓ A candida Mignon BCD
5. botão, ABC botão D

6. adorava! A adorava. B adorava! CD  
 10. Estrellas que de as vêr ABC Tão bellos que, de os ver, D  
 11. errantes! ABC errantes. D  
 12. Desafiam triumphaes quaesquer confrôntos! A Desafiam triumphaes quaesquer confrôntos: B Desafiam triumphaes quaesquer confrôntos! C Desafiam, triumphaes, quaesquer confrontos: D  
 13. Eu, por mim, joialheiro de diamante, A Eu, por mim, joialheiro de diamantes, BC Eu por mim, joialheiro de diamantes, D  
*Data.* 1-XXVIII-900. A Braga – I-XXVIII-1900. B □ CD  
*Nota.* \* D. Laura Lopes. A □ BCD

### Arquivo documental

I. Em carta dirigida a Antero de Figueiredo, João Penha recomenda uma correção de última hora para o poema já submetido ao *Brasil-Portugal*, referindo-se ainda à destinatária do soneto, D.<sup>a</sup> Laura Lopes. A missiva em causa encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1162(2). Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 22,6 x 18 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2r) a tinta preta, e onde se lê:

*Meu bello amigo.*

*São 10 horas da manhã, sento-me á banca, e escrevo o seguinte:*

*Ha dias mandei ao Brasil-Portugal (sob convite) um soneto, intitulado: os olhos de Laura.*

*Como não recebi aviso de recepção, receio que a carta (que tinha um certo volume) se extraviasse, ou antes, que fosse roubada na idea de que continha notas em pagamento da assignatura do jornal.*

*Por isso, muito me obsequiará perguntando na redacção (R. do Torres, 52) – se sim ou não lá deu entrada o referido soneto. No caso affirmativo, peça o manuscripto, e onde está modesta (Mignou) risque e ponha “cândida”. Embiquei com o tal modesta Mignou, por fazer lembrar Modeste Mignou, o titulo de um dos melhores romances de Balzac.*

*Tambem lhe peço que reveja a prova, se fôr possível. Dou muita importancia a esse soneto por ser feito ao meu bem – actual.*

*Quando apparecer em qualquer jornal alguma cousa digna de nota, mande.*

Se

2-II-900 (seculo 20)

J. Penha.

II. O nome empregado no v. 1 consta de uma lista de palavras com rima em -indo, que João Penha elaborava desde 1875, num prontuário de uso pessoal. O testemunho em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota Ms. 2011. Trata-se de um caderno de papel pautado (medindo 9,5 x 14cm), com encadernação em cartão, revestido a papel de fantasia e lombada em percalina. Tem 138 páginas, aparecendo na p. 59 a seguinte entrada:

– *Clorinda (da Gerusalem de Tasso)*

## [Os seus olhos – II – Ha n'ella uma attracção mysteriosa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: três manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, p. 173. Vd. descrição no n.º 65.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas (99)”.

B – *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Illustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Ano II, n.º 32 (16 de maio de 1900), p. 87. Vd. descrição no n.º 22.

C – ADB, Ms. 536, p. 184. Vd. descrição no n.º 65.

A seguir ao subtítulo, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 97”.

D – ADB, Ms. 540, p. 9. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(vid – 2.º vol – a pag. 173)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 99”.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 99-100. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

## Aparato genético

*Título.* Os olhos de Laura ABCD [Os seus olhos] E

*Subtít.* II AB II (variante). C II DE

1. mysteriosa ABC mysteriosa, D mysteriosa E
2. subjugado. AB subjugado! C subjugado. DE
3. cuidado ABC cuidado, DE
4. seguida, A seguida B seguida, C seguida D seguida, E
5. curva primorosa AB curva graciosa CDE
6. delicado; AB delicado: CDE
7. de fada; A de fada, B de fada; CD de houri; E
8. voluptuosa. AB voluptuosa! CDE
9. Mas, os seus olhos, que esplendor celeste! AB Os seus olhos! São meus, por ella o juro! CD Os seus olhos! Á fé, vos asseguro E

10. Morreria de amor se acaso os visse **A** Morreria de amor, se acaso os visse, **BCD** Que morrera d'amor, se acaso os visse, **E**
  11. O Tenório da lenda, um novo Alceste! **AB D.** João Tenorio, o seductor impuro! **CDE**
  12. vêl-os **AB** vêl-os, **C** vêl-os **DE**
  13. «Que misero valor o que lhes déste: **AB** – «Por elles dera a gloria e o meu futuro: **CDE**
  14. poemas de luz, **A** poemas de luz, **B** poemas de luz **CD** poemas d'amor, **E**
- Data.* 3-V-900. **AB** □ **CDE**

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redacção inicial do Ms. 536 e do *Brasil-Portugal*; a segunda encontra-se documentada na p. 184 do Ms. 536 e no Ms. 540; a terceira corresponde ao livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Os seus olhos – III – «Escuta-me a phantastica Odyssea,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 40 (maio de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 540, pp. 34, 91. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 34, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). No canto superior esquerdo da p. 34, é possível encontrar a seguinte nota apógrafo: “N<sup>as</sup> Rimas 101”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 101-102. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2038 (4 de maio de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da *Chronica*.

## Aparato genético

*Título.* Os olhos de Laura AB [Os seus olhos] C

*Subtít.* (Inédito) A III BC

1. «Escuta-me a phantastica Odyssea, A – «Escuta-me a phantastica Odyssea, – B – «Escuta-me a phantastica Odyssea, C
2. – Um trovador errante me dizia – A <->/(\ Um trovador errante me dizia <->/)\ B (Um trovador errante me dizia) C
4. França, A França B França, C
8. Desde o Japão á A Desde Ceylão á ΓDesde o Japão áΓ B Desde Ceylão á C
10. Ganges, A Ganges B Ganges, C
11. que jocundo AB que, jocundo, C

*Data.* 15-IV-1901. A □ BC

## [Os seus olhos – IV – Que rôsto peregrino e delicado!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 43, 92, 93. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 43, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 92 e 93). O canto inferior esquerdo da p. 43 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda encontrar-se a seguinte indicação, no canto superior esquerdo: “Vid 47”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 47 (agosto de 1901), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – ADB, Ms. 540, pp. 47, 93. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 47, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O canto inferior esquerdo da p. 47 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”, podendo ainda encontrar-se a seguinte indicação apógrafa, no canto superior esquerdo: “N<sup>as</sup> Rimas 103”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 103-104. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

## Aparato genético

*Título.* Os olhos de Laura A Os teus olhos B Os olhos de Laura C [Os seus olhos] D

*Dedic.* □ A (A LAURA) B □ CD

*Subtít.* □ A /(Inédito) <sup>italico/</sup> B (variante) C IV D

1. rosto delicado e peregrino! A rôsto peregrino e delicado! BCD
2. madona, que em Florença, A madona que em Florença BCD
3. crença, ABC crença D
4. Arroubado n’um extasis divino! A A dormir, n’um sonhar de allucinado! B  
N’um extasi divino arrebatado! ΓN’uma visão beatífica arroubado! Γ ΓN’uma  
visão celeste arrebatado: Γ Γ C N’uma visão beatífica arroubado! D
5. olhos! Faroes do meu destino A olhos! No fundo mar cavado BCD
6. Como no circo o moribundo atheleta, A D’esta vida, em que a sombra é triste  
e densa, BCD

7. Têm clarões d'uma luz tao viva e intensa ΓTêm, para mim, a luz, mágica, intensa,Γ A São elles os faroes, de luz intensa, B São elles os faroes, de luz intensa, ΓSão astros d'uma luz tao viva e intensaΓ C São elles os faroes, de luz intensa, D
8. Que as neves fundiriam do Apennino! ΓQue outros mais bellos soes não descortinoΓ Γ Como os dos soes no espaço chrialino.ΓΓ Γ ΓDa lampada encantada d'Aladino.ΓΓΓ A Que me guiam, ditoso e namorado! BC Que me guiam, ditoso e namorado. D
9. que, sereno AB olhos! que sereno, C que, sereno D
11. o angelical veneno! Γo mágico veneno. ou [↓ o lúbrico veneno.]Γ A o mágico veneno! BCD  
*Em B, a campanha de revisão apresenta duas variantes alternativas. A dúvida aparece expressa através da conjunção ou.*
12. Mas, <->/(\ triste pensamento, que me inquieta!) A Mas, – triste pensamento que me inquieta! – B Mas – (triste pensamento que me inquieta!) C Mas – triste pensamento que me inquieta! – D
- Data. □ A 12-VIII-901. B □ CD

## 170

## [O septentrião]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São dois os testemunhos recolhidos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 540, p. 6. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Nos Echos da Avenida)”, embora não seja já possível recolher o exemplar do jornal que trouxe a lume esta composição. No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 105”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 105-106. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 504 (10 de dezembro de 1904), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

5. caminho: A caminho, B
6. encerra; A encerra: B
7. serra A serra, B
9. serpente A serpente, B
11. pia, estridente. A pia estridente, B

## 171

[Lauras]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: três manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 179, 188. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na p. 179, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 188). A seguir ao título, o autor anotou as indicações “(vid. pag. 183)” e “vid. 3.º vol.”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 107”.

B – ADB, Ms. 536, pp. 183, 188. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na p. 183, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 188). A seguir ao título, o autor anotou a indicação “– Vid. 3.º vol.”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 107”.

C – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 13 (julho de 1900), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

D – ADB, Ms. 540, p. 11. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Na Chronica)”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 107”.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 107-108. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1958 (14 de junho de 1900), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da *Chronica*.

## Aparato genético

*Subtít.* □ AB (Inédito) C □ DE

1. que delicia! A que alegria! BCDE

3. É, sem amor, a vida uma tortura, ΓSem amor, fôra a vida uma torturaΓ A  
Sem amor, fôra a vida uma tortura, BCDE
4. Com elle, e só com elle, uma caricia! ΓSem um raio de luz, uma caricia.Γ  
Γ ΓUma dôr sem a paz d'uma caricia!Γ Γ ΓSem um gôzo sequer, uma  
caricia.Γ Γ Γ A Uma longa jornada, atroz, sombria! BCDE
5. Transfôrma a vida real numa ficticia, ΓTransforma em sonho a vida, ideal,  
ficticia,Γ Γ ΓTransforma a vida em luz, ideal, ficticia,Γ Γ Γ ΓTransforma a  
sombra em luz, ideal, ficticia,Γ Γ Γ A Transforma a prosa hedionda na poesia  
ΓAmor! É todo o bem, o nosso guia,Γ B Amor! É todo o bem, o nosso guia,  
C Amor! é todo o bem, o nosso guia, DE
6. Em noites de luar a sombra escura, ΓComo um vago luar em noite escuraΓ A  
D'uma lua surgente em noite escura! ΓUma visão radiosa em noite escura!Γ  
B Uma visão radiosa em noite escura! CD Uma visão radiosa em noite escura:  
E
7. E quem na alma o sente (que loucura!) ΓE quem no peito o sente (que  
loucura!)Γ Γ ΓE quem no peito o sente com ternuraΓ Γ A Feliz de quem o  
sente! e, que loucura! B Feliz de quem o sente, e, que loucura! CDE
8. Volta ás eras ditosas da puericia! ΓVolta ás eras risonhas da puericia!Γ A  
Feliz de quem lhe soffre a tyrania! BCDE
9. revela: ABCD revela. E
10. contal-a, ABCD contal-a: E
11. Eu, o eterno amoroso d'uma bella: ΓEu o doido amoroso d'uma bella.Γ A  
Eu, o eterno amoroso d'uma bella: B Eu, o eterno amoroso de uma bella: C  
Eu, o eterno amoroso d'uma bella: D Eu, o eterno amoroso d'uma bella, E
14. Só desses fumo agora: ando a fuma-a! A <Só desses fumo agora: vou [↑ ando  
a] fuma-a!> [↓ Só desses fumo agora: ando a fuma-a!] B Só desses fumo  
agora: ando a fuma-a! CDE
- Data.* 5-VI-900. A □ B 22-VI-900. C □ DE

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 35 (fevereiro de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 540, p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Na Chronica)”. A lápis, podem ainda ler-se as seguintes notas apógrafas: “No Olympto” (a seguir ao título) e “N<sup>as</sup> Rimas 109” (no canto superior esquerdo).

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 109-110. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2022 (2 de março de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da *Chronica*.

## Aparato genético

*Título.* Ella AB No Olympto C

*Subttít.* (Inédito) A □ BC

1. mésto, AB mésto C

6. exclamou, A exclam<a>/ou\, B exclamou, C

7. – «Um A – Um B – «Um C

10. Quero, n'um poema eterno A Quero n'um poema eterno, B Quero, n'um poema eterno C

11. ovante.» A ovante!» BC

*Data.* 6-2-1901. A □ BC

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São três os testemunhos considerados: um manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 40, 92. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 40, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). No canto superior esquerdo da p. 40, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N.<sup>as</sup> Rimas 111”.

B – *Nova Alvorada: Revista Mensal, Litteraria e Scientifica* (dir. Sebastião de Carvalho), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano IX, n.º 7 (abril de 1901), p. 55.

Fundada a 1 de maio de 1891, a fim de substituir a já então extinta *Alvorada*, esta prestigiada revista famalicence foi dirigida por J. J. de Sousa Fernandes (1891-1893) e mais tarde por Sebastião de Carvalho (1895-1902) e Justino de Montalvão (1903). Embora com algumas interrupções, publicou-se mensalmente, entre 1891 e 1903, em formato médio (32 cm), de oito páginas, a duas colunas, logrando reunir um variado elenco de colaboradores nacionais e estrangeiros.

Conforme se indica no final do poema, este testemunho constitui uma transcrição a partir d’ *A Chronica*. Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 111-112. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2048 (8 de junho de 1901), p. 2.

Trata-se de uma cópia da versão originalmente publicada n’ *A Chronica*, mas com ligeiras corruptelas.

**Aparato genético**

*Dedic.* (A L.) AB □ C

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

3. risonho AB risonho, C

5. carrancuda, A carrancuda BC

6. Me fazes o ceu tristonho! ΓMe tornas mésto, enfadonho!Γ A Me tornas mésto, enfadonho! B Me fazes o ceu tristonho! C

7. componho A componho... B componho, C

13. dia, AB dia: C

14. olhares! AB olhares. C

*Data.* □ A 20-V-I-XX. B □ C

*Em B, a data deverá ser 20 de maio de 1901.*

## 174

## [A minha Lygia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 39, 92. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 39, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). No canto superior esquerdo da p. 39, pode ler-se a seguinte nota apógrafo: “N.<sup>as</sup> Rimas 113”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 45 (julho de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 113-114. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2064 (10 de agosto de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia da *A Chronica*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A /L. *itálico*/ B □ C

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

2. liberdade: AB liberdade; C

5. Do que é bello [↑ Trovador, e] missionario, A Trovador e missionario, B Trovador e visionario, C

6. <Orei > [↑ Canto a] á doce claridade ΓCanto, á doce claridade⌈ A Canto a doce claridade BC

7. De uns olhos de AB D’um olhar de

10. Por Lygia, a da fulva ΓPor Lygia a da flava⌈ A Por Lygia, a da flava BC

12. Roma: AB Roma. C

13. moira... A moira, BC

14. Jurara a lei de Mafóma! ΓConfessaria... a Mafôma!⌈ A Confessaria... a Mafoma! BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 540; a segunda corresponde à campanha de revisão documentada no mesmo manuscrito e às versões publicadas n' *A Chronica* e no livro *Novas Rimas*. As mudanças introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 175

## [Ciume]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São três os testemunhos recolhidos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, pp. 177, 189-190. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 177, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (pp. 189-190). Na p. 177, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 115”.

B – ADB, Ms. 540, p. 12. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Nos Echos da Avenida)”, embora não seja já possível recolher o exemplar do jornal que trouxe a lume esta composição. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 115”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 115-116. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

## Aparato genético

5. formosa AB formosa, C  
 8. A modesta escabiosa!» ΓA açucena vergonhosa Γ A Tão recatada e mimosa!» BC  
 11. Tão ingrata, meiga, e franca, ΓTão gentil, risonha e franca. Γ A Tão gentil, risonha e franca, B Tão gentil, graciosa e franca C  
 13. branca, A branca BC  
*Data.* 9-V-900. A □ BC

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira coincide com a redação inicial do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” ao final do mesmo manuscrito; a terceira corresponde ao Ms. 540 e ao livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 176

[Crescant illi!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 39 (abril de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 540, p. 24. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 117”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 117-118. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 101 (26 de abril de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2036 (27 de abril de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

## Aparato genético

*Título.* illi... A illi. B illi! C

*Dedic.* A L. AB □ C

*Subtít.* (Inédito) A □ BC

2. Que eu passava, tão livre de cuidados, AB Em que eu levava os dias, sem cuidados, C
  3. ceus turbados A ceus turbados, B ceus nublados C
  5. despiedosa, A despiedosa! BC
  6. Mas AB Mas, C
  7. nunca, por jardins e prados A nunca, por jardins e prados, B nunca por jardins e prados, C
  13. ainda – AB ainda, C
- Data.* 10-III-1901. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se documentada n' *A Chronica* e no Ms. 540; a segunda corresponde ao livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Oh! Quam dilecta tabernacula tua!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 44 (julho de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 540, pp. 41, 92. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 41, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). No canto superior esquerdo da página principal, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 119”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 119-120. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2056 (13 de julho de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, mas com variantes de transcrição.

## Aparato genético

*Título.* Oh quam AB Oh! Quam C

*Dedic.* A L. A □ BC

*Subtít.* (Inédito) A □ BC

1. noute, A noite, BC
2. desdouro, A desdoiro, BC
3. castello, que defende um mouro, A castello, de que é guarda um moiro, BC
5. Assim AB Assim, C
6. Mira o cofre que guarda o seu thesouro; A Olha o eserinio que guarda o seu thesoiro; B Olha o eserinio que guarda o seu thesoiro, C
7. Assim o gato, com seus olhos d’ouro, A Assim<, > o gato, com seus olhos d’oiro B Assim, um gato, com seus olhos d’oiro, C
8. Olha a prisão do A Mira a prisão do B Mira a prisão d’um C
9. radiosa de A repleta de Γradiosa de Γ B radiosa de C

10. poeticos umbraes, A mysticos umbraes, Γpoeticos umbraesΓ B poeticos umbraes, C
12. medievaes! A medievaes. BC
14. pombaes... A pombaes! B pombaes. C
- Data.* 2-VI-I-XX. A □ BC
- Em A, a data deverá ser 2 de Junho de 1901.*

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira saiu publicada n' *A Chronica*; a segunda encontra-se documentada, com algumas hesitações, no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas pelo autor situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 178

## [Ausente!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 49 (setembro de 1901), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 540, pp. 49-51. Vd. descrição no n.º 128.

Na p. 49, a lápis, podem ler-se as seguintes anotações apógrafas: “Ausente!” (antecedendo o título), “Inédito” (posteriormente riscado) e “N<sup>as</sup> Rimas 121” (no canto superior esquerdo).

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 121-123. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 133 (8 de novembro de 1901), p. 1.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Rondó AB Ausente! C

*Dedic.* (a L.) A A L. B □ C

*Subtít.* (Inédito) A □ B Rondó C

1. noute, A noite, BC
4. Que eu não tenho a quem olhar! AB Que eu só a vejo a sonhar. C
8. Que eu não tenho a quem olhar. AB Que eu só a vejo a sonhar. C
10. passar; A passar, BC
11. Mas, AB Mas C
12. Eu não tenho a quem olhar. AB Que eu só a vejo a sonhar. C
16. Que eu não tenho a quem olhar. AB Que eu só a vejo a sonhar. C
18. mar, A mar; BC
19. tranquilla... AB tranquilla, C

20. Mas não tenho a quem olhar. **A** Mas; não tenho a quem olhar. **B** Mas, só a vejo a sonhar. **C**
23. – «Trovador, **AB** – «Trovador! **C**
24. Que eu não tenho a quem olhar! **A** Que eu não tenho a quem olhar!» **B** Que eu só a vejo a sonhar!» **C**
28. beira-mar!» **A** beira-mar! **BC**
30. d'Agar, **A** d'Agar; **BC**
32. segurar! **A** segurar. **BC**
39. consolas, **AB** consolas **C**
40. Que eu não tenho a quem olhar!» **A** Que eu não tenho a quem olhar!» [↓ Que eu só a vejo a sonhar.] [↓ Que o meu destino é chorar.] **B** Que eu só a vejo a sonhar!» **C**
- Data.* Varzim, 12-IX-1901. **A** (Varzim, 12-IX-901). **B** □ **C**

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se n' *A Chronica* e no Ms. 540; a segunda está documentada na primeira campanha de revisão do manuscrito e no texto publicado nas *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 179

[Sia questo l'ultimo addio!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 87, 107. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 87, com ulterior campanha de revisão na p. 107. O canto inferior esquerdo da página principal remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 125”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 125-126. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Intermezzo” (pp. 93-126).

## Aparato genético

*Título.* l'ultimo vale A l'ultimo addio! B

8. barco, A barco B

9. enganei, mas A enganei, – mas B

10. mulher A mulher, B

11. Que noutra vida amei. ΓE noutra vida amei. Ou. E n'outro mundo amei.7  
A Que noutra vida amei. B

*Em A, a campanha de revisão apresenta duas variantes alternativas. A dubitação aparece expressa através da conjunção ou.*

12. agrava: A agrava; B

## 180

### [Coroa de perpetuas – I – Condemnada!]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 112 (abril de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 539, p. 5. Vd. descrição no n.º 137.

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2273 (11 de maio de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 129-130. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado na elegia “Coroa de perpetuas” (pp. 127-132).

#### Aparato genético

*Título.* Corôa de perpétuas A I | Condemnada B Corôa de perpetuas C [Coroa de perpetuas | Elegia] D

*Subtít.* I | Condemnada! A (Corôa de perpetuas) B I | Condemnada! CD

5. Assim, ditosa, ella passava, AB Assim, ditosa, ella passava C Assim ditosa ella passava, D
6. morte negra a alanceou A Morte negra a alanceou BC morte negra a alanceou, D
8. dôr, que pouco a pouco, A dôr que pouco a pouco BCD
10. garras, ABC garras D
11. desfeito, ABC desfeito D
12. escura, AB escura C escura, D
13. mim, A mim! BCD

## [Coroa de perpetuas – II – Morta!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 112 (abril de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

No final, a seguir à data, aparece a indicação: “(Inédito)”.

B – ADB, Ms. 539, pp. 20, 91. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 20, com ulterior campanha de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da página principal remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vi E)”.

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2273 (11 de maio de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 131-132. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado na elegia “Coroa de perpetuas” (pp. 127-132).

## Aparato genético

*Título.* [Corôa de perpétuas] A Coroa de perpetuas B [Corôa de perpetuas] C [Coroa de perpetuas | Elegia] D

*Subtít.* II | Morta! ABCD

5. findo. Ai! Nunca A findo: Ai! nunca B findo. Ai! nunca CD

8. sombras, A sombras BCD

9. Mas, caso horrivel, que em minh'alma impresso A Mas, caso horrivel, que em minh'alma impresso ΓMas caso horrivel de pavor, que impresso⌈ B Mas, caso horrivel, de pavor, que impresso CD

10. ficará! Na minha atroz cançeira A ficará! Na minha atroz cançeira Γficará na mente, a vida inteira!⌈ B ficará na mente, a vida inteira! C ficará na mente a vida inteira: D

14. Vi A Vi, BCD

*Data.* 9-III-904. A □ BCD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se n' *A Chronica* e na p. 20 Ms. 539; a segunda está documentada na lista de “Emendas” do manuscrito e no texto publicado nas *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 181

## [O seu perfil]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 18, 111. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 18, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas”. No canto superior esquerdo da página principal, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 135”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 630 (30 de novembro de 1902), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

Trata-se de um número dedicado a Zulmira de Melo (vd. *infra* Arquivo documental).

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 135. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffé), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2183 (6 de dezembro de 1902), p. 2.

Trata-se de uma cópia do *Echos da Avenida*.

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 184 (7 de dezembro de 1902), p. 1.

Trata-se de uma cópia do *Echos da Avenida*.

## Aparato genético

*Subtít.* (Zulmira de Mello) A □ BC

1. esculptural, AB esculptural C

2. collocara, A collocara BC

3. Aurora, A Aurora; B Aurora, C

5. Tem a alma divina d’uma rosa ΓTem a alma d’um lirio, d’uma rosa.⌈ A Tem a alma divina d’uma rosa BC

6. pureza. AB pureza: C

*Data.* □ A 1-XI-1902 B □ C

Arquivo documental

Este poema foi originalmente publicado num número que o semanário *Echos da Avenida* dedicou a Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (\*1879 †1964), a jovem discípula de João Penha (vd. *supra* testemunho B). Além do retrato da jovem, acompanhado de um poema da sua lavra, a primeira página do jornal publicou também uma breve apresentação (assinada pelo Conde de Valenças, amigo íntimo de Penha) e ainda um outro artigo sobre a Casa das Agrads, pertencente à família desta poetisa:



D. ZULMIRA DE MELLO

E' privilegio grande ter, no vigor de idade, a belleza que encanta. N'esta epoca, sem chronica nem legenda, isto ainda só de per si é o bastante para acarretar todas as admiracões; mas quando o talento, revê e prolonga a formosura, graça em rimas encantadoras, é este o retrato que deverá ser publicado, e que fica para memoria.

Infelizmente a photographia, a gravura, a zinecographia, e outros processos modernos jámais conseguirão d'cópia verdadeira na imagem desta sr.<sup>a</sup>; tanta luz ha em seus olhos e tanta expressão sonhadora em sua physiognomia. A arte dos typographos, essa tão só poderá, muito de carreira, expressar oscintimento de seus versos, que, nas modalidades da lingua portugueza, com cedo manifestam a madrugadora intelligencia d'esta creança privilegiada, que nasceu nas veigas do Minho, para a melhor affirmacão da sua poesia.

Não somos dos velhos moralistas, que, no dizer de Tacito, só queriam para a mulher o severo elogio: — *foi fidel e fiov lá*. Queremos antes apoechar nos deante do talento, que, de parceria com a formosura, dá a mulher a scentella ideal, consoladora, que vae tornando melhores os homens, os costumes, e, no lar de familia, colloca o palmito rescedente que perfuma a casa.

A sr.<sup>a</sup> D. Zulmira é assim. Nos seus 18 annos, amimada nas tradições da sua gente, airosa na figura, de coracão pensativo, nella se vê, desde agora, a mulher perfeita, que, um dia, ao eleito de sua inclinacão, que a prender a novo lar, levará não só a menina querida, mas a que soube enfeitar seus annos florentes com o *bouquet*, não menos florido de seu enorme talento.

A seus pés deponho todos os re- peitos e a minha admiracão.

CONDE DE VALENÇAS.

AS ROSAS

As rosas, meu encanto, e meu enleio, São as rainhas do florido imperio. Guardam todas, no intimo do seio, Um segredo d'amor e de mysterio.

Como são lindas, como são formosas! São pedacões d'aurora, em miniatura; Umaz vermelhas, de pudór, mimosas; Outras, flocos de neve, a neve pura.

Algumas têm a fôrma incerta e varia, Outras, a mais perfeita symetria; Tal, se exhalta em perfumes, perdulária; Tal, a ninguem o seu odór confia.

Oh rosas! almas puras, vaporosas! Revela-me: em amor serei feliz? Ai! do mim! vós ficas silenciosas! Negro destino essa mudez produz!

Oh! não! serei ditosa como poucas! Tocrei da ventura a ideal, a meta! Fugi, abandone-me, ideas loucas! Rosas me lança um delicado poeta!

8 — XI — 1902

ZULMIRA DE MELLO.

O SEU PERFIL

Sob uma fôrma escultural, que entoura Entre as deusas do Olympo a collocara, Ao pé de Psyche ou da risosa Aurora; Tão bella como um Phidias a sonhara,

Tem a alma divina d'uma rosa Em toda a sua mystica pareza. Musa e poetisa, angelica e piedosa, E' a Graça triumphal da natureza.

1 — XI — 1902

JOÃO PENHA.

O SOLAR DAS AGRAS

D. ZULMIRA DE MELLO

A nossa gravura representa o solar das Agrads, sumptuoso edificio moderno, construido no antigo couto de Fonte-Arcada, em Lanhoso, por José Joaquim de Ferreira de Mello Freire de Andrade, avô da illustre poetisa D. Zulmira de Mello, de quem hoje publicamos o retrato, e cujo ascendencia é das mais nobres e antigas d'estes reinos. D. Soeiro Raymundo, rico-homem, e um dos fidalgos mais valorosos da corte de D. Sancho 1.<sup>o</sup>, acompanhando Ricardo 1.<sup>o</sup>, Coração de Leão, rei de Inglaterra, Frederico Barbaroxa, imperador da Allemanha, e Philippe Augusto, rei de França, na sua cruzada em conquista da Terra Santa, então occupada pelo sultão de Egypto, Saladino, fez ahí prodigios de tal valor, que lhe mereceram da parte do primeiro d'aquelles reis, celebres na historia e na lenda, o epitheto de «bravo dos bravos». Depois de nota taveis faganhas, obras na expugnacão de Chipre, deu um assalto a Jerusalem, por aquella parte do muro ou torre chamada Mello (de que faz menção o Velho Testamento no Paralipomno, Liv. III, cap. xxxii) assalto em que lhe succedeo bem, chegando elle proprio a hantejar n'aquella torre a bandeira dos cruzados, com assombro de todos, feis, e infieis, sendo então que o Coração de Leão, abraçando o, lhe deu aquelle epitheto. Foi depois d'essa proeza que elle adquiriu o nome de Mello, e de volta a Portugal, achando lugar apropriado ao seu intento, o povoou, em 1204, com o nome de quinta, a que poz o seu nome, povoação que depois foi elevada a villa por el-rei D. Affonso v. Ahí foi o solar dos Mellos, de que descendem os condes d'este nome, os Cadavaes, os Sabugosas, os condes de Villa Real, e outras illustres familias. De não menos antiga linhagem são os Ferreriras, sendo o primeiro que usou d'este nome historico Rutez Feres, bisneto de Fernão Javemias, um dos fidalgos que vieram a Portugal com a rainha D. Tereza, mãe de D. Affonso Henriquez, sendo ella quem, pelos annos de 1126, mandara povoar a Villa de Ferreira das Aves, onde foi o solar d'esta familia.

A origem historica dos Ferreres de Andrade, descendentes dos condes de Transmara e Trava, é ainda mais nobre e antiga. D. João I de Portugal era filho d'uma Freire d'Andrade; d'olles costumavam dizer os reis: «Não sabemos se descendemos d'elles ou se são elles que descendem de nós». Da reunião de representantes directos d'estas nobilissimas familias se formou uma nova estirpe, em tempos antigos, cujo penultimo representante foi aquelle avô da nossa photographada D. Zulmira de Mello; o actual primogenito é o excellentissimo Alvaro de Ferreira de Mello Freire de Andrade.

As suas armas, que encimam o portico principal do palacio, são: escudo partido em pala: na primeira, as armas dos Ferreriras: em campo vermelho quatro fachas d'ouro; na segunda, as armas dos Mellos: em campo aminguinhos seis besantes de prata entre uma cruz dobre e bordaduras d'ouro.

Elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro; paquie de metaes e côr das armas: timbre dos Ferreriras, que é uma fêna da sua côr, com uma ferradura d'ouro no bico. Por differença, uma brica de prata com um trifolho verde.

Não damos maior desenvolvimento a esta materia, não só porque estes estudos historico-geneologicos já não estão infelizmente em moda, mas tambem porque longas paginas nos seriam necessarias para lavarmos a cabeça o *tem-genitiu* authentico d'esta illustre familia. O avô da deliciosa poetiza era um espirito lucido, d'uma vasta illustracão, a quem Camillo Castello-Branco tinha na mais alta consideracão, como pôde ver-se das cartas que lhe dirigiu e que foram publicadas na *Chronica*, importante revista d'esta cidade. Viu que os tempos d'agora já não podiam tornar a ser os dos seculos idos, o que quem, contra as leis naturaes das avoções, quizesse sustentar ideas velhas e obsoletas, o mesmo effeito produziria que se se apresentasse em publico, não de chapen alto, mas de morrião na cabeça.

Por isso, e apesar da sua historica prosapia, abraçou com enthusiasmo as ideas liberas, e no posto de alferes, denodadamente batalhou nas fileiras do exercito de D. Pedro. Foi depois d'isso que se entregou aos estudos para que se inclinava o seu espirito: aos da botanica e de outras sciencias, e aos das bellas artes: a poesia, a pintura, e a architectura. Foi elle mesmo quem delineou, desenhou e levantou a planta do palacio representado na gravura; quem dirigiu todos os trabalhos, incluindo os ornamentos, ensinando os proprios artistas e operarios, muitos dos quaes ahí envelhecaram. A gravura só representa todo o solar: faltam ahí o elegante castello, de granito branco, e o sumptuoso parque, onde o illustre fidalgo reunio, n'um conjuncto maravilhoso, arvores, algumas colossas, e flores, que mandara vir das regiões mais distantes do mundo. A nossa gentil photographada é um exemplo vivo da theoria do atavismo. Como aquelle seu avô, adora tudo que seja bello: todas as ardes e sobretudo a da poesia que tão distinctamente professa; o seu jardim, nos suburbios da cidade dos arcebispos, é um gracioso e poetico recanto, onde ella cultivava, com os cuidados de irmã, as mais raras e preciosas flores; e, romantica ainda em meio d'esta horrivel proza, que nos cerca, frocos, aspirando talvez, a roca e o fuso de marfim das damas e castells suas antepassadas, pela delicada penna com que, escrevendo, nos revela a sua alma, e nos commove.



O SOLAR DAS AGRAS

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 52 (novembro de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 540, p. 56. Vd. descrição no n.º 128.

Ao final da página, João Penha acrescentou a seguinte nota: “(Zulmirita é D. Zulmira de Mello)”. No canto superior esquerdo, é ainda possível encontrar a indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 137”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 137-138. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

*Subtít.* (Inédito) A □ BC

2. cantando, móra. A cantando móra. B cantando, mora. C

4. pintada! A pintada. BC

5. ballada, AB ballada C

6. Das boas lendas medievaes d’outrora: A Dos bons tempos medievaes d’outrora. BC

7. devora, A devora B devora, C

8. amar A amar, B amar C

9. doido sonhador, A louco sonhador B louco sonhador, C

13. Não quero que me fuja!» E, A «Não quero que me fuja.» E, B Não quero que me fuja.» E C

14. Zulmirita! AB Zulmirita. C

*Data.* 5-XI-1901 A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se n’ *A Chronica*; a segunda está documentada, com pequenas variantes, no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 57 (janeiro de 1902), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se de um número dedicado a Zulmira de Melo (vd. *infra* Arquivo documental I).

B – ADB, Ms. 540, p. 57. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou um sinal de aspas, indicando que ao poema se aplica a mesma nota da página anterior: a visada é D. Zulmira de Melo. No canto superior esquerdo, é ainda possível encontrar a indicação apógrafa: “N.º Rimas 139”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 139-140. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 328-331) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

*Subttt.* (Inédito) A □ BC

1. primavera A primavera, B primavera C
2. fada, A fada B fada, C
3. esquiva, A esquiva BC
4. chimera: A chimera. B chimera, C
6. insensitiva. AB insensitiva; C
7. pensativa, A pensativa; B pensativa, C
8. transformada, austera. A subjugada, austera; BC
14. fadas! A fadas... BC

*Data.* 6-XII-901. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se n’ *A Chronica*; a segunda corresponde ao Ms. 540 e ao livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

I. Este poema foi originalmente publicado num número que *A Chronica* dedicou a Zulmira de Melo (\*1879 †1964), a discípula amada de João Penha (vd. *supra* testemunho A). Além do inédito, João Penha fez também publicar na revista um texto de apresentação à jovem, acompanhado do seu retrato. A este propósito, veja-se o texto editado no n.º 759 e respetivo Arquivo documental.

II. Mais tarde, a versão publicada nas *Novas Rimas* (vd. *supra* testemunho C) viria acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 328-331):

#### *A fada*

*N'esta, como em algumas outras poesias, que com ella têm uma tal ou qual relação, mais ou menos remota, ha phrases obscuras que precisam de explicação. O poeta é um caçador de impressões, que anda em procura d'ellas, como os caçadores propriamente ditos andam em procura de perdizes e de gallinholas. Ora, andando eu n'esse poetico labôr pelas regiões do sonho e da realidade, vi n'uma revista, em tempos não distantes, firmado pelo rescendente pseudonymo Alecrim do Norte, este delicado soneto, que fazia lembrar o do poeta d'Arvers:*

*A branca violeta, a flôr modesta,  
Que se debruça á margem da corrente,  
Ás caricias da briza indifferente,  
Não sonha amores no calor da sesta.*

*Que a pobresinha amasse, nada o attesta.  
Sentia a viração; mas, indolente,  
Gostava de rever, no transparente  
Crystal da lympha, a sua face mesta.*

*Um dia viu porém irradiar  
Uma estrêlla de mágico fulgor,  
E a pobresinha então n'um vago ancian,*

*Sentiu su'alma prêsa, e agora a flor  
A si mesma pergunta a suspirar:  
«Eu amo-a e saberá do meu amor?»*

*E, um pouco mais tarde, este, ainda mais poeticamente perfumado:*

*Se eu tivesse o poder que têm as fadas,  
E a classica varinha de condão,  
Tocava esse teu frio coração,  
Mudando em chamma as cinzas apagadas.*

*Revestia mil fôrmas encantadas,  
 Accendia em teu peito uma paixão  
 Mais ardente que a lava d'um vulcão,  
 Se eu tivesse o poder que têm as fadas.*

*Mas, ai! eu não sou fada, nem rainha,  
 Nem tenho aquella mágica varinha  
 Que architecta palacios de diamante,*

*Mas em tróca hei-de amar-te eternamente,  
 Que és o meu sonho, o meu pensar constante,  
 E eu vivo para ti, amor, sómente.*

*Quem será, pensava eu, esta ignota poetiza que firma, com um pseudonymo, versos que poderiam ser firmados por qualquer dos nossos grandes poetas? Quem será o ente mysterioso a quem ella dirige tão commoventes queixumes? Será a uma chimera, será a uma realidade?*

*Em mim, – continuava eu a pensar, – ha realmente cinzas apagadas, embora com bastantes brasas no seu interior; por que os não tomarei eu como dirigidos á minha pessoa? Não me serão elles uma fonte preciosa e limpida de thêmas para os meus cantares, que muitos, que amam as paixões fortes e o chôro em altos gritos, acham pobres de sentimento? Mas, – continuava eu ainda – não será isso uma deploravel inconveniencia, talvez ridicula, uma profanação?*

*Andava eu nestas hesitações, quando uma joven escriptora, cujo nome, altamente distincto, já é conhecido no mundo das letras, D. Zulmira de Mello, se me dirigiu n'uma preciosa missiva, em que, com adoravel simplicidade de creança, me perguntava «se devia continuar» e se, no caso affirmativo, lhe quereria dar o prazer de a dirigir pelas sendas escabrosas do mundo da arte.*

*Inutil seria dizer qual foi a minha resposta: foi um sim enthusiastico e sincero, sobretudo porque desde logo vim no conhecimento de que Alecrim do Norte, a autora d'aquelles pequeninos poemas, era ella mesma.*

*O meu systema de pôr em pratica o que aprendi, e de ensinar (embora me não julgue mestre em sciencia, arte ou officio algum) isso que aprendi, é extremamente simples: faço como aprendi nos mestres, e ensino o que nos mestres aprendi. Aquelles poemas serviram-me de thêma para as primeiras lições, e tão proveitosas foram ellas á minha adoravel discipula que, desvanecido, não hesito em affirmar que, se pelas raras qualidades da sua alma, encantos pessoaes e hierarchia, é uma das jovens mais distinctas na nossa sociedade aristocratica, é, indubitavelmente, pela sua admiravel intelligencia, e pelo seu talento, a mais commovida, e a mais commovente das nossas escriptoras.*

## [O leão amoroso]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 16, 111. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 16, com ulteriores campanhas de revisão na p. 111. O canto inferior esquerdo da p. 16 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 141”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 80 (dezembro de 1902), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 141-142. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

1. mim, quasi devasso, Γ[mim,] pobre devasso. Γ Γ mim, já quasi lasso, Γ Γ  
A mim, já quasi lasso, BC
2. amar, A amar B amar, C
5. espaço A espaço, BC
6. Só via na mulher a minha escrava. ΓO punho, como Ajax, aos ceus mostrava. Γ  
A O punho, como Ajax, aos ceus mostrava. B O punho, como Ajax, aos ceus  
mostrava: C
7. «Tenho, dizia a quem me interrogava, A «Tenho (dizia a quem me interrogava) BC
8. Contra as settas ΓContra os dardos Γ A Contra os dardos BC
10. Prende um leão aos fios d’uma trança, ΓAmarra [um leão aos fios d’uma  
trança,] Γ ΓPrende um jaguar [aos fios d’uma trança,] Γ Γ A Prende um  
jaguar aos fios d’uma trança! B Prende um jaguar aos fios d’uma trança, C
11. um santo n’um leão amavel! Γum velho n’um rapaz amavel. | Ou: | um sabio  
n’um janota amavel. Γ Γum santo n’um D. João amavel. Γ Γ Γ Γ[um santo]  
n’um Tenorio amavel. Γ Γ Γ A um santo n’um Tenorio amavel! BC  
*Em A, a primeira campanha de revisão apresenta duas variantes alternativas.  
A dubitação aparece expressa através da conjunção ou.*
14. um olhar d’uma A os olhares d’uma BC

*Data.* □ A 14-X-02. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 31, 112, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 31, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 112 e 113. O canto inferior esquerdo da p. 31 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 143”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 143-144. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 71.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- *Gazeta Literária: Número Especial, nos Cento e Vinte e Cinco Anos da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto*. Porto: AJHLP, 2007. N.º 1 (julho de 2007), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com o título “A musa que ri”.

## Aparato genético

1. sem verter um pranto, Γsem amargo pranto,Γ A sem amargo pranto, B
5. Nem aos povos do mundo cause ΓNem aquelles que me amam, causeΓ A  
Nem áquelles que me amam cause B
6. phase, A phase B
8. Eu, de bohemio, me transforme em santo! ΓEu, de Tenorio, me transforme  
em santo.Γ A Eu, de Tenorio, me me transforme em santo! B
9. fizeste! A fizeste: B
10. alegria eil-o defunto: A alegria, eil-o defunto; B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se na p. 31 do Ms. 541; a segunda está documentada na lista de “Emendas” do manuscrito e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 186

## [O retrato]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 40 (10 de agosto de 1902), p. 247. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 541, p. 8. Vd. descrição no n.º 131.

Ao final da página, João Penha acrescentou a seguinte nota: “(Z. Zulmira de Mello)”. No canto superior esquerdo, é ainda possível encontrar a indicação apógrafa: “N.ªs R.ªs pg 145”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 143-144. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

*Subtít.* (Z.) A (Z) B □ C

2. artista, A artista B artista, C

9. «é o d’uma fada» A «É o d’uma fada»; BC

10. «é o d’uma houri» A «É d’uma houri»; B «É o d’uma houri»; C

11. «é A «É BC

12. face eu nunca A face nunca BC

13. Mas A Mas, BC

14. ti...» AB ti.» C

*Data.* 25-VII-02. A □ BC

## Arquivo documental

Este poema foi originalmente dedicado a Zulmira de Melo (\*1879 †1964), a discípula amada de João Penha (vd. *supra* testemunhos A e B). Isso mesmo confessa o poeta, em carta enviada a Alberto de Madureira. A missiva em causa encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 546<sup>maço 12</sup>, f. 35. Trata-se de um meio bifólio de papel pautado (11,5 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados (f. 35r-35v) a tinta preta e onde se lê:

*Caro Madureira*

*O título é por enquanto provisório: Vinhetas e Aguarellas. Parece-me um pouco rococó.*

*Não convem dizer que os Grandellas e Companhia são os editores, porque o contrato ainda não está fechado, e podem apparecer outros em melhores condições, – do que, no entanto, duvido. Quero ver se faço também uma nova edição das Rimas. Se quizer algum n.º da homenagem, ainda cá tenho um unico. Leu o meu soneto: Retrato, que sahii no ultimo Passatempo? É a D. Zulmira. Ella gostou muito.*

*Carta do Conde ainda não recebi. Não estará elle em Lisboa? É necessario averiguar esta circumstancia. Elle não é prompto em responder.*

*Abraça-o.*

*O seu*

*J. Penha*

## [Amorosa abstracção]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São cinco os testemunhos considerados: um manuscrito e quatro impressos:

A – ADB, Ms. 539, p. 14. Vd. descrição no n.º 137.

Ao final da página, João Penha acrescentou a seguinte nota: “(A Zulmira de Mello)”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 693 (14 de fevereiro de 1904), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

Este testemunho encontra-se afetado por gralhas tipográficas, depois corrigidas no n.º 695 do mesmo jornal (vd. *infra* Arquivo documental).

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2262 (27 de fevereiro de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

D – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 695 (28 de fevereiro de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 128.

Este testemunho corrige o inédito que o mesmo jornal publicara com deturpações, no n.º 693 (vd. *infra* Arquivo documental).

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 147-148. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 24 de abril de 1904, p. 1. Trata-se de uma cópia dos *Echos da Avenida*.
- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 826 (1 de fevereiro de 1911), p. 1. Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

### Aparato genético

*Título.* Envoi. A N'um bilhete postal illustrado B Amorosa abstracção C N'um bilhete postal illustrado D Amorosa abstracção E

*Subttit.* (Num postal illustra) [↓ (Amorosa abstracção).] A Inedito B □ C Inedito D □ E

1. Branca, da côr do A Branca, da côr de B Branca, da côr do CD Musa, da côr do E

*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

2. Musa d'amor, minha dama, ABCD Que nenhuma excede em fama, E

6. E ABC E, D E E

8. desagrado. A desagrado! BCDE

9. E ABC E, D E E

10. Que lês A Tu lês B Que lês CDE

*Em B, a variante resulta de erro tipográfico.*

*Data.* □ A 7-II-904. B □ C 7-II-904. D □ E

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se documentada no Ms. 539, no *Echos da Avenida* e n.º *A Correspondencia do Norte*; a segunda corresponde ao livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

### Arquivo documental

I. Este poema foi originalmente oferecido a Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (\*1879 †1964), a discípula amada de João Penha (vd. *supra* testemunho A). A este propósito, vd. também o Arquivo documental, no Aparato Crítico do n.º 183.

II. Este poema saiu inicialmente deturpado por gralhas tipográficas, no n.º 693 do jornal *Echos da Avenida* (vd. *supra* testemunho B). João Penha, no entanto, fê-lo reproduzir corretamente no n.º 2262 d' *A Correspondencia do Norte* (vd. *supra* testemunho C), antes mesmo de o *Echos da Avenida* retificar a publicação. Esta aparece no n.º 695 (vd. *supra* testemunho D), onde se lê a seguinte advertência, à p. 2:

#### *Rectificação*

*Por ter sahido lamentavelmente deturpada da revisão typographica, reproduzimos hoje a pequenina, mas finissima joia litteraria que em o nosso penultimo numero publicáramos, firmada por João Penha.*

*Ao auctor d'esse delicadissimo madrigal e nosso insigne collaborador pedimos vivamente desculpa da contrariedade que soffreu e que pode crer, não o maguou mais a elle do que a nós proprios.*

*Mas – está dito e repetido á saciedade – não ha maneira absolutamente efficaz de evitar estas desagradaveis semsaborias, que só desconhece quem nunca lidou neste ingrato mister de revisão de um jornal, feita, de ordinario, á ultima hora e sujeita, por via de regra, ás mais imprevistas contingencias.*

*Seguem os versos.*

188

[Menor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 63 (10 de agosto de 1903), p. 239. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 541, p. 68. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, é possível encontrar a indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 149”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 149-150. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

1. morenas, A morenas B morenas, C
  6. piedade: A piedade, B piedade: C
  7. – «Serei A «Serei BC
  8. «Deixa por mim as áridas camênas.» A «Deixa por mim as áridas Camenas.»  
B Deixa, por mim, as áridas Camênas.» C
  13. pessoa: AB pessoa; C
- Data.* 26-7-03. A □ BC

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 50 (outubro de 1901), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

Este poema aparece integrado no conjunto “Recordações”, escrito em parceria com Zulmira de Melo (vd. infra Arquivo documental).

B – ADB, Ms. 540, p. 54. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a advertência “Particular”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “Inédito”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 151-152. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 132 (1 de novembro de 1901), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

## Aparato genético

*Título.* I | Na vespera A Na vespera B Adeus C

*Dedic.* □ A A Zulmira de Mello B □ C

5. paterno! A paterno. BC

6. Nós... AB Nós, C

13. lethaes. A lethaes! B lethaes. C

14. menos, AB menos C

17. Á beira-mar, a dar ais... AB Á beira-mar a dar ais. C

*Data.* 28-IX-1901 A □ BC

### Arquivo documental

Este poema foi originalmente publicado n' *A Chronica* (vd. *supra* testemunho A), fazendo parte de um conjunto intitulado “Recordações”. A primeira parte (com o título “Na vespera”) era assinada por João Penha, seguindo-se a resposta “Depois”, de Zulmira de Melo:

#### II

#### DEPOIS

*Manhãs á beira-mar, de mago encanto,  
Oh! que immensa saudade!  
Eis-vos desfeitas em amargo pranto  
Na minha soledade!*

*Nesse dia fatal, n'aquelle dia,  
Nem eu sei se senti  
Mais a dôr de deixar-te, se a alegria  
De te rever ali!*

*Depois... voava a machina maldita!  
Deixava os meus ideaes!  
Pois não ouviste como o monstro em grita  
Interpretou meus ais?*

*Manhãs á beira-mar, de mago encanto,  
Oh! que immensa saudade!  
Eis-vos desfeitas em amargo pranto  
Na minha soledade!*

2-X-1901.

*Zulmira de Mello.*

## 190

[A fada branca – I – Eu tenho uma doce amante,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 58-59. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo da p. 58, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.ºs Rimas 153”.

B – *Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.ºs 63-64 (abril de 1902), pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se do número especial que *A Chronica* dedicou a João Penha.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 153-154. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano V (1903), p. 133.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.
- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 1 (1 de setembro de 1910), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* (a Z.) A □ BC

2. fada: AB fada, C

9. formosura, AB formosura C

10. ha. A ha; B ha, C

11. Mas, A Mas BC

14. açucena: A açucena; BC

17. calma AB calma, C

18. apaga: A apaga; B apaga: C

19. por um, AB por mim, C

20. Que, por um, ficou bem paga. A Que por um ficou bem paga. B Que, por um, ficou bem paga. C

[A fada branca – II – Flammarion que o ceu radioso]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 59-60. Vd. descrição no n.º 128.

B – *Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.ºs 63-64 (abril de 1902), p. 16. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se do número especial que *A Chronica* dedicou a João Penha.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 155-156. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano V (1903), p. 133.

Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 1 (1 de setembro de 1910), p. 2.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

Aparato genético

8. grandeza.» A grandeza!» B grandeza.» C
10. mora A móra, BC
15. bandidos A bandidos, B bandidos C
18. amadas, A amadas B amadas, C

## [A fada branca – III – Um dia, em que d’uma lancha]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 60-61. Vd. descrição no n.º 128.

B – *Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.ºs 63-64 (abril de 1902), p. 16. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se do número especial que *A Chronica* dedicou a João Penha.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 156-157. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano V (1903), p. 133.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.
- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 1 (1 de setembro de 1910), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

7. compridos, A compridos BC
8. esconda! AB esconda. C
9. madeixa A madeixa, BC
10. voto, A voto BC
11. capella A capella, BC
16. attrahe. A attrae! B attrahe. C

## [A fada branca – IV – Ella é sonhadora, e quando]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 61-62. Vd. descrição no n.º 128.

O poema culmina com um último fragmento, intitulado “Postea” (vd. *infra* Arquivo documental).

B – *Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha* (red. Luiz da Silva). N.ºs 63-64 (abril de 1902), p. 16. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se do número especial que *A Chronica* dedicou a João Penha.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 158-159. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano V (1903), p. 133.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.
- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 1 (1 de setembro de 1910), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

2.   trovar A trovar, BC  
10.   rosas, AB rosas C  
13.   ouviu-as, AB ouviu-as C  
18.   fada: AB fada, C  
19.   nella a cada instante AB n’ella, a cada instante, C  
*Data.* 1-1-1902. AB □ C

**Arquivo documental**

Em A (vd. *supra* Notícia dos testemunhos), o poema “A fada branca” culmina com um último fragmento, intitulado “Postea”. No final da quadra, todavia, o poeta anotou a seguinte advertência : «Não se publicou, nem publicará. Fica sem efeito».

O fragmento em causa aparece registado na p. 63 do Ms. 540 (vd. descrição no n.º 128) e reza o seguinte:

*Postea*

*Assim eu dizia ha pouco  
Mas foi sonho que passou.  
Puz-lhe umas azas, que louco!  
Viu-se com azas, voou...*

14-1-1902

## [Almira e Josino – I – Mudos da selva os cantores.]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 68 (junho de 1902), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

O poema aparece dividido em dois fragmentos: a primeira quadra, intitulada *Josino*, aparece atribuída a Almira; as restantes intitulam-se *Almira* e estão assinadas por Josino.

B – ADB, Ms. 540, pp. 78-79. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece dividido em dois fragmentos: a primeira quadra, intitulada *Josino*, aparece atribuída a Almira; as restantes intitulam-se *Almira* e não apresentam assinatura no final.

No canto superior esquerdo da p. 78, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 161”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 161-162. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece dividido em dois fragmentos: a primeira quadra, intitulada *Almira*, aparece em itálico; as restantes intitulam-se *Josino* e vêm em corpo normal.

Aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 331-332) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

*Título.* □ AB Almira e Josino | Bucolica C

*Subtít.* Josino | (Inédito) A Josino B I | Almira C

1. Mudos na selva os cantores. A Mudos da selva os cantores. B /Mudos na selva os cantores. *itálico* / C
2. Além, um roble estremece; AB /Além, um roble estremece; *itálico* / C
3. Movem-se no campo as flôres: AB / Movem-se no campo as flôres: *itálico* / C
4. É Josino que aparece! A É Josino que aparece... B /É Josino que aparece... *itálico* / C

*Em A e B, esta quadra aparece separada das restantes, através da assinatura de Almira, ao final do v. 4. Em C, a separação é assinalada através do itálico, empregado apenas nos quatro primeiros versos.*

*Data.* 4-V-02. A □ BC

*Assinat.* Almira AB □ C

*Subtít.* Almira | (Inédito) A Almira B Josino C

5. subito, A subito BC

6. E, de mêdo, esconde a lyra, A E de mêdo esconde a lyra B E de mêdo esconde a lyra, C

7. adora: AB adora, C

9. zagala, A zagala BC

12. Não ha outra mais gentil! A Outra não ha mais gentil. BC

14. Mas AB Mas, C

16. calâmos!» AB calamos.» C

*Data.* -02- A □ BC

## [Almira e Josino – II – Josino, o pastor galante,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 70 (julho de 1902), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 130.

O poema aparece dividido em três fragmentos: as primeiras três quadras (intituladas *Josino*) aparecem atribuídas a Almira; as quadras 4-7 (intituladas *Josino*) estão atribuídas a Cydalisa e as quatro últimas estrofes (intituladas *Cydalisa*) encontram-se assinadas por Josino.

B – ADB, Ms. 541, pp. 3-6. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece dividido em três fragmentos: as primeiras três quadras (intituladas *Josino*) aparecem atribuídas a Almira; as quadras 4-7 (intituladas *Josino*) estão atribuídas a Cydalisa e as quatro últimas estrofes (intituladas *Cydalisa*) encontram-se assinadas por Josino. No final das pp. 3 e 4, o autor acrescentou as seguintes notas para os pseudónimos empregados: «Almira: Zulmira de Mello. Josino: J. Penha» e «Cydalisa: J. P. – Cydalisa: Annita de Valladares». Junto a cada fragmento, podem ainda ler-se as seguintes indicações apógrafas: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> pag 162”, “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> pag 163” e “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> – pag 164”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 162-165. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece dividido em três fragmentos: as primeiras três quadras (intituladas *Almira*), que aparecem em itálico; as quadras 4-7 (intituladas *Cydalisa*) e por fim as quatro últimas estrofes (intituladas *Josino*), em corpo normal.

Aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 331-332) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

*Título.* Na Arcadia A (Torneio arcadico) B [Almira e Josino | Bucolica] C

*Subtít.* Josino AB II | Almira C

1. Josino, o pastor galante, AB /Josino, o pastor galante, *itálico*/ C
2. Tange a cithara com brio: A Tange a cithara com brio B /Tange a cithara com brio, *itálico*/ C
3. Treme a rocha, vacillante; A Treme a rocha, vacillante, B /Treme a rocha, vacillante, *itálico*/ C

4. Suspende as aguas o rio. **AB** /Suspende as aguas o rio. *itálico* / **C**
5. Em lugar de cordeirinhos **AB** /Em lugar de cordeirinhos *itálico* / **C**
6. Anda lobos a guardar: **AB** / Anda lobos a guardar: *itálico* / **C**
7. Ficam mansos nos maninhos **AB** /Ficam mansos nos caminhos, *itálico* / **C**
8. Ao ouvirem seu trovar! **A** Ao ouvirem seu trovar. **B** /Ao ouvirem seu trovar. *itálico* / **C**
9. Oh! salvé, rei da harmonia! **A** Oh! salvé, rei da harmonia **B** /Oh! salve, rei da harmonia, *itálico* / **C**
10. Gloria a ti, moderno Orpheu! **AB** /Gloria a ti, moderno Orpheu; *itálico* / **C**
11. Escuta a voz da poesia: **A** Escuta a voz da poesia **B** /Escuta a voz da poesia, *itálico* / **C**
12. Pois quem te adora sou eu... **AB** /Pois quem te adora sou eu. *itálico* / **C**

*Data.* 26-VI-02. **A** □ **BC**

*Assinat.* Almira **AB** □ **C**

*Em A e B, as três quadras iniciais aparecem separadas das seguintes, através da assinatura de Almira. Em C, a separação é assinalada através do itálico, empregado apenas nas três estrofes iniciais.*

*Subtt.* Josino**AB** Cydalisa **C**

18. Menalcas prendeu. **A** Menalcas perdeu; **BC**
22. abutre! **A** abutre: **BC**
23. fera, **A** fera: **B** fera, **C**
24. nutre! **A** nutre. **BC**
26. teu: **A** teu; **B** teu: **C**
27. Josino; **A** Josino, **BC**
28. eu... **A** eu. **BC**

*Data.* 27-VI-02. **A** □ **BC**

*Assinat.* Cydalisa **AB** □ **C**

*Em A e B, as estrofes 4-7 aparecem separadas das seguintes, através da assinatura de Cydalisa.*

*Subtt.* Cydalisa **AB** Josino **C**

29. outrora, **AB** outrora **C**
31. aurora: **AB** Aurora: **C**
34. Mais deleitosa, mais fresca, **A** Mais aprazível, mais fresca; **B** Mais agradável, mais fresca, **C**
36. romanesca: **A** romanesca, **B** romanesca: **C**
38. zomba; **A** zomba, **BC**
41. procura **A** Procura **BC**
44. eu... **AB** eu. **C**

*Data.* 28-VI-02. **A** □ **BC**

*Assinat.* Josino. **AB** □ **C**

## Arquivo documental

I. Este poema inscreve-se numa série de composições de inspiração arcádica, que João Penha engendrou sob o pseudónimo Josino (vid. *infra* poemas editados nos n.ºs 282 e 297). O poema n.º 191, em particular, resulta de uma parceria entre o poeta bracarense e sua discípula, Zulmira de Melo (\*1879 †1964), conforme publicado n' *A Chronica*, em 1902. Os fragmentos atribuídos a Almira deverão ser de Zulmira de Melo (vindo por isso em itálico), enquanto João Penha estará por trás dos fragmentos atribuídos a Josino e Cydalisa (pseudónimo da jovem poetisa Ana Emília de Valadares Leite Pereira de Abreu e Sousa, que foi também amiga íntima de D.<sup>a</sup> Zulmira – vd. *supra* testemunho B).

II. A versão publicada nas *Novas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 331-332):

*Josino – Almira*

*Ficam sempre de pé as obras primas d'uma litteratura, embora, em virtude de novas evoluções, as litteraturas que lhe succedem sigam outro rumo. O ceci tuera cela não lhes é applicavel. Mesmo quanto á materia sobre que ellas se exercem, não ha, nem pode haver, uma mudança absoluta, visto as paixões humanas serem sempre as mesmas. O que realmente muda é a fôrma da revelação, e, por vezes, o modo de encarar os sentimentos, de ver as cousas, – mas, apesar d'isso, o que era bello não perdeu a sua belleza pelo decorrer dos tempos: o que é bello é de todas as edades. Se porventura um poeta de agora escrevesse a Illiada, esse poema não teria o mesmo valor que todos os seculos lhe têm attribuido, – porque hoje ninguem escreve assim, ou por essa fôrma? Se um artista pintasse agora a Transfiguração, deixaria esse quadro de ser a obra prima, que todos conhecem, porque o systema de pintar moderno, e o methodo de combinar e applicar as côres são diversos dos do tempo de Raphael d'Urbino?*

*Posso afirmar que não; e d'aqui vem que nenhum crime de lesa-arte haverá se alguns poetas, imaginando-se em pleno seculo XVIII, compozerem eclogas e idyllios, como os Filintos, os Corydons e os Elpinos os compunham e dedicavam ás suas Marcias, Philamintas e Daphnes.*

*Por que pôr totalmente de parte as maravilhosas ficções de Grecia e Roma?*

*Foi, levados por estas talvez erróneas mas innocentes ideas, que Josino, conhecem? Almira, e outros poetas e poetizas, resolveram transportar-se á antiga Hellade, para ahi se entregarem, á sombra dos vírdes platanos, que rumorejam nas margens do Achelôo, a um alterno poetar de amores, e assim o fizeram.*

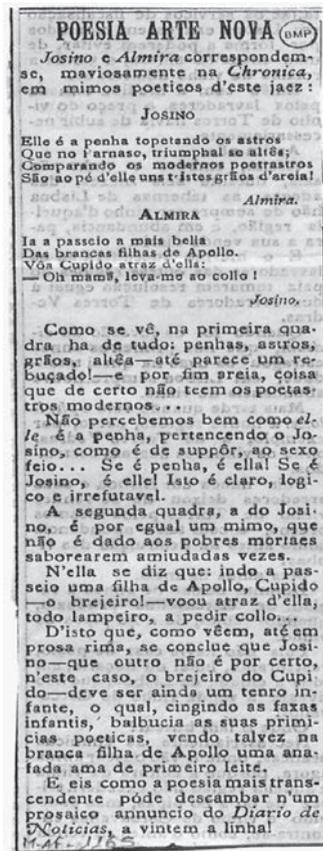
*Mal tinham, porém, iniciado os seus poeticos debates, quando uma voz estranha que, se fosse mais sonora, poderia ser a do Padre José Agostinho de Macedo, burro, segundo Bocage, que Apollo poderia ter admittido no Pindo, poz em fuga, por enojadas, Almira e as outras pastoras.*

*De quem seria essa voz orni-soante? É o que desde logo o pastor Josino tratou de indagar, – e tendo averiguado que era a d'um dos da fúfia bordalenga, lançou ao Achelôo a tibia pastoril; tirou o surrão; desceu quatro a quatro os degraus do seculo*

XVIII; envergou o veston; collocou no ôlho direito o monoculo dos tempos modernos, e deixando as maviosidades dos seculos d'ouros pelos rudes e prosaicos dizeres das musas de hoje em dia, apostrophou-o em versos que não me apraz transcrever aqui.

O satyro cornífero desapareceu por entre as brenhas, fugit sub umbras, mas as delicadas pastoras não mais quizeram voltar ao solitario Pindo.

III. Efetivamente, a primeira publicação destes versos n' *A Chronica* suscitou o seguinte artigo, nas páginas do jornal lisboeta *Tempo* (n.º 750, 8 de junho de 1902, p. 2):



Logo em seguida, João Penha escreve a Antero de Figueiredo, sondando o amigo acerca do autor de tal provocação. A missiva em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1164(2). Trata-se de um bifólio de papel pautado (22,2 x 17,9 cm), escrito de ambos os lados (f. 1r-1v) a tinta preta e onde se lê:

*Meu caro Anthero*

*Vae agora uma incumbencia – absolutamente secreta. O meu amigo foi diplomata e pode por isso desempenhar-se cabalmente da sobredita incumbencia.*

*É ella indagar quem é a individualidade que, no Tempo escreve umas cousas sob o titulo Arte Nova, ou, se não é sempre o mesmo, quem foi o quidam que no n.º de domingo passado, 8, – ali escreveu umas facecias lorpas a respeito de umas quadras de Josino (o meu nome de arcade) e de Almira, o de D. Zulmira de Mello, a branca pastora.*

*Muito segrêdo sobre isto, muita diplomacia.*

*Abraça-o fraternalmente o*

*Se do coração*

*14-VI-1902.*

*J. Penha*

A resposta encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 551, 12-13. Trata-se de um bifólio de papel pardo (medindo 22,7 x 17,8 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta (f. 12r-13r) e onde se lê:

*Lisboa, 16 de Junho, 902*

*Meu caro amigo*

*O homensinho do “Tempo” não é ninguém: é um d’estes “reporteres” de 5.ª ordem que vivem do bilhete de teatro que o jornal, uma vez por outra, lhes cede. Qualquer referencia sua enche-o-hia de vaidade. Deixe ficar na sombra quem não merece sahir d’ella.*

*Siga um conselho d’amigo velho: não gaste uma só sylaba com o rapazinho. De resto, o “Tempo” é jornal que ninguém lê.*

*Um abraço e mande sempre o seu amigo obrigado:*

*Anthero de Figueiredo*

*P.S. Antes d’hontem recebi a sua carta de 13. Muito e muito agradecido pelas suas boas palavras.*

*Esta casa continua às ordens.*

*Seu:*

*Anthero*

A este propósito, vd. ainda o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do n.º 759.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 13, 111. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 13, com ulterior campanha de revisão na p. 111. O canto inferior esquerdo da p. 13 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 67”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 43 (25 de setembro de 1902), p. 300. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 167-168. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 5 (29 de setembro de 1910), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

- Amara-a, A Amara-a BC
  - Soberbo prato de rei, ΓSuprema, divina leiΓ A Realidade que sonhei, B D’esse amor dimana a lei C
  - Como outrora se dizia! ΓÉ só ella quem me guia!Γ A É só ella quem me guia, B Que n’este mundo me guia. C
  - Ella disse-me, e sorria: ΓInda ha pouco me dizia:Γ A Inda ha pouco me dizia: BC
  - em doce A em brando B em doce C
  - convem: A convem! B convem: C
  - por ninguem! A por alguem. B por ninguem. C
- Data.* □ A 26-VIII-02. B □ C

Podemos distinguir quatro versões deste poema; a primeira surge transcrita na p. 13 do manuscrito; a segunda corresponde à campanha de revisão documentada na lista de “Emendas”; a terceira coincide com o texto publicado no *Passatempo* e a quarta aparece documentada nas páginas do livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## 193

[Arrufo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 64, 93, 94. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 64, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 93 e 94. Na p. 64, a lápis, podem ainda ler-se as seguintes notas apógrafas: “Arrufo” (sobre o título) e “N.ªs Rimas 169” (no canto superior esquerdo).

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 611 (20 de julho de 1902), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 169-170. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

*Título.* Sonho desfeito AB Arrufo C

*Subtít.* □ A Inédito B □ C

1. versos; AB versos, C
2. Outra a musa que ΓOutro é o anjo que⌈ A Outro é o anjo que BC
3. alma AB alma, C
10. pomba immaculada; Γpomba aos ceus erguida,⌈ A pomba foragida, B pomba aos ceus erguida, C
11. Mas, levou-a um dia a aragem: A Mas levou-a um dia a aragem, BC
12. sem azas, sem nada! Γsem, azas, despida –⌈ A sem azas, despida! B sem azas, despida, C
13. Alma, encéta outra viagem, ΓAlma, busca outra miragem,⌈ A Alma, busca outra miragem BC
14. Mundo em fóra, de longada! ΓEntre as sombras d’esta vida.⌈ A Entre as sombras d’esta vida! B Nos desertos d’esta vida! C

*Data.* □ A 10-VII-02. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 76, 94. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 76, com ulterior campanha de revisão na p. 94. O canto inferior esquerdo da p. 76 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 171”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 67 (maio de 1902), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 171-172. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A Inédito B □ C

1. caleche elegante, Γphetóne elegante 7 A phaeton elegante, BC
  4. guante; A guante, BC
  5. quadrupedante AB quadrupedante, C
  6. De facas d’Andaluzia, ΓDum baio d’Andaluzia. 7 A D’um baio da Andaluzia, B D’um baio d’Andaluzia, C
  7. Musa A musa B Musa C
  11. esmolos. A esmolos... B esmolos. C
  12. ella: é o Amor, a Graça: A ella, é o Amor, a Graça! B ella: é o Amor, a Graça: C
  13. corollas: AB corollas; C
- Data.* □ A 15-V-02 B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à p. 76 do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, n’ *A Chronica* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 195

[Loucos!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 1-3. Vd. descrição no n.º 137.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 173-175. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 8 (20 de outubro de 1910), p. 3.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com ligeiras corruptelas.
- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 321 (28 de setembro de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

10. espumas: A espumas; B
11. cérulas, A cérulas B
19. Amphitrite; A Amphitrite B
27. tontos, A tontos B
29. asceta A asceta, B
30. avara A avara, B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 17, 112. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 17, com ulterior campanha de revisão na p. 112. O canto inferior esquerdo da p. 17 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 177”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 45 (10 de novembro de 1902), p. 323. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 177-178. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

1. Era a mais linda joven da cidade, ΓEra a joven mais bella da cidadeΓ A Era a joven mais bella da cidade, BC
  2. Nem mais graciosa em toda a Hespanha a havia. ΓNem outra mais gentil de certo havia.Γ A Nem outra mais gentil de certo havia. B Nem mais graciosa em toda a Hespanha a havia. C
  12. – «Nunca! AB – «Nunca!» C
  13. A nossa carne; o amor pagão fatiga: ΓA materia, em que o espirito se abriga.Γ A A materia em que o espirito se abriga: BC
  14. sim, mas... incorpórea.» Γsim... mas incorpóreaΓ A sim... mas incorpórea.» B sim, mas... incorpórea.» C
- Data.* □ A 23-X-02. B □ C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada, com variantes, na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 197

[Rondó]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 45-47, 113, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 45-47, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 113 e 114. O canto inferior esquerdo da p. 45 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vi E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 179”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 57 (10 de maio de 1903), p. 141; n.º 59 (10 de junho de 1903), p. 172. Vd. descrição no n.º 131.

O poema saiu com uma gralha, depois emendada em errata (no n.º 59). Vd. *infra* Arquivo documental.

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2221 (27 de maio de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Embora identificada como transcrição do *Passatempo*, introduz já correções plasmadas no n.º 59 da revista lisboeta. Vd. *infra* Arquivo documental.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 179-181. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

6. olvidar. AB olvidar, C olvidar! D
  7. linda! emergia Γlinda! Sahia⌈ A linda! Sahia BCD
  8. Das verdes ondas do ΓDa branca espuma do⌈ A Da branca espuma do BCD
  9. cabellos tão finos A cabellos divinos BCD
  11. pés tão pequeninos Γpés alabastrinos⌈ A pés tão pequeninos, BC pés tão pequeninos D
  15. vergonha A vergonha, BCD
  16. Dos seus encantos sem par, ΓDe ser um mimo sem par.⌈ ΓΓOs castos seios a arfar.⌈⌈ A Os castos seios a arfar, BCD
  18. pintar, [→ (?)] A pintar, BC pintar D
- Em A, o verso aparece assinalado com marca de dubitação.*

19. Venus surgindo **ABC** Venus sahindo **D**
20. Da branca espuma do mar. ΓDas verdes ondas do mar.Γ A Das verdes ondas do mar. **BC** Das verdes ondas do mar, **D**
21. abstracta, mas quando Γabstracta, porém, quandoΓ A abstracta, mas quando Γabstracta, porém, quandoΓ B abstracta, porém quando C abstracta, mas quando **D**
23. Feliz, deu-me um sorriso brándo, ΓDeu-me um sorriso, parando,Γ A Deu-me um sorriso, parando, **BCD**
24. olhar. A olhar... **BCD**
- Data.* □ A 8-IV-03. **BC** □ **D**

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada, embora com variantes, na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, no *Passatempo*, n’ *A Correspondencia do Norte* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

### Arquivo documental

O poema veio inicialmente a público no n.º 57 da revista *Passatempo* (10 de maio de 1903), mas diverge aí da versão aprovada pelo autor. Por esse motivo, João Penha fê-lo reproduzir também no n.º 2221 d’ *A Correspondencia do Norte* (27 de maio de 1903), já com as correções que, entretanto, apareceriam também em errata publicada no n.º 59 do *Passatempo* (10 de junho de 1903).

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 28-29. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.º R.º 183”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 50 (25 de janeiro de 1903), p. 31. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 183-184. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- O *Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Lusitana. N.º 191 (1 de fevereiro de 1903), p. 1.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.

## Anotação textual: emendas

33. Oh! Santa] A; Santa

## Aparato genético

27. Anjo, de azas A Anjo de azas B Anjo, d'azas C

28. mim, A mim; B mim, C

33. [← Oh!] Santa, A Santa BC

*Em A, o acrescento na margem é apócrifo. Esta solução, no entanto, parece impor-se até pela própria métrica do verso.*

36. Após o v. 36, acresce a seguinte antífona, em A e B:

Antiphona | Rogae ao vosso divino coração se compadeça de mim que o adoro, e me receba no seio do seu infinito amor. | Amen.

- Data. □ A 6-I-03. B □ C

## [A leoa vencida pelo homem]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 27. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 185”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 82 (janeiro de 1903), p. 4. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 185-186. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2191 (21 de janeiro de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

4. serena; elle, A serena, elle, B serena; elle C

7. mulher, que entre soldados, A mulher que entre soldados, B mulher que entre soldados C

9. amavel; A amavel, B amavel; C

10. fosse A fosse, BC

11. olympica AB Olympica C

*Data.* □ A 1-I-03. B □ C

## 200

## [A recompensa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 30, 112, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 30, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 112 e 113. O canto inferior esquerdo da p. 30 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 187”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 83 (janeiro de 1903), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 187-188. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2204 (14 de março de 1903), p. 2.

Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, embora com ligeiras variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Título.* O premio A A recompensa BC

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

1. Oeste, A oeste, BC
3. ouvia, e dolorido Γouvia, e num gemido⌈ A ouvia, e, n’um gemido, B ouvia, e, n’um gemido C
4. O /dies-irae <sup>sublinhado</sup>/ do acabar do ΓA voz de que chegara o fim do⌈ A A voz de que chegara o fim do BC
6. estampido; A estampido. BC
7. E do mar o raucísono gemido ΓDo mar, em furia, o tragico bramido⌈ A Do mar em furia o trágico bramido B Do mar, em furia, o trágico bramido C

11. Parti, a passo largo, **A** Parti, a largo passo, **B** Parti, a passo largo, **C**
  12. caça. **A** caça, **B** caça. **C**
  14. Vi-a e sorriu-me: era, sorrindo, a Graça! **AB** Vi-a, e sorriu-me: era, sorrindo a graça! **C**
- Data.* □ **A** 7-1-03 **B** □ **C**

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada, com ligeiras variantes, na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, n’ *A Chronica* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 201

[A primavera]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 42, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 42, com ulterior campanha de revisão na p. 113. O canto inferior esquerdo da p. 42 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 189”.

B – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 56 (25 de abril de 1903), p. 126. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 189-190. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 518 (18 de março de 1905), p. 3.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, embora com ligeira falha de transcrição.
- *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.]. N.º 2 (8 de setembro de 1910), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, embora com ligeira falha de transcrição.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 75-76.  
Trata-se de uma cópia a partir das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

6. mais suave, Γ mais formosa, 7 A mais formosa, B mais suave, C  
8. perfil! AB perfil. C  
9. Eil-a, AB Eil-a C  
11. Cythéra: AB Cythéra! C  
*Data.* □ A 8-IV-03. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São quatro os testemunhos considerados: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 58-62, 107. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 58-62, com ulterior campanha de revisão na p. 107. O canto inferior esquerdo da p. 58 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, as seguintes indicações apógrafas: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> – Trovas 191 | Vid var. a pag 96”.

B – ADB, Ms. 541, pp. 96- 99. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 191”.

C – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 69 (10 de novembro de 1903), pp. 331-332. Vd. descrição no n.º 131.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 191-194. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1568 (20 de junho de 1896), pp. 1-2.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.
- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 322 (1 de outubro de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* A grande amorosa A Trovas BCD

1. *Em A, o poema inicia-se com a seguinte estrofe, anteposta à quadra I:*  
A divina amorosa, reclinada  
Sobre uma mesa, que um lilaz perfuma,  
Ao seu amante escreve, enamorada,  
Estas palavras ao correr da pluma:
1. fôra ao certo A fôra, ao certo, BCD
2. labirinto, A labirinto B labirinto C labirinto, D
3. Que pintar-te A Que pintar B Que pintar-te C Que pintar D
7. d'agua A d'agua, B d'agua C d'agua, D
8. todo te beber. A toda te beber. B toda te beber C toda te beber. D
9. afago ABC afago, D
10. estranha, A estranha BCD
12. devores! A devores. B devores! C devores. D
13. terno A terna BCD
15. instante, A instante BCD
18. Brame em furia ABC Brame, em furia, D
19. ouço em meu coração AB ouço, em meu coração, C ouço em meu coração D
22. achasse; A achasse B achasse; CD
24. riu: A riu, B riu; C riu: D
26. fazia; A fazia: B fazia; C fazia: D
27. santo ABC Santo D
30. adora: AB adora; C adora: D
34. mar, AB mar C mar, D
35. Só em ti, de noite, sonho, ΓSó de ti, á noite, eu penso.7 A Só de ti, á noite, eu sonho, BCD
36. penso. AB penso! C penso. D
- 37-40. *Esta quadra encontra-se ausente em A. Em B, aparece disposta no final do poema, sendo posteriormente inserida nesta posição, através de um asterisco.*
37. □ A [↓ E ora ditosa, em delirio,] B E ora ditosa, em delirio, CD
38. □ A [↓ Se a enebria uma esperança,] B Se a enebria uma esperança; C Se a enebria uma esperança, D
39. □ A [↓ Ora acurvada ao martyrio] B Ora acurvada ao martyrio CD
40. □ A [↓ De negra, triste lembrança<,>/.\] B De negra, triste lembrança. C De negra, triste lembrança, D
41. Agora vivo possessa A Minh'alma vive possessa BCD
43. medir, A medir BCD
44. infinito. A infinito! BC infinito. D

*A seguir ao v. 44, acrescem, em A, duas estrofes, depois suprimidas em BCD. A primeira quadra está numerada como segmento X, enquanto a última, sem numeração, surge isolada, através de um separador:*

Meus pesinhos, que elle adora,  
 Não cesseis de caminhar;  
 Bem sabeis onde elle mora,  
 Ide, levae-me ao seu lar!»

---

Fechou a carta, e em breve, adormecida,  
 Ao seu amante se entregou, sonhando.  
 Seja-lhe um sonho o decorrer da vida,  
 Um sonho côr de rosa, ethéreo e brando!

*Data.* □ AB 21-X-03. C □ D

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao testemunho A; a segunda encontra-se documentada nos restantes testemunhos. As principais alterações situam-se ao nível dos processos amplificadores (supressão e adição).

## 203

### [Nossa Senhora dos Milagres – I – A procissão]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 24. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 195”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 47 (10 de dezembro de 1902), p. 366. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 195. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218).

#### Aparato genético

2.     Dores, AB Dores C
3.     flores A flores, B flores C
6.     Madona A madona B Madona C

## [Nossa Senhora dos Milagres – II – O sermão]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 24. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 195”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 47 (10 de dezembro de 1902), p. 366. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 196. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

### Anotação textual: emendas

5. pobres] AB; pobre

### Aparato genético

1. Milagrosa, AB «Milagrosa, C
  3. benquista: AB benquista! C
  4. Accálma AB «Acalma C
  5. pobres cégos dá vista, A pobres cégos dá vista B pobre cégos dá vista C  
*Em C, a variante resulta de gralha tipográfica.*
  6. olhares!» A olhares! B olhares!» C
- Data.* □ A 22-XI-02. B □ C

## 204

[A estriga – I – Ella indignou-se, fremente,]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 22, 112. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 22, com ulterior campanha de revisão na p. 112. O canto inferior esquerdo da p. 22 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vi. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 197”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 49 (10 de janeiro de 1903), p. 4. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 197-198. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

### Aparato genético

2. Por lhe pedir um carinho ΓVermelha a face de arminhoΓ A Vermelha a face de arminho, B Vermelha a face de arminho, C
3. Lá onde estão, em seu ninho, ΓPor lhe pedir um carinho,Γ A Por lhe pedir um carinho, B Por lhe pedir um carinho: C
4. Suas pombas de innocente. ΓUm beijo casto, innocente.Γ A Um beijo casto, innocente. BC
5. (disse, inclemente) A (disse inclemente) B (disse, inclemente), C
8. gente!» A gente!...» B gente!» C
13. compostura, A compostura B compostura, C
14. Puz-me a A Lancei-me a B Puz-me a C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada, com ligeiras variantes, na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

[A estriga – II – De linho? Não: de cuidados,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 23. Vd. descrição no n.º 131.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 49 (10 de janeiro de 1903), p. 4. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 199-200. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

Aparato genético

- 10. uniforme A uniforme, BC
  - 11. lassos. A lassos; B lassos. C
  - 12. pesar, A pesar B pesar, C
- Data.* □ A 14-XII-02. B □ C

## 205

[Nunc et semper]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São quatro os testemunhos considerados: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 25, 112, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 25, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 112 e 113. O canto inferior esquerdo da p. 25 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(v. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, as seguintes indicações apógrafas: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 201 | Vid a pag 85 deste mns.”

B – ADB, Ms. 541, pp. 85. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 201”.

C – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 70 (25 de novembro de 1903), p. 252. Vd. descrição no n.º 131.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 191-194. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 686 (29 de dezembro de 1912), p. 1.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, com ligeiras variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A Trovas B □ CD

1. taful, A taful BC taful, D

5. azul, A azul BCD

6. Mira a celeste criança! A Mira essa pombinha mansa! BCD

7. Parece um houri que dança A Não ha mais gentil creança BCD

8. Num tapete de Stambul. A Na terra, do norte ao sul. **BCD**
9. cerveja **AB** cerveja, C cerveja **D**
10. Sonhaste em jardins ou sala A Viste em noites de luar **B** Viste, em noites de luar, C Viste, em noites, de luar, **D**
12. Escuta um poeta que falla: ΓEscuta, é a alma que falla:Γ Γ ΓEscuta: é a alma que falla.ΓΓ A Esconde esse riso alvar: **BCD**
13. «Quando eu ja na campa esteja, ΓJa na campa ou onde esteja,Γ A Depois da morte, onde esteja, **BCD**
14. Sempre vivo, inda hei-de amal-a.» ΓA sonhar, sempre hei-de amal-a-Γ Γ ΓInda, a sonhar, hei-de amal-a.ΓΓ A Inda hei-de amal-a, a sonhar... **BCD**
- Data.* □ **AB** 12-X-03. C □ **D**

Podemos distinguir quatro versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do testemunho A; a segunda e a terceira correspondem, respetivamente, à primeira e segunda campanhas de revisão da lista de “Emendas”; a quarta versão encontra-se documentadas no testemunho B, no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 206

## [O juramento]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 83-89, 94. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 33, com ulteriores campanhas de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 33 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(Vid – E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 25”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 74 (setembro de 1902), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 203-208. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2171 (8 de outubro de 1902), pp. 1-2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

## Aparato genético

*Título.* Carmencita A O juramento BC

*Subsubtít.* □ A (Inédito) B □ C

1. monge que n’um êrmo habita, AB monge, que n’um êrmo habita C
2. Nas ruínas AB As ruínas C
3. ansiada, afflicta, A ansiosa, afflicta, B anciada, afflicta, C
4. doce Carmencita A doce Zulmirita B doce Carmencita C
7. chão, A chão: B chão, C
12. peccadôra sim, mas não maldita. A peccadora, sim, mas não maldita! B peccadora sim, mas não maldita; C
16. a Carmencita. A a Zulmirita. B a Carmencita. C
17. chamou, um dia, A chamou um dia B chamou, um dia, C

23. celeste! A celeste, B celeste! C
24. Carmencita!» A Zulmirita!» B Carmencita!» C
27. subindo, AB subindo C
28. grave, A grave; B grave, C
29. a roxas A as roxas BC
36. passado; AB passado: C
41. severa A severa, B severa: C
42. – «Conta-me, AB «Conta-me, C
44. sincera, A sincera B sincera, C
47. si, A si B si, C
49. sim! Deus é piedoso, Γsim! Deus tem piedadeΓ A sim! Deus tem piedade B  
Sim! Deus tem piedade C
50. É dos míseros o ultimo scçôro ΓDos que choram. Jamais negou soccôrroΓ  
A Dos que choram. Jamais negou soccôrro BC
51. Nos transes d'este mundo procelloso. ΓA seus filhos na dor e na anciedade.Γ  
A A seus filhos na dôr e na anciedade. B A seus filhos, na dôr e na anciedade.  
C
52. arrependida, A arrependida B arrependida, C
53. môrro! A môrro B môrro! C
59. amava, A amava B amava, C
60. via A via, BC
61. sentia, A sentia BC
71. bocca, A bôcca B bôcca, C
72. Ergue-se de repente, hirto de assombro A Ergue-se de repente, hirto de  
assombro, B Ergue-se, de repente, hirto de assombro, C
75. desditosa, AB desditosa C
76. tremendo) AB tremendo), C
82. miseranda A miseranda, B miseranda C
83. falla. AB falla; C
84. exhala A exhala, B exhala, C
85. monge; A monge B monge; C
90. Volve, A Volve B Volve, C
91. medita; A medita, B medita; C
92. accênto: A accênto; B accênto: C
93. chores, Carmencita; A chores, Zulmirita; B chores, Carmencita; C
94. descobri, na lei escripta, A descobri na lei escripta: B descobri, na lei escripta,  
C
96. Mas promette: – que nunca, nunca mais, A Mas, promette: – que nunca,  
nunca mais B Mas has-de prometter que nunca mais C
98. – Oh nunca, nunca mais.» – Jural-o? A – «Oh! nunca, nunca mais!» – «Jural-  
-o? B – «Oh! nunca, nunca mais.» – «Jural-o?» C
100. vida A vida, B vida C

102. absolvo A absolvo, BC  
 103. Vae A «Vae B Vae C  
 104. Vôa, ditosa A Vôa, ditosa, B Vôa ditosa C  
 105. conduz. AB conduz; C  
 108. recúa; A recúa: B recúa; C  
 109. Vê-o A Vê-o, B Vê-o C  
 110. meio; A meio! B meio; C  
 112. ancioso, A anciosa, B ancioso, C  
 113. invadir-lhe a alma AB invadir-lhe o peito C  
 114. mais: A mais, B mais: C  
 115. e tantos A e tantos, BC  
 116. desmaia. A desmaia... B desmaia. C  
 117. santos; A santos, B santos; C  
 120. olaia A olaia, BC  
 Data. □ A 24 de maio 1902. B 24 de maio 1902. C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada, embora com variantes, na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, n’ *A Chronica* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Uma pagina d'amor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 99 (setembro de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 541, pp. 82-84, 107, 108. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 82-84, com ultteriores campanhas de revisão nas pp. 107 e 108. O canto inferior esquerdo da p. 82 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafo: “N<sup>as</sup> R. as 209”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 209-212. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrellas” (pp. 133-218).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 310 (10 de agosto de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

1. divina aurora A divina aurora, B divina amorosa, C
7. Tlim, tlim! era AB Tlim, era C
9. madrigaes, A madrigaes B madrigaes, C
12. amoroso coração. A amoroso coração. Γ proprio coração. 7 B proprio coração.  
C
13. «O meu tio Deodoro, o mais querido A «O meu tio Deodoro, o mais querido,  
Γ Meu tio de Lisboa, o mais querido, 7 B «Meu tio de Lisboa, o mais querido, C
14. franca A franca! BC
17. «Tia Engracinha fez-me rir, coitada! A «Tia Engracinha fez-me rir, coitada!  
Γ A minha tia castellã, coitada, 7 Γ Γ Minha avosinha, fez-me rir, coitada! 7 7  
B «Minha avósinha fez-me rir, coitada! C

21. Ralha sempre, e comtudo, A «Ralha sempre, e comtudo B «Ralha sempre, e comtudo, C
22. pombaes; AB pombaes. C
23. ingenuidade, A ingenuidade B ingenuidade! C
30. arte A arte: B arte. C
33. foste para mim amavel! A foste para mim amavel! Γfoste, meu grande urso, amavel.7 B foste, meu grande urso, amavel! C
36. quero.» A quero!» BC
37. carta e em breve adormecida A carta, e em breve adormecida, B carta, e em breve, adormecida, C
39. Lega-lhe A Seja-lhe BC  
*Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
44. Aves de A Aves do BC
- Data.* 22-9-903. A □ BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao texto d' *A Chronica* e à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada, embora com variantes, na lista de "Emendas" ao final do manuscrito e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 19, 91. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 19, com ulterior campanha de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 19 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 114 (maio de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – *Revista Azul* (ed. Marcos d’Assumpção), Lisboa: [s.n.]. Vol. I, n.º 1 (5 de junho de 1904), p. 4.

Esta revista literária teve um total de 88 números, publicados semanalmente entre 1904 e 1908. Apresentava formato médio, de 36 cm, a três colunas. No n.º 7 (17 de julho de 1904), p. 4, João Penha é referido como colaborador da revista.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 213-214. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

1. Resoluto, ao principio, em seu jardim ΓIrresoluto e a mêdo, em seu jardim, 7  
A Irresoluto e a mêdo, em seu jardim BCD
4. Ao encontral-a a sós, e era o meu fim! ΓAo vêl-a, negro o trajo de setim. 7  
ΓΓAo vel-a, e vêl-a a sós era o meu fim! 77 A Ao vêl-a, e o vêl-a a sós era  
o meu fim! BCD
5. Eu via-a, A Eu via, BC Eu via-a, D
8. – «Oh! A – Oh! BCD
9. «Para a vida amorosa, por que anceio, ΓComo é doce e pueril o teu receio! 7 A  
«Como é doce e pueril o teu receio! BC – «Como é doce e pueril o teu receio!  
D
10. Fosses tu mais donoso que um Narciso, ΓBello, mais que um Adónis, um  
Narciso, 7 ΓΓQuer fosses mais gentil do que um Narciso 77 A Quer fosses

- mais gentil do que um narciso, BC Quer fosses mais gentil do que um Narciso, D
11. Ou, mais que um sapo vil, horrendo e feio, ΓQuer fosses mais que um bicho horrendo e feio, 7 Γ Quer fosses mais que um sapo hediondo e feio! 7 7 A Quer fosses, mais que um sapo, hediondo e feio: BC Quer fosses, mais que um sapo, hediondo e feio, D
12. «Só tu me fôras, mais que o ar, preciso!» ΓSó tu /\* de/ fôras, mais que dum Deus, preciso!» 7 A «Só tu me fôras, mais que o ar, preciso!» BCD
13. então, A então BC então, D
14. Ditoso, A Ditoso BCD
- Data. □ A 5-V-904. BC □ D
- Nota. □A (Inédito) B □ CD

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 539; a segunda versão coincide com a primeira campanha de revisão, colocada na lista de “Emendas”; a terceira encontra-se documentada, embora com variantes, na segunda campanha de revisão ao final do manuscrito, n’ *A Chronica*, na *Revista Azul* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [As suas azas – I – São da côr das açucenas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 19-20, 112. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 19-20, com ulterior campanha de revisão na p. 112. O canto inferior esquerdo da p. 19 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 215”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 46 (25 de novembro de 1902), p. 339. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 215-216. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

## Aparato genético

2. azas tão finas: Γazas subtisΓ A azas subtis; B azas subtis; C
3. pênnas, A pennas. B pennas, C
4. fórmãs divinas. Γformas gentis.Γ A fórmãs gentis. BC
6. pagã, A pagã; BC
7. anjo ou boa fada, Γanjo ou d’uma fadaΓ A anjo, ou d’uma fada, B anjo ou d’uma fada, C
10. Nega-as, sorrindo: contesta, A Nega-as sorrindo, contesta; B Nega-as sorrindo, contesta; C
13. Comtudo AB Comtudo, C
14. pênnas com que amoroso, A pennas com que amoroso B pennas, com que amoroso C
15. lyra A lyra, BC
18. inveja; AB inveja, C
19. occultas, A occultas: BC
20. Com médo que alguém lhas veja. ΓNão quer que o mundo lhas veja:Γ A Não quer que o mundo lh’as veja. BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[As suas azas – II – Brancas são, brancas de arminho,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 20-21, 112. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 20-21, com ulterior campanha de revisão na p. 112.

B – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 46 (25 de novembro de 1902), p. 339. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 217-218. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “A caminho das estrelas” (pp. 133-218).

Aparato genético

3. passarinho, A passarinho BC
  6. sonhos A sonhos, BC
  13. Perguntou-o ao monte agreste, ΓPerguntou-o ás margaritasΓ A Perguntou-o ás margaritas, BC
  14. Ao prado, aos astros, aos mares; ΓAos astros, bosques e maresΓ A Aos astros, bosques e mares; B Aos astros, bosques, e mares; C
  15. Deus: «Foi, Celeste, ΓDeus: «Concedi-t’asΓ A Deus: «Concedi-tas B Deus: –«Concedi-t’as, C
  20. vir, um dia, a perdel-as. A vir, um dia, a perdel-as! B vir um dia a perdêl-as. C
- Data.* □ A 12-XI-02. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 210

## [A humanidade]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 74. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 221”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 650 (19 de abril de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 221-222. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano V (1903), p. 43.  
Trata-se de uma cópia a partir do *Echos da Avenida*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 45.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 74-75.  
Trata-se de uma cópia a partir das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

- Dedic.* □ AB /A Guerra Junqueiro. *itálico*/ C
2. Feliz, A Feliz BC
  4. hespanhola. A hespanhola B hespanhola. C
  8. Loyola, A Loyola. B Loyola, C
  13. humanidade: A humanidade, B humanidade: C
  14. inglez! AB inglez. C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, pp. 150, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 150, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 189). Na p. 150, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 223”.

B – *A Arte: Orgão do Movimento Intellectivo Internacional* (dir. Julio Lobato, Verediano Gonçalves), Porto: [s.n.]. Ano II (1898), p. 64. Vd. descrição no n.º 101.

C – ADB, Ms. 540, p. 17. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “Na Arte”, podendo ainda encontrar-se a seguinte nota apógrafa, no canto superior esquerdo: “N<sup>as</sup> Rimas 223”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 223-224. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 328 (22 de outubro de 1911), p. 1.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem a dedicatória e com variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Título.* /Ao pôr do sol. <sup>sublinhado/</sup> [↓ O Devorismo] A O Devorismo BCD

*Dedic.* □ ABC /Ao Conde Belli di Leonardi, Sori. <sup>itálico/</sup> D

2. mil, e as devore famulento: A mil e as devore famulento! BC mil e as devore famulento: C
4. mysterio, ABC mysterio D

5. Uma gerra incessante, horrenda e crua! **A** Em luta pela vida, em guerra crua, **BCD**
6. E todo o ser, feroz, sanguisedento **A** Todo o animal, feroz, sanguisedento, **BCD**
8. lei se acurva e a perpetúa! **A** lei obedece, e a perpetúa! **B** lei obedece e a perpetúa! **C** lei obedece e a perpetúa. **D**
9. rôla que mal chora; **A** rôla, que mal chora; **B** rola, que mal chora, **CD**
10. quer **A** quer, **BCD**
11. inquieta que nos antros mora! **A** inquieta que nos antros mora. **B** inquieta, que nos antros mora. **CD**
12. Devorar **ABC** Devorar, **D**
13. O homem se lhe oppõe! Esse... ΓPóde o homem fugir-lhe: esse...7 **A** O Homem lhe resiste! Esse... **B** Pode o homem fugir-lhe! Esse... **CD**

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada, embora com variantes, na campanha de revisão colocada ao final do manuscrito, n.º *A Arte*, no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Faiseuse de Trottoir]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – *Arte Livre: Revista Semanal de Arte e Litteratura* (dir. Azevedo Coutinho), Braga: Typographia Lusitana. Ano I, Série II (1898), n.º 3, p. 36.

Esta revista “litteraria e recreativa” contou com duas séries, publicadas em formato pequeno (de 24 cm), entre julho de 1897 e 1898.

B – ADB, Ms. 536, pp. 142, 193. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 142, acolhendo ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 193). Na p. 142, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 225”.

C – ADB, Ms. 540, p. 21. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 225”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 225-226. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Dedic.* □ ABC /A René Ghil, Paris. *italico*/ D

2. d’uma ABC de uma D

3. primaveras, A primaveras B primaveras, C primaveras D

4. Que tão risonhas no futuro via! A Que tão risonhas no futuro via! ΓQue eu tão risonhas no futuro via. 7 B Que eu tão risonhas no futuro via! CD

6. sinceras, AB sinceras C sinceras, D

10. seio AB seio, CD

13. dama: ABC dama, D

14. recreio! AB recreio. CD

*Data.* 8-10-97. AB □ CD

## 213

[Larvada]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 52, 93, 94. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 52, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 93-94. O canto inferior esquerdo da p. 52 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> Rimas 227”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 55 (10 de abril de 1903), p. 111. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 227-228. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Lusitana. N.º 362 (24 de junho de 1906), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Christovam Ayres.<sup>italico</sup> / C

2. cantares) AB cantares), C

5. /\* clavva/ enamorada, Γatheleta enamorada – 7 A atleta enamorada, BC

7. Foste-o seguindo, atravessaste os mares; ΓSeguiste-o doida; – atravessaste os mares. 7 A Seguiste-o louca, atravessaste os mares, BC

8. Foste d'elle, até ser abandonada! ΓFoste-lhe um cão, e como um cão deixada. 7 ΓΓFoste d'elle, nas sombras d'uma estrada! 77 A Foste d'elle nas sombras d'uma estrada! B Foste d'elle, nas sombras d'uma estrada. C

9. Agora, A Agora B Agora, C

10. Dos infindos poetastros de Lisboa: ΓQue o Vicio nas alcovas apergôa.7 A  
Que o Vicio nas alcôvas apregôa; B Que o vicio nas alcôvas apregôa. C
11. Mas AB Mas, C
12. trovador, como eu, Γsonhador, como eu,7 A sonhador como eu BC

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 540; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão colocada ao final do manuscrito; a terceira encontra-se documentada na segunda campanha de revisão (à lista de “Emendas”), no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 214

[Georges Dandin]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 78 (10 de março de 1904), p. 71. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 539, p. 16. Vd. descrição no n.º 137.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 229-230. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffé), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2266 (16 de março de 1904), p. 2.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.

## Aparato genético

1. assim. A assim! BC
  4. lança. A lança! BC
  7. o trabuco, A a trabuco, BC  
*Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
  9. calava AB calava, C
  12. no paterno A no frondoso BC
- Data.* 11-I-04 A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação do *Passatempo*; a segunda encontra-se documentada no Ms. 539 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 215

## [A alma das mulheres]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 9. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 231”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 48 (25 de dezembro de 1902), p. 375. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 229-230. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Título.* Capricho feminil. A A alma da mulher B A alma das mulheres C

7. repente, AB repente C

9. – «Perdoa-me, lhe disse; vou A «Perdôa-me, exclamou; mas vou B « – Perdoa-me, exclamou, mas vou C

11. arte; A arte. B arte. C

12. Eu propria A «Eu mesma B Eu propria C

13. bacamarte: A bacamarte; B bacamarte: C

14. Deve ser lindo, um homem que A Deve ser lindo, um poeta que B Que bella scena: um poeta que C

*Data.* □ A 8-XII-02. B □ C

## Arquivo documental

Em carta enviada a Francisco Teixeira de Queirós, João Penha refere-se à dedicatória no livro *Novas Rimas*, como forma de agradecimento pela colaboração na homenagem d’ *A Chronica*. A missiva, pertencente ao espólio de Teixeira de Queirós, encontra-se guardada no MJD, maço 30. Trata-se de um meio bifólio de papel pautado (com 24,3 x 17 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê:

*Caro Francisco.*

*Vae a uma livraria qualquer e compra um volume intitulado Novas Rimas. Se tiveres vergonha de comprar livros de versos, manda um creado. Custa 600 r. O autor sou eu.*

*Na Chronica, que o Luiz da Silva me quiz dedicar, collaboraram 42 individuos de ambos os sexos.*

*A nenhum agradei, por ser trabalho superior ás forças humanas o escrever 42 cartas de agradecimento. Para supprir essa falta, resolvi dedicar a cada um d'esses individuos uma composição qualquer, e assim o fiz. La tens a tua.*

*Rigorosamente deveria tambem offerecer-lhes exemplares, mas... vamos a contas:*

<i>Para esses individuos, exemplares</i>	<i>42</i>
<i>Para offertas obrigatorias, particulares</i>	<i>14</i>
<i>Para individuos que me offereceram os seus livros, n'estes dous ultimos annos</i>	<i>34</i>
<i>Total</i>	<i>90</i>

*Subtraindo a estes exemplares os 25 que me deu o editor, temos 65, que tantos seriam os que teria de comprar para fazer face áquelle, por assim dizer, encargo obrigatorio.*

*Recuei. Numerosos são os casos de individuos se venderem, mas o de um individuo se comprar, a historia não aponta um unico.*

*Distribuidos, pois, os sobredits 25 exemplares, que foram na sua maior parte para o estrangeiro, dei por concluido o meu offertorio, e fui para a torre do bugio ver entrar navios.*

*Compra, pois, o volume, e esse que comprares é o que eu te offereço. Outros, importantes, como o João Saraiva, E. A. Vidal, Christovam Ayres, Fernandes Costa, etc, estão nas mesmas condições. Se os vires, conta-lhes o meu caso, e lhes diz o mesmo, isto é, que os volumes que comprarem os hajam como por mim offerecidos.*

*Abraça-te  
o teu do coração*

*João Penha*

*24-XII-04.*

## 216

## [As filhas d'Eva]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, p. 163, 189. Vd. descrição no n.º 65.

Este poema aparece transcrito na página numerada como 163, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 189). Na p. 163, a seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 233”.

B – ADB, Ms. 540, p. 15. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 233”.

C – *A Arte: Órgão do Movimento Intellectivo Internacional* (dir. Julio Lobato), Porto: [s.n.]. Ano II (1898), p. 347. Vd. descrição no n.º 101.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 233-234. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1890 (14 de outubro de 1899), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Arte*, mas com ligeiras variantes de pontuação.
- *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras* (ed. João José de Freitas Junior), Porto: Typographia Cunha. Ano II, n.º 6 (15 de dezembro de 1904), p. 88. Este testemunho é posterior ao livro, sendo por isso excluído do cotejo. Apresenta todavia, no v. 9, uma variante, relativamente às *Novas Rimas*:  
«Eu só conto de meu este alaúde,

## Aparato genético

1. seu formoso Γ seu esbelto 7 A seu formoso B seu esbelto C seu languido D
5. murmurio, apaixonado, Γ murmurio, contristado 7 A murmurio, contristado BC murmurio, contristado, D

9. alaúde A alaúde, BCD
10. E a riqueza d'um grande coração! ΓO sonho d'uma esplendida visão. 7 A O sonho de uma esplendida visão! B Os sonhos de uma esplendida visão: C O sonho d'uma esplendida visão! D
12. botão... A botão!» B botão...» C botão!» D
13. Da-me a vida, ou a morte, embora rude!...» ΓDisse ella: «Deixa o sonho que te illude, 7 A Disse ella: «Deixa o sonho que te illude, B Disse ella: – «Deixa o sonho que te illude: C Disse ella: – «Deixa o sonho que te illude, D
14. – «Não fazes nada sem o pômo, Adão.» ΓQue nada fazes sem o pômo, Adão.» 7 A Que nada fazes sem o pômo, Adão.» BC Que nada fazes sem o pômo, Adão!» C
- Data.* 11-IV-99. A □ B 20-V-99. C □ D

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 536; a segunda encontra-se documentada, embora com variantes, na lista de “Emendas” ao final do manuscrito, no Md. 540, n’ *A Arte* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## 217

## [Theresita]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 43-44, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 43-44, com ulteriores campanhas de revisão na p. 113. Na p. 43, a lápis, podem ainda ler-se as seguintes notas apógrafas: “(Theresita)” (a seguir ao título) e “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 43” (no canto superior esquerdo).

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 654 (17 de maio de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 235-236. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXIX (1915), n.º 341, p. 332. Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem subtítulo.

## Aparato genético

*Título.* A uma recém-nascida A Theresita BC

*Subtít.* (Envoi a seu papá A (Envoi a seu papá, B («Envoi» a seu papá, C

1. Pyrenneus, A Pyrenneus B Pyrenneus, C
5. mais junto A mais perto B mais junto C
7. anjinho! AB anjinho: C
8. Deus te livre d'escarceus. ΓSem o embate d'escarceus!Γ ΓΓA bonança entre escarceus!ΓΓ A A bonança entre escarceus! B A bonança entre escarceus. C
9. ainda, AB ainda; C
10. prosa AB prosa, C
11. bem-vinda. A bem-vinda: BC

*Data.* □ A 7-IV-03. B □ C

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão colocada ao final do manuscrito; a terceira encontra-se documentada na segunda campanha de revisão (à lista de “Emendas”), no *Echos da Avenida* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Em carta enviada a João Penha, Antero de Figueiredo agradece o poema dedicado a sua filha. A missiva encontra-se guardada no ADB, com a cota Ms. 551, ff. 94-95. Trata-se de um bifólio de papel timbrado, escrito de ambos os lados a tinta preta e exibindo no cabeçalho uma gravura de Davos, juntamente com a identificação: “Curhaus Davos | 1560 Meter über Meer | Kuranstalt Holsboer”:

“Hotel Curhaus”  
Davos-Platz (Suisse)  
8 – Julho, 903

*Meu caro amigo:*

*Escrevi-lhe ha mezes dos Pirineos, hoje dos Alpes e amanhã – quem sabe! – talvez dos Andes. Caprichos do meu cerebello, como o meu amigo dantes explicava. Mas n’um sitio ou n’outro, a verdade é que nunca me esqueço de si, e lhò tenho provado.*

*Ainda não lhe [tinha] agradecido o soneto que fez á minha Thereza. Eu e a mãe agradecemos de todo o coração. Cá o guardamos, estimadissimo, para quando ella souber ler. Dir-lhe-hei, então, que o auctor é um poeta que fez uma epocha litteraria, que todo o movimento parnasiano em Portugal veio d’elle; e dir-lhe-hei tambem que é o mais certo amigo (para não dizer o unico) que o pai tem nas letras.*

*Se o não fatigasse, dava-lhe um assumpto:*

– “Para quando a Thereza souber ler” –

*Diga-lhe em sonetos (ou como quizer) o que é arte, que educação portugueza ella deve fazer, auctores e modelos a seguir; diga-lhe isto e tudo o mais que quizer que, assim, lhe estará dando modelos de bem escrever. Aqui fica o assumpto. Quando se lembrar, pode começar – em cartas rimadas ou em sonetos – a sua nova obra que eu guardarei preciosamente como tudo com que me presenteia. Lá tenho isso em Lisboa.*

*Ella está muito bonita e forte. E o meu amigo? Dê noticias e receba muitas saudades do seu muito amigo*

*Antero de Figueiredo.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São quatro os testemunhos considerados: um manuscrito e três impressos:

A – *Correio Nacional: Jornal da Tarde* (ed. Benedicto C. de Carvalho), Lisboa: Typographia Succursal da Casa Catholica. N.º 3006 (16 de março de 1903), p. 1.

Este jornal vespertino publicou-se em formato grande (de 51 cm), entre 1893 e 1906. O poema de João Penha vem antecedido de uma breve apresentação do autor. Vd. *infra* Arquivo documental.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2242 (19 de setembro de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 99.

Embora identificado como transcrição do *Correio Nacional*, este testemunho corrige as deturpações observadas naquele periódico lisboeta. Vd. *infra* Arquivo documental.

C – ADB, Ms. 541, pp. 37, 113. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 237”

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 237-238. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 4729 (7 de outubro de 1903), p. 2. Trata-se de uma cópia d’ *A Correspondencia do Norte*, mas com algumas corruptelas.
- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 19 de outubro de 1903, p. 1. Trata-se de uma cópia d’ *A Correspondencia do Norte*, mas com algumas corruptelas.
- *Jornal de Braga: Orgão do Partido Regenerador de Braga*, Braga: [s.n.]. Ano X, n.º 662 (16 de janeiro de 1910), p. 1. Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com várias gralhas. João Penha protestará contra as deturpações, em carta publicada no n.º 663 (de 19 de janeiro).

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 73.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas atualizações morfológicas.

### Aparato genético

*Dedic.* □ ABC /A Alberto Braga. *itálico* / D

1. Choras, A Choras B Choras, CD
  2. mocidade, A mocidade. BCD
  4. aventura, A ventura. BCD
  5. velhice; A velhice, BCD
  8. cura; A cura. BCD
  9. espelho; A espelho, BCD
  10. frágoa; A frágoa: BCD
  12. diz, a rir, A diz a rir BCD
  13. vinho, um pobre velho» A vinho, um pobre velho BC vinho um pobre velho D
- Data. 8-III-03 A □ BCD

### Arquivo documental

O soneto publicado no *Correio Nacional* vem antecedido da seguinte apresentação do autor:

*JOÃO PENHA – Quem não sentiu já o ouvido impressionado por este nome, quando se rememora algum episódio da bohemia de Coimbra? João Penha é o melhor temperamento de poeta satyrico que actualmente existe. Advogado em Braga, já entrado em annos, a sua musa é ainda a musa faceta da mocidade, arranhando ao de leve, sem maguar, os personagens e os acontecimentos. É mais um collaborador illustre do «Correio Nacional», que se honra com a sua cooperação.*

Esta versão, que no *Correio Nacional* saiu deturpada por gralha tipográfica, foi entretanto transcrita no n.º 2242 d' *A Correspondencia do Norte*, corrigindo as respetivas deformidades. Tendo em conta a supervisão autoral que assistiu casos semelhantes (vd. poemas editados nos n.ºs 109, 112, 129 e 197), trazemos também à coleção o testemunho bracarense.

## 219

## [O vampiro]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 42 (10 de setembro de 1902), p. 279. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 541, p. 36. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 239”

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 239. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 199 (5 de abril de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Passatempo*.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXVIII (1914), n.º 335, p. 810.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Passatempo*.

## Aparato genético

*Título.* A Lésbia A O vampiro BC

1. Assim uma aérea A Assim como aérea BC
4. mata, AB mata: C
7. Corre A Corre, BC
8. suspiro A suspiro! BC

## 220

[In amaritudine]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 42 (10 de setembro de 1902), p. 279. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 541, p. 11. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R. <sup>as</sup> 241”

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 241-242. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Achille Millien, Beaumont-la-Ferrière. <sup>italico/</sup> C

1. um dia se A um se B um dia se C

*Em B, a variante resulta de um lapsus calami.*

2. pura, A pura! BC

6. escura. A escura! B escura. C

7. Ai AB Ai! C

8. ar A ar, BC

12. azas, A azas B azas, C

14. bacharel AB bacharel, C

*Data.* 22-VIII-02. A □ BC

## Arquivo documental

Achille Millien colaborou com o seguinte poema, na homenagem a João Penha (*A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.ºs 63-64, abril de 1902, p. 9):

*FLÉCHE D'IRONIE*  
(A JOÃO PENHA)

*(L'ironie que João Penha enferme  
en ses élégants sonnets ne perd jamais  
son trait, ne manque jamais son but.)*

*O maître du Sonnet, lorsqu'en ton cœur amer,  
Carquois d'or aux traits fins que l'ironie aiguise,  
Tu fais choix d'une flèche, au but que ton œil vise,  
Elle vole et toujours le frappe en sonnante clair.*

*Achille Millien.  
(de l'académie royale des Sciences de Lisbonne)  
Beaumont-la-Ferrière (Nièvre)*

## 221

## [Rondó]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, pp. 39-41, 113, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito nas pp. 39-41, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 113 e 114. O canto inferior esquerdo da p. 39 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 243”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 243-245. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

5. bellas A bellas, B
6. ar! A ar: B
9. Era linda, e tão nova, ΓEra bella como um poema,Γ A Era linda como um poema, B
10. luar! Γluar.Γ A luar. B
11. E vi-a descer á cova, ΓE morreu! Oh! dor suprema!Γ A E morreu! Oh! dôr suprema! B
12. sepultar: Γsepultar!Γ A sepultar! B
13. pouco, A pouco B
14. a dançar. A a valsar. B
22. Quiz morrer, quiz escutar; A Quiz saber, quiz escutar: B
23. sim A «sim» B
31. Resvalou á sombra escura, ΓJa a minha a não procura.Γ ΓΓSe perdeu em noite escura.ΓΓ A Se perdeu em noite escura B
32. Eu mesmo a vi sepultar! ΓEnlaçada no seu par:Γ A Enlaçada no seu par! B
34. caminhar A caminhar, B
37. bellas A bellas, B

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à redação principal do Ms. 541; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão colocada ao final do manuscrito; a terceira encontra-se documentada na segunda campanha de revisão (à lista de “Emendas”) e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [A suprema embriaguez]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São cinco os testemunhos considerados: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Jornal da Noite: Diário Regenerador-Liberal* (red. Alvaro Pinheiro Chagas), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 14 (12 de maio de 1903), p. 1.

Este diário vespertino publicou-se em formato grande (de 59 cm), entre 1903 e 1908. O testemunho encontra-se afetado por gralhas tipográficas, depois corrigidas no n.º 24 do mesmo jornal (vd. *infra* Arquivo documental).

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2219 (16 de maio de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Embora identificado como transcrição do *Jornal da Noite*, este testemunho corrige as deturpações observadas no n.º 14 daquele periódico lisboeta. Vd. *infra* Arquivo documental.

C – *O Jornal da Noite: Diário Regenerador-Liberal* (red. Alvaro Pinheiro Chagas), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 24 (23 de maio de 1903), p. 1.

Este testemunho corrige o inédito que o mesmo jornal publicara com deturpações, no n.º 14 (vd. *infra* Arquivo documental).

D – ADB, Ms. 541, pp. 51, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 51, com ulterior campanha de revisão na p. 114. O canto inferior esquerdo da p. 51 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 247”.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 247-248. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 826 (1 de fevereiro de 1911), p. 1.

Trata-se de uma cópia a partir do n.º 24 do *Jornal da Noite*.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 74.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

### Aparato genético

*Subtít.* (Inedito) A □ BCDE

*Dedic.* □ ABCD /A Anthero de Figueiredo. *itálico* / E

2. Musset, ABC Musset DE

3. orgias ABC orgias, D orgias E

4. degradante! ABCD degradante. E

5. finctuante A fluctuante BCDE

*Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*

8. Volta ao passado, desditoso amante! A Volta ao que eras, desditoso amante! BC  
Volta ao que eras, um ditoso amante. ΓVolta ao passado, desditoso amante. 7  
D Volta ao passado, desditoso amante. E

9. «Respondi: A «Responde: BCDE

*Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*

12. mais; bebe-me, oh anjo, a mim; A mais; bebe-me, oh anjo, a mim: B mais;  
bebe-me, oh anjo, a mim; CD mais: bebe-me, oh anjo, a mim, E

13. n'ella: A n'ella, B n'ella: CD

*Data.* 26-IV-03 AB □ CDE

### Arquivo documental

Este poema saiu inicialmente deturpado por gralhas tipográficas, no n.º 14 d' *O Jornal da Noite* (vd. *supra* testemunho A). João Penha, no entanto, fê-lo reproduzir corretamente no n.º 2219 d' *A Correspondencia do Norte* (vd. *supra* testemunho B), antes mesmo d' *O Jornal da Noite* retificar a publicação. Esta aparece no n.º 24 (vd. *supra* testemunho C), onde se lê a seguinte advertência, à p. 1:

*Em virtude de ter sahido cheio de erros typographicos o delicioso soneto – Suprema embriaguez – do nosso illustre collaborador e grande poeta João Penha, publicamo-lo hoje novamente, o que sem duvida agradecerá aos nossos leitores.*

## [A borboleta]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 52. Vd. descrição no n.º 131.

No canto inferior esquerdo, o autor acrescentou a nota “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Vid pag 72 (variante)”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 65 (10 de setembro de 1903), p. 259. Vd. descrição no n.º 131.

C – ADB, Ms. 541, p. 72. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 249”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 249-250. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Título.* A borboleta A Borboleta B A borboleta CD

*Subtít.* □ AB (variante) C □ D

*Dedic.* □ A (Ao bom poeta Dias Freitas) B □ C /A Sergio de Castro. *itálico* / D

3. desconsolado ABC desconsolado, D

7. Mas, A Mas... B Mas, CD

9. Eu era o quinto, vaes no sexto agora. A Quem seja o teu actual, bem o adivinho: BCD

10. Uns louros, outros altos, outros baixos. A Ia passando, sob o teu balcão B Ia passando, sob o teu balcão, CD

11. Por esse caminhar, annos em fóra, A Retesado, a emergir d’um colarinho, BCD

12. Terás aos trinta, a conceder pennachos, A Quando tu lhe atiraste o coração: BCD

13. Oh tu, gentil, que esta minh’alma adora, A Atiraste-lhe, á turca, o teu lencinho! BCD

14. Uma sumptuosa lista de cem machos! A Oh! nada mais gentil, nada mais  
cão! **BCD**

*Data.* □ A 26-VIII-1903. B □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada no *Passatempo*, na p. 72 do manuscrito e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 56, 109, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 52, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 109 e 114. O canto inferior esquerdo da p. 52 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid E.”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 252”.

B – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 61 (10 de julho de 1903), p. 204. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 251-252. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Título.* Á volta AB A volta B

*Dedic.* □ AB /A Alfredo da Cunha. *italico* / C

7. mim, ΓmimΓ A mim, B mim C

8. Uma doce esperança, um devaneio... Γuma esperança que me inunda o seioΓ ΓΓuma esperança que me abraza o seioΓΓ ΓΓΓuma esperança que me inflama o seioΓΓΓ ΓΓΓΓUma doce turbção me invade o seioΓΓΓΓ A Que doce turbção me invade o seio... BC

9. Verás AB verás C

12. Trémula, palpitante o coração? ΓTurbada, palpitante o coração,Γ ΓΓPallida, palpitante o coração? ΓΓ A Pallida, palpitante o coração? B Turbada, palpitante o coração? C

*Data.* □ A 14-VI-03 B □ C

## 225

## [O philantropo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 89. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 253”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 68 (25 de outubro de 1903), p. 320; n.º 69 (10 de novembro de 1903), p. 332. Vd. descrição no n.º 131.

O texto publicado no n.º 68 encontra-se afetado por gralhas tipográficas, depois corrigidas em errata incluída no n.º 69 do mesmo jornal.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 253-254. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

4. que lealmente A que realmento Γque lealmente⊥ B que lealmente C  
*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*
8. vergonha de me ver contigo: A vergonna de me ver contigo. Γvergonha de me ver contigo.⊥ B vergonha de me ver contigo. C  
*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*
10. aprazes A aprazes, B aprazes C
13. menina ou velha! A menina ou velha!» B menina, ou velha!» C
14. – «É que ando a dar esmolas.» – Tu?» – «De A – «É que ando a dar esmolas.» – «Tu?» – De B – É que ando a dar esmolas. «– Tu?» – «De C
- Data.* □ A 15-X-903. B □ C

226

[A uma joven despeitada]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 12. Vd. descrição no n.º 137.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2261 (20 de fevereiro de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 255-256. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

6. commovida A commovida, BC

7. donzella, A donzella B donzella, C

9. desplante, A desplante BC

*Data.* □ A 23 de Janeiro de 1903. B □ C

## [Epitaphio de Bulhão Pato]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

São três os testemunhos considerados: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, pp. 42, 92. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 42, com ulterior campanha de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 42 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E”); podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 257”.

B – *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: Typ. Empreza da Historia de Portugal. Ano IV (1902), p. 102. Vd. descrição no n.º 165.

Trata-se de uma transcrição a partir d’ *A Chronica* (vd. *infra* Arquivo documental). Não sendo possível recolher o exemplar do jornal que esteve na base da cópia, trazemos à colação este testemunho indireto.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 257. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XVIII (1904), n.º 213, p. 651. Trata-se de uma cópia a partir d’ *A Chronica*.
- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 400 (17 de março de 1907), p. 1. Trata-se de uma cópia a partir d’ *A Chronica*.
- *Echos do Minho* (dir. Joaquim Antonio Pereira Vilela), Braga: [s.n.]. Ano II, n.º 170 (29 de agosto de 1912), p. 2. Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *A Chronica*, embora com variantes de pontuação.

### Aparato genético

3. primeiro, AB primeiro C
6. Tesas as pernas, firme nos artelhos: ΓTêso de pernas, firme nos artelhos.Γ A Têso de pernas, firme nos artelhos; BC
7. noute, A noite, B noute, C
8. De manhã... vibra mortes aos coelhos. ΓDe manhã, vibra dardos... aos coelhos!Γ A De manhã, vibra dardos... aos coelhos! B De manhã... vibra dardos aos coelhos. C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 540; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Almanach de Reporteres* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

Em correspondência trocada com Bulhão Pato, João Penha esclarece que este poema foi originalmente concebido para sair no número especial que *A Chronica* dedicou ao cantor de Paqueta. A homenagem em causa veio efetivamente a lume em maio de 1901, mas os madrigais de Penha apenas terão sido publicados em junho.

A primeira carta alusiva ao poema foi enviada pelo poeta bracarense a 24 de maio de 1901 e encontra-se guardada na BNP, com a cota Esp.A/4334. É constituída por um bifólio de papel pautado (com 22,4 x 18 cm), escrito de um só lado a tinta preta, e onde se lê:

*Meu caro Bulhão Pato.*

*Na minha carta de hontem, esqueci-me de lhe dar uma satisfação, ou antes, uma explicação necessaria: a da ausencia do meu nome no numero da Chronica, que lhe foi consagrado. A razão é esta: Silva, o massador, fallou-me d'esse n.º, mas não me disse que era o proximo a sahir, de sorte que mandei outra cousa qualquer, mas sobre outro assumpto (vid. um dos elixires, de que lhe fallei). Essa falta será supprida, ligeiramente, no proximo n.º. Eu faço o monte de Caparica sobranceiro ao mar. Não é? Se o não fôr, fical-o-á sendo desde esse n.º em diante.*

S.

24-V-901.

*J. Penha*

A resposta de Bulhão Pato está datada de 25 de maio de 1901 e encontra-se guardada no ADB, com a cota Ms. 548 <sup>4</sup>, 9. É constituída por um bifólio de papel pautado, escrito de ambos os lados (f. 1r-1v) a tinta preta:

*Monte de Cap.<sup>ca</sup>, Torre, maio, 25.1901*

*Meu caro João Penha.*

*Recebo agora, a seguir, duas cartas suas. Sim, fica sobre o Tejo e sobre o mar este Monte, que pela chegada das suas cartas está hoje mais illuminado e sussurante de harmonias do que estarão os regios Paços, esta noite, com o grande baile! As 2 horas vão bater; o correio parte; o meu jantar põe-se na mesa (janto ás horas d'um labrego!) e eu vou-lhe fazer uma saude, com o entusiasmo da minha primavera de 72 annos! Assim tivesse cá uma boa caneca, espumante, do seu verde do Minho! Isto vae a toda a pressa para não faltar ao correio.*

*Seu admirador e  
seu amigo*

*Bulhão Pato*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 44 (25 de outubro de 1902), p. 306. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 541, pp. 15, 111. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 15, com ulterior campanha de revisão na p. 111. O canto inferior esquerdo da p. 15 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 261”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 259-260. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 300 (2 de julho de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.
- *Semana Thyrsense* (dir. Adriano de Sousa Trepa), Santo Tirso: [s.n.]. Ano XVII, n.º 32 (8 de agosto de 1915), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /Ao Dr. Goran Björkman, Stockolm. *itálico* / C

1. No cemiterio A Num cemiterio ΓNo cemiterio] B No cemiterio C
2. entristecida: AB entristecida. C
5. lento, A lento BC
6. Quando ao pé do chorão da velha ermida A Quando junto ao chorão da velha ermida, BC

9. deixaste o A trocaste o BC  
12. ¿Uma A «¿Uma BC  
14. morrer A morrer, BC  
*Data.* I-X-02. A □ BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada no *Passatempo*; a segunda encontra-se documentada no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 536, p. 160. Vd. descrição no n.º 65.

A seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 3.º vol.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “N<sup>as</sup> Rimas 261”.

B – *O Gabinete dos Reporteres: Jornal Independente, Illustrado e Litterario* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. Ano V, n.º 86 (janeiro de 1899), p. 3.

Este periódico publicou-se mensalmente, entre 1894 e 1899. Imprimia-se em formato grande (de 48 cm), reunindo variada colaboração literária.

C – ADB, Ms. 540, p. 19. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte nota apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 261”.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 261-262. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 328 (22 de outubro de 1911), p. 1.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem a dedicatória e com variante de pontuação.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ CD

*Dedic.* □ ABC /A Prospero Peragallo, Genova. *itálico* / D

1. ella ou não? Se a perseguia AB ella ou não? Se a perseguia, C ella, ou não?  
Se a perseguia D
2. de detinha A me detinha BC me detinha, D  
*Em A, a variante resulta de um lapsus calami.*
5. dia, ABC dia D

6. Resolvi-me a lutar, e, insidioso, **AB** Enchi-me de bravura, e, insidioso, **C**  
Enchi-me de bravura, e insidioso **D**
7. nas funções de **AB** no papel de **CD**
9. Rugi:– «Em **A** Rugi: «– Em **BC** Rugi: «Em **D**
10. Não **A** «Não **B** Não **CD**
11. Esse **A** «Esse **B** Esse **CD**
12. Mas, **A** «Mas, **BCD**
- Data.* □ **A** 21-I-99. **B** □ **CD**

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao Ms. 536 e ao texto publicado n' *O Gabinete dos Reporteres*; a segunda encontra-se documentada no Ms. 540 e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, pp. 7, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 7, com ulterior campanha de revisão na p. 113. O canto inferior esquerdo da p. 7 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “v. E”); podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 263”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 263-264. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 309 (6 de agosto de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem a dedicatória.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 75.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com ligeiras variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A /A Carlos de Lemos. *itálico* / B

1. A receosa A «A púdica B
2. Dos myosotis que brotam sem cultura, ΓQue na sombra vicejam sem culturaΓ  
A Que na sombra vicejam sem cultura, B
5. Não A «Nã B
9. Tens A «Tens B
10. lua; A lua, B
11. Mas não sejas assim, quasi bisonha: A Mas, não sejas assim, quasi bisonha!  
B

12. Nem as saias levantas **A** «Nem as saías levantas, **B**
13. vergonha... **A** vergonha, **B**
14. E sem vergonha, a ti mostro-me... nua!» ΓE sem pudor, a ti... mostro-me  
nua!Γ **A** E sem pudor, a ti... mostro-me nua!» **B**

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 231

[A uma poetiza abandonada – I – Tal como Gilliatt, mesto, silente,]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 75 (setembro de 1902), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 541, p. 14. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R<sup>as</sup> p 265”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 265-266. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312), vindo acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 233-235) – vd. *infra* Arquivo documental.

#### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2176 (1 de novembro de 1902), p. 2.

Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, mas com ligeiras corruptelas.

### Aparato genético

*Título.* Lyra vingadora **AB** A uma poetiza abandonada **C**

*Dedic.* (A uma abandonada) **A** (A uma abandonada \*) **B** □ **C**

1. mésto, demente, **A** mesto, silente, **BC**
3. Viu Deruchette na longinqua bruma, **A** Viu fugir-lhe na longinqua bruma **BC**
4. A fugir-lhe na húmida corrente, **A** O navio que a leva na corrente, **B** O navio que a leva na corrente; **C**
5. ardente **A** ardente, **BC**
6. Bella cantaste com **A** Bella has descripto com **BC**
9. Louca sonhavas um amor ideal! **A** Tudo é sonho: a ventura não existe, **B** Tudo é sonho: a ventura não existe; **C**
10. Inda quizeste reagir com brio, **A** Tudo se esvae n’um bárathro sombrio! **BC**
11. Mas á dor succumbiste, dôr fatal, **A** Nem devias chorar, anciada e triste, **BC**

13. O viste, de bengala horisontal, A Tu o enxergaste, de bengala em riste, BC  
 Nota. □ A (\* A poetiza Maria Vellêda). B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde ao texto d' *A Chronica*; a segunda encontra-se documentada no Ms. 541 e nas *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição e reordenação, incidindo sobretudo no primeiro terceto.

### Arquivo documental

I. A versão publicada nas *Novas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 333-335):

#### *A uma poetiza abandonada*

*Ha tambem obscuridade nos sonetos que, sob este titulo, sahem n'este volume. Convém esclarecê-la, embora, pelo insignificante valor das composições, e ainda por outros motivos, melhor eu fizesse em não tocar no assumpto. Já agora irei por diante. Na poesia fica muito bem o vago, o indeterminado, o mysterioso, mas de maneira alguma o incomprehensivel, como alguns criticos o entendem, e alguns poetastros o executam. Incomprehensivel e obscura, a poesia não é poesia: é charada ou enyigma para almanachs e reportorios, boa, quando muito, para os restrictos amadores do genero.*

*Entremos no assumpto.*

*Haverá talvez dez annos, Ramalho Ortigão, de volta de Paris, contou n'um dos diarios mais conhecidos do paiz, que a moda, n'aquelle capital do mundo, quanto a bengalas, era a de as trazerem os petit-crevés, antecessores dos actuaes gommosos, em posição horizontal, n'um movimento regular de pêndulo, a modo, dizia aquelle escriptor, de quem vae a dar tacadas. No dia seguinte áquelle em que esta revelação foi publicada, nenhum macho d'este paiz foi visto senão com a bengala assim: horizontal, á moda. Em Paris, as modas duram o que vivem as rosas; entre nós, porém, não succede assim: algumas ficam eternas.*

*Aquella, ao que parece, existe ainda em certas regiões do paiz. Foi com a bengala assim que uma delicada escriptora o viu pela ultima vez. Entregara-lhe toda a sua alma, declarou-o publicamente com o nobre orgulho das grandes amorosas, divinizou-o em commovidos versos, tirara-o do nada, e eis que elle um dia, quasi subitamente, lhe estende a mão enregelada e lhe diz o ultimo adeus! «Saciara-se, como todos os homens.» A pobre abandonada, depois de uma noite, em que a lagrimas e gemidos, succediam gargalhadas de allucinada, sentiu um desejo invencivel, cruel, de o tornar a ver. Impellida por uma força mysteriosa, correu, quasi somnambula, á janella, e, caso estranho! eis que o vê a assomar do largo fronteiro, vagamente envolvido na neblina da manhã! «Vestia um fato claro, no braço esquerdo o pardessus, a bengala na mão direita, em posição horizontal.»*

*Dahi a pouco o silvo da locomotiva soava n'aquelle coração despedaçado, como um funéreo dobre de finados: era elle que partia, para sempre talvez, e com elle o sonho côr de rosa da sua alma de poetiza.*

*Comtudo, com a morte no coração:*

*– «Oh! sê feliz, sê tu feliz ao menos, meu amor! meu amor, meu amor!»*

*Foi este lamentavel successo, publicado n'uma revista lisbonense, que me suggeriu a idea dos sonetos a que esta nota se refere. Fiz talvez mal, publicando-os; comtudo, pela solidariedade que deve existir entre a nobre grei dos tangedores de lyras e tiorbas, julguei que devia consolar a triste abandonada, e assim o fiz, mostrando-lhe o objecto dos seus pensamentos, não poetico e romantico como ella o crystalizara, segundo a theoria de Stendhal, mas odiosamente prosaico como todos aquelles que, passando pela felicidade, longe de a segurarem pelos cabellos, lhe voltam as costas, e se partem para as regiões obscuras onde o paio floresce, a assobiar o Dio dél oro, ou, de bengala na horizontal, a fazerem carambolas no vasio – carambolas que, com referencia ao individuo anonymo, de que se trata, e que se despediu á franceza, – são caracteristicamente symbolicas, segundo as ideas de Filinto:*

*«Quando uma Mocetôna lhe resiste  
O soberbão Inglez crê que ella o offende;  
O Italiano chóra, e se arrepende;  
Nada ha hi que console o Hespanhol triste;  
O Allemão come e bebe, e se consola;  
Para o Francez, repúdio é carambola.»*

II. Na verdade, a nota incluída no final da p. 14 do Ms. 541 identifica a destinatária do poema como a jovem poetisa Maria Vellêda (pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispin – \*1871 †1955), que se tornaria numa das mais importantes escritoras feministas, republicanas e livre-pensadoras.



III. Em carta enviada a João Penha, o redator d' *A Chronica*, Luiz da Silva, esclarece o poeta bracarense sobre o nome dos protagonistas no romance de Victor Hugo. A missiva, com a cota BPMP, M-AF-2969(17), encontra-se transcrita no Arquivo documental II do texto n.º 759.

## [A uma poetiza abandonada – II – Resurge, pobre creança! Os teus queixumes]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 75 (setembro de 1902), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 541, pp. 10, 111. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 10, com ulterior campanha de revisão na p. 111. O canto inferior esquerdo da p. 10 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E”); podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 267”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 267-268. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312), vindo acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 233-235) – vd. *infra* Arquivo documental.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2176 (1 de novembro de 1902), p. 2.  
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*.

## Aparato genético

*Título.* [Lyra vingadora] – II A Lyra vingadora – II B [A uma poetiza abandonada] – II C

2. Commove porque és triste, és desgraçada. A Commove, porque és triste, és desgraçada: BC
5. ainda sem negrumes, A ainda, sem negrumes B ainda, sem negrumes, C
6. azulada. A azulada; B azulada: C
7. Inda has de ouvir, AB Has de inda ouvir, C
8. perfumes: A perfumes. BC
10. maio; AB maio, C
12. leve ensaio; A eterno ensaio: Γténue ensaio;] B ténue ensaio; C

*Data.* 12-IX-02 A □ BC

## [Desesperança]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 76, 110. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 76, com ulterior campanha de revisão na p. 110. O canto inferior esquerdo da p. 76 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 269”.

B – *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras* (ed. João José de Freitas Junior), Porto: Typographia Cunha. Ano I, n.º 4 (15 de outubro de 1903), p. 54. Vd. descrição no n.º 166.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 269-270. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *O Seculo: Edição da Noite* (ed. Jorge Grave), Lisboa: [s.n.]. Ano II, n.º 396 (13 de novembro de 1915), p. 1.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Brito Aranha. *itálico*/ C

1. bello A bello, BC
2. copo! A copo; BC
3. Agora, A Agora BC
4. segrêdo, A segrêdo B segrêdo, C
6. tópo! A tópo; B tópo! C
8. flagello. A flagello! B flagello. C
10. horas, Γhoras⌈ A horas BC
11. Na minha dor fatal meditabundo. ΓDa minha dôr acerba, gemebundo.⌋ A  
Da minha dor acerba, gemebundo; B Da minha dôr acerba, gemebundo. C

13. Ouves talvez: o sapo é nauseabundo A Ouves talvez: o sapo é nauseabundo,  
B Ouves, talvez: o sapo é nauseabundo, C  
*Data.* □ A 18-IX-03. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), n<sup>o</sup> *A Revista* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 75, 108, 110. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 75, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 108 e 110. O canto inferior esquerdo da p. 75 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 271”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 66 (25 de setembro de 1903), p. 282. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 271-272. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Anotação textual: emendas

12. coma?» ]; coma?

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Manuel Duarte d’Almeida. *itálico*/ C

2. pretendida, mas Γrequestada, mas⊥ A requestada, mas BC
3. adorava-a, AB adorava-a C
5. ferocidade, AB ferocidade C
6. Vi preambulante uma figura ignota, ΓNotei que um parvo, de amarella bota,⊥ ΓΓNotei que um fátuo, de amarella bota,⊥⊥ A Notei que um fátuo, de amarella bota, BC
8. Que assiduo a requestava, por vaidade. ΓConstante a perseguia, por vaidade.⊥ ΓΓA perseguia, a ella, a uma deidade!⊥⊥ ΓΓΓLhe sorria, ôdre pando de vaidade!⊥⊥⊥ ΓΓΓΓAo passar-lhe sorria com vaidade.⊥⊥⊥⊥ A Ao passar lhe sorria, com vaidade. B Ao passar, lhe sorria, com vaidade. C
9. «Como A – «Como BC
10. burro á esquina assôma Γparvo á esquina assôma;⊥ A parvo á esquina assôma, B parvo á esquina assôma C

11. Lhe não viras as costas, com ΓAs costas lhe não viras, comΓ A As costas lhe não viras, com BC
12. que te A que eu te BC
13. – «Accommoda-te, leão: trago-te prêso ΓAcco/d\<m>oda-te leão, tenho-te prêsoΓ A – «Accommoda-te, leão: tenho-te preso, B – «Accommoda-te leão: tenho-te prêso C
14. Às longas tranças da minha ampla côma!» ΓPor uns fios subtis á minha côma.Γ ΓΓNuma rêde subtil, na minha côma.ΓΓ ΓΓΓPor um cabello, um só, da minha côma!ΓΓΓ ΓΓΓΓN'esta que adoras, sumptuosa côma!ΓΓΓΓ ΓΓΓΓΓN'esta que adoras, perfumada côma!»ΓΓΓΓΓ A N'esta, que adoras, sumptuosa côma!» BC

*Data.* □ A 8-IX-03. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 70, 109. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 70, com ulterior campanha de revisão na p. 109. O canto inferior esquerdo da p. 70 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 273”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 64 (25 de agosto de 1903), p. 255. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 273-274. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 297 (18 de junho de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem a dedicatória e com variantes de pontuação.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 77.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /Á joven poetiza D. Aurora Beatriz| Dias Freitas. *itálico*/ C

2. aspeito, A aspeito; B aspeito. C
3. respeito: A respeito, BC
6. Lovelace, A Lovelace BC
8. Seguia-a, A Seguia-a B Seguia-a, C

9. Seguia-a como um galgo ΓSeguia-a qual podengoΓ A Seguia-a como um galgo B Seguia-a, qual podengo C
10. brasa, AB brasa C
14. – «Por ora nada: ando a arrastar-lhe a aza.» ΓQue me consinta que lhe arraste a aza.Γ A – «Que me consinta que lhe arraste a aza.» B – «Que me consinta... que lhe arraste a aza.» C
- Data.* □ A 4-VIII-903. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 77 (25 de fevereiro de 1904), p. 61. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 539, pp. 13, 91. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 13, com ulteriores campanhas de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 13 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 275-276. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

1. versos cantei com doce affecto A versos, com doce affecto Γversos cantei, com doce affecto, 7 B versos cantei, com doce affecto, C
  2. companheira; A companheira. BC
  3. No entanto a Sciencia, e sua mãe a Asneira A Porem a Sciencia e sua mae a Asneira B Porém, a Sciencia, e sua mãe a Asneira, C
  5. circumspecto. AB circumspecto, C
  6. porém, talvez a A porém, de certo a BC
  10. Apenas digo o que no mundo grassa, A Digo somente o que no mundo passa, ΓDigo sómente o que no mundo grassa. 7 B Digo sómente o que no mundo grassa, C
  12. Ora, como és gentil, como A Ora, como és gentil, como ΓMas, seja como fôr, como □ ou | Ora, se for assim, como □ ou | Mas seja ou não assim, como 7 B Ora, se fôr assim, como C
- Em B, a campanha de revisão apresenta três variantes alternativas. A dubitação aparece expressa pela conjunção ou.*
- Data.* 11-I-04 A □ BC

## 236

## [La donna é mobile]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 63, 109. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 63, com ulterior campanha de revisão na p. 109. O canto inferior esquerdo da p. 63 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 277”.

B – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 60 (25 de junho de 1903), p. 183. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 277-278. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A E. A. Vidal. *itálico*/ C

3. dous annos me diria a mim A dois annos me diria a mim B dous annos me diria a mim, C

9. sorrindo) AB sorrindo), C

11. infindo. AB infindo; C

13. Mas, enquanto a escutava, elle ia ouvindo, ΓMas, caso estranho! ouvindo-a, elle ia ouvindo, 7 A Mas, caso estranho! ouvindo-a, elle ia ouvindo BC

14. d’alma, a canção do Rigolêto. A d’alma a canção do Rigolêto. B d’alma a canção do Rigolêto! C

*Data.* □ A 19-VI-03. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: três manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 1, 111. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 1, com ulterior campanha de revisão na p. 111. No canto superior esquerdo da p. 1, podem ler-se as seguintes indicações apógrafas: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 279 | Vid Var. pag 86”.

B – ADB, Ms. 541, pp. 2, 113. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 2, com ulterior campanha de revisão na p. 113. No canto superior esquerdo da p. 2, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Inédito”.

C – ADB, Ms. 541, pp. 86, 108. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 86, com ulteriores campanhas de revisão na p. 108. O canto inferior esquerdo da p. 86 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte anotação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 279.”.

D – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 67 (10 de outubro de 1903), p. 296. Vd. descrição no n.º 131.

E – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 279-280. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

#### 2. *Eliminatio codicum descriptororum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2249 (7 de novembro de 1903), p. 2.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.
- *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 4774 (1 de dezembro de 1903), p. 3.  
Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.
- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 462 (5 de março de 1904), p. 1.

Trata-se de uma cópia do *Passatempo*.

- *A Folha do Minho* (dir. Olympio Gonçalves), Braga: Imprensa Commercial. Ano VIII, n.º 371 (10 de agosto de 1905), p. 1.

Trata-se de uma cópia do *Passatempo*, mas com variantes de pontuação.

### Aparato genético

- de amor. AB d'amor. CDE
- Diz o anjo) é sem confôrto. A Diz a bella) é sem confôrto. ΓEscreve ella) é sem conforto. 7 B Me disse ella) é sem confôrto; C Me disse ella) é sem confôrto. D Me disse Ella) é sem confôrto. E
- absôrto!» AB absorto! CDE
- Ao ouvir-lhe estes queixumes, AB «Oh! essa hora em que vassala C «Essa hora em que vassala D Oh! essa hora em que vassala E
- Alegra-me o seu martyrio, A Sinto-me alegre, mais forte, B Do teu poder me fiquei, ΓD'um louco amor me fiquei 7 C D'um louco amor me fiquei, D D'um louco amor me fiquei E
- Porque se ella tem ciumes, AB Hei-de sempre detestal-a! ΓVou, desde agora odial-a, 7 Γ Oh! hei-de sempre odial-a. 7 7 C Oh! hei de sempre odial-a, D Hei de sempre detestal-a, E
- É porque ama em delirio.. A É porque ama com transporte... B «Mas hei-de queixar-me ao rei!» ΓE hei-de queixar-me ao rei. 7 C E heide queixar-me ao rei!» DE
- Alma, envolve-te em perfumes, A Sinto na alma os teus perfumes, B E não poder consolal-a CDE
- Que és amada por um lirio! ΓÉs amada por um lirio. 7 A Divina «Alecrim do Norte!» ΓÉs minha, [«Alecrim do Norte!»] 7 B Por um systema que eu sei! CDE

*Data.* □ ABC 28-9-903- D □ E

*Nota.* □ A Pseudonymo de D. Zulmira de Mello B □ CDE

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde ao testemunho A; a segunda coincide com o testemunho B; a terceira está documentada (embora com variantes significativas) no testemunho C, no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

### Arquivo documental

A nota incluída no final da p. 2 do Ms. 541 identifica a destinatária do poema com a poetisa Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (\*1879 †1964), a jovem discípula de João Penha.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, p. 104. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, pode ler-se uma indicação apógrafa, posteriormente riscada: “Inédito”.

B – ADB, Ms. 541, pp. 105, 107. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 105, com ulterior campanha de revisão na p. 107. O canto inferior esquerdo da p. 105 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 281”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 281-282. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (variante). B □ C

8. exame A exame BC

9. E, cousa estranha, exquísita! A Eu sahi, que o passadio, B Eu sahi, que o passadio C

10. Se alguém te quer ir á mão, A Que se me dava a miúdo, BC

11. Dizes com phrase expedita: A Veio a causar-me fastio, BC

12. «É que eu tenho coração!» A Veio a fazer-me trombudo: BC

13. Um puro engano! és bonita, A Lérias e lérias em fio... BC

14. Mas amorosa, isso não! A Algum amor doce, e... eis tudo! Γ Bem preparadas, comtudo! B Bem preparadas, comtudo! C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se documentada na p. 104 do Ms. 541; a segunda corresponde à segunda redação do manuscrito e ao livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se nos tercetos, situando-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## 239

[A *communhão*]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 57, 109, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 57, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 109 e 114. O canto inferior esquerdo da p. 57 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 283”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 62 (25 de julho de 1903), p. 215. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 283-284. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castello: [s.n.]. Ano IV, n.º 308 (3 de agosto de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem a dedicatória.
- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 620 (27 de agosto de 1911), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas sem dedicatória e com variantes de pontuação.

## Anotação textual: emendas

12.    tens?»] AB; tens?

### Aparato genético

- Dedic.* □ **AB** /Ao Conde de Monsaraz. *itálico* / **C**
1. Numa alêa deserta da avenida ΓN'um desvio deserto da avenida,Γ ΓΓNum retiro deserto da avenida.ΓΓ ΓΓΓCom voz grave, mas doce e commovida, [←(este)]ΓΓΓ **A** Com voz grave, mas doce e commovida, **BC**
  3. – «Chamaste-me Beatriz, chamei-te Dante; **A** «Chamaste-me Beatriz, chamei-te Dante, **B** – «Chamaste-me Beatriz, chamei-te Dante, **C**
  4. Pediste-o, dei-te o anel de promettida. ΓE aos teus encantos me curvei, rendida.Γ **A** E aos teus encantos me curvei, rendida. **BC**
  5. arrependida; **A** arrependida, **B** arrependida! **C**
  6. Mas, sinto-me indecisa, vacilante: ΓMas sómente indecisa, vacilante.Γ **A** Mas sinto-me indecisa, vacilante: **B** Mas, sinto-me indecisa, vacilante: **C**
  9. calmas: **AB** calmas; **C**
  12. tens?» **AB** tens? **C**
  13. – «Eu nada; e para quê? Unem-se as almas, ΓEu nada, e que importa: unem-se as almas,Γ **A** – «Eu nada, e pouco importa: unem-se as almas **B** – «Eu nada, e pouco importa: unem-se as almas, **C**
  14. Unem-se os corpos, **A** Unem-se, corpos, **B** Unem-se os corpos, **C**
- Data.* □ **A** 14-IV-03. **B** □ **C**

## 240

[Lawn-tennis]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, pp. 81, 108. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 81, com ulterior campanha de revisão na p. 108. O canto inferior esquerdo da p. 81 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(v. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> R.<sup>as</sup> 285”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 73 (26 de dezembro de 1903), p. 375. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 285-286. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A João Saraiva. *itálico*/ C

3. Eu por mim nunca A Eu, porém, nunca B Eu, por mim, nunca C  
*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*

4. tu, A tu B tu, C

7. abate! AB abate, C

8. Á propria honra /ao\<o> seu poder immola! ΓBrios, e honra, ao seu furor immola.7 A Brios e honra ao seu furor immola! BC

9. quando A quando, B quando C

10. mão A mão, B mão, C

*Data.* □ A 2-XII-03. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 43, 92. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 43, com ulteriores campanhas de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 43 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *A Revista: Mensario de Ciencias e Letras* (ed. João José de Freitas Junior), Porto: Typographia Cunha. Ano II, n.º 4 (15 de outubro de 1904), p. 58. Vd. descrição no n.º 166.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 287-288. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

2. «– Talvez AB «Talvez C
  7. aparece, A aparece B aparece, C
  9. avança a todo o instante! A avança, a todo o instante! B avança, a cada instante! C
  10. Do que me cerca, nem <já> distingo a ΓDo que me cerca, nem já vejo aΓ  
ΓΓDas cousas nem já vejo a fórmula, aΓΓ A Das cousas nem já vejo a fórmula,  
a BC
  12. – Disse ella: «Não A Disse ella: – «Não BC
  13. deixarei, no mundo, A deixarei no mundo BC
- Data.* □ A 20-IX-04. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, pp. 50, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 50, com ulterior campanha de revisão na p. 114. O canto inferior esquerdo da p. 50 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vi. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, as seguintes indicações apógrafas: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 289| Vid pag 73 deste livro”.

B – ADB, Ms. 541, pp. 73, 107, 108, 110. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 73, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 107, 108 e 110. O canto inferior esquerdo da p. 73 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 289”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 289-290. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 505 (17 de dezembro de 1904), p. 1.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

2. dous?»] AB; dous?

## Aparato genético

*Subtit.* □ A (variante). B □ C

*Dedic.* □ AB /A Accacio Rosa. *itálico* / C

2. dous?» AB dous? C

3. E nêsse grave dilemma ΓE nêssa luta suprêma.⌈ A E nêsse grave dilemma BC

10. Uma janota moderna, ¶Uma Rosina moderna¶ A Mas agora ha testemunhos  
BC
11. E emmagreces dia a dia! A De que vertes, noite e dia, ¶De que choras noite  
e dia.¶ B De que choras noite e dia: C
12. Sahe d'essa dúvida eterna: A Lagrimas vãs, como punhos. ¶Em gritos, mordes  
os punhos!¶ ¶ ¶De raiva, mordes os punhos! ¶¶ ¶ ¶Raivosa, torces os  
punhos! ¶¶¶ B Nervosa, torces os punhos! C
13. Eu, no teu caso, escolhia A Sabes tu o que eu faria? BC
14. O outro: tem melhor perna! A Lançava cruces e cunhos. ¶Deitava cruces e  
cunhos.¶ B Deitava cruces e cunhos. C

## 243

[A carta]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 540, pp. 46, 93. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 46, com ulterior campanha de revisão na p. 93. O canto inferior esquerdo da p. 46 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Vid 48”.

B – ADB, Ms. 540, pp. 48, 93. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 48, com ulterior campanha de revisão na p. 93. O canto inferior esquerdo da p. 48 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 291”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 291-292. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (variante) B □ C

*Dedic.* □ AB /A Bulhão Pato. *itálico*/ C

1. «Ja te disse que sou tua, A «Ja te disse que sou tua ΓRespondi-te: «Serei tua»Γ  
B «Já te disse que sou tua, C
9. «Sou das de alma sonhadora, ΓNão quero ser peccadôra,Γ A «Todos dizem  
que sou bella, B «Não quero ser peccadôra, C
10. ais, AB ais C
11. Numa insomnia inquietadora! A Nos anceios de quem vela! B N’uma insomnia  
inquietadora! C
13. e senhora, A e donzella, B e senhora, C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Gazeta Illustrada: Revista Semanal de Vulgarização Científica, Artística e Litteraria* (ed. José Joaquim Almeida), Coimbra: [s.n.]. N.º 7 (13 de julho de 1901), p. 51.

Esta revista semanal contou com 26 números, publicados entre 29 de maio e 23 de novembro de 1901. Tinha formato médio (de 34 cm), acolhendo vária colaboração literária.

B – ADB, Ms. 540, pp. 35-38, 92. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito nas pp. 35-38, com ulterior campanha de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 36 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(vid. E)”, enquanto a p. 38 encerra com anotação “(Trad. Livre)”. No canto superior esquerdo da p. 35, pode ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> Rimas 293”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 291-292. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 336-338) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Aparato genético

*Título.* A um poeta exilado AB Filinto Elysio C

*Subtít.* (Ode de Lamartine a Filinto Elysio) AB (Ode de Lamartine) C

*Dedic.* □ AB /A Bernardino Machado. <sup>italico</sup> / C

1. Ó A Oh BC
2. dois A dous BC
4. ó A oh BC
6. Cêdo a Musa te deu sonoro canto; A Deu-te a Musa, bem cedo, a lyra e o canto, B Deu-te a Musa, bem cedo, a lyra e o canto; C
9. chores! A chores, BC
10. O repouso, que ao vulgo o tempo adoça: A O repouso que ao vulgo o tempo adoça: B O repouso que ao vulgo o tempo adoça! C
13. ó A oh BC
14. pedestaes, AB pedestaes C

15. erguem; A erguem, BC  
 17. altura, A altura B altura, C  
 20. vivo.» A vivo!» BC  
 22. Templo AB templo C  
 25. Iónia ingrata, ou onde aporta A Ionia, ou onde aporta, ΓIonia ingrata, ou onde aporta, 7 B Iónia ingrata, ou onde aporta, C  
*Em B, a variante resulta de um lapsus calami.*  
 29. infausto A infausto, BC  
 31. mas, exausto, AB mas exausto C  
 35. precitos A precítos, BC  
 38. prostra: A prostra! BC  
 40. mostra. A mostra! BC  
 43. erecto, AB erecto C  
 46. paz; AB paz. C  
 48. deixarás. A deixarás! BC  
 49. justiceira: AB justiceira; C  
 50. glorifica: A glorifica. BC  
 53. verte, A verte BC  
 54. annos: A annos. BC  
 55. inerte, A inerte B inerte, C  
*Data.* Braga – 1901. A □ BC  
*Nota.* (Trad. liv.). A (Trad. Livre). B □ C

### Arquivo documental

I. A versão publicada nas *Novas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 236-238):

#### *A um poeta exilado*

*Esta ode, que traduzi liberrimamente, e que é a decima quarta das Meditações poeticas, de Lamartine, não tem aquelle titulo, mas o de Gloria. Á un poëte exilé é o sub-titulo.*

*Não se diz ahi quem é esse exilado, mas é cousa averiguada que é Filinto Elisio, fóra da Arcadia Francisco Manuel do Nascimento, o nosso maior poeta do seculo XVIII. Perseguido pela Inquisição, fugiu a toda a pressa, para não perder a liberdade, como elle mesmo diz; perdeu, porém, todos os seus haveres, os quaes lhe foram confiscados, e, primeiro na Hollanda, e depois em Paris, onde dava lições da sua lingua, passou vida precária e cheia de privações, mas sempre alegre e resignado, porque era são do corpo e da alma: aos oitenta annos fazia versos, como em plena mocidade os fazia ás Marcias, ás Delmiras, e a outras symbolicas pastoras do seu tempo. Foi o mestre em que aprenderam a lingua os nossos maiores escriptores do seculo XIX, como Herculano, Garrett e Castilho. É ahi, e não em dictionarios, ou nas obras, aliás preciosas, dos Lucenas, Souzas, Barros e Vieiras que ella póde aprender-se e admirar-se. O seu poema os Martyres, traduzido do livro em prosa, de Chateaubriand, que tem o mesmo titulo, é um monumento da nossa*

*litteratura, e as suas odes, que fazem lembrar, no tom e na philosophia, as de Horacio, o unico poeta romano que, segundo Quintiliano, era digno ler-se, revelam uma alma de poeta, e um pulso de artista. Bocage, por que elle o saudara n'uma ode, exclamou: «Posteridade, és minha!» – porque o seu nome ficaria na obra d'um poeta immorredoiro.*

*O mesmo pensava Lamartine:*

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage  
N'enchaîneront la gloire aux bords où tu mourras;  
Lisbonne la rèclame, et voilà l'héritage  
Que tu lui laisseras!

*Que Lamartine se enganasse não é de admirar, mas que se enganasse Bocage é o que realmente me assombra.*

*Lisboa não reclama nada: os ossos d'esse grande poeta lá repousam em ignorada sepultura no Père-Lachaise: raros são os nossos modernos escriptores que o conhecem de nome, e rarissimos os que o lêem. Quanto a estatuas, Lisboa ergue-as... a Souza Martins!*

II. O poema de João Penha constitui, na verdade, uma tradução da “Méditation douzième” de M. Alphonse de Lamartine (*Méditations Poétiques*, Paris: Librairie Grecque-Latine-Allemande, 1820, pp. 55-57):

*La gloire  
A un poete exilé*

*Généreux favoris des filles de mémoire,  
Deux sentiers différents devant vous vont s'ouvrir:  
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;  
Mortels, il faut choisir.*

*Ton sort, ô Manoell! suivit la loi commune;  
La muse t'enivra de précoces faveurs;  
Tes jours furent tissus de gloire et d'infortune,  
Et tu verses des pleurs !*

*Rougis plutôt, rougis d'envier au vulgaire  
Le stérile repos dont son coeur est jaloux;  
Les dieux ont fait pour lui tous les biens de la terre,  
Mais la lyre est à nous.*

*Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.  
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels,  
Où le juste avenir prépare à ton génie  
Des honneurs immortels.*

*Ainsi l'aigle superbe au séjour du tonnerre  
S'élance; et, soutenant son vol audacieux,  
Semble dire aux mortels: Je suis né sur la terre,  
Mais je vis dans les cieux.*

Oui, la gloire t'attend; mais arrête, et contemple  
 A quel prix on pénètre en ses parvis sacrés;  
 Vois: l'infortune assise à la porte du temple  
 En garde les degrés.

Ici, c'est ce vieillard que l'ingrate Ionie  
 A vu de mers en mers promener ses malheurs:  
 Aveugle il mendioit au prix de son génie  
 Un pain mouillé de pleurs.

Là, le Tasse, brûlé d'une flamme fatale,  
 Expiant dans les fers sa gloire et son amour,  
 Quand il va recueillir la palme triomphale,  
 Descend au noir séjour.

Par-tout des malheureux, des proscrits, des victimes,  
 Luttant contre le sort ou contre les bourreaux;  
 On diroit que le ciel aux coeurs plus magnanimes  
 Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes de ta lyre,  
 Des coeurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil;  
 Mais toi, roi détrôné, que ton malheur t'inspire  
 Un généreux orgueil !

Que t'importe après tout que cet ordre barbare  
 T'enchaîne loin des bords qui furent ton berceau ?  
 Que t'importe en quels lieux le destin te prépare  
 Un glorieux tombeau ?

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage  
 N'enchaîneront ta gloire aux bords où tu mourras:  
 Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage  
 Que tu lui laisseras!

Ceux qui l'ont méconnu pleureront le grand homme;  
 Athène à des proscrits ouvre son Panthéon;  
 Coriolan expire, et les enfants de Rome  
 Revendiquent son nom.

Aux rivages des morts avant que de descendre,  
 Ovide lève au ciel ses suppliantes mains:  
 Aux Sarmates grossiers il a légué sa cendre,  
 Et sa gloire aux Romains.

## Notícia dos testemunhos

### 1. *Recensio*

São quatro os testemunhos considerados: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 559 <sup>maço 3</sup>, 1-4.

Este testemunho apógrafo é composto por dois bifólios (com 22,9 x 18,1 cm) de papel pautado, escritos de ambos os lados, a tinta preta. No canto superior direito das páginas ímpares, a lápis, os bibliotecários anotaram a paginação do documento, acrescentando na primeira página, também a lápis, a indicação: “9-V-1903” (datação baseada no carimbo de correio, constante em envelope anexo).

Trata-se de uma carta de Vitorino Peres Furtado Galvão, onde João Penha corrige, pelo seu punho, a transcrição apresentada pelo condiscípulo de Coimbra – vd. *infra* acrescentos e correções no Aparato genético. Vd. tb. transcrição integral da carta, no Arquivo documental.

B – ADB, Ms. 541, pp. 54, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 54, com ulterior campanha de revisão na p. 114. O canto inferior esquerdo da p. 54 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E.”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 297”. No final, João Penha acrescentou ainda a seguinte nota: “Feito em 1868 ao lente Brito, o da mutualidade de serviços”.

C – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 98 (setembro de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

O poema vem acompanhado de uma nota explicativa do autor. Vd. *infra* Arquivo documental.

D – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 297-298. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 335-336) – vd. *infra* Arquivo documental.

### 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Estado de S. Paulo*, São Paulo: [s.n.]. N.º de 9 de novembro de 1903, p. 1. Gaspar da Silva copia o texto d’ *A Chronica*, mas com algumas corruptelas.

- António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, p. 256.  
Trata-se de uma cópia d' *A Chronica*.
- António Cabral, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante – Anecdotes e Casos, Figuras e Typos*, Coimbra: Coimbra Editora, 1925, p. 246.  
Trata-se de uma cópia d' *A Chronica*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 45.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

### Anotação textual: emendas

14. presunto?»]; presunto?

### Aparato genético

*Título.* □ A O Brito B Soneto ao Brito C O Brito D

*Subtít.* □ AB (Inedito) C □ D

1. Eis-te a galgar fóra do tempo e espaço, A Eis que te partes para além do espaço B  
Eis que te partes para além do espaço, C Eis que te partes para além do espaço D
2. infinito, A infinito. BC infinito! D
3. paz amigo Brito, A paz, amigo Brito: BC paz, amigo Brito! D
4. ficamos ABC ficamos, D
5. invento e faço, AB invento e faço C invente e faço, D
6. que [↑ em] ti cogito, A que em ti cogito, BCD
7. mytho A mytho, BCD
8. Kant <no> [↑ em seu] cachaço A Kant em seu cachaço. BCD
9. sitios em que [↑ ethéreo] vôas, A sitios, em que ethereo vôas, BCD
10. isto A isto, BC isto D
11. prosa, que é vil, mas nêstas lôas A prosa, que é vil, mas nêstas lôas, BC prosa  
que é vil, mas nêstas lôas, D
12. [↑ Em que resumo um delicado assumpto:] A Em que resumo um delicado  
assumpto: B Em que resumo o delicado assumpto: CD
13. As putas do infinito, diz, são boas A As putas no infinito, diz, são boas? ΓAs  
«moças» no infinito, diz, são boas? 7 B «As femeas no infinito, diz, são boas? CD
14. há <pois> bom vinho [↑ por lá] ha A Ha bom vinho por lá, ha BC Ha bons  
vinhos por lá, ha D

### Arquivo documental

I. A versão publicada nas *Novas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 235-236):

## O Brito

*Este soneto é o unico antigo, que sahe neste volume; é até anterior á publicação da Folha.*

*O Dr. Brito, o da mutualidade de serviços, transformava a sua aula de philosophia do direito, em de philosophia transcendental. Vivia-se ali fóra do tempo e do espaço, no infinito. Anthero de Quental, levado pelas vozes que a tal respeito corriam, foi ouvil-o uma vez. Ao sahir, a sua bella figura de slavo revelava o íntimo bom humor de quem tinha passado alegremente algumas horas. Inutil é dizer que não voltou lá.*

*O soneto, feito na propria aula, allude áquella circumstancia, tornando-se depois popular entre a academia. Mão amiga, a mesma talvez que levou ao Dr. Pedro Penedo o seu hymno, o levou ao illustre philosopho, o qual, longe de o tomar como um simples gracejo inoffensivo, o tomou a serio, votando todos os seus scientificos odios contra o autor. E comtudo é a essa insignificante producção que elle deve o ser ainda lembrado nestas epocas relativamente afastadas.*

*O soneto, que eu julgava perdido, foi ultimamente encontrado, com diversas lacunas, entre a papelada do meu dilecto amigo e condiscipulo o Dr. Victoriano Peres Furtado Galvão, o qual graciosamente mío offereceu. Não está, pois, de certo, como foi composto. O que eu posso affirmar é que a palavra «femeas» era outra, menos distincta, e mais academica. Os meus tão pios como maliciosos leitores bem podem imaginar qual ella seria.*

*O Brito vae como simples recordação da mocidade. Os livros não são unicamente para os leitores, para o publico; são tambem para aquelles que os produzem.*

II. Efetivamente, o testemunho mais antigo de que dispomos para este poema (vd. *supra* testemunho A) consiste na seguinte carta de Vitoriano Peres Furtado Galvão:

*Meu caro João Penha.*

*Há hoje bons trinta e tantos annos, n'uma aula q'quer, das que frequentamos durante os annos da nossa formatura – 6 –, porque eu, tu, e creio que mais 11, ficamos reprovados no 1.º anno, em 1868.*

*Os 12 porque o cão de quinta – ão ão ão – (B. d'Albuquerque) embirrou com elles: e tu, por causa do teu bello soneto, d'uma inexcedivel justeza photographica, reproduzindo nelle as theorias ao Dr. Brito.*

*Eis-te a galgar fóra do tempo e espaço,  
Envolvido na estóla do infinito,  
Que Deus te leve em paz amigo Brito,  
Nós ficamos por medo do cansaço.*

*Eu, por mais abstracções que invento e faço,  
Por mais transcendental que [↑ em] ti cogito,  
Não posso imaginar-te ideia ou mytho  
Mas um tumor de Kant <no> [↑ em seu] cachaço*

*Lá d'esses sitios em que [↑ ethéreo] vôas,  
Responde a isto que d'aqui pergunto,  
Não em prosa, que é vil, mas nestas lôas*

[↑ *Em que resumo um delicado assumpto:*]

*As putas do infinito, diz, são boas*

.....  
há <pois> bom vinho [↑por lá] ha bom presunto?

*Lembras-te? Se tal succede, preenche o verso q falta e me não lembra, e faz-me a fineza de m'ò indicares.*

*Como ia dizendo, ha 30 e tantos annos, na tal aula, não sei a que proposito ou porque motivo passaste-me tu uma trova tua que terminava assim:*

*Honni soit qui mal y pense  
Treme de colicar ventre  
Treme de colicar pança*

*Tenciono escrevel-a na 1ª pagina da pasta de formatura, em que fiz introduzir varias folhas de papel, sob o seg.te dizer:*

*– Ha 30 annos –*

.....  
.....  
.....

*(Em nota) parte d'uma quadra que n'uma das aulas de direito passou o sublime trovador J.º d'Ol.ra Penha Fortuna ao condiscipulo dôno d'esta pasta.*

*A pagina seg.te terá a seg.te inscripção:*

*– 30 annos depois –  
– em 18 do 5.º de 1903 –*

*Para esta venho pedir ao teu sublimado engenho e arte uma producção qualquer, gaiata, allusiva a nossa reunião n'aquelle dia.*

*Concedel-a-ha elle?*

*Olha, serve-lhe d'empenho, que talvez seja a unica cousa que te peço durante o tempo, que nos resta...*

*Manda-m'ã a tempo, que a quero collar na pagina e ler ao jantar, se a isso me autorizares.*

*Disto faço segredo até então.*

*Vae ser p.ª todos uma surpresa agradabilissima.*

*Por uma carta, que recebi, encarregando-me d'ir a Coimbra arranjar photographo, casa e quem nos fornecesse o jantar, soube a agradavel nota de que tu nos obsequiaste com produções tuas: mas ella me dava tambem a desagradavel noticia de que tu não comparecias.*

*Resolve-te, é um passeio, que dás sem maior encommodo, por ser a jornada toda em caminho de ferro, e dás com isso a maior satisfação a todos nós; seria a corôa e nota sublime da nossa festa.*

*Tu em tempos dizias “Vae-te embora Sarampo – vae-te embora Sarampo” e eu agora digo – vem João, vem João, e, se é preciso, até, dep.s dos 50, te chamarei Joãozinho.*

*Tu, de m.s a m.s estás um rapaz, a avaliar por um retrato teu, que vinha n'um jornal – Echos da Avenida – que te fazia uma justa consagração.*

*Vem pois, mas previamente desculpa a massada epistolar e o tardio perdão, que depois de t'á haver pregado, d'ella te peço.*

*Deseja-te a m.or saude e maiores prosperidades quem é*

*todo teu  
ex corde.*

*Districto de Coimbra*

*Penella – 9-5-903.*

*Victorino Peres Furtado Galvão*

*P.S.*

*Ainda m.mo que te resolves ou que nos faças q'quer surpresa, venha a tempo o teu cantar, dirigido p.<sup>a</sup> Penella no Districto de Coimbra =.*

João Penha acederá ao pedido do amigo, introduzindo no soneto as correções assinaladas e enviando depois algumas quadras para o referido jantar de curso (vd. poema editado no n.º 714).

III. Também a versão publicada n' *A Chronica* (vd. *supra* testemunho C) vem acompanhada da seguinte nota, alusiva aos tempos de Coimbra:

*O Dr. Brito, o da mutualidade de serviços, transformava a sua aula de philosophia do direito em de philosophia transcendental. Vivia-se ahi fóra do tempo e do espaço, no infinito. O soneto, que hoje se publica pela primeira vez, e que se julgava perdido, reconstruido sobre o que, com algumas lacunas, existia em poder do Dr. Victorino Peres Furtado Galvão, allude a esse facto.*

*Tem a mesma origem a seguinte quadra, feita a um condiscipulo do autor, rapaz intelligente, estudioso e de excellentes qualidades pessoases, mas que tinha uma voz que, comparada com a do homerico Stentor, pareceria um murmurio de briza.*

*De pé, em frente do Brito,  
Dá lição Pinto Lambaça;  
Parece a voz do infinito  
A sahir d'uma cabaça.*

*Este Pinto Lambaça, que do melhor humor accetava que assim lhe chamassem, é o Dr. José Joaquim Pinto, actual juiz de direito n'uma das comarcas do paiz.*

Sobre este último epigrama, vd. texto editado no n.º 703.

## 246

## [O desquite]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, pp. 69, 108, 109. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 69, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 108 e 109. O canto inferior esquerdo da p. 69 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “vid. E”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta as seguintes indicações apógrafas: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 299” e “V. Var. pag 80”.

B – ADB, Ms. 541, pp. 80, 108. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 80, com ulterior campanha de revisão na p. 108. O canto inferior esquerdo da p. 80 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E.”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 299”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 299-300. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Subttit.* □ A (variante) B (Inedito) C □ D

*Dedic.* □ AB /A Tommaso Canizzaro, Messina. *itálico*/ C

1. certeza, AB certeza C
2. deixo, em procura d'outra vida: A deixo em procura d'outra vida: B deixo em procura d'outra vida, C
4. ideal <, > /: \ A ideal: B ideal; C
7. Raras vezes a cômo, e n'èsta lida A Raras vezes a cômo, e n'èsta lida, Γ Poucas vezes a cômo, e n'èsta lida 7 B Poucas vezes a cômo, e n'èsta lida C
8. emmagrecer A emmagrecer, BC
9. Escreve-me A Escreve-me, BC
10. É cousa que não sou: só justiceiro. A Nunca o fui, e a vinganças tenho horror. BC
11. Narra tudo ao amigo generoso. A Diz tudo ao confidente pressuroso, BC

12. Sobretudo, não deixes no tinteiro ΓSobretudo não fique no tinteiro. 7 A E sobretudo, por gentil favor, BC
13. mortal que, AB mortal, que C
14. teu amor primeiro. A teu primeiro amor. BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à p. 69 do Ms. 541 (com revisões introduzidas na lista de “Emendas”); a segunda encontra-se documentada na p. 80 do manuscrito e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 247

[Post juventutem, nihil]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 540, p. 28, 92. Vd. descrição no n.º 128.

Este poema aparece transcrito na p. 28, com ulteriores campanhas de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 28 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vide E.”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a seguinte indicação apógrafa: “N.<sup>as</sup> Rimas 301”.

B – *Gazeta Illustrada: Revista Semanal de Vulgarização Científica, Artística e Litteraria* (ed. José Joaquim Almeida), Coimbra: [s.n.]. N.º 14 (31 de agosto de 1901), p. 109. Vd. descrição no n.º 244.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 301-302. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /Ao Conde de Valenças. *itálico* / C

1. infindo, AB infindo C
3. fogem, AB fogem C
6. brando! A brando: B brando C
7. O das rosas saudades vae chegando ΓSurgem logo as saudades, e chegandoΓ  
A Surgem logo as saudades, e chegando BC
8. Ao passo que o dos sonhos vae partindo! ΓFoge de nós o que na vida é lindo!  
| ou: Foge de nós o que no mundo é lindo! | Este: Foge-nos da alma triste o  
sonho lindo!Γ A Foge-nos da alma triste o sonho lindo! BC  
*Em A, a campanha de revisão apresenta três variantes alternativas. Nas duas  
propostas iniciais, a dubitação aparece expressa pela conjunção ou, enquanto  
a terceira variante se sobrepõe através do pronome demonstrativo Este.*
10. apercebida! A apercebida: B apercebida! C
13. annos, A annos B annos, C

*Data.* □ A 12-VIII-1901. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 17, 91. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 17, com ulterior campanha de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 17 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E.”.

B – *Passatempo: Revista Ilustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 81 (25 de abril de 1904), p. 116. Vd. descrição no n.º 131.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 303-304. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Semana Thyrsense* (dir. Adriano de Sousa Tropa), Santo Tirso: [s.n.]. Ano XVIII, n.º 30 (23 de julho de 1916), p. 3.

Trata-se de uma cópia do *Passatempo*, mas com ligeiras corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB /A Alves Crespo. *itálico* / C

1. finda, A finda B finda, C

2. Eu, por mim, A Eu por mim B Eu, por mim, C

5. aurora A aurora, BC

6. syntaxe. AB syntaxe; C

7. face; A face, BC

11. Pelo bife, esse ideal de quem labuta; ΓSymbolico ideal de quem labuta.7 A  
O symbolico ideal de quem labuta. B Symbolico ideal de quem labuta. C

*Data.* □ A 10-IV-04. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada, com ligeiras variantes, na lista de “Emendas”, ao final do manuscrito, no *Passatempo* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 541, p. 55, 110, 114. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 55, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 110 e 114. O canto inferior esquerdo da p. 55 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid E.)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 305”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 101 (outubro de 1903), p. 4. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 305-306. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- António Ruivo Mouzinho (coord.), *A Circulatura do Quadrado (Alguns dos mais Belos Sonetos de Poetas cuja Mãtria É a Língua Portuguesa)*, Porto: UNICEPE, 2004, p. 125.

Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com ligeiras variantes de pontuação.

## Aparato genético

3. aterra, A aterra B aterra, C
6. encerra. A encerra: BC
7. Longe, a minh’alma entre outros ΓLonge, a minh’alma em outrosΓ A Longe a minh’alma em outros B Longe a minh’alma em outros C
9. prêtas. AB prêtas; C
10. Por cima, em vez de lápida, um jardim, Γonde fique, uma lápida, e um jardimΓ Γonde fique, um recôndito jardim, ΓΓ A Onde eu fique, um recôndito jardim, BC

12. Se por lá fôr, e se lembrar de mim, ¶Se por acaso se lembrar de mim¶ A Se por acaso se lembrar de mim, BC
13. violetas, A violetas B violetas, C
- Data. □ A 8-IX-03 B □ C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada, com ligeiras variantes, na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), n.º *A Chronica* e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 250

[Nossa Senhora]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, p. 31. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece assinado no final, por João Penha.

B – *Voz de S. Antonio: Revista Mensal Illustrada* (ed. D. J. de Souza Gomes), Braga: [s.n.]. Série V, Ano X, n.º 18 (junho de 1904), p. 558. Vd. descrição no n.º 167.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 307-308. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *A Folha do Minho* (dir. Olympio Gonçalves), Braga: Imprensa Commercial. Ano VIII, n.º 377 (21 de setembro de 1905), p. 2.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*.
- *Almanach de Santo Antonio para 1920*, Braga: Missões Franciscanas, 1919, pp. 187-188.  
Trata-se de uma cópia das *Novas Rimas*, mas com ligeira falha de transcrição. Vem precedido por um retrato e pela breve evocação de João Penha.

## Aparato genético

10. erguida, AB erguida C

Data. □ A 21-IV-04. B □ C

## 251

## [A grande arte]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Ala-Moderna: Revista Quinzenal Ilustrada: Litteratura e Critica* (dir. Alfredo Guimarães), Guimarães: António de Castro Martins. Ano I, n.º 8 (10 de novembro de 1903), p. 59. Vd. descrição no n.º 138.

B – ADB, Ms. 541, pp. 90, 107. Vd. descrição no n.º 131.

Este poema aparece transcrito na p. 90, com ulterior campanha de revisão na p. 107. O canto inferior esquerdo da p. 90 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vi E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “N<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 309”.

C – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 309-310. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

2. dia AB dia, C
  3. sermões AB sermões, C
  6. pueril, a phantasia, A pueril, a phantasia, Γgentil, a phantasia. 7 B gentil, a phantasia, C
  9. Christandade. A christandade. B Christandade. C
  11. humildade; A humildade: B humildade. C
- Data.* 28-X-03 A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à *Ala-Moderna* e à redação inicial do Ms. 541; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Novas Rimas*. A ligeira mudança situa-se ao nível sintagmático da substituição.

## 252

## [Ao espelho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 30, 92. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 30, com ulteriores campanhas de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 30 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 311-312. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Sonatas e ritornellos” (pp. 219-312).

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Solemnia verba) B

1. Peço perdão, mas ΓNão é gentil, masΓ A Não é gentil, mas B
7. amor, e são A amor e bom B
9. passado; A passado: B
11. Nem honra e gloria, o teu ideal sonhado. ΓNem a gloria d’um vate sublimado.Γ A Nem a gloria d’um vate sublimado. B
12. fé, A fé B
13. letrado A letrado, B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Novas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 40, 85, 86.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Echos do Passado* (1914), *Ultimas Rimas* (1919) e *O Canto do Cysne* (1923), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 47 folhas (medindo 15,0 x 20,2 cm), com encadernação em cartão revestido a papel de fantasia e lombada em percalina, onde foi colocado o rótulo: “Arquivo Distrital | 538 | Manuscritos | U.M.”. O volume abre com uma folha de guarda em papel almaço branco, onde se lê o título “Novas Rimas| (Póstea)| II”, juntamente com a indicação apógrafa “verificado”. Seguem-se 47 folhas pautadas, com paginação de 1 a 94. As poesias encontram-se nas pp. 1-81, vindo depois uma secção de “Emendas” (pp. 82-88), um acrescento com a poesia “Celestina” (p. 89) e um “Índice” (pp. 91-94). O caderno encerra com uma folha de guarda, onde posteriormente foram apenas duas folhas avulsas (vd. poemas n.ºs 141 e 596).

O poema “A expiação” aparece transcrito na p. 40, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 85 e 86). O canto inferior esquerdo da p. 40 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 11”.

B – *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. X (1910), n.º 59, p. 376.

À semelhança de outras publicações burguesas da altura, esta revista mensal era profusamente ilustrada. Imprimiu-se em formato pequeno (de 24 cm), ao longo de duas séries (a primeira entre 1901 e 1904; a segunda entre 1905 e 1911), dirigidas sucessivamente por Henriques Lopes de Mendonça, Eduardo Noronha e António Sérgio.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 11-12.

Como se depreende da correspondência trocada com Antero de Figueiredo, foi este quem mediou o negócio com os editores. O contrato, estabelecido em 1913, previa o pagamento de 50.000 reis à data da impressão do volume, sendo o manuscrito entregue a 18 de setembro (BPMP, M-AF-1182(4)), juntamente com a seguinte advertência: “a ordem das materias deve ser regulada pelo indice. No manuscrito está tudo baralhado” (BPMP, M-AF-1182(5)).

A impressão do livro, no entanto, seria logo adiada pelos editores, como se percebe da carta datada de 9-X-1913 (BPMP, M-AF-1182(10)).

Na verdade, as provas tipográficas não ficariam prontas antes de março de 1914, podendo ler-se, em carta do dia 10: “Quanto ao livro, vae já em 128 paginas, e a parte metrica, levarà ainda 64, pouco mais ou menos [...]. Como a parte metrica me parecesse magra, fiz, à ultima hora, uns 6 sonetos novos, mais duas composições, e uns madrigaes. Por exigencias da typographia, mandei tambem algumas /\* cunhas/, – as quais, segundo me parece, – não deshonrarão a obra” (BPMP, M-AF-1185(5)).

Todavia, a 23-IV-1914, João Penha comunica ainda ao mesmo amigo: “O volume já está impresso; falta capear, brochar, e lançar. Tem apenas 176 paginas! Porquê? porque o amigo Moreira ficou no bolso com, pelo menos, duas composições, que lhe remetti para as mandar para a imprensa, e eu mesmo mandei decompor algumas já compostas. E não é isto só: quanto a ordem das materias, tanto importou o que eu disse como nada; e para cumulo, da parte prosaica, não me mandaram senão uma prova, e, pelo menos, na nota, falta uma phrase que mandei compor, de sorte que, em certo lugar, parece que o periodo de baixo não liga bem com o de cima” (BPMP, M-AF-1185(6)).

Efetivamente, o livro (comercializado a 600r o exemplar) é constituído por 176 páginas de gramatura grossa, medindo 13,2 x 20,1 cm e com encadernação em brochura. A capa, impressa a tinta azul e vermelha, inclui a representação de uma musa, juntamente com as seguintes indicações: “João Penha | (Da Academia de Sciencias de Lisboa) | Echos do Passado | Versos | Colombina | Conto | com Prefacio | e Notas || 1914 | Companhia Portuguesa Editora | Porto”. Depois do “Prefacio” nas pp. 5-7 (que inicialmente era para reproduzir o elogio de Francisco Teixeira de Queirós, na Academia Real das Ciencias – vd. BPMP, M-AF-1180(2), M-AF-1180(3) e M-AF-1180(1)), seguem-se as poesias (pp. 11-150), o conto “Colombina” (pp. 153-166) e, por fim, a secção de “Notas” (pp. 167-174), com uma advertência em torno da ortografia utilizada. O volume termina com um “Índice”, nas pp. 175-176.

## 2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Domingo: Semanal Litterario* (dir. Luiz de Sousa), Angra do Heroismo. Ano I, n.º 29 (29 de maio de 1910), p. 114.  
Trata-se de uma cópia a partir da revista *Serões*.
- *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.]. Ano XII, n.º 274 (16 de julho de 1910), p. 151.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada na revista *Serões*.
- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 90.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 77-78.  
Trata-se de uma cópia a partir dos *Echos do Passado*.

**Aparato genético**

*Dedic.* □ **AB** A Teixeira de Queiroz **C**

1. Eu era dos da prístina legião ΓEu fui um dos da prístina legião A Eu fui um dos da prístina legião **B** Eu fui um dos da louca multidão **C**
2. Anjos **A** Anjos, **BC**
3. Inferno **A** Inferno, **BC**
4. A vida atroz d'um réprobo, d'um cão. ΓNas angustias da eterna perdição. Γ ΓNos supplicios da eterna perdição. Γ Γ ΓNos supplicios da eterna maldição. Γ Γ Γ **A** Nos supplicios da eterna maldição. **BC**
6. superno. **A** superno: **BC**
7. negras, **A** negras **BC**
9. adverso, **A** adverso: **B** adverso, **C**
10. Mas logo: «Perdoae!» disse Maria ΓMas, piedosa, por mim <ga> rogou Maria, Γ Γ«Perdoe-se-lhe» e<sp>/xc\lamou, pore, Maria, Γ Γ **A** Mas, piedosa, por mim rogou Maria, **BC**
11. A Deus, ao ver-me em ΓAo ver-me triste, em Γ **A** Ao ver-me triste, em **BC**
12. – «Baixa, me disse o Padre á Terra fria; **A** «Baixa, me disse o Padre, á Terra fria: **BC**
13. A vida passa ΓTeus dias passa Γ **A** Teus dias passa **BC**
14. expia!» **AB** expia., **C**

*Data.* □ **A** 10-III-910. **B** □ **C**

## 254

## [O espelho traidor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 14, 85, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 14, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 85 e 86). O canto inferior esquerdo da p. 14 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos. 13”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 13-14. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 91.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Anotação textual: emendas

7. porque] B; por que

## Aparato genético

2. alegre, A alegre B  
 4. Sem o facto negar, sem dar conselhos. ΓPosta a mão sobre a cruz dos Evangelhos.⌈ A Posta a mão sobre a cruz dos Evangelhos. B  
 7. porque A por que B  
 8. joelhos. A joelhos! B  
 11. poetastro; A poetastro, B  
 12. A gargalhada o teu furor desarme: ΓEscuta-o e o riso o teu furor desarme:⌈  
 A Escuta-o e o riso o teu furor desarme: B  
 13. – «Quero, A “Quero, B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 42, 85. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 42, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O canto inferior esquerdo da p. 42 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “Ecos 15”. No final, João Penha acrescentou ainda a seguinte nota: “(Imitação do soneto do poeta Felix Arvers)”.

B – *Serões: Revista Mensal Illustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. IX (1909), n.º 51, p. 230. Vd. descrição no n.º 253.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *O Regenerador-Liberal: Semanario Literario, Politico e Noticioso* (dir. Joaquim d’Araujo), Barcelos: [s.n.]. Ano III, n.º 125 (23 de outubro de 1909), p. 1. Trata-se de uma cópia da revista *Serões*, mas elidindo o subtítulo.

## Aparato genético

- Subtít.* (Imitação) ΓThêma do soneto de Felix Arvers. 1 A (Thema do soneto de Felix Arvers) BC
- gerado! AB gerado. C
  - e, AB e C
  - medo! AB mêdo. C
  - lado! A lado, BC
  - ella A Ella B ella C
  - fada, que minh’alma admira: A fada que minh’alma admira: B dama que minh’alma admira; C
  - consagro, toda a lyra; Γdedico, toda a lyra; 1 A consagro, toda a lyra; B consagro, toda a lyra, C
  - d’ella, A d’Ella, B d’ella, C

13. Conjectura quem seja que ΓSuspeita qual a musa queΓ A Suspeita qual a musa que BC  
 14. «Quem AB “quem C

### Arquivo documental

O soneto de João Penha constitui uma das numerosas adaptações que o poema de Alexis Félix Arvers recebeu em toda a Europa.

Félix Arvers, *Mes Heures Perdues: Poésies* (intr. Théodore de Banville), Paris: A. Cinqalbre, 1878, p. 53:

*Mon âme a son secret, ma vie a son mystère:  
 Un amour éternel en un moment conçu.  
 Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,  
 Et celle qui la fait n'en a jamais rien su.*

*Hélas ! j'aurai passé près d'elle inaperçu,  
 Toujours à ses côtés, et pourtant solitaire,  
 Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,  
 N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.*

*Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre,  
 Elle ira son chemin, distraite, et sans entendre  
 Ce murmure d'amour élevé sur ses pas;*

*À l'austère devoir pieusement fidèle,  
 Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle :  
 «Quelle est donc cette femme?» et ne comprendra pas.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, p. 53, 109. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo da página, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “<Inedito> | Echos – pg 37”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 17-18. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 92.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com o título “Record”.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Record]; Racord

## Aparato genético

*Título.* A desillusão A Record B

3. quem, amando, A quem amando B
4. feliz A feliz, B
5. Vi-te e adoro-te. Quem souber que trace A Eras um anjo no candôr da face, B
6. O teu retrato: eras gentil, sizuda. A D’um aspecto gentil, grave, sisuda: B
7. Mas, que illusão cruel, que dôr aguda! A Tudo illusão! seria a dor aguda, B
8. Só eras anjo no candor da face! A Se eu, philosopho, a rir a não domasse! B
9. Nos meus cantares de amoroso estheta A Eu era o quinto! vaes no sexto agora: B
10. havia um brando, um mysterioso arrulho, A Uns loiros, outros altos, outros baixos. B
11. A musica do sonho, ideal, discreta. A Por esse caminhar, annos em fóra, B
12. Eras o meu amor, o meu orgulho, A Terás aos trinta, a conceder penachos, B
13. A minha gloria, a inspiração do poeta! A Oh tu, gentil, que esta minh’alma adora, B
14. Mas, não me illudes mais: causas-me engulho! ΓAgora... em trinta prantos me debulho.7 A Uma sumptuosa lista de cem machos! B

## [Recordações– I – Que fazeis, senhora minha,]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 106 (janeiro de 1904), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

O exemplar em causa corresponde a um número de homenagem ao pintor Columbano Bordalo Pinheiro (\*1857 †1929).

B – ADB, Ms. 539, p. 6. Vd. descrição no n.º 137.

No final da página, João Penha acrescentou a seguinte nota: “(N. Não sahiu nas Novas Rimas)”.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 19. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

- Título.* Recordações do passado AB Recordações C
3. pombinha, A pombinha B avesinha, C
  5. alegre, a vida, A alegre, a vida B alegre a vida, C
  9. essas campinas fóra, AB esses campos em fóra, C
  10. montes, pradaria, AB montes, todo o dia, C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao texto d’ *A Chronica* e ao Ms. 539; a segunda encontra-se documentada no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[Recordações– II – O coaxar das rãs n'um charco,]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 106 (janeiro de 1904), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 539, pp. 6-10. Vd. descrição no n.º 137.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 20-23. Vd. descrição no n.º 253.

Anotação textual: emendas

14. mundo, que] AB; mundo que,  
49. estudar,] AB estudar

Aparato genético

1. charco A charco, BC  
5. Ouvir d'um carro pesado A Ouvir, d'um carro pesado B Ouvir, d'um carro pesado, C  
7. prolongado, A prolongado BC  
10. ruidosa, A ruidosa BC  
12. rosa, AB rosa; C  
13. Entrar AB Entrar, C  
14. mundo, que AB mundo que, C  
15. accêso, A accêso B accêso, C  
17. Seguir, a passo dobrado, A Seguir a passo dobrado B Seguir, a passo dobrado, C  
19. embuçado, A embuçado B embuçado, C  
20. Almaviva, A Almaviva; B Almaviva, C  
23. bella A bella, BC  
27. Elegante, encasacado, A Elegante e encasacado, BC  
34. tamarindo, A tamarindo B tamarindo, C  
35. magoado, A magoado BC  
36. leva A leva, B leva C  
37. resupino AB resupino, C

41. ideia, A idea B idea, C
43. aldea AB aldeia, C
44. camponezes, A camponezes; BC
45. capella, A capella B capella, C
49. estudar, pelas matas, A estudar, pelas matas B estudar pelas matas, C
54. fútil, A futil B fútil, C
56. inutil. A inutil B inutil; C
57. folias, A folias B folias, C
58. episodios, A episodios B episodios, C
59. passava, alegre, os dias, A passava, alegre, os dias B passava alegre os dias, C

## [Recordações– III – Quiz, porém, o meu destino]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 106 (janeiro de 1904), p. 3. Vd. descrição no n.º 130.

B – ADB, Ms. 539, pp. 10-11. Vd. descrição no n.º 137.

O canto inferior esquerdo da p. 11 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(Vid. E)”, muito embora as revisões do poema não constem do anexo situado no final do caderno. No fundo da página 11, João Penha acrescentou ainda a seguinte nota: “(Não sahiu nas Novas Rimas.”

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 24. Vd. descrição no n.º 253.

## Anotação textual: emendas

1. porém] AB; porém

## Aparato genético

1. Quiz porém A Quiz, porém, BC
2. mudasse: A mudasse, B mudasse: C
4. face; A face. BC
5. vendo, em meus olhos tristes, A vendo em meus olhos tristes BC
9. d'outrora A d'outrora, BC
10. concentrado, A concentrado B concentrado, C
12. passado. A passado<:>/!\ B passado! C  
*A seguir ao v. 12, acresce, em A e B, uma última estrofe, depois suprimida em C. Em B, a quadra surge isolada, através de um separador, sendo posteriormente assinalada na margem esquerda com a letra “F”:*  
 Se, porém, senhora minha,  
 Já outro ideal amaes,  
 Deferi o vôo, azinha;  
 Não vos importem meus ais.

*Data.* 1-I-04. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao texto d’ *A Chronica* e ao Ms. 539; a segunda encontra-se documentada no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível dos mecanismos de supressão.

## [Entre mundanas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 39, 85, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 39, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 85 e 86). O fundo da p. 39 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “Ecos 25”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 25-26. Vd. descrição no n.º 253.

## Anotação textual: emendas

11. por quanto] A; porquanto

## Aparato genético

2. semblante; A semblante, B  
 3. um devasso, um estudante: Γum corrupto, um falso amanteΓ Γum devasso, um falso amante:Γ A um devasso, um falso amante, B  
 4. Ja nada tinha que perder aos dez! ΓE nada tinha que perder aos dez.Γ A E nada tinha que perder aos dez. C  
 12. sequim, em plena mocidade, A sequim em plena mocidade! B  
 13. Um trabalho peor que o d’um rossim! ΓDe dia e noite uma tarefa assim!Γ A De dia e noite uma tarefa assim! B

*Data.* 18-I-09. A □ B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 7, 87. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 7, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 87). O canto inferior esquerdo da p. 7 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “E<sup>os</sup> do P.º. 27”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 27-28. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 93.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

3. É uma força? não: uma fraqueza, ΓÉ uma força? não é: uma fraquezaΓ ΓΓÉ uma força? oh! não: uma fraquezaΓΓ A Que é ella, enfim, no mundo? uma fraqueza, B
4. E em luta é ella que a vitoria alcança! ΓE enquanto nos não dobra, não descançaΓ ΓE enquanto nos não vence, não descança!Γ A E enquanto não nos vence, não descança! B
5. Tal ΓTaes [-> (não)]Γ A Tal B  
*Em A, a revisão aparece cancelada através no advérbio não.*
6. Tal pela graça ΓTaes pela graça [-> (Não)]Γ A Tal pela graça, B  
*Em A, a revisão aparece cancelada através no advérbio Não.*
7. subjuga subtil, Γsubjugam subtis, [-> (Não)]Γ A subjuga subtil, B  
*Em A, a revisão aparece cancelada através no advérbio Não.*
8. leôas; – mas, A leôas; mas B
9. «Nos olhos, quer da pobre, quer da rica, ΓNos olhos da que é pobre, ou da que é rica. [↓ Ou – Nos olhos quer da humilde, quer da rica?]Γ A Nos olhos, quer das bellas, quer das feias, B

*Em A, a campanha de revisão apresenta duas variantes alternativas. A dúvida aparece expressa através da conjunção Ou.*

11. Obra-prima em que Deus se glorifica; A Mais que na voz das lânguidas sereias; B
12. «Onde esses teus esplendem não treva; A Onde esses teus esplendem não treva: B
13. Tudo que elles me dizem, cá me fica; A Com o que elles me dizes me incendeias: B
14. que a bôca me diz, um beijo o leva! Γque bôca me diz, o vento o leva.Γ A que a bôca me diz o vento o leva. B

## 260

## [Emfim]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 39 (25 de julho de 1902), p. 229. Vd. descrição no n.º 131.

B – ADB, Ms. 540, p. 81. Vd. descrição no n.º 128.

No final da página, João Penha acrescentou a indicação “(Não sahiu nas Novas Rimas)”, sendo ainda possível encontrar, no canto superior esquerdo, a seguinte nota apógrafa: “Ecos 29”.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 29-30. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Emfim! A Emfim B Emfim! C

2. gelada; AB gelada, C

6. nada... A nada.» BC

11. Toda ella são AB Tudo n'ella são C

*Data.* 75-VI-02. A □ BC

*Em A, a data apresenta um lapso. O poema deverá ter sido composto a 15 ou 25 de Junho de 1902.*

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao texto d' *O Passatempo* e ao Ms. 540; a segunda encontra-se documentada no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 261

[Ungidos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 6, 87. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 6, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 87). O canto inferior esquerdo da p. 6 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “E<sup>os</sup> do P<sup>o</sup> 31”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 31-32. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 78.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

2. somos d'essa massa, Γsomos da matéria, γ A somos da matéria, B
4. arca! A arca. B
7. ha, que entre as duas, A há que nas duas B
13. Vossa Alteza, A vossa alteza, B
14. Nos augustos colhões de A Nas entranhas reaes de B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [O problema]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – *O Heraldo: Revista Ilustrada e Litteraria* (dir. Albino Forjaz de Sampaio), Lisboa: Typ. Oriental. Ano I, n.º 1, julho de 1905, p. 2.

Esta revista literária, dirigida por Albino Forjaz de Sampaio, tinha Cândido Chaves no cargo de editor. Publicou-se mensalmente, entre julho de 1905 e março de 1907, em formato médio (de 33 cm).

B – Albino Forjaz Pereira de Sampaio (org.), *Portugal Contemporaneo*, Rio de janeiro: O Malho, 1905, p. 118.

Este livro, coordenado por Albino Forjaz Pereira de Sampaio e com um prólogo de José de Souza Monteiro, publicou-se em formato pequeno (de 31 cm), reunindo colaboração de vários escritores portugueses. A inclusão do soneto de João Penha deve-se ao empenho de Dias Freitas (vd. *infra* Arquivo documental).

Trata-se de um fac-simile do poema autógrafo de João Penha, que no livro acompanha um artigo sobre os principais nomes da cena literária de então.

C – *Almanaque Ilustrado de «O Commercio do Lima»* (coord. Antonio de Magalhães), Ponte do Lima: Tipografia Confiança. Ano III, 1909, p. 111.

Este almanaque publicou-se entre 1907 e 1909, em formato pequeno (de 21 cm). Em 1910, alterou o título para *Almanaque de Ponte de Lima*, assim permanecendo até 1980.

D – ADB, Ms. 539, p. 60. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

E – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 33-34. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Subtít.* (INÉDITO) A □ BCDE

*Dedic.* □ ABCD A Queiroz Ribeiro E

5. liberdade, ABCD liberdade E

6. brida. ABCD brida; E

7. debatida, ABCD debatida E

9. d'este globo ABCD d'este mundo E  
 13. lar; ABCD lar: E  
 14. sem ovente A semovente BCDE  
*Em A, a variante deve-se a gralha tipográfica.*  
*Data.* 23-6 905 A □ BCDE

### Arquivo documental

Foi Dias Freitas, companheiro de João Penha desde os tempos de Coimbra, quem solicitou ao poeta uma colaboração no livro *Portugal Contemporaneo*. A primeira missiva sobre o assunto data de 1 de maio de 1905 (ADB, Ms. 553<sup>maço 1</sup>, ff. 115-116), sendo o inédito enviado apenas a 21 de julho (ADB, Ms. 553<sup>maço 1</sup>, f. 133).

## 263

## [Outros tempos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 18, 88. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 18, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 88). O canto inferior esquerdo da p. 18 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 35”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 35-36. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

1. mudança A mudança! B
2. Eu vejo em ti, deploravel! A Que estranha desenvoltura! B
3. D’uma belleza adoravel, A Fazes lembrar uma impura, B
4. Tinhas muita semelhança A Uma cocotte de França! B
5. Com uma ovelhinha mansa, A De rosa branca na trança, B
6. D’uma brandura ineffavel. A Tinhas da rosa a candura, B
7. Cheia de risos, amavel, A Alma d’anjo, ideal figura, B
10. thesouro, A thesoiro, B
13. gallo! Γgallo.7 A gallo! B
14. crista... d’oiro! A crista d’oiro! B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se documentada no Ms. 538; a segunda corresponde ao livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas nas quadras concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## 264

## [Felix culpa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 536, p. 159. Vd. descrição no n.º 65.

A seguir ao título, o autor anotou a indicação “(Vid. 3.º vol)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a nota apógrafa “Ecos 37”.

B – ADB, Ms. 540, p. 16. Vd. descrição no n.º 128.

No canto superior esquerdo da página, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 37”.

C – ADB, Ms. 541, p. 88. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo da página, é possível ler a seguinte indicação apógrafa: “<Inedito> | Echos – pg 37”.

D – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 37-38. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Subtít.* □ AB (variante) C □ D

1. lindo A lindo, BCD
5. Desce do alto do A Desce dos cumes do BCD
6. persa A persa, BCD
9. Se santo Agostinho diz AB Se nos diz Santo Agostinho CD
11. Foi um peccado feliz; A Foi um peccado feliz, B Nos levou ao bom caminho, CD
12. Não me digas mais que não, AB Fôra culpa sem perdão CD
13. E neste fôfo tapiz AB Fugires ao meu carinho CD
14. Dêmos ao santo razão. A Dêmos ao santo razão... B Pelas vielas da razão. CD

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se registada, com algumas variantes, nos Ms. 538 e Ms. 540; a segunda corresponde ao Ms. 541 e ao livro *Echos do Passado*. As principais alterações concentram-se nos tercetos, envolvendo operações de substituição.

## 265

## [Madrigal]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 33, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 33, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 86). O canto inferior esquerdo da p. 33 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, enquanto a margem esquerda apresenta a indicação apógrafa: “Ecos 39”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 39. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* (<A Augusta>) [↓ A Zulmira] [← +] A (A D. Zulmira de Mello) B

1. havia, A havia B

6. Á outra, ΓA Agláes; 7 A A Agláes, B

*Data.* 29-I-08. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 266

[Nova conquista]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

**A** – ADB, Ms. 538, p. 29. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

**B** – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 40. Vd. descrição no n.º 253.

### Aparato genético

*Dedic.* (<A Augusta>) [↓ A Nathalia de Mello] **A** □ **B**

4.      nacarino **A** nacarino, **B**

7.      envergonho: **A** envergonho; **B**

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 5, 87. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 5, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 87). O canto inferior esquerdo da p. 5 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, juntamente com a indicação: “Vide 13”. No canto superior esquerdo, pode ainda ler-se a anotação apógrafa: “Vid pg 13”.

B – ADB, Ms. 538, p. 13. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “E<sup>os</sup> do P<sup>o</sup> – 41”.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 41-42. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Coiffure AB O chapéu C

1. «Do teu canhenho de impressões, secreto, A “Inda me lembro, com prazer secreto, BC
2. Extrahe as linhas que escreveste, ha dias, A Do que em tempos ditosos me dizias BC
4. Em toilettes, do ΓEm vestuarios, do⌈ A De vestuarios, do BC
5. «E, sobretudo, critico dilecto, A «Volta ao passado, critico dilecto: BC
7. Mas, A Mas... BC
9. «De AB – «De C
10. original... A original, BC
11. pequena, A pequena B pequena, C
12. seja: do tromblon de Goya, A seja do tromblon de Goya B seja do tromblon de Goya, C
13. Que triumphante te emerge da melêna, A A emergir, triumphante, da melêna BC
14. Com aves... que persegue uma giboya! ΓComo um nauta do centro d’uma boia!⌈ A Como um nauta do centro d’uma boia! B Como um nauta do centro d’uma boia!» C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à p. 5 do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, na lista de “Emendas”, na p. 13 do manuscrito e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[Viagem de nupcias]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 38. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 43”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 43-44. Vd. descrição no n.º 253.

Aparato genético

1. sidéras A sidéras, B
9. quiz! A quiz: B
12. Respondeu ella, /\* em/ plorare que accentúa: A Então, com voz melliflua, insinúa: B
13. papá; A papá: B
14. viagem será... – «D’um A viagem... – «Será B

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 59. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No final da página 22, o autor acrescentou a seguinte observação: “(Particular) a Z. de Mello”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 45. Vd. descrição no n.º 253.

### Aparato genético

*Título.* Guida A Flirt B

1. Guida vendia A Lydia vendia B
3. O que eu quizesse... A «O que eu quizesse» B
4. lá!» A lá.» B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 21-23, 86, 88. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito nas pp. 21-23, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 86 e 88). O fundo das pp. 21 e 23 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se a seguinte anotação apógrafa, no canto superior esquerdo da p. 21: “Ecos 46”.

B – *Almanaque Ilustrado de «O Commercio do Lima»* (coord. Antonio de Magalhães), Ponte do Lima: Tipografia Confiança. Ano III, 1909, p. 20. Vd. descrição no n.º 262.

O poema vem acompanhado de um retrato de Penha, juntamente com a seguinte apresentação:

«João Penha – Pertenceu a geração academica de Junqueiro. Como elle poeta eminente, deixou no meio academico de Coimbra uma immorredoirá tradição de graça e de espirituoso talento».

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 46-48. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 79-81. Trata-se de uma cópia a partir dos *Echos do Passado*.

## Aparato genético

*Título.* Perfil AB Auta C

*Subtít.* (<M. Augusta /\* Fack./>) A (Inédito) B □ C

1. Eu não seria poeta, ΓEu não seria um poeta.Γ ΓNão seria amante e poeta.Γ Γ A Não seria amante e poeta, BC
5. Brotam-me ideaes, no entanto ΓOs olhos aos ceus levanto:Γ A Os olhos aos ceus levanto: B Os olhos aos ceus levanto, C
6. Acho-as bem frias; confusas. ΓVêm-me ideas, mas confusas.Γ A Vêm-me ideas, mas confusas. BC
7. encanto, A encanto B encanto, C

9. Que, muitas vezes, A Que muitas vezes B Que muitas vezes, C  
 10. sereias, AB sereias C  
 15. Prendem minh'alma AB Lançam minh'alma C  
 21. rosa, A rosa BC  
 23. Como a voz A Como voz B Como a voz C  
 27. Lá, A Lá BC  
 29. Móro em A Vivo em B Móro em C  
 31. divino, A divino BC  
 32. Tantas bellezas encerra! ΓPelas bellezas que encerra.7 A Pelas bellezas que encerra! BC  
 36. dentro... AB dentro C  
*Em A e B, segue-se uma linha separadora entre a nona e a décima quadras.*  
 39. Oh!, A Oh! BC  
 Data. 19-I-08. A □ BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se registada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Almanaque Ilustrado de «O Commercio do Lima»* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

271

[Decepção]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, p. 94. Vd. descrição no n.º 131.

No canto superior esquerdo, encontra-se a seguinte nota apógrafa:  
“<Inedito> | Echos 49”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 49-50. Vd. descrição no n.º 253.

Aparato genético

*Título.* Disappointed A Decepção B

*Dedic.* □ A (A.) B

6. Como d’ave A Como o d’ave B

7. gentil; A gentil, B

8. Ditoso, A Ditoso B

10. ella; A ella B

11. Adorava-a, servil A Me curvava, servil B

13. papagaio A papagaio, B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras* (ed. João José de Freitas Junior), Porto: Typographia Cunha. Ano III, n.º 6 (15 de dezembro de 1905), p. 85. Vd. descrição no n.º 166.

B – ADB, Ms. 539, p. 65. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 51-52. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Folha do Minho* (dir. Olympio Gonçalves), Braga: Imprensa Commercial. Ano IX, n.º 403 (22 de março de 1906), p. 2. Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Anotação textual: emendas

11. phrases] AB; palavras

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB A Albino Forjaz de Sampaio C

3. «Póde AB – “Pode C

5. ventura. A ventura, BC

6. vivo: AB vivo, C

9. canto, AB canto C

10. desdens: AB desdens, C

11. Ôcas phrases, AB Ôcas palavras, C

*Em C, a variante deve resultar de gralha tipográfica, como se depreende da análise métrica.*

13. tomaria por espôso um santo A tomaria, por esposo, um santo, B tomaria por esposo um santo, C

14. Que aos Ceus me conduzisse.» – «Aqui me tens!...» A Que me guiasse a Deus.» – «Aqui me tens!...» B Que me guiasse a Deus., – “Aqui me tens!,, C  
*Data.* 30-XII-05. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada n’ A Revista; a segunda encontra-se documentada no Ms. 539 e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Quale piuma al vento]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 4. Vd. descrição no n.º 253.

No canto inferior esquerdo da página, encontra-se a advertência “(N.)”, podendo ainda ler-se a seguinte anotação apógrafa, no canto superior esquerdo: “E<sup>os</sup> do P<sup>o</sup> – 53”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 53-54. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* viento A vento B

3. «Hei de ser tua mulher A – “Hei-de ser tua mulher,, B
4. (Dizia-me ella inda ha pouco) A Dizia-me ella inda ha pouco: B
6. «Me A Me B
7. «E A E B
8. «E A E B
9. pequenitos!» A pequenitos.,, B
12. Mas, agora tudo é luto: A Foi o sonho dum minuto, B
13. «Vou, disse ella, pôr escriptos... A Que a bella já poz escriptos B
14. «No coração devoluto.» A No coração devoluto! B

## [Turpe sinilis amor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 3. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo da página, pode ler-se a seguinte anotação apógrafa: “E<sup>os</sup> do P<sup>o</sup> – 55”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 55-56. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 79.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Anotação textual: emendas

14. jumento!»] A; jumento!.»

## Aparato genético

6. arrasto A arrasto, B  
 8. noite A noite, B  
 14. jumento!» A jumento!.» B  
*Data.* 7-VII-06. A □ B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 64, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 64, com ulterior campanha de revisão na p. 88. O canto inferior esquerdo da p. 64 remete para o apêndice de “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1909*, Braga: Typ. de Augusto Costa & Matos, 1908, p. 159.

Fundado em 1895, pela empresa do Boletim Mensal da Ordem Franciscana, este é o mais antigo almanaque português do género. Publicou-se em formato pequeno (de 20 cm), profusamente ilustrado e rico em sabedoria científica e popular.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 57-58. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ C

2. d’Erasmus A a Erasmo, B d’Erasmus, C

4. defuncto! AB defuncto. C

5. transumpto: A transumpto BC

6. digo, A digo B digo, C

7. «Causaram-me o ΓCausaste-me oΓ A «Causaste-me o B Causaste-me o C

8. As novas produções do teu bestunto. ΓPelo bello da forma, e pelo assumpto.Γ A Pelo bello da fôrma, e pelo assumpto. BC

9. «Excedes, com certeza, A «Excedes, com certeza B Excedes, com certeza, C profuso, A profuso B profuso, C

12. «Esse teu éstro pelo mundo espalha; AB Esse teu éstro pelo mundo espalha, C

13. Mas, A Mas B Mas, C

14. palha!» AB palha! C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Almanach de Santo Antonio* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 44. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo da página, pode ler-se a seguinte anotação apógrafa: “E<sup>os</sup> do P<sup>o</sup> – 55”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 59. Vd. descrição no n.º 253.

### Anotação textual: emendas

6. – «E] A; – E

### Aparato genético

1. «Soffro A – “Soffro B
2. ai! de mim! desenganado! A ai de mim, desenganado!., B
3. «Disse-me, A Disse-me, B
4. morte, estás A morte: está B
5. Ella, A ella, B
6. – «E A – E B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 85, 87. Vd. descrição no n.º 137.

O poema, que aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito, surge transcrito na p. 85, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 87). O fundo da p. 85 remete para o apêndice, através da nota “(V. E.”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 60. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Madrigal A Florívoro B

*Dedic.* A Nathália de Mello A (A D. Nathalia de Mello) B

1. rapaz, A rapaz B
2. Chamado Arthur Palmeirim, ΓDe Lisboa, um alfenimΓ A Lisboeta, um alfenim, B
9. alface, A alface B
10. jardim A jardim; B
11. dhália. A dhalia, B
12. □ ΓQue feroz não manducasse!Γ A Que feroz não manducasse! B  
*Este verso está ausente, na redação inicial do testemunho A.*
14. correras, A correras B
15. encontrasse <...>!\\ A encontrasse! B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 23-24. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da p. 23, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 61-62. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 80.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com severas corruptelas.

## Aparato genético

*Título.* Zulmira e Nathalia A As duas irmãs B

*Subtít.* (Domingo, 20 de março) A (Z. e N.) B

1. vêl-as: A vêl-as, B
7. Pára, attonito, quem passa, A Pára attónito quem passa B
9. Uma, a Nathalia, uma A Uma, a mais nova, uma B
13. Outra, a Zulmira, uma fada, A Outra, a mais velha, uma fada B
14. lua, A lua B
17. Mas em vão, que essa beldade, A Assim, quem tal mo diria! B
18. Esse ethéreo serafim, A Talvez morra assassinado, B
19. Quer-me dar a mocidade, A Em alta noite sombria, B
20. E, por tanto a amar, o sim...» A Por um rival desprezado! B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações introduzidas situam-se ao nível dos mecanismos de substituição.

## Arquivo documental

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, ficamos a saber que este poema se contava entre as composições que o autor excluía, já depois de entre-

gar o manuscrito aos editores. A primeira carta, solicitando a eliminação, pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, e encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1182(7). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 17,8 cm), escrito de ambos os lados (f. 1r-2r) a tinta preta, e onde se lê:

*B. 22-IX-913*

*Caro amigo.*

*A poesia que deve ser eliminada, principia assim:*

*Eu disse ao vel-as que par!*

*Que perfumado banquete.*

*Elimino-a não só porque pertence à collecção particular de Z. mas também porque a sua quadra final está tout-à-fait hors de saison.*

*Com essa é já a sexta que elimino, de sorte que se as cousas continuarem assim, esse livro de versos sahiria sem nenhuns.*

*Não me referi ao Conde de Valenças. Eu bem sabia que esse meu dilecto amigo já tinha morrido, e tanto que collaborei no n.º que, em sua memoria, publicou a Sociedade Almeida Garrett, de Lisboa.*

*O que me surpreendeu foi a noticia da morte do Alberto Telles: eramos muito amigos, de tu, apesar de nunca nos termos visto.*

*Não sei para que numerou o manuscrito. Como já hontem lhe disse, nenhuma das poesias é numerada, e assim bastava que se seguisse a ordem indicada no índice para, segundo essa ordem, se proceder á composição.*

*Agora outra cousa:*

*O contrato entre autores e editores outra cousa não é senão o de compra e venda, e neste contrato, e salva estipulação em contrario, o preço convencionado paga-se no acto da entrega da cousa vendida. Assim procederam os meus outros editores.*

*Contudo, se não tocou neste assumpto ao Magalhães e Moniz, não lhe toque, porque lhe ficará mal, – e a mim tambem. Abraça-o o S. J. Penha.*

Quando da revisão de provas tipográficas, todavia, verificamos que as recomendações do poeta não se haviam observado. Por este motivo, João Penha acaba por alterar o poema, mudando a última quadra. Isso mesmo se lê em carta pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, com a cota BPMP, M-AF-1182(7). Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 22,4 x 17,8 cm), escrito de ambos os lados (f. 1r-2r) a tinta preta. No canto superior direito da primeira página, Antero anotou a lápis o ano de 1914:

*Meu caro Anthero*

*O meu amigo fêl-a bonita, numerando o manuscrito! Resultou d'ahi que a composição tem seguido essa numeração, quando devia seguir a indicada do indice, cuidadosamente indicada. Uma e mais vezes o disse ao seu homonymo, mas foi o mesmo que nada!*

*Tambem me parece exquisito que ate agora se me não mandassem os taes 50. A somma é insignificante, mas sempre chega para dous cevados, bons.*

*Depois que esteve aqui, com o Menéres, já mandei um novo soneto, e agora vou-me a outro.*

*Abraça-o  
o Seu do c.  
J. Penha*

*27-III-14.*

*P.S.*

*Uma poesia que eu lhe disse que retirasse do manuscrito, cá me appareceu, composta!  
Tirei-lhe a ultima quadra, e fiz-lhe outra, para remediar.*

## 279

### [Eterna mocidade]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 21-22. Vd. descrição no n.º 137.

No final da página 22, o autor acrescentou a seguinte observação: “(Particular) a Z. de Mello”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 63-64. Vd. descrição no n.º 253.

#### Aparato genético

*Título.* 21 de março | 1904 A Eterna mocidade B

8. subtil. A subtil; B

13. E o proprio inverno, A Que o proprio inverno B

16. florida. A florida, B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 19, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 19, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 86). O canto inferior esquerdo da p. 19 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 65”.

B – *Noticias de Coimbra* (dir. Joaquim Ferreira), Coimbra: [s.n.]. Ano II, n.º 106 (16 de setembro de 1908), p. 2.

Este número, especificamente, constitui uma homenagem ao aniversário do Conde de Valenças, Luís Leite Pereira Jardim (\*1843 †1910), que foi companheiro de João Penha em Coimbra e um dos seus amigos mais íntimos.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 65-66. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

1. sempre boças, AB Sempre boças C
3. Logo o acreditamos, e ¶Logo lhe damos crédito, e¶ A Logo lhe damos credito, e BC
4. elles? que AB elles, que C
5. ais A ais, B ais C
6. Deus, que é sempre ¶Deus, o sempre¶ A Deus, o sempre BC
7. homens, A homens B homens, C
12. verso, A verso B verso, C
14. então nós nos vingaremos!» A então nos vingaremos!» B então nós nos vingaremos.» C

*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica, como se comprova pela análise métrica.*

*Data.* □ A 3 de Setembro de 1908. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no jornal *Noticias de Coimbra* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 281

### [A educação e o temperamento]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 2. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “E<sup>os</sup> do P.º p. 67”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 67-68. Vd. descrição no n.º 253.

#### Aparato genético

- 5. Filhas A filhas B
  - 7. Tinha, comtudo, á noite, horas inquietas, A Tinha comtudo, á noite, horas inquietas B
  - 13. – «Como A “Como B
  - 14. «Tem quantos homens quer! Como A Tem quantos jovens quer! como B
- Data.* 1-VI-06. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde ao Ms. 538; a segunda encontra-se registada no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 67 (maio de 1902), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

O poema aparece atribuído ao nome arcádico Josino. Vd. *infra* Arquivo Documental. Aparece reproduzido depois do sonetinho “A musa” (vd. *supra* n.º 194).

B – ADB, Ms. 540, p. 75. Vd. descrição no n.º 128.

Na margem esquerda, é possível encontrar a seguinte nota apógrafo: “Inédito”.

C – BPMP, M-AF-1135.

Este testemunho autógrafo é constituído por uma folha de papel pautado (medindo 19,9 x 26 cm), escrita de um só lado, a tinta preta. Surge em primeiro lugar o madrigal “Mytologico”, seguindo-se-lhe o poema “Nomes” (vd. *infra* poema n.º 516). Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, que fez a seguinte anotação apógrafo, na margem esquerda do documento: “Inédito | Estes versos eram para o volume ‘Ecos do Passado’, mas eu não os dei para a tipografia. | A. de F.”

D – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 69. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Almira A Almira (\*) B Mytologico CD

*Subtít.* (Inédito) A □ BCD

*Dedic.* □ AB (Á mesma dama.) C (Z.) D

4. – Oh mamã, leva-me ao collo! A – «Oh mamã, leva-me ao collo!» B “Oh mamã, leva-me ao collo!,, CD

*Data.* 21-V-02 A □ BCD

*Nota.* □ A \* Zulmira de Mello. B □ CD

## Arquivo documental

Este poema inscreve-se numa série de composições de inspiração arcádica, que João Penha e Zulmira de Melo engendraram sob os pseudónimos Josino e Almira. A este propósito, vd. o Arquivo Documental do poema n.º 191.

## 283

### [O conjugo vobis]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 541, p. 35. Vd. descrição no n.º 131.

Na margem esquerda, encontra-se a seguinte nota apógrafa: “<Inédito>  
| Echos 70”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 70. Vd. descrição no n.º 253.

#### Anotação textual: emendas

*Título.* conjugo]; conjungo

#### Aparato genético

*Título.* Convite A O conjungo vobis B

1. prazer A prazer, B
2. bergantim: A bergantim... B
4. éden iremos ter. A Éden iremos ter: B
5. Empunho – diz-me que sim, – A Empunho (diz-me que sim) B
7. ora A ora, B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 70, 87, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 70, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 87 e 88. O canto inferior esquerdo da p. 70 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *O Século: Revista Litteraria, Scientifica e Artistica* (dir. Eduardo Schwalbach Lucci), Lisboa: [s.n.]. N.º 186 (26 de março de 1906), p. 1.

Esta revista literária, editada pelo jornal *O Século*, imprimiu-se em formato médio, entre 1902 e 1906.

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2335 (5 de maio de 1906), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

D – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 71-72. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Visconde de Castellões. BCD

1. Ouvido, o da sombra e do mysterio, ΓOuvido, o do Ignoto e do Mysterio⌈ A ouvido, o do Ignoto o do Mysterio, B Ouvido, o do Ignoto, do Mysterio, C Ouvido, o do Ignoto e do Mysterio, D
2. escuta: A escuta; B escuta: CD
5. As doces vozes d’um amor ethéreo, ΓDoces suspiros d’um amor ethéreo⌈ A Doces suspiros d’um amor ethereo, BC Doces suspiros d’um amor ethereo; D
6. Os sarcasmos d’uma alma dissoluta, ΓDos que vivem sem fé a voz corrupta⌈ A Dos que vivem sem fé a voz corrupta, B Dos que vivem sem fé a voz corrupta C Dos que vivem sem fé a voz corrupta D
7. Tudo, tudo elle colhe, e até prescruta ΓTudo, tudo elle colhe! até prescruta⌈ ΓΓTudo, tudo elle absorve! até perscruta⌈⌈ ΓΓΓTudo elle ouve: ouve os ais de quem labuta,⌈⌈⌈ A Tudo elle ouve: o gemer de quem labuta B Tudo elle ouve: o gemer de quem labuta, CD

8. [← Nossos] juízos em íntimo critério! Γ Pensamentos de abscondito critério! Γ  
Γ O rir jocundo, e o rir atroz, funéreo! Γ Γ Γ Nossos juízos em íntimo  
critério! Γ Γ Γ A O rir jocundo, e o rir atroz, funéreo! BC O rir jocundo, e o  
rir atroz, funéreo. D
10. Caminhando nas sendas d'esta vida A Pelas ásperas sendas d'esta vida BC  
Pelas ásperas sendas d'esta vida, D
11. A rir alegre, ou A Cantando alegre ou B Cantando alegre, ou CD
12. feroz no horror da lida, Γ atroz no horror da lida, Γ Γ Gaudaz no horror da  
lida, Γ Γ A audaz no horror da lida, B atroz no horror da lida, C atroz no  
horror da lida; D
13. Nem te jactes feliz: isso jamais: Γ Nem te jactes ditoso: isso jamais: Γ A Nem te  
jactes ditoso: isso jámais: B Nem te jactes feliz: isso jamais: C Nem te jactes,  
ditoso: rir, jamais: D
14. ouvida!... A ouvida... BC ouvida! D
- Data.* □ A 10-III-06 B □ CD

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 84, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 4, com ulteriores campanhas de revisão na p. 88. O canto inferior esquerdo da p. 84 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 73-74. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Henrique Lopes de Mendonça. B

1. jornal – disse Êma, um dia, ao poeta, – A jornal, disse Emma um dia ao poeta, B
3. paes A paes, B
4. Me disseram: «quem é esse pateta?» ΓAo lêrem-te exclamaram: que pateta! [↑ Lendo-te [↑ Lendo-mòs] dizem sempre: que pateta!] [↓ Lendo-os exclamam sempre: que pateta!]⌈ A Lendo-os, me dizem sempre: que pateta! B
9. prosa á moda antiga: Γprosa mas á antiga:⌈ A prosa, mas á antiga: B

## 286

## [A sensação]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 55, 89, 90. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 55, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 89 e 90. O canto inferior esquerdo da p. 55 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras* (ed. João José de Freitas Junior), Porto: Typographia Cunha. Ano II, n.º 12 (15 de junho de 1905), p. 190. Vd. descrição no n.º 166.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 75-76. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. Ano XXVIII (1918), n.º 1366, p. 1.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

1. ideal. Era A ideal: era B ideal. Era C
2. namorados, A namorados; BC
3. perfumados, A perfumados BC
5. Mas, a amor é propicio o acaso, o ensejo: ΓMas, soccorreu-me inesperado ensejo:Γ A Mas, soccorreu-me inesperado ensejo: BC
6. sós, n'uns bosques afastados, Γsós, já pôsto o sol, n'uns prados.Γ A sós, já pôsto o sol, n'uns prados, BC
7. cuidado, A cuidados, BC
8. beijo! A beijo: B beijo! C
10. deliciosa! AB deliciosa: C
11. foi, que eu n'alma tinha, AB foi que eu n'alma tinha. C

12. generosa, A generosa B generosa, C
13. O mesmíssimo é, senhora ΓA mesma coisa foi, senhora⌈ A A mesma coisa foi, senhora B O mesmíssimo foi, senhora C
14. rosa! A rosa. B rosa! C
- Data. □ A 29-V-05. B □ C

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se registada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), n.º A *Revista* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 40. Vd. descrição no n.º 137.

B – ADB, Ms. 539, p. 41, 92. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 41, com ulterior campanha de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 41 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 77. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (variante) B □ C

2. sonhar, e mais nada: A sonhar é o nosso fado: B sonhar e mais nada: C
3. mocidade, o futuro; A mocidade o futuro, B mocidade o futuro: C
4. Depois, a vida passada. A E na velhice o passado. ΓNa senectude o passado. 7 B  
Depois, a vida passada. C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à página 40 do Ms. 539 e ao livro *Echos do Passado*; a segunda encontra-se registada na página 41 do mesmo manuscrito (com revisão em apêndice). As variantes situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [O ramo perdido]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 14, 91. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 14, com ulterior campanha de revisão na p. 91. O canto inferior esquerdo da p. 14 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda encontrar-se a seguinte nota do autor: “N.B. – Lydia é Zulmira de Mello”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 80. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Ramo perdido A O ramo perdido B

1. Lydia perdeu um ramo, ΓPerdeu Almira o ramo,⌈ A Lydia perdeu um ramo  
B
2. Um asno o poz em si, teve esse arrôjo! A Um fauno o viu e o poz em si; que  
arrôjo! B
4. deusa o transformou... em tôjo! A deusa lho mudou... em tojo. B

*Nota.* Lydia é Zulmira de Mello. A □ B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 66, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 66, com ulterior campanha de revisão na p. 88. O canto inferior esquerdo da p. 66 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid E)”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 793 (14 de janeiro de 1906), p. 2. Vd. descrição no n.º 128.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 81-82. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Subtít.* □ A (Inedito) B □ C

1. galhardo, A galhardo B galhardo, C
3. gôzo, A gozo BC
4. Em camarins e alcôvas, sem alardo. ΓQue assíduo procurava sem resguardo.Γ A Que assíduo procurava, com resguardo. B Que assiduo procurava com resguardo. C
6. Na lapela, uma roza de amoroso, ΓRosa ao peito, elegante, primorosoΓ A Rosa ao peito, elegante, primoroso, B Rosa ao peito, elegante, primoroso; C
7. fervoroso, A fervoroso BC
11. mente: AB mente. C
12. complexos. A complexos! B complexos. C
13. santamente... AB santamente C
14. bebés, AB bebés C

*Data.* □ A 15-11-905. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no jornal *Echos da Avenida* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 61, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 61, com ulteriores campanhas de revisão na p. 88. O canto inferior esquerdo da p. 61 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 83-84. Vd. descrição no n.º 253.

## Anotação textual: emendas

13. retratar-te.]; retratar-te.»
14. ti?»; ti?

## Aparato genético

3. outros, A outros B
4. beleza: A beleza. B
10. meu empenho: Γmeu desejoΓ A meu desejo, B
12. Bardo e mestre na sciencia do desenho. ΓBardo e artista o pincel tambem manejo:Γ ΓΓNão tomes o que digo, por gracejo: ΓΓ ΓΓΓVem depressa! não cuides que gracejo: ΓΓΓ A Vem depressa! não cuides que gracejo: B
13. Nada vejo melhor que retratar-te.» ΓNada encontro melhor que retratar-te:Γ A Nada encontro melhor que retrartar-te., B
14. – «Mas, não me tens em ti? disse ella. – «Tenho...» ΓMas.. não me vêes em ti? disse ella. – «Vejo...»Γ A – “Mas, não me vêes em ti? disse ella. – “Vejo., B

## 291

## [Última esperança]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 56, 90. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 56, com ulterior campanha de revisão na p. 90. O canto inferior esquerdo da p. 56 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 135 (abril de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 85-86. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Atlantico: Hebdomadario Literario e Noticioso* (dir. Antero Pacheco), Matozinhos: [s.n.]. N.º 30 (2 de março de 1919), p. 1.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A /A Alberto Telles. *itálico*/ B □ C

2. Risonha, em teu viver, ΓJocunda, em teu viver,⌈ A Jocunda em teu viver, B Jucunda, em teu viver C

3. Mas o tempo, que passa caviloso, ΓMas o tempo, que foge pressuroso,⌈ A Mas, o tempo, que foge pressuroso, B Mas o tempo, que foge pressuroso, C

7. olhar angustioso, Γolhar ancioso⌈ A olhar ancioso, BC

8. só, n'um valle escuro! A só n'um valle escuro! B só n'um valle escuro. C

13. quer.» AB quer. C

14. eu! exclamou um cão vadio. A eu! exclamou um cão vadio.» B eu!., exclamou um cão vadio. C

*Data.* □ A 30-III-05 B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), n.º *A Chronica* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 49, 89, 92. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Está transcrito na p. 49, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 89 e 92. O canto inferior esquerdo da p. 49 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 87-88. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

2. Mas, A Mas B
  3. só, reserva A só reserva B
  5. exquisito: A exquisito, B
  6. fôrma não diz nada. Olha: ΓA fôrma a pouco monta. Olha:⌈ A fôrma a pouco monta. Olha: B
  12. Será pena d'amor, ΓSerão penas d'amor,⌈ A Serão penas d'amor, B
  13. Será o burro um animal poetico? ΓSerá um burro um scismador poetico?⌈  
Γ ΓSerá, acaso, o burro um ente poetico?⌈⌈ A Será, acaso, o burro um ente poetico? B
- Data.* 12-XI-04. A □ B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 68, 83. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 68, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 83). O canto inferior esquerdo da p. 68 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid E)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “Ecos 89”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 89-90. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas em antologias e na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 81.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

2. amoroso me procura! Γnamorado me procura.⌈ A amoroso me procura! B
3. Talvez A talvez B
14. pena! A pena!., B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 294

## [Zombeteira]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 27. Vd. descrição no n.º 253.

O canto inferior esquerdo da página remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “Inedito”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou posteriormente a advertência “(Sem efeito)”

B – ADB, Ms. 538, p. 28. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “Inedito”.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 91. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* □ A Zombeteira BC

*Subtít.* □ A (Á Nathalia) B □ C

*Em B, o subtítulo foi acrescentado em campanha posterior.*

1. bella e delicada AB bella, delicada, C
2. te encontro A lhe vejo B lhe encontro C
3. rir, AB rir C
5. quando, em prantos e ais A quando em prantos e ais, B quando, em prantos e ais, C
6. teus pésinhos me deito A seus pésinhos me deito, BC
7. quando tu te ri mais A quando ella se ri mais B quando ella se ri mais, C
8. perfeito. A perfeito! BC

295

[Mau humor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 48. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

B – ADB, Ms. 539, p. 69. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 92. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Mau humor A Josino e Almira B Mau humor C

1. florido AB florido, C
2. mando versos, eu A faço versos – eu B mando rosas, eu, C
3. Fido, A Fido BC
5. rendido, – A rendido – B rendido. C
6. amor, tão sentido, A amor tão sentido BC
7. mataste, A mataste: B mataste, C

*Data.* 2-V-06 A 3-V-06. B □ C

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 68-69, 87, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito nas pp. 68-69, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 87 e 88. O canto inferior esquerdo da p. 68 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”.

B – *Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1907*, Braga: Typ. Universal, 1906, p. 188. Vd. descrição no n.º 275.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 93-94. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XX (1906), n.º 240, p. 888. Trata-se de uma cópia a partir do *Almanach de Santo Antonio*, mas com ligeiras corruptelas.
- *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas-Filhos), Lisboa: Lucas-Filhos Editores. Ano XXXIII (1919), n.º 390, p. 344. Trata-se de uma cópia a partir do n.º 240 da mesma revista.
- Albino Forjaz de Sampaio (org.), *As Melhores Paginas da Poesia Portuguesa (Da Epoca Medieval até aos Nossos Dias)*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1931, p. 180. Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

*Título.* A resposta do asno [↓ (Os dous asnos) A Os dous asnos BC

*Subtít.* □ A / (Inédito) *itálico* / B □ C

1. Disse um cavallo, ironico de orgulho, ΓUm cavallo, que tinha o rei no bôjo,Γ A Um cavallo, que tinha o rei no bôjo, B Um cavallo que tinha o rei no bôjo, C
2. Ao mísero jumento ΓDisse ao magro jumentoΓ A Disse ao magro jumento BC

3. «Da minha raça, tu? Causas-me engulho: ΓDa minha raça, tu? Causas-me nôjo 7 A – Da minha raça, tu? Causas-me nôjo; B – “Da minha raça, tu? Causas-me nôjo; C
6. gualdrapas; A gualdrapas, B gualdrapas; C
8. guerra, bellas A guerra e bellas B guerra, bellas C
10. Por sobre a albarda que te adorna a espinha, ΓSobre essa albarda que te adorna a espinha. 7 A Sobre essa albarda que te adorna a espinha B Por sobre a albarda que te adorna a espinha, C
12. dôno; um ôdre, ou sac/o\as A dôno: um ôdre, ou sacas B dono: um ôdre, ou sacos C
14. alardeio; A alardeio, BC
16. freio!» A freio.» B freio!., C
- Data.* □ A 10-III-06. B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), no *Almanach de Santo Antonio* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: um manuscrito e quatro impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 63, 89. Vd. descrição no n.º 137.

O poema surge integrado na secção “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 63, com ulterior campanha de revisão na p. 89. O canto inferior esquerdo da p. 63 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – *O Heraldo: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Albino Forjaz de Sampayo), Lisboa: Typ. Oriental. Ano I, n.º 5 (outubro de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 262.

C – *Revista Azul* (ed. Marcos d’Assumpção), Lisboa: [s.n.]. Vol. II, n.º 56 (dezembro de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 208.

D – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2318 (15 de novembro de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

E – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 95-96. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1907*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1906, p. 119.

Trata-se de uma cópia d’ *A Correspondencia do Norte*, mas com pequenas variantes de pontuação.

## Anotação textual: emendas

13. Christan»,]; christan,,

## Aparato genético

*Subtít.* filha Aurora Beatriz ABC filha D. Aurora Beatriz. DE

1. Transpos, emfim, o ΓMorreu, transpoz oΓ A Morreu, transpoz o BCDE
2. do sonho d’outra vida. Γd’um sonho: o d’outra vida.Γ A d’um sonho: o de outra vida BC d’um sonho: o de outra vida. DE

3. morte apercebida A Morte apercebida, BC morte apercebida DE
  4. via ao longe o sempiterno gôzo. Γvia o ceu azul, o eterno gôzo.Γ A via o ceu azul, o eterno gôzo. BCDE
  5. mundo, em que foi Γmundo, onde foiΓ A mundo, em que foi BCD mundo, onde foi E
  6. corrompida, A corrompida BC corrompida, D corrompida E
  7. erguida, ABC erguida DE
  10. estrella: A estrella, BC estrella: DE
  13. /Grinalda Christan, <sup>sublinhado</sup>/ A /Grinalda Christã, <sup>itálico</sup>/ BCD “Grinalda christan,, E
- Data.* □ A 21-IX-05. BC □ DE

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), n’ *O Herald*, na *Revista Azul*, n’ *A Correspondencia do Norte* e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

**298**

[Hespanhola]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 97-99. Vd. descrição no n.º 253.

#### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 82-83.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com ligeiras corruptelas.

**Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Foi localizado apenas um testemunho:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 100. Vd. descrição no n.º 253.

**Anotação textual: emendas**

4. a rosa,]; o rosa,

**Arquivo documental**

Em carta enviada para João Penha, A. A. Nogueira Souto agradece o madrigal dedicado a sua filha. A missiva em causa encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 557<sup>maço 8</sup>, f. 13.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 1, 82, 87. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 1, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 82 e 87). O canto inferior esquerdo da p. 1 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “<Inedito> [↑ Ecos 101]”.

B – BPMP, M-AF-1140.

Este testemunho autógrafa é constituído por meia folha de papel pautado (medindo 19,8 x 13 cm), escrita de um só lado, a tinta preta. Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 101. Vd. descrição no n.º 253.

## Anotação textual: emendas

8. na] AB; no

## Aparato genético

*Subtít.* □ [↓ (Auda) A (A Auda) B □ C

3. Tinha o nome de Zulmira, ΓEra o que tocava a lyraΓ ΓTinha os olhos de saphira:ΓΓ A Tinha os olhos de saphira, BC
4. E era o Anjo da Belleza. ΓEra o Anjo da belleza.Γ A E era o Anjo da Belleza. B E era o anjo da Belleza. C
5. – «Vão prendel-a: parta alguém!» AB «Vão prendel-o, parta alguém, C
6. Disse Pedro em grande berra; ΓDiz S. Pedro em grande berra;Γ A Diz S. Pedro em grande berra; B Diz S. Pedro em grande berra, C
7. «Que A Que BC
8. na terra.» A na terra!» B no terra.» C
- Data.* 30-V-06- A □ BC

**301**

[Confronto]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

**A** – ADB, Ms. 538, p. 49. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo pode ler-se a indicação apógrafa: “Ecos 102”.

**B** – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 102. Vd. descrição no n.º 253.

**Aparato genético**

6. – Menos tu, que tens malicia, – A Menos tu, que tens malicia, B
8. delicia! A delicia!., B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 50, 92. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Está transcrito na p. 50, com ulterior campanha de revisão na p. 92. O canto inferior esquerdo da p. 50 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 127 (dezembro de 1904), p. 1. Vd. descrição no n.º 130.

C – *Revista Azul* (ed. Marcos d’Assumpção), Lisboa: [s.n.]. Vol. I, n.º 28 (11 de dezembro de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 208.

D – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 103-104. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffé), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2300 (5 de janeiro de 1905), p. 2.

Trata-se de uma cópia a partir d’ *A Chronica*, mas com variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A / (Especial para um leitor: Dias Freitas) *itálico* / B □ CD

*Subtit.* □ A Inédito B □ CD

2. amiga; A amiga, BC amiga: D

7. adorações obriga, A adoração obriga, BC adorações obriga; D

10. d’amor ABC de amor D

11. transporta. A transporta! BC transporta. D

12. Ouve, e o mundo, ΓEscuta, e o mundo, 7 A Escuta, e o mundo, B Ouve, e o mundo, C Ouve, e o mundo D

13. morta, AB morta. C morta, D

14. quereria!» A quereria.» B quereria». C quereria!,, D

*Data.* □ A 25-XI-04 BC □ D

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 67, 87, 88. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 67, com ulteriores campanhas de revisão nas pp. 87 e 88. A seguir ao título, o autor anotou a indicação “(vid. 86.)”, remetendo ainda, no canto inferior esquerdo da p. 67, para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – ADB, Ms. 539, p. 86. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. A seguir ao título, o autor acrescentou posteriormente a dedicatória: “Ao Conselheiro Antonio Candido”.

C – AA.VV., *Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada dos Seculos XIX e XX* (dir. Albino Forjaz de Sampaio), vol. IV, Porto: Livraria Fernando Machado, 1942, p. 142.

Coordenada por Albino Forjaz de Sampaio, esta obra coletiva em quatro volumes (de 32 cm) dedicou um capítulo a João Penha, no último tomo (pp. 140-143). Aí se reproduz um fac-simile do autógrafo que João Penha enviou para a revista *Serões* (vd. testemunho D), com indicação de pertença à coleção privada de Albino Forjaz de Sampaio.

D – *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. V (1907), n.º 28, p. 277. Vd. descrição no n.º 253.

E – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 105-106. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, disseminadas na imprensa periódica, contam-se as seguintes:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 438 (11 de dezembro de 1907), p. 1.  
Trata-se de uma cópia a partir do n.º 28 da revista *Serões*.
- *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. IX (1909), n.º 49, p. 48.  
Trata-se de uma cópia a partir do n.º 28 da mesma revista, mas sem a dedicatória.

**Anotação textual: emendas**

13. lamentos,] ABCD; lamentos.

**Aparato genético**

- Dedic.* □ A Ao Conselheiro Antonio Candido B A Albino Forjaz de Sampaio. CD A Gomes Leal. E
1. estendido n'um caixão de pinho Γestendido no caixão funéreo⌈ A estendido no caixão funéreo BCDE
4. Jamais se transviou do seu caminho, ΓDe tabernas fugia, grave e serio.⌈ A De tabernas fugia, grave e serio. BCDE
5. E triste e pobre, á noite, em desalinho ΓEra um temente a Deus, e no mysterio –⌈ A Era um temente a Deus, e no mysterio BCDE
6. Pelos bosques errava, solitario. ΓEntre sombras, errava, solitario.⌈ ΓΓDos bosques se aprazia, <grave e serio> solitario.⌈⌈ A Dos bosques se aprazia, solitario. BCDE
7. Por fim morreu, e envólto no sudario A Hontem, morreu, e envolto no sudario, B Hontem morreu, e envolto no sudario, CD Hontem morreu, e envolto no sudario E
8. Ali jazia no caixão mesquinho. ΓVão, <de manhã,> leval-o [→ de tarde] ao cemiterio⌈ ΓΓFaz, a estação final do cemiterio.⌈⌈ A Vae emfim repousar, no cemiterio. B Vae enfim repousar no cemiterio. CDE
9. Fóra, AB Fóra CD Fóra, E
11. fúnebres accêntos: Γsepulcraes accêntos.⌈ A sepulcraes accêntos; BCDE
12. convulsões, a viuva se carpia; Γcontorsões, a viuva se carpia;⌈ A contorsões; a viuva se carpia, B contorsões, a viuva se carpia, CDE
13. lamentos, ABCD lamento. E
14. alma do ABC alma de D alma do E  
*Em D, a variante resulta de gralha tipográfica.*

## 304

## [Aquelle amor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 54, 90. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Está transcrito na p. 54, com ulterior campanha de revisão na p. 90. O canto inferior esquerdo da p. 54 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 107-108. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Aquelle amor... A Aquelle amor B

4. destino. A destino! B

9. astros, A estros B

12. Mas, offendeste-o em seus brios! ΓMas, feriste-me em meus brios.Γ A Mas, offendeste-o em seus brios! B

13. Volta agora aos teus poetastros, ΓVolta, pois, aos teus poetastros.Γ A Volta agora aos teus poetastros, B

14. Volta agora aos cães vadios! A Volta, pois, aos cães vadios. B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539 e ao livro *Echos do Passado*; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito). As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, pp. 52, 90. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Está transcrito na p. 52, com ulterior campanha de revisão na p. 90. O canto inferior esquerdo da p. 52 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 138 (maio de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 130.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 109-110. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB A Emydio de Oliveira C

3. D’um mendigo ΓD’um faminto⌈ A D’um faminto B D’um mendigo C

4. Esmola a um caminhante ΓUm pão ao caminhante⌈ A Um pão ao caminhante B Esmola a um caminhante C

6. amada; A amada, B amada; C

7. Ólho AB “Olho C

8. Não vejo um coração compadecido! AB “Não vejo um coração compadecido. C

9. abandonando A abandonando, BC

10. Como um santo eremita, como um Pacomio, ΓComo Paulo o eremita, ou São Pacómio,⌈ A Como Paulo, o eremita, ou S. Pacómio, B “Como Paulo o eremita, ou S. Pacomio, C

11. N’uma caverna, achar allivio, orando!» A N’uma thebaida achar allivio, orando! B “N’uma caverna, achar allivio, orando! C

12. «Irei talvez morrer... n’um manicomio!» ΓIrei morrer, talvez... n’um manicomio!»⌈ ΓΓIrei findar talvez... n’um manicomio.⌈⌈ A «Irei findar talvez... n’um manicomio!» B “Irei morrer talvez... n’um manicomio!,, C

13. o coração tirando, A o coração tirando: B meu coração tirando: C

14. Commovido lhe disse: «Toma: come-o!» ΓToma-<o> – eu lhe disse: mata a fome: come-o!⌈ ΓΓToma, eu lhe disse com piedade: come-o.⌈⌈ A – «Toma, eu lhe disse com piedade: come-o!» B – “Toma, eu lhe disse, mata a fome: come-o!,, C

*Data.* □ A 22-V-905. B □ C

## [Anthero de Figueiredo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: quatro manuscritos e um impresso:

A – BPMP, M-AF-1176(2).

Este testemunho autógrafo é constituído por uma folha de papel pautado (medindo 14,7 x 22,5 cm), escrito de um só lado, a tinta preta. Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo.

B – BPMP, M-AF-1176(1).

Este testemunho autógrafo é constituído por um bifólio de papel pautado (medindo 18,2 x 23,1 cm), escrito de um só lado, no sentido transversal às linhas (como se de uma só folha se tratasse). Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo.

C – ADB, Ms. 538, p. 43. Vd. descrição no n.º 253.

No canto inferior esquerdo, o autor anotou a indicação “Vid. pag. 57”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 111| Variante 57”.

D – ADB, Ms. 538, p. 57. Vd. descrição no n.º 253.

A seguir ao título, o autor anotou a indicação “(definitivo)”. No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 111”.

E – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 111-112. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Subtít.* □ ABC (definitivo) D □ E

*Dedic.* □ ABCD A elle proprio. E

1. pertinaz; ABC pertinaz: DE

2. mulher – eis sómente o que AB mulher eis a musa que C mulher, eis a musa que DE

3. lyra: ABC lyra; DE

4. como assumpto, ABC como thema, DE

5. Mas, como á perna, A Mas, como á perna B Mas como á perna C Mas, como á perna DE

6. nem [↑ nem] tira, A nem tira, BCDE

*Em A, a sobreposição foi introduzida pela mão de Antero de Figueiredo.*

7. fallarei **ABC** fallarei, **D** fallarei **E**
8. E que <deno> brilhante o **A** E denodado o **B** E com denôdo **CDE**
9. Tem já muito de feito, nas bagagens: **A** Ja <leva> muito [<sup>↑</sup> leva] feito, nas bagagens: **B** Ja muito leva feito, nas bagagens: **C** Não tem a face mésta d'um trappista; **DE**
10. Livrinhos delicados, quasi atómicos, **ABC** Tem, ao contrario, uma expressão risonha, **DE**
11. Outros de largo punho, como as «Viagens». **A** Outros de largo fôlego, as «Viagens» **BC** Quasi que a d'um burguez, mas do qual dista **DE**
12. Vós mesmos que peccaes por economicos, **ABC** Como d'um cópo d'agua um de borgonha. **D** Como d'um copo d'agua um de Borgonha. **E**
13. Para as noites das húmidas friagens, **AB** Para as noites das húmidas friagens **C** Largo talento: uma alma ideal d'artista. **D** Largo talento: uma alma ideal d'artista: **E**
14. Comprae um livro bom, comprae-lhe os «Comicos». **ABC** Vive entre nós, mas é no Além que sonha. **DE**  
*Em C, os vv. 9-14 aparecem assinalados na margem esquerda, com um colchete.*
- Data.* 1-XI-09. **AB** □ **CDE**

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira encontra-se registada, com algumas variantes, nos manuscritos BPMP, M-AF-1176(2), BPMP, M-AF-1176(1) e na p. 43 do Ms. 538; a segunda corresponde à p. 57 do Ms. 538 e ao livro *Echos do Passado*. As mudanças introduzidas pelo autor concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição, ocorrendo nos tercetos as alterações mais profundas.

### Arquivo documental

I. Este poema é dedicado a Antero de Figueiredo (\*1866 †1953), amigo íntimo de João Penha e seu companheiro de letras:



II. Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, ficamos a saber que este soneto foi originalmente encomendado pelo escritor viseense. A resposta ao pedido do amigo encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1175(6). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 23,1 x 18,2 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-1v), a tinta preta:

*Braga – 15-X-09.*

*Meu caro amigo.*

*Duvido muito de que eu me resolva a compor o soneto no sentido que deseja. A minha lyra não é para cousas graves, gourmées, pelo menos na apparencia, e agora é tarde para mudar de tom.*

*Por outro lado, já me sinto cansado de versejar, e se ainda o faço, de quando em quando, é para não perder a mão, ou para satisfazer a algum pedido.*

*O soneto como o meu caro amigo o queria, não me poderia sahir bom, não só porque não seria espontaneo, mas tambem porque não sei como em 14 linhas eu poderia metter um estudo psicologico do artista, e uma critica das suas obras. Repito, pois, duvido muito de que faça esse tal soneto.*

*Hoje estou d'um mau humor, execravel.*

*Seu*

*J. Penha.*

Como sabemos, o poeta acabaria por aceder à solicitação do amigo, compondo o soneto a 1 de novembro de 1909. A reação de Antero, todavia, não terá sido a melhor, como se depreende da seguinte carta, onde Penha procura explicar detalhadamente o que intentou fazer na composição. A missiva, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1175(9). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 23 x 18,2 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2r), a tinta preta. No canto superior direito do primeiro fólio, é possível ler a seguinte anotação de Antero: “R. 6-Nov. 9”. Na carta, datada de 4 de novembro, lê-se:

*Meu caro amigo.*

*Vejo que o soneto não lhe agradou, mas ouça:*

*A 1.<sup>a</sup> quadra, em que por fim de contas não digo senão a verdade, fil-a com o intuito de fazer sobresahir a deferencia da excepção, que abri a favor do meu amigo.*

*Na 2.<sup>a</sup> quadra, digo que vai caminhando demoradamente para o templo da gloria.*

*No 1.<sup>o</sup> terceto e no 2.<sup>o</sup> [↑ terceto] indico, na generalidade tudo quanto o meu amigo tem produzido: livros delicados, outros de maior folego, as Viagens, e a final os Comicos.*

*Que mais queria em 14 linhas?*

*É certo que o final tem certos ares de reclamo, mas entre os dos gabões d'Aveiro, os das conservas d'Espinho ( † ) – etc. – e o que eu fiz, ha esta differença,*

*que me parece importante: esses taes são anonymos, e escriptos em prosa, e o meu, (na hypothese de que podesse entender-se reclamo), é em verso, e firmado por este seu creado e admirador.*

*Os medalhões, a que se refere, são uma couza velhissima. Ja em todos os n.<sup>os</sup> da Revista do Seculo XIX, em que o Zola se estreou, vinha um, e são todos a mesma cousa: meia duzia de logares communs, e a referencia a uma obra do medalhado.*

*Fazer eu d'isso? Nunca. Com as rimas, de que podia dispor outra couza não podia fazer senão a que fiz (refiro-me ao final).*

*Contudo, para lhe ser agradavel, mudarei, um d'estes dias, os tercetos, mas a duas quadras permanecerão as mesmas.*

*Fica satisfeito?*

*Abraça-o*

*o seu do coração*

*João Penha.*

*4-XI-09.*

Com efeito, João Penha procederia às alterações documentadas no testemunho D (vd. *supra* Notícia dos testemunhos), incluindo depois a versão definitiva no livro *Echos do Passado*. Disso mesmo dá conta o poeta, em carta datada de 13 de março de 1911. A missiva, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1179(2). Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 23 x 18,4 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2r), a tinta preta:

*Caro amigo.*

*Não conheço ninguem mais infeliz em titulos do que o meu amigo para os seus livros! Esse agora, Terrinhas de Portugal, excede em extravagancia todos os anteriores. Que, quando passe, o povo diga assim: «aquelle é o autor das terrinhas de Portugal!» Quer que o tomem por oleiro?*

*Mesmo o ultimo: Louca d'amor, é rococó, e affasta leitores para os quaes, por gastos ou maduros, os episodios d'amor já não interessam.*

*A proposito: ja mandou esse livro a D. Zulmira? Se commetteu essa falta, *supra*-a.*

*Ainda a proposito de livros: os ecchos do passado, lá estão em baixo, a dormir, fechados n'uma gaveta. Estou a ver se ficam para posthumos!, porque não tenho tratado de nada, e sinto-me sem força de vontade para estopadas.*

*O seu soneto lá está incluso, modificado.*

*E os bilhetes postaes que lhe pedi? Uns quaesquer, mas que sejam dos que tenham d'um lado o endereço e o principio da correspondencia, porque dos outros tenho cà centenas.*

*E com isto não o enfado mais, por hoje.*

*Seu do coração*

*João Penha*

*13-III-11.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 62, 89. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. Vem transcrito na p. 62, com ulterior campanha de revisão na p. 89. O canto inferior esquerdo da p. 62 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 113-114. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 84.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Anotação textual: emendas

9. Porque] A; Para que.

## Aparato genético

*Dedic.* Guerra Junqueiro A A Guerra Junqueira. B

*Em A, a dedicatória, a lápis, foi acrescentada posteriormente.*

1. remanso, A remanso: B

9. Porque a A Para que B

*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica, com se depreende da análise métrica.*

10. chora. A chora: B

14. avizinhas do esplendor da aurora! Γte aproximadas do esplendor da aurora.7  
A te aproximadas do esplendor da aurora! B

## [A triste cousa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, p. 46. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafo: “Ecos 115”.

B – *Limiana: Revista Literária Pontelimense* (dir. Júlio de Lemos, Severino de Faria), Viana: Oficina de José de Sousa. N.º 7 (abril de 1913), p. 115.

Esta revista literária teve apenas doze números, num total de 219 páginas. Publicou-se entre julho 1912 e outubro 1917, em formato pequeno, reunindo colaboração de vários nomes de prestígio nas letras da altura.

O poema “A triste cousa” apresenta, no final, a indicação “(Dos *Echos do passado*)”, muito embora, à data, o livro não tivesse ainda editor.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 115-116. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *O Atlantico: Hebdomadario Literario e Noticioso* (dir. Antero Pacheco), Matozinhos: [s.n.]. N.º 11 (22 de fevereiro de 1917), p. 2.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas sem a dedicatória e com ligeiras variantes ortográficas ou de pontuação.

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 85.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB A Alberto Pimentel. C

3.    lyra, A lyra; B lyra, C

9.    arde. A arde: B arde. C

12.   tu; AB tu: C

14.   nú! A nú!» BC

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 53, 85. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 53, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O canto inferior esquerdo da p. 53 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 117”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 117-118. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A D. Carolina Michaelis. B

1. «De A – “De B
10. distingo-a, A distingo-a B
11. masmorra, A masmorra. B
13. peço a Deus que me socorra!» Γimploro a Deus que me socorra. 7 A implóro a Deus que me socorra!., B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 48, 84. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 48, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 84). O canto inferior esquerdo da p. 48 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 119”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 119-120. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Título.* Caecus, mancus et surdus A Incorruptível B

*Dedic.* Vicente Rodrigues Monteiro A A Vicente Rodrigues Monteiro. B

*Em A, a dedicatória, a lápis, surge posteriormente acrescentada.*

7. voto A voto, B

12. facto, A facto B

13. Roubou-me, por sentença, o meu relógio, ΓFurtou-me, por sentença, o meu relógio. 7 A Roubou-me, por sentença, o meu relógio, B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538 e ao livro *Echos do Passado*; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito). As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 81. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 121”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 121-122. Vd. descrição no n.º 253.

## Anotação textual: emendas

7. alçam,] A; alcançam,

## Aparato genético

7. alçam, ou logo surge a treva A alcançam, ou logo surge a treva, B  
*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica, com se depreende da análise métrica.*
9. «Só» uma casinha; A /Só *itálico*/, uma casinha B
14. partiu A partiu, B

**312**

[Desagravo]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 123-124. Vd. descrição no n.º 253.

**313**

[Anthropófago]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 125-126. Vd. descrição no n.º 253.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 47, 85. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 47, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O canto inferior esquerdo da p. 47 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 127”.

B – *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. XIII (1911), n.º 77, p. 348. Vd. descrição no n.º 253.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 127-128. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 86.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

1. Pintado, A Pintado BC
3. te explora, Γte devora, 7 A te devora, B te devora, C
6. apavóra; A apavóra, B apavora; C
10. Evangelhos, AB Evangelhos C
12. mundo, ninguém segue os bons conselhos, A mundo ninguém segue os bons conselhos; B mundo, ninguém segue os bons conselhos, C
13. Mas, AB Mas B
14. Metter o vinho novo em ôdres velhos.» ΓMetter-se vinho novo em odres velhos.7 A Deitar o vinho novo em ôdres velhos.» B Vinho novo metter em ôdres velhos.,, C

[Narcisa Holtreman]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 59, 84. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 59, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 84). O canto inferior esquerdo da p. 59 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 129”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 129-130. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* Bernardino Machado A A Bernardino Machado. B

*Em A, a dedicatória, a lápis, foi acrescentada posteriormente.*

2. Que, A Que B
7. Mas, o sabio, que a febre lhe vigia, ΓMas o medico illustre, que a assistia,Γ  
A Mas o sabio, que a febre lhe vigia, B
9. aziaga; A aziaga, B
10. O seu espelho quer, funesta idea, A E surgente d’um mal que já nem sonda  
B
11. Ao principio indecisa, incerta e vaga; A De voltar ao prazer a idéa afaga. B
12. Por ver seu rosto lindo, alfim, anceia: A O seu espelho quer; que não lho  
esconda B
13. Pede á aia, que a serve, que lho traga, A Á sua aia diz; quer que lho traga, B
14. ver-se feia! A ver-se hedionda! B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. As principais alterações concentram-se nos tercetos, sobretudo ao nível dos mecanismos de substituição.

## Arquivo documental

Em carta para Alberto Pimentel, João Penha refere-se ao episódio que serviu de inspiração a este poema, acusando Zola de se apropriar do mesmo, no desenlace de *Nana* (1880). A missiva enquadra-se num inquérito em torno do *Amor de Perdição*, que o escritor portuense publicou em

Alberto Pimentel, *Notas sôbre o Amor de Perdição*, Lisboa: Guimarães Editores, 1915, pp. 71-73:

“B. 19-XI-913.

*Meu caro Alberto Pimentel*

*Causou-me bastante surpresa a sua pergunta. Como poderei eu lembrar-me do logar e da época em que li um romance publicado ha tantos annos?*

*O que posso affirmar é que o li, mas nem ao menos me recordo do seu entrecho. Recordo-me apenas de que, nêsse tempo, dos romances sentimentaes de Camillo, o considerei o melhor dos até ahi publicados.*

*Mas, não são os d'esse género os que, a meu ver, deram nome ao immorredouro romancista.*

*Os melhores são aquelles em que elle, como no Onde está a felicidade? na Filha do Arcediago, na Queda d'um anjo, e em varios outros, desenvolve a sua inimitavel veia humoristica, e em que se manifesta como pintor de costumes, um realista que apenas se differença dos melhores francezes em que os seus livros podem andar por todas as mãos.*

*Camillo, como Zola, não tinha imaginação creadora. Este roubava descaradamente os enredos, que impingia como seus, e até mais que os enredos. Assim, a Thérèse Raquin é copiada do Assassinat du Pont-Rouge, de Charles Barbra; o desenlace tragico do Germinal pode quem quizer lê-lo no La Houille, de G. Tissandier. O fim da Nana succedeu em Lisboa, e espalhou-se por toda a parte, antes de estar concluido esse romance. E assim por ahi fora.*

*Camillo não roubava...”*

*O melhor comentário sobre a referência à Nana é este belo soneto do próprio João Penha no seu livro Echos do Passado [...]*

Também Cândido de Figueiredo se refere ao drama vivido pela jovem Narcisa Holtreman, no livro

Candido de Figueiredo, *Os Meus Serões*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1928, pp. 124-128:

*Os redactores [da Folha] compareciam diariamente no quarto escolar de João Penha, (Rua da Coiraça de Lisboa, 97, séde da Redacção) [...] Era um cenáculo interessante [...]*

*Um dos assuntos que ali se apreciaram um dia foi uma proposta de João Penha: que ás damas, assinantes da Folha não se aceitasse dinheiro, mas simplesmente o seu retrato; e que os poetas da nossa Revista cobrassem, em verso, cada retrato feminino, recebido pela Folha.*

*A proposta foi aprovada por aclamação e publicada na Revista.*

*A primeira dama, que, em vez da importância da assinatura, enviou o seu retrato á Folha, foi D. Narcisa Holtreman, de veras formosa, e pertencente a uma ilustre família de Lisboa.*

*Á vista do tentador retrato, os poetas da Folha trataram de afinar as liras, e os primeiros que celebraram o cativante retrato foram Gonçalves Crespo e eu.*

*Os meus versos a N. H., (Narcisa Holtreman) saíram em o n.º 2 da 2.ª série da Folha; e os do Crespo, com a mesma dedicatória, podem vêr-se em o n.º 5 da mesma série. [...]*

*De Lisboa, N. H. continuou a distinguir-me com a sua amigável correspondência, até que um dia foi gravemente atacada de variola. Ao entrar em convalescença, correu a um espelho, para verificar se a sua celebrada formosura tinha sofrido alguma coisa com as bexigas; e a tal ponto se impressionou com o que viu no espelho, que caiu redondamente, morrendo de desgosto, ela, que não morrera das bexigas.*

*Pobre Narcisa Holtreman!*

## 316

### [Idealismo e positivismo]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 50. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 131”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 131-132. Vd. descrição no n.º 253.

##### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 87.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com ligeiras variantes de pontuação.

#### Aparato genético

*Título.* Platão e Epicúro A Idealismo e positivismo B

3. eternizava, A eternisava B

10. mesmo, ou haja sol ou chova, A mesmo; ou haja sol ou chova B

13. – Pois. sim, direi; mas A – “Pois, sim; direi, mas B

14. onde A Onde B

## 317

## [Reconhecimento]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 51, 83, 84. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 51, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 83 e 84). O canto inferior esquerdo da p. 51 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 133”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 133-134. Vd. descrição no n.º 253.

## Aparato genético

*Dedic.* Eduardo Burnay. A A Eduardo Burnay. B

*Em A, a dedicatória, a lápis, foi acrescentada posteriormente.*

7. Será, talvez, A Será talvez B

9. Que fazem os mortaes? nascem, consomem, ΓQue fazem os mortaes? nascem, e comem,Γ ΓΓque fazem os mortaes: nascem e morrem: [→ Não)ΓΓ ΓΓΓNum obscuro bárathro se comemΓΓΓ ΓΓΓΓEu d’aquelles não sou, que se consomem,ΓΓΓΓ A Eu d’aquelles não sou, que se consomem, B  
*Em A, a segunda campanha de revisão aparece cancelada na margem direita, através do advérbio Não.*

10. Labutam e prociriam: tudo em vão? ΓSerá toda esta vida uma illusão?Γ ΓΓLabutam e prociriam. Sem razão?ΓΓ ΓΓΓOs que morrem: um dia voltarão?ΓΓΓ ΓΓΓΓComo Oedipos, atraz d’uma illusão,ΓΓΓΓ A Como Oedipos, atraz d’uma illusão. B

11. Mas... por um pessimista não me tomem, ΓMas... por um revoltado não me tomem.Γ ΓΓMas, emfim, por descrente não me tomem,ΓΓ A Mas, enfim, por descrente não me tomem, B

12. Que eu, no A Que no B

14. Em vez de me ter feito... ΓPodendo ter-me feito...Γ A Podendo ter-me feito... B

**318**

[A viuva triste]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 135-136. Vd. descrição no n.º 253.

## [A Deusa Razão]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 58, 84. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 58, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 84). O canto inferior esquerdo da p. 58 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 137”.

B – *Limiana: Revista Literária Pontelimensis* (dir. Júlio de Lemos, Severino de Faria), Viana: Oficina de José de Sousa. N.º 1 (julho de 1912), p. 10. Vd. descrição no n.º 308.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 137-138. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Atlantico: Hebdomadario Literario e Noticioso* (dir. Antero Pacheco), Matozinhos: [s.n.]. N.º 9 (8 de fevereiro de 1917), p. 2.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas sem a dedicatória e com pequenas variantes de pontuação.

## Aparato genético

*Dedic.* Conselheiro Dr. Antonio Candido A □ B A Antonio Candido. C

*Em A, a dedicatória, a lápis, foi acrescentada posteriormente.*

3. perdão, A perdão B perdão, C

5. mulher? – «Eu A mulher?» – «Eu BC

9. «Deixei o meu viver de colareja, ΓTive a grande cidade por igreja, 1 A «Tive a grande cidade por igreja, BC

11. Que embriaga, mais que a pállida cerveja.» ΓQue embriaga mais que o vinho e que a cerveja 1 ΓΓQue a prole humana, sempre em luta, almeja. | ou: Que a prole humana, sempre em luta, inveja. 1 1 A Que a prole humana, sempre em luta, inveja.» BC

*Em A, a segunda campanha de revisão apresenta duas variantes alternativas.*

*A dubitação aparece expressa através da conjunção ou.*

*Data.* □ A 14-VI-12. B □ C

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 62. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo da página apresenta a indicação apógrafa “Inedito”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 139-140. Vd. descrição no n.º 253.

**Aparato genético**

*Título.* Aeque pulsat pede. A In favilla B

14. esqueletos! A esqueletos. B

## 321

## [Antes e depois]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 63, 83, 84. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 63, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 83 e 84). O canto inferior esquerdo da p. 63 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Inedito”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 141-142. Vd. descrição no n.º 253.

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

## Aparato genético

*Título.* Antea et postea A Antes e depois B

*Subtít.* (Petrus, \_\_\_ Britus, et reliqua) A □ B

3. Tal como gota a gota cahe das telhas, A Tal como, gota a gota, cáhe das telhas  
B
5. Assim, A Assim B
6. no ôco A no vácuo B
10. ligeiras, A ligeiras B
11. infinda. A infinda! B
12. Eram sem thômos magistraes cadeiras, ΓEvapora-se o môfo das cadeiras:⌈  
A Evapora-se o môfo das cadeiras: B
13. E a sua enorme sciencia paira ainda ΓO saber, esse não: persiste ainda⌈ A  
O saber, esse não: persiste ainda B
14. Por sobre o seu sepulcro, orneando asneiras. ΓSymbolico, no ôco das cavei-  
ras!⌈ A Symbolico, no ôco das caveiras! B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

**322**

---

[A paga]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 143-144. Vd. descrição no n.º 253.

**323**

[Sem peccado]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 60. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 145”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 145-146. Vd. descrição no n.º 253.

#### Aparato genético

- 3. ti, A ti B
- 4. pensaste, sequer, A pensaste sequer B
- 7. rajada, A rajada B
- 9. Mas, A Mas B
- 11. liberta: A liberta. B

## [Impenitente]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 45, 85. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 45, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O canto inferior esquerdo da p. 45 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 147”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 147-148. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 88.  
Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*, mas com ligeira falha de transcrição.

## Aparato genético

*Título.* Saudades A Impenitente B

*Dedic.* Alberto Pimentel A □ B

*Em A, a dedicatória, a lápis, foi acrescentada posteriormente.*

1. Eis que me bate á porta a Decadencia! A Bate-me á porta a coxa Decadencia! B
4. Embora ria o vulgo, e ¶Embora o vulgo ria, e¶ A Embora o vulgo ria, e B
6. de gemer. A de chorar. B
9. loucuras? A loucuras! B
12. Hoje A Hoje, B

*Data.* 15-III-1910 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 538; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Echos do Passado*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

## 325

### [Jean qui pleure et Jean qui rit]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 73. Vd. descrição no n.º 253.

No canto superior esquerdo, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “Ecos 149”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 149. Vd. descrição no n.º 253.

#### Aparato genético

2. vi: A vi, B
4. /Jean qui rit. <sup>sublinhado/</sup> A / Jean qui rit. <sup>itálico/</sup> B
8. /Jean qui pleure, <sup>sublinhado/</sup> A / Jean qui pleure, <sup>itálico/</sup> B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 8, 87, 88. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 8, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 87 e 88). O canto inferior esquerdo da p. 8 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, enquanto o canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa: “Ecos 150”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 150. Vd. descrição no n.º 253.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 89.

Trata-se de uma cópia de *Echos do Passado*.

## Aparato genético

*Título.* Desánimo. A O fim B

2. Debalde na tinta banho ΓE nem, philosopho, estranho Γ ΓE nem, resignado, estranho. Γ Γ A Debalde na tinta banho B
3. A minha nervosa pluma! ΓA rebeldia da pluma. Γ A A minha nervosa pluma!  
B
5. rebanho, A rebanho B
6. Ja não existe nenhuma! ΓNão me resta, ao menos, uma! Γ A Já não me resta nenhuma! B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 97, 103, 108.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas nos livros *Ultimas Rimas* (1919) e *O Canto do Cysne* (1923), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 59 folhas (medindo 16,4 x 21,7 cm), com encadernação em cartão revestido a percalina e lombada reforçada, onde se aplicou o rótulo: “Arquivo Distrital | 544 | Manuscritos | U.M.”. Na pasta inicial, está colado um rótulo em papel, com a inscrição do punho do autor: “João Penha| Ao pôr do sol| Ultimas rimas| Versos| 1918| (2.º)”. O volume, propriamente, abre com uma folha de guarda, onde se lê, a lápis, a indicação apógrafo “revista”. Segue-se a primeira folha pautada, onde Penha dispõe as indicações de rosto para o livro: “João Penha|| Ao pôr do sol| Versos|| 1 – Guerra – II – Eterna loucura – III – Ultimas canções – Dolce farniente.| Com prefacio e notas|| Editores| Aillaud – Alves e C.<sup>a</sup>| Lisboa| (Sem effeito)”. No verso da folha, o autor ensaiou ainda várias tentativas de alinhamento para o livro *Ultimas Rimas*: “Ultimas Rimas|| Partes.| 1.º Musa que não ri!| 2.º Rosario espiritual| 3.º <Da montanha á collina>| 4.º Crepusculares (provisorio) ou,| 4.º Gestos funambulescos:| 2.º 5.º Para os crentes| 3.º Vinhetas e aquarelas|| 1.º Musa que não ri| 2.º Para os crentes| 3.º Vinhetas e aquarelas| 4.º Rosario espiritual| 5.º Crepusculares”. Ao fundo da página, encontramos ainda a seguinte advertência do autor: “Nota. Nem tudo que está neste livro é publicavel. A numeração na parte inferior de cada composição, indica a secção em que deverá ser collocada. As secções são aquelas.| Ver cuidadosamente as emendas”.

A este fólio inaugural seguem-se 58 folhas, cujas páginas estão numeradas de 1 a 118. As poesias aparecem registadas nas pp. 1-107, seguindo-se um “Índice” (p. 108, 115-118) e uma secção de “Emendas” (pp. 108-114), encerrando com uma folha de guarda, em papel almaço branco.

O poema “Seculo dezanove!” aparece transcrito na p. 97, com ultteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 103 e 108). O canto inferior esquerdo da p. 97 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafo: “U. R. 13”. A seguir à data, o autor acrescentou a seguinte indicação: “(1.º) invocação”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 13.

Este livro surge na sequência das peripécias que adiaram a publicação das *Escavações Litterarias* (*Ao Pôr do Sol* – versos – e *Noites de Inverno* – prosas), publicadas postumamente com o título *O Canto do Cysne* (1923). A este propósito, vd. *infra* Arquivo documental do n.º 333.

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo (BPMP, M-AF-1196(2)), ficamos a saber que o livro, inicialmente intitulado *Folhas de Outomno* (BPMP, M-AF-1196(12)), já estaria pronto em 17-VII-1918, ficando este amigo encarregado de angariar um editor. A 4-XII-1918, sabemos também pela correspondência (BPMP, M-AF-1196(13)) que o contrato se encontrava já redigido, prevendo a divisão de lucros entre editores e autor. A única condição imposta pelo poeta era que fosse publicado de imediato, para com ele presentear os amigos “quasi como despedida” (BPMP, M-AF-1196(7)).

Isso mesmo observa João Penha, em nota final ao livro (pp. 225-226), onde esclarece a escolha do título:

«Últimas Rimas»

*Pode muito bem ser que não sejam as ultimas, até porque este volume foi ultimado em meia duzia de semanas. Dias houve, como se vê das respectivas datas, novidade em meus versos, em que compuz trez ou quatro sonetos!*

*O que, porém, é indispensavel que eu diga é que as composições que elle contém, nada têm que ver com as do volume Ao pôr do sol, que já se acha vendido, quanto á primeira edição, e até pago, em poder dos estimaveis editores lisbonenses Aillaud, Bertrand & C.ª, – mas que, por uma clausula, que não autorizei, não será publicado senão depois de finda a guerra, isto é, quando eu já, por essa epoca problematica, ande a aprender a lèr no planeta Marte, para onde, de este, conto transitar.*

*Foi este caso exquísito, e temendo os horrores de um pósthumo, em que até me transformem a orthographia, que, salvos alguns lapsos, é a dos Barros, Lucenas, Bernardes e Vieiras, na dos burros, isto é, na falsamente chamada sónica, que eu, desesperado, engendrei este novo livro, para, até certo ponto, me consolar do outro, quer dizer, do desastre, irremediavel, de não o ver, em vida, são e escorreito.*

*Ha males que vêm por bem; duvido comtudo que este anexim tenha applicação a tão original episodio.*

A verdade, porém, é que a obra acabaria por vir a lume somente a título póstumo. Segundo indicação no colofón, o livro saiu da tipografia no dia 30 de julho de 1919, juntamente com a seguinte advertência dos editores:

Nota da «Renascença»

*Por falecimento do Autor, este livro não foi todo revisto por ele. Procurou-se, no entanto, respeitar com o maximo escrupulo o que foi escrito pelo Poeta illustre.*

O volume, propriamente, é encadernado em brochura e apresenta na capa a ilustração de António Carneiro que foi adotada como símbolo da Renascença Portuguesa. É constituído por 245 páginas (de 11,5 x 15,5 cm aprox.), abrindo com um “Prefacio” (pp. 7-10), seguido de cinco partes: “Musa que não ri” (pp. 11-61), “Para os crentes” (pp. 63-66), “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114), “Rosario espiritual” (pp. 115-154) e “Ao fogão” (pp. 155-221). Termina com uma secção de “Notas”, relativas a alguns poemas (pp. 223-237), e um “Indice” (pp. 239-245).

O poema “Seculo dezanove!” aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

### Aparato genético

*Título.* dezanove. A dezanove! B

1. A ti invóco: escuta-me do além! [↓ A ti invóco; ao meu appêlo vem!] ΓA ti invóco, ao meu reclamo vem!Γ ΓΓA ti eu chamo: evoco-te do além!ΓΓ A A ti invoco: escuta-me do Além! B

2. Quando, nasci, ja ias tu em meio: A Quando eu nasci, já ias tu em meio, B

*Data.* 28-VII-18. A □ B

### Arquivo documental

Sobre a técnica versificatória dos decassílabos sáficos, incluiu João Penha a seguinte nota final, no livro *Ultimas Rimas* (pp. 230-232):

#### *Sáphicos*

*Abundam nos meus versos, os d'esta especie, que são aquelles que têm duas cesuras, ou accentos predominantés, uma na quarta syllaba, outra na oitava, e n'esta especie, nunca na sexta syllaba deve haver accento agudo. São os mais bellos, pela sua harmonia, e pela sua ondulação rhitimica, ou musical. Esses versos, ás pessoas que ignoram aquella technica, isto é, ás que não os sabem ler, parecem-lhes maus, e sobretudo frouxos, pela falta de cesura na sexta syllaba. Se os lerem, porém, de harmonia com o que deixo acima indicado, o seu juízo será, naturalmente, outro.*

*O estimado critico, Mario de Santa Rita, n'um amavel estudo que ácerca das minhas primeiras Rimas, publicou no Occidente, achou defeituoso, embora com hesitações, um dos meus versos, mas se reparasse e o lêsse como saphico que é, outra seria a sua opinião. Tenho até a idea que é um dos melhores d'aquella collecção; não posso, porém, dizer qual, porque as minhas composições só as leio nas provas, e depois de publicadas nunca mais as leio.*

*Tambem fui censurado, e por quem? pelo meu dilecto amigo Dr. Candido de Figueiredo, na alheta do qual seguiu, a esse respeito, o distinto escriptor Delfim Guimarães, por eu não ter observado, quanto a um soneto em dodecasyllabos, que sahiu na*

*minha Viagem por terra ao paiz dos sonhos, as regras applicaveis aos versos franceses, chamados alexandrinos, que são aquelles em que o primeiro hemistichio hade sempre terminar em syllaba aguda, ou em breve, mas que possa ligar-se, pela elisão, com a primeira vogal do segundo hemistichio.*

*Não se lembraram, porém, esses estimaveis censores de que esses taes versos podiam não ser, como não eram, alexandrinos, mas os latinos esclapiadeus; nem mesmo que o fossem, poderia haver êrro de maior porque até o importante professor de litteratura, o fallecido Dr. Delfim Maria d'Oliveira Maia, na sua Arte poetica, diz que os alexandrinos tambem podiam fazer-se como eu fiz os esclapiadeus, sem comtudo dizer a razão porquê. Disse-a eu, no meu volume Por montes e valles, onde amplamente controverti esta materia.*

*Finalmente, todos os meus versos devem ser lidos sem hesitações, desembaraçadamente, como se executa qualquer composição musical.*

## Notícia dos testemunhos

### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 191-192, 202.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas no livro *Ultimas Rimas* (1919), bem como uma série de poemas que permanecem inéditos. Consiste num caderno de 48 folhas (medindo 15,9 x 21,1 cm), com encadernação em cartão revestido a percalina e lombada reforçada, onde se aplicou o rótulo: “Arquivo Distrital | 545 | Manuscritos | U.M.”. Na pasta inicial, está colado um rótulo em papel, com a inscrição do punho do autor: “João Penha| Ultimas Rimas| (2.º)”. O volume, propriamente, abre com uma folha de guarda, seguindo-se uma folha pautada, onde Penha dispôs as seguintes indicações: “João Penha| Ultimas Rimas| (Continuação)|| Nota. Nem tudo que está neste livro é publicavel. A numeração na parte inferior de cada composição, indica a secção em que deverá ser collocada. As secções são 5.| Ver cuidadosamente as emendas”.

A este fólio inaugural seguem-se 47 folhas, cujas páginas estão numeradas de 119 a 212 e às quais foram já arrancadas as pp. 167-168. As poesias aparecem registadas nas pp. 119-201, seguindo-se uma secção de “Emendas” (pp. 202-208) e um “Índice” (p. 209-212), encerrando com uma folha de guarda em papel almaço branco.

O poema “Ladainha” aparece transcrito nas pp. 191-192, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 202). O canto inferior esquerdo da p. 191 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 15-16. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 96-97.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com ligeiras variantes de pontuação.

### Aparato genético

*Dedic.* (Aos meus santos) A Aos meus santos B

9. Tu, santo Elmano Sadino, ΓSanto Bocage Sadino, 7 A Santo Bocage Sadino,  
B
10. e A e, B
22. sé, A Sé, B
27. Nos sonetos A Em sonetos B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à versão inicial do Ms. 545; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [O rei da Belgica]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 563 <sup>7</sup>, p. 4.

Este autógrafo de João Penha insere-se na correspondência trocada com a Viscondessa do Paço de Nespereira (vd. *infra* Arquivo documental). É constituído por uma folha de papel pautado (com 11,4 x 18,2 cm), escrita de um só lado, a tinta preta.

B – ADB, Ms. 544, p. 1. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R 17”, podendo ainda encontrar-se, no canto inferior esquerdo, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

C – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 17. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

## Anotação textual: emendas

1. dos clarins] BC; de clarins
3. fogofo,] BC; fogoso.
8. do sceptro] BC; de sceptro

## Aparato genético

*Dedic.* A sua Magestade a Rainha, | sua esposa A A sua Magestade a Rainha, sua Esposa | (Para o seu album) B A sua Magestade a rainha, sua esposa | (Para o seu album) C

1. dos clarins AB de clarins C
3. fogoso, AB fogoso. C
4. “hunoso” e os aterra! A “hunoso” e os aterra. B hunos e os aterra. C
8. do sceptro espingarda! A do sceptro espingarda. B de sceptro espingarda. C
9. proclama, AB proclama C
10. patria, A patria BC
12. Roma! A Roma. B Roma! C

*Data.* □ AB 1918. C

### Arquivo documental

O testemunho A insere-se na correspondência que João Penha trocou em 1917 com a Viscondessa do Paço de Nespereira, D. Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses (\*1864). Segue-se ao convite endereçado por esta, angariando colaborações para o álbum que os portugueses residentes em Paris planeavam oferecer à rainha consorte do rei Albert I da Bélgica. O próprio João Penha ter-se-á aliás empenhado em reunir outras colaborações, como se depreende da seguinte carta (BPMP, M-AF-1193(3)) enviada a Antero de Figueiredo:

*B. 31-VIII-17*

*Caro amigo.*

*Ahi vae outro que lhe vae fazer dar um pulo de gafanhoto:*

*«De bastão ferrado, e de mochila às costas.»*

*(Impressões de um caminhante).*

*Pelo amor de Deus, não se esqueça de, quando fôr a Lisboa, me trazer a parte metrica, dos meus manuscriptos, sem esquecer as varias composições avulsas, que eu ia mandando, quasi de dia a dia, e de que me não ficou copia.*

*Poderá o meu amigo dizer-me onde móra o Gomes Leal? Eu escrevi-lhe para Cascaes, mas não recebi resposta, o que me não parece natural.*

*Escrevi-lhe para me fazer duas ou tres estrophes para o album que os fidalgos portuguezes, residentes em Paris, vão offerecer à Rainha da Belgica, e a falta de resposta d'aquelle exuberante poeta, causa-me transtorno.*

*Da minha parte ja fiz 3 quadras ao Rei da Belgica (Alberto). Do Junqueiro, arranjei algumas linhas em prosa, porque, como elle me declarou, não faria mais versos, o que reprovei.*

*Quer o meu amigo escrever tambem algumas linhas? Não tenho indicação alguma a seu respeito, mas isso pouco importa. O assumpto é restricto à Belgica, ao Rei, ou à propria Rainha (Luiza). É uma honra que, segundo o meu entender, deve acceitar.*

*Seu ex-corde*

*João Penha.*

## 330

## [O sonho e a realidade]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 85. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 19”, podendo ainda encontrar-se, no canto inferior esquerdo, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 19. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *infra* Arquivo documental II.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao visconde de Pindella. B

1. annos A annos, B
2. agua-furtada!» A agua furtada! B
3. Nada; A nada; B
9. vizinha; A vizinha, B
14. escura! A escura!» B

*Data.* 25-VII-18. A □ B

## Arquivo documental

I. Como salienta João Penha, em nota final ao livro *Ultimas Rimas* (p. 237), as dedicatórias deste livro são aleatórias e concebidas apenas em jeito de despedida:

*Declarações finais*

*Não ha a mais pequena relatividade entre as composições offerecidas e as pessoas a quem o são.*

*São offerecidas a collegas, sobretudo da antiga pleiada, e a pessoas amigas, como simples homenagem, ou como lembrança de reconhecimento e de boas relações.*

*Muitas, de certo, me esqueceram: d'esses imploro o perdão de tão deploravel falta. Por ultimo: declaro que ainda conservo a propriedade absoluta de todos os meus livros, incluindo os já concluidos mas ainda não publicados.*

*Não vendi senão as primeiras edições, que são as em andamento, e as que o vão estar.*

*Exceptua-se a Viagem por terra ao paiz dos sonhos, vendida aos estimaveis editores, do Porto, Lello e Irmão, os quaes têm direito a fazer uma segunda edição, edição que de certo não farão, porque não estamos em paiz para semelhantes folias, sobretudo, quanto a livros de versos, embora o verso, comparando, esteja para com a prosa, como o generoso «lacrima-christi», para com a mais vulgar das zurrapas.*

*Tivesse eu nascido em Paris!*

2-IX-18.

II. Em carta enviada a Antero de Figueiredo, ficamos a saber que a disposição dos sonetos, nas *Ultimas Rimas*, não correspondeu à vontade do autor, que pretendia as quadras dispostas na metade inferior da página ímpar e os tercetos na metade superior do respetivo verso. A missiva em causa encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1196(13). Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 26,1 x 17 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2v) a tinta preta, e onde Antero registou a seguinte observação, no cabeçalho: “Ultima carta do Penha | vai falecer em | Fevereiro de 1919”:

4-XII-18

*Meu caro amigo.*

*Li que tinha regressado á Foz, e por isso lhe escrevo, mesmo porque suspeito que não chegou a receber o postal que lhe escrevi no dia em que partiu para Lisboa. N'elle lhe dizia que a Renascença aceitou a final o contrato, já reduzido a escripto, nas taes condições de lucros a meio, e ate vae entrar em composição proximamente, o que assáz me contentou, mesmo porque d'esses lucros os primeiros serão para integral pagamento da verba que o meu amigo teve a bondade de me adiantar para o expediente.*

*E a proposito: no capitulo que lhe diz respeito vejo isto:*

*2 periquitos; 2 demi-reliures-amateur; conservas de Espinho; paios, mas d'estes não tenho certeza; 2 caixas de bom papel; 6 polycromos suisos; editor para os Echos do passado; uma figura de lava do Venuvio; – adiantamento de 50:000, já pagos, e agora aquelle. Com uma nova reliure para as Ultimas rimas, que solicito, porque o unico encadernador toleravel que aqui havia, falleceu ha dias de typho, – terá o meu amigo cumprido brilhantemente.*

*Quanto a esse livro recebi hontem um postal do Alvaro, que muito me desagradou, porque me dizia que compostos os sonetos como eu queria, o volume sahiria com 350 paginas, o que demandava uma grande despeza em papel. Concordei, pois, com o que elle desejava, e assim o livro não sahirá, estheticamente, como eu queria.*

*Estimei que lhe agradassem as aguas fortes. Parece-me que o meu amigo d'isso pouco sabe. Uma ou duas, são avant la lettre. Sabe o que isto quer dizer? São as épreuves que se tiram antes de lhe pôrem os titulos, exemplares que por terem a tinta mais fresca e negra, e por serem tiradas em pequeno numero são arrachées pelos amadores.*

*Mais lhe enviarei, sem tocar nas minhas grandes collecções.*

*E a respeito o meu alvitre relativo ao Bobo, que, no dizer do Herculano «Não era o bobo era o diabo?»]*

*Acceite-o e fará um bom serviço á litteratura patria, e alem d'isso vendo o.*

*Abraça-o o*

*seu ex corde*

*João Penha.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 88-91. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito nas pp. 88-91, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas”, colocada ao final da p. 91. O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 21”, podendo ainda encontrar-se, no canto inferior esquerdo, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(V 1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 21-24. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

## Aparato genético

*Subtít.* (Canção) A □ B

1. Eu A «Eu B
3. tinha A tinha, B
5. Tem-nos guardados no peito, A «Tem-nos guardados no peito B
6. coração: A coração, B
9. Gostava tanto de flores! A «Gostava tanto de flores, B
13. Mas, A «Mas B
17. Consumia horas inteiras, ΓVer, durante horas inteirasΓ A «Ver, durante horas inteiras, B
18. Concentrada, a contemplar ΓTranquillas, em seu voarΓ A Tranquillas em seu voar, B
20. mar; A mar. B
21. Outras A «Outras B
25. Em A «Em B
28. silenciosa. A silenciosa; B
29. Lá A «Lá B
31. aprisco A aprisco, B
33. Mêdas A «Mêdas B
35. A cantar, as A A bater as B
36. ar; A ar. B
37. Por A «Por B

41. Eu não sou como as donzellas, A «Eu não sou como as donzellas B  
 44. delicia, A delicia B  
 45. Ver A «Ver B  
 46. Sonorosa, A Sonorosa B  
 47. castanheiros, A castanheiros B  
 48. soldados, A soldados; B  
 49. E em noites de inverno, A «E em noites de inverno B  
 51. Apagas A Apagadas B  
 52. crepitar. A crepitar; B  
 53. Subir das serras á crista A «Subir das serras á crista, B  
 54. cidade, A cidade; B  
 56. immensidade. A Immensidade! B  
 57. Tudo eu via, A «Tudo eu via B  
 59. nada, A nada: B  
 60. vejo.» A vejo!» B  
*Data.* 26-VII-18. A 26-VIII-18. B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à versão inicial do Ms. 544; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [A transfiguração]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 98. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo apresenta a nota apógrafa “U. R. 25”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 25. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Queiroz Ribeiro. B

5. verdade, A verdade B

6. boa; A boa: B

8. bondade! A bondade. B

9. passou, sem que eu a visse. A passou sem que eu a visse, B

12. desenganos. A desenganos, B

13. vê?» – Não; A vê?» – «Não; B

*Data.* 29-VII-18. A □ B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos. Apesar das datas de publicação, considera-se C a última versão revista pelo autor (vd. explicação *infra*):

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 60.

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo (BPMP, M-AF-1189(3), (4), (5), (6)), ficamos a saber que João Penha ultimava já este livro em junho de 1916. Compreendia duas partes (*Ao Pôr do Sol* – versos; *Noites de Inverno* – prosas) e deveria intitular-se *Excavações Litterarias*.

Ainda de acordo com a correspondência, foi João de Barros (genro do amigo pessoal Teixeira de Queirós) quem tratou da venda do manuscrito aos editores Aillaud & Bertand, adiantando-se de imediato o pagamento de 80 escudos ao autor (BPMP, M-AF-1196(2)). Embora sem o consentimento de Penha, o acordo previa o adiamento da publicação até depois da Grande Guerra (BPMP, M-AF-1193(2); M-AF-1196(1)), o que só aconteceu depois da morte do autor.

Durante o impasse criado, Penha começou por escrever alguns poemas avulsos, que “ia mandando, quasi de dia a dia”, para serem acrescentados à edição protelada (BPMP, M-AF-1193(3)). Todavia, como o manuscrito tardasse a entrar no prelo, o poeta acabou por organizar um volume de *Ultimas Rimas*, onde consumou a sua despedida do mundo das letras (BPMP, M-AF-1196(7)). Publicado em 1919, o livro incluía algumas das composições já enviadas a Aillaud & Bertand, que assim acabaram publicadas antes mesmo das conturbadas *Excavações Litterarias*.

Estas só viriam a lume postumamente, pela mão de Albino Forjaz de Sampaio, que em 1923 decidiu recuperar o projeto, intitulando-o *O Canto do Cysne*. Além do manuscrito original, o livro compreendia também as composições adicionais que Penha enviara aos editores lisboetas, antes de as incluir, em versão final, nas *Ultimas Rimas*.

O volume, propriamente, apresenta encadernação em tela azul (com gravações douradas nas pastas e lombada) e é constituído por 207 páginas (de 11,5 x 17,5 cm). Abre com um “Índice” (pp. VII-X), seguindo-se um “Prefácio” de Albino Forjaz de Sampaio (pp. XI-XX) e a transcrição de uma carta de João Penha, datada de 1906 (pp. XX-XXIII) – vd. *infra* Arquivo documental. Surge depois a “Primeira parte” (pp. 1-98), dedicada às composições em verso, que se distribuem em quatro secções: “I – Guerra!” (pp. 3-6), “II – A eterna loucura”

(pp. 7-38), “III – Últimas canções” (pp. 39-67) e “IV – Dolce farniente” (pp. 69-98). O livro termina com uma “Segunda Parte: Prosas” (pp. 99-174) – agora intitulada “Excavações litterarias” – e, por fim, uma secção de “Notas” (pp. 175-184), incluindo este esclarecimento (pp. 183-184):

*Últimas linhas*

*Talvez cause surpresa esta deignação: Da Academia Real de Sciencias, que se lê debaixo do meu obscuro nome, no frontispicio d'este livro, quando, no meu anterior: Echos do passado, me designei simplesmente: Da Academia de Sciencias, de Lisboa; e isto carece de explicação, visto não ter o paiz retrocedido ao regimen monarchico anterior.*

*É que reflecti, que aquella designação, embora imperfeita, era melhor do que esta. Imperfeitas, ambas, porque a nossa Academia não é unicamente de sciencias, mas tambem e principalmente de letras; e a primeira melhor que a segunda, porque, tendo sido fundada por um rei, por D. José, o qualificativo de «real» bem proprio lhe é; nem a republica, que Deus guarde, supprimindo-o, lhe supprimiu aquella origem.*

*A designação de «Academia de Sciencias de Lisboa», essa é que não deve subsistir, porque o não é unicamente d'aquella cidade, mas de todo o paiz: melhor seria: Academia Portugueza, á semelhança do que se usa em todas as outras nações.*

*É por estas razões que voltei á designação passada, e não só por ellas, mas tambem porque o meu diploma vem ainda firmado por: «D. Manuel, Rei de Portugal», o qual ahi benigna e democraticamente me trata por tu, pro more.*

O poema “Bucolica” aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

B – ADB, Ms. 544, p. 2. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa “U. R. 26”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, a advertência do autor: “(1.º)”.

C – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 26. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 95.  
Trata-se de uma cópia da versão publicada em *O Canto do Cysne*, mas com algumas corruptelas.

### Aparato genético

*Título.* [Últimas canções] XIV | Bucolica A Bucolica BC

*Dedic.* /Ao Dr. Francisco Teixeira de Queiroz *italico*/ A (No album da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Emília Telles da Sylva. B No album de D. Maria Emilia Telles da Sylva (Tarouca). C

5. junto da cancela, A perto da cancella B perto da cancella, C
6. Certo moço á noiva fala: A Canta e fia uma zagala; BC
7. De súbito um beijo estala A Ao pé um cordeiro bala: B Ao pé, um cordeiro bala, C
8. Nas bochechas da donzella. A É todo o rebanho d'ella. B É todo o rebanho d'ella; C
9. campo um jumento zurra; A campo, um jumento zurra, B campo um jumento zurra; C
10. montado; A montado, B montado; C
12. sapateado, A zapateado, BC
13. gemo, á bandurra, AB gêmo á bandurra C
14. passado. AB passado! C

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada no livro *O Canto do Cysne*; a segunda encontra-se documentada no manuscrito do ADB e na edição das *Últimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

O livro póstumo *O Canto do Cysne* (vd. *supra* testemunho A) abre com um “Prefacio” de Albino Forjaz de Sampaio, onde se transcreve também uma carta de João Penha (pp. XI-XXIII):

*Prefacio*  
João Penha

*Sahe hoje o ultimo livro do poeta original que se chamou João Penha. Canto do Cisne foi chamado, e com certa propriedade o foi, porque n'elle reuniu o poeta os ultimos devaneios da sua prosa e os ultimos accordes da sua lira. João Penha foi na poetica portugueza um poeta aparte, um poeta cuja originalidade por nenhum outro é compartida. Não foi um parnasiano, no sentido perfeito da palavra, porque lhe falta a dulcurosa melodia da forma. A sua, participava de um certo clasissimo bem viril que lhe fazia chamar rudemente, muitas vezes, aos bois pelo nome. Se academialmente é perfeito jamais d'isso curei. Fica esse caso aos rigoristas para estadearem suas pequices. É cousa que um dia deslindarão.*

*Mas o que João Penha foi, foi incontestavelmente um grande. Gonçalves Crespo[,] poeta cheio de poesia[,] chama-lhe:*

*Nervoso mestre, domador valente  
Da rima e do soneto portuguez.*

*Em Coimbra elle pontificou. Foi o idolo da Academia. A Folha, jornal que elle fundou e dirigiu, marca uma epoca.*

*Foi imperador e rei de uma bohemia que deixou nome e de que Junqueiro foi pactario.*

*A sua musa, vulgada pelas Rimas, cantava duas coisas. O vinho e as mulheres. Vinho qualquer: Falerno ou Collares, Porto ou Tokai, Bordeus ou Lacryma Christi, Champagne ou Malvasia. E de qualquer parte. Da Madeira, do Xerez, de Malaga, de Chypre, do Rheno ou de Torres, de Borgonha, do Medoc, de Valdepeñas ou de Setubal. Vinhos gregos da Campania, cantabricos, de violetas, de açufateria, de lotus, de cinamomo, do diabo, secos, doces ou adstringentes, acidos ou espumosos, com perfume ou sem elle contando que fosse vinho. Todas as Venus lhe serviam: das Venus pagãs, da Anadyomene, de Cnido, de Medicis, de Milo, de Apeles ou de Praxistelles, de Capua ou Callipgia até ás Venus realistas rescendendo ao feno dos campos.*

*De maneira que elle foi assim o poeta dos viandeiros e gargantões, dos frascarios bohemios só dados a libações a amores. Mas não nos diz a lenda que elle fosse beberão, nem a sua idade propecta foi azorragada das punitivas penitencias com que a orgia costuma pungir o estomago. Nada o indicia do castigo temeroso de que as roscas da gastralgia ou o desabar da cirrose são os pontos terminaes. Comia e bebia sim, mas galeava o exagero em verso. Se assim não fosse, a não ser que lhe impecesse a gorja, osso ou espinha, elle comeria de um engulo as nadegas do proprio Belzebuth. E não nos diz ninguem que elle deixasse em Coimbra a fama de traga-mundos, que fosse preciso quando elle passasse as velhas açovacarem os cochinos e os jarretas pôrem os chapheus altos a alapardarem as galinhas. Não senhor.*

*Elle ficou como um grande poeta, precursor do monoculo e das polainas, que ditava a lei. As velhas sabechãs juram-no pessoa excellente e não consta tambem das chronicas ter a sua bohemia sido coisa descabelada ou attentatoria dos bons costumes.*

*Foi original. No seu tempo reinava o pieguismo e elle não ingenuisou o amor. Era-se tísico por amor da bella e elle não carpiu nunca o desgosto de viver. E pratico, forte, soberbo, deu-se a proclamar em verso a unica therapeutica apropriada – a caneca do espumante e a fatia do salpicão ou a talhada do presunto.*

*Depois, quando Coimbra acabou, para elle, recolheu a Braga. Ahi foi advogado até que morreu já velho e já surdo. Não dizem os recordos do vulgo que elle enodoasse a beca ou sujasse o nome, antes pelo <o> contrario lhe recamam de elogios a memoria.*

*Elle não foi dos que chatinam com o talento. Nem sequer o vendeu. Negocios tendo por materia prima a producção litteraria, repugnava-lhe. Nunca da sua litteratura, prosa ou verso que fosse, eu cuido, elle tirou estipendio ou comedia.*

*Em cartas para mim, que com elle mantive relações litterarias que duraram annos, elle me diz: «raros são os escriptores, cujas obras lhes sobrevivem, e rarissimos os que podem contar com uma posteridade, não de seculos, mas de alguns mezes apenas. Trabalhamos, pois, não com intuitos de ganhos, e muito menos de glorificações mas porque uma força estranha que em nós existe a isso nos impelle imperiosamente. Produzimos como uma*

*pereira dá peras. Pergunte-se-lhe por que as dá: responderá: «não sei». (18-V-1916). Era assim, eu o sabia já, porque fora eu o intermediario de Henrique Lopes de Mendonça, então dirigindo Os Serões, e elle. E escreve-me: «Disse-me o meu amigo que os editores dos Serões pagavam um tanto por pagina. Eu, pela Columbina, não quero dinheiro, e preferiria uma colleção d'essa revista continuando depois a colaborar, de quando em quando, porque estou cada vez mais calaceiro.» (12-X-06). Assim foi. Recebeu a sua colleção e não aceitou dinheiro.*

*Elle tinha a Arte como um verdadeiro sacerdocio. Agradecendo um dos meus livros diz: «Creio que o meu amigo não tem a composição facil, como a não tem os verdadeiros artistas: escrever é para si uma tortura, mas absolutamente indispensavel, e, afinal, uma consolação.*

*Nada mais verdadeiro que o que diz um critico d'arte, M. R. Crucy, n'um seu estudo ácerca do pintor Julien Lemordant: «Le travail est une lutte lassante que redoutent et que derissent les belles et puissantes organisations, qui, souvent s'y brisent. Un grand poete de ce temps-ci disait, en parlant de ce labeur effroyant: je m'y mets avec désespoir, et je le quitte avec chagrin.» Não é exactamente assim?*

*É, e comtudo a grande massa, o vulgo, julga que uma obra d'arte se faz com a mesma facilidade com que se faz o tacão d'uma bota!*

*Já Camões o dizia, com referencia ao verso:*

*«Em vergonha o não digo; que a razão  
De alguém não ser por versos excellente,  
É não se ver presado o verso e a rima,  
Porque quem não sabe a Arte não a estima...»*

*É ainda o seu ponto de vista de que a Arte é qualquer coisa de supremo que tortura e deleita.*

*Nunca foi invejoso. Para elle o trabalho dos outros era cousa sagrada a que elle gostava de prestar a sua homenagem. De Manuel Duarte me escreve: «é um poeta pouco numeroso, mas de primeira grandeza. Se por ahi o encontrar faz favor de lhe dar, da minha parte um apertado abraço.» Não são muitos os que, nos tempos que correndo vão, teem a isenção sufficiente para d'um official do mesmo officio dizer o mesmo.*

*João Penha foi um poeta original e um escriptor interessante. Os seus livros sobreviverão a nós todos e quando o tempo rodar, o tribunal calmo e sereno dos vindouros, que não o tumultuario dos que o conheceram, lhe dará o altar que lhe compete.*

*Este livro de agora é uma collectanea das suas ultimas produções. O leitor amoroso, por elle terá a prova da viveza em que brilhou aquelle espirito até morrer. E com elle se deleitará, pois João Penha é dos que sem enfado se lêem e com agrado se conservam. Não terá perdido nem o seu tempo nem o seu dinheiro e terá botado os olhos a prosa ou verso com que nem todos os dias topa, e que vai rareando a ponto de se quasi se poder dizer que lhes vae secando a madre. E não nasceu ainda o poeta, como elle original, que o seu logar tome.*

*Porque é curiosa se dá ao leitor uma carta que a proposito de um inquerito que fiz, em tempos me dirigiu. Só uma pequena parte então publiquei e inedita ella se pode*

*considerar. É um documento importante para a biographia do poeta e como tal o leitor a poderá julgar.*

*Albino Forjaz de Sampaio.*

-----

*Ex.<sup>mo</sup> Collega*

*De volta da minha aldeia, encontro a carta de V. á qual não sei realmente que responda, porque o meu viver de animal commum, e de artista, tem tido, embora o não pareça, estações muito variadas. Durante bastantes annos, e sobretudo, durante os de Coimbra, posta de parte a voluptuosidade da leitura, a unica amiga e duravel que existe neste mundo, todo o meu tempo era empregado na satisfação de toda a especie de prazeres communs, mais ou menos espiritualizados por discussões, com os meus companheiros, sobre todos os problemas do universo.*

*D'ahi, nem das minhas indispensaveis leituras quotidianas, tirei uma unica ideia para as minhas composições poeticas, e só quando da imprensa da Universidade me vinha o aviso de que para o jornal (a Folha) só faltava o expediente, é que eu, desesperado, me resolvia, a escrever qualquer cousa, o que fazia, quasi sempre antes de jantar, deitado e de barriga para o ar. A obra era escripta a lapis, instrumento que adoro, e soffria varias modificações quando, depois, era passada a limpo. Assim, e d'este modo, foram creadas as Rimas velhas, de que os editores d'esta cidade, Cruz & C.<sup>a</sup> acabam de fazer uma nova e bonita edição (ne varietur).*

*Mais tarde, o meu viver mudou de aspecto, porque tinha, como um burguez qualquer, de lutar pela vida. O burguez e essa lucta não destruíram o artista, nem o podiam destruir porque, por temperamento, e por educação, que a mim mesmo dei, o fui sempre, quasi desde a infancia.*

*Tive, pois, de dividir a minha actividade intellectual, mas poucas eram as horas que podia roubar ao labor profano para me entregar á divina arte do verso, labor este que, bem differente d'aquelle, é para mim um passatempo, um prazer, uma consolação.*

*Entrando agora nas minudencias, que o meu excellente collega deseja saber, parece-me necessario distinguir, quanto á materia do 1.<sup>o</sup> quesito.*

*Em toda a concepção artistica, ha a gestação da ideia, que tem sempre origem na observação quer do mundo exterior, quer do interior e a producção propriamente dita. Para aquella não ha horas de trabalho, e é quasi inconscientemente que o feto se vae formando, até se achar em condições de poder sahir á luz.*

*Aqui é que principia o verdadeiro trabalho artistico; hoc opus hic labor est. Para mim, esse trabalho é, e não é, laborioso, torturado.*

*Triste, e com passo vagaroso, penetro na sala, onde trabalho, de noite, e ahi n'um silencio absoluto, lanço-me á obra, como um bulldog se fila á orelha d'um toiro recal-citrante, e não a largo senão depois de lhe ter dado uma forma toleravel. Já se vê que essa primeira forma me não satisfaz, sendo ás vezes necessario duas ou tres operações successivas, para que eu, severo, a julgue viavel. Durante esse trabalho, em que não gasto, nunca mais de 2 horas, não fumo, não como, nem bebo, nem ainda, em calores tropicaes, um copo d'agua, droga que detesto.*

*Mais tarde, n'uma sala completamente solitaria, e depois de me assegurar que ninguem me pode ouvir, recito a composição acabada, e vendo que ella resiste ao meu modo de recitar, fico satisfeito, e digo: «pode seguir». Depois de publicada, nunca mais a torno a ler.*

*Passivamente, toda a leitura me serve: a questão é que o auctor seja bom, pouco importando que pertença a esta ou áquella escola.*

*Nascido em pleno romantismo, todas as minhas inclinações eram, até ainda bem pouco tempo, para os escriptores d'essa epoca luminosa: o Hugo, o Alfred de Musset, Balzac, Dumas pae, Th. Gauthier, Flaubert, etc., e ainda hoje os leio, como uma recordação da infancia, como uma saudade.*

*Dos actuaes, apraz-me a leitura de F. Coppée, e de Sully Prudhomme, divinos poetas parnasianos, e, de entre os prosadores: Anatole France, Marcel Prevost, Abel Hermant, o Lavedan, Bazin, Rosny, Jean Lorrain, etc.*

*Mas, acima de tudo isso, e n'uma altura inacessivel, está, para mim, Shakspeare, o mais extraordinario genio dos tempos modernos.*

*Com estas linhas, e accrescentando que, dos meus livros, o que eu prefiro é o ultimo: Novas Rimas, parece-me que terei satisfeito a curiosidade do meu ex.<sup>mo</sup> amigo e bom collega.*

18-IX-06.

João Penha.

## 334

## [O sultão feroz]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 119-120, 202. Vd. descrição no n.º 328.

O poema “O sultão feroz” aparece registado nas pp. 119-120, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 202). O canto inferior direito da p. 119 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda encontrar-se, ao fundo da página, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 27-28. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

## Aparato genético

2. enlancido. A enlanguecido; B
4. pentes, A pentes B
7. «Vela na torre o A «Vela, na torre, o B
9. estranha!) A estranha) B
10. reclinada A reclinada, B
12. colmada.» A colmada!» B
14. adaga, ciumento, Γadaga, tr<o>/u\culento, Γ A adaga, truculento, B
15. nua A nua, B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à versão inicial do Ms. 545; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Arquivo documental

O poema de João Penha constitui uma tradução do poema “Le nuage”, de Théophile Gautier (*La Comédie de la Mort*, Bruxelles: E. Laurent Imprimeur-Éditeur, 1838, p. 59):

*Le Nuage*

*Dans son jardin la sultane se baigne,  
Elle a quitté son dernier vêtement;  
Et délivrés des morsures du peigne  
Ses grands cheveux baisent son dos charmant.*

*Par son vitrail le sultan la regarde,  
Et caressant sa barbe avec sa main,  
Il dit: L'eunuque en sa tour fait la garde  
Et nul hors moi ne la voit dans son bain.*

*Moi je la vois, lui répond, chose étrange!  
Sur l'arc du ciel un nuage accoudé;  
Je vois son sein vermeil comme l'orange  
Et son beau corps de perles inondé.*

*Ahmed devint blême comme la lune,  
Prit son kandjar au manche ciselé  
Et poignarda sa favorite brune...  
Quant au nuage, il s'était envolé!*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 544, pp. 50, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 50, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). O canto superior esquerdo da p. 50 apresenta a nota apógrafa “U. R. 29”, podendo ainda encontrar-se, ao fundo da página, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – *A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa* (ed. Álvaro Pinto). Porto: [s.n.], 1918. Série 2, vol. XIV, n.º 82-84, p. 135.

Esta revista literária foi porta-voz do movimento Renascença Portuguesa, angariando colaborações entre os principais nomes da intelectualidade portuguesa, no primeiro quartel do século XX. Entre 1910 e 1932, publicou-se quinzenalmente (e depois com periodicidade mensal), em formato médio de 31 cm, perfazendo um total de cinco séries.

O poema de João Penha vem acompanhado da seguinte indicação: “(Das *Ultimas Rimas*, a sair)”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 29. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 99.

Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

4. Julgas um bem o que julgavas mal. ΓJa te vês immortal, ante o Immortal.7  
A Já te vês immortal, ante o Immortal. BC
5. fatal, A fatal BC

6. Está, de ha muito, em livros d'oiro, escripto. A Está de ha muito em livros d'oiro escripto: BC
  9. Nirvana A Nirvana, BC
  10. dizes, A dizes BC
  14. existe! A existe!» BC
- Data.* 9-VII-18. A □ BC

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à versão inicial do Ms. 544; a segunda encontra-se documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito), na revista *A Águia* e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 34, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 34, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). O canto inferior direito da p. 34 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda encontrar-se as seguintes advertências: “(1º)” – ao fundo da página – e “U R 30” – no canto superior esquerdo.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 30. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 98.

Trata-se de uma cópia da versão publicada nas *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

1. com olhos tristes que te vejo, Γcom os olhos tristes que te vejoΓ A com os olhos tristes que te vejo B
2. nutante, A nutante B
4. Em cuja vasa o teu mau fim prevejo. ΓOnde terás o fim que te prevejoΓ  
ΓΓLamento-te, e não penses que gracejo.ΓΓ A Lamento-te, e não penses que gracejo. B
5. adejo, A adejo B
6. Se ruflavas as azas do lirismo. ΓPor sobre os altos cumes do lyrismo;Γ A Por sobre os altos montes do lyrismo. B
11. Desce-te lá dos ceus, em linha recta. ΓVem-te dos ceus a inspiração dilecta.Γ A Vem-te dos ceus a inspiração dilecta. B
12. Tens contudo A Tens, contudo, B
14. Elvira.» A Elvira!» B

*Nota.* (Verso de Espronceda.) **A** □ **B**

*Data.* 30-VI-18. **A** □ **B**

Podemos distinguir três versões deste poema; a primeira corresponde à versão inicial do Ms. 544; a segunda e terceira encontram-se documentadas nas campanhas de revisão situadas na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Últimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

[*Ligustra cadunt*]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 60. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa “U. R. 31”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, uma tira de papel, colada pelo autor para anular indicações anteriores. Aí acabou anotando o capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 31. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

2. juventude, A juventude B  
 3. Á cova! A Á campa! B  
 13. canora; A canóra: B  
*Data.* 16-VII-18. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A alteração situa-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 15, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 15, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). O canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa “U. R. 32”, encontrando-se ainda, no fundo da página, uma tira de papel, colada pelo autor para anular orientações anteriores. Aí acabou remetendo para o apêndice das “Emendas” – através da nota “(V. E.)” –, juntamente com a seguinte indicação: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 32. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 100.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Anotação textual: emendas

*Dedic.* Ao] A; (Ao

## Aparato genético

*Dedic.* Ao A (Ao B

1. chuva, A chuva B
4. As patas nuas, rôta ΓOs pés descalços, rôtaΓ ΓΓDe pés descalços, rôtaΓ Γ  
A De pés descalços, rôta B
5. Tinha o corpo grotesco, a voz agreste, A Tu, Sempiterno Ser, tudo lhe deste:  
B
6. Mesmo até quando ao violão cantava. A A giba enorme, a voz d’um chantre,  
cava. B

7. Manco, da rapazia que o A Manco, se o rapazio o B  
 10. mal uma tosse de catarrho; A mal, uma tosse de catarrho, B  
 12. cigarro. A cigarro; B  
 13. e, já no cóche, A e já no coche B  
 14. «Ora graças a Deus: ando Γ(ou) Graças! ate que emfim andoΓ A «Graças!  
 até que emfim ando B  
*Em A, a variante é apresentada como alternativa. A dubitação aparece expressa através da conjunção ou.*

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda é a que aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações introduzidas concentram-se ao nível dos mecanismos de substituição.

### Arquivo documental

Entre o epistolário de João Penha, encontra-se uma carta de Francisco dos Santos Guimarães, onde este humildemente se assume “quase analfabeto” e por isso especialmente orgulhoso da dedicatória no livro. A missiva, guardada no Arquivo Distrital de Braga com a cota Ms. 560<sup>maço</sup> 46, está datada de Lisboa, 17-V-1918.

**Notícia dos testemunhos**

**1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 152. Vd. descrição no n.º 328.

No canto inferior esquerdo podem ler-se as seguintes indicações: “(Olim)” e “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 33. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

**2. *Eliminatio codicis descriptoris***

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 101.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

**Anotação textual: emendas**

5. d'amor,] A; d'amor.

**Aparato genético**

6. Helena! A Helena. B  
9. flor; A flôr, B  
11. amor A amor, B  
12. Helena! A Helena. B

## 340

[Nas sombras]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 153. Vd. descrição no n.º 328.

Ao fundo da página, pode ver-se o capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 35. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 331.

#### Anotação textual: emendas

6. vibrarei!] A; vibrarei

#### Aparato genético

4. Foi-se-me A Foi-se B  
 5. «Oh guitarra A Oh guitarra B  
 6. vibrarei! A vibrarei B  
 8. lirio hão de acabar! A lirio, hão-de murchar! B  
 10. E tristonho A E, tristonho, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A alteração situa-se ao nível sintagmático da substituição.

## 341

## [As virgens loucas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 94, 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 94, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O canto superior esquerdo da página 94 apresenta a nota apógrafa “U. R. 36”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, a indicação do capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 36. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

1. tristura,] A; tristura.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A (Ao visconde de Pindella) B

1. tristura, A tristura. B
2. honesta, A honesta B
5. Essas, as loucas são, dil-o a Escripura; A Essas as loucas são, dil-o a Escripura, B
8. á suprema altura, Γá divina altura,Γ Γá suprema altura,ΓΓ A á suprêma altura, B
10. E, por uns dias de prazer, ardentes, ΓE por uns dias de prazer algentes,Γ A E, por uns dias de prazer, algentes, B
11. Terão, talvez, o inferno A Terão talvez o inferno, B
12. Ide-vos, A «Ide-vos, B
14. Onde ha as lagrimas, o ranger dos dentes. ΓOnde ha o chôro, e o ranger dos dentes.Γ A Onde ha o chôro, e o ranger dos dentes!» B

*Data.* 27-VII-18 A □ B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do manuscrito; a segunda encontra-se documentada, com algumas variantes, no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Novas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 27-31, 108. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado nas pp. 27-31, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 108). O canto superior esquerdo da p. 27 apresenta a indicação apógrafa “U. R. 37”, encontrando-se ainda, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”. O canto inferior direito da p. 30 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 37-41. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

## Anotação textual: emendas

18. pericia,]; pericia.

## Aparato genético

1. Entre a velha A Entre velha B
2. Dos tempos da mocidade, A De toda a especie, confusa, B
3. balada A ballada, B
4. Aos beijos d’uma beldade. A A já esquecida musa: B  
*Em A, segue-se uma linha separadora entre a primeira e a segunda quadras.*
5. veia A veia, B
11. isso, A isso B
15. d’um canto Γdo cantoΓ A do canto B
18. pericia A pericia. B
19. Cantarei, A Cantarei B
22. mascavado; A mascavado: B
26. Mulher A Mulher, B
29. repinicados, A repinicados B
30. deleite, A deleite. B
31. deleite, A deleite. B
31. namorados; A namorados, B
32. d’amas A de amas B

38. bôcca A bôcca, B  
 42. demais, A demais: B  
 43. coxos, A côxos: B  
 49. castos: A castos, B  
 55. conjugal... A conjugal, B  
 58. mata A mata, B  
 63. maroto, A marôto; B  
 69-72. *Em A, estes versos são acrescentados posteriormente, na secção de “Emendas”.*  
 69. □ ΓO de Maria e de Cosette,Γ A O de Maria e de Cosette, B  
 70. □ ΓO impulsivo, o primeiro,Γ A O impulsivo, o primeiro, B  
 71. □ ΓQuanto a alma o não repeteΓ A Quantas vezes se repete B  
 72. □ ΓQuando o amor é verdadeiro!Γ A Se o amor é verdadeiro! B  
 73. fugida, que as damas, A fugida que as damas B  
 78. alludo, A alludo B  
 85. li, A li B  
 86. Eu, que sou illacrymavel! A Eu que sou illacrymavel. B  
*Data.* 23-VII-18. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de amplificação (adição).

## 343

## [Germania delata]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 200. Vd. descrição no n.º 328.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 43. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

5. lança,]; lança.
12. vem!] A; vem:
14. oh França,] A; da França, B

## Aparato genético

- Título.* Germania deleta. A Germania delata. B  
*Dedic.* □ A (A Henrique Lopes de Mendonça) B  
 2. nunca. A nunca: B  
 4. Surge-lhe, um dia, A Surge-lhe um dia B  
 5. lança A lança. B  
 6. junca: A junca; B  
 10. ninguem. A ninguem; B  
 12. vem! A vem: B  
 14. oh França, A da França, B

## 344

[No verão]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 130, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 130, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). No fundo da página 130, encontra-se o capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 44. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Julio Gama B

2. toca: A tóca; B

5. Ouve-se, ao longe, A Ouve-se ao longe B

6. ninhada, uma galinha chóca, A ninhada uma galinha chóca; B

7. toca, A toca. B

9. Além, os copos d’uma antiga nóra, ΓAlém, os alcatruzes d’uma nóra,⌈ A Os alcatruzes d’uma antiga nóra, B

11. chora, A chora. B

12. E a vae guiando ΓVae-a guiando⌈ A Vae-a guiando B

13. E não cessa esta faina, desde ΓE não cessa esta lida desde⌈ A E esta lida não cessa desde B

*Data.* 16-VIII-18. A □ B

Podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545, a segunda aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e a terceira coincide com o livro *Ultimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 158-161, 206. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado nas pp. 158-161, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). No fundo da página 130, o autor anotou a indicação “(1º)”, remetendo também para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 45-48. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 82-84. Trata-se de uma cópia truncada, a partir das *Últimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

13. prado;] A; prado.
20. afasta;] A; afasta:
26. demonio;] A; demonio:
37. palha,] A; palha.
41. raparigas,] A; raparigas:
52. eu!»; eu!
54. paraizo,] A; paraizo

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Antonio Correia d’Oliveira. B

5. cidades, A cidades B

9. Virgilio A Virgilio, B

10. Para este quadro do ΓO grande artista doΓ A O grande artista do B

*Em A, segue-se uma linha separadora entre a terceira e a quarta quadras.*

13. Vem de busina um som, vem do montado; ΓUma busina sôa: accôrda o prado;Γ A Uma busina sôa: accôrda o prado. B

17. quadra, A quadra: B  
 18. vasta. A vasta; B  
 19. guarda A guarda, B  
 20. velho, que se afasta; A velho que se afasta: B  
 21. vento: A vento, B  
 23. nóra. A nora B  
 25. a balde, A a balde B  
 26. demonio; A demonio: B  
 27. mas em balde, A mas de balde, B  
 29. calcinada, A calcinada B  
 30. passarinhos: A passarinhos; B  
 34. ouvir incessante o seu cantar; A ouvir, incessante, o seu cantar. B  
 36. naus, montes a barra. A naus; montes, a barra. B  
 37. palha, A palha. B  
 38. trigo, A trigo B  
 40. preces; A preces. B  
 41. rancho, cantando, as raparigas, A rancho cantando as raparigas: B  
 42. vão depois, de varapaos, Γvão atraz, de varapaus: A vão atraz, de varapaus; B  
 43. Seguem-se os anciãos, de balandraos, ΓOs anciãos, arrimados aos seus paus: Γ ΓE como cousas taes não são cantigas, Γ Γ A E, como cousas taes não são cantigas, B  
 44. E as velhas, o cabelo como estrigas. ΓAs velhas, o cabéllo como estrigas. Γ ΓOs velhos, arrimados aos seus paus. Γ Γ A Os velhos, arrimados aos seus paus. B  
 50. palacio; A palacio, B  
 52. eu! dizia A eu!» dizia B  
 54. paraíso, A paraizo B  
 55. Eva, A Eva B

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão (registada no final do manuscrito); a terceira aparece documentada na segunda campanha de revisão (à lista de “Emendas”) e no livro *Ultimas Rimas*. As mudanças introduzidas envolvem as operações sintagmáticas da substituição e reordenação, estando as mudanças mais profundas concentradas na décima primeira quadra.

## 346

## [A voz do além]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 148-149, 205, 206. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado nas pp. 148-149, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 205, 206). No fundo da página 148, o autor anotou o capítulo em que o poema se insere – “(1º)” –, remetendo também para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 49. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

## Aparato genético

1. estado. A estado B
3. inda maior, Γinda peór.⌈ A inda peor, B
4. desgraçado, A desgraçado. B
5. suór: A suór! B
6. É de tractar do sudario! ΓQue viver, e que fadario!⌈ A Que viver, e que fadario! B
7. chaga, A chaga; B
10. d'unto; A d'unto, B
12. – «Tróco já, disse um defunto.» A – Tróco já, disse um defunto. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redacção inicial do Ms. 545, a segunda aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Últimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 347

[Fados]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 3, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 3, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). O canto superior esquerdo da p. 3 apresenta a nota apógrafa “U. R. 51”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(1º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 51. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Título.* Fados ΓNo lupanarΓ A Fados B

1. filha A filha, B
2. <Neta d>/D\’as aguas correntes neta, A D’as aguas correntes neta; B
4. mim, A mim B
7. abjecta, A abjecta B
9. falla, A falla B
14. correntes...» A correntes.» B

## [Canção escolar]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 10-12, 88. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece registado nas pp. 10-12, remetendo, no canto inferior esquerdo da p. 12, para posterior campanha de revisão, no apêndice das “Emendas” (p. 88). No final da p. 12, João Penha acrescentou a nota “(Não sahiu nos Echos.”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo da p.10, a seguinte indicação apógrafa: “<Inédito> | Ultimas Rimas | 53”.

B – ADB, Ms. 545, pp. 121-123. Vd. descrição no n.º 328.

No fundo da página 121, o autor anotou a indicação “(1º)”, acrescentando ainda a seguinte indicação, no final do poema: “(Olim, a pedido”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 53-55. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

## Aparato genético

*Título.* Hymno escolar A Canção escolar B

*Subtít.* (d’um Instituto de Vianna) A □ B

2. mar; A mar. B mar, C

6. estudar! AB estudar: C

8. avesitas, AB avesitas C

9. estúa A estúa, BC

10. vulcão: A vulcão; BC

11. rua, AB rua; C

15. natureza AB natureza, C

16. muda. A muda! B muda. C

17. coragem! AB coragem: C

18. castigo, AB castigo; C

21. Sem muito, muito estudar A Sem se lêr, sem se estudar, B Sem se lêr, sem se estudar C

26. dura A dura, B dura C

27. ave A ave, B ave, C

30. completa: A completa; B completa! C

31. estulticia A estulticia, BC  
 32. lama abjecta. AB lama infecta. C  
 34. ingresso A ingresso, BC  
 35. combatentes AB combatentes C  
 36. *Em A, segue-se ainda esta quadra:*

Cantam aves os seus hymnos,  
 Canta a briza, a terra e o mar;  
 Tambem nós, os pequeninos,  
 Quizemos hoje cantar.

*Em B, o poema termina com a advertência “(Olim, a pedido”, remetendo para uma quadra suplementar, no apêndice das “Emendas”, onde se lê: “Este hymno tem a seguinte quadra, suplementar, a pedido”:*

E no ardor que nos inflamma  
 Hymnos erguemos tambem,  
 Á bondosa e illustre dama,  
 Que nos protege e mantém.

Podemos distinguir três versões deste poema. As mudanças introduzidas envolvem as operações sintagmáticas da substituição e adição, estando as mudanças mais profundas concentradas no epílogo.

### Arquivo documental

A versão publicada nas *Ultimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (p. 228):

#### *Canção escolar*

*Esta composição, feita a pedido, é vozeada todos os dias, ou nos dias solemnes, pelas crianças de uma escola primaria de Vianna do Castello.*

*Quando estou hesitante sobre o valor artistico de qualquer obra minha, faço a mim proprio esta pergunta: «Isto deshonra?» Se respondo: «Não», a cousa segue. Foi a pergunta que fiz, e a resposta que obtive, ácerca da alludida Canção. Segue, pois, bem como pela mesma razão, a ballada que leva o titulo: Beijos.*

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 132. Vd. descrição no n.º 328.

No fundo da página, o autor anotou o capítulo em que o poema se insere – “(1º)” –, remetendo ainda para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)” (embora não se encontrem aí correções para este poema).

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 57. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (p. 226) – vd. *infra* Arquivo documental. Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

#### Aparato genético

*Título.* Megalómano (Megalómano) | Elle! A Elle! B

1. historia, e até na lenda, A historia e até na lenda B
2. cesar, mais feroz não ha, A cesar mais ferz não ha! B
3. Mas, não obstante, A Mas não obstante B
4. vae, A vae B
6. remorso crú A remorso, cruel, B

*Data.* 16-VIII-18. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

#### Arquivo documental

A versão publicada nas *Ultimas Rimas* vem acompanhada de uma nota explicativa, colocada ao final do volume (p. 226), onde João Penha remete para os poemas “A conquista de Paris” e “Os obuzes”, incluídos no livro póstumo (vd. poemas n.º 469 e 470):

*Elle!*

*Estes sonetos teriam melhor cabida no volume acima referido Ao pôr do sol, a seguir aos dous que, relativos ao mesmo personagem, ahi serão publicados. Resolvi-me, porém, a fazel-os sahir n'este, pelas razões acima apontadas, sendo-lhes applicaveis a nota que áqueles dous se referem, e á qual me reporto. O que n'uns e outros digo, nada tem que ver com a nobre Germania, que elle governa, como um pastor governa o seu rebanho de carneiros! O que me assombra é que esse individuo, que deixa a perder de vista os Neros, Tiberios, Calígolas, e quasi todos os outros Cezares, de que Tácito é o terrivel historiador, ainda esteja vivo! É que talvez seja o homem dos destinos, e tanto paguem os justos, que são a maioria, como os peccadores!*

*Altos decretos da Providencia, como antigamente se dizia.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 169, 207. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 169, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 207).

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 58. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

9. Elle, muito abatido, magro e velho, ΓElle, velho, só rugas e magreza,⌈ A Elle, velho, só rugas e magreza, B
  10. estudo A estudo, B
  11. mappa, com traços a vermelho. Γmappa estendido em ampla mesa.⌈ A mappa, estendido em ampla mesa. B
  12. carrancudo, A carrancudo B
  13. Ao pintor, que dobrara o seu joelho: ΓExclamou, com insólita fraqueza.⌈ A Exclamou, com insólita fraqueza: B
  14. – «Estou A «Estou B
- Data.* 18-IX-18. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545, a segunda aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 351

## [O destino]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há cinco testemunhos diretos: quatro manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 171. Vd. descrição no n.º 328.

A seguir ao título, João Penha cancelou posteriormente esta versão, através da advertência “(Não)”.

B – ADB, Ms. 545, p. 172, 207. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 172, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 207). O canto inferior direito remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, acabando depois o poeta por cancelar esta versão, através da advertência “(Não)”.

C – ADB, Ms. 545, p. 173. Vd. descrição no n.º 328.

D – BPMP, M-AF-1139.

Este testemunho autógrafo é constituído por uma folha de papel pautado (medindo 12,5 x 17,4 cm), escrita de ambos os lados, a tinta preta. Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, a cuja filha se encontra dedicado o poema.

E – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 59. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 102.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Anotação textual: emendas

14.       contente,] ABCD; contente.

## Aparato genético

*Dedic.* □ ABC A M./lle <sup>superior</sup>/ Thereza de Figueiredo D A M./elle <sup>superior</sup>/ Thereza Furtado de Antas de Figueiredo. E

1. alegre A alegre, BC alegre DE
  3. ainda ABCD ainda, E
  7. O seu murmúrio inconstante A O seu marulho incessante, BCDE
  8. bramar, AB bramar CDE
  9. □ A □ Γ N'uma lucta que não finda. 1 B N'uma lucta que não finda. CDE  
*Este verso está ausente em A e B, sendo acrescentado no apêndice final.*
  10. Ora lago, ora torrente. A Ora lago, ora torrente: B Inváde-a um desejo ardente: CDE
  11. Quer vê-lo, quer-se banhar, A Quer ir vê-lo, contemplar BCDE
  12. □ A O raucísono gigante. B O undívago gigante C O undívago gigante, DE
  13. Mas um mau fado a atração: AB As gaivotas a passar; C As gaivotas a passar. DE
  14. contente, ABCD contente. E
  15. repente, A repente BCDE
  16. Veio uma vaga, A Veio uma vaga B Sóbe uma vaga, CDE
- Data.* 19-IX-18. AB 20-IX-18. C □ D 19-IX-18. E

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde à p. 171 do Ms. 545; a segunda coincide com a segunda redação do manuscrito; a terceira aparece documentada na p. 173 do caderno, no manuscrito da BPMP e no livro *Últimas Rimas*. As mudanças introduzidas envolvem operações sintagmáticas de adição, substituição e reordenação.

### Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo, João Penha refere-se à composição que dedicara à filha do romancista. A missiva em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1196(7). Trata-se de um bifólio de papel pautado (medindo 25 x 17,4 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê:

B. 26-IX-18.

*Caro amigo.*

*Em vista do seu postal, vae hoje a proposta ao Alvaro Pinto, acompanhada do indice das materias, para elle vêr a espantosa variedade dos assumptos: um prefacio, 127 composições inéditas, e 12 notas: Dará um volume para mais de 240 paginas, ou 300.*

*Duvido muito que elle adiante qualquer somma, para a estopada do expediente, provas, e remessa de mais de 30 volumes, ás pessoas a quem, quasi como despedida, offereço composições.*

*N'essa que mais que provavel hypothese, a reticencia do seu postal, sugeriu-me a seguinte combinação: o meu amigo adianta-me uma vintena de mil reis; para aquellas despezas, as quaes reembols[ar]á pelos primeiros lucros que me pertençam. Que diz a isto? De certo não lhe agradará, mas o que escrevi, escrevi. Lucros, sempre os haverá,*

*porque entendo que o livro agradará, e segundo o que ainda ha pouco me disse um poeta brasileiro, que me veio visitar, eu, o Gomes Leal, e o Antonio Correa de Oliveira são os poetas mais lidos e estimados no Brasil.*

*Para sua filha, fiz de propósito, uma pequena composição, referente á tragedia de Espinho. Vae inclusa para ella ver, mas se ella não gostar, faço-lhe outra, o que, no meu estado actual de caganeira metrica, me será da maior facilidade. Basta dizer que hontem, fiz nada menos de 26 quadras, que intitulei Snobbs!*

*Por ultimo: sua filha chama-se só Thereza de Figueiredo, ou mais alguma cousa?*

*Se ainda tem alguma daquellas polygravuras, que me mandou de Territet, mande-me uma, de que preciso, e não vejo mais, actualmente, meio de fazer expedir um vale para a Suissa.*

*Ainda tinha mais uma ou umas couzas a dizer-lhe mas passaram-me totalmente da memoria.*

*Ficam para outra vez.*

*Abraça-o cordealmente, o*

*S. amigo do coração*

*João Penha.*

## [Toda la vida es sueño]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 543, pp. 8, 85.

Estamos perante o autógrafo das últimas composições do poeta, algumas das quais foram publicadas no livro *Ultimas Rimas* (1919). Consiste num caderno de 47 folhas (medindo 16,0 x 21,0 cm), com encadernação em cartão revestido a percalina e lombada reforçada, onde se aplicou o rótulo: “Arquivo Distrital | 543 | Manuscritos | U.M.”. Na pasta inicial, está colado um rótulo em papel, com a inscrição do punho do autor: “João Penha | Folhas de Outono | (1º)”. O volume, propriamente, abre com uma folha de guarda, onde Penha anotou esta “Advertencia”: “A composições ex fol. 164 do 2.º livro para as Ultimas Rimas, que não forem incluídas n’elle, farão parte d’este, mas nem todas são publicaveis. Ver attentamente as emendas. Todo o [sic] versos que levarem cruz, estão substituídos por outros”.

A este fólio inaugural seguem-se 46 folhas pautadas, cujas páginas estão numeradas de 1 a 92. As poesias aparecem registadas nas pp. 1-9, seguindo-se uma secção de “Emendas” (p. 85) e um “Índice” (p. 89), encerrando com uma folha de guarda em papel almaço branco.

O poema “Toda la vida es sueño” aparece transcrito na p. 8, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O canto inferior direito da p. 8 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda encontrar-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “U. R.<sup>as</sup> 61”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 61. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

2. mocidade, A mocidade B
4. belleza! A belleza. B
5. Movido pela estranheza, ¶Eu quiz sobre isto certeza,¶ A Eu quiz sobre isto certeza, B
8. tristeza? A tristeza?» B

9. – Meus A – «Meus B
12. Calderão, A Calderão: B
14. Mas, A Mas B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 543, a segunda aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Últimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – *Ilustração Catholica: Revista Litteraria Semanal de Informação Graphica* (dir. F. de Souza Gomes Velloso), Braga: [s.n.]. Ano V, n.º 232 (8 de dezembro de 1917), p. 279.

Esta revista teve um total de 329 números, publicados semanalmente entre julho de 1913 e junho de 1928. Era impressa em papel couché, com 16 páginas e grafismo idêntico à *Ilustração Portuguesa*, de Lisboa.

B – ADB, Ms. 544, p. 5. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece redigido a tinta preta, apresentando correções a lápis, pelo punho de João Penha, nas entrelinhas da segunda quadra. O canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa “U. R. 65”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, as seguintes advertências do autor: “(2º)” e “Na Ilustração Catholica”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 65. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Para os crentes” (pp. 63-66), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 227-228) – vd. *infra* Arquivo documental. Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* A D. Zulmira de Mello AB □ C

1. Cruz, A cruz, B cruz C
3. E, AB E C
6. Dizia, erguida a voz em tom magoado, A Dizia, erguida a voz em tom magoado, [↑ que contritava] [↓ em voz que a dor intrecortava] B Dizia erguendo a voz em tom magoado, C
7. vi, crucificado, A vi, crucificado, [↑ que agonizava] B vi crucificado, C
9. «Vi-o, n'aquella angustia dolorosa A «Vi-o n'aquella angustia dolorosa, B «Vi-o n'aquella angustia dolorosa C
10. avizinha A avizinha, BC

11. trespasse AB trespasso C  
 13. Vós, A Vós BC  
 14. dor A dor, B dôr C  
 Data. 25-XI-17 A □ BC

### Arquivo documental

A versão publicada nas *Ultimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 227-228):

*Stabat mater. Christo*

*Estas duas composições são as que mais brigam, pela sua seriedade, com a futilidade de quasi todas as outras do livro, e é por isso que vão n'uma secção á parte, com receio de que, pelo contacto, se contaminem.*

*Esses assumptos religiosos, e sobretudo os trágicos successos do Calvario, foram durante seculos, os mais queridos dos grandes pintores, e dos maiores poetas da Renascença, mas desde ha muito, e depois do advento do transitorio materialismo, cahiram em quasi completo desuso, e é pena, porque esses assumptos, pela sua commovedora grandeza, sempre eram melhores, sob todos os seus aspectos, do que os posteriores, geralmente adoptados. As composições d'este livro são uma prova cabal d'essa triste verdade. Deixei-me ir na onda.*

*Esperemos, comtudo, que a lei historica de Vico se realize: estamos no recúo, na arte e em tudo mais; esperemos que o avanço em breve se inicie.*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 99, 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 99, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O canto superior esquerdo da p. 99 apresenta a indicação apógrafa “U. R. 66”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, as seguintes advertências do autor: “(2º)” e “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 66. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Para os crentes” (pp. 63-66), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 227-228) – vd. *supra* Arquivo documental do n.º 355. Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Maria Virgínia Veloso, «De João Penha a João Saraiva» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 3 (2), 1951, p. 180.

Na antologia que encerra o artigo, a autora copia este soneto das *Ultimas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

*Dedic.* A Gomes Leal. A □ B

3. luz: A luz, B

7. nús: Γnus.⊥ A nús; B

8. O que assim dá, com ΓQuem assim der, com⊥ A Quem assim der, com B

10. baluarte, A baluarte B

11. iniquila A aniquila B

13. phariseus, A phariseus B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544, a segunda aparece documentada na lista de “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 47-48, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito nas pp. 47-48, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). No fundo da página 47, o autor o capítulo em que o poema se insere – “(3º)” –, remetendo para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”. No canto superior esquerdo, pode ainda encontrar-se a seguinte indicação apógrafa: “U. R. 69”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 69-70. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 120-121.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Aparato genético

4. mantilha: A mantilha. B
6. corpo, A corpo B
8. d’Inglaterraa. A de Inglaterra.» B
9. – «Voto A «Voto B
10. Cem: A Sem, B
11. todas naus A todas as naus, B
13. daria, A daria B
14. de Santo-Emilião, Γd’um certo deus pagão,⌈ A de certo deus pagão, B
15. Os luzeiros astraes do ceu infindo, ΓOs esplendentes soes do espaço infindo,⌈ A Os esplendentes soes do espaço infindo, B
16. Se eu pudesse, feliz, lançar-lhe a mãos.» ΓQue eu podesse, feliz, haver á mão.» ⌈ A Que eu podesse, feliz, haver ás mãos.» B
17. «Esse voto não serve, é pouco serio; A – «Esse voto não serve, é pouco serio, B

18.    estranho. A estranho; B  
 19.    imperio; A imperio, B  
 23.    «Um rebanho? disse elle, A – «Um rebanho? disse elle; B  
 25.    «Silencio! diz emfim o A – «Silencio! disse então o B  
 27.    «Fale agora esse vate, que é de raça.» A Falle agora esse vate, que tem graça.»  
       B  
 28.    – Valle mais, muito mais: valle um soneto.» A – «Valle mais, muito mais: vale  
       um soneto!» B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As mudanças introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## 356

[Madrigal antigo]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 38. Vd. descrição no n.º 327.

Na margem esquerda, encontra-se a nota apógrafo “U. R. 71”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(Olim)” e “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 71. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114).

### Aparato genético

2. olhares! A olhares: B
3. passos; A passos: B
5. Transpozera a nado A Transpozera, a nado, B

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 73.  
Vd. descrição no n.º 327.

O poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas”  
(pp. 67-114).

**Anotação textual: emendas**

3.     Abrandar seus]; Abrandar os seus

## [Ingenuidade romantica]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 63, 109, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 63, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 109 e 114). No canto superior esquerdo da p. 63, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 75”, podendo ainda ver-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 75. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

1. – Eu A – «Eu B
2. Unes, em ramo, sentada, ΓLigas em ramo, assentada,⌈ A Ligas em ramo, assentada, B
6. Era um ramo de ballada. ΓFôra o d’uma namorada.⌈ A Fôra o d’uma namorada; B
7. Mas, A Mas B
8. sequins. A sequins.» B
11. encantadora; A encantadora. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As mudanças introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 8, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 8, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). No fundo da página 8, o autor anotou o capítulo em que o poema se insere – “(3º). Remete depois para o apêndice das “Emendas” – através da nota “(V. E)” –, acabando por cancelar mais tarde esta redação: “Não – V. pag. 12”. No canto superior esquerdo, pode ainda encontrar-se a seguinte nota apógrafa: “U. R. 76”.

B – ADB, Ms. 544, p. 12. Vd. descrição no n.º 327.

No canto inferior esquerdo, pode ver-se o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

C – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 76. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 332.

## Anotação textual: emendas

14. do seu] AB; de seu

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB Ao general Souza Machado. C

2. artista, AB artista C

3. conheci. A AB conheci, a C

4. Nos lábios rubros um sorriso innato. ΓOs labios rubros como a flor d’um cacto. A Os labios rubros como a flor d’um cacto. B O labio rubro, como a flôr d’um cacto. C

5. Tinha a elegancia esculptural, d’um jacto. ΓTinha a elegancia classica, d’um jacto. Γ ΓElegante, seu luxo era insensato, ΓΓ A Elegante, o seu luxo era insensato, BC

6. Da Torre de David... ora de Pizza! ΓDesde as plumas ás rendas da camisa:␣  
A Desde as plumas ás rendas da camisa: B Desde as plumas ás rendas da  
camisa. C
7. Já não perpassa em seu cabelo a briza, ΓAgora de taes luxos não precisa␣  
A Agora de taes luxos não precisa. B Agora de taes luxos não precisa, C
8. Branco de neve, êrmo de rosas, chato: ΓAlvo o cabelo, êrmo de rosas, chato␣  
Γ ΓBranco o loiro cabelo: o tempo ingrato!␣␣ Γ ΓNa cabeça, uma touca  
por ornato␣␣␣ A Na cabeça uma coifa por ornato: B Na cabeça uma touca  
por ornato. C
10. Mais do que um velho e generoso vinho: A Mais que um velho e generoso  
vinho: B Mais que um velho e generoso vinho. C
11. busca d'um AB busca d'outra C
12. O tempo transformou-a em pergaminho! ΓO tempo a transformou em  
pergaminho!␣ A O tempo transformou-a em pergaminho! B O tempo  
transformou-a em pergaminho, C
14. passava do AB passava de C
- Data.* 9-XII-17 A □ BC

## 360

## [A cegonha]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos. Apesar das datas de publicação, considera-se **D** a última versão revista pelo autor (vd. explicação no n.º 333):

**A** – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 92. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

**B** – *Almanach de Santo Antonio para o Anno de 1918*, Braga: Empresa do Boletim Mensal, 1917, p. 188. Vd. descrição no n.º 275.

**C** – ADB, Ms. 544, p. 6. Vd. descrição no n.º 327.

No fundo da página, o autor anotou as indicações “(3º)” e “(No Almanach de Santo Antonio?”. No canto superior esquerdo, pode ainda encontrar-se a seguinte nota apógrafo: “U. R. 77”.

**D** – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 77. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

1. feiticeira,] ABC; feiticeira
8. Cantadeira.] AC; cantadeira.

## Aparato genético

*Título.* [Dolce farniente] XVIII | A cegonha A A cegonha BC

*Subtít.* □ A (Inédito) B □ CD

1. feiticeira, ABC feiticeira D
2. Jaz emfim A Eil-a emfim BCD
4. Múmia A Múmia, B Múmia CD
5. cantar foi A cantar, era B cantar era CD
6. Com tal arte e tal doçura, A E com tal arte e doçura, BCD

7. Cura A cura BCD  
 8. A Maria Cantadeira. A A Maria cantadeira. B A Maria Cantadeira. C A Maria cantadeira. D  
 9. Fôra a mais bella e risonha, A Foi a mais bela e risonha BCD  
 11. Bella como A Belas como B Bellas, como CD  
 12. Mas depois de velha e feia A Mas depois de velha e feia, BC Mas, depois de velha e feia, D  
 13. Cegonha. A cegonha, B Cegonha, C Cegonha. D  
*Data.* □ A 20-VII-917 B □ CD

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira foi publicada no livro *O Canto do Cysne*; a segunda encontra-se documentada no *Almanach de Santo Antonio*, no manuscrito do ADB e na edição das *Ultimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 361

### [Deus e o Diabo]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 7. Vd. descrição no n.º 327.

No canto superior esquerdo da página, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 78”, podendo ainda ver-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 78. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

#### Anotação textual: emendas

7.     rir] A; riso

#### Aparato genético

- Dedic.*   □ A Ao visconde de Castellões. B
2.     Ella, A Ella B
7.     rir A riso B
8.     calma A calma, B
9.     «Eu, A – «Eu, B
10.    honesto, A honesto B
12.    Deus: eu não contesto, A Deus, eu não contesto: B

[Um ano depois]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 18, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 18, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). No canto superior esquerdo da p. 18, encontra-se a nota apógrafa “U R 79”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 79. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

1. que inda ha pouco eras A que ha bem pouco eras, B
3. dores; A dôres, B
6. teus clamores; Γteus ardores. Γ A teus ardores. B
8. chimeras: A chimeras. B
9. /«Quero ainda sonhar que com amor me vês.»\ [↓ «Quero inda hoje ver, oh meu esposo amado,] A «Quero inda hoje vêr, do meu esposo amado, B
10. / – «Pois sim, e haja festa, emborcarei\ [↓ Como outrora, a expressão de terna languidez] A Como outrora, a expressão de terna languidez B
11. namorado: A namorado. B
12. vês.» A vês!» B
13. – Pois A – «Pois B

Podemos distinguir duas versões deste poema; a primeira corresponde à campanha original do Ms. 544; a segunda coincide com as campanhas posteriores do manuscrito e o livro das *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição e reordenação.

**Notícia dos testemunhos****1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 14. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo apresenta a indicação apógrafa “U. R. 80”, podendo ainda ver-se, no fundo da página, uma tira de papel, colada pelo autor para anular anotações anteriores. Aí se encontra também o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 80. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

**Anotação textual: emendas**

4. uma rosa.] A; como a rosa.  
14. quer!») A; quer!

**Aparato genético**

1. formosa: A formosa, B  
2. marfim; A marfim, B  
3. setim; A setim, B  
4. Na côma, sempre, uma rosa. A Na côma sempre como a rosa. B  
6. assim. A assim; B  
7. Mas, tão gentil, A Mas tão galante, B  
8. Vivo mésta, e lamentosa. A Vivo triste e pesarosa. B  
9. branco, A branco B  
11. Me recolhe A Me recolheu B  
13. chorar A chorar, B  
14. quer!») A quer! B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 364

## [Ingénuo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 19, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 19, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). No canto superior esquerdo da p. 19, encontra-se a nota apógrafa “U R. 81”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E.)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 81. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

2. Escreveu, com mão tremente, A Escreveu com mão tremente B
6. ingenuamente A ingenuamente, B
8. azêda: A azêda. B
9. «Embora a vida me escondas, A – «Embora a vida me escondas B
12. «Se te amei, eu não fingia ΓEu, se te amei, não fingia,7 A «Eu, se te amei, não fingia, B
13. Epaminondas A Epaminondas, B
14. mentia.» A mentia!» B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Últimas Rimas*. As mudanças introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

**365**

[O enxoval]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 13. Vd. descrição no n.º 327.

No canto superior esquerdo da página, encontra-se a nota apógrafa “U R. 83”, podendo ainda ler-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 83. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114).

### Aparato genético

1. catholica. A catholica; B
4. couzas, A cousas B

## 366

[Num dia de annos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 73, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 73, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). No canto superior esquerdo da p. 73, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 85”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 85. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114).

## Aparato genético

1. hoje dia Γhoje o diaΓ A hoje o dia B
2. amiga, A amiga; B
3. testa, A testa: B
5. vento! A vento; B
6. dera; A dera! B
7. d'espavento, A de espavento, B
9. d'etiquetas! A de etiquetas; B
10. delicadas A delicadas, B
11. Ponho um ramo de violetas: ΓPonho estas pobres violetasΓ A Ponho estas pobres violetas: B
12. São estas, por mim beijadas. ΓPor mim, vate, consagradas.Γ ΓΓSão tres, mas por mim creadas.ΓΓ A São trez, mas por mim criadas. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 59, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 59, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). No canto superior esquerdo da p. 59, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 87”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 87. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 103.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

*Dedic.* Ao Dr. Vicente A A Vicente B

2. folgazão. A folgazão; B

3. dragão: A dragão, C

5. Mas, cá por fóra, como acima digo, A Mas cá por fóra, como acima eu digo, B

6. bonacheirão. A bonacheirão; B

8. cortejava, até, A cortejava até B

10. Prisão a um jogador – «Aqui d’El rei! ΓA multa a um jogador, – «Aqui d’El rei!» Γ A A multa a um jogador – «Aqui d’El-rei! B

12. – «Que quer isso dizer: aqui d’El rei?» Γ– «Eu não fiz mais... que executar a lei.» Γ A – «Eu não fiz mais... que executar a lei...» B

14. onde eu joguei!» A onde joguei!» B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As mudanças introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 368

[Philosopho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 51. Vd. descrição no n.º 327.

No canto superior esquerdo da página, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 88”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 88. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

13. nada.] A; nada:

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Dr. Abilio Camões. B

5. mal me quer; A bem-me-quer; B

7. baixo-profundo, A basso profundo, B

8. Solfeja, a miudo, A Solfeja a miudo B

11. A bolsa tral-a sempre recheada: A Traz sempre panda a bolsa, recheada: B

12. cita. A cita; B

13. nada. A nada: B

14. isto A Isto B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Arquivo documental

A referência empregada no v. 4 consta de uma lista de palavras com rima em -ér, que João Penha elaborava desde 1875, num prontuário de uso pessoal. O teste-

munho em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota Ms. 2011. Trata-se de um caderno de papel pautado (medindo 9,5 x 14cm), com encadernação em cartão, revestido a papel de fantasia e lombada em percalina. Tem 138 páginas, aparecendo na p. 63 a seguinte entrada:

– *Alambert (d') – um dos fundadores da Encyclopedia*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 39, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 39, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). No canto superior esquerdo da p. 39, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 89”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 89. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A José Gomes da Silva e Mattos Souza Cardoso. B

8. palavras, A palavras B
9. França, e Italia A França e Italia, B
10. prasenteiro: A prasenteiro; B
11. Amor; não A Amôr! Não B
12. inteiro: A inteiro; B
13. Que me dizes, emfim?» – Digo ¶Não me respondes? – Sim: digo¶ A Não me respondes?» – «Sim, digo B
14. «Tu A Tu B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 370

## [A perseguição e a natureza]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 33. Vd. descrição no n.º 327.

No canto superior esquerdo da página, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 90”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 90. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Dr. Francisco Teixeira de Queiroz. B

7. Pois, reparei que toda a gente ria, A Pois reparei que toda a gente ria B

12. mim A mim, B

13. mais, A mais; B

14. desejo pueril... A desejo cruel... B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 371

## [O seu ideal]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 185, 204. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 185, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 204). O canto inferior direiro da p. 185 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 91. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Musa que não ri” (pp. 11-61). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

6. pobretões] A; pobretões

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Dr. José Eduardo de Oliveira. B

2. d'outrora A d'outrora, B

3. Pela paixão que o devora: ΓPela chamma que o devora,Γ A Pela chamma que o devora: B

9. Eu, A Eu B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 26. Vd. descrição no n.º 327.

No canto superior esquerdo da página, encontra-se a nota apógrafa “U. R. 92”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 92. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

1. obstante, A obstante B
  4. E A E, B
  7. dia A dia, B
  9. Bati, receoso: A Bato receoso: B
  10. – Ceus! que vejo! um defunto, isto é bruxedo! A – «Ceus! que vejo! um defunto! isto é bruxêdo!» B
  12. – «Sim: A – «Sim! B
  14. vivo! Dissesse-lo mais A vivo! soubesse-o eu mais B
- Data.* 22-VI-18 A 22-VII-18. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 162, 207. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 162, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 207). O canto inferior direito da p. 162 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda encontrar-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 93. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 233-234) – vd. *infra* Arquivo documental. Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Guerra Junqueiro. B

2. Ou deita-lhe algum azeite na torsida. A Deita-lhe algum azeite na torcida; B
5. hora: A hora; B
6. Deita-me algum azeite na torsida!» ΓLança-lhe algum azeite na torsida!»Γ  
A Lança-me algum azeite na torsida...» B
8. embora! A embora. B
11. espuma! A espuma. B
12. Isto é fazer do sambenito gala, ΓSim: é fazer do sambenito gala.Γ A Sim: é  
fazer do sambenito gala; B
13. nada, em summa; A nada em summa: B
14. Alcides fiou A Hercules fiou B

## Arquivo documental

A versão publicada nas *Últimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 233-234):

*Ehéu*

*Este ehéu, é uma interjeição latina que significa o mesmo que: ai! ai de mim!*

*Na língua latina, o u final não tem acção, mesmo porque accentos é cousa que não existe nessa língua mãe, e se eu o puz, foi unicamente para ajudar á pronuncia as pessoas que não a sabem, sobretudo o mundus mulieribus. E porque poria eu esse titulo, e varios outros, na mesma lingua? Para aparentar erudição.*

*Ainda nesse mesmo soneto, lê-se este nome, de uma rainha da Lybia: Omphala. Mas geralmente tenho visto Omphale, e realmente, em latim ha Omphale, es, mas ha tambem Omphala, ae, genitivo, e se adoptei esta ultima graphia, foi porque me pareceu mais consentâneo com o genio da nossa lingua, e não por causa da rima.*

*Muitas vezes hesito, quanto ao modo como devem ser escriptos certos nomes proprios, gregos ou latinos, mas afinal, resolvo-me, guiado por aquella mesma razão.*

*Assim, de Herodiade, mulher ou manceba do rei judeu Herodes Antipatos, a que levou Salomé, sua filha, a pedir a cabeça do propheta João Baptista, tenho feito Heródias, como escreve, se bem me recordo, Filinto Elysio.*

*Certos nomes de nymphas, como Dryades, Occiánides, Tagides (estas inventadas por Camões) e Nereydes (nymphas do mar) não devem, ainda por aquella mesma razão, escrever-se d'um modo, mas, Ondinas, Dryadas, Occiánidas, Nereydas.*

*Isto, porém, vae com vista ao meu erudito amigo Dr. Candido de Figueiredo.*

*Finalmente, e ainda no mesmo soneto, lê-se este nome: Alcides. A quem não sabe de mythologia, direi que esse semi-deus não é outro senão o proprio Hercules, filho de Jupiter e de Alcmena; filho e pais que nunca existiram senão na imaginação de poetas, e de outros visionarios.*

## 374

## [Perdida!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 143, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 143, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). No fundo da p. 143, pode ver-se o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 94. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 232-233) – vd. *infra* Arquivo documental. Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Dr. Manuel Francisco Machado. | Obidos, Pará. B

1. Cedeste, A Cedeste B
3. Cedeste, e não te vejo arrependida; A Cedeste e não te vejo arrependida: B
4. chorão: A chorão. B
5. Controvertem philosophos A Controvertem os sabios B
6. Ja desde A Desde B
7. muitos successos d'esta vida Γmuitos dos successos d'esta vida,Γ A muitos dos successos d'esta vida B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Arquivo documental

A versão publicada nas *Ultimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 232-233):

### Perdida

*Esta composição, e varias outras do mesmo genero, embora feitas agora, representam factos ou ideas de outros tempos, e se digo isto não é para me defender de censuras que se me façam respeitantes a certas circunstancias vulgares, e communs a todas as pessoas, mas até para mais uma vez afirmar que a critica não tem outro direito senão o de dizer o que lhe parecer ácerca da obra produzida, pondo absolutamente de parte a pessoa do artista productor.*

*Essa these é a que principalmente desenvolvo e sustento no prefacio do novo livro de versos, a que já neste me tenho referido, o Ao pôr do sol; ahi e em outros dos meus escriptos.*

*«Ex abundanti», e fóra dos meus habitos litterarios, citarei, porém, estas palavras de Victor Hugo, nos Miserables, que destroem, na sua symbolica generalidade, a unidade de certos principios, sobretudo referentes a idades, como por exemplo, o de que um pintor velho não deve pintar senão velhas:*

*«La vieillesse n'a pas de prise sur les génies de l'idéal; pour les Dantés et les Michel-Anges, vieillir c'est croître[»]...*

*E assim é: Corneille, septagenário, fazia os famosos versos, que principiam: Marquise, si mon visage..., a uma dama de 20 annos, que com elles se sentiu altamente lisongeada; aquelle Miguel Angelo, aos 88 annos, ainda pintava e cinzelava; Ticiano, aos 90, pintava ainda; Crébillon, pôde escrever a sua ultima tragedia, aos 80 annos; Voltaire, aos 83, mostrava ainda um espirito activo e creador, e o proprio Victor Hugo, mais que octagenario, fazia ainda versos, que nenhum poeta posterior, até hoje, excedeu, em commoção e belleza. Emfim, e para não alongar demasiadamente este relatorio, o bom Filinto Elysio, já com mais de 80 annos, fazia versos de amor a Philis.*

*Essa tal critica, teria sorrisos de estupendo escarneo, entre muitos outros, para Collins, Bejamin Constans (refiro-me ao grande pintor, e não ao auctor de Adolphe), Puvis de Chavannes, Rodin, e Gérôme, por, em suas provetas idades, pintarem ou cinzelarem mulheres núas, em toda a sua perturbadora mocidade!*

*Criticas de tal natureza, ou com fundamentos de igual jaez, recahem, porém, sobre os irrisorios palermas, que, á falta de melhor assumpto, as fazem.*

*Em resumo, e como corollario, só estas palavras: «veja a critica a obra, e não se importe com absolutamente mais nada».*

## 375

[A ultima prece]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 198. Vd. descrição no n.º 328.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 95. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

- Dedic.* □ A Ao Dr. Alfredo da Cunha. B  
 3. o Anjo Mau a A o Mau Anjo a B  
 8. merencorio, A merencorio; B  
 10. Nosso, padre A nosso, padre B  
 14. Que a resistir-lhe A Que resistir-lhe B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da reordenação.

## Arquivo documental

A expressão empregada no v. 2 consta de uma lista de palavras com rima em -uz, que João Penha elaborava desde 1875, num prontuário de uso pessoal. O testemunho em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota Ms. 2011. Trata-se de um caderno de papel pautado (medindo 9,5 x 14cm), com encadernação em cartão, revestido a papel de fantasia e lombada em percalina. Tem 138 páginas, aparecendo na p. 34 a seguinte entrada:

- Ormuz (*no golpho persico*)  
 «as perolas de \_»

## 376

[As de agora]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 133. Vd. descrição no n.º 328.

No fundo da página, pode ver-se o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 96. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 122.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Eduardo Cabrita, de Cuba B

1. «Olhae A – «Olhae B
7. somno, A somno B
11. vivenda; A vivenda, B
13. entenda, A entenda B

## [O punho de Ajax]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 188. Vd. descrição no n.º 328.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 97. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 331.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 104.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Dr. Abilio Camões B

3. Mas, nas ondas do amor, sou dos prudentes A Mas nas ondas do amor sou dos prudentes, B

14. Daniel da fossa A Daniel, da cova B

*Data.* 12-X-18. A 11-X-18. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 378

## [Cleópatra]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 129, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 129, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). No fundo da p. 129, podem ler-se as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 98. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 105.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

1. Cleópatra,] A; A Cleópatra,

## Aparato genético

1. A Cleopatra, ΓCleopatra,⌈ A A Cleopatra, B
  2. rainha A rainha, B
  5. incongruente A incongruente, B
  7. E receoso ΓE suspeito⌈ A E suspeito B
  10. intercortada, A entrecortada, B
  13. quanto sou A como sou B
- Data.* 15-VIII-18. A 5-VIII-18. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

379

[Crysálida]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 86, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 86, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). O canto superior esquerdo da p. 86 apresenta a nota apógrafa “U. R 99”, encontrando-se ainda, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 99. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

3. Mariannas» então lia,]; Mariannas lia,

## Aparato genético

3. Lá, as /Horas Mariannas <sup>sublinhado/</sup> A Só as «Horas Marianna» B  
 4. passava, A passava B  
 5. Mas, A Mas B  
 6. espelho A espelho, B  
 11. sem algodão, A sem algodões, B  
 13. Quando, ao pôr do sol, anda ΓQuando, com sua mãe, anda,⌈ A Quando, com sua mãe, anda B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Uma vida como tantas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 197. Vd. descrição no n.º 328.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 100. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

*Dedic.* Ao Visconde]; Ao visconde

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao visconde de Castellões. B

3. comi, A comi B

5. fóra A fóra, B

7. ri. A ri; B

9. ares: A ares, B

10. segundo: A segundo; B

12. Direi A «Direi, B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 80, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 80, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). O canto superior esquerdo da p. 80 apresenta a nota apógrafa “U. R. 101”, encontrando-se ainda, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 101. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

1. Oh! A «Oh! B
2. Um A Uma B
3. loucuras, A loucuras B
4. sonhei, A sonhei B
8. pagarás! A pagarás. B
9. morreu: A morreu; B
11. E de rir A E, de rir, B
12. rir, A rir B
13. O riso do papagaio ΓAssim ri o papagaio,⌈ A Assim ri o papagaio, B
14. É triste como o seu rôsto... ΓMelancólico no rosto.⌈ A Melancólico no rosto!  
B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 93, 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 93, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O canto superior esquerdo da p. 93 apresenta a nota apógrafa “U. R. 102”, encontrando-se ainda, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 102. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

14. desprezo, poeta!»] A; desprezo, poeta!

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Anthero de Figueiredo. B

3. humor e funerario, Γ humor, incerto e vário:Γ A humor, incerto e vário, B  
 4. E esse estado, o que segue o fundamenta: Γ Estado, que o que segue, fundamenta,Γ A E esse estado, o que segue o fundamenta: B  
 8. E, n'este, A E n'este B  
 12. chato, além A chato além B  
 13. burguez, A burguez B  
 14. desprezo, poeta!» A desprezo, poeta! B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 81, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 81, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). O canto superior esquerdo da p. 81 apresenta a nota apógrafa “U. R. 103”, encontrando-se ainda, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

5. estrepitosa,] A; estrepitosa

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Acacio Rosa. B

1. tudo, curiosa, Γtudo, mui curiosa,Γ Γ Γtudo, linda Rosa,ΓΓ A tudo, linda Rosa, B
3. a bohemia, Γa zingara,Γ A a zingara B
4. Que dança libidinosa; ΓQue em dança gira vistosa.Γ A Que gira em danças vistosa; B
5. chuva caudalosa, Γchuva estrepitosa,Γ A chuva estrepitosa B
7. bagatela: A bagatela, B
8. andrajosa. A andrajosa; B
9. esvoaça, A esvoáça; B
11. trabalha, além, A trabalha além B

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Diálogo das inuptas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 101-102, 106, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado nas pp. 101, 102 e 106, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). O canto superior esquerdo da p. 101 apresenta a nota apógrafa “U. R. 105”, encontrando-se ainda, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”. No final da p. 102, consta a advertência “(Segue a pag. 106)”, enquanto o final da p. 106 remete para o apêndice das “Emendas”, através na nota “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 105-107. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114).

## Anotação textual: emendas

4. Palram] A; Palravam
19. papá,] A; papá.
21. Lésbia,] A; Lélia,

## Aparato genético

*Título.* O diálogo A Diálogo B

*Dedic.* □ A A Julio Dantas. B

4. Palra<vam>/m\ A Palravam B

8. pequena A pequena, B

11. «Eu para mim, disse Cleto A «Eu, para mim, disse Cleto, B

12. jardins A jardins, B

16. cá, A cá B

17. madrigaes, A madrigaes: B

19. papá, A papá. B

21. Lésbia, A Lélia, B

22. «Eu, A «Eu B

23. mosteiro: A mosteiro; B

24. dinheiro, A dinheiro B

25. fazer-se? Nada.» A fazer-se? – nada.» B
27. gabo: A gabo; B
31. diz Stella, A disse Stella, B
36. Diz, A Diz B
37. alumna: A alumna, B
40. *Entre a oitava e a nona estrofes, acresce a seguinte estância, em A:*  
 Mécia, fidalga de raça,  
 Disse então: «Não vos acritico,  
 Mas não quero trens de praça,  
 Nem vestidinhos de praça: ¶Nem vestidinhos de cassa.¶  
 Quero, em fim, um homem rico.»
44. partindo, A partindo B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição e dos processos amplificadores (supressão).

## 385

## [A uma donzella]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 21. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda apresenta a nota apógrafa “U. R. 109”, encontrando-se ainda, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(3º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 109. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114).

## Anotação textual: emendas

1. escripta] A; escripta,
3. vossencia] A; vossencia,

## Aparato genético

*Título.* M./lle <sup>superior</sup>/ Lydia da Cunha Leão. A A uma donzella B

*Dedic.* □ A Lydia da Cunha Leão. B

1. escripta A escripta, B
3. vossencia A vossencia, B
4. boa... A boa. B

## 386

[Em Coimbra]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 137, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 137, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). No fundo da p. 137, podem ler-se as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

1. ella] A; ella,

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Eugenio de Castro. B

1. estudante, e ella A estudante; e ella, B
3. nada A nada, B
5. janella, A janella B
6. outro; A outro: B
9. és divina, és galante... Γés, disse elle, galante...γ A és, disse elle, galante, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

387

[Como Eva]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos. Apesar das datas de publicação, considera-se C a última versão revista pelo autor (vd. explicação no n.º 333):

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 64. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

B – ADB, Ms. 544, p. 10. Vd. descrição no n.º 327.

No canto superior esquerdo da página, encontra-se a nota apógrafa “U. R 112”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, o capítulo em que o poema se insere: “(3º)”.

C – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 107.  
Trata-se de uma cópia das *Últimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

8. sem dizer] AB; sem lhe dizer  
14. – «Acho-os]; – Acho-os

## Aparato genético

*Título.* [Últimas canções] XVIII | Como Eva A Como Eva BC

*Dedic.* /Ao collega Dr. João de Barros <sup>*itálico*</sup>/ A □ B Ao Dr. Antonio Augusto Pacheco. | Açores. C

1. gentil. Mulher moderna em tudo, A gentil, mulher hodierna em tudo; BC
2. Amava todo o amor, á excepção do pio; A Amava o amor profano, odiava, de morte, o puro. B Amava o amor profano; o outro com bafio; C
3. Era leal, porém, e por vaidade e brio A Era, porém, leal, e era de seu brio BC
4. Tinha a sciencia da Moda: o femenil estudo. A Andar vestida bem, á moda sobretudo. BC
5. increpava a miudo B increpava, a miudo, C
6. O seu galanteador de taciturno e frio; A Aquelle que ella amava, e achava agora frio; B Aquelle que ella amava, e achava-o agora frio; C
7. mas d'um genio sombrio, A mas, d'um genio sombrio, B mas d'um genio sombrio C
8. sem dizer nada, mudo. A sem <lhe> dizer nada mudo. B sem lhe dizer nada, mudo. C
9. – «Quanto mudado estás; outr'ora A – «Acho-te distrahido: outrora, BC
11. do teu A ao teu BC
12. qual achas melhor, o meu vestido inglez A como achas melhor: o meu vestido inglez B como achas melhor: o meu vestido inglez, C
13. Armazens A armazens BC
14. – «Para mim o melhor... é o da A – Acho-o bom; mas prefiro o da B – Acho-os bons; mas prefiro o da C

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## [O prazer e a dôr]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos. Apesar das datas de publicação, considera-se C a última versão revista pelo autor (vd. explicação no n.º 333):

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 97. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

B – ADB, Ms. 544, pp. 11, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 11, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). No canto superior esquerdo da p. 11, encontra-se a nota apógrafa “U. R 113”, podendo ainda ler-se, no fundo da página, as seguintes indicações do autor: “(3º)” e “(V. E.)”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

9. ajude,] AB; ajude  
14. dentes.] AB; dentes.»

## Aparato genético

*Título.* [Dolce ferniente] XXIII | O prazer e a dôr A O prazer e a dôr BC

*Dedic.* □ AB A Luiz de Andrade – Rio de Janeiro. C

1. infindo! AB infindo. C
2. terei, A terei BC
4. mundo mais lindo. A globo mais lindo. Γástro mais lindo!7 B astro mais lindo. C
5. maçarico á beira mar carpindo, A maçarico, á beira-mar carpindo B maçarico, á beira-mar carpindo, C

6. caminhando **A** caminhando, **BC**
7. errado: **AB** errado, **C**
9. ajude, **AB** ajude **C**
10. Pois que são, os teus versos são doentes. **A** Que todos os teus versos são doentes; **B** Que teus versos são frouxos, por doentes; **C**
11. illude; **AB** illude. **C**
14. dentes. **AB** dentes.» **C**

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Lamartinianos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 166, 207. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece registado na p. 166, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 207).

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Vinhetas e aquarellas” (pp. 67-114). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

*Título.* Lamartiniano. A Lamartinianos B

*Dedic.* □ A A Eduardo Cabrita, de Cuba. B

2. frio: A frio, B

3. fio A fio, B

4. Que me abafa o meu desgosto. ΓComo aguaceiro d’agosto.⌈ ΓΓComo um chuveiro d’agosto⌋⌋ A Como um choveiro d’agosto. B

7. pio, A pio. B

10. sonhando, A sonhando B

12. Porém, como, bebo e ando; A Porém, bêbo, côm, e ando; B

14. digo A digo, B

## 390

## [O espirro]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 4, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 4, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). O canto superior esquerdo da p. 4 apresenta a nota apógrafa “U. R. 117”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete ainda para o apêndice das “Emendas”, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 117. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

1. Um dia, o Padre Eterno especcionando A Um dia o Padre Eterno, inspeccionando B
3. Espirrou; espirro, ΓEspirrou, e que espirro, A Espirrou, e que espirro B
4. «/Dominus tecum <sup>sublinhado</sup>/, disse Satanaz; A «Dominus tecum» disse Satanaz, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 391

[*Illacrymavel*]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 13. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U R. 118”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. No fundo da página, vê-se ainda uma tira de papel, colada pelo autor para anular indicações anteriores.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 118. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

### Aparato genético

1. «Como A – «Como B
4. chora! – «Oh! A chora!» – Oh! B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 16, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 16, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). O canto superior esquerdo da p. 16 apresenta a nota apógrafa “U. R. 119”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. No fundo da página, vê-se ainda uma tira de papel, colada para anular indicações anteriores, e onde o autor acabou por remeter para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 119. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Aparato genético

2. Gorgeiando A Gorgeando B
3. então, A então B
8. *Em A, este verso está ausente da redação inicial, surgindo apenas na lista de “Emendas”. Posteriormente, o verso foi acrescentado pelo autor, na entrelinha.*
11. madrigal. A madrigal! B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 21, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 21, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). O canto superior esquerdo da p. 21 apresenta a nota apógrafa “U. R. 121”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 121. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

2. cão de Wagner me anda á roda. Γcão do «Fausto» me anda á roda.7 A cão do «Fausto» me anda á roda, B
3. porque lhe A Porque lhe B
4. sequins... A sequins B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 36, 112, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 36, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 112 e 113). O canto superior esquerdo da p. 36 apresenta a nota apógrafa “U R 122”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 122. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

1. vendes? de cima da janella A vendes?» de cima, da janella, B
2. rôlas, A rôlas B
4. Responde o regatão: – Vendo cebolas, ΓDebaixo, o homem diz: Vendo cebolas.Γ ΓDe baixo, o homem diz: Trago cebolas,ΓΓ A O homem, debaixo, diz: «vendo cebolas, B
5. É só isso o que posso offerecer-vos!» ΓE nada mais eu poderei vender-vos.»Γ ΓSenhora; e nada mais posso vender-vos.»ΓΓ A Senhora, e nada mais posso vender-vos.» B
8. O que allivia, e nos faz bem aos nervos.» ΓO que, como é sabido, acalma os nervos.»Γ A O que, como é sabido, acalma os nervos.» B

*Data.* 3-VII-18 A 2-VII-18. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 24. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 123”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 123. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 119.
- Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, com ligeira variante de transcrição.

## Anotação textual: emendas

5. lascivos] A; lascivos,
6. os transumptos,] A; o transumpto,

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao Dr. Alves de Moraes. B

5. lascivos A lascivos, B
6. os transumptos, A o transumpto, B
7. assumptos, A assumptos B
11. astros. A astros: B

## 396

[A preferencia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 41, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 41, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). O canto superior esquerdo da p. 41 apresenta a nota apógrafa “U. R. 125”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 125. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Anotação textual: emendas

1. salões,] A; salões.
7. pertence,] A; pertence

## Aparato genético

1. salões, A salões. B
4. do A de B
5. celeste. A celeste; B
7. pertence, A pertence B
8. Ao teu bem, ao teu cãozito! ΓAo teu maltez favorito!Γ A Ao teu maltez favorito! B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

397

[Filiação]

**Notícia dos testemunhos****1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 41, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 41, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). A margem esquerda da p. 41 apresenta a nota apógrafa “U. R. 126”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 126. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

**Anotação textual: emendas**

3.      murselo.»] A; murselo.

**Aparato genético**

1.      natural e bello! Γnatural, rustico e bello!Γ A natural, rustico e bello! B  
 3.      murselo.» A murselo. B  
 4.      d<o>/e\ meu A de meu B  
*Data.* 6-VII-18. A 6-V-18. B

## 398

[Para um album]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 42. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 127”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 127. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

### Aparato genético

1. – «Para A «Para B
2. qualquer A qualquer, B

## [Para outro album]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 42. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 128”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 128. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 2. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>

Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Para outro album]; Para outro

3. sob uma] A; sob um

## Aparato genético

1. – «Sabes A – Sabes B
2. defunto.» A defunto. B
3. sob uma A sob um B
4. presunto.» A presunto. B

## 400

[Para outro album]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 43. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 129”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 129. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

#### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 2. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>

Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

### Anotação textual: emendas

*Título.* Para outro album]; Para outro

3. E nem] A; Nem

### Aparato genético

1. – Dize-me, A – «Dize-me, B
3. E nem A Nem B
4. «Um bom paio, um jumento e um guarda sol.» A Um bom paio, um jumento, e um guarda-sol. B

## 401

### [As diferenças]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 136. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na metade inferior da página. No final, o autor assinalou o capítulo onde deveria inserir-se (5º).

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 130. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

#### Aparato genético

*Título.* A diferença A As diferenças B

2. semelhança. A semelhança; B

3. que li: A que eu li: B

4. O primeiro fuma e dança, A «O primeiro fuma e dança B

6. E quanto ao macaco, em summa: A Quanto ao macaco, e em summa, B

7. dança A dança, B

*Entre os v. 7 e 8, acresce em A o seguinte verso, depois assinalado na margem esquerda:*

Nunca chóra e jamais ri!

8. sorri! A sorri.» B

*Data.* □ A 1-IX-18. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 43. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 131”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 131. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 2. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>

Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

3. droga.» – Isso]; droga – » Isso

## Aparato genético

2. cantico!» A cantico: B
3. Quero droga. – «Isso não: será criado.» A Manda droga – » Isso não, será creado. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações introduzidas concentram-se ao nível sintagmático da substituição.

## [O diabo depois de velho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 43. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 132”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 132. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 2. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>

Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

*Título.* velho... A velho B

1. amei?» A amei? B

2. – «Pelos fieis defuntos, conta a conta.» A – Pelos fieis defuntos, conta a conta.  
B

3. – «Pelos teus namorados... oh! bem sei; A – Pelos teus namorados, oh! bem sei: B

4. conta!» A conta. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 44. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 133”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 133. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

1. bella; A bella, B
2. mulher.» A mulher. B
3. – Que A – «Que B

## 405

## [Pergunta e resposta]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 46, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 46, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O canto superior esquerdo da p. 46 apresenta a nota apógrafa “U. R. 134”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 134. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

1. «Escreves-me uma quadra, não que mofe, ΓEscreves-me uma quadra, em que não mofesΓ A «Escreves-me uma quadra, em que não mofes B
3. – Pois sim: mas vales mais do que uma estrophe: Γ– Pois sim, mas vales mais que umas estrophes;Γ A – «Pois sim, mas vales mais que umas estrophes: B  
*Em A, este verso aparece separado dos anteriores, através de uma linha de intervalo.*
4. Vales um longo poema: ΓVales todo um poema:Γ A Vales todo um poema:  
B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 406

## [O casamento]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 49, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 49, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O canto superior esquerdo da p. 49 apresenta a nota apógrafa “U. R. 135”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 135. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Anotação textual: emendas

7. Santo] A; santo

## Aparato genético

1. Não A «Não B
2. quer. A quer: B
6. Tem varios contras, que lhe são adversos. ¶ Tem muitos lados, que lhe são adversos. ¶ ¶ Tem muitas cousas más, contras diversos, ¶ ¶ A Tem muitas cousas más, contras diversos. B
7. É longo o rol, e Santo Ambrosio, os diz. ¶ Não digo quaes, mas Santo Ambrosio, os diz. ¶ A Não digo quaes, mas santo Ambrosio o diz, B
8. thêma, em versos. A thema em versos.» B

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 407

## [As vergonhas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 53, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 53, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O canto superior esquerdo da p. 53 apresenta a nota apógrafa “U. R. 136”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 136. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

1. – «Velha Musa, A – Velha musa, B
2. minha bebida, pejada!» Γ grande bebida, pejada!» 7 A grande bebida, pejada!  
B
3. – «Estou sim (me disse ella, envergonhada) A – Estou sim, me disse ella envergonhada, B
4. asneiras.» A asneiras! B
5. – «Pois A – Pois B
6. papá; A papá B
7. vou... para o número dos sabios, A vou para o numero dos sabios B
8. alvará.» A alvará! B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redacção inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 408

### [A melhor receita]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 58. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da p. 58 apresenta a nota apógrafa “U. R. 137”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 137. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

#### Aparato genético

3. «És douto, dize-me o quê: A És doutor, dize-me o quê? B
4. «Irei A Irei B
5. «Aguas? A Aguas? B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 58, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 58, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). A margem esquerda da p. 58 apresenta a nota apógrafa “U. R. 138”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(Vide Emendas)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 138. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 106.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 3. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>

Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

2. casaca. A casaca, B
3. Um, vendo-o, um dia, com a esposa ao lado. A Vendo-o um dia com a esposa ao lado: B
4. Disse: «anda agora... a passear a vacca!» Γ–«Bom! anda agora... a passear a vacca!» 7 A – Bem! anda agora a passear a vacca! B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 410

## [Madrigal]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 62, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 62, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). O canto superior esquerdo da p. 62 apresenta a nota apógrafa “U. R. 139”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 139. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

1. engano? A engano?» B
2. – Não: o meu nome é assim.» Γ Não, senhor; chamo-me assim.» Γ Γ Não, senhor; assim me chamo.» Γ Γ Γ Não, senhor; chamo-me assim.. Γ Γ Γ A – «Não, o meu nome é assim.» B
3. – «Lá me parecia a mim: Γ Com qualquer farias ramo, Γ Γ La me parecia, a mim: Γ Γ A – «Lá me parecia a mim: B

## 411

## [Para a janella]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, pp. 48, 89. Vd. descrição no n.º 137.

O poema, que aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito, surge transcrito na p. 48, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 89). No fundo da p. 48, João Penha remete para o apêndice, através da nota “(V. E).”

B – ADB, Ms. 544, p. 69. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 140”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”. No canto inferior direito lê-se ainda a indicação “(Olim)”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 140. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Aparato genético

*Título.* Á donzella dos languidos olhares A Para a janella BC

*Subtít.* (Zulmira) A □ BC

1. Bella pescadôra á A – «Bella pescadeira á BC
2. cuidado... A cuidado: BC
3. isca, filhinha, Γisca daninha, 7 A isca daninha, BC
4. Que o que eu quero é ser pescado... A Que morro por ser pescado... B Que morro por ser pescado.» C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 71-72, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado nas pp. 71-72, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 141”, podendo encontrar-se, no final da p. 71, o capítulo onde o poema se insere: “(4º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 141. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 332.

## Anotação textual: emendas

3. sabida]; sabida.
7. do que] A; de que
10. senhora,] A; senhora.

## Aparato genético

1. Nova e gentil, passa a ΓTão nova passas aΓ A Tão nova, passas a B
2. padre-nossos: A padre-nossos! B
3. sabida; A sabida. B
4. carne... sem A carne, sem B
5. oiça, de ouvido attento: Γouve, de ouvido attento,Γ A ouve, de ouvido attento, B
6. Muito embora a descontente, ΓEmbora te descontente,Γ A Embora te descontente: B
7. um, do que A um de que B
10. «Que diz d'aquella senhora, A – «Que diz d'aquella senhora. B
12. *Em A, não existe espaço interestrófico entre os. vv. 11 e 12.*
13. – É A – «É B
14. Mas A Mas, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 413

[Madame de Sévigné]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 131, 205. Vd. descrição no n.º 329.

Este poema aparece registado nas pp. 158-161, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). No fundo da página 130, o autor anotou a indicação “(1º)”, remetendo também para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 143. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

## Anotação textual: emendas

1. Depois da] A; Depois de
5. sympathias,] A; sympathias.

## Aparato genético

1. Depois da A Depois de B
2. madama, A madama B
4. dissera A dissera, B
5. «Dar a filha, de tantas sympathias, ¶ Dar-lhe a filha, de tantas sympathias, ¶ A «Dar-lhe a filha, de tantas sympathias. B
6. E dar, ainda mais, ¶ E dar-lhe ainda mais, ¶ A E dar-lhe, ainda mais B
7. E accrescentou depois, já galhofeira: ¶ E accrescentou depois, com rir brejeiro: ¶ ¶ Mas depois, e n'um tom já galhofeiro: ¶ ¶ A Mas depois, e n'um tom já galhofeiro: B
8. dias!» A dias.» B

Podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

**Notícia dos testemunhos**

**1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

**A** – ADB, Ms. 545, p. 140. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor anotou o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

**B** – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 144. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

**Anotação textual: emendas**

7. Judas,] A; Judas.

**Aparato genético**

6. dia; A dia, B  
 7. Judas, A Judas. B  
 9. dinheiro; A dinheiro! B  
 10. dous escudos. A «dous escudos.» B  
 11. – «Caspité! exclamou; A Caspité! exclamou, B  
 13. Fez, emfim, A Fez emfim B  
*Data.* 21-VIII-18. A □ B

**415**

[Harpagon, pai]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 189. Vd. descrição no n.º 328.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 145. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

**Aparato genético**

5. Cahiu, A Cahiu B

## 416

### [Me judice]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 125. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor anotou o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 146. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

##### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 3. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>

Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

#### Anotação textual: emendas

2.    lento,] A; lento.

#### Aparato genético

1.    – «Vês A «Vês B
2.    lento, A lento. B
4.    casamento... A casamento.» B

**417**

[Madrigal antigo]

**Notícia dos testemunhos****1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 127. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor anotou as seguintes indicações: “Olim” e “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 147. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

**Anotação textual: emendas**

2. códices da] A; códigos da
3. seja;] A; seja:

**Aparato genético**

1. arte A arte, B
2. códices da Igreja, A códigos da Igreja B
3. seja; A seja: B
4. parte, A parte B
5. esteja... A esteja. B

## 418

[Talvez não]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 127. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor anotou o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 148. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

### Aparato genético

1. nós A nós, B
2. sentidos; A sentidos: B

## [Burguez enamorado]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 70. Vd. descrição no n.º 327.

No final do poema, o autor acrescentou posteriormente a advertência: “(Sem effeito)”.

B – ADB, Ms. 544, pp. 70-71. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da p. 70 apresenta a nota apógrafa “U R. 149”, podendo ainda encontrar-se, no final da primeira página, o capítulo onde o poema se insere: “(4º)”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 149. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 99.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

## Aparato genético

1. – «Que coses A – «Que fazes B – Que fazes C
  2. Com tanto afan e cuidado, A O lindo busto curvado, BC
  3. Rosa linda, que bem cheira? A A coser assim ligeira? BC
  4. noivado? A noivado?» B noivado? C
  5. – «Não, senhor; côso a camisa A – «Não, senhor; uma camisa, B – Não, senhor; uma camisa, C
  6. Do proprietario da casa: A Para o dõno d'èsta casa: BC
  7. É um modo, á sua guisa, A Namorado, é d'èsta guiza. B Namorado, é d'èsta guiza, C
  8. De a mim me arrastar a aza.» A Que elle a mim me arrasta a aza.» B Que me anda a arrastar a aza. C
- Data.* 20-VII-18. A 21-VII-18. BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à p. 70 do Ms. 544; a segunda coincide com a segunda redação do manuscrito e com o livro *Últimas Rimas*. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 420

### [Epitaphio]

#### Notícia dos testemunhos

##### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 78. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 150”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 150. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

#### Aparato genético

1. santo. A santo: B
2. não, como dizem, d’um torrêsmo. A não como dizem, d’um torrêsmo; B
3. mundo, A mundo B
4. mesmo!» A mesmo. B

## 421

## [O tédio]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 82. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 151”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 151. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 112.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com o título “Tédio”.

## Aparato genético

6. novos A novos, B
8. frito, com ovos! A frito com ovos. B

**422**

[Madrigal]

**Notícia dos testemunhos**

**1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 97. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R.<sup>as</sup> 152”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 152. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

**Anotação textual: emendas**

3.      exquisita!] A; exquisita.

**Aparato genético**

*Título.* Num album A Madrigal B

1.      musa: dormita. A musa, dormita, B
2.      grammatica! A grammatica: B
3.      exquisita! A exquisita. B
4.      sympatica! A sympatica. B

**423**

[Judices loves]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 73.  
Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual”  
(pp. 115-154).

## 424

[Unico mestre]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

**A** – ADB, Ms. 545, p. 123. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor anotou o capítulo onde este se insere: “(4º)”.

**B** – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 154. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

### Anotação textual: emendas

7. Verbo:] A; verbo,

### Aparato genético

*Título.* O unico A Unico B

1. – «Responde-me, A – Responde-me, B
4. Um A um B
5. moderno?» A moderno? B
6. – «Ámen, A – Amen, B
7. Verbo: o Padre Eterno.» A verbo, o Padre Eterno. B

## [O ataque e a defesa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 20, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 20, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). O canto superior esquerdo da p. 20 apresenta a nota apógrafa “U. R. 157”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 157. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

9. o que dizes engraço,] A; o dizer engraço:  
10. E os] A; Os

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Alberto Pimentel. B

5. vi; A vi! B

6. n’isto, que eu ouço, A n’isto que eu ouço B

8. maravedi!» A maravedi.» B

9. – «Sim, eu não sou nenhum Tasso: ΓCom o que dizes engraço,Γ A – «Com o dizer engraço: B

10. Os teus reparos, antigos ΓE os teus reparos, antigos,Γ A Os teus reparos, antigos B

11. Pois que os A Porque os B

12. conselho A conselhos B

13. versos A versos, B

## 426

## [Pessimismo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 56. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 158”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 158. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 3. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>> Este manifesto satírico reproduz o poema a partir das *Ultimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

3. artista,] A; artista.
10. «Fugi, sobretudo, á carga] A; Fugi sobretudo á carga,
12. «Até] A; Até
14. larga!»] A; larga!

## Aparato genético

- Dedic.* □ A A Albino Forjaz de Sampaio. B
2. d'outras A de outras B
  3. artista, A artista. B
  10. «Fugi, sobretudo, á carga A Fugi sobretudo á carga, B
  11. amor: A amor. B
  12. «Até A Até B
  14. larga!» A larga! B

## 427

## [Replica]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 17, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 17, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). O canto superior esquerdo da p. 17 apresenta a nota apógrafa “U. R. 159”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 159. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

9. – «Ao] A; «Ao  
10. venenosas,] A; venosas  
12. e mesmo até nas] A; e até nas

## Aparato genético

*Título.* A replica A Replica B

*Dedic.* □ A Ao Dr. João de Barros. B

2. d'outras A de outras B

9. – «Ao A «Ao B

10. venenosas, A venosas B

12. e mesmo até nas A e até nas B

13. vê, A lê, B

14. – «Útil é o nabo, inuteis são as rosas.» ΓÚtil é o nabo, inuteis são as rosas.Γ

A – «Útil é o nabo, inuteis são as rosas.» B

## 428

[Vaidade]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

**A** – ADB, Ms. 544, p. 23. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda apresenta a nota apógrafa “U. R. 161”, podendo ainda encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

**B** – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 161. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

### Aparato genético

2. – «És A – És B
3. – «Sim; A – Sim! B
4. – sou eu.» A sou eu... B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 22, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 22, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). O canto superior esquerdo da p. 22 apresenta a nota apógrafa “U. R. 162”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 162. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Aparato genético

9.     mas tu és, oh Sciencia, Γporém, tu és, <oh> Sciencia, 7 A porém, tu és, Sciencia, B
10.    que, talvez, A que talvez B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 430

[Alteri tempi]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

**A** – ADB, Ms. 544, p. 53. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda apresenta a nota apógrafa “U. R. 163”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

**B** – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 163. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

### Aparato genético

1. janota; **A** janota, **B**
2. macambuzio; outrora, **A** macambuzio, outrora **B**
3. instrumento era a rabeca; **A** instrumento, era a rabeca, **B**

## 431

[Em minha defeza]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 55, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 55, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). O canto superior esquerdo da p. 55 apresenta a nota apógrafa “U. R. 164”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 164. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Aparato genético

1. críticos, que passa, Γcriticos, de praça,γ A críticos de praça! B
  2. verdade, A verdade B
  4. Infinito.» A Infinito. B
- Data.* 12-VII-18. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 432

[A aplicação]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 55. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 165”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 165. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

4. esfera,] A; esfera.
5. existe,] A; existe

## Aparato genético

1. escripto, A escripto B
2. (Astrónomo allemão, A Astronomo allemão B
3. d'aquillo, que affirmei, te riste<, >/)\ A d'aquillo que affirmei te riste B
4. esfera, A esfera. B  
*Em A, não existe espaço interestrófico entre os. vv. 4 e 5.*
5. existe, A existe B
6. parte, A parte. B
7. Se essa A Se esta B
8. Infinito. A Infinito! B

## 433

## [Bom conselho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 57, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 57, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). O canto superior esquerdo da p. 57 apresenta a nota apógrafa “U. R. 166”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 166. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

5. adversos,] A; adversos.
7. negocios] A; negocios,
9. ocios:] A; ócios,
10. pobre,] A; pobre

## Aparato genético

*Título.* Conselho A Bom conselho B

*Em A, aparece anteposto, a lápis, o acrescento apócrifo “Bom”.*

5. adversos, A adversos. B
7. negocios A negocios, B
9. ocios: A ócios, B
10. pobre, A pobre B
11. Se falla, falla aos ¶Se canta, canta aos¶ A Se cantas, canta aos B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 434

[A resposta do velho]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 131. Vd. descrição no n.º 328.

No final do poema, o autor anotou o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 167. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Rosario espiritual” (pp. 115-154).

#### Anotação textual: emendas

*Data.* 16-VIII-18.] A; 16-VIII-8.

#### Aparato genético

1. – «Tu, A – Tu, B
  3. – «Engole A – Engole B
  4. jejuas.» A jejuas. B
- Data.* 16-VIII-18. A 16-VIII-8. B

## [Triste consolação]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 40. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 169”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 169. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

9.      cerveja,] A; cerveja.

## Aparato genético

*Dedic.*   □ A Ao Dr. Guilherme Cunha Reis B

9.      cerveja, A cerveja. B

10.     fria! A fria; B

11.     sepulcro onde jaz tua alegria. A sepulcro, onde jaz tua alegria; B

12.     inveja, A inveja B

## 436

## [Consequencias da guerra]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 25, 113. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 25, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 113). O canto superior esquerdo da p. 25 apresenta a nota apógrafa “U. R. 171”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 171. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 104-105. Trata-se de uma cópia a partir das *Ultimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Consequencias] A; Consequencia

3. vou ganhando,] A; vou gastando,

6. gótha,] A; gotha

## Aparato genético

*Título.* Consequencias A Consequencia B

2. Irei, talvez em breve, dar á costa! ¶Em grande risco estou de dar á costa,¶ A  
Em grande risco estou de dar á costa, B

3. vou ganhando, A vou gastando, B

6. bomba ou gótha, A bomba, ou gotha B

7. outrora tão nédio A outrora, tão nedio, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 45. Vd. descrição no n.º 327.

A margem esquerda da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 172”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 172. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

#### Anotação textual: emendas

1.     temor,] A; terror,
4.     modorraes,] A; modorras,

#### Aparato genético

1.     vir sem o minimo temor, A vir, sem o minimo terror, B
4.     modorraes, A modorras, B

438

[No S. João]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 32, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 32, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). O canto superior esquerdo da p. 32 apresenta a nota apógrafa “U. R. 173”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 173. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

1. Vi] A; Via
  5. Anda] A; Nada
  6. cidade,] A; cidade.
  13. nédio,] A; nédio.
- Data.* 24-VI-18.] A; 24-VI-19.

## Aparato genético

*Subtít.* (Impromptu) A □ B

*Dedic.* □ A A meus primos D. Virginia S. Romão,] e dr. José Machado B

1. Vi A Via B
2. Vi passar a mocidade; A Vi passar a mocidade. B
4. chorei, como uma vide! A chorei como uma vide. B
5. Anda tudo em grande lide: A Nada tudo em grande lide; B
6. cidade, A cidade. B
9. E não lhe encontro remedio! ΓE não lhe encontro remedio,Γ Γ ΓVão-me tecendo o epicedio.ΓΓ A Vão-me tocando o epicedio, B
10. E por ΓQue porΓ A Que por B

11. Mais me augumenta a dôr e o tedio! ΓEste mal não tem remedio.7 A Este mal não tem remedio. B
13. Oh Sileno antigo e nédio, A Oh Silêno, antigo e nédio. B
14. Me darás com que o minore. A Me darás, com que o minore! B
- Data.* 24-VI-18. A 24-VI-19. B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 439

## [Mau humor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 35, 112. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 35, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 112). O canto superior esquerdo da p. 35 apresenta a nota apógrafa “U R. 174”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 174. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

10. entremez,] A; entremez
12. deus] A; Deus
13. deus] A; Deus

## Aparato genético

- Dedic.* □ A A Guedes de Oliveira B
2. senil, e resmungão. A senil e resmungão; B
  3. annos, a galope, A annos a galope B
  9. «Agora A «Agora, B
  10. entremez, A entremez B
  11. chiste. A chiste; B
  12. «O deus Cupido A O Deus Cupido B
  13. Jaz no Olympo, e o deus que existe, ΓJaz sepulto no Olympo, e o deus que existe] A Jaz sepulto no Olympo, e o Deus que existe, B
  14. salpicão A salpicão, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 440

## [Desánimo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 25. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U R. 175”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 175. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

4. fosse guitarrista!] A; fosse um gatarrista!
6. luca em] A; luca no
14. jumento!] A; jumento.

## Aparato genético

- Dedic.* □ A Ao primo João San Romão B
2. deserto: A deserto; B
  4. fosse guitarrista! A fosse um gatarrista! B
  5. tristeza A tristeza, B
  6. luca em A luca no B
  7. ver A ver, B
  14. jumento! A jumento. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 61, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 61, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). O canto superior esquerdo da p. 61 apresenta a nota apógrafa “U R. 175”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 176. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

8. Aos] A; Ao  
11. lerá,] A; lerá.

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A Emydio d'Oliveira. B

1. destino. A destino B  
4. porém, imagino, Γporém, o imagino, 7 A porém, o imagino, B  
8. Aos A Ao B  
10. espantoso! A espantoso, B  
11. Se alguém inda me lerá, ΓSe ainda alguém me lerá, 7 A Se ainda alguém me lerá. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 64, 109. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece registado na p. 64, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 109). O canto superior esquerdo da p. 64 apresenta a nota apógrafa “U R. 177”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 177. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 226-227) – vd. *infra* Arquivo documental. Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

5. sisudo.] A; sisudo,
7. «Marquesa d’Amaegui»] A; marqueza d’Amnagui
8. comtudo!] A; contudo

## Aparato genético

*Dedic.* □ A A meus primos D. Maria Candida S. Romão | e esposo Dr. José Maria de Andrade. B

1. saudade a tudo: Γsaudades de tudo.⌈ A saudades de tudo B
2. fui, e do que vi<,>/:\ A fui e do que vi; B
3. dormi: A dormi, B
5. Não, eu não era sizudo. ΓNão; eu não era sisudo.⌈ A Não; eu não era sisudo, B
6. deus, A Deus! B
7. «Marquesa d’Amaegui» A marqueza d’Amnagui, B
8. bom, comtudo! A bom contudo B
9. Mas, basta<,>/!\ A Mas basta! B

11. avêso, A avêso; B
12. tristonho, A tristonho B

### Arquivo documental

A versão publicada nas *Últimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 226-227):

*Hoc erat in fatis*

*Este titulo nobiliarchico: La Marquesa de Amaegui, que se encontra nesta pequena e insignificante composição, e que tanto me fez rir, vem n'uma das mais populares composições de Alfred de Musset:*

«Avez vous vu à Barcelone  
 Une andalouse au secis brunis,  
 Pâle, comme un soir d'automne?  
 C'est ma maîtresse, ma lionne,  
 La Marquesa d'Amaegui.»

*Foi a rima, grande poeta, que te fez inventar este nome extravagante. Fi!*

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 79. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U R. 178”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 178. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

3. pólo,] A; pólo.

## Aparato genético

1. «De ti minh'alma precisa, A De ti minh'alma precisa; B  
 3. pólo, A pólo. B  
 5. «Mais A Mais B  
 7. És, A És B  
 9. «Mas A Mas B  
 12. «No A No B  
 14. Sim, ou não?» A Sim ou não? B  
*Data.* 23-VII-18. A 23-VIII-18. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 543, pp. 1, 85. Vd. descrição no n.º 352.

Este poema aparece transcrito na p. 1, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O canto inferior direito da p. 1 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda encontrar-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “U<sup>as</sup> R<sup>as</sup> 179”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 179. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

1. imaginario»,]; imaginario»
5. longo] A; longe
7. ensandeceu,]; ensandeceu
9. trespaço]; trespasso,

## Aparato genético

5. longo A longe B
  6. sucedeu: A sucedeu. B
  7. scisma o fez sandeu, Γscisma o ensandeceu] A scisma o ensandeceu. B
  8. Aterrado A Aterrado, B
  9. trespaço A trespasso, B
  10. junto A junto, B
  14. omelette A omelette, B
- Data.* 7-XI-18 A 7-II-18. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 543; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 445

## [O boi e o homem]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 68, 109. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 68, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 109). O canto superior esquerdo da p. 68 apresenta a nota apógrafa “U. R. 181”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 181. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

1. perguntei a um boi: «Como te tracta]; perguntei a um boi: «Como te trata, santos.] A; santos

## Aparato genético

1. perguntei a um boi: «Como te tracta A perguntei a um boi: «Como te trata, B
2. dôno? Responde-me sincero.» A dôno?» Responde-me sincero: B
3. – «Ando na engórda, a vida mais pacata; A «Ando na engórda, a vida mais pacata: B
4. Não ha outro melhor, ΓDôno? não ha melhor,Γ A Dôno? não há melhor, B
5. «Se os ha, talvez, é elle um dos bons anjos, ΓÉ talvez, como os ha, um dos bons santos.Γ A «É talvez, como os há, um dos bons santos B
7. morto, para arranjos: Γmorto, como tantos.Γ A morto, como tantos: B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redacção inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 446

[Á Schopenhauer]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 69, 109. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 69, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 109). O canto superior esquerdo da p. 69 apresenta a nota apógrafa “U. R. 182”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 182. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

1.     idade,] A; idade
7.     arcabouços] A; arcabuncos

## Aparato genético

1.     idade, A idade B
2.     pensar, A pensar. B
3.     E assim pensei, ao fogo do meu lar: ΓHontem foi isto: um pensamento alvar:7 A Hontem foi isto: um pensamento alvar: B
4.     andamos nós, sempre, vestidos, A andamos, sempre, vestidos B
6.     fealdade, A fealdade: B
7.     arcabouços A arcabuncos B
8.     immundas, A immundas B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Bons conselhos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 104, 111. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 104, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 111). O canto superior esquerdo da p. 104 apresenta a nota apógrafa “U. R 183”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 183. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 113.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*.

## Anotação textual: emendas

1. Macedo,] A; Macedo.
8. E sahe do leito bem cêdo;] A; E sahe-me do leito bem cêdo:

## Aparato genético

1. Alguem, sem pedir segrêdo, ΓO velho doutor Macedo,Γ A O velho doutor Macedo. B
3. Disse-me, A Disse-me B
8. E sahe da cama bem cêdo; ΓE sahe do leito bem cêdo;Γ A E sahe-me do leito bem cêdo: B
9. tramoias; A tramoias, B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 448

[Surge, bestia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 107. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 184”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 184. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

*Título.* bestia!] A; pestia

5. cruel,] A; cruel

6. Com suas incessantes] A; Em tuas incessantes

8. Mas inda] A; Mas ainda

12. Estás surdo, mas] A; estás sendo, mas

*Data.* 3-VIII-18.] A 3-8-18.

## Aparato genético

2. Pyládes. A Pylades: B

3. alegres, A alegres B

5. cruel, A cruel B

6. Com suas incessantes A Em tuas incessantes B

7. saudades<, > /!\ A saudades! B

8. Mas inda A Mas ainda B

9. não, já corcunda, triste e lasso: A não; já corcunda, triste e lasso; B

10. palito; A palito! B

12. Estás surdo, mas A estás sendo, mas B

13. passo A passo, B

14. a terrível (sombra A as terríveis sombras B

*Data.* 3-VIII-18. A 3-8-18. B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 67, 109. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 67, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 109). O canto superior esquerdo da p. 67 apresenta a nota apógrafa “U. R. 185”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 185. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

7. defuntos,] A; defuntos.  
 9. vaes,] A; vaes  
 10. infinito,] A; infinito  
 13. És] A; É  
*Data.* 19 VII-18.] A; 19-VIII-18.

## Aparato genético

1. batalha; A batalha. B  
 2. assumptos A assumptos, B  
 4. igualha! A igualha. B  
 5. «Como eu, emfim, trabalha ΓFaz, emfim, cousa que valha:Γ ΓΓPensa, e faz  
 cousa que valha:ΓΓA «Pensa e faz cousa que valha, B  
 6. Em bons versos, bons transumptos, ΓO grande e o bello, conjuntos:Γ ΓΓSalta  
 o vulgar a pés juntos.ΓΓA Salta o vulgar a pés juntos, B  
 7. Se os não queres ver defuntos, ΓNão faças versos defuntos,Γ A Não faças  
 versos defuntos. B  
 8. Já, em vida, com mortalha.» ΓOu, em vida, com mortalha.»Γ ΓΓOu que  
 nasçam com mortalha.ΓΓA Ou que nasçam com mortalha.» B

9. vaes, A vaes B
  10. infinito, A infinito B
  11. poemas triumphaes! Γpoemas immortaes.⌈ A poemas immortaes. B
  12. «És grandiloquo e bonito, ΓÉs soberbo: está escripto!⌈ A «És soberbo: está escripto, B
  13. És elevado, inda mais ΓÉs gigante, ainda mais,⌈ ΓΓÉs gigantesco, inda mais⌈⌈ A É gigantesco, inda mais B
- Data.* 19 VII-18. A 19-VIII-18. B

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão (no apêndice das “Emendas”); a terceira aparece documentada na segunda campanha de revisão e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 450

## [A um abstemio]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 66. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “U. R. 186”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 186. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 114.  
Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com ligeira variante de pontuação.

## Anotação textual: emendas

5. não cança,] A; me cança,
7. beberrão] A; beberrão,
11. respeito eu acho] A; respeito, eu acho,
14. pés.] A; pés.»

## Aparato genético

3. pagão:A pagão, B
4. Do bom A O bom B
5. não cança, A me cança, B
7. beberrão A beberrão, B
11. respeito eu acho A respeito, eu acho, B
14. pés. A pés.» B

## 451

## [Mocte animo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 92, 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 92, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O canto superior esquerdo da p. 92 apresenta a nota apógrafa “U. R. 187”, podendo encontrar-se, no final do poema, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo da página remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 187. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Macte animo!] A; Mocte animo

11. perde-lhe o mêdo.] A; perde o mêdo;  
13. cêdo,] A; cêdo

## Aparato genético

*Título.* Macte animo! A Mocte animo B

1. apraz: A apraz, B  
2. eras, A eras; B  
4. rapaz! A rapaz. B  
5. fugaz: A fugaz, B  
7. chimeras: A chimeras B  
8. Bebe á larga, e então verás. ΓUns balõesitos de gaz.Γ ΓΓBalões – brinquedos, a gaz.ΓΓ ΓΓΓQue a propria mente desfaz.ΓΓΓ A Que a propria mente desfaz. B  
9. bruxêdo, A bruxedo; B  
11. ri: perde-lhe o mêdo. A ri, perde o mêdo; B  
13. cêdo, A cêdo B  
14. ri, morre velho.» A ri morre velho. B

*Grosso modo*, podemos distinguir quatro versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda coincide com a primeira campanha de revisão (no apêndice das “Emendas”); a terceira corresponde à segunda campanha de revisão; a terceira aparece documentada na terceira campanha de revisão e no livro *Últimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [Horresco referens]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 95-96, 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito nas pp. 95-96, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O canto superior esquerdo da p. 95 apresenta a nota apógrafa “U. R. 188”, podendo encontrar-se, no final da página, o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”. O fundo da p. 95 apresenta a advertência “Segue”, enquanto o final da p. 96 remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 188-189. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

5. zoina sem recato;] A; ruina sem recato,
10. lavadeiras;] A; lavadeiras,
16. goste, ou não goste] A; gosto ou não gosto
19. jocundo,] A; jocundo
21. mixto] A; mixto,
27. Quem, caprichosa,] A; Quem, o capricha,

## Aparato genético

2. detesto. A detesto: B
3. E que, como já protesto, A E que, mais tarde eu protesto B
4. Eu farei mais A Completar, mais B
5. zoina sem recato; A ruina sem recato, B
6. deshonesto: A deshonesto; B
9. pavões, A pavões; B
10. lavadeiras; A lavadeiras, B
11. trovões, : A trovões; B
14. E mais que tudo, as asneiras. ΓE acima de tudo, – asneiras. ⊥ A E, acima de tudo, as asneiras. B
16. goste, ou não goste A gosto ou não gosto B

17. Pelas chagas ΓMas, pelas chagasΓ A Mas, pelas chagas B
19. jocundo, A jocundo B
20. vejo, A vejo B
21. mixto A mixto, B
22. ideas, A ideas B
24. nada: A nada, B
25. sensato, quer pateta, A ilustre, quer pateta. B
26. Musa, A musa, B
27. Quem, caprichosa, A Quem, o capricha, B
28. Foz em A Mundo em B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

453

[Aos arcades]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 62, 65, 109, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito nas pp. 62 e 65, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 109 e 114). A primeira estrofe surge na p. 62, alertando no final para a estância subsequente: “(Continuação a fol. 65)”. A margem esquerda da p. 62 apresenta a nota apógrafa “U. R. 191”, podendo encontrar-se, no final, o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”. O fundo das pp. 62 e 65 remete ainda para o apêndice, através da nota “(V. E.)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 191. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Aparato genético

1. critico malsim, Γcritico, rossim⌈ A critico, rossim, B
2. Muito embora de talento, ΓSem ideas, sem talento,⌈ A Sem ideas, sem talento, B
7. Que no meu ôlmo pausa, ΓQue no meu ôlmo se pausa,⌈ ΓΓQue em meu turgurio se pausa,⌈⌈ A Que no meu turgurio pausa, B

*Data.* 1<7>/8\ -VII-18. A 18-VII-18. B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 454

[A um censor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 65, 114. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 65, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 114). A margem esquerda da p. 65 apresenta a nota apógrafa “U. R. 193”, podendo encontrar-se, no final da página, o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”. O fundo da p. 65 remete ainda para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 193. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Aparato genético

1. – Usas A – «Usas B
2. dicionarios: A dicionarios, B
4. E os commentarios são varios ΓE os maus commentos são varios. Γ ΓTudo serve aos teus contrarios. Γ Γ A Tudo serve aos teus contrarios.» B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544 e à primeira campanha de revisão; a segunda aparece documentada na segunda campanha (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 100, 103. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito na p. 100, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 103). O canto superior esquerdo da p. 100 apresenta a nota apógrafa “U. R. 195”, podendo encontrar-se, no final da página, o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 195. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

8.     Corintho?] A; Corintho!

## Aparato genético

1.     Filinto A Filinto, B
4.     sinto; A sinto. B
5.     E n’isto que te exponho, eu não te minto. A Eu n’isto que te exponho não te minto; B
6.     Mas, quem sabe? Talvez A Mas quem sabe? talvez B
7.     Tal um ha que prefere o carrascão, ΓPois não ha quem prefira o carrascão,Γ  
Γ ΓPois não ha quem prefira um carrascão,Γ Γ A Pois não ha quem prefere o carrascão B
8.     Corintho? A Corintho! B
9.     prosigo, A prosigo B
11.    Que não as minhas, A Senão das minhas, B
12.    cheias, A cheias B
14.    não me leias. Γ não os leias.Γ A não os leias. B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 456

## [Controversia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 151, 206. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito na p. 151, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 206). O canto inferior direito da p. 151 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda encontrar-se, ao fundo da página, a indicação do capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 196. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221). Contrariando a vontade do autor, o soneto foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

2. era outrora,] A; era d’antes,  
 9. – «Se só amam com paixão,] A; – «Se se amam com paixão  
 10. tu, sorrindo,] A; tu, correndo,  
*Data.* 26-VIII-18.] A; 16-VIII-18.

## Aparato genético

1. – «Corre A Corre B  
 2. era outrora, A era d’antes, B  
 5. «Sobre o caso estou perplexo! A Sôbre o caso ando perplexo: B  
 6. fóra.» A fóra. B  
 7. – «As mulheres, exclamou Γ«Mulheres, exclamouΓ ΓΓ«Senhoras, exclamouΓΓ A – «Senhoras, exclamou B  
 9. – «Se só amam com paixão, A – «Se se amam com paixão B  
 10. tu, sorrindo, A tu, correndo, B  
 11. questão; A questão, B  
 14. lírios A lírios, B  
*Data.* 26-VIII-18. A 16-VIII-18. B

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544 e à primeira campanha de revisão; a segunda aparece documentada na segunda campanha de revisão e no livro *Últimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [A voz de Salomão]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 138. Vd. descrição no n.º 328.

A seguir ao título, João Penha cancelou posteriormente esta versão, através da advertência “(Não)”.

B – ADB, Ms. 545, pp. 139, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito na p. 139, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). O canto inferior direito da p. 139 remete para o apêndice das “Emendas”, com da nota “(V. E)”, acabando depois João Penha por cancelar esta versão, através da advertência “(Não, v. pag. 150)”.

C – ADB, Ms. 545, pp. 150. Vd. descrição no n.º 328.

No fundo da página, pode ler-se o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

D – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 197-198. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

10. Quaes nêste, de cães]; Mais nêste, de cães,

## Aparato genético

1. cá: AB cá, CD
2. esmoes A esmoes, BCD
3. Ouve o que um sabio te da<:>/;\ A Ouve estas verdades núas B Ouve estas verdades nuas, CD
4. □ A Que não são como as das ruas B Mais sinceras, que as das ruas, C Mais sinceras que as das ruas, D  
*Este verso está ausente em A.*
5. Tudo o mais são puras trêtas: A Que não são verdades, mas trêtas: BC Tudo o mais são puras trêtas. D  
*O intervalo interestrófico está ausente em A.*
6. Onde os ceus? São nos A «Onde os ceus? São nos B «Onde é o ceu? nos C Onde é o céu? Nos D

7. purgatorios? **ABC** purgatorios **D**
8. ha; **A** ha. **BCD**
10. Quaes n'este, de cães **ABC** Mais n'este, de cães, **D**  
*Entre os versos 10 e 11, acresce o seguinte, em A e B:*  
 Onde se ha risos, se chora»
11. Verificar eu já pude: **A** Verificar eu já pude:  $\Gamma$  Averiguar eu já pude:  $\Upsilon$  **B** Vê quem tem olhos e estude: **CD**
13. A falta e robustez; **A** De bom sangue e robustez; **BCD**
14. E, o peor das desgraças! **A** E, por ordem, o segundo, **BCD**  
*Entre os versos 14 e 15, acresce o seguinte, em B:*  
 (E vê sempre se o escorraças).
15. A d'isso que eu ouço agora **A** O de que se chama agora, **B** Para muitos o primeiro, **CD**
16. Chamar n'esta guisa: as massas. **A** Em prosa corrente: massas! **B** O da falta de dinheiro, **CD**
17.  $\square$  **A** Em versos: o rei do mundo! **B** O rei, o senhor do mundo. **CD**
- Data.* 20-VIII-18. **A** 21-VIII-18. **B** 26-VIII-18. **CD**

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos processos amplificadores (supressão e adição) e dos mecanismos de substituição.

## [A moça e a velha]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 145-146, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito nas pp. 145-146, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). O canto inferior direito da p. 145 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, acabando depois João Penha por cancelar esta versão, no subtítulo: “(Não)”.

B – ADB, Ms. 545, pp. 147-148, 205, 206. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito nas pp. 147-148, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (pp. 205, 206). Ao fundo da p. 147, pode ver-se o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 199-200. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

1. – «Você,] A; «– Você,
3. dia,] B; dia
18. pés,] AB; pés
20. passa.] AB; passa.»

## Aparato genético

*Dedic.* □ AB Á excellentissima | Viscondessa de Nespereira C

1. – «Você, A «Você, B «– Você, C
3. dia A dia, B dia C
5. Já nem AB Já não C
7. Quasi entrevada e tão surda. A Quasi cega, manca e surda, BC  
*Entre os versos 7 e 8, acresce o seguinte, em A:*  
Que ate diz o nosso abbade
8. Que é tal que parece absurda; A Ninguem lhe inveja a existencia. B Ninguem  
lhe inveja a existencia, C
9. sapos: A sapos, BC
11. Na mais suja realidade!» A Nas vasas da decadencia, BC

12. □ A Como diz o nosso abbade.» BC  
*Este verso está ausente em A.*
14. – «Ja A «Ja B – «Ja C
15. mocidade A mocidade, B mocidade C
16. graça. AB graça; C
17. Era uma bella pequena, A Chamou-me um poeta açucena, ΓChamou-me um vate açucena, 7 B Chamou-me um vate açucena, C
18. pés, AB pés C
19. cidade: A cidade; B cidade, C
20. Mas, no mundo tudo passa. A Mas na vida tudo passa. B Mas na vida tudo passa.» C
21. Sim, A «Sim, BC
22. Ou pouco menos, um grou: A Ou pouco menos um grou: ΓE não sei que mais, um grou; 7 B E não sei que mais, um grou; C
23. estrabuxa, A estrebuxa, BC
24. hilaridade; AB hilaridade, C
25. Mas, A Mas B Mas, C
26. «Talvez, AB Talvez, C
- Data.* 24-VIII-18. A 25-VIII-18. BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição e reordenação.

### Arquivo documental

Maria da Conceição Pereira da Silva de Sousa e Meneses (\*1864 †1952) pertencia a uma das famílias nobres do Minho. Era filha dos segundos Condes de Bertiaundos e tornou-se, por casamento, segunda Viscondessa do Paço de Nespereira:



459

[Môcho]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 144. Vd. descrição no n.º 328.

Ao fundo da página, encontra-se o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 201. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

### Anotação textual: emendas

3. acolá» –] A; acolá»

### Aparato genético

3. acolá» – A acolá» B  
4. ser A ser, B  
6. mundo! A mundo. B

## 460

[Na alheta de Camões]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 161, 206. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito na p. 161, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 206). Ao fundo da p. 161, pode ver-se o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 202. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

### Aparato genético

3. «Que não seja por versos excelente» A Que não seja por versos excelente B
4. em vida Γem sua vida⌈ A em sua vida B

## 461

## [A desanda]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 135. Vd. descrição no n.º 328.

O poema aparece registado na primeira metade da página. A seguir ao título, João Penha cancelou posteriormente esta versão, através do subtítulo “(Não)”.

B – ADB, Ms. 545, pp. 135-136, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito nas pp. 135-136, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). Ao fundo da p. 135, pode ver-se o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

C – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 203. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Aparato genético

1. doirado, AB dourado C
3. □ A Que foram realidades BC  
*Este verso está ausente em A.*
4. □ A De que só restam saudades, BC  
*Este verso está ausente em A.*
6. rude AB rude, C
9. Outra, a falta de dobrões. A Outra a falta de dobrões: B Outra a falta de dobrões. C
10. □ A Depois do sol tempestades! ΓÉ de todas as edades, 7 B É de todas as idades, C  
*Este verso está ausente em A.*
11. □ A De todas as estações, B De todas as estações: C  
*Este verso está ausente em A.*  
*Entre os versos 11 e 12, acresce o seguinte, em B:*  
É regra sem excepções:
12. □ A Depois de, sol tempestades, B Depois de sol tempestades, C  
*Este verso está ausente em A.*
13. □ A Depois de calmas trovões. BC  
*Este verso está ausente em A.*

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos processos amplificadores (supressão e adição) e dos mecanismos de substituição.

## 462

## [O simbolismo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 126. Vd. descrição no n.º 328.

Ao fundo da página, pode ver-se o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Últimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 205. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 228-230) – vd. *infra* Arquivo documental. Contrariando a vontade do autor, o sonetinho foi inteiramente reproduzido na mesma página. A este propósito, vd. *supra* Arquivo documental II do n.º 330.

## Anotação textual: emendas

7. Ha, a-la-par, a] A; Ha, ainda peor, a

## Aparato genético

*Dedic.* □ A Ao dr. Sergio de Castro. B

7. Ha, a-la-par, a A Ha, ainda peor, a B

10. andaço, A andaço B

## Arquivo documental

A versão publicada nas *Últimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 228-230):

*Symbolismo*

*Variemos de assumptos. No sonetinho assim intitulado, encontra-se esta palavra: Parnasso, e como talvez se imagine que a escrevi assim por necessidades da rima, – a qual nunca foi para mim, mesmo antes de o ler em Boileau, senão uma obediente escrava, – direi que se escrevi d'aquelle modo esse monte da Grecia antiga, como o Hélicon ou Helicini, e o Pindo, consagrados a Apollo e ás Musas, foi porque assim é não só em latim: Parnassus, como em francez: Parnasse, e do mesmo modo em todas as outras linguas. A razão por que entre nós, essa bifida montanha está transformada em Parnaso, e o seu*

*derivado: parnassiano, em parnasiano, é só esta: é porque, neste paiz, quanto á lingua, cada qual faz e diz o que muito bem lhe parece.*

*Por vir a pêllo, e sem mudar essencialmente de assumpto, direi mais que se na estrophe intitulada Madame de Sivigné, anedocta que respiguei n'uma das suas espirituosas cartas a sua filha, a condessa de Grignan, escrevi «madama» – não foi por francesismo, mas porque este vocabulo é puramente portuguez.*

*Effectivamente, dama, que vem do substantivo latino: domina, dona de casa, mãe de familia, esposa, é vocabulo antiquissimo na lingua portugueza, e quanto ao affixo ma, elle outra cousa não é senão o adjectivo minha contracto. Madama é, pois, em bom portuguez, minha dama, minha senhora. Mademoiselle, é o diminutivo de Madame, e bem poderia transformar-se em madamita, exactamente correspondente ao senhorita dos hespanhoes, e bom seria para nos descartarmos de certos tratamentos em uso entre nós, que muita vez nos difficultam a locução, sobretudo nos dialogos.*

*Mas, qual! Sobre esta materia, como sobre varias outras, estou a martellar em ferro frio.*

*Se as cousas que eu dissesse, a meu ver, sensatas, fossem, pelo contrario asnidades, nesse caso seriam immediatamente adoptadas com entusiasmo.*

*Haja vista ao estrambotico verbo cumprimentar, e ao seu derivado, o substantivo cumprimento, que imperam em toda a linha!*

*Desafio, porém, a quem quer que seja que me cite escriptor de boa nota, ou lexicographo, de autoridade, em que se encontre esse tal verbo. O que encontrará, sempre, é o verbo cumprimentar, e, como seu derivado, cumprimento, e é assim em varias outras linguas: em italiano é complimentare, e complimento; em francez é complimenter, e compliment, e até em inglez assim mesmo é.*

*Apesar d'isto, que me parece racionavelmente fundamentado, todos nós continuaremos a reciprocamente nos cumprimentarmos, e a nos enviarmos, tambem reciprocamente, cumprimentos de sentidos pesames ou de sinceros parabens.*

*Todos, menos eu, e menos, talvez, o meu dilecto amigo Dr. Candido de Figueiredo, mestre perito sobre assumptos d'esta natureza, e ao qual dou visto para superiormente dizer, em ultima instancia, o que se lhe offerecer a este respeito.*

## 463

## [Impertinencia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 149, 205, 206. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito na p. 149, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 205 e 206). O canto inferior direito da p. 149 remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”, podendo ainda encontrar-se, no final da página, o capítulo onde o poema deveria inserir-se: “(4º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 207. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Aparato genético

1. dama, sobrinha Γdama vizinha,⌈ A dama vizinha, B
2. Dos marquezes de Queluz, ΓQuarentôna, mas de truz,⌈ A Quarentôna, mas de truz, B
4. Impertinente, A Impertinente B
7. □ Γ«Isso a pouco se reduz:⌈ A «Isso a pouco se reduz: B  
*Em A, este verso vem acrescentado no apêndice.*
8. «A A A B
11. eu, A eu B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível dos processos amplificadores (adição) e dos mecanismos de substituição.

## 464

## [Censura]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, pp. 128, 205. Vd. descrição no n.º 328.

Este poema aparece transcrito na p. 128, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 205). O canto inferior direito da p. 128 remete para o apêndice, através da advertência “(V. E.)”, podendo ainda encontrar-se, no final da página, o capítulo onde o poema se insere: “(5º)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 209-210. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

## Anotação textual: emendas

13. mais fragrancia] A; mais fragorancias  
14. mudo,] A; mudo

## Aparato genético

8. phrase.» A phrase. B  
9. Mas taes ΓOs taesΓ A Os taes B  
11. Do que as ditas alimarias ΓQue os que as ditas alimarias,Γ A Que os que as ditas alimarias, B  
13. mais fragrancia, A mais fragorancias; B  
14. mudo, A mudo B  
15. varias A varias, B  
16. tudo. A tudo». B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 545; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 465

[Esgotamentos]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 545, p. 170. Vd. descrição no n.º 328.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, p. 215. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221).

### Anotação textual: emendas

6. emfim]; em-fim

### Aparato genético

7. – «Tambem eu, disse a garrafa.» A – Tambem eu, disse a garrafa. B

## 466

## [Autobiographia]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, pp. 74-78, 110. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece transcrito nas pp. 74-78, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 110). O canto superior esquerdo da p. 74 apresenta a nota apógrafa “U. R. 217”, podendo encontrar-se, ao fundo da página, o capítulo onde este se insere: “(5º)”. O fundo das p. 75 e 77 remete para o apêndice, através da advertência “(V. E)”.

B – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 217-221. Vd. descrição no n.º 327.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ao fogão” (pp. 155-221), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 236-237) – vd. *infra* Arquivo documental.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 115-118.

Trata-se de uma cópia das *Ultimas Rimas*, mas com algumas corruptelas.

## Anotação textual: emendas

*Dedic.* Ad sodales.] A; Ad sodaler.

1. seja odioso] A; seja valioso
14. Fel»:] A; fel»
25. moda,] A; moda
29. muito,] A; muito
36. Fallo do] A; Fallo de
43. lista é perfeita] A; lista: perfeita
49. pintura,] A; pintura
67. dorso,]; dorso

## Aparato genético

*Dedic.* Ad sodales. A Ad sodaler. B

1. seja odioso A seja valioso B
4. voz, A voz B
7. relato, A relato B
8. sou, e o que fazia. A sou e o que fazia; B
14. Fel; A fel» B
18. humor, A humor; B
20. agua um fundo Γagua profundo A agua, um profundo B
21. gymnasticas, A gymnasticas B
23. bombasticas, A bombasticas B
24. discurso, ou d'um A discurso e d'um B
25. moda, A moda B
29. muito, A muito B
30. e por cortez; Γe mal, talvez. A e mal talvez; B
32. xadrez A xadrez. B
33. Ao lado A Do lado B
34. De varias eu fui caudilho; ΓMuitas ha de intenso brilho; A Muitas há de intenso brilho, B
35. Dumas: A Dumas, B
36. Fallo do A Fallo de B
38. d'insensato, A de insensato, B
43. lista é perfeita; A lista: perfeita, B
49. pintura, A pintura B
50. lithographia; A litographia, B
52. E, sobretudo, A E sobretudo B
55. rapaz, A rapaz: B
59. vivo longe, Γvivo monge, A vivo monge B
68. Como muscardo A Como um moscardo B
69. Mas, – que ΓE que A E que B
72. «Ha males que vêm por bem.» A Há males que vêm por bem. B
73. Basta. O fado, pelo ΓMas basta. Deus, pelo A Mas, basta! Deus, pelo B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 544; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *Ultimas Rimas*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

A versão publicada nas *Ultimas Rimas* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 236-237):

*Autobiographia*

*Esta composição talvez seja a ultima, ou o remate d'este volume; o que, porém, não posso affirmar, porque, embora quanto ao seu conteúdo, esteja completo, não o está ainda, quanto á collocação, mais ou menos logica, das materias.*

*Essa poesia poderia ser muito mais amplamente desenvolvida, mas o que ahi está metrificado é o bastante para dar uma idea, real e verdadeira, da minha humilde pessoa, como particular e como artista.*

*É offerecida Ad sodales, aos meus irmãos d'armas, a amigos dilectos, que de certo me perdoarão a offerta de cousa tão insignificante.*

*A esses e outros d'aqui envio um fraternal e saudoso abraço, que talvez seja o da ultima despedida.*

*E, se assim fôr: até Marte.*

## [A conquista de Paris]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 8, 85.

Estamos perante o autógrafo de algumas composições depois publicadas no livro *O Canto do Cysne* (1923), bem como uma série de inéditos datados de 1915-1916. Consiste num caderno de 46 folhas (medindo 16,6 x 21,1 cm), com encadernação em cartão revestido a percalina e lombada reforçada, onde se aplicou o rótulo: “Arquivo Distrital | 542 | Manuscritos | U.M.”. O volume abre com uma folha de guarda, seguida de uma folha pautada, onde João Penha registou as seguintes informações: «João Penha | <Novos Echos do Passado> | Ao pôr do sol | Versos. | I – Guerra – II Eterna loucura – III – Últimas canções – IV – Dolce farniente | Com prefacio e notas | Editores. Aillaud-Alves e C.<sup>ia</sup> | Lisboa | (1<sup>o</sup>)».

A este fólio inaugural sucedem-se 45 folhas pautadas, cujas páginas estão numeradas de 1 a 98, mas às quais foram arrancadas as pp. 5-12. As poesias aparecem registadas nas pp. 1-89, seguindo-se uma secção de “Emendas” (pp. 91-93) e um “Índice” (pp. 95-97), que encerra o volume.

O poema “A conquista de Paris” aparece transcrito na p. 1, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O canto inferior direito da p. 1 remete para o apêndice, através da nota “(Vid. E)”, podendo ainda encontrar-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “<Inedito> | C. do Cysne – 5”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 5. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Guerra!” (pp. 3-6), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 177-179) – vd. *infra* Arquivo documental.

## Anotação textual: emendas

*Título.* A conquista de Paris] A; [Guerra!] I | A conquista de Paris  
4.        conta,] A; conto

### Aparato genético

*Título.* A conquista de Paris A [Guerra!] I | A conquista de Paris B

1. humana, A humana B
2. feroz o mundo assola; ¶tremenda o mundo assola.¶ A tremenda o mundo assola. B
4. conta, e n'uma furia insana, A conto, e n'uma furia insana B
10. atroz que ao seculo envergonha, ¶feroz que ao seculo envergonha¶ A feroz que ao século envergonha, B
12. medonha: A medonha! B

*Data.* 22-I-915 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

### Arquivo documental

A versão publicada em *O Canto do Cysne* vem acompanhada da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 177-179):

#### I

#### A Conquista, os Obuzes

*Hesitei em publicar e incluir neste volume estes dois sonetos, sobretudo porque, pela gravidade dos assumptos, destoam completamente das restantes composições. Filinto Elysio assistiu em Paris a todo o drama da Revolução franceza, desde o juramento do Jogo de Bola, até á execução, na guilhotina, de Robespierre, o Incorruptível, e de Saint-Just, o carnífice estoico; assistiu a todos os episodios do Directorio e do Consulado; presenciou toda a epopeia napoleonica, desde o 18 brumario até á queda do Homem dos Destinos, e comtudo, na sua vasta obra não se encontra a menor referencia a qualquer dos acontecimentos, capitaes ou secundarios, d'essa tragedia, que libertou para sempre a humanidade dos antigos e odiosos jugos que ha dois mil annos a opprimiam.*

*Actualmente, desenrola-se em quasi toda a face do mundo uma tragedia, mais terrivel e mais sangrenta do que aquella, sem que até agora se aponte uma razão, que a justifique, o que não quer dizer que mais tarde a Historia, d'aqui a seculos, o não faça.*

*E não deveria eu, apesar de microscopico, seguir, em taes circumstancias, o exemplo d'aquelle meu antigo mestre? Sim, devia, ainda que não fôsse senão pelas razões que expuz na parte final do prefacio d'este livro.\* Feitos, porém, esses sonetos, não tive a coragem de os aniquilar, – mas parei a tempo, mesmo porque, enfim, a terra que viu nascer Goethe, Schiller, Wieland, Voss, Klopstock, Henri Heine, Humbol/d/t, Kant, Hegel, Wagner, Gluck, Gottschalk, Haydn, Mendelssohn, Schubert, Wer/d/er, Thorwaldsen, Schwanthaler, Menzel, e tantos outros gloriosos luminares das sciencias e das artes; a terra*

*em que as mulheres são honestas e romanescas, e os homens laboriosos e instruídos, deve, em todo o caso, ser respeitada por todas as nações do mundo: nunca Delenda Germania!*

*Nos Obuzes, ha um verso, o décimo terceiro, que, pelo som, talvez desagrade a narizes delicados. A quem me censure, responderei com este verso com que Dante, o altissimo poeta, remata um discurso que põe na bôcca de Satanaz:*

*«E assim dizendo, fez do cú trombeta.»*

*E com não menos menosprezo por ineptas puerilidades, Montaigne, na sua obsoleta prosa antiga, diz isto que, em verso, e pedindo-lhe vénia traduzo:*

*«Não são, oh reis, em vosso desabôno  
Estas minhas palavras: são leaes:  
Por mais alto que seja o vosso throno  
É com o cú que nêlle vos sentaes.»*

*Isto que esses dois grandes mestres, um poeta, o outro philosopho, não hesitaram em escrever, me justifica e me absolve d'aquillo que, no verso acima referido, puz na bôcca d'uma creança de phantasia, de phantasia não, real, porque a fiz.*

*\* O autor não concluiu o seu prefacio e não entregou o original. (Nota dos Editores).*

## 468

## [Os obuzes]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 2, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 2, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O canto inferior direito da p. 2 remete para o apêndice, através da nota “(Vid. E)”, podendo ainda encontrar-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “<Cryptina)> | C. do Cysne 6”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 6. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Guerra!” (pp. 3-6), vindo ainda acompanhado de uma nota explicativa do autor, colocada no final do livro (pp. 177-179) – vd. *supra* Arquivo documental do n.º 467.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas contam-se as seguintes:

- Maria Estela Guedes (org.), *À Sombra de Orfeu (Sonetos): Antologia*, Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 19.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.
- [Manuel João Vieira], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*, p. 5. <<http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf>>  
Este manifesto satírico reproduz o poema a partir d’ *O Canto do Cysne*, mas com pequena falha de transcrição.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Os obuzes] A; [Guerra!] II | Os obuzes

## Aparato genético

*Título.* Os obuzes A [Guerra!] II | Os obuzes B

3. ensanguentado. A ensanguentado, B

4. Mob, essa visão ΓMob, uma visãoΓ A Mob, essa visão B

5. sôa<m>: A sôa: B

9. Echôa, longe, o formidando obuz A Echôa longe o formidando obuz, B

*Data.* 27, 1º – 915 – A □ B

## 469

## [O retrato]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 38. Vd. descrição no n.º 467.

O canto superior esquerdo da página apresenta a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 9”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 9. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 124.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 84-85.  
Trata-se de uma cópia, a partir d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* O retrato]; [A eterna loucura] I | O retrato

## Aparato genético

*Título.* Christina da Piedade A [A eterna loucura] I | O retrato B

*Subtít.* (retrato) A (C.) B

5. fluctúa, A fluctúa: B

8. nada, chora e amúa! A nada chora e amúa. B

10. Em Hespanha, Italia e A Em Italia, Hespanha e B

14. trança! A trança. B

*Data.* 16-VI-915. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da reordenação.

## 470

[A musa]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 40, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 40, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O canto inferior direito da p. 40 remete para o apêndice, através da nota “(V. E)”, podendo ainda encontrar-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 10”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 10. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A musa]; [A eterna loucura] II | A musa

## Aparato genético

*Título.* A musa A [A eterna loucura] II | A musa B

2. bello A bello, B

9. o brando Γo eterno⊔ A o eterno B

*Data.* 1<8>/7\ -VI-915 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 471

[A aparição]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 24, 88. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 24, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 88). O fundo da p. 24 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Ineditos”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência “Particular”.

B – ADB, Ms. 542, p. 39. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular: a A.ª)”. O canto superior esquerdo apresenta ainda a indicação apógrafa: “C. do Cysne 11”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 11. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A aparição]; [A eterna loucura] III | A aparição

## Aparato genético

*Título.* <Á Augusta> A A aparição B [A eterna loucura] III | A aparição C

1. entrar, A entrar B entrar C
3. Com esse ΓCom teu⌊ A Com teu BC
6. fallar, A fallar! BC
7. ignota A ignota, BC
8. □ ΓSem eu a ver, d'improviso;⌊ Γ ΓDe repente, d'improviso,⌊⌊ Γ ΓΓMão occulta, d'improviso⌊⌊⌊ A Mão occulta, de improviso, B Mão occulta, de improviso C  
*Em A, este verso vem acrescentado no apêndice.*
9. em par A em par, B em par C
10. Os umbraes do paraíso. ΓAs portas do paraíso.⌊ A As portas do do paraíso.  
B As portas do do paraizo! C

Podemos distinguir quatro versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de amplificação (adição).

472

[Amar...]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 36-37, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 36-37, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 36 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid E.)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 12”. No final do poema, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 12-13. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 125.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Amar...] A; [A eterna loucura] IV | Amar...

## Aparato genético

*Título.* Amar... A [A eterna loucura] IV | Amar... B

17. musica sem fim Γmusica sonora.⌈ A musica sonora B

20. sentes, Christina, Γsentes, Rosina.⌈ A sentes, Rosina, B

21. Como eu a sinto, ai de mim!... ΓNão cantes alegre: chora!⌈ A Não cantes alegre: chora! B

*Data.* 15-VI-915 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do manuscrito) e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 473

## [Canção]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 34-35, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito nas pp. 34-35, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 86). O fundo da p. 34 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, acabando depois João Penha por cancelar esta versão, com a advertência “(Não)”. No final do poema o autor anotou a observação “Não sahiu nos Echos”, enquanto o canto superior esquerdo da p. 34 apresenta a seguinte indicação apógrafa: “Canto do Cysne pg 14”.

B – ADB, Ms. 542, p. 13. Vd. descrição no n.º 467.

Este excerto surge na continuidade de um conjunto de folhas entretanto arrancadas (pp. 5-12). Corresponde à parte final da redação perdida, estando portanto incompleto. No fundo da página, o autor acrescentou a advertência: “(Sem effeito)”.

C – ADB, Ms. 542, pp. 16-17, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 16-17, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 16 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vi E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 14”.

D – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 14-15. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Canção] A; [A eterna loucura] V | Canção

14. furor te namoro. ABC fervor te namóro,

## Aparato genético

*Título.* Canção A □ B Canção C [A eterna loucura] V | Canção D

1-12. *Em A, as páginas correspondentes a estes versos foram arrancadas.*

1. Oh! quanto, <Augusta,> [↑ oh anjo,] deploro A □ B Ai! quanto, oh anjo, deploro ΓOh! quanto, Lydia, deploro⌋ C Oh! quanto, Lydia, deploro D

2. d'Homero! A □ B de Homero! C d'Homero! D
5. éstro sonoro A □ B éstro sonoro C estro sonoro, D
6. *Entre os versos 6 e 7, acrescentem os seguintes, em A:*  
 Como eu te adoro!  
 Como eu te quero!
7. óro, A □ B óro C oro, D
8. austero. A □ B austero, C austero. D  
*Entre os versos 8 e 9, acrescentem os seguintes, em A:*  
 Como eu te adoro!  
 Como eu te quero!
9. E qual menino me choro ΓE, triste, quanto me chóroΓ A □ B E, triste, como me chóro C E, triste, como me chóro, D
10. espéro... A □ B espero! CD  
*Entre os versos 10 e 11, acrescentem os seguintes, em A:*  
 Como eu te adoro!  
 Como eu te quero!
11. talvez, e severo, A □ B talvez e severo, CD
12. m'importa A □ B me importa CD  
*Entre os versos 12 e 13, acrescentem os seguintes, em A:*  
 Como eu te quero!  
 Como eu te adoro!
13. Hero, A Hero BC Hero, D
14. furor te namoro. ABC fervor te namóro, D  
*Entre os versos 14 e 15, acrescentem os seguintes, em A:*  
 Como eu te quero!  
 Como eu te adoro!
15. desespéro, AB desespéro C desespéro, D
17. quero! A quero, B quero! CD
- Data.* 27-I-09. A 27-1º-1909. B 27-4º-1915- C □ D

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de redução ou supressão.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 44-46, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 44-46, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 44 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 16”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 16-17. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, pp. 127-128.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*, mas com pequenas corruptelas.

## Anotação textual: emendas

*Título.* A fada] A; [A eterna loucura] VI | A fada

## Aparato genético

*Título.* A fada A [A eterna loucura] VI | A fada B

*Subtít.* (Christina da Piedade) A □ B

4. E nunca, oh! Deus! me ΓChóro... e nunca meΓ A Choro... e nunca me B

14. brando. A brando: B

15. fosses,! A fosses: B

18. pura: A pura; B

22. <O da cérela At> [↓ No seu andar de palôma,] A No seu andar de paloma, B

25. mais...! tudo /sonho,<sup>sublinhado</sup>/ A mais, é tudo B

27. /vergonha,<sup>sublinhado</sup>/ A vergonha, B

30. Minha doce e terna fada, A Minha terna e doce fada, B

32. E nunca, oh! Deus! me dás nada! ΓE jámais me deste nada!Γ ΓΓChóro... e nunca me dás nada!ΓΓ A Choro... e nunca me dás nada! B  
*Data.* 23-VI-915 A □ B

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 475

## [O teu ninho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 23. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 18 | <Inedito>”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 18. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* O teu ninho] A; [A eterna loucura] VII | O teu ninho

10. adormesses,] A; adormeces

## Aparato genético

*Título.* O teu ninho A [A eterna loucura] VII | O teu ninho B

1. celeste Christina, A celeste Rosina, B

4. tranças A tranças, B

7. roupão A roupão, B

8. *Inicialmente, entre os versos 8 e 9, acresce o seguinte em A:*

<Feita a nocturna oração;>

10. adormesses, A adormeces B

11. oração: A oração. B

*Data.* 31-V-915. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de reordenação.

## 476

[O dictado]**Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 35. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 19”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 19. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* O dictado] A; [A eterna loucura] VIII | O dictado

15. disse: «Cuidado!] A; disse: Cuidado!

16. mais.»] A; mais.

**Aparato genético**

*Título.* O dictado A [A eterna loucura] VIII | O dictado B

6. natureza A natureza, B

8. bem: «com A bem: com B

15. disse: «Cuidado! A disse: Cuidado! B

16. mais.» A mais. B

## [A castellã e o mendigo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 32-33, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 32-33, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 33 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo da p. 32, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 20”. No final do poema, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 20-21. Vd. descrição no n.º 333. Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A castellã e o mendigo] A; [A eterna loucura] IX | A castellã e o mendigo  
26. mendigo.»] A; mendigo...

## Aparato genético

*Título.* A castellã e o mendigo A [A eterna loucura] IX | A castellã e o mendigo B

1. A Christina, A Á Dulce, B

5. Mas A Mas, B

8. indeciso A indeciso, B

14. embora, impertinente, A embora, que vem gente; B

26. mendigo.» A mendigo... B

28. – «Eu por hoje <v>ós lhe digo: Γ– Eu por hoje só vos digo:Γ A – «Eu por hoje, só lhe digo: B

29. Trazei a vossa escudela...» A Venha... e traga-me a escudela.» B

*Data.* 10-VI-915. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 478

## [Queixas]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 24-25. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da p. 25, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo da p. 24, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 22”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 22-23. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Queixas] A; [A eterna loucura] X | Queixas  
17. dos meus tormentos,] A; do meu tormento,

## Aparato genético

*Título.* Queixas A [A eterna loucura] X | Queixas B  
7. mim A mim, B  
8. – Perdôa o sonho insensato – A Perdôa o sonho insensato, B  
9. retrato, A retrato B  
15. Christina, mimo A Rosina, mimo B  
17. dos meus tormentos, A do meu tormento, B  
*Data.* 2-VI-915 A □ B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 20. Vd. descrição no n.º 253.

B – ADB, Ms. 542, p. 28-29, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 28-29, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 28 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 24”. No final da p. 29, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 24-25. Vd. descrição no n.º 333. Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Carta]; [A eterna loucura] XI | Carta  
14. paro] B; pára

## Aparato genético

*Título.* N’um postal A Trovas B [A eterna loucura] XI | Carta C

*Subtít.* (Á Celestina) A □ BC

3. Ando, por elles, aéreo A Ando por elles aéreo, B Ando, por elles, aéreo, C
  4. Pois não me querem amar... A Pois não me querem amar. ΓE só vivo de os amar.7 B E só vivo de os amar. C
  - 5-18. *Em A, o poema é constituído apenas pela primeira quadra, faltando portanto estes versos.*
  5. □ A castigo B castigo, C
  6. □ A sei. B sei, C
  7. □ A bemdigo B bemdigo, C
  9. □ A faça B faça, C
  12. □ A Hei de amar-te até morrer. ΓE sem fim, até morrer!7 B E sem fim, até morrer! C
  14. □ A Mas, paro B Mas pára C
- Data.* □ A 6-VI-915. B □ C

Podemos distinguir três versões deste poema. A primeira (Ms. 538) é constituída apenas pela primeira quadra; a segunda corresponde à redação inicial do Ms. 542; a terceira aparece documentada no apêndice das “Emendas” (ao final do Ms. 542) e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de amplificação (adição).

## 480

## [Supplica]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 30. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo da página apresenta a indicação apógrafa “In”, podendo ainda ler-se, no final do poema, a seguinte advertência do autor: “(Particular)”.

B – ADB, Ms. 542, pp. 26-27. Vd. descrição no n.º 467.

O canto superior esquerdo da p. 26 apresenta a indicação apógrafa “C. do Cysne 26”, podendo ainda ler-se, no fundo da p. 27, a seguinte advertência do autor: “(Particular)”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 26-27. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Supplica]; [A eterna loucura] XII | Supplica

## Aparato genético

*Título.* Desesperança A Supplica B [A eterna loucura] XII | Supplica C

*Dedic.* □ A A D. Christina da Piedade B □ C

3. quer: AB quer; C

4. sonho curto e breve! AB sonho, curto e breve. C

5. Mas, A Mas BC

6. leio... A leio, BC

7. Sim?... Dê-me essa liberdade; A Sim? dá-me essa liberdade? BC

9. essa A Essa B essa C

10. Em seus labios divinaes, A Na sua bôcca risonha, BC

11. Essa suprema delicia A Essa tão pura delicia, BC

12. Ja nem a sonho! Jamais!... A Nem sequer minh'alma a sonha! BC

13-16. *Estes versos estão ausentes em A.*

13. □ A Coração, que tanto a adoras, B Coração, que tanto a adoras, C

14. □ A Desfaz-te em prantos e ais, BC

15.   □ A Que nos labios que namoras B Que nos labios, que namoras, C  
 16.   □ A Só leio o fatal: jamais!» B Só leio o fatal: «jámais!» C  
*Data.* □ A 5-VI-915 B □ C

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação do Ms. 538; a segunda aparece documentada no Ms. 542 e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos amplificadores (adição).

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 32-33, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito nas pp. 32-33, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 86). O fundo da p. 32 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se a seguinte advertência de João Penha: “Particular”.

B – ADB, Ms. 542, p. 30-31, 93. Vd. descrição no n.º 467.

O poema aparece transcrito nas pp. 30-31, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 30 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 28”. No final da p. 31, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 28. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A má sorte]; [A eterna loucura] XIII | A má sorte

5. bellezas] AB; belleza

## Aparato genético

*Título.* Ameaça A A má sorte B [A eterna loucura] XIII | A má sorte C

5. bellezas AB beleza, C

6. injusta A injusta, BC

7. Divina <Augusta,> A Se te não custa, ¶se te não custa¶ B se te não custa, C

8. vi» A vi!» BC

9. Oh! se outra cousa disseres, A «Nunca vi» digo eu tambem, BC

10. Essa bôcca voluptuosa, A Como um doudo, entusiasmado. B Como um doudo, entusiasmado: C

11. Vermelha rosa, A Não ha em toda a cidade, ¶Como tu não ha ninguem.¶ B Como tu não ha ninguem! C

12. Eu havia de mordê-la, A Não ha no mundo ninguém, ΓNão ha em toda a cidadeΓ B Não ha em toda a cidade, C
13. Devoral-a, com furor A Mais lindo que tu, Piedade. ΓMais poetica beldade!Γ B Mais poetica beldade: C
14. (E suspiro só de vê-la) A És toda pomba, porém, BC
15. E não digas: «Que loucura!» ΓBem se vê que és trovador!Γ A Que maldita sorte aziaga, B Que maldita sorte aziaga! C
16. Que por fim a mordedura A Que desditoso o meu fado, B Que desditoso o meu fado! C
17. Meu anjo lindo, A Amor com amor se paga, BC
18. Seria um beijo d'amor, A E amo, sem ser amado! BC
- Depois do v. 18, acresce o seguinte, em A:*  
Ardente, infindo!»

*Data.* □ A 8-VI-915. B □ C

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 34. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 29”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 29. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* O perdão] A; [A eterna loucura] XIV | O perdão

14. um iris] A; um riso

15. Éva do] A; E é o do

## Aparato genético

*Título.* O perdão A [A eterna loucura] XIV | O perdão B

14. um iris A um riso B

15. Éva do A E é o do B

*Data.* 12-VI-915 A □ B

## 483

## [A unica ventura]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 41, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 41, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 41 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 30”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 30. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A unica ventura]; [A eterna loucura] XV | A unica ventura

1. Ó bella] A; Oh bella

## Aparato genético

*Título.* A suprema ventura ΓA unica venturaΓ A [A eterna loucura] XV | A unica ventura B

1. Ó bella A Oh bella B

6. d'alma, A d'alma B

8. prosa: A prosa. B

11. – Afóra A Afóra B

13. querida – A querida, B

14. sabão!» A sabão.» B

*Data.* 18-VI-915. A □ B

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos:

A – ADB, Ms. 542, pp. 43, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 43, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 43 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 31”.

B – *Ilustração Portuguesa: Edição Semanal do Jornal “O Século”* (dir. J. J. da Silva Graça), Lisboa: Empresa do Jornal O Seculo. Série II, n.º 710 (29 de setembro de 1919), pp. 243-244.

Editado desde novembro de 1903, este suplemento do jornal *O Século* adotava a forma de magazine social, com predomínio da imagem e vasta colaboração dos escritores portugueses.

O testemunho aqui convocado constitui uma homenagem a João Penha, poucos meses depois da sua morte. Além de publicar as respostas do poeta a um inquérito que o jornal *O Século* promovera em 1909, este número reproduz em fac-simile um manuscrito do poema “Ciume”, acompanhado da respetiva transcrição e da nota: «Este soneto inédito que damos em fac-simile na pagina anterior faz parte do livro “O Canto do Cisne”, livro que as livrarias Aillaud, Alves & C.<sup>a</sup> devem publicar dentro em breve».

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 31. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 126.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.
- Luís Dantas, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.], 2011, pp. 6-7.  
Trata-se de uma reprodução do fac-simile e respetiva transcrição, a partir da *Ilustração Portuguesa*.

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Ciume] **AB** ; [A eterna loucura] XVI | Ciume

11. Vaes cahir] **AB**; Vou cahir

**Aparato genético**

*Título.* Ciume **AB** [A eterna loucura] XVI | Ciume **B**

3. horrores, **A** horrores **B** horrores, **C**

4. punhal. **A** punhal! **BC**

7. amores!... **A** amores... **BC**

11. Vaes talvez cahir no ΓVaes cahir, talvez, noΓ **A** Vaes cahir talvez no **B** Vou cahir talvez no **C**

13. rouxinol, **A** rouxinol: **BC**

*Data.* 19-VI-915. **A** □ **BC**

## 485

## [Madrigal]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 59. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, podem ler-se as seguintes indicações apógrafas: “C. do Cysne – 31” e “Vid pag 63”.

B – ADB, Ms. 542, pp. 63, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 63, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 63 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ler-se ainda, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 32”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 32. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Maria Estela Guedes (org.), *À Sombra de Orfeu (Sonetos): Antologia*, Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 19.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*, mas com variantes de pontuação.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Madrigal] AB ; [A eterna loucura] XVII | Madrigal B

9. – «Venho] AB; «–Venho

## Aparato genético

*Título.* Madrigal AB [A eterna loucura] XVII | Madrigal B

*Subtít.* □ A (variante) ΓIgnota deaΓ B □ C

1. trilhados A trilhados, BC
4. os pórticos AB os áditos C
6. audacia, AB audacia C
7. respeitoso, AB respeitoso C
10. que divina A que, infeliz, B que divina C

11. cume: A cume. B cume: C
12. «Quero-a toda gentil, nova e menina.» A «Quero-a de entre as mais novas e gentis.» ΓDa-ma de entre as mais novas e gentis.7 B «Dá-m'a toda gentil, nova e menina.» C
14. ideal: a ideal Christina.» A ideal: a joven... X.» B ideal: a ideal Rosina.» C
- Data.* 6-XII-15 A □ BC

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde à p. 59 do Ms. 542 e ao livro *O Canto do Cysne*; a segunda coincide com a p. 63 do manuscrito; a terceira aparece documentada no apêndice das “Emendas”. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 486

## [Sonhando]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 60-61. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da p. 60, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 33”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 33-34. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Sonhando] A; [A eterna loucura] XVIII | Sonhando

3. vates leôa] A; vates bôa

31. Preludio] A; Preludios

## Aparato genético

*Título.* Sonhando A [A eterna loucura] XVIII | Sonhando B

3. vates leôa A vates bôa B

4. *O espaço interestrófico está ausente em A.*

5. Os A «Os B

6. *O espaço interestrófico está ausente em A.*

7. Um A «Um B

11. Fazel-o em A Que o faz em B

12. *O espaço interestrófico está ausente em A.*

13. Meu A «Meu B

14. lei: A lei, B

16. *O espaço interestrófico está ausente em A.*

17. Minhas A «Minhas B

20. *O espaço interestrófico está ausente em A.*

21. Os meus seios virginaes, A «Os meus seios virginaes B

22. brancos, A brancos B

23. mais: A mais; B

24. *O espaço interestrófico está ausente em A.*

25. Diz-me pois: A «Diz-me, pois, B

28. invejaria.» A invejaria!» B  
29. – Mas porquê? A – «Mas porquê, B  
30. que A que, B  
31. Preludio A Preludios B  
*Data.* 16-II-16. A □ B

**487**

[Desengano. Aurora de seculo]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 35. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Desengano. Aurora de seculo]; [A eterna loucura] XIX | Desengano. Aurora de seculo

## 488

## [Aquelle amor]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 50. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne . 36”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 36. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Aquelle amor] A; [A eterna loucura] XX | Aquelle amor

## Aparato genético

*Título.* Aquelle amor A [A eterna loucura] XX | Aquelle amor B

3. morreu A morreu, B

4. carpindo. A carpindo! B

11. amor A amor, B

*Data.* 2-VIII-15. A □ B

## 489

## [As restituições]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 78-79. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da p. 78, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 37”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 37-38. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “A eterna loucura” (pp. 7-38).

## Anotação textual: emendas

*Título.* As restituições] A; [A eterna loucura] XXI | As restituições

## Aparato genético

*Título.* As restituições A [A eterna loucura] XXI | As restituições B

- 5. Isso tudo me ia dando, A Que tudo me ia dando B
- 8. rosa: A rosa! B
- 15. fim, A fim B
- 21. E a seu A A seu B
- 27. Que só um tólo reclama, A Cousas sem valor nenhum, B
- 28. Cousas sem valor nenhum, A Que só um tólo reclama; B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e reordenação.

## 490

## [O que o mata]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 79, 82. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 79, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 82). O fundo da p. 79 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 41”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência “Não sahiu nos Echos”.

B – ADB, Ms. 542, pp. 54-55, 91, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 54-55, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 91 e 92). O fundo das pp. 54 e 55 remetem para o apêndice das “Emendas”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo da p. 54, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 41”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 41. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* O que o mata]; [Últimas canções] I | O que o mata

4. *De acordo com os testemunhos A e B, introduziu-se o espaço interestrófico em C.*

## Aparato genético

*Título.* C'est toujours la même chose. AB [Últimas canções] I | O que o mata C

4. *O espaço interestrófico está ausente em C.*  
 6. amante, A amante B amante, C  
 7. enlases, A enlases BC  
 9. feito; A feito, BC  
 10. que repousa, A que repousa Γjá repousa⌈ B já repousa, C  
 11. desejos resiste... A desejos resiste, Γímpetos resiste.⌈ B ímpetos resiste... C  
 13. E eis a causa, a condição A E eis a causa, a condição, ΓBem cedo murchando vão.⌈ B Bem cêdo murchando vão C

14. Das illusões **AB** As illusões **C**  
 16. Não vive mais do que as rosas! ΓNão dura mais do que as rosas.Γ **A** Não dura mais que as rosas! ΓNão dura mais do que as rosas.Γ **B** Não dura mais do que as rosas! **C**

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde ao Ms. 538 e à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada, embora com variantes entre si, no apêndice do Ms. 542 e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 491

[Freira!]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 37, 86. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 37, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 86). O fundo da p. 37 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Canto do Cysne 43”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – ADB, Ms. 542, pp. 72-73, 92, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 72-73, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 92 e 93). O fundo da p. 73 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo da p. 72, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 42”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 42-43. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Freira!] AB; [Últimas canções] II | Freira!

21. póde sarar,] B; póde parar,

## Aparato genético

*Título.* Freira! AB [Últimas canções] II | Freira! C

4. *O espaço interestrófico está ausente em B.*

5. professa, A professa; B professa, C

6. sacristias! A sacristias. B sacristias! C

7. sombrias A sombrias, B sombrias C

9. Quebrou as cordas da lyra, A Freira, em plena primavera! BC

10. Que vibrava com desvelo: A Que desatino funesto! BC

11. Ja nada no mundo a inspira! A Eu antes vêl-a quizera, B Eu antes vêl-a quizera

C

*Em A, segue-se um espaço interestrófico.*

12. Tinha o rosto ideal e bello: **A** Lavadeira, ou moleirinha, **B** Lavadeira ou moleirinha **C**
13. Desventurada Zulmira...! **A** Ou na rua, com pé lesto, **B** Ou nas ruas, com pé lesto, **C**
14. Madre Zulmira de Mello! ΓSóror Zulmira de Mello.⌈ **A** De giga a vender sardinha, **BC**  
*Em A, o poema termina no v. 14.*
15. □ **A** Emfim, tudo que detesto! **BC**
16. □ **A** □ ΓMelhor me fôra, coitado,⌈ **B** Melhor me fôra, coitado, **C**
17. □ **A** □ ΓCom esta vida acabar,⌈ **B** Com esta vida acabar, **C**
18. □ **A** □ ΓIr para a guerra, soldado,⌈ **B** Ir para a guerra, soldado, **C**
19. □ **A** □ ΓLançar-me ás ondas do mar;⌈ **B** Lançar-me ás ondas do mar; **C**
20. □ **A** □ ΓMas não quero, porque emfim,⌈ **B** Mas não quero, porque emfim  
**C**
21. □ **A** □ ΓElla inda póde sarar,⌈ **B** Ella inda póde parar, **C**
22. □ **A** □ ΓPode ter pena de mim⌈ **B** Póde ter pena de mim. **C**
23. □ **A** cabeça, **B** cabeça **C**
24. □ **A** anciedade: **B** anciedade! **C**
25. □ **A** Mas, se ΓE se⌈ **B** E se **C**
- Data.* 25-XII-08. **A** 24-VI-16. **B** □ **C**

*Grosso modo*, podemos distinguir três versões deste poema. A primeira corresponde ao Ms. 538; a segunda coincide com a redação inicial do Ms. 542; a terceira aparece documentada no apêndice do Ms. 542 e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição e amplificação (adição), concentrando-se as alterações mais profundas na segunda metade do poema.

## [Paternaes conselhos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 71. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 44”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 44. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 129.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Paternaes conselhos]; [Últimas canções] III | Paternaes conselhos

## Aparato genético

*Título.* Sermão A [Últimas canções] III | Paternaes conselhos B

1. confessores; A confessores! B

7. lux, A luz B

8. que gerou A que inspirou B

*Data.* 27-VI-16. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos mecanismos de reordenação.

**493**

[Madrigal]

**Notícia dos testemunhos**

**1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 35. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 45. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Madrigal]; [Últimas canções] IV | Madrigal

**Aparato genético**

*Título.* A Suzis A [Últimas canções] IV | Madrigal B

*Subtít.* (N’um postal illustrado) A / (Nas costas d’uma aguarela) *itálico* / B

3. mysterios, A mysterios B
7. mófes A mofes, B
8. doce imagem, A doce amiga, B
9. entre, A entre B

## 494

[Por capricho]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, p. 32. Vd. descrição no n.º 137.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 79. Vd. descrição no n.º 253.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 46. Vd. descrição no n.º 335.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Por capricho]; [Últimas canções] V | Por capricho

## Aparato genético

*Título.* Zulmirita A Constancia B [Últimas canções] V | Por capricho C

*Subtít.* (Ao receber d’ella um botão de roza) A □ BC

2. desdem! AB desdem. C
4. seu doce AB seu nobre C
5. importa: A importa. B importa: C
6. batem mas A batem, mas BC
7. ninguem! A ninguem: B ninguem! C
8. está, lá dentro, anichado, A está lá dentro aninhado, B está lá dentro anichado, C
10. seu zizi adorado, A seu poeta adorado, B seu vate idolatrado, C
11. amor, e seu capricho... A amor e seu capricho! B amor e seu capricho. C

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## [No leque de Elvira]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impressos:

A – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], p. 49. Vd. descrição no n.º 128.

O poema aparece integrado no conjunto “Caprichos funambulescos” (pp. 9-92).

B – ADB, Ms. 539, p. 39. Vd. descrição no n.º 137.

Este poema aparece transcrito na p. 39, onde surge dividido em duas partes distintas; as duas primeiras quadras recebem o título “No leque de Zulmira”, enquanto a terceira estrofe aparece identificada com o título “Idem”.

C – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, p. 78. Vd. descrição no n.º 253.

D – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 47. Vd. descrição no n.º 335.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ultimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* No leque de Elvira]; [Ultimas canções] VI | No leque de Elvira

## Aparato genético

*Título.* No leque A No leque de Zulmira B N’um leque C [Ultimas canções] VI | No leque de Elvira D

*Subtít.* de D. Zulmira de Mello A □ BCD

2. assim A assim, BCD

3. Não é, embora o disfarce A Apesar do seu disfarce, BC Apesar do seu disfarce D

4. E o denegue, um A Não é anjo, um BCD

6. plagas: A plagas. BC plagas: D

7. bellas: AB bellas; C bellas: D

8. que estréllas apagas. A que estrellas apagas – B que os astros apagas. C que estrellas apagas. D

*Em B e C, segue-se uma terceira quadra. Em B, esta intitula-se “Idem” e apresenta-se como poema autónomo:*

Diz-lhe, por mim, ventarola,  
Com os rodeios precisos  
Que alguma vez, por esmola,  
Me dê um dos seus sorrisos.

Este poema está incluído em três livros diferentes, tendo-se adotado pelo último para versão de base. Foi inicialmente publicado nas *Novas Rimas*, constando apenas das duas primeiras quadras. No Ms. 539, acresce uma terceira estrofe (todavia apresentada como poema autónomo, intitulado “Idem”), enquanto o livro *Echos do Passado* reúne as três estâncias. A versão final encontra-se publicada n’ *O Canto do Cysne* e recupera a estrutura original. As alterações introduzidas situam-se ao nível sintagmático da substituição e dos processos amplificadores (adição e supressão).

## 496

## [Madrigal]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 539, p. 51. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 48. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Madrigal] A; [Últimas canções] VII | Madrigal

## Aparato genético

*Título.* Madrigal A [Últimas canções] VII | Madrigal B

*Dedic.* A Zulmira de Mello A / (Á mesma) *itálico* / B

6. inspira; A inspira: B

7. sexo, ha pouco, A sexo ha pouco: B

8. Chama-se agora Zulmira. A Agora chama-se Elvira. B

*Data.* 23-V-06. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

497

[Tradução]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 70. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 49”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 49. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Tradução]; [Últimas canções] VIII | Tradução

8. – «Quer?» – «Quero.» – «Dorme commigo.»]; – Quer? – «Quero... – Dorme commigo.»

## Aparato genético

*Título.* A tradução. A [Últimas canções] VIII | Tradução B

3. mecum.» – É A mecum!» – «É B

5. nervosa, e confusa, A nervosa e confusa: B

6. Não sei nada, meu amigo. A Eu nada sei, meu amigo: B

8. – Quer?» – «Quero.» – «Dorme A – Quer? – «Quero... – Dorme B

*Data.* 21-VI-16. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 47. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 49”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 50. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A resposta]; [Últimas canções] IX | A resposta

## Aparato genético

*Título.* A sua resposta. A [Últimas canções] IX | A resposta B

3. Dou-me, porém, a ti, por A Cederia, porém, por B

5. nervosa, e confusa, A nervosa e confusa: B

*Data.* 3-VII-915 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

499

[Devota]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 51, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 51, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 51 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 51”.

B – MJD, Espólio de Teixeira de Queirós, mç. 30.

Este testemunho autógrafa é composto por dois bifólios de papel pautado (com 25,8 x 17,4 cm), escritos de ambos os lados a tinta preta. Trata-se de uma carta burocrática, enviada ao advogado Francisco Teixeira de Queirós, onde João Penha se despede do amigo, transcrevendo o poema (vd. *infra* Arquivo documental). Está datada de 15 de outubro de 1915.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 51. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Maria Estela Guedes (org.), *À Sombra de Orfeu (Sonetos): Antologia*, Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 21.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Devota] AB; [Últimas canções] X | Devota

## Aparato genético

*Título.* Devota. AB [Últimas canções] X | Devota C

3. linda, e eras triste A linda e eras triste, B linda, e eras triste, C
4. Cedi-te o meu coração ΓDei-te o meu coraçãoΓ A Dei-te o meu coração, B Dei-te o meu coração, C
6. ris-te. AB ris-te, C
7. tempos A tempos, B tempos C

9. Hontem AB Hontem, C  
 10. andasses AB andasses, C  
 12. porque escondes, vergonhosa, as faces?» A porque escondes, vergonhosa, as faces? B «porque escondes, vergonhosa, as faces?» C  
 14. peixe, A peixe B peixe, C  
 Data. 11-VIII-15. A □ BC

### Arquivo documental

Em carta enviada a Francisco Teixeira de Queirós (vd. *supra* testemunho B), João Penha transcreve este poema, sugerindo, com humor, a sua inclusão num dos escritos do amigo:

*B. 15-X-15.  
 Dilecto amigo.  
 [...]*

*Deves fazer agora um novo romance, cujo assumpto principal seja a luta entre duas irmandades rivaes, em que entre padres, mesarios, o sapateiro de Braga, o bispo, beatas, e eu proprio, debaixo do nome de Dr. João Rocha, como advogado d'uma das Irmandades, e namôro d'uma das beatas, e ahi poderás intercalar o seguinte soneto, que hontem mesmo manufacturei:*

#### Devota.

*Nada me accusa. Em noite de luar  
 Foste tu que, humilhada, me pediste  
 Que te amasse. Eras linda e eras triste,  
 Dei-te o meu coração, para te amar.*

*Temos vivido n'um sereno mar:  
 Se eu choro, choras; se me rio, ris-te.  
 Mas, desde ha tempos, um mysterio existe  
 Que as fúrias me provôca d'um jágua.*

*Hontem ninguem te viu! De noite e dia  
 Debalde te esperei! Por onde andasses  
 Nem tremeste ao pensar no que eu faria?*

*Diz: porque escondes, vergonhosa, as faces?  
 – “É que era sexta feira, e não queria,  
 Sendo dia de peixe que peccasses.”*

---

*Basta, por hoje. Dominus tecum.  
 T. do coração  
 João Penha.*

## 500

[Jura]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 58, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 58, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 58 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 52”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 52. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 123.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.
- Vasco Graça Moura (org.), *366 Poemas Que Falam de Amor*, Lisboa: Quetzal, 2003, p. 319.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Jura] A; [Últimas canções] XI | Jura

## Aparato genético

*Título.* Jura A [Últimas canções] XI | Jura B

1. Quando, vendo-te aborrecida ΓQuando ao ver-te aborrecidaΓ A Quando ao ver-te aborrecida, B
13. Estou pôdre como um trapo, ΓNão me tenho por guapo.Γ A Não me tenho por guapo, B
14. Mas que importa? has-de A Mas, que importa? has-de B

*Data.* 3-XI-15. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada no apêndice (ao final do manuscrito) e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 501

## [O dragão]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 81-83, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 81-83, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 81 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 53”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 53-55. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* O dragão] A; [Últimas canções] XII | O dragão

## Aparato genético

*Título.* O dragão A [Últimas canções] XII | O dragão B

*Subtít.* (Rondó) A / (Rondó) *itálico* / B

5. passa, A passa B

7. Mas, A Mas B

8. A chorar inda é [Até chorando é] A Até chorando é B

9. «Bem sei que elle me quer; A «bem sei que elle me quer: B

10. n'elle, A n'elle B

11. mulher; A mulher, B

14. passam; sem A passam sem B

18. Ouviu-a, um dia, A Ouviu-a um dia B

25. linda, tão mimosa, A linda tão mimosa B

27. gosa, A gosa B

32. dar. A dar! B

40. cessar: A cessar. B

41. adunca A adunca, B

*Data.* 14-VII-16. A □ B

## [Mulher do seculo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 66-69, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito nas pp. 66-69, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 66 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(Vid. E.)”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 56”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 56-59. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Mulher do seculo] A; [Últimas canções] XIII | Mulher do seculo

## Aparato genético

*Título.* Mulher do seculo A [Últimas canções] XIII | Mulher do seculo B

*Dedic.* (Ao Dr. Alfredo da Cunha A □ B

4. lhe agradam A lhe aprazem B

8. Toda prática, economica, ΓToda pratica, laconica,Γ ΓΓComo poupada e laconica,ΓΓ A Como poupada e laconica, B

11. Porque emprega ΓPorque chupaΓ A Porque chupa B

12. nú, A nú B

13. cozinha, A cozinha B

14. Perú:, A Perú, B

18. doce, A doce B

19. estirpe, A estirpe: B

22. anneis A anneis, B

28. repito; A repito, B

36. Desfechando madrigaes, A Lhe disparam madrigaes, B

38. summa A summa, B

39. «A branca filha A «Ebúrnea filha B

40. «Joven deusa de Cytéra.» A Joven deusa de Cytéra», B

43. casa A casa, B

45. que pés lindos! ao A que lindos pés! ao B  
49. fada, uns A fada: uns B  
50. jaspe e setim: A jaspe, e setim. B  
55. fui, sombrio, A fui sombrio B  
56. d'Amalfi, A d'Amalfi; B  
58. Pára A «Pára, B  
62. Mas A Mas, B  
64. amigo, A amigo; B  
66. Mas, A Mas B  
68. poeta... A poeta, B  
69. sério.» A sério!» B  
*Data.* 17-VI-16- A □ B

## 503

## [No album d'uma senhora]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 89. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 61”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 61. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* No album d'uma senhora] A; [Últimas canções] XV | No album d'uma senhora

3. Ainda tem] A; Tem ainda

## Aparato genético

*Título.* No album d'uma senhora A [Últimas canções] XV | No album d'uma senhora  
B

1. pensamento; A pensamento; B

2. beijo, A beijo B

3. Tem [↑ 2] ainda [↑ 1] A Tem ainda B

*Em A, as indicações acrescentadas à entrelinha superior sugeram uma inversão na ordem dos termos.*

4. favores. A favores.» B

## 504

[Ego in Arcadia]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 62. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

#### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 111.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*, mas com severas corruptelas.

### Anotação textual: emendas

*Título.* Ego in Arcadia]; [Últimas canções] XVI | Ego in Arcadia

**505**

[O discurso]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 63. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* O discurso]; [Últimas canções] XVII | O discurso

**506**

[Sur le front]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 65. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Sur le front]; [Últimas canções] XIX | Sur le front

## 507

## [O echo]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: dois manuscritos e dois impressos:

A – ADB, Ms. 538, pp. 56, 82. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 56, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 82). O fundo da p. 82 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E.)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C.<sup>to</sup> do Cysne 66”. A seguir ao título, João Penha acrescentou a advertência “(Vid. novo caderno)”, acrescentando no final a observação “(Não sahiu nos Echos”.

B – ADB, Ms. 542, pp. 14, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 14, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 14 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E.”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “<Inédito> | C. do Cysne 66”.

C – *Almanach de Santo Antonio para Portugal e Brasil: 1917*, Braga: Empresa do Boletim Mensal, 1916, p. 188. Vd. descrição no n.º 275.

O poema vem acompanhado da seguinte nota: “(Inédito, para o Almanach de Santo Antonio)”.

D – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 66. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Ultimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* O echo] ABC; [Ultimas canções] XX | O echo

5. famintos,] AB; famintos

11. Insondavel,] ABC; insondavel,

## Aparato genético

*Título.* O echo ABC [Ultimas canções] XX | O echo C

*Dedic.* □ AB Á Ex.<sup>ma</sup> Senhora Viscondessa de Nespereira C / Á Ex.<sup>ma</sup> Senhora Viscondessa de Nespereira *italico* / D

1. Era um dos companheiros mais distintos ΓEra dos companheiros mais distintoΓ A Tribuno popular, dos mais distintos, BCD
  2. Da lengalenga em prol da idea nova, ΓO mais ardente em prol da idea novaΓ A Era feroz em prol da idea nova; ΓN'elle encarnava, ha muito, a Idea Nova.Γ B N'elle encarnava, ha muito, a idéa nova, CD
  3. fallava, A fallava B fallava, CD
  5. famintos, AB famintos CD
  8. ha; morre a alma e seus A ha; morre o corpo e seus B ha: morre o corpo e os seus CD
  9. discurso, d'hontem, A discurso, de hontem, B discurso d'hontem, CD
  11. Insondavel, ABC insondavel, D
  12. E na peroração, soltando um urro, A E dando na tribuna um grande murro, Γe dando um berro, e na tribuna um murro -Γ B E dando um bérro, e na tribuna um murro, CD
  13. «Morra A - «Morra B «Morra CD
  14. echo, A echo B echo, CD
- Data.* □ A 1914 B 9-IX-16. C □ D

*Grosso modo*, podemos distinguir quatro versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 508

## [Teôr de vida]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 69, 83. Vd. descrição no n.º 253.

A página 69 apresenta duas redações deste poema, remetendo para ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 83). O fundo da p. 69 remete para o apêndice, através da nota “(V. E.)”, podendo ainda ler-se a seguinte advertência de João Penha: “Não sahiu nos Echos”. No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 67”.

B – ADB, Ms. 538, p. 69. Vd. descrição no n.º 253.

A página 69 apresenta duas redações deste poema, apresentando-se a segunda como definitiva.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 67. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Últimas canções” (pp. 39-67).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Teôr de vida] AB; [Últimas canções] XXI | Teôr de vida

## Aparato genético

*Título.* Teor de vida AB [Últimas canções] XXI | Teôr de vida C

1. bom, AB bom C
3. mal, A mal; B mal, C
4. Mas <a> minh’alma propende para o bém.», ΓMas a alma propende para o bemΓ ΓΓ«A alma, essa não: só ama o bem.ΓΓ ΓΓΓA minh’alma, essa não: adora o bem.ΓΓΓ A A Minh’alma, essa não: só ama o bem.» B A minh’alma, essa não: adora o bem.» C

Podemos distinguir cinco versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 509

## [O cabrito]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 85-88. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da p. 85, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 71”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 71-74. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* O cabrito] A; [Dolce farniente] I | O cabrito

## Aparato genético

*Título.* O cabrito A [Dolce farniente] I | O cabrito B

3. passar, ás vezes, A passar ás vezes B
5. guia A guia, B
7. banda, A banda B
14. curraes! A curraes. B
18. estridoloso A estriduloso, B
19. nascente, A nascente: B
21. salv-o! A salv-o.» B
24. inundados: A inundados, B
25. esbelto, os pés, subtis: A esbelto, pés subtis. B
26. cabeça A cabeça, B
28. Em [↑ bom] tom A Em tom B
37. serpol; A serpol. B
43. Um vida A Uma vida B
44. cuidados. A cuidados!» B
45. porém, A porém B
50. assassino, A assassino; B
53. elle agradecendo, A elle, agradecendo; B
54. eu, A eu B
57. prazenteiro: A prazenteiro. B

58. amo, A amo **B**  
60. quizer, A quizer; **B**  
61. Mas, A Mas **B**  
*Data.* 16-VIII-16. A □ **B**

# 510

## [A canção dos nossos anjos]

### Notícia dos testemunhos

#### 1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 75-76. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da p. 75, lê-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 75”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 75-76. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

#### 2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 131, 109.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*, mas com paginação desencontrada; o poema inicia-se na p. 13, continuando na p. 109.

### Anotação textual: emendas

*Título.* A canção dos nossos anjos A; [Dolce farniente] II | A canção dos nossos anjos

#### Aparato genético

*Título.* A canção dos nossos anjos A [Dolce farniente] II | A canção dos nossos anjos B

1. amantes, A amantes B
7. ser orvalhadas, A ser animadas B
8. Pelas gôtas do loiro A Por um calix de loiro B
13. janellas A janellas, B
15. dizem: senhoras, A dizem: «senhoras, B
20. sequins. A zequins. B
21. tempos A tempos, B
22. Mas A Mas, B

*Data.* 28-VI-16. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 80. Vd. descrição no n.º 253.

O canto superior esquerdo apresenta a seguinte indicação apógrafa: “C.<sup>to</sup> do Cysne 77”. No final da página, João Penha acrescentou as seguintes advertências: “(Vid. novo caderno)” e “(Particular – Não sahiu nos Echos)”.

B – ADB, Ms. 542, pp. 18, 91, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 18, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 18 apresenta a advertência “(Desfeitura nas rimas), remetendo de seguida para o apêndice das “Emendas” (através da nota “Vi E.”) e, finalmente, para a segunda redação do manuscrito: “Vid pag. 64). No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 77”.

C – ADB, Ms. 542, p. 64. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne | pag 77”.

D – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 77. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Ellas] ABC; [Dolce farniente] III | Ellas

## Aparato genético

*Título.* Ellas ABC [Dolce farniente] III | Ellas D

*Subtít..* □ AB (Variante) C □ D

3. queres AB queres, CD

4. gasto A gasto, BCD

5. de lácteo succo, AB de pôlpa e succo, CD

6. colheres; AB colheres. C colheres, D

7. Às vezes são malmequeres, AB Interrogam malmequeres, CD

8. E gostam d’ouvir o cuco. AB E enerva-as a voz do cuco. CD

9. Em procura de maridos, A Umas boas, outras más, ΓEvas, novos, ou de câns, 7 B Evas – novos ou de cãs, CD
  10. Vestem-se agora de phocas, A Mas, curvadas a seus pés, ΓCom fomes de jacarés, 7 B Com fomes de jacarés, CD
  11. Quanto ao cóрте dos vestidos. A Isso que importa, que faz? ΓLhes pedem suas maçãs. 7 B Lhes pedem suas maçãs. CD
  12. A<a>/r\tistas de massarocas, A Considera, por quem és, BCD
  13. Eternas mães de Cupidos; A Que são as nossas mamás, ΓQue são vossas mamãs. 7 B Que são as nossas mamãs, CD
  14. São, emfim, as nossas chocas. A As mães dos nossos bebés. BCD
- Data.* □ A 14-2º-1915. B □ CD

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira coincide com o Ms. 538; a segunda corresponde à redação inicial do Ms. 542; a terceira aparece documentada no apêndice e na p. 64 do Ms. 542, bem como no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, estando as alterações mais profundas concentradas nos tercetos.

## 512

## [A ultima carta]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 19, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 19, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 19 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E.”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 78”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 78. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A ultima carta] A; [Dolce farniente] IV | A ultima carta

## Aparato genético

*Título.* A ultima carta A [Dolce farniente] IV | A ultima carta B

14. Dom João Penha, bacharel. Γ João Tenorio, bacharel. ⊣ A João Tenório, bacharel.  
B

*Data.* 5-IV-915 A □ B

## 513

## [Despeito]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 57. Vd. descrição no n.º 467.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “Particular”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Inédito”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 79. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Despeito]; [Dolce farniente] V | Despeito

## Aparato genético

*Título.* Às duas matias A [Dolce farniente] V | Despeito B

2. razão<, >/: \ A razão! B
3. mulheres: A mulheres, B
4. Por exemplo, a Conceição, A Ha muita rosa em botão. B
5. Que é bem bonita e galante, A Olha aquella: é bem galante, B
6. E A E, B
7. Quem a tome por amante A Quem na tome por amante, B
9. bella Christina, A bella Rosina, B
12. Vem tu a mim, Conceição! A Ha muita rosa em botão. B

*Data.* 25-X-15. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: um manuscrito e três impresso:

A – ADB, Ms. 541, p. 12. Vd. descrição no n.º 131.

No fundo da página, consta a observação apógrafa “Livro”, podendo ainda ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte nota: “Inédito”.

B – *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: Imprensa Progresso. N.º 52 (25 de fevereiro de 1903), p. 51; n.º 53 (10 de março de 1903), p. 73. Vd. descrição no n.º 131.

O poema saiu com uma gralha tipográfica, depois corrigida no n.º 52 da mesma revista. Vd. *infra* Arquivo documental.

C – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2200 (28 de fevereiro de 1903), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

D – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 80. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Sic transit...] A; [Dolce farniente] VI | Sic transit...

## Aparato genético

*Título.* Sic transit... A Sic transit BC [Dolce farniente] VI | Sic transit... D

1. idos, ABC idos D
5. maltrapi<d>/lh\os, A maltrapidos, BC mal vestidos, D
7. jumento, A jumento BC jumento, D
8. Em largos ceirões mettidos. A N'um largo ceirão mettidos. BC Em largos ceirões mettidos. D
10. na rua aos pregões, A nas ruas aos pregões Γna rua aos pregõesΓ B na rua aos pregões C na rua aos pregões, D  
*Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*
12. Perguntei-lhe: «Esses ABC Perguntei-lhe: – «Esses D

*Data.* □ A 6-II-03. BC □ D

**Arquivo documental**

Este poema saiu inicialmente deturpado por gralhas tipográficas, no n.º 52 do *Passatempo* (vd. *supra* testemunho B). João Penha, no entanto, fê-lo reproduzir corretamente no n.º 2200 d' *A Correspondencia do Norte* (vd. *supra* testemunho C), antes mesmo de o *Passatempo* retificar a publicação, em errata publicada no n.º 53.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 52, 85. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 52, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 85). O fundo da p. 52 apresenta a advertência “(Não sahiu nos Echos”, remetendo de seguida para o apêndice das “Emendas” (através da nota “Vid. E.”). No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “C.º do Cysne 81”.

B – ADB, Ms. 542, p. 74. Vd. descrição no n.º 467.

O canto superior esquerdo apresenta a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 81”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 81. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Fado]; [Dolce farniente] VII | Fado

## Aparato genético

*Título.* A má sorte A Fado B [Dolce farniente] VII | Fado C

1. cantão AB cantão, C
3. a gente pretendia Γa grei da fidalguiaΓ A a grei da fidalguia, B a grei da fidalguia C
4. Conquista-lhe o coração. ΓA adorava de paixão.Γ A A adorava de paixão. B A adorava, de paixão. C
7. Tal, ao oiro recorria; A Tal ao oiro recorria, BC
8. Mas, nada: era A E nada! era B E, nada! era C
9. «Quero fôrma do meu pé, A Mas o tempo foi passando, B Mas, o tempo foi passando, C
10. Um moço da minha <e>/i\gualha.» A E com elle a formosura. BC
11. Dizia, de boa fê. A Foi pouco a pouco mudando, BC
12. Mas, como o diabo as baralha! A Perdeu toda a compostura, BC

13. Entregou-se a um chimpanzé, A E fez-se, alegre e cantando, B E fez-se, alegre, e cantando, C
14. Que em breve a deixou na palha! A Ama de leite do cura! BC

*Grosso modo*, podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira coincide com a redação inicial do Ms. 538; a segunda aparece documentada no do Ms. 542 e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, estando as alterações mais profundas concentradas nos tercetos.

## 516

## [Os nomes]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos: três manuscritos e um impresso:

A – BPMP, M-AF-1135.

Este testemunho autógrafo é constituído por uma folha de papel pautado (medindo 19,9 x 26 cm), escrita de um só lado, a tinta preta. Surge em primeiro lugar o madrigal “Mytologico” (vd. *supra* poema n.º 282), seguindo-se-lhe o poema “Nomes”. Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, que fez a seguinte anotação, na margem esquerda do documento: “Inédito | Estes versos eram para o volume ‘Ecos do Passado’, mas eu não os dei para a tipografia. | A. de F.”

B – ADB, Ms. 538, pp. 74, 82, 83. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 74, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (pp. 82 e 83). O fundo da p. 74 apresenta a advertência “Não sahiu nos Echos”, remetendo de seguida para o apêndice das “Emendas” (através da nota “Vid. E.”). No canto superior esquerdo, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 82”.

C – ADB, Ms. 542, pp. 15, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 15, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 15 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E.”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa, no canto superior esquerdo: “C. do Cysne 82”

D – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 82. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Os nomes]; [Dolce farniente] VIII | Os nomes

## Aparato genético

*Título.* Nomes ABC [Dolce farniente] VIII | Os nomes D

3. amante: ABC amante! D

5. Se Eleonora d’Este se A Se a Eleonora d’Este se ΓSe a princeza Eleonora se chamasse | ou Se a divina Eleonora se⌈ B Se a princeza Eleonora se CD

*Em B, a campanha de revisão apresenta duas variantes alternativas. A dúvida aparece expressa através da conjunção ou.*

7. É provavel que o Tasso a não amasse: **AB** É provavel que o Tasso a não amasse.  $\Gamma$  Talvez o autor da /Aminta <sup>sublinhado/</sup> a não amasse.  $\Gamma$  **C** Talvez o autor da «Aminta» a não amasse; **D**
  8. Eu... **ABC** Eu,... **D**
  9. E ao «mundus mulieribus» supplico **A** E a todo o /mundus <sup>sublinhado/</sup> m<o>/u\lheril supplico  $\Gamma$  E ao «mundus mulieribus» supplico.  $\Gamma$  **B** E ao «mundus mulieribus» supplico **C** E ao «mundus mulieribus» – supplico **D**
  10. Que esta phrase não tome por affronta, **A** Que esta expressão não tome por affronta,  $\Gamma$  Que esta phrase não tome por affronta.  $\Gamma$   $\Gamma$  Que não tome esta phrase por affronta.  $\Gamma$   $\Gamma$  **B** Que esta expressão não tome por affronta, **CD**
  11. gerico **AB** gerico, **CD**
- Data.*  **AB** 1914  **C**  **D**

[No album d'um Tenório]

**Notícia dos testemunhos****1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 44. Vd. descrição no n.º 253.

A seguir ao poema, João Penha acrescentou a seguinte advertência “Não sahiu nos Echos”. No canto superior esquerdo da página, pode ler-se ainda a seguinte indicação apógrafo: “Canto do Cysne 83”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 83. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* No album d'um Tenório]; [Dolce farniente] IX | No album d'um Tenório

**Aparato genético**

*Título.* Aladas A [Dolce farniente] IX | No album d'um Tenório B

*Subtít.* (No album d'um D. João). A □ B

2. Mas A Mas, B
3. diz, com voz sensata, A diz, vozes sensatas, B
4. azas, A azas; B
5. Mas A Mas, B
6. pata. A patas. B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 52, 91. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 52, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 91). O fundo da p. 52 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E.”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa, no canto superior esquerdo: “Inédito”

B – ADB, Ms. 542, pp. 65, 92. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 65, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 92). O fundo da p. 65 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E.”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa, no canto superior esquerdo: “C. do Cysne 84”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 84. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 110.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.
- Maria Estela Guedes (org.), *À Sombra de Orfeu (Sonetos): Antologia*, Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 19.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.
- *Gazeta Literária: Número Especial, nos Cento e Vinte e Cinco Anos da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto*. Porto: AJHLP, 2007. N.º 1 (julho de 2007), p. 1.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* O eterno feminino] AB; [Dolce farniente] X | O eterno feminino

### Aparato genético

*Título.* O eterno feminino AB [Dolce farniente] X | O eterno feminino C

*Subtít.* □ A (variante) B □ C

1. Ha alguém que neste mundo A Ninguem vive sem amor B Ninguem vive sem amor, C
2. Possa viver sem amar? A Neste mundo sub-lunar. BC
3. Ha alguém que ante um altar, A Cada pomba tem seu par, BC
4. Se não prostre adorabundo, A Cada zagala um pastor. BC
5. Ante um idolo jocundo, A O doirado pica-flor, B O doirado pica-flor C
6. Ou triste, á luz do luar: A Ama a rosa-de-toucar. B Ama a rosa-de-toucar; C
7. O anjo do nosso lar, A Emfim, na terra e no mar, ΓEmfim, da terra, e do mar,⌈ B Emfim, na terra e no mar, C
8. Uma estrella em ceu profundo? A Todos amam com furor. ΓÉ Elle o grande senhor.⌈ B É Elle o rei, o senhor. C
10. Amemos, aos quatro ventos, ΓAmemos, cantando aos ventos,⌈ Γ ΓCantemos aos quatro ventos⌈⌈ A Amemos, cantando aos ventos, B Amemos, cantando aos ventos C
11. dilectas. A dilectas: B dilectas. C
12. jumentos A jumentos, B jumentos C
14. pensamentos! A pensamentos. BC

Embora com variantes distribuídas pelas campanhas de revisão, podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, estando as alterações mais profundas concentradas nas quadras.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 84, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 84, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 84 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “V. E.”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa, no canto superior esquerdo: “C. do Cysne 85”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 85. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Amores] A; [Dolce farniente] XI | Amores

9. amada,] A; amada

## Aparato genético

*Título.* Amores A [Dolce farniente] XI | Amores B

1. sanfona, A sanfona B

9. Virgilio canta, em sua lyra amada, ΓHomero canta, em sua lyra amada, Γ A  
Homero canta, em sua lyra amada B

10. Menelau, A Menelau, B

12. grau A grau, B

14. uma santa... mas Γuma deusa... mas Γ A uma deusa... mas B

*Data.* 14-VII-16 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada no apêndice no manuscrito e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 49. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 86. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Francisco Duarte Mangas (org.), *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM, 1990, p. 94.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Ad agros] A; [Dolce farniente] XII | Ad agros

## Aparato genético

*Título.* Ad agros. A [Dolce farniente] XII | Ad agros B

1. arado; A arado, B
3. mocetôna A mocetona, B
6. mangerona, A mangerona B
7. Pamona; A Pamona. B
9. andaluza: A andaluza! B
10. cinto, A cinto B
12. ti, como eu o sinto! A ti (como eu o sinto) B
13. Ao som da campesina córnamura, A «Ao som da campesina cornamura», B

*Data.* 14-VII-15. A □ B

521

[Árceo!]

**Notícia dos testemunhos****1. Recensio**

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 53. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, pode ler-se a seguinte indicação apógrafa: “C. do Cysne 87”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 87. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Árceo!]; [Dolce farniente] XIII | Árceo!

**Aparato genético**

*Título.* Árceo. A [Dolce farniente] XIII | Árceo! B

2. canto; A canto, B

3. Mas<, >/... \ hei de reagir. Ao longe, A Mas hei de reagir. Ao longe B

5. Tranquillo, A Tranquillo B

9. sandeus; A sandeus, B

10. incorrigível borrachão; A incorregível borrachão, B

14. ancião! A ancião. B

*Data.* 9-IX-15. A □ B

**Notícia dos testemunhos****1. *Recensio***

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, p. 80. Vd. descrição no n.º 467.

No canto superior esquerdo da página, pode ler-se a seguinte indicação apógrafo: “C. do Cysne 88”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 88. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

**2. *Eliminatio codicis descriptoris***

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Maria Estela Guedes (org.), *À Sombra de Orfeu (Sonetos): Antologia*, Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 25.

Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*, mas com variantes de pontuação.

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Desalento]; [Dolce farniente] XIV | Desalento

8. sanfona,] A; sanfona.

**Aparato genético**

*Título.* Desalento A [Dolce farniente] XIV | Desalento B

1. poltrona A poltrona, B

8. sanfona, A sanfona. B

11. aposentação. A aposentação! B

## 523

## [Inter divos]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 542, pp. 77, 93. Vd. descrição no n.º 467.

Este poema aparece transcrito na p. 77, com ulterior campanha de revisão na lista de “Emendas” (p. 93). O fundo da p. 77 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “Vid. E”, podendo ainda ler-se a seguinte indicação apógrafa, no canto superior esquerdo: “C. do Cysne 89”

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 89. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Inter divos]; [Dolce farniente] XV | Inter divos

## Aparato genético

*Título.* De mim para mim A [Dolce farniente] XV | Inter divos B

*Dedic.* □ A /(A mim mesmo) *italico*/ B

1. Rimas A «Rimas» B
3. cantas, refulgente, Γcantas gravemente⌈ A cantas gravemente B
4. A flor e o fructo, a abóbora e o tomate. ΓAmor e o paio, os lirios e o tomate.⌈  
A Amor e o paio, os lirios e o tomate. B
7. gente, A gente B
11. prosternado. A prosternado! B

Podemos distinguir duas versões deste poema. A primeira corresponde à redação inicial do Ms. 542; a segunda aparece documentada no apêndice (ao final do manuscrito) e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: dois manuscritos e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, pp. 66, 83. Vd. descrição no n.º 253.

Este poema aparece transcrito na p. 66, com ulteriores campanhas de revisão na lista de “Emendas” (p. 83). O fundo da p. 66 remete para o apêndice das “Emendas”, através da nota “(V. E)”, podendo ler-se, no canto superior esquerdo, a seguinte indicação apógrafa: “Canto do Cysne 43”. A seguir ao poema, João Penha acrescentou a advertência “Particular”.

B – BPMP, M-AF-1138.

Este testemunho autógrafo é constituído por uma folha de papel pautado (com 10,9 x 17,5 cm), escrita de ambos os lados, a tinta preta, aparecendo, no final do poema, assinada por “Elle”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 90. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- Maria Estela Guedes (org.), *À Sombra de Orfeu (Sonetos)*: Antologia, Lisboa: Guimarães Editores, 1990, p. 24.  
Trata-se de uma cópia d’ *O Canto do Cysne*, mas com pequena falha de transcrição.

## Anotação textual: emendas

*Título.* Cão]; [Dolce farniente] XVI | Cão

## Aparato genético

*Título.* Alzira AB [Dolce farniente] XVI | Cão C

*Subtít.* (versos fim-d’anno-1912) A □ B (1912) C

1. amarantina A amarantina, BC
2. Que vende queijos da serra, AB Tão gentil, que anda na bérra, C
5. É pequena papafina, AB É donzella papa-fina, C

7. N'esta sua nova terra **AB** Enquanto não volta á serra, **C**
9. prêso **AB** preso, **C**
10. Por longa, vermelha fita,  $\Gamma$  Como tal, por um fita.  $\Gamma$   $\Gamma$  Por goleira, argola e fita  $\Gamma$   $\Gamma$   $\Gamma$  Por colleira, argola e fita  $\Gamma$   $\Gamma$   $\Gamma$  **A** Por colleira, argola e fita, **BC**
11. frascario, e têso; **A** frascario e têso, **B** frascario e têso. **C**
13. Viro-lhe o cú, com desprêso,  $\Gamma$  Ladro-lhe, cão, com desprêso.  $\Gamma$  **A** Ladro-lhe, cão, com desprêso, **B** Ladro-lhe, cão, por desprêso, **C**
14. bonito. **A** bonita! **B** bonita. **C**
- Data.* 28-XII-12. **A**  $\square$  **BC**

**525**

[Os chorões]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 91. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Os chorões]; [Dolce farniente] XVII | Os chorões

## 526

## [A um poeta d'água doce]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito (facsimilado) e um impresso:

A – *Humus: Mensário de Arte* (dir. Celestino Gomes, ed. Joaquim Pereira), Porto: [s.n.]. N.º 4 (fevereiro de 1922), p. 3.

Entre novembro de 1921 e fevereiro de 1922, esta revista publicou um total de quatro números, em formato pequeno. O testemunho em causa reproduz em facsimile um manuscrito de João Penha, acompanhado da respetiva transcrição (adulterada) e de um retrato do poeta. Consideramos aqui apenas o facsimile.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 93. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas conta-se a seguinte:

- *Humus: Mensário de Arte* (dir. Celestino Gomes), Porto: [s.n.]. N.º 4 (fevereiro de 1922), p. 3.

Trata-se de uma transcrição que acompanha o facsimile (testemunho A). Apresenta corruptela no v. 2 (“uma amada”).

## Anotação textual: emendas

*Título.* A um poeta d'água doce]; [Dolce farniente] XIX | A um poeta d'água doce

2. vate sem musa amada] A; vate, sem musa amada,

4. versos,] A; versos

## Aparato genético

2. vate sem musa amada A vate, sem musa amada, B

4. versos, e não faz nada A versos e não faz nada. B

*Data.* 6-VIII-17 A □ B

527

## [Capacete de neve]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 544, p. 9. Vd. descrição no n.º 327.

O canto superior esquerdo da página apresenta a nota apógrafa “C. do Cysne 94”, podendo ainda encontrar-se, no canto inferior esquerdo, a seguinte indicação: “(3º)”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 93. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Capacete de neve] A; [Dolce farniente] XX | Capacete de neve

13. mim?» – «Pelo] A; mim? – Pelo

## Aparato genético

*Título.* Capacete de neve. A [Dolce farniente] XX | Capacete de neve B

2. <Eu> nunca deixarei A Eu nunca deixei B

3. remoçar A remoçar, B

7. passar A passar, B

9. dias serenos, A dias amenos, B

13. mim?» – «Pelo A mim? – Pelo B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

## 528

[Se eu fôsse mulher...]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos: um manuscrito e um impresso:

A – ADB, Ms. 538, p. 71. Vd. descrição no n.º 253.

No fundo da página, João Penha acrescentou a advertência “(Particular)”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 95. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Se eu fosse mulher] A; [Dolce farniente] XXI | Se eu fosse mulher

## Aparato genético

*Título.* Se eu fosse mulher. A [Dolce farniente] XXI | Se eu fosse mulher B

1. «De tudo que digo A De tudo que digo, B
3. honesta: A honesta, B
4. Seria puta em A De porta aberta em B
6. Paris? – «É A Paris?» – «É B
7. Uma cocotte A Uma «donzella» B

Podemos distinguir duas versões deste poema. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição.

**529**

[XXII – Fidelidade conjugal]

**Notícia dos testemunhos**

**1. *Recensio***

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 96. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

**Anotação textual: emendas**

*Título.* Fidelidade conjugal]; [Dolce farniente] XXII | Fidelidade conjugal

## [Apostilla a Buffon]

## Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos: um manuscrito e dois impressos:

A – ADB, Ms. 539, p. 53; ADB, Ms. 539, pp. 57, 89. Vd. descrição no n.º 137.

O poema aparece integrado no segmento “Postea” do manuscrito. A primeira estrofe está registada na p. 53, enquanto a segunda estância é apresentada como poema independente (na p. 57). O fundo da p. 57 remete para o apêndice das “Emendas” (na p. 89), através da nota “(V. E)”, podendo ainda ler-se a seguinte advertência do autor: “Particular”.

B – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 769 (30 de julho de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 128.

A primeira estrofe aparece assinada por “J. P.”, estando a segunda estância assinada por “Uma Senhora”.

C – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, p. 98. Vd. descrição no n.º 333.

Este poema aparece integrado no conjunto “Dolce farniente” (pp. 69-98).

## Anotação textual: emendas

*Título.* Apostilha a Buffon] AB; [Dolce farniente] XXIV | Apostilha a Buffon

## Aparato genético

*Título.* Apostilha a Buffon. AB [Dolce farniente] XXIV | Apostilha a Buffon C

2. alferes) AB alferes), C

3. mulheres; A mulheres: BC

4. São<, >/(\para sabios carecas<, >/)\ A São (para sabios carecas) B São, para sabios carecas, C

5. convencionaes, AB convencionaes C

*Assin.* □ A /J.P. *itálico*/ B □ C

*Título.* Resposta AB /Resposta d'ellas *itálico*/ C

*Subtít.* (á Apostilha a Buffon) A □ BC

7. mas, AB mas C

8. Só ardeis em nossas piras. Γonde, ardeis? em nossas piras. 7 A Onde ardeis? em nossas piras; B Só ardeis em nossas piras. C
9. pés prosternados, A pés, prosternados, B pés prosternados C
10. lyras, A lyras; B lyras, C
11. sceptros quando sois reis, A sceptros, quando sois reis; B sceptros quando sois reis, C
12. oiros se sois ricos: Γoiros, se opulentos. 7 A oiros, se opulentos: BC
13. fazeis: A fazeis; B fazeis, C
14. Fazeis até... de jericos! ΓAté... de nossos jumentos. 7 A Ate!... de nossos jumentos! B Até... de nossos jumentos. C
- Assin.* □ A /Uma Senhora *itálico* / B □ C

Este poema é constituído por duas partes distintas, apresentadas em A como dois poemas independentes. *Grosso modo*, podemos distinguir duas versões, embora com variantes entre os vários testemunhos; a primeira corresponde à redação inicial do Ms. 539 (pp. 53 e 57); a segunda aparece documentada no apêndice no manuscrito, no periódico *Echos da Avenida* e no livro *O Canto do Cysne*. As alterações situam-se ao nível do sintagmático da substituição.



